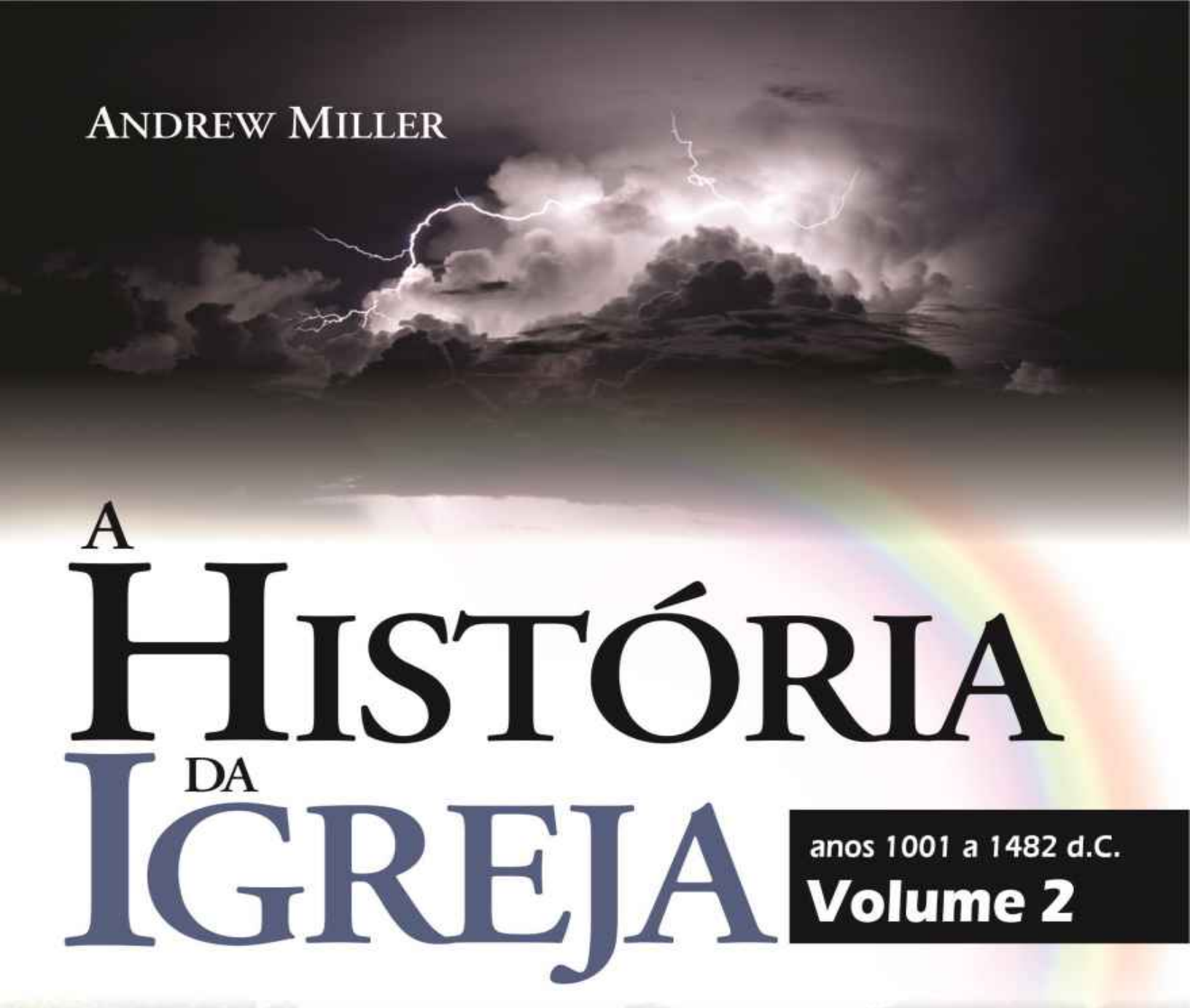


ANDREW MILLER

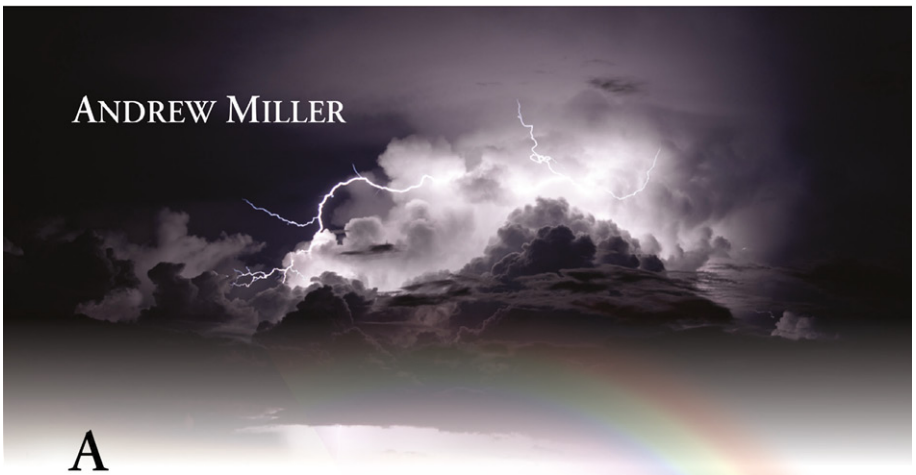
A HISTÓRIA DA IGREJA

anos 1001 a 1482 d.C.

Volume 2



DLC

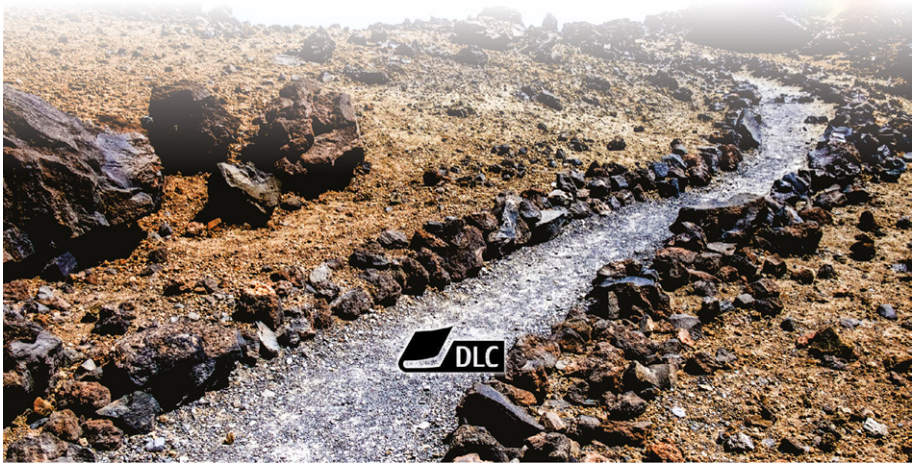


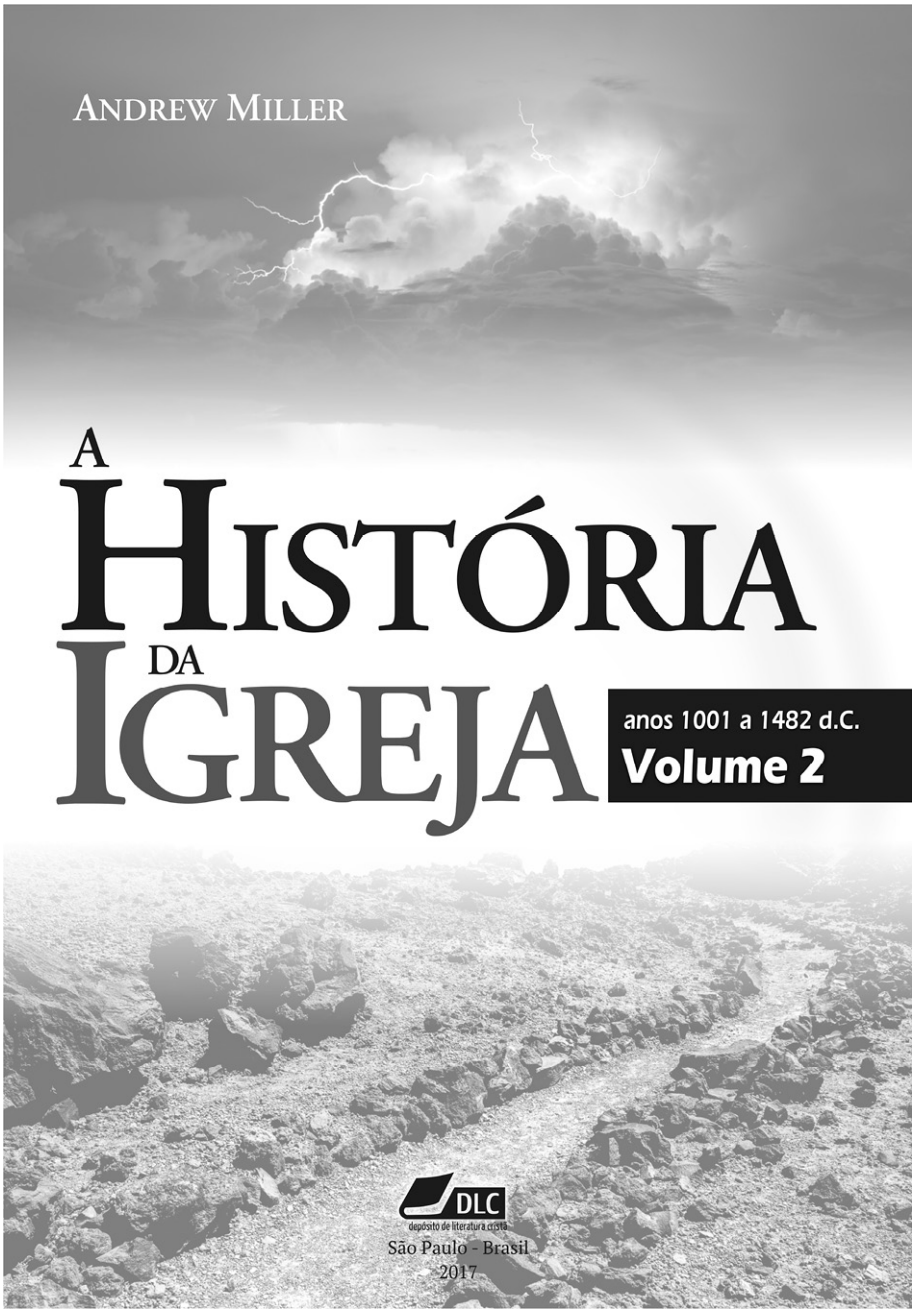
ANDREW MILLER

A HISTÓRIA DA IGREJA

anos 1001 a 1482 d.C.

Volume 2





Todas as citações bíblicas contidas nesta obra são da versão de Almeida Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original, a menos que outra seja, especificamente, mencionada.

Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por quaisquer meios, sejam eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias, gravação, ou por meio de qualquer sistema de recuperação de dados sem a permissão escrita dos editores.

Copyright © 2017 - Todos os direitos reservados por:
Depósito de Literatura Cristã

“A História da Igreja - Vol. 2”
Capa / Diagramação
Liliana Ester Dinella
Impressão e Acabamento
Imprensa da Fé, São Paulo - SP, Brasil
Publicado originalmente em inglês sob o título
“Short Papers on Church History”
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
MILLER, Andrew
A História da Igreja - Vol. 2. —
Diadema: Depósito de Literatura Cristã, 2017. 376 p.;
16 x 23 cm.
ISBN: 978–85–9579–000–1
1. História. 2. Igreja. 3. Cristianismo. I. Título.
CDD 270
1ª Edição em português - Junho 2017
Rua Athos Palma, 250
CEP 04476-020 - São Paulo - SP BRASIL
www.boasemente.com.br

ÍNDICE

Capítulo 18

O RENASCIMENTO DO FERVOR PARA A CONSTRUÇÃO DE IGREJAS **9-17**

O Renascimento da Literatura - O Renascimento do Material Escrito Pelos Árabes - A Introdução da Erudição Árabe à Cristandade - Traços da Linha Dourada da Graça de Deus - Reflexões Acerca do Espírito Missionário de Roma

Capítulo 19

O PONTIFICADO DE GREGÓRIO VII **19-44**

Contrastes Característicos - Gregório e a Independência Clerical - Os “Decretos de Gregório” - As Reformas de Gregório - Celibato e Simonia - A Heresia Simoníaca - O Surgimento e o Progresso da Simonia - Gregório e as Investiduras 1075 d.C. - Gregório e Henrique IV - O Imperador Deposto Pelo Papa - Uma Grande Guerra Civil - Henrique Parte para a Itália - Henrique em Canossa - A Penitência do Rei - As Consequências da Política Papal - Henrique e Berta Coroados 1084 d.C.

- Roberto Guiscardo Entra em Roma 1084 d.C. - O Incêndio da Roma Antiga - A Morte de Gregório 1085 d.C. - Os Anos Restantes e a Morte de Henrique - Reflexões sobre a Luta entre Henrique e Gregório

Capítulo 20

AS CRUZADAS **47-67**

Os Lugares Sagrados - Pedro, o Eremita* - Papa Urbano e as Cruzadas - A Primeira Cruzada 1096 d.C. - A Segunda Parte da Primeira Cruzada - O Cerco de Niceia - O Cerco de Antioquia - O Cerco de Jerusalém 1099 d.C. - Jerusalém nas Mãos dos Cristãos - A Segunda Cruzada 1147 d.C. - A Terceira Cruzada 1189 d.C. - As Cruzadas Restantes 1195 - 1270 d.C. - A Cruzada das Crianças 1213 d.C. - Reflexões Acerca das Cruzadas - Os Cavaleiros Templários e Hospitalários

Capítulo 21

HENRIQUE V E OS SUCESSORES DE GREGÓRIO 1106 - 1122 D.C. **69-90**

A Doação de Matilde - A Concordata de Worms - São Bernardo, Abade de Claraval - São Bernardo e o Monasticismo - Os Monastérios Cistercienses - A Profissão de Fé de Bernardo - Bernardo Deixa o Mosteiro de Cister - O Poder da Pregação de Bernardo - A Era dos Milagres e das Visões - A Degeneração da Natureza Monástica - Bernardo Deixa Claraval 1130 d.C. - O Grande Concílio de Latrão 1139 d.C. - Bernardo e Abelardo - O Raiar da Luz Sobre a Era das Trevas - Arnaldo de Bréscia - As Consequências das Pregações de Arnaldo - O Martírio de Arnaldo 1155 d.C. - O Encontro entre Adriano e Frederico

Capítulo 22

OS ABUSOS DE ROMA NA INGLATERRA 1162 D.C. **93-109**

Os Costumes e a Leis Inglesas - A Introdução da Lei Canônica na Inglaterra - Tomás Becket e Henrique II - Tomás Becket Como Chanceler 1158 - 1162 d.C. - Tomás Becket — Arcebispo de Cantuária 1162 d.C. - A Constituição de Clarendon - Tomás Becket se Opõe ao Rei - A Perplexidade do Rei - O Assassinato de Tomás Becket 1171 d.C. - A Humilhação de Henrique II - A Penitência de Henrique Junto a Tumba de Becket 1174 d.C. - Reflexões no Encerramento da Grande Disputa

Capítulo 23

A TEOLOGIA DA IGREJA DE ROMA **111-134**

Os Sete Sacramentos - A Doutrina da Transubstanciação - A Adoração de Maria - A Adoração dos Santos - A Veneração de Relíquias - O Purgatório - A Região do Purgatório - Como a Igreja Romana Aplica a

Doutrina do Purgatório - A Unção dos Enfermos - A Confissão Auricular - A Origem da Confissão - As Indulgências - A História das Indulgências

Capítulo 24

INOCÊNCIO III E O SEU TEMPO 1198 - 1216 D.C.**137-173**

A Babilônia Revelada em Apocalipse 17 - Inocêncio e os Reis da Terra - Como Inocêncio Via o Papado - Inocêncio e a Cidade de Roma - Inocêncio e o Reino da Sicília - Inocêncio e os Estados da Igreja - Inocêncio e o Império - Filipe e Otão IV - A Guerra Civil na Alemanha - A Morte de Filipe - A Apostasia de Otão IV - A Queda de Otão IV - Inocêncio e Filipe Augusto - O Legado Papal na França - A Ira do Rei - Inocêncio e a Inglaterra - João e o Papado - A Inglaterra sob o Banimento Papal - A Coroa da Inglaterra Oferecida à França - A Inglaterra Rende-se a Roma - A Magna Carta - A Ira de Inocêncio, Novamente Excitada

Capítulo 25

INOCÊNCIO E O SUL DA FRANÇA**175-210**

A Corrente das Testemunhas - Os Petrobrusianos - Os Henricianos - Albigenses e Valdenses - Pedro Valdo - A Dispersão dos Seguidores de Pedro Valdo - A Região de Albi - Inocêncio III e a Perseguição aos Albigenses - Raimundo — Um Exilado Espiritual - A Cruzada Contra os Cristãos - O Massacre e Incêndio de Beziers - O Cerco de Carcassona - A Ruína de Raimundo é Determinada - O Objetivo Real dos Católicos - A Guerra Muda Seu Caráter - As Atrocidades Cometidas Por Simão e Arnaldo - O Cerco a Toulouse - A Batalha de Muret - Os Conquistadores — Desunidos Entre Si - As Traições de Foulques - A Morte de Montfort - Os Reis da França e os Albigenses - Reflexões Sobre as Calamidades de Languedoc

Capítulo 26

O ESTABELECIMENTO DA INQUISIÇÃO NA REGIÃO DE LANGUEDOC**213-242**

Os Decretos do Concílio de Toulouse - A História da Inquisição - As Atividades Ocultas da Inquisição - A Aplicação da Tortura Física - O Auto da Fé - Monges Antigos e Modernos - São Bento - A Regra de São Bento - Os Beneditinos - O Zelo Missionário dos Beneditinos - As Novas Ordens — Dominicanas e Franciscanas - A Origem e o Caráter dos Dominicanos - A Origem e o Caráter dos Franciscanos - As Ordens Monásticas Anteriores e Posteriores - A Degeneração dos Monges Mendicantes

Capítulo 27

APROXIMA-SE O ROMPER DA AURORA DA REFORMA PROTESTANTE **245-257**

O Cristianismo na Irlanda - O Cristianismo na Escócia - A Riqueza das Abadias na Escócia - Os Efeitos da Riqueza sobre o Clero - O Papado como um Sistema - A Propagação do Cristianismo - Reflexões Sobre a História do Papado

Capítulo 28

O DECLÍNIO DO PODER PAPAL **261-275**

A Conquista e a Perda de Damietta - Gregório IX e Frederico II - Frederico Sob a Excomunhão Papal - A Mão do Deus Todo-Poderoso - Bonifácio VIII e Filipe IV da França 1295 - 1303 d.C. - A Humilhação do Pontífice - Reflexões Acerca da Morte do Papa Bonifácio - Os Papas de Avignon

Capítulo 29

OS ANTECESSORES DA REFORMA PROTESTANTE DO SÉCULO XVI **279-294**

As Primeiras Grandes Escolas das Ciências - Os Verdadeiros Heróis da História da Igreja - Os Escritores - Os Teólogos - Reflexões Sobre os Escolásticos - Os Valdenses - A Perseguição aos Valdenses - Os Missionários Valdenses - O Tenebroso Ano de 1560 d.C.

Capítulo 30

JOÃO WYCLIFFE **297-319**

A Inglaterra e o Papado - Wycliffe e os Monges - Wycliffe e o Governo Secular - Wycliffe em Avignon - Wycliffe Declarado como um Arqui-Herege - Wycliffe e as Bulas Papais - Wycliffe e a Bíblia - Traduções Parciais da Bíblia - Reflexões Acerca da Vida de Wycliffe - Os Lolardos - O Estatuto que Autorizava a Queima dos Hereges - As Constituições de Arundel - O Julgamento do Lorde Cobham - O Martírio de Lorde Cobham

Capítulo 31

O MOVIMENTO DA REFORMA NA BOÊMIA **321-350**

O Concílio de Pisa - O Concílio de Constança - A Verdade se Propaga - Grandes Agitações Civis - A Prisão de João Huss - O Interrogatório de João Huss - O Concílio Envergonhado - A Sentença de Sigismundo - A Condenação de Huss - A Desconsagração e a Execução de João Huss - O Aprisionamento de Jerônimo de Praga - A Execução de Jerônimo - Reflexões Acerca do Caráter do Concílio - A Guerra na Boêmia - As Vitórias dos Taboritas - A Completa Derrota do Exército Papal - Divisões Internas - Os Irmãos Unidos - A Conexão Entre as Diversas Testemunhas

Capítulo 32

A QUEDA DE CONSTANTINOPLA**351-361**
A Invenção da Imprensa e o Aprimoramento do Papel - A Primeira Bíblia Impressa - A Oposição de Roma à Bíblia - Os Precursores Imediatos de Lutero - Reflexões Acerca da Vida de Savonarola
GLOSSÁRIO**371**
ANOTAÇÕES**377**



Capítulo 18

O RENASCIMENTO DO FERVOR PARA A CONSTRUÇÃO DE IGREJAS

O início do século XI foi marcado por uma grande atividade, tanto na reparação quanto na construção de igrejas. Nós não nos demoraríamos nesse ponto, não fosse o fato dos muitos usos que as pessoas mais pobres fizeram desses edifícios sacros, fato este que é digno de nota. Nós podemos concluir que pelo menos durante os trinta ou quarenta anos anteriores, houve pouca disposição das pessoas em se engajarem nesse tipo de serviço. O mundo inteiro estava sob a pressão das piores expectativas. Mas quando a noite tenebrosa, tão temida, passou e quando o primeiro dia do ano 1001 raiou sobre o mundo, as esperanças de todas as nações renasceram. O espírito humano havia alcançado, com o término do século X, seu ponto mais baixo, mas a partir daquela data, uma ascendência tornou-se manifesta e a atenção primária foi voltada para os prédios sacros. Acreditava-se que esses, por suas virtudes, haviam impedido o julgamento e apaziguado a ira do céu.

Esse sentimento supersticioso foi, sem sombra de dúvida, o motivo por trás dos grandes esforços arquitetônicos que foram alcançados e que caracterizam esse período. Muitas dessas obras sobrevivem até hoje, como uma prova da grandeza do projeto e da solidez e durabilidade do trabalho. “Os alicerces eram largos e profundos, as paredes de imensa grossura, os tetos altos e agudos, para oferecer proteção segura contra a chuva e a neve... Em vez do teto reto, muito usado nos dias passados, agora construíam-se grandes e elevadas cúpulas que descansavam sobre altos e imponentes pilares. A grande torre quadrada, que representava a resistência à agressão mundana, foi trocada por torres esbeltas e pontiagudas, que apontavam de forma encorajadora para o céu.”[1]

Contudo, não devemos supor que esses imponentes prédios foram erigidos somente com a finalidade de servir de lugar público de adoração. A igreja do vilarejo dos tempos medievais, por exemplo, correspondia a diversas finalidades, para as quais hoje nós temos edifícios específicos. Era grande o suficiente para possibilitar que a maior parte da população se abrigasse em seus corredores. Naqueles dias, as choças dos pobres não passavam de barracos miseráveis, sem janelas, para as quais as pessoas se retiravam apenas para dormir. Mas a maioria, dos amplos e belos edifícios consagrados à religião, servia de lar para o homem pobre, onde ele passava suas horas de lazer, o que o fazia sentir que tudo aquilo lhe pertencia. A igreja era, simultaneamente, a prefeitura, o mercado, o salão social, a sala escolar e o local de encontro para se comunicar as novidades e buscar conselho de amigos. Nós, que vivemos em casas confortáveis no século XXI não temos a menor ideia acerca dos usos e da conveniência e do conforto de tais construções. Não obstante, tudo somente servia para aumentar o poder dos clérigos e a dependência do povo. Aos olhos do povo, não só o prédio era um santuário, um lugar consagrado, mas também a pessoa do sacerdote era cada vez mais glorificada, e a dignidade que lhes era atribuída ultrapassava em muito, àquela dedicada aos reis.

***

O Renascimento da Literatura

O início do século XI trouxe consigo, além do despertar das grandes atividades arquitetônicas, outra manifestação agradável. O espírito humano de novo se lançou com toda energia aos diversos campos da ciência. A fé indolente*[2], que aceitava tudo sem questionamento, havia sido a característica dos séculos passados. Agora, seria substituída por uma pesquisa livre e sadia.

Diz-se, que a energia intelectual da Europa estava em uma condição gradual de decadência desde o século V até meados do século VIII; embora as condições das ilhas britânicas e as atividades do **venerável Beda** pareciam constituir alguma exceção à regra geral, foi exatamente nessa época que a ignorância atingiu seus limites mais amplos e devastadores. Podemos observar de passagem que, no conceito geral, Beda é o que, com eminência, merece ser chamado o mestre da Inglaterra. Ele nasceu no ano de 673, na vila de Jarrow na Nortúmbria; ele foi tanto um monge quanto um sacerdote; sendo, porém, um homem piedoso, temente a Deus e muito laborioso. A instrução de jovens foi o grande objetivo da sua vida, no qual perseverou até suas últimas horas. Ele morreu em meio aos seus amados alunos no dia 26 de maio de 735.[3]

***

O Renascimento do Material Escrito Pelos Árabes

Acompanhando a história da literatura naqueles dias tenebrosos, nos deparamos com um fenômeno curioso e inesperado. E mesmo que não faça propriamente parte do âmbito da história da igreja, o mesmo é interessante e importante demais para ser ignorado. Como já observado, os mestres professos da cristandade do final do século X, estavam imersos na mais profunda ignorância, mas descobrimos que nessa época os sarracenos[4] destacaram-se como pesquisadores e mestres da literatura nacional da Grécia.

Já temos observado que no século VII os companheiros e sucessores de Maomé, desolaram a face da terra a fogo e espada e propagaram por toda parte ignorância e superstição. Os atos de barbarismo atribuídos a eles (como o incêndio da famosa Biblioteca de Alexandria) exemplificam com clareza seu menosprezo pela ciência e a aversão que nutriam pelos monumentos dedicados a ela. No século VIII eles se estabeleceram nos países que haviam

conquistado e, sob a influência das vantagens do clima mais ameno e o solo mais rico, eles começaram a se ocupar com a arte e as ciências e a desenvolver conhecimentos úteis. “No século IX,” diz Dean Waddington, “sob o governo de um califa[5] sábio e indulgente*, eles se aplicaram ao estudo da literatura com o mesmo empenho que antes haviam exercido no uso das armas. Escolas superiores foram fundadas nas principais cidades da Ásia, Bagdá, Cufa e Bassora; numerosas bibliotecas foram formadas com cuidado e diligência e um grande número de homens do saber e da ciência foram convidados para participarem da esplendida corte do califa Al-Mamun. A Grécia, que havia sido responsável pela civilização da república romana, e que estava destinada numa época muito posterior a iluminar as extremidades do mundo ocidental, foi agora chamada a derramar a torrente do seu conhecimento sobre o solo árido do interior da Ásia; pois a Grécia era ainda a única terra que possuía sua própria literatura. Suas produções mais nobres foram traduzidas na linguagem dominante do leste, e os árabes tinham grande prazer em acompanhar as pesquisas dos seus filósofos ou de submeter-se às suas regras.

Desse modo, o impulso dado ao gênio e à diligência da Ásia, foi transmitido com uma velocidade inconcebível pela costa do Egito e da África às escolas em Sevilha e Córdova; e o choque de tal impulso foi sentido com a mesma intensidade, tanto pelos primeiros como pelos últimos. De agora em diante o espírito da erudição acompanhava até mesmo as armas dos sarracenos. Eles conquistaram a Sicília e, a partir daí, invadiram as províncias do sul da Itália, de forma que o círculo incomum da literatura grega foi completado quando a sabedoria de Pitágoras foi restaurada à sua terra de origem pelos descendentes de um guerreiro árabe.”[6]

***

A Introdução da Erudição Árabe à Cristandade

O papa **Silvestre II**, que ocupava a cadeira de São Pedro quando a primeira manhã do século XI raiou sobre a Europa, serviu de elo entre a sabedoria e erudição dos árabes, e a ignorância e a credulidade dos romanos. Ele havia estudado nas escolas maometanas da cidade real de Córdova, onde reuniu muitos

conhecimentos úteis para a vida, os quais ele começou a ensinar e a praticar em Roma após se tornar papa. Mas as trevas da superstição no meio do povo em geral eram tais, que atribuíam as capacidades e conhecimentos incomuns do papa à prática de artes mágicas, e afirmavam que tais qualidades só eram possíveis através de um pacto com o próprio Satanás. Por muitos anos, o papa Silvestre foi lembrado com horror, como se o trono de São Pedro tivesse sido ocupado por um praticante da magia negra. Mas, à medida que o tempo passava, e as trevas do século X ficavam cada vez mais para trás, surgiu uma geração que se distinguia dos seus antepassados, não apenas por suas grandes conquistas no âmbito filosófico, mas também pelo estudo sério das Sagradas Escrituras, e porque procuravam promover com zelo o cristianismo. Aprender novamente a ler e interpretar o significado das palavras, especialmente com relação à Escritura inspirada, foi naquele tempo, de verdadeira bênção para a raça humana. A superioridade do século XI sobre o século X deve ser atribuída principalmente ao aumento generalizado do conhecimento e da formação. Este foi um meio nas mãos do Senhor para afugentar as espessas trevas que pairaram por séculos sobre os povos europeus.

Mas precisamos dizer ainda outra palavra acerca de Silvestre. Seria injusto da nossa parte, deixar um homem de tamanha estatura e bondade sob a sombra escura que o preconceito do povo havia lançado sobre ele. Silvestre é citado por historiadores imparciais e iluminados, como o mais eminente dignitário eclesiástico de sua época. Seu nome verdadeiro era **Gerbert**. “Em conhecimento não tinha par, em piedade irrepreensível, assim era Gerbert de Ravena” diz Milman. Ele foi o tutor, guia e amigo de Roberto, filho e sucessor de Hugo Capeto, o qual através de uma enorme e silenciosa revolução, se elevou ao trono da degenerada estirpe dos carolíngios[7], no ano 987. O aluno real, ao que parece, tirou muito proveito das instruções de Gerbert. Ele assumiu o trono da França por volta do ano 996 e reinou até o ano 1031. Ele era grande amigo da ciência e por isso ganhou o cognome “o sábio”, e sua morte foi lamentada profundamente. Em 998 Gerbert foi indicado como papa por Otto III, imperador da Germânia e assumiu o nome de Silvestre II. Ele morreu em 12 de maio 1003.

***

TRAÇOS DA LINHA DOURADA DA GRAÇA DE DEUS

Estêvão, um rei muito piedoso da Hungria, foi batizado por Adalberto, bispo de Praga e começou a reinar no ano 997. Com muito zelo ele apoiava a divulgação do evangelho, a construção de escolas e o trabalho missionário em geral. Era comum vê-lo acompanhando os pregadores e, muitas vezes, ele mesmo pregava. Sua esposa, a piedosa rainha **Gisela**, filha de Henrique III, o apoiava plenamente. Ele introduziu muitas reformas sociais, era bondoso e generoso para com os pobres, e se esforçou para suprimir toda a impiedade existente em seus domínios. Sob a graça de Deus, ele teve a alegria de ver, antes de sua morte, toda a Hungria tornar-se, pelo menos nominalmente, cristã. Ele morreu no ano 1038. Não muito depois, houve uma perseguição que interrompeu a boa obra dos missionários.

Othingar, um bispo da Dinamarca e **Unwan**, bispo de Hamburgo, eram devotos e sinceros servos de Cristo, e foram usados por Ele para difundir a verdade. **João**, um escocês, bispo de Mecklenburgo, batizou um grande número de eslovenos, mas os prússios resistiram energicamente a todas as tentativas de introduzir o evangelho entre eles. **Boleslau**, rei da Polônia, tentou impor-lhes o cristianismo pela força, mas foi tudo em vão. Mais tarde dezoito missionários sob o comando de um homem chamado Bonifácio, foram trabalhar entre esse povo bravio pregando o evangelho da paz, porém todos, sem exceção, foram assassinados. Ao que parece os prússios foram os últimos de todos os povos das nações européias a se submeterem ao jugo de Cristo. O cristianismo não se estabeleceu na Prússia até o século XIII.

Olavo, que tornou-se rei da Suécia por volta do final do século X, e que morreu em 1024, ficou conhecido pela propagação do evangelho durante seu reinado. Os clérigos ingleses, fervorosos, abraçaram essa oportunidade propícia, e muitos deles foram para a Suécia pregar o evangelho. Entre eles estava certo **Sigfredo**, que fora arcebispo da cidade de York. Ele trabalhou muitos anos entre os suecos. Mas seu zelo o induziu a usar medidas violentas na introdução do cristianismo, o que produziu um ódio generalizado

contra ele entre os adeptos da antiga religião pagã. Depois de numerosas batalhas e muito derramamento de sangue, a religião cristã foi firmemente estabelecida por volta do final do século XI. O número de igrejas na Suécia, entrementes, já havia crescido até 1100, aproximadamente.

O progresso do evangelho na **Noruega** foi lento desde o tempo da missão de Ansgar; mas quando **Olavo**, filho de Haroldo, tornou-se rei em 1015, ele determinou fazer a boa obra avançar com grande zelo. Muitos missionários foram convidados da Inglaterra, comandados por um bispo chamado **Grimkell**, que redigiu um código de leis eclesiásticas para a Noruega. Infelizmente, o rei seguiu o método comum naqueles dias de introduzir o cristianismo pela força. Quem se opunha, sofria severos castigos corporais ou até a pena de morte; todos seus bens eram confiscados. Muitas vezes o rei encontrou resistência armada. Finalmente, houve um acordo para que uma conferência entre os dois partidos fosse realizada. O rei e seu missionário Grimkell, se encontraram com os sacerdotes pagãos na cidade de Dalen em 1025. Diz-se que Olavo passou grande parte da noite anterior em oração. O ídolo Thor, que era considerado como superior ao Deus cristão porque podia ser visto, foi trazido para o local da conferência. Quando eles se encontraram na manhã seguinte, o rei apontou para o sol nascente como sendo uma testemunha visível da existência do seu Deus que havia criado o mesmo; e enquanto os pagãos observavam o brilho intenso do sol, um enorme soldado de Olavo levantou sua clava e despedaçou o ídolo. Uma multidão de criaturas repugnantes, como lagartixas, cobras, ratos, etc., que foram perturbados no seu sossego, saíram em disparada, correndo apavoradas em todas as direções. Assim, os homens de Dalen foram convencidos da vaidade da sua idolatria e da impotência de seu deus e consentiram em serem batizados. Mais tarde, Olavo foi morto numa guerra civil, mas rumores se espalharam de que seu sangue havia curado uma ferida na mão do guerreiro que o havia matado; e muitos outros milagres lhe foram atribuídos. Ele foi canonizado e, como santo Olavo, foi escolhido como patrono da Noruega.

Os triunfos do evangelho tornaram-se muito evidentes na **Dinamarca**, próximo do final desse século. Adão de Bremen, que

escreveu no ano 1080; diz: “Olhem para esse povo dinamarquês, extremamente bravio! Há um bom tempo eles estão acostumados a cantarem louvores a Deus. Olhem para este povo pirata; eles agora estão satisfeitos com os frutos da sua própria terra. Olhem para aquelas regiões agrestes e inóspitas, as quais antigamente eram completamente inacessíveis por causa da idolatria! Agora eles recebem, com prazer, os pregadores da Palavra de Deus”. A história conta que os dinamarqueses e os ingleses, naquele tempo teriam desfrutado um tipo de antegozo das alegrias do reino milenar, à causa dos resultados do trabalho missionário. Em uma confiança e amor mútuo eles estavam desfrutando juntos das bênçãos do cristianismo. Isto deve ter parecido, de fato, como algo maravilhoso e surpreendente para todos que tinham conhecimento de como, no passado, os selvagens e bárbaros dinamarqueses tinham invadido a Inglaterra e destruído as moradias dos pacíficos habitantes. Esses foram os triunfos abençoados do evangelho de Cristo. A Palavra da cruz, sustentada com a energia do Espírito Santo, tem a garantia de produzir tais mudanças benditas e salutares no meio do mais rude dos povos. O evangelho não apenas emancipa a alma imortal da escravidão e da condenação do pecado, mas melhora grandemente as condições do homem nessa vida e difunde através do mundo os preceitos de paz, ordem e bom governo. Esses são os efeitos nativos do evangelho, os quais são, geralmente, estragados ou impedidos pela inimizade natural do coração, especialmente daqueles que trazem a espada em suas mãos.

Lanfranco e **Anselmo**, ambos bispos da Cantuária, são nomes famosos na história da igreja desse tempo, não tanto por causa da sua eminente piedade, quanto por causa da sua erudição e pelas contendas religiosas. Ambos, ainda monges, já eram mestres renomados. Mais de quatro mil alunos assistiam as preleções de Lanfranco quando este ainda era monge em Caen. Anselmo desfrutava a mesma reputação na Normandia. Lanfranco, entretanto, possui a duvidosa reputação de ter confirmado, por sua grande influência e erudição, o dogma* da transubstanciação[8]. Nas trevas do século X, essa doutrina fez sua primeira aparição. Ela foi violentamente atacada por **Berengario de Tours** (falecido em 1088), que esgotou todos os recursos disponíveis, para provar a

inexatidão desse ensinamento. Mas Lanfranco era um opositor poderoso, e tendo a maior parte dos clérigos a seu favor, Berengario foi refutado, despido de todas as suas dignidades, e condenado a uma reclusão rigorosa pelo resto da sua vida. O *berengarismo* tornou-se um termo de descrédito e foi declarado uma heresia. Assim, o misterioso dogma da presença real de Cristo na ceia, foi estabelecido por volta da metade do século XI. Lanfranco morreu em 1089. William Rufus (o ruivo), indicou Anselmo como seu sucessor. Ele tem a reputação de ter sido um grande teólogo, um cristão sincero e era conhecido por ter uma conduta de vida irrepreensível. Ele faleceu em 1109, quando completava 16 anos do seu arcebispado, com a idade de 76 anos. É desnecessário dizer que tanto Lanfranco quanto Anselmo foram zelosos promotores dos poderes de Roma.

Margarida, rainha da Escócia, apesar da sua lealdade ao papado, foi, sem sombra de dúvidas, um canal da graça de Deus naqueles dias. Ela era a filha de Etelredo e irmã de Edgar o Atelingo, o último na linha dos príncipes saxões. A roubalheira e as atitudes profanas dos príncipes normandos, especialmente de William Rufus, fez com que Edgar e Margarida buscassem um retiro seguro na Escócia. O **rei Malcolm Canmore** se casou com a princesa inglesa. As mais belas coisas são relatadas acerca da piedade, da generosidade e da humildade dela. Seu caráter teria sido apropriado para lançar sua luz numa era mais pura. Ela teve com Malcolm, seis filhos e duas filhas. Três dos seus filhos reinaram de forma sucessiva, e sua filha, Matilde, também era considerada uma cristã piedosa, tornou-se esposa de Henrique I da Inglaterra.

Mencionaremos ainda alguns detalhes da vida de Margarida, pois eles irão nos fornecer, através de um de seus exemplos mais destacados, uma imagem acertada do cristianismo romano daquele tempo. “A senhora real, que foi honrada com a canonização, apesar de ser muito supersticiosa e, até certo ponto, ostentosa em seus atos de beneficência, ainda assim possuía muitas virtudes sobressalentes, e merece ser colocada entre as melhores rainhas que a Escócia teve. Ela exerceu influência ilimitada sobre seu valente, mas iletrado marido, o qual, apesar da sua incapacidade de ler seus livros religiosos, costumava beijá-los de modo reverente.

Todas as manhãs ela preparava comida para nove órfãos e, de joelhos, alimentava-os. Com suas próprias mãos, ela servia à mesa para multidões de indigentes, que se ajuntavam para usufruir de sua generosidade; e todas as noites, antes de se recolher ao seu quarto, ela dava uma prova ainda maior da sua humildade, ao lavar os pés de seis de seus convidados pobres. Com frequência podia ser encontrada na igreja, prostrada diante do altar, onde, com suspiros, lágrimas e longas orações, ela se oferecia como um sacrifício ao Senhor. Quando chegava o período da quaresma, além de recitar as orações devidas, ela lia todo o saltério duas ou três vezes num período de 24 horas. Antes de participar da missa pública, ela se preparava para aquela solenidade fazendo rezar cinco ou seis missas privadas, e quando todo esse serviço religioso terminava, ela alimentava vinte e quatro mendigos dentre os frequentadores costumeiros e assim ilustrava sua fé por meio de suas obras. Somente quando esses estavam plenamente satisfeitos é que ela se retirava para fazer sua frugal* refeição. Mas junto a toda essa aparência exterior de humildade, também havia uma grande exibição de orgulho e soberba. Seu vestido era magnífico, seus serviçais eram numerosos e mesmo seu alimento mais simples precisava ser servido em pratos de ouro e prata, algo nunca antes visto na Escócia. Tendo sido afortunada com o privilégio de receber uma boa educação, ela se deleitava em exibir o vasto conhecimento que tinha das Escrituras. Frequentemente mantinha profundas conversas com os clérigos da Escócia sobre questões teológicas e, por causa de sua influência, a quaresma passou a ser observada, de seus dias em diante, de acordo com a instituição católica. Ela prestou bons serviços à religião e à virtude de muitas maneiras; mas a vida dessa boa rainha foi abreviada pela severidade de seus jejuns. Eles enfraqueceram, de forma gradual, sua constituição física... Ela estava prostrada, exausta e morrendo, com o crucifixo diante dela, quando seu filho Edgar chegou da batalha de Alnwick. ‘Como vão as coisas com o rei e meu filho Eduardo?’, perguntou a rainha moribunda. O jovem permaneceu em silêncio. ‘Eu sei de tudo,’ ela disse, ‘eu sei de tudo por essa santa cruz e, por sua afeição filial, eu te conjuro, diga-me a verdade’. ‘Seu marido e seu filho estão mortos’, disse o jovem. Levantando suas mãos e seus

olhos para os céus, com profunda resignação, ela disse: ‘Louvor e gratidão seja a Ti, Deus Todo-Poderoso, que se agradou em me fazer sentir tamanha amarga angústia, na hora da minha partida, o que acredito servirá para me purificar, em certa medida, da corrupção dos meus próprios pecados. E Tu, Senhor Jesus Cristo que segundo a vontade do Pai, tens dado vida ao mundo por meio da Tua morte, oh, livra-me!’ Com essas palavras sobre seus lábios ela expirou suavemente.”[9]

***

Reflexões Acerca do Espírito Missionário de Roma

Ao acompanharmos a boa obra do Evangelho nos diferentes países, tivemos a oportunidade de conhecer a incansável atividade, a energia e o caráter agressivo da igreja de Roma. E apesar de uma quantidade assustadora de tradições humanas, e muitas tolices serem misturadas com o “evangelho de Deus”, ainda assim, o nome de Jesus Cristo era proclamado, e a salvação através dEle (embora não somente através dEle). Independente disso, Deus em sua graça podia usar o nome bendito de Jesus e abrir os olhos da fé para que as pessoas pudessem enxergar Sua preciosidade como Salvador, mesmo no meio de todo o entulho da superstição romana. É verdade, o evangelho pleno e puro de Cristo havia se perdido. Agora não era somente Cristo apenas, mas Cristo e mil outras coisas. Com muita eloquência se pregavam as boas obras, mas ao mesmo tempo, deixava-se de lado a fé da qual devem provir todas as boas obras. “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”; “Olhai para mim, e sereis salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro”; “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”; “e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora.” (Jo 1:29; Is 45:22; Mt 11:28; Jo 6:37). Passagens da Escritura como essas e outras, contêm a alegre mensagem que leva as almas à Cristo, porém não para Cristo e incontáveis rituais e cerimônias Descansar na eficácia infalível do sangue de Cristo é a certeza de salvação para a alma e perfeita paz com Deus.

Não temos dúvidas de que existiam muitos homens bons e sinceros entre os missionários daquele tempo, cujo estado espiritual

era bem melhor do que o estado eclesiástico geral, e os quais Deus usou para conduzir almas preciosas ao Senhor Jesus. Porém, era evidente que a meta que os emissários romanos perseguiam, consistia, predominantemente, em fazer prosélitos* para sua igreja e não em levar as pessoas à obediência da fé de Cristo. Batismo e uma sujeição absoluta e inquestionável à autoridade do papa era o que se exigia de todos os convertidos, fossem eles príncipes ou súditos. A fé em Cristo era secundária. A ambição da Sé romana era submeter o mundo inteiro e, no que diz respeito à Europa, qualquer profissão pública que se dirigisse contra as exigências de Roma era imediatamente suprimida e destruída por completo.

Por volta desse tempo, um monge de origem humilde, mas que possuía traços de caráter extraordinários, surge em cena. Por meio dele se realizaram todos os mais desejados sonhos da dominação romana sobre o espírito humano. Até agora, a missão do papado não havia sido cumprida totalmente. Mas como nunca havia existido tal papa antes, e nunca existiu tal papa depois, nós precisamos fazer uma breve apresentação de sua carreira singular.

---

[1] James White's *Eighteen Christian Centuries*.

[2] O significado de algumas palavras, no texto marcadas com *, podem ser consultadas no glossário no final desse livro.

[3] Neander, vol. 5, p. 197.

[4] Povo nômade pré-islâmico, que habitava os desertos situados entre a Síria e a Arábia, ou indivíduo desse povo.

[5] Sucessor do profeta Maomé, na qualidade de guia ou líder temporal e espiritual da comunidade islâmica.

[6] Waddington's *History*, vol. 2, p. 44.

[7] Descendentes reais da família do imperador Carlos Magno.

[8] Transubstanciação: literalmente, mudança da matéria. Assim é chamada, na doutrina católica, a suposta transformação do pão e do vinho da ceia no corpo e no sangue de Cristo. Segundo a doutrina da Igreja Romana, ela ocorre imediatamente depois da consagração, ou da benção pelo sacerdote, embora a aparência exterior do pão (hóstia) e o vinho permanece a mesma.

[9] Cunningham's *Church History of Scotland*, vol. 1, p. 97; Milner, vol. 2, p. 566; Robertson, vol. 2, p. 441.

Capítulo 19

O Pontificado de Gregório VII

Na Toscana, no início do século XI, nasceu **Hildebrando**, que mais tarde se tornou um famoso papa com o nome de Gregório VII. Já desde sua tenra juventude recebeu profundas impressões do rigor da vida de monge. Quando mais tarde entrou para uma Ordem, ficou tão insatisfeito com a corrupção dos monges italianos, que tomou a decisão de ir para o norte da Europa. Cruzou os Alpes e entrou no austero convento de Cluny, na Borgonha; cujos numerosos integrantes eram, naquele tempo, famosos por sua riqueza e piedade.

No ano 1049, **Bruno**, **bispo de Toul**, vestido com todo esplendor e com numerosa comitiva, chegou a Cluny e pediu hospitalidade. Bruno era primo de Henrique III, imperador da Alemanha, e havia sido nomeado por esse para ocupar a cadeira vaga da Sé romana. Hildebrando — que entrementes havia se tornado prior* do mosteiro — não demorou muito para obter grande influência sobre Bruno. Ele procurou convencê-lo de que havia dado um passo em falso quando aceitou a nomeação a papa vinda das mãos de um leigo; pressionou-o a despir-se das vestes pontificais com as quais estava vestido, e viajar a Roma como um peregrino, para ali receber do clero e do povo o ofício apostólico, que nenhum leigo tem o direito de outorgar. Bruno concordou. A elevada concepção de Hildebrando acerca da dignidade dos cargos eclesiásticos convenceu o bispo, que se deixava influenciar facilmente. Ele seguiu o conselho recebido: lançou para longe de si suas preciosas vestes e, em companhia de Hildebrando, em vestes simples, empreendeu a peregrinação à Roma.

A impressão causada por aquele gesto foi grande e totalmente favorável a Bruno. Nenhum tipo de manifestação sacerdotal pomposa ou brilho imperial poderia provocar tamanho impacto sobre o povo. Conta-se que muitos milagres marcaram o percurso dele, e

que por suas orações os rios que transbordavam naqueles dias voltaram aos seus cursos naturais. Chegando a Roma, Bruno foi saudado por todos e aclamado como o papa Leão IX. Hildebrando foi prontamente recompensado por seus serviços. Ele foi elevado ao cargo de cardeal. Além disso, foi nomeado vice-diácono de Roma, junto a outras elevadas dignidades. Desse momento em diante, ele tornou-se o verdadeiro papa; para todos os efeitos práticos era ele quem, de fato, dirigia a política papal.

***

CONTRASTES CARACTERÍSTICOS

É exatamente nesse ponto da nossa história que encontraremos, no caráter e no comportamento dos condutores eclesiásticos do povo, os contrastes mais marcantes — uma concludente* prova da astúcia de Satanás. Enquanto toda a ambição de Hildebrando era voltada a submeter a si todos que o rodeavam, outros aplicavam a si mesmos as maiores atrocidades para silenciar o mundo de paixões desencadeado em seu interior.

Pedro Daminano, por exemplo, bispo de Óstia, era um asceta severo. Ele vestia pano de saco por baixo de suas roupas, jejuava, vigiava e orava. Com o objetivo de dominar suas paixões era comum levantar-se no meio da noite, e permanecer por muitas horas dentro de um riacho até que suas pernas estivessem adormecidas pelo frio. Depois passava o resto da noite na igreja recitando o saltério. O objetivo pelo qual ele tanto se esforçava, era a implantação da dignidade do sacerdócio e uma disciplina mais severa por parte da igreja. Assim se manifestava o poder enganador do inimigo dentro da igreja de Roma.

Mas, é um monge chamado **Dominique** que devemos considerar o “maior herói” nesta batalha contra o pobre e inocente corpo humano. Satanás sabia esconder muito bem daquele a quem enganava a diferença entre o corpo e as *obras* do corpo. Dominique vestia junto à pele uma couraça apertada de ferro, a qual ele nunca tirava, exceto para se autoflagelar. Seu corpo e seus braços estavam confinados por grilhões de ferro; seu pescoço carregado com correntes pesadas; suas poucas roupas não passavam de trapos; sua alimentação era muito escassa; e sua pele era muito

escura, em consequência da autoflagelação. Seus exercícios espirituais regulares incluíam a recitação do saltério duas vezes por dia, enquanto se autoflagelava com as duas mãos, a um ritmo de mil chibatadas para cada dez salmos. Três mil chibatadas eram equivalentes a um ano de penitência; recitar todo o saltério acompanhado dessa flagelação, era equivalente há cinco anos. Durante a quaresma ou em ocasiões especiais para a prática de penitências, a tarefa diária se elevava a três saltérios; mas este homem infeliz chegava ao ponto de recitar o saltério, sob constante flagelação, vinte vezes em seis dias — o que equivalia a cem anos de penitência. Uma vez, no início da quaresma, ele pediu que uma penitência equivalente a mil anos lhe fosse imposta, e ele a pagou por completo antes do domingo da ressurreição.

Imaginava-se que tais flagelações e penitências tivessem o poder propiciatório pelos pecados de outros seres humanos — por isso, eram chamadas de obras superrogatórias. Essas obras iam sendo acumuladas e formavam o tesouro que possibilitava à Igreja Romana a venda das indulgências, acerca das quais ouviremos cada vez mais. A morte, de maneira misericordiosa, colocou um fim em sua lamentável desilusão no ano de 1062.

Chegamos agora a caracteres de natureza totalmente oposta. Satanás tem algo para todos os gostos.

Dentre os dignitários eclesiásticos daquele tempo, havia muitos homens que tinham por hábito serem escoltados por uma tropa de guerreiros armados com espadas e lanças — à semelhança dos generais pagãos. Desfrutavam a cada dia de banquetes reais e de desfiles; suas mesas eram muito abundantes, com deliciosos pratos; os convidados consistiam de bispos e daqueles que gozavam favoritismo, ambos voluptuosos*. O crime e os excessos desenfreados faziam as delícias nos palácios dos mais altos dignitários eclesiásticos. A perversidade de Roma era tão grande, que os historiadores, para poupar os sentimentos de seus leitores, costumam cobrir com um véu esse espetáculo horrível. Nossos concidadãos que se apressam em dirigir-se a Roma de forma equivocada, não fazem ideia que durante o período de um século e meio, o cenário no Vaticano era tão desagradável, que dois papas foram assassinados, cinco foram exilados, quatro foram depostos e

três renunciaram voluntariamente às suas dignidades, por constituir um perigo para eles. Alguns assumiram a cadeira papal pelo poder das armas, outros pelo dinheiro e alguns receberam a tiara das mãos de amantes da alta classe... As portas do inferno se abriram e seus maus espíritos haviam sido enviados para o centro do catolicismo para ali realizar a sua terrível obra. O próprio César Barônio, historiador católico romano, pode ser citado para provar que “eles haviam retrocedido até as portas do inferno, de onde tais espíritos malignos provinham com a missão de esvaziar sobre suas próprias cabeças consagradas, os vasos da amargura e da ira”.[1]

Agora nos voltamos ao objeto principal da nossa história: a carreira de Hildebrando, como papa Gregório VII; a qual será uma descrição dos papas muito diferente da que vimos acima.

***

Gregório e a Independência Clerical

O dia ainda é futuro, no qual o anticristo, dotado com poder e dirigido por Satanás, “se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora” (2 Ts 2). Mas, por certo, na vida e no caráter de Gregório VII, nós temos uma figura inconfundível daquele que será a obra prima do inimigo. Se fosse possível, gostaríamos de desconsiderar a sua história. Não podemos ver o menor traço da linha dourada da graça de Deus, nem qualquer tipo de amor humano ou divino, até mesmo no mais simples dos seus atos públicos como supremo dirigente da igreja. Ele falava de si mesmo da forma mais presunçosa, com as palavras mais blasfemas como sendo o sucessor de Pedro, o representante de Jesus e a boca de Deus. Ao mesmo tempo era evidente a personificação do orgulho, da arrogância e da intolerância do anticristo. Por vezes, sua linguagem adotava um caráter como se viesse diretamente de Deus, dessa forma se aproximava muito à blasfêmia do “homem do pecado”.

Do momento em que ele entrou em Roma como companheiro de Bruno até ser elevado à cadeira papal — um período de vinte anos — ele era a alma que dirigia todo o Vaticano. Mas ele não tinha pressa para assumir o posto mais alto. Com muito mais que uma simples sagacidade humana, ele estudava a condição e as relações

entre a igreja e o Estado. Nada daquilo que acontecia na Europa escapava do seu olhar agudo; ao mesmo tempo, ele era um grande conhecedor do ser humano. Aos poucos, amadurecia nele um enorme e ousado plano de levantar um governo único, espiritual e ilimitado, na pessoa do papa. Assim que assumiu o trono papal e toda a responsabilidade pelo poder passou à sua pessoa — poder este, que já há muito ele dirigia conforme sua vontade —, ele manifestou abertamente o seu plano. Seu firme objetivo desde o princípio era a total liberdade e a independência absoluta do clero do poder imperial e da intervenção leiga de qualquer natureza. Pouco importava se o assunto era a nomeação ou consagração de algum eclesiástico. Tomando tal independência como base, ele afirmava ousadamente que a autoridade espiritual era mais elevada e tinha direitos mais extensos que a autoridade secular. Essas pretensões orgulhosas conduziram a igreja de Roma, na pessoa do seu papa, a arrogar para si o domínio sobre o Império Ocidental e sobre todos os reinos da Europa, ou melhor, sobre o mundo inteiro. Não existe nada melhor para confirmar essas afirmações do que alguns dos decretos ordenados por Gregório, que veremos a seguir.

***

Os "Decretos de Gregório"

Podemos citar somente algumas das frases dos decretos de Gregório, porém elas serão suficientes para que o leitor tenha uma noção dos princípios do homem que os promulgou e do espírito que governava o papado. "Está estabelecido que o pontífice romano é o bispo universal e que seu nome é sem igual em todo o mundo. A ele somente compete depor ou aceitar bispos; e ele pode destituí-los sem que estejam presentes, e sem a convocação de um sínodo*. Ele é o único que tem o direito de estabelecer novas leis para a igreja; e dividir, unir ou deslocar bispados. É de seu exclusivo direito poder usar os símbolos do império e todos os príncipes estão obrigados a beijarem seus pés. Além disso, ele tem o direito de depor imperadores e de libertar os súditos das obrigações assumidas. Ele retém em suas mãos a suprema decisão em questões de guerra e paz e ele é o único que pode julgar contestações relativas a sucessões de reinos — uma vez que todos

os reinos são considerados como feudos* de São Pedro. Com sua permissão, súditos podem acusar seus senhores. Nenhum concílio pode ser chamado de “geral” se não estiver sob sua direção. A Igreja Romana nunca errou e, como as Escrituras testificam nunca irá errar. O papa está acima de todo julgamento e ele possui, pelos méritos de São Pedro, uma santidade indubitável. A igreja não deve ser serva dos príncipes e sim senhora deles. Se ela recebeu de Deus o poder de atar e desatar no céu, deve possuir ainda mais um poder igual a esse sobre a terra.”[2]

O domínio soberano da igreja era o sonho mais acalentado de Gregório; porém, ele reconheceu que reformas profundas eram necessárias para que esse alto objetivo, que ele se havia proposto, fosse alcançado; e que ele era o homem para traçar e levar a efeito essas reformas. Assim que o poder papal estava em suas mãos, ele se aplicou a essas reformas com toda sua energia e firmeza intrépida do seu caráter.

***

As Reformas de Gregório

Próximo do encerramento do primeiro ano do seu papado (março de 1074), ele convocou um enorme concílio em Roma. Seu propósito era declarar guerra contra dois grandes vícios do clero europeu, que ao mesmo tempo se opunham como impedimentos invencíveis à realização dos seus planos teocráticos*: a concubinagem dos sacerdotes e a simonia (comércio indigno de cargos eclesiásticos). Muitos eram favoráveis à reforma ambicionada por Gregório, porém condenavam seu edito quanto ao celibato dos sacerdotes; achavam o mesmo não apenas severo, mas injusto, porque se aplicava de igual modo tanto ao mais honrado dos casamentos dos eclesiásticos, quanto à sua imoralidade. Foi resolvido nesse concílio: primeiro, que os sacerdotes não deveriam se casar; segundo, que aqueles que eram casados deveriam se separar de suas esposas ou renunciar ao sacerdócio; terceiro, que no futuro ninguém deveria ser admitido às santas ordens sem ter feito o voto de completa abstinência sexual. Muitos dos primeiros pais da igreja haviam tentado estabelecer uma conexão entre o severo celibato e a santidade, ao mesmo tempo em

que tentaram persuadir os homens de que aqueles que estavam casados com a igreja deveriam evitar toda contaminação representada por uniões humanas. Alguns dos papas já haviam defendido o celibato; mas, a não ser sob a mais severa das disciplinas ou nas comunidades monásticas* mais restritas, o mesmo era pouco observado. Não há registros que comprovem que o celibato foi posto em prática além das fronteiras da Itália. Mas agora, a temida voz de Gregório se fez ouvir a favor do celibato, desde o Vaticano até os mais distantes limites da cristandade latina. Ele escreveu cartas a todos os arcebispos, bispos, príncipes, potentados e oficiais leigos de todos os graus, ordenando-lhes, sob a ameaça de severas punições ou perdição eterna, que lançassem fora ou destituíssem, sem misericórdia, todos os sacerdotes e diáconos casados. Também deveriam recusar todo serviço contaminado oferecido por eles. Tais decretos estavam cheios de anátemas contra todos os que resistissem às ordenanças papais e, arrogando o lugar de Deus, ele diz: “de que maneira eles obterão perdão pelos seus pecados se desprezam aquele que abre e fecha as portas do *céu para quem ele quer*? Que todos esses fiquem cientes que estão atraindo a ira divina sobre suas próprias cabeças; eles chamam para si a maldição apostólica, em vez de alcançarem a graça e a benção derramada sobre eles de maneira tão abundante pelo bendito Pedro! Que todos tenham a certeza de que nem príncipe nem autoridade eclesiástica escaparão do julgamento do pecador caso deixem de expulsar e exilar, com severidade implacável, todos os simoníacos e sacerdotes casados. O mesmo fim terão todos os que derem ouvidos ao chamado da simpatia ou afeição carnal, ou que, por qualquer outro motivo mundano impeçam que a espada derrame o sangue a favor da santa causa de Deus e de sua igreja. Finalmente, todos os que permanecerem inativos enquanto essas heresias, dignas de maldição, destroem as raízes da religião... serão todos considerados, de modo indiscriminado, como cúmplices dos hereges, como hipócritas e enganadores”.[3]

***

CELIBATO E SIMONIA

A promulgação desse edito produziu, como bem podemos imaginar, a maior agitação e perturbação possíveis através de toda a cristandade. Até esse momento, certo ou errado, o casamento era a regra, e o celibato a exceção. E a injustiça do edito apenas o transformou em mais intolerável ainda, pois caiu com igual severidade, tanto sobre os mais virtuosos quanto sobre os mais desregrados. Todos foram estigmatizados* de igual maneira, como culpados de concubinato. Devemos deixar o leitor imaginar o efeito de tal decreto sobre milhares e dezenas de milhares de famílias felizes; os detalhes encheriam um grande volume. O edito dissolveu os mais honoráveis casamentos, separou o que Deus havia ajuntado; expulsou dos lares esposas e filhos e motivou as disputas mais lamentáveis, além de espalhar por todos os cantos desgraça e miséria. Em especial, as mulheres foram levadas ao desespero e expostas à amarga tristeza e vergonha. Mas, quanto mais veemente a oposição, mais alto soavam os anátemas papais contra qualquer um que demorasse em executar rigorosamente suas ordens. Os rebeldes eram entregues aos magistrados civis para serem perseguidos por toda parte, despojados de suas propriedades e submetidos às mais diversas indignidades e sofrimentos. Ouçamos de que maneira o papa fala em uma de suas cartas, a respeito daqueles que se mostravam negligentes no cumprimento das suas ordens: “Aquele que pela carne ou sangue for persuadido a duvidar ou a demorar no cumprimento do dever, é carnal. Ele já está condenado e ele não tem parte na obra do Senhor. É como uma vara seca, um cachorro que não late, um membro canceroso, um servo infiel, um oportunista e um hipócrita”.

Como nenhum dos soberanos da Europa estava disposto a lutar a favor das pobres mulheres e famílias dos clérigos, o papa alcançou rapidamente seu objetivo e muitos dos sacerdotes voluptuosos estavam felizes que, dessa maneira haviam sido libertados, de um só golpe, das obrigações às quais resultaram dos seus caminhos de perversão.

O conflito que surgiu em razão do segundo decreto, que exigia a supressão da simonia, foi mais difícil de ter um fim; esse conflito se estendeu por longos anos e envolveu tanto a igreja quanto o Estado em muitas e grandes dificuldades e complicações.

***

A Heresia Simoníaca

No século XI o sistema feudal alcançou seu pleno desenvolvimento, e o pecado da simonia — ou a venda de benefícios eclesiásticos — o seu mais profundo abismo. A história nos informa que durante esse período, começando com o próprio papa até o padre da paróquia mais simples, todo cargo dignitário espiritual tinha seu preço e tornava-se objeto de negociação ou venda. O próprio bispado de Roma sucumbiu de forma tal a esse comércio que, em certa ocasião, a cidade chegou a ter três papas simultaneamente: Bento IX na catedral de Lateran; Silvestre III no Vaticano, e Gregório VI na catedral de Santa Maria. Mas as disputas entre esses três papas e seus seguidores se tornaram tão violentas e encarniçadas*, que o imperador alemão Henrique III recebeu um apelo dos italianos para vir a Roma e examinar as reivindicações dos contenciosos. Um concílio foi organizado em Sutri no ano 1044, onde foram apresentadas ao imperador as provas das mais terríveis imoralidades e as mais flagrantes práticas de simonia dos três papas. Qual dos três hoje é reconhecido pela igreja como o legítimo sucessor de Pedro, nós não sabemos; uma coisa, porém, é certa, que todos eram tomados da mesma mentalidade de Simão o mágico, que pensava que o dom de Deus podia ser comprado com dinheiro. Poucos, muito poucos, eram verdadeiros seguidores de Simão Pedro, que abandonou tudo para seguir a Jesus.

Era inevitável que o mal — que tão manifestamente havia contaminado os mais altos dignitários da igreja — também afetasse mais e mais as classes inferiores do clero. Quando um bispo pensava que havia pagado muito por seu bispado, ele aumentava o preço das posições inferiores que estavam sob sua supervisão, com o objetivo de ser ressarcido do prejuízo sofrido. Desta maneira, as autoridades que ocupavam os cargos mais elevados da igreja faziam o mais degradante comércio com os benefícios eclesiásticos, que se tornaram objetos das mais extensas especulações. Essa lamentável maneira de agir abriu a porta da igreja para os homens mais imorais. Leigos, sem formação ou religião; bárbaros, rudes e incultos; compravam ordens santas e se impunham com violência

no meio eclesiástico. É óbvio que com isso traziam juntamente consigo os maiores vícios, ignorância, incredulidade e superstição. Por meio do pecado da simonia escancarou-se a porta para a impiedade, imoralidade e a corrupção. Vamos tentar estabelecer a origem de tamanho pecado.

***

O Surgimento e o Progresso da Simonia

Enquanto a igreja era pobre, perseguida e desprezada pelo mundo, não existiam compradores de cargos eclesiásticos. Quando o homem perdia seu status no mundo, por se tornar um cristão e expunha a si mesmo à prisão e à morte, todo tipo de tráfico religioso que tinha como propósito elevar um indivíduo a uma posição superior, era desconhecido. Mas, depois da união da igreja com o Estado e quando a riqueza do mundo começou a fluir para dentro dos cofres da igreja, surgiu também a grande tentação de se consagrar a seu serviço, para ser participante dos privilégios e direitos que ela tão generosamente distribuía a seus servidores. Desta maneira, a simonia tornou-se a consequência inevitável das ricas doações feitas para os centros religiosos de maior importância.

Nos primeiros séculos, o bispo era eleito pelo clero e pelo povo da diocese; mas com o passar do tempo, a eleição episcopal alcançou tal importância que os senhores leigos, e até mesmo os soberanos, foram levados a interferir, e finalmente, a apropriarem-se do absoluto direito de estabelecer o bispo. O próprio Carlos Magno deu o exemplo, promovendo seus filhos naturais a altas dignidades eclesiásticas. O privilégio adquirido dessa maneira, através de fraudes, foi rapidamente abusado. Os cargos de responsabilidade e os ofícios mais importantes eram atribuídos a favoritos ou vendidos publicamente pela maior oferta, sem nenhuma consideração pelos interesses da igreja, pelo caráter ou até mesmo a formação literária do candidato. Muitos que assumiam esses cargos não sabiam sequer ler ou escrever.

A prática comum dos tempos feudais de oferecer presentes ao soberano ou ao senhor de uma determinada região a cada ato de promoção, foi também seguida pelos representantes do clero. Quando um bispo ou abade morria, era comum, em primeiro lugar,

comunicar a vacância para a corte; depois o anel e o cajado do falecido eram entregues nas mãos de um superior não religioso. Pelo costume geral da época, era necessário que o novo bispo ou abade apontado como substituto oferecesse um presente de reconhecimento ao superior que o havia indicado. Com o passar do tempo, esse costume se tornou nefasto*, pois o presente ou oferta, que no princípio era aceito como honorário e voluntário, passou a ser exigido como uma dívida, de forma gananciosa sem nenhuma hesitação ou remorso. Isso estava diretamente relacionado à famosa questão da *investidura*, isto é, a introdução do bispo no seu cargo por meio da concessão do anel e do cetro da parte de uma autoridade leiga. O anel era o símbolo do casamento místico com a sua diocese; o cajado representava o cetro da sua autoridade espiritual. Essa investidura trazia consigo o direito sobre as possessões terrenas ou doações que acompanhavam o benefício. A investidura não era uma consagração espiritual — essa era prerrogativa do papa —, mas permitia que a pessoa investida exercesse seu cargo em uma esfera claramente definida e isso sob a proteção e a garantia do poder civil.

Muitas das sedes episcopais eram dotadas com direitos soberanos e ilimitados, e recebiam impostos de dentro de suas respectivas províncias. Aos poucos, os bispados e abadias cresceram como principados e senhorios; os dignitários eclesiásticos receberam participação significativa nos cargos públicos, voz e voto nas assembleias regulares do Estado. No sistema feudal, os bispos se tornaram, em todos os aspectos, semelhantes aos nobres seculares. “Em toda cidade”, diz Milman, “o bispo, se não era a pessoa mais importante, estava no mesmo nível que aquela e, fora da cidade, ele era senhor dos mais extensos domínios territoriais. Arcebispos quase se igualavam a reis; pois quem não cobiçaria a posição e a autoridade de um Incmaro, **arcebispo de Reims**, em vez do frágil monarca carolíngio?”.[4]

Mas o clero superior não ficava aquém dos governantes leigos, no que se refere ao exercício da venda de cargos ou ofícios eclesiásticos dentro de suas áreas de atuação. Bispos e abades vendiam suas igrejas a preços elevadíssimos, sem nenhum tipo de vergonha ou remorso, para se enriquecerem. Tudo aquilo que tinha

sido obtido por meios indignos era utilizado para fins indignos. Era essa a situação horrível em que se encontravam as coisas tanto na igreja quanto no Estado e, frequentemente, esses eram os motivos profanos ao ingressarem nas santas ordens, quando Gregório despachou seu famoso decreto contra a simonia e contra todo o direito de investidura através de um soberano secular, príncipe, nobre ou qualquer leigo.

***

GREGÓRIO E AS INVESTIDURAS

1075 D.C.

O empossamento de um bispo ou abade, mediante a entrega do anel e do cajado pelos imperadores, reis e príncipes da Europa, provavelmente acontecia muito antes do estabelecimento do sistema feudal por Carlos Magno. Alguns acreditam que tal prática data do tempo de Clóvis. Nesse ponto, se levarmos em conta a relação da igreja com o Estado e a fonte original do direito, esse costume tem aparência correta e justa. Todavia, para a mente espiritual essa era a mais inconsistente combinação entre poderes seculares e espirituais, e era prejudicial para ambos. “Quando os primeiros conquistadores do oeste,” diz Dean Waddington, “presentearam a igreja com propriedades, os indivíduos que vieram usufruir de tais territórios estavam obrigados a se apresentarem diante da corte e jurar lealdade e obediência ao rei, recebendo das mãos da majestade algum símbolo como prova de que aquelas propriedades lhes foram atribuídas como possessão. A mesma cerimônia era aplicada em todas as concessões dos feudos reais, tanto sobre os participantes do clero quanto sobre os leigos. Essas cerimônias eram chamadas de investiduras. Mais adiante, quando os príncipes arrogaram para si o direito do empossamento das pessoas em todos esses benefícios valiosos, mesmo em tais que não provinham de doações reais, não faziam nenhuma distinção com base nas diversas origens dos benefícios, mas submetiam a todos aqueles a quem nomeavam às mesmas obrigações feudais e à cerimônia de investidura às quais também os senhores leigos tinham que se submeter.”[5]

No primeiro fervor da conversão, os conquistadores, a partir de Constantino, assumiram o hábito de doar uma porção das novas propriedades adquiridas para os monastérios e as igrejas. Mas os presentes das dinastias sucessivas foram modestas, quando comparados com aquelas feitas pela casa imperial da Saxônia. Sob os imperadores germânicos, a fortuna da igreja aumentou de um modo muito rápido e com enormes extensões. “Nos séculos XI e XII,” diz Greenwood, “as igrejas possuíam um grande número de terras livres, doadas perpetuamente. Os bispos e abades foram enriquecidos, não apenas pelas doações de terras ou fazendas isoladas, mas também por cidades e vilarejos inteiros, além de cantões e condados. Assim, Otto I deu ao monastério de **Magdeburgo** diversos vilarejos, com seus correspondentes bosques e áreas rurais. Otto II doou três distritos agrícolas do próprio domínio imperial para a igreja de Aschaffemburgo, com todas as terras ao redor. Os termos dos documentos de tais doações não parecem muito diferentes daqueles usados nas ações seculares da mesma natureza. E, na realidade, parece que os vassalos espirituais e os leigos, apesar da diversidade de seu caráter e da profissão, tinham os mesmos pensamentos sobre a natureza e as obrigações dos seus respectivos feudos. Dessa maneira, bispos e abades vestiam suas armaduras, montavam seus cavalos e marchavam para o campo liderando seus vassalos e moradores de suas terras, no cumprimento das obrigações feudais relacionadas com as suas possessões. Quanto a esses últimos, nada poderia movê-los a não ser a ação de seus chefes legais. Os grandes príncipes da igreja estavam longe de se intimidarem diante do cumprimento dessas obrigações, tão discordantes com sua profissão. Eles participavam com prazer dessas batalhas e se comportavam no campo com uma valentia tal, que teriam feito as honras ao mais valoroso cavaleiro.”[6]

Essa era a situação quando Gregório proclamou seu memorável edito contra as *investiduras leigas*. Seu plano era destruir qualquer reivindicação da parte do laicismo à intromissão no empossamento dos clérigos nos seus cargos e tomar o direito de investidura dos príncipes, que lhes pertencia pela lei e pelo uso durante séculos e que por eles era considerado um dos maiores privilégios da coroa.

Por causa disso se desencadeou a mais violenta contenda entre os soberanos da Europa e o orgulhoso monge no Vaticano, em Roma; contenda tal que não se encontra igual na história.

***

GREGÓRIO E HENRIQUE IV

O penetrante olho do vigilante papa havia observado por muito tempo o espírito e os movimentos de toda a cristandade. Ele estava bem familiarizado com a vida moral e política, com a força e a fraqueza de todas as nações. Podemos vê-lo na batalha espiritual, ora se adequando aos poderosos, ora utilizando todo seu poder contra os fracos. Ele falava com desprezo do fraco rei da França, e reivindicava tributos como um direito antigo. Carlos Magno, ele dizia, era o coletor de impostos do papa e doou a Saxônia ao apóstolo. Mas em relação ao temido Guilherme o Conquistador, rei da Inglaterra e Normandia, sua linguagem era cordial. O orgulhoso normando mantinha sua independência. Ele criava bispados e abadias à vontade; ele era senhor absoluto sobre os líderes religiosos do mesmo modo que seus legionários feudais.[7]

Na Espanha e nas nações do norte da Europa, Gregório se apresentava com mais arrogância e era mais bem sucedido; mas era contra o Império Germânico que ele concentrava todo seu poder, ele desejava medir forças com o imenso poderio de Henrique IV. Se ele pudesse humilhar o maior e mais orgulhoso dos monarcas — o sucessor dos Césares — a vitória sobre os outros reinos estaria garantida.

A juventude e a inexperiência de Henrique; as tendências desmoralizantes da sua educação; as contínuas revoltas dos príncipes germânicos e as agitações que afligiam o país durante seu governo, enquanto era menor de idade, encorajaram o empreendedor sacerdote em seus planos ousados. A decisão do concílio de 1074, contrária ao pecado universal da simonia e do casamento dos sacerdotes, foi devidamente comunicada ao imperador. O ardiloso papa abraçou a oportunidade de fingir a mais fiel amizade por Henrique. Ele admoestou o rei como um pai: a retornar ao seio de sua mãe, a santa Igreja Romana; a governar o

império de uma forma mais digna; de abster-se da venda de cargos eclesiásticos e evidenciar a sujeição à sua cabeça espiritual.

O imperador recebeu o enviado do papa de maneira muito educada, elogiou o seu zelo pela reforma da igreja e falava em tom muito submisso. Mas Gregório não estava satisfeito com um louvor sem significado e um arrependimento apenas aparente. Ele agora desejava permissão, como o supremo árbitro dos interesses da Alemanha, para convocar concílios naquele país através dos quais aqueles acusados de simonia pudessem ser condenados e depostos. Mas nem Henrique nem os bispos permitiram ao enviado do papa a convocação de uma assembleia na Alemanha para tais propósitos. O clero temia a inquisição severa de Gregório dentro de seus territórios e o imperador temia que seus próprios direitos feudais fossem diminuídos. Mas, o zelo impetuoso do sacerdote ambicioso não aceitava nenhuma demora nem recuava diante de nenhum tipo de oposição.

No ano seguinte (1075) ele convocou um segundo concílio em Roma, e procedeu com a implementação daquelas medidas que tinha a intenção de ver postas em prática com a ajuda dos sínodos na Alemanha. Encabeçando o clero romano —totalmente submisso a ele e que haviam se consagrado à sua causa, tanto por interesse quanto por orgulho — o papa determinou que, a qualquer custo, atacassem a raiz de todos os abusos da simonia. Nessa ocasião, ele excomungou alguns dos favoritos de Henrique. Depôs o arcebispo de Bremen, e os bispos de Estrasburgo, Speyer e Bamberg, além de alguns bispos lombardos e cinco da corte imperial, que haviam ajudado o imperador na venda de benefícios. Ele também decretou que “qualquer um que se atrevesse a conferir um bispado ou uma abadia, ou que receber uma investidura das mãos de qualquer leigo, será excomungado”. Henrique, outra vez, professou certa medida de remorso, reconhecendo a existência da simonia e suas intenções futuras de desencorajar a prática da mesma. Porém, ele também comunicou ao papa, que jamais entregaria seu direito de estabelecer bispos e abades; e se expressou nos mesmos termos em relação à questão da investidura. Gregório, muito exasperado pela desobediência de Henrique e enfurecido pelo fato do rei ter indicado o bispo de Milão

e outros bispados sem esperar pela decisão da Sé apostólica, enviou-lhe uma intimação para que viesse a Roma responder por todas as suas ofensas diante do tribunal do papa e diante de um sínodo de autoridades religiosas. Caso recusasse ou demorasse em atender a essa ordem, ele sofreria imediatamente a sentença da excomunhão. O dia 22 de fevereiro foi marcado para a sua aparição diante da corte do papa.

"Desta maneira, o rei," diz Milman, "o vitorioso imperador dos alemães foi citado de modo solene como um criminoso, para responder a acusações indefinidas, e se submeter a leis que o juiz havia arrogado o direito de estabelecer, interpretar e aplicar a penalidade até a última instância. Todos os negócios do império deveriam ser suspensos enquanto o rei permanecia diante do tribunal do seu arrogante árbitro. Nenhuma demora era permitida; para o acusado havia duas alternativas: a submissão humilde e instantânea ou a sentença que envolvia a deposição do posto imperial e a perdição eterna."

O imperador, que era um soberano orgulhoso e que possuía um temperamento facilmente irritável, sentiu-se extremamente indignado com tal mandato ofensivo, e imediatamente ordenou uma convenção dos bispos da Alemanha em **Worms**. Seu plano era depor o papa que havia declarado, tão abertamente, guerra contra ele. As autoridades religiosas reunidas, depois de julgar com severidade a conduta de Gregório, declararam-no indigno de seu alto cargo; depuseram-no e determinaram uma reunião com a finalidade de eleger um novo papa. Porém, quando Gregório foi informado dessa sentença por meio de carta e de mensageiros reais, não se sentiu nem um pouco intimidado por tais ameaças vazias. Em uma assembleia plena, composta por 110 bispos, ele depôs os religiosos que haviam proferido tal sentença contra ele. Em seguida, pronunciou a excomunhão do imperador, declarando "que ele havia perdido os reinos da Alemanha e da Itália, e que seus súditos estavam completamente dispensados de seus votos de lealdade".

***

O Imperador Deposto Pelo Papa

Na assembleia Gregório falou da seguinte maneira: “Agora, portanto, irmãos, é nosso dever sacar a espada da vingança. Agora nós devemos atacar o inimigo de Deus e de sua igreja. Sua cabeça destroçada, que se eleva com orgulho contra os alicerces da fé e de todas as igrejas, deve cair por terra; e segundo a sentença pronunciada contra seu orgulho, se arraste sobre seu ventre e coma do pó da terra. Não temais pequeno rebanho, diz o Senhor, pois é do agrado do vosso Pai dar-vos o reino. Por longo tempo o tens tolerado e muitas vezes o admoestado. Que sua consciência endurecida possa arder com o calor intenso!”. O sínodo respondeu a uma voz: “Que a tua sabedoria, mais santo dos pais, a quem a misericórdia divina levantou para governar o mundo nos nossos dias, possa pronunciar tal sentença contra esse blasfemador, esse usurpador de trono, esse tirano, esse apóstata; bem como possa esmagá-lo contra a terra e transformá-lo em uma advertência para as futuras gerações... Saca a espada, passe o julgamento, que o justo se regozije quando vir a vingança e possa lavar suas mãos no sangue dos ímpios!”.

A condenação formal seguiu-se: o sacerdote atrevido, da maneira mais blasfema se igualou com a majestade divina, usando a mais solene linguagem na mais infame hipocrisia. Depois de ter afirmado, com língua mentirosa, que ele havia sido obrigado, contra a sua vontade, a ascender ao trono papal, ele disse: “Em plena confiança na autoridade sobre todo o povo cristão, que foi outorgada por Deus ao representante de São Pedro, para a honra e defesa da igreja em nome do Deus Todo-Poderoso, do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e pelo poder e autoridade de São Pedro, eu destituo o rei Henrique, filho de Henrique o imperador, do governo de toda a região da Alemanha e da Itália, pois em seu orgulho sem precedentes levantou-se contra a igreja. Eu absolvo todos os cristãos dos juramentos de obediência a ele como rei... Porque ele manteve comunhão com os excomungados e desprezou as admoestações, as quais, como vós sabeis, eu lhe fiz para sua salvação... Eu, portanto, o ligo em teu nome, com os laços do teu anátema, para

que todas as nações saibam e reconheçam, de que tu és Pedro e que sobre ti, como sobre uma rocha, o Filho de Deus tem edificado Sua igreja, e de que as portas do inferno não prevalecerão contra ela!”.

Antes que o sínodo fosse dissolvido, Gregório dirigiu cartas a “todos os cristãos”, incluindo cópias da audiência do concílio, ordenando a todos os homens que desejavam ser contados entre aqueles que pertenciam ao rebanho do bendito Pedro a aceitar e obedecer às ordens nelas contidas; de modo especial àquelas relacionadas com a deposição e o anátema contra o rei, seus “falsos bispos e réprobos ministros”. E depois de exortar o povo a resistir a Henrique até o ponto de derramar sangue, o padre mentiroso atreveu-se a dizer: “Deus é, portanto nossa testemunha de que não somos movidos por nenhum desejo de *vantagem temporal* nem por *interesse carnal* de qualquer natureza, ao castigarmos príncipes perversos e sacerdotes ímpios; mas tudo o que nós fazemos é feito pela pura consideração com a nossa alta responsabilidade e para a honra e o direito da Sé apostólica, etc.“.

***

Uma Grande Guerra Civil

A guerra estava agora abertamente declarada. O efeito dessas cartas repercutiu de maneira tremenda em um reino já dividido e entre um povo insatisfeito, inclinado a rebelar-se. Tanto a igreja quanto o Estado foram divididos em duas grandes massas: uns tomando partido com o rei, outros com o papa. Desatou-se uma guerra civil, com todas as suas tristes consequências, a qual devastou o Império Romano por longos dezessete anos. Bispo se levantou contra bispo, o povo contra o povo. Alguém nos diz: “Assim, a terra bebia o sangue que era derramado e a sepultura se fechava de igual modo sobre aqueles que sofriam e sobre os que infligiam a miséria”. Toda Alemanha estava em uma situação de profunda perturbação emocional, dissensão e tudo o mais, com exceção de prostração. Os duques da Suabia, aproveitando-se da antipatia geral a Henrique, e encorajados pelos enviados do papa, levantaram-se em uma revolta armada contra o soberano ao qual haviam jurado lealdade, e elegeram Adolfo como rei. Nesse meio

tempo, Gregório não negligenciou nenhum de seus próprios meios de fazer guerra a seu opositor real; guerra na qual ele era extremamente hábil. Palavras pomposas da mais terrível importância eram suas armas. O “nome de Deus; a paz de Deus; os mandamentos de Deus; a salvação de Deus; as chaves do bendito Pedro; o fechamento dos portões do céu; a abertura dos portões do inferno; a perdição eterna, etc.”, eram palavras que feriam com terror a mente de todos os seres humanos, e os grilhões com os quais ele aprisionava seus escravos.

À medida que essa grande batalha prosseguia, o papa se fortalecia cada vez mais. Henrique estava sendo derrotado e percebia o fim aproximar-se depressa. Seu coração afundou dentro de si: todas as coisas pareciam arruinadas pela maldição de São Pedro. Os príncipes se revoltaram; o clero e o povo recusavam a lealdade, e conspirações se levantaram por todos os lados contra o infeliz rei. Essa era a influência perversa do papa, que agora dava um passo adiante com o pleno poder de sua armadura religiosa, ou melhor, diabólica, para esmagar no pó da terra seu próprio senhor feudal. Sob todas essas circunstâncias depressivas e esmagadoras, e desesperado pela exitosa resistência, Henrique fez, finalmente, um acordo com os príncipes rebeldes. Foi estabelecido que seria convocada uma reunião em Augsburgo, para a qual o papa seria convidado, para apresentar as reivindicações e queixas de ambas as partes e para chegar a um consenso.

***

Henrique Parte para a Itália

O imperador destituído estava agora preso na armadilha de seu opositor. A política de Gregório havia sido bem sucedida. Tendo criado uma revolução generalizada e causado muito derramamento de sangue por meio das batalhas entre os príncipes do reino e Henrique — os quais de maneira magistral ele havia movido do campo do ressentimento individual ou político para o campo da religião — ele agora passou a fazer o papel do pacificador. De maneira hipócrita ele escreveu para os inimigos do imperador: “Tratem Henrique com clemência e demonstrem-lhe o amor que

cobre uma multidão de pecados”. Em breve veremos a natureza da gentileza de Gregório e de seu amor com respeito a Henrique.

A situação do rei agora era desesperadora. Despido de todo o seu poder e tendo sido até mesmo roubado dos símbolos da sua dignidade real, e sentindo que ele não tinha nada a esperar de uma reunião composta por seus súditos rebeldes e seu jurado inimigo, ele resolveu, como seu último e desesperado meio, tentar conseguir um encontro pessoal com o papa, com o fim de se humilhar penitente aos seus pés. Com muita dificuldade, ele juntou de seus poucos amigos remanescentes, dinheiro suficiente para custear sua dispendiosa viagem até a Itália. Ele partiu de Speyer no meio do rigoroso inverno, acompanhado de sua esposa, do filho pequeno e de um fiel servidor. Mas os Alpes estavam entre ele e a Itália; e até mesmo a própria natureza parecia conspirar juntamente com o papa, contra o infeliz rei. O clima estava severo além do normal para aquela época do ano. Os rios Reno e Pó estavam congelados, e uma grossa camada de neve cobria os Alpes. Além do mais, as passagens eram cuidadosamente vigiadas pelos duques da Baviera e Caríntia, inimigos de Henrique. Como um todo, a travessia parecia impossível. Mas o esforço precisava ser feito, por mais perigoso que fosse. Segundo o acordo entre Henrique e os príncipes rivais, ou generais dos Estados, estava previsto que no prazo de um ano e um dia — contados a partir da data do anátema papal — ele precisava obter a absolvição ou abrir mão de sua coroa e reino para sempre; mas se ele pudesse obter a absolvição dentro daquele prazo, então os príncipes lhe haviam dado a promessa de voltar à seu pendão e à sua lealdade para com o rei.

Os Alpes precisavam ser cruzados. O dia fatal — 23 de fevereiro — estava se aproximando rapidamente. Guias experientes foram contratados, e algo como um caminho foi aberto através da neve para a comitiva real. Sob enormes dificuldades eles alcançaram o ponto mais alto do passo, mas a descida era bem mais perigosa. O caminho conduzia por sobre campos de gelo e glaciares. Mas o obstáculo precisava ser vencido. Os homens desciam engatinhando, muitas vezes deslizando e rolando para baixo na encosta escorregadia. A rainha, seu pequeno filho, e a ajudante feminina, foram arrastados pelos guias em peles de boi, como se estivessem

em trenós. A maior dificuldade era causada pelos cavalos que haviam levado; era quase impossível levá-los ilesos para baixo. Por vezes os guias amarravam suas patas e os deixavam escorregar pelas encostas; outros foram mortos; poucos suportaram a fadiga da viagem e chegaram em solo italiano em condições de continuarem prestando serviços.

***

HENRIQUE EM CANOSSA

A chegada inesperada de Henrique na Itália produziu uma grande comoção. Príncipes e bispos reuniram-se em grande número, e o receberam com as mais altas honras. Os italianos esperavam dele um redirecionamento dos problemas causados pelos editos papais. Aqueles que haviam sido excomungados por Gregório, estavam sedentos por vingança; e a nobreza lombarda, junto com os dignitários religiosos, esperavam que ele tivesse vindo depor o temido e odiado papa. À medida que ele avançava, o número de seus acompanhantes aumentava gradualmente; mas Henrique não tinha tempo para se envolver em novos empreendimentos; não podia pôr em risco o trono da Alemanha; precisava obter a absolvição antes da data fatal de 23 de fevereiro.

Enquanto isso, Gregório tinha iniciado sua viagem para Alemanha, mas as novas da descida de Henrique para a Itália fizeram parar sua marcha. Ele não tinha certeza se o seu opositor estava vindo como um humilde suplicante ou no comando de um grande exército e correu para encontrar segurança para sua pessoa em Canossa, um forte castelo nos Apeninos, e que pertencia a uma fiel amiga e aliada, a “grande condessa” Matilde.

Quando Henrique soube disso, ele também se dirigiu para lá. Bispos e abades que também haviam caído sob a excomunhão papal seguiram o exemplo do rei e correram até Canossa. Com pés descalços e vestidos com pano de saco, eles se apresentaram diante dos portões do castelo, implorando de forma humilde o perdão e a absolvição do terrível anátema. Após alguns dias de penitência e confinamento solitário, e com pouco para comer, o papa os absolveu, com a condição que, até que o rei fosse reconciliado eles não deveriam manter nenhum tipo de

relacionamento com ele. Para o próprio Henrique, termos ainda mais humilhantes estavam sendo reservados. Chegando a Canossa, o rei obteve uma audiência com Matilde, a marquesa Adelaide (sua sogra) e Hugo, abade de Cluny, aos quais pediu que intercedessem junto ao papa para que lhe fosse concedido um tratamento gracioso. Após muitas objeções levantadas pelo implacável Gregório VII, que nem permitia que o miserável rei se apresentasse diante dele, finalmente o papa cedeu aos muitos esforços dos amigos de Henrique, e prometeu uma audiência; porém, exigindo que: “se o rei estiver realmente arrependido, que coloque sua coroa e todos os símbolos da realeza, em minhas mãos e de modo aberto confesse a si mesmo indigno do nome e da dignidade real”. A exigência pareceu dura demais, até mesmo para os mais fervorosos seguidores do papa que lhe imploraram “que não quebrasse a cana trilhada”, mas que concedesse perdão ao arrependido.

***

A Penitência do Rei

Entrementes, o mês de janeiro estava chegando ao fim; o ano da graça estava perto de terminar e Henrique resolveu aceitar as condições do papa. Ele estava determinado a aceitar todas as exigências do papa e a suportar as maiores humilhações, contanto que ele pudesse reter seu império e frustrar os planos de seus súditos rebeldes.

“Numa desagradável e escura manhã de inverno,” diz Milman, “com o chão coberto de muita neve, o rei, o herdeiro de uma longa linhagem de imperadores recebeu permissão para cruzar duas das três muralhas que circundavam o castelo de Canossa. Mas o terceiro e último portão, ainda não lhe havia sido aberto.

Henrique havia deixado de lado todos os sinais de realeza ou elementos que pudessem distingui-lo como tal. Ele estava vestido apenas com as vestes de linho brancas apropriadas ao penitente, e ali enquanto jejuava, aguardou em humilde paciência a boa vontade do papa. Mas as portas não se abriram. O dia passou, sem lhe trazer a tão desejada decisão do papa. Um segundo dia começou e lá estava novamente o infeliz diante dos portões do castelo,

implorando que lhe deixassem entrar. Tudo em vão. Ainda um terceiro dia se arrastou, desde a manhã até a noite, sobre a cabeça desprotegida do rei sem coroa. Todos os corações estavam comovidos, exceto daquele tal chamado representante de Jesus Cristo. Mesmo na proximidade imediata de Gregório, levantaram-se fortes murmurações contra seu orgulho não apostólico e sua dureza desumana. A paciência de Henrique não podia suportar mais. Ele se refugiou na adjacente capela de São Nicolau, para implorar com lágrimas, outra vez, a intercessão do idoso abade de **Cluny**. A condessa Matilde estava presente; seu coração de mulher estava derretido; ela uniu-se a Henrique em suas súplicas ao abade. “Somente você pode conseguir isso”, disse o abade para a condessa. Henrique caiu de joelhos em um lamento passional, implorou pela sua interferência misericordiosa. A condessa então se dirigiu ao papa e diante dos insistentes pedidos femininos, Gregório finalmente concedeu uma permissão pouco graciosa para o rei se aproximar de sua presença. Com os pés descalços e ainda vestido com a roupa do penitente, permaneceu o rei — um homem de considerável altura e nobreza pessoal, com o rosto acostumado a espalhar comandos e terror sobre seus adversários — diante do papa, um homem de cabelos grisalhos, de pequena estatura e encurvado pelo peso anos.”[8]

As exigências impostas sobre Henrique comprovam o quanto Gregório era um tirano implacável e sem sentimentos; ele agiu nessa questão mais como um demônio encarnado do que como um ser humano. Ao ver que o penitente real estava totalmente quebrantado e que aceitaria todas as condições, ele o obrigou a tomar o mais amargo cálice da humilhação, até esvaziá-lo. Nós não queremos cansar o leitor com o relato das numerosas prescrições e exigências. Tais demandas nunca foram feitas ou ouvidas antes nos anais da história humana. Mas seu principal e maior objetivo era a consolidação de seu elaborado plano acerca da autoridade papal. Após ter colocado seu pé no pescoço do maior monarca do mundo, ele arrogou para si o direito de, em toda a Europa, julgar reis, depor reinos de acordo com seu parecer, e libertar súditos de seus juramentos de lealdade. Isso deu ao papa enorme poder sobre todo

o mundo exterior. A partir daí, a rebelião contra um soberano legal constituiu-se como um dever sacro a favor da igreja e de Deus.

***

As Consequências da Política Papal

Gregório não demorou a perceber que havia ido longe demais. Henrique nunca esqueceu a humilhação sofrida em Canossa; a lembrança disso permaneceu nele constantemente e pensava em vingança. Parte por compaixão, parte por interesse, muitos príncipes e autoridades religiosas se ajuntaram ao redor do rei caído, agora que ele estava livre da excomunhão. **Gregório** era, de modo geral, odiado por sua tirania política e temido por censuras eclesiásticas. Os príncipes rebeldes da Alemanha foram secretamente encorajados pelo papa a disputarem a possessão do trono com Henrique, para impedir-lhe, por meio disso, de voltar suas armas contra Roma. Ele orou para que Henrique nunca prosperasse em guerra e, no nome e com a benção dos apóstolos, ele atribuiu o reino da Alemanha ao rebelde Rodolfo, duque da Suabia. O papa até se atreveu a profetizar que Henrique dentro de um ano estaria morto ou deposto; e, como se conhecesse o fim desde o começo, ele chegou ao ponto de enviar uma coroa ao futuro rei com uma inscrição, dizendo que era um presente de Cristo a São Pedro e de São Pedro para Rodolfo. Mas em pouco tempo, ficaria provado que ele era um falso profeta, bem como um sacerdote mentiroso, e um fomentador* sem remorso da guerra civil que ceifou muitas vidas.[9]

A força do rei aumentava gradualmente, apesar de todas as intrigas de Gregório. Após anos da mais terrível guerra civil e um monstruoso derramamento de sangue, os exércitos de Henrique e de seu rival Rodolfo, se encontraram mais uma vez às margens do **Elster**, em outubro de 1080. A luta foi longa e obstinada, mas a morte de Rodolfo deu a Henrique a vitória. Como se conta, Rodolfo foi ferido mortalmente pela lança de Godofredo de Bulhão, que se tornou mais adiante o primeiro rei de Jerusalém. Outro cavaleiro havia lhe cortado a mão direita e o duque moribundo olhando para sua mão inútil, reconheceu com tristeza: “com essa mão eu ratifiquei meu juramento de lealdade ao meu soberano, Henrique; a punição é justa, agora eu perdi a vida e o reino”. Os adversários do rei

estavam agora desencorajados e paralisados. Diante dessa situação, Henrique determinou voltar todas as suas forças contra o seu mais formidável e irreconciliável inimigo. Ele cruzou os Alpes, entrou na Itália, e acampou à sombra das muralhas de Roma.

A cidade estava bem suprida de mantimentos, as muralhas reforçadas e a lealdade dos romanos ao papa era garantida pela riqueza de Matilde. Devido a isso, Henrique não conseguiu vencer Roma de forma rápida, ademais não estava em condições de cercar a cidade sem interrupção. Assim aconteceu que, somente no verão de 1083 ele conquistou a cidade culpada. Gregório se refugiou no forte castelo de Santo Ângelo e alguns de seus seguidores em suas casas fortificadas. Henrique estava disposto a negociar com Gregório e receber a coroa imperial de suas mãos. Mas o papa não queria saber nada além de submissão incondicional. O clero — bispos, abades e monges — e os leigos, imploravam com ele para que tivesse misericórdia da cidade afligida e que entrasse em acordo com o rei.

Mas todas as tentativas de negociação foram infrutíferas. O papa, com obstinação inflexível, desprezou igualmente tanto as súplicas quanto as ameaças. “Que o rei resigne sua dignidade, e submeta-se a penitência”, eram os únicos termos de Gregório. Mas Henrique já não era o abandonado, o humilhado e o suplicante a seus pés, como outrora em Canossa.

***

HENRIQUE E BERTA COROADOS

1084 D.C.

A maioria dos romanos, cansados de enfrentar as misérias do cerco pertinaz e sem esperança de alívio por parte dos normandos italianos, finalmente declarou-se a favor de Henrique. Assim ele se tornou senhor da maior parte da cidade. Seu primeiro passo foi colocar **Gilberto**, o **arcebispo de Ravena**, na cadeira papal como **Clemente III**. Ele já havia sido nomeado pelo sínodo de bispos como o futuro papa. Henrique agora recebeu a coroa imperial das mãos de Clemente, com sua rainha Berta, e foi saudado como imperador pelo povo romano.

A situação de Gregório agora era desesperadora. Ele era um prisioneiro que poderia em breve ser entregue à vingança de Henrique. Ele não podia esperar nenhuma ajuda de Filipe da França. Guilherme da Inglaterra, não estava disposto a se envolver nas disputas papais. Ele podia confiar somente em Matilde, condessa da Toscana. Ela foi a mais poderosa, rica e zelosa promotora dos interesses da Igreja Romana naquele século. Quando da morte de sua mãe e esposo, o astuto papa havia persuadido a jovem e bonita condessa a legar todos os seus bens para a igreja de Roma; que foram depois chamados de Estados da igreja. Mas o dinheiro e os homens a serviço de Matilde, desta vez não eram suficientes para as necessidades do papa. Em sua grande aflição, ele apelou desesperado por socorro junto a Roberto Guiscardo, um grande guerreiro normando italiano. Pesava sobre Roberto a suspeita de que havia sido cúmplice de Cencius em sua conspiração contra Gregório, e, por isso, estava sob a maldição da igreja por muitos anos. Mas o papa estava pronto para livrá-lo do banimento da excomunhão, e até de sugerir a esperança da coroa imperial se ele se apressasse a vir em seu socorro. O valente normando aceitou os termos do papa, colocando sua impiedosa espada a serviço de Gregório.

***

Roberto Guiscardo Entra em Roma

1084 d.C.

Visando, portanto, satisfazer os desejos do papa, receber sua benção e derrotar seus inimigos, Roberto preparou um exército de trinta mil homens de infantaria, e uma cavalaria composta de seis mil homens, os quais colocou em marcha em direção a Roma. Era um grupo de homens selvagens e de origens diversas, entre os quais se encontravam aventureiros de muitas nações: alguns se uniram a sua bandeira para resgatar o papa, e outros por amor à guerra; até os incrédulos sarracenos se alistaram em grande número. A notícia logo chegou a Roma, de que uma força avassaladora estava avançando para libertar os fortes cercados.

Henrique sem perceber o perigo, havia enviado para longe uma grande parte das suas tropas. E como o remanescente não tinha

condições de enfrentar aquele formidável exército, ele, de forma prudente, retirou suas forças, garantindo a seus amigos romanos que em breve estaria de volta. Ele se retirou para Civita Castellana, de onde poderia observar todos os movimentos do inimigo. Três dias após Henrique ter se retirado da cidade, o exército normando chegou aos portões da mesma. Infelizmente, para os pobres habitantes da cidade culpada, estava diante de si o dia mais escuro e mais pesado de todos os que ela já havia enfrentado; todas as suas calamidades eram devidas ao espírito vingativo e implacável de seu sumo sacerdote. Mas, antes deste se dobrar ao poder secular, rios de sangue tiveram de correr, o sangue de seus súditos; e sua própria capital ser consumida pelas chamas. O domínio do papado sobre os reinos desse mundo era seu grande propósito, e nenhum adversário poderia induzi-lo a ceder um ponto sequer em suas grandiosas pretensões. Ele era tão inflexível na prisão quanto no palácio. “Que o rei deponha sua coroa e dê satisfação à igreja”, haviam sido suas desdenhosas e orgulhosas palavras, apesar de prisioneiro e mesmo diante do fato de que o clero e os leigos lhe haviam implorado para que entrasse em acordo com Henrique. Mas ele havia desprezado de igual modo os murmúrios e as ameaças e as súplicas de todos. Ele deveria conhecer o caráter daquele bando de assassinos que estava às suas portas, e quais seriam as consequências no momento em que eles entrassem na cidade. Mas a sua mente estava decidida, e a qualquer custo de derramamento de sangue humano e miséria, ele prosseguiu, de modo incompassível, em seus desígnios obstinados.

Os romanos estavam despreparados para se defenderem e por isso não deram qualquer demonstração de resistência. Os portões de São Lourenço foram rapidamente arrombados e os inimigos irromperam a cidade, que caiu de uma vez sob o domínio dos invasores.

O primeiro ato de Roberto, aquele filho leal da igreja, foi libertar o papa de seu longo período de prisão no castelo de **Santo Ângelo**. O normando recebeu a benção papal de forma solene. Quando se levantou dos pés do papa, abençoado e edificado, a zombaria e a blasfêmia não podiam ser mais evidentes. Roberto libertou o seu bando desenfreado de homens de guerra sobre o rebanho

desprotegido, daquele que se chamava o sumo pastor. Por três dias Roma esteve sujeita aos horrores do saque. Os normandos e os infiéis sarracenos se esparramaram por todos os cantos da cidade. Matança, pilhagem, violência e as maiores infâmias; as atrocidades estavam fora de controle. No terceiro dia, quando os inimigos se entregaram às orgias, descuidando da segurança, os habitantes de Roma levados ao desespero, se levantaram de todos os lados e começaram um horrível massacre entre seus torturadores. Surpreendidos dessa maneira, os normandos pegaram suas armas e imediatamente toda a cidade se transformou em uma cena de carnificina selvagem.

***

O Incêndio da Roma Antiga

"A cavalaria normanda," diz Milman, "se derramou pelas ruas, mas os romanos lutaram com vantagem, a partir da possessão de suas casas e do conhecimento exato que tinham do terreno. Eles estavam ganhando vantagem e os normandos precisaram recuar. Nesse momento, o impiedoso Guiscardo, sem nenhum tipo de remorso, ordenou que fosse ateado fogo às casas. Em pouco tempo, as chamas tomaram conta de todas as partes da cidade. Quando a noite caiu, a infeliz cidade oferecia uma cena horrível: as casas dos pobres, os palácios dos ricos, igrejas e mosteiros formavam um grande mar de chamas. Os habitantes horrorizados corriam desesperadamente pelas ruas, não pensavam mais em sua própria defesa, seu único desejo era salvar suas famílias. Eles foram esquartejados às centenas. Os sarracenos aliados do papa, que estavam à frente de todos na pilhagem, agora encabeçavam também os incendiários e assassinos."[10]

Conta-se que Gregório se esforçou nesse terrível dia para salvar do incêndio algumas das principais igrejas, mas não fez esforço algum para proteger seu rebanho da crueldade dos normandos. Guiscardo era senhor da cidade, ou melhor, das ruínas da Roma antiga, mas sua sede por vingança ainda não havia sido aplacada. Milhares de romanos foram publicamente vendidos como escravos, e milhares levados cativos. Nem godos, nem vândalos, nem gregos, nem alemães, jamais trouxeram tal desolação sobre a cidade como

os normandos. E isso deve ser cuidadosamente notado pelo leitor como uma demonstração do verdadeiro espírito do papado: que o feroz Guiscardo foi subornado por Gregório para se tornar seu aliado, seu libertador, seu protetor e seu vingador. As misérias, massacres, e ruína de Roma são atribuídas, da forma mais justa — e assim tem sido desde então por todos os escritores imparciais — à obstinação do papa daqueles dias. E ninguém estava mais convencido da sua culpa do que o próprio Gregório. Após a partida de seus aliados normandos, ele não mais confiou a sua própria pessoa nem os seus tesouros à proteção fortificada dos muros de Santo Ângelo.

***

A Morte de Gregório

1085 d.C.

Coberto com uma vergonha imutável, marcado por uma desonra eterna e temendo ouvir as reprovações que certamente lhe seriam lançadas como o causador das últimas calamidades, na companhia de seus aliados ele se retirou da cidade de São Pedro, cujas ruínas ainda fumegavam, suas ruas estavam completamente desertas e seus numerosos habitantes mortos, queimados, ou haviam sido levados para o cativeiro. Seu orgulho havia sido mortalmente atingido. Abatido e quebrantado de corpo e alma ele descansou primeiro no mosteiro de Monte Cassino, dali seguiu para a fortaleza normanda no castelo de Salerno. Ele nunca mais viu Roma.

Um grupo numeroso de homens do clero, devotado à promoção das grandiosas pretensões do papa degradado, o acompanharam até Salerno. Ali ele convocou um sínodo, e como não sentisse nenhuma comoção ou tremor pelos horrores que havia causado e testemunhado, ele novamente trovejou anátemas e a excomunhão contra Henrique, o antipapa Clemente e todos os seus aliados. Mas essas foram suas últimas ações. A morte se aproximava rapidamente.

O grande, o inflexível defensor da supremacia da sua ordem sacerdotal, precisa morrer como todos os outros seres humanos. Ele convocou para diante de si seus companheiros de exílio, fez uma confissão de sua fé — especialmente no que diz respeito à

transubstanciação, uma vez que havia suspeitas de que ele simpatizava com as ideias de Berengario de Tours — perdoou e absolveu todos a quem ele havia anatematizado, com exceção do imperador e do antipapa. Com isso ele ordenou a seus seguidores a não fazerem a paz a menos que aqueles dois se submetessem incondicionalmente à igreja. Como se conta, uma terrível tempestade se desencadeou à medida que se aproximava a hora da morte do papa. Suas últimas memoráveis palavras foram: “Eu amei a justiça e odiei a iniquidade; por esse motivo eu morro no exílio”. Um bispo com o mesmo sentimento, cujo orgulho sacerdotal não foi repreendido por aquele espetáculo de mortalidade, disse: “No exílio, meu senhor? Tu não podes morrer no exílio! Vigário* de Cristo e Seus apóstolos, tu recebestes de Deus os pagãos por tua herança, e as partes mais longínquas da terra por tua possessão!”. Assim, o espírito de arrogante blasfêmia caracterizou também os últimos instantes daquele grande príncipe da igreja. Mas a sua alma imortal escapava de seu frágil invólucro, para longe de toda bajulação humana, para comparecer diante de outro tribunal, ali onde tudo é julgado não de acordo com os princípios do papado, mas de acordo com a verdade eterna de Deus, como tem sido revelada para nós na pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo.

“Benditos são todos aqueles que põem sua confiança nEle”, é a palavra de segurança mais doce ao coração. Qual deve ser o significado da palavra “bendito” quando usada pelo próprio Deus! Mas o que acontecerá com aqueles que vivem e morrem sem Cristo? Os quais por fim terão que dizer: “a colheita passou, o verão terminou e nós não estamos salvos”. Oh! Quem é capaz de avaliar as profundezas da miséria — a eternidade dos ais, nessas três palavras: “*não estamos salvos!*”, “*não estamos salvos!*”. Que texto para um pregador e que palavra de advertência para um pecador! Que o leitor considere isso em seu coração, antes de por de lado esse volume e que possa cuidadosamente avaliar o contraste entre a morte deste homem com a triunfal partida do grande apóstolo das nações! Ele podia escrever ao seu amado filho Timóteo: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará

naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda" (2 Tm 4:7-8).

Até mesmo um falso profeta foi compelido a dizer: "Deixe-me morrer a morte do justo e deixe que meu fim seja igual ao dele".

***

Os Anos Restantes e a Morte de Henrique

Tendo acompanhado bastante a vida do rei em conexão com o papa, nós iremos mencionar, de forma breve, seu fim antes de começarmos um novo capítulo. Ele sobreviveu ao seu grande antagonista vinte e um anos. No dia 7 de agosto de 1106, Henrique encerrou sua longa e agitada vida. O seu governo memorável, caracterizado por infindáveis conflitos internos, havia durado cinquenta anos. A história sabe relatar muito a respeito da vida tempestuosa e cheia de mudanças desse grande monarca, começando na sua mocidade até a sua morte, mas não está em nosso plano nos ocuparmos com isso. O contraste entre a afeição pelo seu povo e a inimizade da igreja é marcante. E tem seu próprio significado. Embora ele havia sido infligido com os mais furiosos anátemas pelo papa Gregório, e mais tarde pelo seu sucessor **Pascoal II**, ele era muito amado pelo seu povo. Como monarca ele possuía muitas falhas; porém, ao mesmo tempo, em razão da sua valentia e sua mentalidade clemente e caritativa, ele também possuía um lugar privilegiado no coração de seu povo. "A notícia da sua morte," diz Greenwood, "fez com que o amor do povo transbordasse em lamentações profundas e amargas. Um pranto geral foi ouvido nas ruas da cidade de Liège; a corte e o povo, a viúva e os órfãos, a multidão dos pobres e indigentes da cidade e do campo, reuniram-se para o funeral do seu soberano, seu amigo, seu benfeitor. Com vozes elevadas eles lamentaram a perda de seu pai. Derramando-se em lágrimas beijavam suas mãos geladas, e abraçando os membros inanimados era com dificuldade que podiam ser persuadidos a cederem o lugar para os responsáveis que aguardavam para preparar o corpo para o sepultamento. Também não foi possível convencê-los a abandonarem o túmulo; pois, por muito tempo mantiveram turnos dia e noite para vigiar e orar ao lado do local onde o haviam depositado."[11]

Nada poderia ser mais belo ou tocante como testemunho à bondade do imperador do que a atitude sincera daquelas pessoas de luto. Mas quão diferente, quão triste, quão lamentável quando nos voltamos para os chamados “representantes” do manso e humilde Jesus! A ira dos seus adversários papais parece ter sido aumentada sete vezes em seu calor, quando ouviram que tais altas honras estavam sendo prestadas ao corpo do excomungado Henrique. O jovem rei, seu filho, Henrique V, foi ameaçado com os anátemas do céu se ele não ordenasse que os amaldiçoados restos de seu pai fossem exumados e depositados em algum local não consagrado ou então pedir ao papa para libertar ao falecido (mesmo após sua morte) da excomunhão. Mas que perversa e inconcebível intenção! Alberto, bispo fiel ao rei, que havia concedido ao seu soberano um enterro cheio de honras na igreja de São Lambert, foi obrigado, como uma penitência por seu ato de gratidão e amor, a desenterrar o corpo com suas próprias mãos e fazer com que o mesmo fosse levado para uma casa não consagrada em uma ilha no rio Mosela. Mas tais infâmias praticadas contra o corpo sem vida do falecido imperador, suscitaram uma indignação generalizada. O jovem rei, tendo sido instigado pelo papa Pascoal II para enganar seu pai e se rebelar abertamente contra ele, ficou alarmado com esse terrorismo espiritual e deu ordens para que o corpo fosse removido para Speyer e sepultado solenemente na igreja Santa Maria, construída por ele. Quando o cortejo que trazia o féretro imperial entrou na cidade, quase toda a população se uniu à ele. A missa pelo morto foi realizada com todas as cerimônias e honras costumeiras de tais ocasiões.

O **bispo de Speyer**, que tinha a mesma mentalidade dos papas e um dos mais ferozes inimigos do falecido imperador, encontrava-se em seu lar naquela ocasião, mas as novas do que havia acontecido o fizeram retornar com toda a pressa. Ardendo com indignação, não descansou até que o corpo fosse mais uma vez exumado, colocado em um terreno não consagrado e impôs severas penitências sobre todos os que haviam acompanhado o cortejo. Mas o amor do povo não podia ser oprimida pela implacável inimizade do bispo. Os cidadãos *unânimes* acompanharam o corpo ao seu novo local de descanso, com grandes lamentações. “Eles lembraram o bispo,” diz

Milman, “como o generoso imperador havia enriquecido a igreja de Speyer. Eles listaram os ornamentos de ouro e prata e as pedras preciosas, as vestes de seda, as obras de arte. Até mesmo a mesa dourada do altar, ricamente trabalhada, que havia sido um presente do imperador Aleixo do Oriente, foi mencionada. Tudo isso, fazia com que aquela catedral fosse a mais linda e famosa da Alemanha. Eles expressaram sua dor e desgosto por causa do tratamento indigno dado ao falecido; e com grande dificuldade foram impedidos de causar um tumulto. Mas o bispo permaneceu imutável. De todas as formas, o túmulo de Henrique era visitado por testemunhas que não se deixavam comprar, nem desanimavam em função da ilimitada caridade demonstrada pelo rei. Por fim, depois de cinco anos de obstinada disputa, foi permitido a Henrique descansar no túmulo consagrado junto aos seus ancestrais imperiais.”[12]

***

Reflexões sobre a Luta entre Henrique e Gregório

Temos apresentado aqui uma descrição, mais detalhada do que o normal, da grande contenda entre Gregório e Henrique, visando oferecer ao leitor um quadro do espírito e da prática do papado na Idade Média. E fique conhecido, que tal espírito nunca mudou: a maneira de agir do papado, sim pode mudar, de acordo com o poder e o caráter do papa reinante, nunca, porém, o espírito que o domina. Assim como era, assim também é e será para todo o sempre. Nenhuma linguagem está em condições de descrever o cruel atrevimento e a natureza tirânica do papado assim como se manifestava naqueles dias. E esse mesmo espírito pode ser visto, mais ou menos, em todos os membros da comunidade. Pois qual, podemos perguntar em palavras simples, foi o crime de Henrique que trouxe sobre sua cabeça tamanha e incansável perseguição durante toda a sua vida e mesmo depois da sua morte? O leitor irá se lembrar que a disputa se iniciou com a questão das *investiduras*.

O direito tradicional dos monarcas de terem voz na indicação dos bispos e dos dignitários em seus Estados, era algo reconhecido pelos séculos. Não era incomum eles nominarem inclusive o bispo de Roma, bem como de outros bispados em seus domínios. O próprio Hildebrando esperou pacientemente até que sua eleição

recebesse a ratificação legal do imperador. Mas, ele mal havia assumido a cadeira papal, quando escreveu uma carta insultando o imperador, ordenando-lhe a se abster da simonia e a renunciar ao direito de investidura pela concessão do anel e do cajado ao bispo ou abade. Henrique, em autodefesa, reafirmou as prerrogativas que seus predecessores haviam exercido sem questionamento, de modo especial desde os dias de Carlos Magno. Gregório então trovejou uma sentença de excomunhão contra ele, liberando seus súditos de seus votos de lealdade e pronunciou a deposição do rei, por sua desobediência. O papado agora arranca sua máscara e o mundo não tinha mais dúvidas no que diz respeito a seus alvos e objetivos de poder espiritual. Mas a ignorância e as superstições daqueles tempos eram tão grandes que mesmo as exigências mais absurdas do papa, encontraram apoio de muitos; sim, o povo em geral via como combatentes da fé, aqueles que pegassem em armas contra o rei excomungado, mesmo que este lutava por um direito que era seu de longa data.

Essa foi toda a ofensa que Henrique fez contra o papado. Foi essa a causa de tanto sofrimento e tanto sangue humano derramado: o sacerdote implacável não estava disposto a entregar nenhum ponto sequer; assim a grande luta continuou até que a morte encerrasse a situação.

---

[1] Sir James Stephen, *Ecclesiastical Biography*, vol. 1, p. 2; Milman, vol. 3, p. 103; Robertson, vol. 2, p. 515.

[2] Robertson, vol. 2, p. 567.

[3] Greenwood, *Cathedra Petri*, vol. 4, p. 331.

[4] *Latin Christianity*, vol. 3, p. 105.

[5] *History of the Church*, vol. 2, p. 70.

[6] *Cathedra Petri*, vol. 4, p. 274.

[7] *Latin Christianity*, vol. 3, p. 121.

[8] *Latin Christianity*, vol. 3, p. 168.

[9] Robertson, vol. 2, p. 594.

[10] *History of Latin Christianity*, vol. 3, p. 197.

[11] *Cathedra Petri*, book 11, p. 606.

[12] *Latin Christianity*, vol. 3, p. 277.

Capítulo 20

AS CRUZADAS

O papa havia ganhado pouco ou praticamente nada com suas longas guerras contra o império; sua arrogância sem igual e a obstinação pertinaz haviam suscitado profunda indignação em muitos. Por esse motivo, Satanás agora precisa mudar sua maneira de lutar. Meios mais plausíveis, mais sutis do ponto de vista do engano, mais reverentes e melhor planejados precisavam ser idealizados. De que maneira o poder espiritual pode conseguir superioridade plena sobre o secular? Essa era a questão que ainda precisava ser respondida.

Com astúcia digna de admiração, ele (Satanás) pôs em prática seus planos, e sugere então uma *guerra santa*, com o propósito de resgatar o sepulcro de Cristo das mãos dos incrédulos sarracenos. O papa **Urbano II** imediatamente abraçou a sugestão, e tornou-se seu maior promotor. O Vaticano inteiro concordava com ele. Monstruosas quantias de dinheiro e vidas humanas foram desperdiçadas nessas longas expedições à Palestina; e em numerosas batalhas drenava-se a cavalaria da Europa. Em nenhum momento percebemos que pensavam em trazer os incrédulos à fé em Cristo — para assim cumprir a verdadeira missão do cristianismo: “Fazei discípulos de todas as nações” — antes estavam sedentos de seu sangue, e quanto mais sarracenos um cruzado matava tanto mais agradável ele era diante de Deus. “Esta é a obra”, diz o papa Urbano aos expedicionários, “que Deus exige da vossa mão. A erva daninha tem que ser exterminada com a raiz, e lançada ao fogo”; por trás de tudo isso, porém, estava Satanás. Além da indizível miséria que as cruzadas trouxeram sobre centenas de milhares de pessoas, elas também enfraqueceram tanto o poder secular da Europa ocidental, que o papa pôde triunfar sobre eles com pouco esforço.

***

Os Lugares Sagrados

Desde os dias da igreja primitiva, as peregrinações à Terra Santa tornaram-se uma forte paixão entre os cristãos mais devotos e supersticiosos. Jerônimo nos fala de multidões que vinham de todos os cantos para visitar os lugares sagrados. Mas a suposta descoberta do verdadeiro sepulcro de Cristo, a recuperação da verdadeira cruz, a magnificente* igreja construída sobre o sepulcro pela dedicada Helena e seu filho Constantino, fizeram despertar em todas as classes de pessoas, um entusiasmo sem limites para visitar a Terra Santa. Desse tempo em diante (ano 326) o fluxo constante de peregrinos parecia um verdadeiro rio correndo e aumentando cada vez mais em direção a Jerusalém, até os dias em que a mesma foi tomada pelos maometanos sob o comando do **califa Omar**, no ano 637. Os peregrinos tinham proteção e apoio no caminho, mas tinham que enfrentar as privações e os perigos da longa viagem. Quando a cidade e o país caíram na mão dos maometanos, eles estavam proibidos de entrar na cidade santa, a menos que comprassem esse privilégio mediante o pagamento de um tributo ao califa. Porém, isso também não impediu os peregrinos de afluírem em grande número para rezar suas penitências piedosas no santo sepulcro.

Por volta do ano 1067, outro povo passou a controlar a Palestina, que exerceu sobre a infeliz nação, um domínio ainda mais duro do que outrora os sarracenos. Esses eram os seljúcidas, uma tribo de **tártaros**, hoje conhecidos com o nome de turcos. Eles eram originários da Tartária, haviam abraçado a religião islamita[1], e eram adeptos mais fanáticos do “profeta” do que os seguidores árabes. Eles combinavam o zelo intolerante da recente conversão ao islamismo, com a crueldade e a selvageria dos bárbaros. Sob esses novos senhores da Palestina, a condição dos habitantes cristãos e dos peregrinos foi grandemente desfavorecida. Em vez de serem tratados como meros súditos dos quais se podiam extrair tributos, passaram a ser tratados como escravos e perseguidos por toda parte.

***

PEDRO, O EREMITA*

Os sentimentos dos cristãos europeus estavam profundamente agitados pelas notícias das crueldades e ultrajes a que seus irmãos no leste estavam sendo submetidos pelos incrédulos dominadores da Terra Santa. Os excessos dos senhores incrédulos da Terra Santa, foram os que deram ao pensamento de uma guerra religiosa, a aparência de justiça.

No ano 1093, **Pedro**, um monge nascido em **Amiens**, na França, visitou Jerusalém. Ele sentiu-se grandemente agitado em seu espírito ao ver as infâmias que eram cometidas com os cristãos em toda parte. O sangue guerreiro do francês ferveu em suas veias quando ele viu os sofrimentos e as humilhações a que seus irmãos eram entregues sem defesa. Ele falou com Simeão, o patriarca de Jerusalém, acerca da possibilidade de libertá-los, mas o desalentado Simeão não via esperança para a situação deles. Isso era devido ao fato que os gregos, os protetores naturais dos cristãos na Síria, eram muito fracos para prestarem qualquer tipo de assistência. Pedro então, lhes prometeu a ajuda dos cristãos latinos. “Eu levantarei as nações guerreiras da Europa em defesa da vossa causa”, ele exclamou fogosamente, e acreditava que o próprio céu confirmava seu voto. Certa vez, enquanto estava prostrado no templo, ele pensou ouvir a voz do Senhor Jesus, dizendo: “Levanta-te Pedro e vai em frente para tornar conhecida a tribulação do meu povo. Chegou a hora da libertação dos meus servos, e da conquista dos lugares santos”. Naqueles dias era um costume conveniente entre os monges que viviam em solidão austera e que possuíam imaginação fértil, crerem no que bem desejassem e ter confirmado, através de sonhos e revelações, qualquer coisa nas quais acreditavam.

Pedro estava fortemente convencido que sua missão era de origem divina, e isso era um grande meio para ajudar outros a acreditarem também. Ele partiu imediatamente para Roma. O papa Urbano II ficou contagiado com o seu fervor impetuoso, e lhe deu permissão e o encargo de pregar por todas as partes a libertação de Jerusalém do jugo turco. Depois que sua suposta missão divina havia recebido também a confirmação do papa, o eremita iniciou sua obra. Depois de atravessar a Itália, ele cruzou os Alpes

entrando na França. Ele é descrito como um homem de pequena estatura; magro, consumido pela fome, pela sede e por longas fadigas; pele escura; porém, dotado com um par de olhos muito brilhantes. Com um crucifixo em sua mão, seus pés descalços e sua cabeça descoberta, assim ele cavalgava sobre sua mula. Uma túnica de eremita, longa e rasgada, amarrada na cintura com uma corda, era o que cobria seu corpo. Ele pregava para todas as classes, em igrejas, nas estradas e nos mercados. Sua grande eloquência, acompanhado do olhar fogoso, penetrava com força no coração dos seus ouvintes. Ele sabia excitar com maestria as paixões humanas, e utilizá-las para alcançar seu objetivo. Dirigia-se com a mesma habilidade à compaixão e ao amor fraternal dos cristãos europeus, como ao orgulho do guerreiro. O relato dos sofrimentos dos cristãos da Palestina e a profanação da terra consagrada pelo nascimento e vida do Redentor, suscitou uma indignação generalizada e despertou no coração o ódio ardente contra os incrédulos. “Por que”, ele exclamava de modo veemente, “deveríamos permitir por mais tempo que os incrédulos mantenham em seu poder territórios cristãos tais como o Monte das Oliveiras e o Jardim do Getsêmani? Por que deveriam os não batizados seguidores de Maomé, esses filhos da perdição, que com seus pés impuros mancham o solo sagrado que foi testemunha de tantos milagres, e que ainda hoje nos fornece numerosas relíquias que possuem poder sobrenatural? Ossos de mártires, vestimentas dos santos, pregos da cruz, espinhos da coroa, estão todos ali a disposição, esperando serem ajuntados pelos sacerdotes fiéis que irão comandar a expedição. Que o solo de Sião seja purificado com o sangue dos incrédulos assassinados.”[2]

Quando as palavras e o fôlego lhe faltavam, ele começava a chorar e a suspirar batendo em seu peito, e levantava o crucifixo como se o próprio Cristo estivesse implorando para que as pessoas se unissem ao exército de Deus. Seu frenesi* irracional tinha um efeito maravilhoso sobre todas as classes de pessoas em todas as terras. Homens, mulheres, crianças se amontoavam para tocar em suas vestes. Até mesmo os pelos que caíam da mula em que ele montava eram ajuntados cuidadosamente e guardados como verdadeiras relíquias. Em um curto espaço de tempo ele retornou ao

papa garantindo-lhe que seu apelo havia sido recebido com entusiasmo em todos os lugares. O desejo de segui-lo era tão intenso que, com dificuldade, ele conseguiu impedir que seus ouvintes pegassem imediatamente em armas e o seguissem para a Terra Santa. Nada mais era necessário senão desenvolver um plano de campanha organizado e providenciar um número de líderes para as tropas. Assim, o papa resolveu levar avante esta grande obra.

***

Papa Urbano e as Cruzadas

Em março de 1095, um concílio foi convocado para se encontrar com Urbano na cidade de **Piacenza**, para deliberar acerca da guerra santa e de outras importantes questões. Além da grande obra de libertação, ele não se esqueceu de perseguir sua própria política. Duzentos bispos, quatro mil membros do clero e trinta mil leigos compareceram, atendendo ao convite do papa. Com isso, não havia nenhum prédio capaz de abrigar tamanha multidão. Dessa forma, as grandes sessões foram conduzidas em uma planície próxima da cidade. O objetivo principal era o projeto da guerra santa; porém, o papa aproveitou a oportunidade favorável para confirmar novamente as leis e os princípios estabelecidos por seu grande antecessor, Gregório VII. Enquanto estavam reunidos em Piacenza, foi dada a consagração final a duas das mais fortes características distintivas da doutrina e da disciplina da Igreja Romana: a transubstanciação e o celibato do clero.[3]

No mês de novembro daquele mesmo ano, 1095, outro concílio foi convocado para se encontrar com o papa na cidade de **Clermont**, em Auvérnia. As convocações para este concílio eram urgentes, e foi ordenado ao clero a ganhar os leigos cada vez mais para a causa das Cruzadas. Um grande número de arcebispos, bispos, abades, etc., afluiu. As cidades e os vilarejos daquela vizinhança ficaram cheias de estrangeiros, e numerosos grupos foram obrigados a se abrigarem em tendas espalhadas pelas imediações. O concílio durou dez dias. Os decretos promulgados por Gregório contra a simonia, etc., foram mais uma vez repassados. O papa Urbano se atreveu a dar um passo a mais que Gregório. Ele não apenas proibiu a prática da investidura feita por leigos, mas também

proibiu que qualquer indivíduo do clero jurasse lealdade a um senhor secular. Essa proibição tinha a intenção de abolir, de uma vez por todas, qualquer dependência da igreja do poder secular. Assim, podemos ver o astuto papa se aproveitando de todas as vantagens de sua extrema popularidade e quando as mentes de todos estavam ocupadas com o grande assunto das santas cruzadas. Nenhum momento poderia ser mais favorável para fazer avançar o grande objetivo da ambição papal, que era o reconhecimento da sua supremacia sobre a cristandade latina. Ao mesmo tempo, Urbano aproveitou a oportunidade para se elevar contra o papa rival, Clemente III, bem como contra todos os soberanos seculares que o apoiavam.

Na sexta sessão do concílio, a Cruzada foi proposta. Urbano subiu em uma alta plataforma na área do mercado, construída para essa finalidade, e falou para as multidões que se encontravam ali. Seu discurso foi longo e ardente. Ele se concentrou nas glórias passadas da Palestina, onde cada palmo de solo foi santificado pela presença do Salvador, além de sua mãe virgem e outros santos. De modo vibrante, ele descreveu, com muitos detalhes, o triste estado da terra santa — que estava sob o controle de um povo sem Deus, os descendentes da escrava egípcia. Relatou ainda sobre as indignidades, as humilhações e a tirania a que estavam submetidos, por parte dos turcos, os cristãos redimidos pelo sangue de Cristo. “Lança fora a escrava e seu filho!”, ele exclamou em alta voz. “Que todos os fiéis se armem, e que Deus seja com todos vocês! Alcancem a redenção de vossos pecados — roubo, incêndios e assassinatos — pela obediência. Que a famosa nação dos francos[4] possa exibir seu valor em uma causa onde a morte é o penhor da bem-aventurança eterna. Considerem uma alegria morrer por Cristo no mesmo local onde Cristo morreu por vocês. Não pensem em familiares nem em seus lares, pois vocês devem um amor mais elevado a Deus. Para um cristão, todo local representa o exílio, todo local é seu lar e seu país!” Urbano empregou toda a sua eloquência arrebatadora para inflamar as paixões da multidão. Contudo, é de se temer que seu pretenso zelo pela causa do Senhor, não provinha de motivações genuínas. Ele andava exatamente nas pisadas de seu grande mestre Hildebrando Gregório. Se lograsse convencer os

príncipes e reis a irem nessa expedição danosa, ele teria um jogo fácil na ausência deles. Com isso, teria toda a liberdade para agir como lhe agradasse.

Para concluir seu discurso, esse papa blasfemador ofereceu completo perdão de todos os pecados — de homicídio, adultério, roubo e incêndio — e isso tudo sem o pagamento de nenhuma penitência para todos aqueles que pegassem em armas em defesa da causa sagrada. Ele prometeu a vida eterna a todos os que sofressem a honrosa morte na Terra Santa, ou mesmo a caminho dela. Os cruzados passariam dessa vida, direto para o paraíso. A grande batalha entre a Cruz e o Crescente* seria decidida de uma vez por todas no solo da Terra Santa. Quanto a ele mesmo, disse que era obrigado a permanecer em Roma, pois lhe era necessário cuidar dos interesses da igreja. Caso as circunstâncias o permitissem ele também iria para a batalha; mas, como outrora Moisés, enquanto os israelitas lutavam contra os amalequitas, ele estaria empenhado em constante e fervorosa oração a favor dos lutadores de Cristo.[5]

O discurso do papa foi interrompido por um clamor entusiástico vindo da multidão. De milhares de gargantas ressoou o clamor unânime: “É a vontade de Deus — é a vontade de Deus”. Essas palavras, se tornaram, mais tarde, o grito de guerra dos cruzados; e toda a multidão se declarou disposta a se unir ao exército de Deus. O entusiasmo, uma vez despertado, se espalhou com uma velocidade inconcebível. Alguém disse: “Nunca, talvez, um único discurso de um homem causou resultados tão extraordinários e duradouros como aquele de Urbano II no concílio de Clermont”. Outro, disse: “Foi a primeira explosão de fanatismo que abalou toda a sociedade medieval, da extremidade oeste da Europa até o coração da Ásia, por mais de dois séculos”.

Tendo mostrado de maneira tão clara e concisa quanto possível as causas ostensivas* das cruzadas, ou melhor, dos motivos do papado, tudo o que precisamos fazer agora é fornecer algumas datas e uns poucos detalhes de cada expedição.

***

A Primeira Cruzada

1096 D.C.

O dia 15 de Agosto de 1096, dia do festival da **Assunção de Maria**, foi a data escolhida para que os cruzados iniciassem sua marcha. A excitação havia alcançado seu ápice. As mulheres encorajavam seus maridos, seus irmãos e seus filhos a tomarem a cruz[6]. Todos os que se recusavam, tornavam-se vítimas do desprezo geral. Bens de todos os tipos foram vendidos para levantar dinheiro necessário, mas como todos queriam vender e haviam poucos compradores, os preços caíram extraordinariamente. O clero, aproveitando-se disso, comprava tudo a preços irrisórios, de forma que a maior parte das propriedades privadas passaram às suas mãos. Godofredo penhorou seu castelo em Bulhão, na região de Ardenas, ao bispo de Liège. Os trabalhadores venderam suas ferramentas; os pais de família, os utensílios domésticos; e os criadores de gado seus implementos agrícolas para levantarem os meios e conseguirem comprar seus equipamentos de guerra. A fabulosa riqueza do leste ressarciria amplamente todos os prejuízos — isso fora colocado diante da imaginação deles, já bastante estimulada pelas lendas românticas de Carlos Magno e seus companheiros. Contudo, além do entusiasmo religioso que havia contagiado quase todos os ânimos, havia muitas outras motivações para a participação na guerra santa. Para os camponeses, havia a oportunidade bem vinda, de abandonar sua vida sem perspectiva, de portar armas e de esquecer o serviço devido ao seu rigoroso senhor feudal. Para o ladrão, o pirata, o fora da lei havia perdão e a restauração à vida social. Para o devedor era uma forma de escapar de suas obrigações e, para todos que tomassem a cruz havia a promessa de que a morte na guerra santa os faria participantes da glória e das bem aventuranças e bênçãos dos mártires. A agitação e o entusiasmo produzidos pelo discurso papal era tão grande que, muito antes do tempo indicado para o início da expedição, a impaciência da multidão era praticamente incontrolável.

No início da primavera de 1096, Pedro, o primeiro pregador da Cruzada, iniciou sua marcha em direção ao leste, comandando uma multidão selvagem com a mais variada mescla de pessoas. Cerca de sessenta mil pessoas, pertencentes às mais baixas classes do povo da França e de Lorena, ajuntaram-se ao redor do eremita, e

exigiram que os guiasse na direção do santo sepulcro. Ele agora assumia o caráter sem, todavia, possuir as habilidades de um general, e marchou ao longo dos rios Reno e Danúbio. **Gualtério Sem-Haveres**, um cavaleiro pobre, mas valente, seguiu com outros quinze mil homens. Um monge chamado Godelasco de Orbais, reuniu vinte mil homens, na sua maioria campesinos dos vilarejos da Alemanha, e seguiram de perto a Pedro e Gualtério. Uma quarta multidão de cerca de duzentos mil, composta do que havia de pior dentre o povo, conduzida por um tal Conde Emico, seguia na retaguarda dos outros grupos. De forma que, meio ano antes da data estabelecida para a cruzada, havia cerca de trezentos mil guerreiros da cruz (como eram chamados) a caminho da Palestina. Mas não demorou muito para que ficasse evidente que outro espírito animava-os. Nenhum deles conhecia a cruz, a não ser como um emblema externo de idolatria.

Nada poderia ser mais lamentável e desastroso do que a sorte previsível dessas multidões desregradas. O grande número de pessoas e suas diversas necessidades, logo os compeliram***** a separarem-se. Eles não tinham ordem nem disciplina, e a grande maioria deles não tinha armadura, nem dinheiro. Velhos e enfermos, mulheres e crianças, e os piores tipos de vagabundos acompanhavam o acampamento dos cruzados. Eles não faziam a menor ideia da grande distância até Jerusalém ou das dificuldades e privações que encontrariam pelo caminho. Eram tão ignorantes que ao avistarem a primeira cidade além dos limites do conhecimento que tinham, estavam prontos para perguntarem se aquela era Jerusalém. Assassinatos, incêndios, excessos e atos infames de todo tipo, marcaram o caminho dos tais chamados guerreiros de Cristo. Os inocentes habitantes judeus das cidades às margens dos rios Mosela, Reno, Maine e do Danúbio (através das quais as tropas marcharam) foram saqueados e massacrados sem piedade, acusados de serem assassinos de Cristo e inimigos da cruz. A população da Hungria e da Bulgária se levantaram contra as hordas que por ali passavam, indignados por causa de seus hábitos desordeiros e pilhagens, e grandes multidões foram mortas.

Após indizíveis sofrimentos e muitas aventuras, finalmente Pedro e o que sobrou de seu exército, chegaram a **Constantinopla**. Mas

Aleixo, o imperador grego, estava mais apavorado do que alegre pela chegada daqueles aliados. Ele se apressou em atender ao pedido deles, providenciando barcos para transportá-los através do Estreito de Bósforo. Uma grande batalha aconteceu logo após, ao redor da cidade de Niceia — a capital turca. O exército do eremita foi completamente vencido e dispersado por Suleiman, o sultão* turco de Icônio. Gualtério foi morto, bem como a grande maioria de seus guerreiros. Seus cadáveres foram ajuntados em uma enorme pilha, com o objetivo de servirem como advertência para os outros, da inutilidade de seus esforços. Calcula-se que até o início do verão, trezentos mil indivíduos (alguns elevam o número a meio milhão) perderam a vida sem terem visto a Terra Santa. Daqueles que haviam partido sob a direção de Pedro, não mais do que vinte mil escaparam da morte. Estes retornaram à sua pátria totalmente desanimados, para ali comunicar a triste sorte de seus irmãos que haviam morrido, parte pela fome e a fadiga e parte sob as flechas dos turcos e dos húngaros. O papa Urbano vivenciou o triste desfecho da sua obra, mas morreu antes que Jerusalém fosse tomada.

***

A Segunda Parte da Primeira Cruzada

Enquanto a pobre e enganada multidão plebeia havia sido destruída tão longe de sua pátria, a aristocracia do oeste havia feito os preparativos para a verdadeira Cruzada. Precisamos falar um pouco acerca dos chefes e condutores desse movimento, para que possamos ver como a ilusão religiosa afetou todas as classes sociais da época.

O mais eminente era **Godofredo de Bulhão**, um descendente de Carlos Magno. O posto mais alto na hierarquia foi atribuído a ele, tanto pela sua inteligência e cautela quanto por sua valentia. Ele havia acompanhado Guilherme o Conquistador, da Normandia, quando esse invadiu a Inglaterra. Em outra ocasião, a serviço de Henrique IV, ele conquistou a reputação de ter desferido o golpe mortal em Rodolfo, que pôs fim a guerra civil. No cerco a Roma, ele foi o primeiro do exército de Henrique a subir as muralhas. Godofredo é descrito pelos cronistas de forma marcante, como um

homem de verdadeira piedade, grande honestidade e indulgência, sábio estrategista e corajoso como um leão no campo de batalha. Godofredo estava acompanhado por: seus dois irmãos, Eustácio e Balduíno; Hugo, irmão do rei da França; os condes Raimundo IV de Toulouse, Roberto II de Flandres e Estêvão II de Blois, além de Roberto, duque da Normandia e filho de Guilherme o Conquistador. Todos estes, e com eles uma longa lista dos mais valentes cavaleiros da Europa, ardiam de desejo de se destacarem nessa guerra santa e colocarem suas espadas a serviço da boa causa.

Imagina-se que cerca de seiscentos mil homens deixaram seus lares naqueles dias, acompanhados de um inumerável séquito de serviçais, mulheres e empregados, bem como de trabalhadores de todos os tipos. A dificuldade de garantir a subsistência de tão grande multidão, fez com que as forças fossem separadas em vários grupos e prosseguissem em direção a Constantinopla por caminhos diversos. Determinaram que se encontrariam todos ali, de onde iniciariam juntos suas operações contra os turcos. Após uma longa e penosa marcha, na qual milhares pereceram miseravelmente, os sobreviventes alcançaram a capital oriental. O rei Aleixo estaria agradecido que um número moderado de guerreiros estivesse vindo do oeste para assisti-lo em sua guerra contra os turcos, seus mais perigosos vizinhos. Mas ele ficou consternado ao ouvir a notícia da aproximação de tão numerosos exércitos e seus chefes valentes. A paz de suas terras já havia sido perturbada pelos roubos e os excessos das multidões desenfreadas comandadas por Pedro, o eremita. Agora, ele temia consequências maiores ainda, com a chegada de um exército tão formidável sob o comando de Godofredo. Para aumentar o seu horror, ele tomou ciência de que a companhia de Godofredo era apenas uma parte de todo o exército dos cruzados; e para evitar a concentração dos exércitos nas proximidades de Constantinopla, ele providenciou, tão rapidamente quanto possível, o transporte de cada exército através do Estreito de Bósforo. Embora isso não ocorreu sem atritos, todos os cruzados tinham entrado na Ásia antes da festa do Pentecoste no ano de 1097.

***

O Cerco de Niceia

O zelo e a indignação dos peregrinos subiu ao mais alto nível quando viram a pirâmide de ossos que marcava o local onde Gualtério e seus companheiros haviam sido mortos. Niceia foi cercada e conquistada após cinco semanas, mas os cruzados ficaram muito desapontados com o despojo encontrado. Quando os turcos perceberam que não era possível manter aquela posição, eles, secretamente, concordaram em entregar a cidade a Aleixo. A bandeira imperial foi colocada na cidadela; os pérfidos* gregos que foram introduzidos secretamente, guardaram com grande zelo e vigilância essa conquista extremamente importante para eles. A insatisfação dos chefes do exército não podia mudar nada do ocorrido, e depois de alguns dias de descanso, eles partiram marchando em direção a Frígia, separados em duas divisões.

A grande batalha de **Dorileia** aconteceu duas semanas depois do término do cerco a Niceia. Suleiman agrupou um formidável exército e surpreendeu os cruzados ao atacá-los antes que chegassem a Dorileia. De acordo com os cristãos, a cavalaria inimiga era composta por trezentos mil soldados. O choque foi tão violento e a nuvem de flechas envenenadas tão espessa, que os cruzados, pouco familiarizados com a maneira de lutar dos turcos, foram dominados. Eles foram lançados num estado de confusão tal, que se não fosse a capacidade pessoal e a conduta militar de Boemundo, Tancredo, Roberto da Normandia e a intervenção oportuna da parte de Godofredo e Raimundo, todo o exército poderia ter perecido. A batalha sangrenta durou longo tempo, mas por fim a vitória foi a favor dos cruzados. Todo o acampamento de Suleiman foi conquistado. Superstições afirmam que a vitória foi alcançada pela descida de um exército celestial que veio em socorro dos cristãos.

Em uma marcha de oitocentos quilômetros através da Ásia Menor, o exército sofreu horrivelmente: fome, sede, calor extremo, escassez de alimentos e a dificuldade da marcha contribuíram para dizimar grande parte dos soldados. Frequentemente, centenas morriam em um dia por causa da sede. Cavalos morriam aos montões. A miséria encheu sua medida quando desavenças surgiram entre os líderes, que levaram a abertas inimizades. Mas

apesar de todas as dificuldades, a grande massa de cruzados que havia sobrevivido a essas calamidades, manteve seu curso em direção a Jerusalém. Insatisfeito, Balduíno o irmão de Godofredo, se separou do exército principal com os seus e foi em direção ao Eufrates. Ele foi bem sucedido em sua conquista da cidade de **Edessa** e fundou o primeiro principado dos latinos no leste.

***

O Cerco de Antioquia

No dia 18 de outubro de 1097 os “guerreiros da cruz” cercaram a cidade de **Antioquia**, onde os discípulos foram chamados de cristãos pela primeira vez (At 11:26). Essa cidade havia se tornado o centro dos trabalhos missionários do grande apóstolo. Mas quão diferente era o espírito que animava esse supremo líder — que em sua ímpia arrogância se chamava a si mesmo representante de Cristo — e dos cristãos que agora estavam reunidos diante de Antioquia; quão mudados os seus caminhos e sua maneira de pensar! A culpa e o sangue desse gigantesco engano popular se acumula. Jezabel ainda reina sobre a igreja e o Estado, e tanto amigos quanto inimigos devem ser sacrificados para que ela alcance seus objetivos e tenha sua ambição satisfeita. Mas, se aproxima velozmente o dia em que o sangue que ela derramou lhe será requisitado, e o juízo de Deus será de acordo com os motivos e com as ações culposas praticadas por ela. O testemunho que, graças a Deus saiu de Antioquia no primeiro século, é claro e verdadeiro hoje como o foi naqueles dias. O mesmo retém uma autoridade igual sobre o coração e a consciência, independente das dezenas de milhares de ribeiros corruptos que alegam fluir da mesma fonte. É com a doutrina dos apóstolos e não com a tradição dos pais que nós temos que tratar. Em todas as épocas o credo dos cristãos deve ser: a pessoa de Cristo para o coração, a obra de Cristo para a consciência e a palavra de Deus para iluminar o caminho.

O cerco de Antioquia durou oito meses. Os sofrimentos que o exército suportou durante esse tempo é totalmente indescritível. Por algum tempo, as riquezas do solo e o maravilhoso clima pareciam compensar as misérias experimentadas durante a marcha; mas o

inverno chegou e com ele, um tempo da mais terrível carência. As pesadas chuvas inundaram o acampamento, e os frequentes e fortes ventos rasgaram as tendas; a fome e pestes de todo tipo ceifavam vidas. A carne de cavalos, cachorros e até mesmo dos inimigos mortos foram devoradas com avidez*. No início do cerco, os cavalos dos cruzados somavam setenta mil, já no final o número havia caído para dois mil, e entre esses, apenas duzentos ainda podiam ser usados no serviço militar. Não fosse a chegada de ajuda inesperada, todos teriam perecido. Através da traição de um oficial sírio da cidade, que gozava da confiança do emir* e que era responsável pela defesa de três torres, foi aberto, de noite, um dos portões da cidade. O exército invadiu a amada cidade, proferindo o grito de guerra dos cruzados: “É a vontade de Deus!” e provocaram um horrível banho de sangue em meio dos apavorados habitantes; e assim, Antioquia passou às mãos dos cristãos no dia 3 de junho de 1098. Mas a vitória não estava completa. A guarnição da cidadela se negou de forma pertinaz a se entregar. Além disso, um avassalador exército de turcos apareceu, sob o comando de Kerbogha, príncipe de Mossul. Durante vinte e cinco dias os cruzados se viram, outra vez, à beira do abismo da destruição completa entre Kerbogha e a guarda da fortaleza. Mais uma vez eles viveram todas as aflições pelas quais já haviam passado; novamente, foram vítimas de uma fome terrível.

Quando todos se desalentaram e uma profunda indiferença se apoderou de todos os corações, apareceu um astuto monge, de nome **Bartolomeu**; apresentou-se aos líderes e declarou que o céu havia lhe revelado em um sonho, que sob o grande altar da igreja de São Pedro seria encontrada a lança que perfurou o Senhor na cruz. O piso foi aberto, mas depois de cavar mais de três metros eles não haviam encontrado o objeto que tanto procuravam. Naquela noite, descalço e com roupas de penitente, o próprio Bartolomeu desceu para dentro da cova e continuou a cavar. Logo, o ressoar do metal foi ouvido e instantes depois, o esperto sacerdote mostrou triunfante a ponta de uma lança; era a lança sagrada, disso ninguém duvidava. Assim que tiveram o primeiro vislumbre da arma, os desalentados cruzados passaram de um estado de desespero para o de ardente entusiasmo. Um salmo marcial foi entoado pelos

sacerdotes e monges, que ressoou pelas ruas: “Que Deus se levante, e que seus inimigos sejam espalhados”. Os portões de Antioquia foram abertos e, agora, os guerreiros fanáticos avançaram contra os desavisados turcos; com a lança sendo carregada à frente pelo capelão do núncio* papal. Os sarracenos não puderam resistir a esse ataque furioso e buscaram sua salvação em uma fuga desesperada, deixando para trás uma enorme quantidade de despojos. **Boemundo** foi proclamado príncipe de Antioquia, sob a condição de que os acompanharia até Jerusalém.

***

O Cerco de Jerusalém

1099 d.C.

Em vez de marchar imediatamente para **Jerusalém** depois dessa vitória decisiva que havia reanimado as tropas e enchido de horror aos inimigos, os cruzados passaram o precioso tempo totalmente inativos. Viveram no bem-estar ocioso por dez meses, aproveitando os benefícios oferecidos pela Síria. Quando finalmente as ordens para marchar foram dadas no mês de maio do ano seguinte, apenas uma pequena parte daquele que havia sido um poderoso exército permanecia. Supõe-se que trezentos mil soldados chegaram a Antioquia, mas, um ano e meio depois, a fome, doenças e a espada, havia reduzido para aproximadamente quarenta mil. À medida que o remanescente do exército se aproximava do seu destino, depois de longa e perigosa viagem, mais crescia o entusiasmo. Passaram por Tiro, Sidom, Cesaréia, Lídia, Emaús e Belém. Finalmente, quando alcançaram o topo de uma elevação puderam ter a visão tão esperada da santa cidade e lágrimas de alegria encheram os olhos dos rudes guerreiros. O grito: “Jerusalém! Jerusalém! É a vontade de Deus! É a vontade de Deus!” se fez ouvir. Todos se ajoelharam e beijaram fervorosamente o solo sagrado. Mas ainda era necessário vencer uma árdua tarefa: Jerusalém estava muito fortificada e eles não dispunham dos equipamentos necessários para tentar um ataque.

O cerco durou apenas quarenta dias, mas foram dias de grande sofrimento e privações para os sitiadores. Era principalmente a sede produzida pelo sol impiedoso do meio do verão que fazia com que a

situação fosse quase insuportável. O ribeiro do Cédron estava seco, as cisternas haviam sido destruídas ou envenenadas. Suas provisões haviam chegado ao fim. A miséria se elevou tanto que os cruzados duvidaram do sucesso da sua empreitada. Mas como aconteceu em ocasiões anteriores, a superstição veio salvá-los. Godofredo viu no monte das Oliveiras um guerreiro celestial agitando o seu escudo brilhante, que parecia animá-los para mais um ataque. Com renovado ânimo eles atacaram os incrédulos e, no dia 15 de julho de 1099, após uma batalha feroz, tornaram-se senhores da santa cidade. Era, como se conta, uma sexta feira às três horas da tarde que Godofredo de Bulhão foi o primeiro a subir vitorioso sobre os muros de Jerusalém; o dia e a hora da morte do Senhor. Ele pulou para dentro da amada cidade, acompanhado por Tancredo, e seguido por seus soldados que encheram todas as ruas com uma espantosa carnificina.

"Os cruzados", diz Robertson, "inflamados até a loucura pelo pensamento dos males infligidos a seus irmãos e pela obstinada resistência dos sarracenos, não pouparam nem mulheres, nem idosos, nem crianças. Setenta mil maometanos foram massacrados. Muitos que haviam recebido dos líderes a promessa que suas vidas seriam poupadas, mais tarde caíram pela espada impiedosa de soldados comuns. Na área do templo e do pátio de Salomão o sangue estava na altura dos joelhos dos cavalos, e, na fúria generalizada contra os inimigos de Cristo, os judeus foram queimados dentro de sua sinagoga, para a qual haviam se refugiado. Godofredo não participou das atrocidades. Imediatamente após a vitória reapareceu vestindo roupas de peregrino, dirigindo-se para a igreja do santo sepulcro, onde derramou suas ações de graças por lhe ter sido permitido alcançar a santa cidade. Pouco a pouco, muitos seguiram seu exemplo, abandonaram sua terrível obra e derramaram lágrimas de alegria e penitência, e ofereceram sobre o altar o despojo que haviam tomado. Mas logo os sentimentos se inverteram, eles correram de volta às suas armas e retomaram a matança desumana; por três dias, Jerusalém esteve inundada de sangue."[7]

***

JERUSALÉM NAS MÃOS DOS CRISTÃOS

Jerusalém, que havia suspirado sob o jugo maometano desde que fora conquistada por Omar em 637, era, agora, novamente controlada pelos cristãos. Oito dias depois deste memorável evento os chefes vitoriosos procederam a eleição de um rei. Pela unânime voz do exército, Godofredo de Bulhão foi proclamado o mais digno para ser rei de Jerusalém. O humilde e piedoso guerreiro se declarou disposto a aceitar essa posição da mais alta responsabilidade, porém recusou se vestir com os símbolos da dignidade real; pois dizia: “De que maneira poderia ser chamado rei e usar uma coroa de ouro, quando o Rei dos reis, meu Salvador e Senhor, havia usado uma coroa de espinhos?”. Ele se sentia plenamente satisfeito com o humilde título de Defensor e Barão do Santo Sepulcro.

Pouco tempo depois de Godofredo se assentar em seu trono, ele foi novamente chamado ao campo de batalha. Uma grande força de sarracenos vinda do Egito estava se aproximando, velozmente, de Jerusalém, para vingar a perda sofrida. Mas, mais uma vez, os cruzados foram vitoriosos apesar de seu pequeno número; naquela que ficou conhecida como a **Batalha de Ascalão**, onde os sarracenos foram definitivamente vencidos. Agora que a posição de Godofredo havia sido suficientemente estabelecida, a maior parte do exército se preparou para retornar à Europa. Depois de subir ao monte do Calvário, em meio aos altos louvores entoados pelo clero e encharcando com suas lágrimas o solo sagrado, banhando-se no Jordão, carregando em suas mãos ramos de palmeiras da cidade de Jericó, e portando relíquias inumeráveis, eles, finalmente, partiram de volta para seus lares. Entre os que retornaram estava Pedro o eremita, que viveu o resto dos seus dias em um monastério que ele mesmo havia fundado, na cidade de Huy, Bélgica moderna, perto de Liège, até sua morte em 1115.

Somente trezentos cavaleiros e dois mil soldados de infantaria ficaram com Godofredo para a defesa da Palestina. Mas o reino recém-estabelecido estava prestes a sofrer um novo ataque por um inimigo que já conhecemos muito bem — *o ganancioso supremo sacerdote de Roma*. Em nome do papa, foi nomeado um novo Patriarca de Jerusalém, o qual impôs tantas exigências ao Estado

que o deixou na maior miséria. O piedoso Godofredo se sujeitou as condições impostas pelo papa. Tanto ele quanto Boemundo receberam investiduras das mãos do Patriarca e, com isso, o cetro de Jerusalém, na realidade, passou às mãos desse homem, ou melhor, às mãos do ambicioso papa. Extenuado e sentindo que seu grande trabalho estava completo, Godofredo tinha pouca disposição para lutar contra o papa, e assim, ele permitiu que o mesmo usurpasse a jurisdição sobre a cidade de Jerusalém, tanto em questões espirituais quanto seculares. Os cristãos gregos foram perseguidos pelos latinos como cismáticos*. Com isso, o abismo entre as igrejas do Oriente e do Ocidente foi muito ampliado.

Após estabelecer a língua francesa e lançar as bases de um código de leis, que se tornou famoso mais tarde sob o nome de "Tribunais de Jerusalém", e mantendo sua dignidade por pouco mais de um ano, o bravo e vitorioso Godofredo — o verdadeiro herói da Cruzada — morreu em 17 de agosto do ano 1100.

***

A Segunda Cruzada

1147 d.C.

Uma vez que apresentamos a descrição da primeira Cruzada com muitos detalhes, tudo o que temos que fazer agora é fornecer as datas e alguns pormenores, das sete Cruzadas seguintes. As mesmas causas pouco justificadas e não bíblicas, mas entusiasmadas, e os mesmos resultados desastrosos, são evidentes em cada uma das expedições. Muitos descrevem essas outras Cruzadas como uma repetição frágil e desastrada da primeira.

Os descendentes imediatos dos cruzados que ficaram na Síria, se entregaram aos poucos a uma vida luxuosa e efeminada. A consequência natural disso era o total enfraquecimento e desmoralização. Por outro lado, os maometanos, tendo superado o súbito terror e a consternação* causada pelas armas cristãs, juntaram uma grande força e inquietavam os novos possuidores da Palestina com constantes ataques. Em 1144, **Zengi**, príncipe de Mossul, reconquistou a cidade de Edessa. Seus habitantes foram massacrados, a cidade saqueada e completamente destruída. O júbilo dos maometanos era ilimitado. Eles ameaçaram Antioquia e a

coragem dos cristãos começou a sucumbir. Com lágrimas eles imploraram a ajuda dos reis e dos exércitos da Europa. “Os inimigos da cruz estão avançando!”, eles clamavam. “Milhares de cristãos têm sido massacrados e ninguém será deixado vivo na Terra Santa a menos que o socorro seja enviado rapidamente.”

O pontífice romano **Eugênio III**, solícito, deu ouvidos ao pedido de socorro dos oprimidos e incentivou o povo para uma nova Cruzada. Os reis, príncipes e o povo da Europa foram convocados através de cartas emitidas pelo papa para uma guerra santa. A *pregação* promovendo a Cruzada nesses países foi sabiamente delegada ao celebrado **Bernardo**, abade de Claraval. Ele era um homem de imensa influência, com um caráter santo e de grande reputação como alguém capaz de realizar milagres. Como outrora seu antecessor Pedro de Amiens, ele descreveu com grande eloquência os sofrimentos dos cristãos no Oriente, a profanação dos lugares santos pelos infiéis, e a certeza da vitória dos exércitos de Cristo. **Luis VII** da França, sua rainha e um vasto número dos seus nobres, fizeram o voto de participarem da guerra santa. **Conrado III**, imperador da Alemanha, depois de resistir por um tempo aos apelos de Bernardo, finalmente declarou-se pronto a obedecer ao chamado do serviço de Deus. Muitos dos príncipes da Alemanha seguiram o exemplo do imperador, adotando a cruz — que era como tal decisão era chamada naqueles dias. Mas, como sabemos, ela não era portadora nem da verdade nem da graça de Deus. Tratava-se apenas de um assustador engano de Satanás, e a prostituição perversa de um símbolo sagrado sendo usado para cegar e arruinar a vida de milhares de seres humanos.

Assim que a participação destes poderosos príncipes fora assegurada, começaram os preparativos para a expedição. Foram reunidas tropas, armamentos e provisões de alimentos. Já na primavera do ano 1147 o exército, separado em duas divisões, se pôs em movimento em direção à Palestina. O exército consistia em mais de novecentos mil homens; eram predominantemente franceses, alemães e italianos. Bernardo lhes fazia crer — e eles também pensavam — que empreendiam essa expedição com a aprovação dos céus e esperavam dar agora o último golpe ao poder maometano, firmar o reinado de Jerusalém e assegurar a paz dos

cristãos latinos. De certo modo, a segunda Cruzada se diferenciava da primeira: a primeira Cruzada era o resultado de um entusiasmo que havia tomado conta de todas as classes e camadas da população; já a segunda, pelo contrário, nada mais era que um grande movimento europeu, encabeçado por dois reis e seus nobres e que foi apoiado por meio da riqueza e da influência de várias nações. A sorte desse enorme exército, porém, não seria melhor daquela dos grupos desordenados de Pedro, o eremita. Já na Grécia, as dificuldades tomaram dimensões assustadoras. Os gregos traidores, que temiam mais aos cruzados que aos maometanos, os enganavam onde podiam, lhes vendiam os alimentos somente pelos preços mais altos, e buscavam colocar-lhes todo tipo de empecilhos no caminho. O imperador grego ficou apavorado pela aproximação de quase cento e quarenta mil cavaleiros fortemente armados e todo seu séquito. Ele enviou mensageiros aos líderes da expedição e fez com que jurassem que não lhes fariam mal algum.

Em solo asiático, o exército foi conduzido pelos guias gregos para o caminho errado, da maneira mais infame; foram traídos e entregues aos seljúcidas.

Em 1149, Conrado e Luis conduziram de volta para a Europa os poucos soldados que sobreviveram. O que havia acontecido com todos os outros daquele formidável exército? Seus ossos estavam espalhados por todas as estradas e desertos por onde haviam passado. Aproximadamente um milhão de pessoas havia perecido em menos de dois anos. Uma grande murmuração se levantou contra Bernardo, por cujas pregações, profecias e milagres a maioria desses infelizes havia sido motivado a participar da expedição. Mas o inteligente abade convenceu o povo de que ele estava certo em tudo o que disse, e que o fracasso da expedição era um justo castigo dos céus pelos pecados dos próprios cruzados. Assim, podemos ver que o único efeito da segunda Cruzada foi desperdiçar as riquezas da Europa e sacrificar o que havia de melhor em seus exércitos. E tudo isso sem melhorar em nada a condição dos cristãos no Oriente.

***

A Terceira Cruzada

1189 d.C.

No ano de 1187 o muito famoso **Saladino**, sultão do Egito invadiu a Terra Santa comandando um grande exército. Seu objetivo maior era reconquistar a cidade de Jerusalém das mãos dos cristãos. Tendo obtido uma grande vitória em Tiberíades e tomando o rei de Jerusalém como prisioneiro, ele avançou com os seus exércitos em direção à Cidade Santa e cercou-a. A cidade rendeu-se a Saladino no dia 3 de Outubro. As cruzes foram lançadas ao chão, as relíquias foram espalhadas, os lugares sagrados profanados e a adoração maometana restaurada. No entanto, a conduta de Saladino, o conquistador maometano, estava completamente despida do espírito vingativo que outrora havia animado os francos sob o comando de Godofredo. Ele poupou o santo sepulcro, e permitiu aos cristãos visitá-lo em troca do pagamento de uma taxa. Sua generosidade para com os cativos é celebrada por todos os historiadores. Milhares foram postos em liberdade sem pagamento de resgate, e muitos receberam dinheiro para poderem voltar para a Europa. Os cristãos que queriam permanecer em seus lares tiveram a permissão, em troca de pagarem um tributo.

A notícia da conquista de Jerusalém pelos turcos despertou ira e consternação em toda a cristandade. Outra vez o clamor de socorro foi ouvido da parte dos cristãos no Oriente. Mas dessa vez, seus irmãos no Ocidente não estavam tão dispostos a ouvirem como antes. Quarenta anos apenas haviam se passado desde a última lastimável e fracassada expedição, e a Europa ainda não tinha se esquecido do monstruoso prejuízo material e de vidas humanas. Mas a causa foi abraçada, de forma vigorosa, pelo papa Clemente III. Os cardeais assumiram o compromisso de não mais montarem um cavalo “enquanto a terra onde o pé do Senhor pisou, estivesse sob o domínio dos incrédulos”. Em vestes de frades mendicantes* eles cruzaram o país pregando as Cruzadas. O interesse aumentou gradualmente, apesar de muitos hesitarem, num primeiro momento, a assumir compromisso com aquela empreitada. Mas os sacerdotes perseveraram e, sob a sua influência, os três maiores príncipes da Europa foram levados a aceitar a cruz das suas mãos. Seus súditos

tiveram que pagar um imposto, sob o nome de “dízimo de Saladino”, para fazer frente às despesas da guerra.

Na primavera de 1189 a terceira Cruzada foi iniciada sob a condução de **Frederico I**, da Alemanha, cujo apelido era Barbarossa; acompanhado por **Filipe Augusto**, da França; e **Ricardo I**, da Inglaterra, apelidado Coração de Leão. Nessa ocasião, Barbarossa tinha sessenta e sete anos e comandava um imponente exército. Eles passaram pelas províncias da Hungria, Bulgária e Grécia, como os peregrinos do passado haviam feito. Se depararam com as mesmas dificuldades nos dois primeiros países e traídos pelo último, como outrora os líderes das primeiras Cruzadas. Oitenta e três mil alemães cruzaram o Helesponto[8], e por alguns dias sua marcha através da Ásia menor prosperou. Mas os guias gregos e os intérpretes haviam sido subornados para enganarem as tropas imperiais. Certa manhã, estando no meio de uma região desértica, os guias desapareceram. Não era possível encontrar alimento para eles e nem para os animais; os cavalos morreram em grande número. A carne dos mesmos foi devorada avidamente pelos soldados famintos. Ainda assim Barbarossa manteve uma severa disciplina. As tropas, após indizíveis fadigas e muito debilitadas pela fome, pelos esforços e pelos constantes ataques da cavalaria turca que vagueava pela região, chegaram a Icônio. Ousadamente, o imperador Frederico atacou as forças turcas ali reunidas, cujo número superava a do seu exército. A furiosa batalha se estendeu por vários dias; finalmente, o exército dos cruzados venceu e os turcos fugiram. O filho de Frederico cercou Icônio e obrigou a cidade a se entregar. O exército, revigorado pela abundância de provisões encontradas em Icônio, seguiu em frente na esperança de rapidamente alcançar o objetivo da sua expedição. Mas, não muito tempo depois (em 10 de junho de 1190), seu grande líder morreu afogado no rio Selef, nas proximidades de Tiro. Seu filho, o duque Frederico VI, veio a falecer em janeiro do ano seguinte, devido a uma forte febre. Com isso, todo o exército foi tomado de uma profunda consternação e desânimo; muitos duvidavam do êxito da expedição e voltaram de barco à Europa. Sessenta e oito mil indivíduos do exército alemão tinham perdido a vida em menos de dois anos.

Os exércitos ingleses e franceses alcançaram a Palestina pelo mar em 1190, e lutaram sob uma única bandeira. Todavia, depois da conquista de Acre, Filipe retornou para a Europa deixando Ricardo encarregado de conduzir a guerra. A temida bravura do rei “Coração de Leão” tem sido muito celebrada tanto na história inglesa quanto na maometana, pela vitória que obteve sobre Saladino em Ascalão. Depois, tendo concluído um tratado de paz que garantia certos privilégios aos peregrinos em Jerusalém bem como ao longo da costa, ele iniciou seu retorno para a Inglaterra em 1192, contudo, chegou lá somente dois anos mais tarde, devido a grandes dificuldades e aventuras. Saladino morreu na primavera de 1193, alguns meses após a partida de Ricardo. Calcula-se que nessa expedição, mais de meio milhão de guerreiros cristãos professos, pereceram. Apenas no cerco à cidade de Acre, cento e vinte mil cristãos e cento e oitenta mil maometanos perderam a vida. Essas foram as alegadas guerras santas dos concílios romanos inspiradas pelo inferno.

***

As Cruzadas Restantes

1195–1270 d.C.

A **quarta Cruzada**, que começou em 1195, sob o comando do imperador Henrique VI, filho de Barbarossa, foi de natureza mais política do que religiosa. Seu objetivo não era tanto a libertação da Terra Santa como a destruição do Império Grego. Depois de alguns confrontos bem sucedidos, Henrique veio a falecer e os alemães resolveram retornar para seus lares. O papa Celestino III que havia incentivado a expedição morreu poucos meses depois do imperador, no ano 1198.

Podemos nos poupar de descrever a **quinta** e **sexta Cruzadas**, apenas seria uma repetição dos relatos anteriores; mas a sétima e a oitava merecem ser mencionadas brevemente.

Luís IX, rei da França, que é geralmente conhecido pelo nome de São Luís, acreditava que havia sido curado de uma grave enfermidade pela ajuda dos céus para levar adiante o projeto da reconquista da Terra Santa. Não havia nada que pudesse dissuadi-lo desse pensamento. Após quatro anos de preparação ele navegou

para a ilha de Chipre em 1248 e dali, na primavera de 1249, à costa do Egito, acompanhado por sua esposa, seus três irmãos e todos os cavaleiros da França. Depois de umas poucas, mas emocionantes vitórias, incluindo a conquista de Damieta, ele foi derrotado e feito prisioneiro juntamente com seus dois irmãos. O conde de Salisbury, que o havia acompanhado, pereceu juntamente com a maioria das tropas inglesas. A peste e a fome começaram a sua terrível obra entre os francos. O desespero crescia a cada instante. A frota naval foi completamente destruída e os sarracenos, em grande número, apertavam o cerco ao redor deles. Finalmente, uma trégua na guerra foi assinada com a duração de dez anos. Contudo, a liberdade do rei teve que ser comprada mediante o pagamento de um grande resgate. Assim que foi libertado, ele se dirigiu à Palestina para visitar os lugares sagrados. Algum tempo depois, o rei retornou para a França. Embora o fim desse empreendimento fora tão lastimável, ele não podia se livrar do pensamento de que o céu lhe havia confiado essa grande missão de libertação dos cristãos do Oriente.

Por fim, seguindo o impulso de seu coração, em 14 de março de 1270, ele iniciou sua *segunda* e a **oitava Cruzada**. Ele estava tão fraco que não podia nem vestir sua armadura nem cavalgar por muito tempo. Mal aportou com seus exércitos na costa da África, quando todas as suas esperanças pereceram. As tropas turcas, o clima contrário, a falta de água e comida, tudo conduziu para o desfecho fatal. Seu exército foi praticamente destruído; seu filho, João Tristão, adoeceu logo nas primeiras semanas e faleceu; no mês de agosto, o pai enlutado, longe da sua pátria, também expirou. Os poucos sobreviventes retornaram para a Europa, e assim, terminaram essas guerras santas. O objetivo das cruzadas — a libertação da Terra Santa — estava mais longe do que nunca.

***

A Cruzada das Crianças

1213 d.C.

Entre a quinta e a sexta Cruzadas, por volta do ano 1213, a agitação e a loucura religiosa daqueles tempos, produziram algo muito estranho e ao mesmo tempo entristecedor: uma Cruzada

composta exclusivamente de crianças. Um pastor, muito jovem, chamado Estevão, nascido próximo a Vendome na França, alegou que havia recebido, em uma visão do Senhor, a missão de pregar a cruz. Atraídos por suas maravilhosas revelações, logo se juntaram a seu redor muitas outras crianças, e elas começaram sua viagem com a expectativa de conquistar os infiéis mediante o cântico de hinos e recitando orações. Elas passaram através das cidades e dos vilarejos cantando e carregando cruzes e bandeiras. Seu canto dizia: “Ó Senhor, nos ajude a conquistar a Tua verdadeira e santa cruz”. Um movimento semelhante a esse se originou na Alemanha, mais ou menos na mesma época. Somos informados que o número de seguidores aumentava bastante à medida que caminhavam, até chegarem a, mais ou menos, noventa mil garotos, com a idade entre dez e doze anos, que estavam prontos para peregrinar até a Terra Santa. Naturalmente, a expedição teve um fim rápido e infeliz. Muitas dessas desafortunadas crianças morreram de fome e fadiga. Outras foram traídas por capitães inescrupulosos que, prometendo levá-las à costa da Palestina, acabaram por vendê-las como escravos. A insanidade religiosa daqueles dias era tão grande que o papa, em vez de impedir energicamente tais movimentos, declarou que o zelo manifestado pelas crianças servia para envergonhar a indiferença de seus pais.[9]

***

Reflexões Acerca das Cruzadas

São muitas e variadas as opiniões dos historiadores acerca da origem, caráter e consequências das cruzadas. Todos concordam, todavia, que elas tiveram uma imensa influência no curso das questões humanas, especialmente, na Europa e na Ásia. Elas foram o meio, sob a poderosa direção de Deus, para modificar por completo a estrutura da sociedade nesses continentes. Desde o servo até o soberano, todas as classes experimentaram uma grande mudança. A condição social dos servos e dos vassalos foi amenizada, o número e o poder dos senhores feudais diminuiu e a força dos soberanos cresceu. Por esses mesmos instrumentos, o comércio foi grandemente melhorado; porém, pelo contrário, muitos barões empobreceram mais e mais. Muitos penhoraram seus bens a

cidadãos ricos; isso, com o passar do tempo, acabou por estabelecer uma terceira classe — a classe das pessoas comuns, distinta da classe dominante e dos servos. As liberdades, tanto civis quanto religiosas da Europa, surgiram com o aparecimento desta última classe.

O papado foi o que mais ganhou com as cruzadas. O poder, a influência e a riqueza do papa, e também a do clero e das instituições monásticas, cresceu espantosamente. E esse havia sido, todo o tempo, o grande objetivo dos planos do papado. Tudo aquilo pelo que Hildebrando lutou e contemplou apenas à distância, Urbano conquistou e usou com grande habilidade e astúcia. Tal supremacia foi obtida através de meios astutos, *aparentemente*, bons e santos, mas *na realidade*, de modo sutil e satânico. A teoria era essa: “o cruzado era o guerreiro da igreja, e a obediência que lhe devia, o libertava de todos os outros compromissos”. Nunca existiu uma teoria tão abrangente, niveladora e injusta imposta aos seres humanos. Mas era exatamente na sua aparente piedade, que se encontrava sua sutileza perversa mais profunda.

Quando Urbano se colocou como a cabeça dos exércitos da fé em 1095, ele assumiu o comando daquele movimento, tornando-se o provedor de suas bênçãos, seu conselheiro e legislador infalível. Ele pregava que não se tratava de uma guerra nacional da Itália, França ou Alemanha contra o Império Egípcio, mas uma guerra santa dos cristãos contra os maometanos. Nenhum cristão deveria fazer guerra a outro cristão, mas todos deveriam se unir em uma santa aliança contra um inimigo comum — os infiéis. Os privilégios prometidos a todos os guerreiros de Cristo eram grandes e numerosos, como podemos bem perceber pelo discurso de Urbano. A eles estava assegurada a imediata remissão de todos os seus pecados, o acesso ao paraíso de Deus, caso fossem mortos na batalha ou caso viessem a falecer a caminho da Terra Santa. Além disso, no que diz respeito a essa vida, o papa declarou que todas as obrigações temporais, civis e sociais estavam dissolvidas pelo ato de tomar a cruz. Dessa maneira, todos os vínculos que mantinham a sociedade interligada, foram rompidos. Um novo princípio de obediência surgiu e o papa se tornou, de certa forma, o senhor feudal de todo o gênero humano.[10]

***

Os Cavaleiros Templários e Hospitalários

Devemos notar, antes de encerrar este assunto, que durante essas guerras dos cristãos com os maometanos surgiram três ordens militares religiosas muito celebradas: os Cavaleiros do Templo de Salomão ou Templários; os Cavaleiros Hospitalários e os Cavaleiros Teutônicos. As obrigações desses cavaleiros, de acordo com as prescrições e regras de seus fundadores, consistiam predominantemente em oferecer proteção e assistência aos pobres, aos enfermos e feridos entre os peregrinos e defender Jerusalém e a Terra Santa. Em pouco tempo tornaram-se extremamente populares. Muitos entre os nobres da Europa aceitaram a cruz e fizeram um voto se associando a algum dos cavaleiros da Palestina. A superstição logo os enriqueceu e, é quase desnecessário dizer, que tal riqueza os corrompeu. Por outro lado, a riqueza deles despertou a inveja e a cobiça de outros. Depois dos cristãos terem perdido o controle da Terra Santa, esses cavaleiros foram dispersos através de vários países. A Ordem dos Cavaleiros Templários foi dissolvida pelo Concílio de Viena no século XIV, e aquela pertencente aos Teutônicos no século XVII, pelas autoridades alemãs. Os Cavaleiros Hospitalários obtiveram de Carlos V a posse da ilha de Malta, e são conhecidos até hoje como os Cavaleiros da Cruz de Malta.[11]

---

[1] Seguidor do islamismo, ou da doutrina de Maomé.

[2] White's *Eighteen Christian Centuries*, p. 246.

[3] Waddington, vol. 2, p. 102.

[4] Os franceses.

[5] Robertson, vol. 2, p. 630; Milman, vol. 3, p. 233.; Waddington, vol. 2, p. 77.

[6] Todos os participantes das cruzadas afixavam, segundo um antigo costume de peregrinos e como sinal do empreendimento comum, uma cruz vermelha no seu ombro direito.

[7] Robertson's *Church History*, vol. 2, p. 641. White's *Eighteen Christian Centuries*.

[8] Denominação antiga do estreito de Dardanelos que une o continente europeu com a Ásia Menor.

[9] Robertson, vol. 3, p. 341.

[10] Milman, *Latin Christianity*, vol. 3, p. 242.

[11] Haydn´s *Dictionary of Dates*.

Capítulo 21

HENRIQUE V E OS SUCESSORES DE GREGÓRIO

1106–1122 D.C.

Uma vez que, no capítulo anterior nos ocupamos com a história das Cruzadas, o que nos levou até o final do século XIII, precisamos agora retornar ao ponto onde paramos na história, com a morte de Henrique IV.

As longas e devastadoras guerras ocasionadas pela disputa entre Gregório e Henrique acerca do direito de investidura, falharam por completo em produzir resultados satisfatórios, e mesmos após a morte desses dois homens, a disputa continuou com igual veemência. Os sucessores de Gregório, impregnados com seu espírito, se empenharam de todas as maneiras para realizar os planos de seu grande mestre. Por outro lado, o novo rei Henrique V estava igualmente determinado a se opor às exigências papais. Ele também queria recuperar tudo o que a sua coroa havia perdido pela tirania espiritual do papado. Henrique estabeleceu bispos mediante a concessão do anel e do cajado, do mesmo modo como seus ancestrais haviam feito, e obrigou as altas autoridades romanas na Alemanha a consagrarem esses bispos. Inumeráveis anátemas e excomunhões originadas de papas e de concílios foram dirigidas contra o imperador rebelde, o qual, despreocupadamente, permitiu que passassem sobre ele. Dessa maneira, a disputa continuou incessantemente, todavia com menos derramamento de sangue do que nos dias de Gregório.

***

A DOAÇÃO DE MATILDE

No ano 1115, “a grande condessa” Matilde da Toscana, faleceu. Antes da sua morte, ela doou todas as suas vastas propriedades à Sé Romana. Tal maneira de agir era completamente contrária às leis feudais existentes, mas estava plenamente de acordo com a lei pontifícia*. Isso motivou uma nova disputa entre o papa e o imperador. Se fosse permitido ao papa tomar posse, sem intervenção, de todos os territórios pertencentes à condessa, ele adquiriria a posição de um rei na Itália. Mas, independente da devoção que aquela grande mulher tinha para com a igreja de Roma e da sinceridade da sua doação, tal ato era contrário à lei e nunca foi executado na prática. Apesar disso, em última instância, o mesmo contribuiu muito para aumentar o poder secular dos papas. Mas não precisamos entrar em muitos detalhes aqui. O mundo finalmente se cansou das contendas infindáveis entre papas, antipapas, reis e prelados. As facções, os perjúrios*, as hipocrisias, o constante derramamento de sangue e as devastações de territórios ricos e frutíferos já duravam mais de meio século, resultando em nada. De ambos os lados, a vontade de guerrear diminuía gradativamente e todos os corações ansiavam pela paz. As chamas da discórdia civil e religiosa, que haviam sido acesas por Gregório e atiçadas mais ainda por seus sucessores, foram apagadas nas enchentes das calamidades. Depois de muitos esforços, a paz foi ratificada* entre os legados* do papa e o imperador, no ano 1122, de acordo com as seguintes condições.

***

A Concordata[1] de Worms

O papa Calisto II, apesar de ser um inflexível defensor das exigências papais, percebendo a vontade geral a favor da paz, deu instruções aos seus legados para convocarem um concílio geral envolvendo todos os bispos e o clero da França e da Alemanha, na cidade de Metz. O propósito desse concílio era buscar restabelecer a concórdia entre a igreja e o Estado. Quando este celebrado tratado foi transcrito em forma de documento e recebeu o selo real do império, a assembleia saiu de Metz para os campos espaçosos próximos à cidade de Worms. Nessa localidade, grande multidão de todas as partes do reino, se juntou para testemunhar a troca das

cópias ratificadas do tratado, que deveria trazer de volta a paz civil e religiosa em toda a Europa. A cerimônia foi concluída, de acordo com o costume daqueles dias, com uma missa solene e o entoar do Te Deum[2], sob a direção do cardeal-bispo de Óstia. Durante a cerimônia o legado papal estava em pé ao lado do imperador e deu a este, em nome do papa, o beijo da paz.

Este tratado foi recebido desde aquele dia e até hoje, como base dos direitos **papais** e **imperiais**. As determinações mais importantes eram:

"O imperador entrega a Deus, a São Pedro, e a Igreja Católica Romana o direito de investidura, mediante a concessão do **anel** e do **cajado**. Ele garante ao clero, através do império, o direito de eleições livres, e restaura à igreja de Roma e a todas as outras igrejas e nobres, as possessões e soberanias feudais que haviam sido tomadas durante as guerras nos dias de seu pai e nos seus próprios dias. As propriedades em sua posse devem ser devolvidas imediatamente, e promete usar sua influência para conseguir a restituição daquelas que não estão sob seu controle. O imperador garante a paz ao papa e a todos os seus partidários e se compromete a proteger, todas as vezes que for chamado para isso, a igreja de Roma em tudo."

Por sua vez, o papa declarou, ainda que de modo relutante, que todas as eleições de bispos e abades deveriam acontecer na presença do imperador ou de seus delegados. As mesmas deveriam ser isentas de suborno e violência e sujeitas a apelos ao metropolitano ou bispo provincial, em casos de contestação dos resultados. O bispo eleito na Alemanha deveria receber, pelo toque do cetro, todos os direitos seculares, províncias e possessões de sua Sé. A única exceção eram as propriedades que estavam sob o domínio imediato da Sé Romana. Os bispos também deveriam cumprir fielmente com todos os deveres assumidos com o imperador, que estivessem relacionados com suas províncias. Em todas as outras partes do império, os direitos do soberano deveriam ser entregues ao bispo consagrado dentro de seis meses. O papa também ofereceu paz ao imperador e aos seus súditos prometendo sua assistência em todos os assuntos legais.[3]

Assim terminou a funesta disputa que lançou a Alemanha na miséria através de uma guerra civil que durou cinquenta anos. O mesmo aconteceu com a Itália através das mais desastrosas invasões. Um momento de reflexão ou a mais simples concessão por qualquer uma das partes seria suficiente para mostrar a terrível iniquidade cometida por aqueles que prolongaram a luta. Mas nem Calisto nem Henrique viveram muitos anos após a **Concordata de Worms**. O papa faleceu em 1124 e o imperador em 1125.

Não será necessário falarmos muito mais acerca dos demais eventos desse século. O mesmo foi grandemente marcado pelas Cruzadas e seus lamentáveis resultados, os quais já tivemos a oportunidade de examinar. Todavia, faremos bem em notar, de modo breve, a vida e o trabalho de alguns homens singulares que apareceram durante esse tempo, cujos nomes são familiares entre nós até os dias de hoje. A história deles nos conduz aos segredos mais profundos e à escuridão da vida experimentada nos monastérios e conventos da Idade Média. Além disso, a história desses indivíduos nos permite aprender mais do estado geral da religião, da literatura, e dos modos e costumes de seu tempo.

***

São Bernardo, Abade de Claraval

O mais celebrado desses homens é o famoso **São Bernardo**. Ele é considerado o mais significativo representante da religião Católica Romana que a igreja já viu desde os dias dos afamados Jerônimo, Ambrósio, Agostinho e Gregório. Durante meio século ele aparece diante dos nossos olhos como o líder e governador da cristandade — o oráculo* de toda a Europa. Os papas foram completamente ofuscados pelo brilho superior do abade. “Ele é o centro”, nos diz um dos seus biógrafos, “ao redor de quem aconteceram os grandes eventos da história cristã. Foi de sua mente que fluíram os impulsos que animaram e guiaram a cristandade latina, servindo ele mesmo como o catalisador dos pensamentos religiosos dos homens do seu tempo. Ele dominava de igual modo o mundo monástico, os concílios dos soberanos seculares e o desenvolvimento intelectual da época. Seus admiradores acreditam que ele refutou a Abelardo pessoalmente, e que reprimiu as mais perigosas doutrinas de

Arnaldo de Bréscia.” Para aqueles que leram a história da sua vida, esse quadro não parece exagerado. Com a finalidade de lançar luz sobre aqueles tempos, nós precisamos em primeiro lugar observar seu treinamento.

Bernardo nasceu em uma família de nobres da Borgonha. Seu pai, Tescelin, era um cavaleiro de grande bravura e também muito piedoso, de acordo com os conceitos religiosos que prevaleciam naqueles dias. Sua mãe, Aleth, também era nobre de nascimento, e um modelo de humildade e amor. Bernardo era o terceiro filho e nasceu em Fontaine, perto de Dijon, em 1090. Desde a sua infância ele meditava constantemente e tinha uma profunda inclinação para contemplações solitárias e estudos. Sua piedosa mãe morreu quando ele era ainda jovem, deixando órfãos seis filhos e uma filha. Nesse tempo, ele teve que escolher sua ocupação na vida. Que caminho deveria seguir? Ele tinha apenas duas escolhas: tornar-se um cavaleiro guerreiro ou um monge consagrado ao jejum e à oração. Bernardo não hesitou muito; sua inclinação a uma vida contemplativa e introvertida o levou a se retirar do mundo e a abraçar com grande fervor a vida monástica. Com a idade de vinte e três anos ele entrou no monastério de Cister.

Quando sua família ficou sabendo da sua decisão, eles se opuseram bastante. Seu pai, Tescelin, e seus dois irmãos, Guido e Geraldo, estavam seguindo o grande duque da Borgonha em suas guerras, como guerreiros da nobreza. Mas a força do caráter de Bernardo era tal, que ele influenciou seus irmãos, um após o outro, e também sua irmã, a fazerem os votos de castidade; e assim, toda a família em um breve período de tempo, desapareceu por trás dos muros do monastério.

***

São Bernardo e o Monasticismo

Um fervor religioso entusiástico ou uma vida solitária e retraída na cela de um mosteiro era considerada, naqueles dias, como a única e verdadeira perfeição de um cristão. Diante disso, é nossa intenção apresentar ao leitor do século XXI algumas poucas peculiaridades daquele sistema. Nosso desejo é que o próprio leitor seja capaz de julgar, por si mesmo, a extrema cegueira de homens piedosos e

crentes, como o próprio Bernardo, em relação ao verdadeiro caráter do cristianismo e as terríveis perversões praticadas. É quase inacreditável quão ignorantes eram, até mesmo os homens mais iluminados daquela época, a respeito das mais simples verdades bíblicas. Não fossem as provas inquestionáveis, seria difícil acreditar nos fatos. A separação do mundo mediante a busca de regiões solitárias e desérticas, as penitências e severas flagelações do corpo eram pregadas como sendo o único caminho seguro para o céu. Os supostos méritos do monasticismo, e não a obra completa realizada por Cristo, representavam a base da admissão por parte de São Pedro na glória celestial. Com isso, nós estamos diante de uma situação onde: quanto mais sério e sincero fosse o monge, tanto mais ele infligia a si mesmo todo tipo de tortura e privações. Este era o engano: “quanto mais ele se afastasse dos homens e quanto mais evitasse a sua companhia, tanto mais ele pensava estar próximo de Deus. A medida dos sofrimentos e das privações constituíam o padrão da sua santidade. Todos os sentimentos e afeições humanas deviam ser exterminados; todos os relacionamentos sociais e vínculos familiares, deviam ser rompidos. Flagelação e oração, oração e flagelação — essas eram as únicas ocupações constantes de uma vida de santidade”.

Temos diante de nós uma obra prima da astúcia de Satanás, o mais terrível engano originado nos conselhos do inferno. Deixe a Santa Bíblia ser seu único guia, meu caro leitor; e descanse seguro no fato de que todos os que creem no Senhor Jesus *são*, não apenas *serão*, mas já estão salvos. Além disso, todos os verdadeiros crentes terão o cuidado de manter a prática de boas obras, em virtude da natureza divina e do poder do Espírito Santo que neles habita.

***

Os Monastérios Cistercienses

Estêvão Harding, um inglês nascido em Sherborne no condado de Dorset, era o abade do monastério em Cister. Ali se seguia as severas regras de São Benedito, por vezes ainda agravadas. Era permitido aos monges uma única refeição comum por dia, precedida

de doze horas de serviço. Nunca comiam carne, peixe, ovos, e muito raramente tomavam leite.

Um biógrafo de Bernardo nos diz que quando alguém desejava tornar-se um monge no mosteiro de Cister, era costume, fazer o indivíduo aguardar por quatro dias antes que fosse introduzido à presença da assembleia reunida. Uma vez apresentado, ele tinha que se prostrar diante do púlpito e o abade lhe perguntava o que desejava. Ele respondia: “A vossa misericórdia e a de Deus”. O abade mandava que se levantasse, e lhe falava da severidade das regras do mosteiro, e tornava a perguntar-lhe acerca das suas intenções. Caso o candidato respondesse que desejava guardar todas as regras, o abade dizia: “Possa, o Deus que iniciou a boa obra em ti, acompanhá-lo até o final”. Essa cerimônia era repetida durante três dias, e depois do terceiro dia o candidato passava da casa de hóspedes para uma das celas reservadas aos noviços, onde, de imediato, tinha início o seu ano de teste; assim como foi experimentada pelo próprio Bernardo. Às duas da manhã o grande sino tocava, e os monges imediatamente se levantavam de suas duras camas e se dirigiam apressadamente, em solene silêncio pelos corredores escuros para a igreja. Uma única e pequena lâmpada suspensa no teto lançava uma luz fraca e trêmula, apenas o suficiente para indicar o caminho a seguir dentro do edifício. Depois da oração, ou do culto eles se retiravam às suas celas e, após um breve repouso, estavam outra vez de pé para a missa matinal, que durava aproximadamente duas horas. Em seguida se envolviam em diversos exercícios religiosos e outros serviços, em parte regulados pela estação do ano — verão ou inverno — até às nove horas da manhã. Depois saíam para trabalhar nos campos. Às duas da tarde a escassa refeição era servida. No início do crepúsculo, o sino vespertino os chamava para o culto da noite. Às seis horas da tarde no inverno e às oito horas no verão, eles terminavam o dia com as orações da última hora canônica e se recolhiam imediatamente aos seus dormitórios.

Não importa quão severas e austeras essas práticas possam nos parecer, elas estavam longe de satisfazer o zelo e o espírito de automortificação da carne de Bernardo. Ele gastava seu tempo em contemplações solitárias e estudos. As horas concedidas para o

sono eram consideradas por ele como tempo perdido. Ele afirmava que alguém dormindo é igual a um morto, assim como diante de Deus os mortos são iguais aos que dormem. Ele lia as Escrituras com grande diligência, e se empenhava em realizar seu próprio conceito de uma religião perfeita e angelical. Seus sentidos estavam tão plenamente separados de qualquer comunhão com o mundo exterior, que pareciam ter morrido para todas as impressões exteriores. Seus olhos eram incapazes de lhe dizer se sua cela tinha ou não teto, se possuía uma ou três janelas. Seu paladar havia perdido por completo a percepção do gosto pelo alimento que ingeria; ele não sabia mais se a comida tinha sabor agradável ou repugnante. Ele bebia óleo, sem, contudo, poder diferenciá-lo da água. Tudo isso, esse pobre homem enganado, fazia para alcançar a salvação, apesar de não duvidarmos de que ele já era salvo pela graça. Mesmo assim, temos que reafirmar, ele não estava satisfeito. Ele sempre falava de si mesmo como sendo um noviço; outros já poderiam ter alcançado a santificação, ele estava apenas iniciando.

***

A Profissão de Fé de Bernardo

Um ano havia se passado desde que Bernardo tinha entrado no mosteiro de Cister. Seu período de teste havia terminado, e ele se preparava para fazer os votos. Essa cerimônia era realizada com grande solenidade, e cercada com tudo o que pudesse elevar a sensação de majestade e assombro. O noviço era chamado para dentro da congregação, e diante de todos, abria mão de qualquer bem pessoal que possuía. Sua cabeça era raspada, e seu cabelo queimado pelo sacristão em uma vasilha destinada para esse propósito. A seguir, ele subia os degraus do presbitério, lia a fórmula dos votos fazendo o sinal da cruz e se aproximava do altar com o seu corpo inclinado. Depois depositava à direita do altar a fórmula do juramento e após ter beijado o altar, retornava até os degraus, ainda inclinado. O abade, estando em pé do outro lado do altar, tomava o pergaminho. Enquanto isso, o noviço prostrado sobre suas mãos e joelhos implorava perdão, repetindo três vezes as seguintes palavras: “Recebe-me, oh Senhor!”. O convento inteiro respondia com um: “Glória ao Pai!”, e o cantor começava um Salmo que dizia:

“Tem misericórdia de mim, oh Deus!”, que era cantado até o final, por dois corais que se alternavam. O noviço então se prostrava aos pés do abade, e depois fazia o mesmo diante do prior, e, sucessivamente, diante de cada membro da irmandade — mesmo diante dos enfermos, caso houvesse algum ali. Próximo do final do Salmo, o abade trazendo seu cajado, se aproximava do novo irmão da Ordem e o fazia levantar. Uma capa de monge era abençoada e aspergida com água benta; então o próprio abade removia do jovem monge suas vestes seculares, substituindo-as pelas roupas monásticas. Com a recitação do “credo” encerrava-se a solenidade, e o noviço havia se transformado em um monge, tomando seu lugar no coral.[4]

***

Bernardo Deixa o Mosteiro de Cister

A chegada de Bernardo, seus parentes e de seus seguidores ao mosteiro de Cister, trouxe uma mudança decisiva para a história do mosteiro. A popularidade do pequeno monastério cresceu, e suas celas estavam lotadas. Logo houve a necessidade de buscar recursos para construir outro monastério. Bernardo foi escolhido por Estêvão — o supervisor geral das comunidades cistercienses na França — como o cabeça do novo mosteiro. Doze monges juntamente com seu jovem abade — representando o Senhor e seus apóstolos — foram reunidos na igreja do mosteiro de Cister. Estêvão colocou uma cruz nas mãos de Bernardo que, de forma solene a frente do seu pequeno grupo, saiu do mosteiro. Depois de terem viajado em direção ao norte por aproximadamente cento e cinquenta quilômetros, eles chegaram a um vale na região de Champagne, chamado Vale do Absinto. O nome desse vale foi então mudado para Claraval — o Vale Claro. Era um local desértico e, por um bom tempo, o pequeno grupo teve que suportar as maiores dificuldades. Uma pequena choça foi levantada por eles mesmos, que apenas os protegia do vento, da chuva, do calor e do frio. Os eremitas foram obrigados a viver de folhas de árvores, nozes, raízes e grãos crus; até que o Senhor, em sua misericórdia, conduziu os corações dos camponeses da vizinhança a trazer-lhes alimentos. Essa ajuda inesperada foi considerada pelos monges

como uma consequência da piedade, das orações e das visões proféticas de São Bernardo. Esses pobres homens enganados não pensavam que o Sustentador de toda a humanidade, era o que, na Sua grande graça, os guardou de morrer de fome.

Guilherme de Champeaux, bispo de Chalons, ouvindo que a vida de Bernardo estava em perigo em decorrência do extremo rigor de suas flagelações, se dirigiu a Claraval e conseguiu afastá-lo dali por doze meses. Ele forçou Bernardo a se alimentar melhor e dar ao seu corpo o descanso necessário; dessa forma o salvou de um suicídio lento, mas garantido. Anos mais tarde, Bernardo expressou sua desaprovação quanto aos excessos de flagelação com os quais ele havia enfraquecido seu próprio corpo e prejudicado sua própria vida.

***

O Poder da Pregação de Bernardo

Logo após esse período, de acordo com os seus biógrafos, a fama e a influência de Bernardo se espalhou rapidamente por uma extensa região. Sua saúde havia sofrido tanto por causa das práticas ascéticas* e penitências constantes, que lhe era impossível trabalhar nos campos junto com seus irmãos, pela subsistência diária. Mas ele trabalhava escrevendo, e suas pregações sérias e eloquentes produziam profundas impressões em toda parte. Seu rosto pálido e abatido, seu corpo magro e debilitado, contrastava de modo singular com sua voz poderosa, falando de forma emocionante e o ardente fervor de seus comoventes e incessantes apelos. Quando era anunciado que ele deveria pregar em determinado lugar, as mulheres se apressavam em esconder seus maridos; mães, a seus filhos; amigos, seus amigos — os levavam para longe do alcance do irresistível poder do santo abade, já que temiam que seus amados se deixassem convencer e renunciassem ao mundo para seguir a vida monástica. Sua reputação como pregador e escritor se espalhou por toda a cristandade. Logo começaram a atribuir-lhe a capacidade de manifestar o poder divino e declará-lo possuidor do dom de realizar milagres.

O “**Vale Claro**” logo foi invadido por candidatos buscando admissão. O número de internos aumentou, em um tempo

incrivelmente curto, para setecentos. Novos assentamentos precisavam ser fundados. Por meio da incansável atividade de Bernardo foram fundados, aos poucos, nada menos que cento e sessenta monastérios. Esses se encontravam espalhados pela França, Itália, Alemanha, Inglaterra e Espanha. De fato, podiam ser encontrados em todos os países do oeste da Europa. E, como podia ser esperado, todos os seus habitantes olhavam com afeição e reverência supersticiosas em direção ao seu fundador. Claraval tornou-se, dessa maneira, uma corte livre e aberta, à qual todos podiam apelar sem nenhum custo, e da qual, se costumava dizer, todos saíam satisfeitos, independente de terem sido justificados ou condenados. Bernardo sabia como se dirigir a pessoas de todas as classes e posições, com um estilo apropriado à capacidade de compreensão deles. Com isso, ele exercia uma influência enorme sobre todos os tipos de homens. Seus admirados discípulos competiam uns com os outros para divulgar por toda parte as supostas maravilhas produzidas por suas mãos ou suas orações, até que cada um de seus atos tornou-se um milagre e cada uma de suas palavras uma profecia. Nem os evangelhos contêm uma quantidade tão grande de milagres como os que encontramos narrados na vida de Bernardo. Ele curava enfermidades apenas tocando as pessoas, e o pão que ele abençoava produzia efeitos sobrenaturais. Um homem cego recebia de volta a capacidade de enxergar, apenas permanecendo no mesmo lugar que antes havia sido ocupado pelo santo homem; e muitas outras coisas semelhantes.

***

A Era dos Milagres e das Visões

Para todos aqueles que não estão familiarizados com o espírito e o caráter emocional reinantes na Idade Média, pode parecer quase incompreensível que havia tantos que criam nesses milagres. E não fosse pelo valor *histórico* desses acontecimentos nós nem estaríamos falando acerca deles. Mas eles nos mostram de modo singular, tanto a maneira de pensar como a medida do desenvolvimento intelectual dos seres humanos naqueles dias. Dessa forma, nós podemos entender e explicar o porquê essas

fábulas e ficções absurdas eram recebidas como verdadeiras revelações divinas. A consequência disso era que a Palavra de Deus, que é a *única regra* de fé e conduta, foi posta completamente de lado, até mesmo por verdadeiros cristãos; enquanto se dava crédito às mentiras do enganador. Sem dúvida, Bernardo era um homem excelente e extremamente talentoso, ainda assim, estava imerso nas credulidades supersticiosas dos seus dias. Juntamente com outros, ele acreditava que Deus havia feito milagres através dele. Mas todos os homens do século XII, e de várias outras épocas, antes e depois, acreditavam em milagres, visões, revelações e na interferência de anjos bons e maus nos eventos que aconteciam sobre a terra.

A enorme influência do sistema monástico sobre todo o povo durante a tenebrosa Idade Média, explica a disposição de dar crédito a tudo o que um monge dizia, especialmente no que se referia a bem ou mal, céu ou inferno. O badalar do sino do mosteiro representava um lembrete constante, tanto aos senhores guerreiros e seus vassalos como ao pacífico camponês, da ocupação celestial dos monges, a qual tinha um poderoso efeito sobre suas mentes supersticiosas. E isso não deve nos causar admiração. Ali, na solidão do vale, em meio ao silêncio da natureza, estava o santo monastério. O príncipe, o viajante e o pobre miserável, todos podiam bater em seus portões e encontrar abrigo dentro de suas paredes sagradas. A paz era prometida nessa vida a todos que ali entravam, e depois disso o paraíso. O solene canto do coral, que ressoava no silêncio da noite ou nas primeiras horas da manhã, agia poderosamente sobre os sentimentos religiosos dos ouvintes e os enchia com santo temor e profunda reverência. Dessa forma, o monastério era visto como a porta do céu, e todos os seus ocupantes como servos do Altíssimo. Para sermos justos, devemos reconhecer que os mosteiros representavam um grande benefício para os pobres daqueles dias e para o povo em geral, especialmente durante o período do feudalismo.

***

A Degeneração da Natureza Monástica

Antes de deixarmos esse assunto acerca dos monastérios, devemos analisar qual era a situação dos mesmos antes de Bernardo e o que foi deles depois da sua morte. A maioria dos antigos monastérios tinham se enriquecido e sofreram as consequências naturais dessa situação. Em alguns, a disciplina decaiu completamente, os votos de pobreza haviam sido esquecidos, e a obediência ao abade ou ao prior quase não era mais observada. As terras pertencentes aos mosteiros haviam sido trabalhadas e tornadas frutíferas; e os monges se entregaram a uma vida ociosa, como se não tivessem nada mais a fazer do que desfrutar o fruto do trabalho dos seus antecessores. Com isso acabaram se afundando na indolência, e o ócio trouxe consigo inúmeros outros pecados. Milman nos fala do monasticismo como algo que traça o mesmo círculo em todas as eras. Sua descrição é tão verdadeira e impressionante que iremos citar o trecho todo. Todavia devemos enfatizar que ele deixa fora do seu parágrafo as terríveis imoralidades, dissensões e atos de insubordinação que estão sempre presentes em situações onde imperam o luxo e as riquezas.

“Primeiro tínhamos o deserto, a solidão, a pobreza mais intensa; a luta contra a teimosia da floresta e a insalubridade do pântano; a piedade mais exaltada; a devoção que não encontrava horas suficientes, nem de dia nem de noite, para seus exercícios; a regra que não podia ser imposta de modo pleno; o forte asceticismo; a autodisciplina dos monges; a inesgotável criatividade para inventar novas penitências; a obediência servil. Depois veio a fama pela piedade, as ofertas generosas dos fiéis, as doações dos senhores arrependidos, as propriedades entregues pelos reis cheios de remorso, a opulência*, o poder, a magnificência*. O abrigo feito de galhos de árvores e a caverna escavada na rocha pelo ermitão, deram lugar a enormes mosteiros. No lugar da humilde igrejinha de madeira, a espaçosa e suntuosa abadia. Onde outrora havia arbustos mirrados e relva, agora havia majestosas árvores que ofereciam agradável sombra e frescor para os monges que passeavam por ali. O pântano drenado havia se transformado em campos e plantações de grãos. O torrentoso rio que descia das montanhas foi represado, e transformou-se em uma sucessão de

tanques tranquilos ou pequenos lagos, onde inúmeros peixes eram criados. Contudo, a transformação mais notória ocorreu com o prior do mosteiro; quem o viu antes, agora não mais o reconheceria. Outrora era um homem de postura humilde e apegado à terra, pálido e magro, com uma túnica rústica amarrada com uma corda, e pés descalços; agora, vemos um abade montado em seu belo cavalo, vestindo roupas finas e suntuosas, uma cruz de prata era carregada diante dele e, orgulhosamente, ele ocupava o seu lugar entre os primeiros do reino."[5]

Essa era a situação da maioria das comunidades monásticas quando Bernardo se devotou ao monasticismo. Uma nova ordem, uma nova instituição cresceu debaixo da mão de Bernardo. Claraval foi o início de uma nova era na história do monasticismo. Homens de todos os níveis sociais e culturais procuravam ser aceitos pela Ordem cisterciense, apesar da disciplina rígida. O número de monastérios em lugares desérticos cresceu, de acordo com o padrão de Claraval. Mas nem todo o poder e a reputação de Bernardo eram capazes de impedir as mais amargas invejas e dissensões inconvenientes surgidas entre os monges da velha e nova Ordem dos cistercienses, especialmente dentro do celebrado monastério de Cluny (onde Hildebrando havia sido treinado para assumir o trono papal), que invejava o rápido crescimento da Ordem sob a direção de Bernardo.

***

BERNARDO DEIXA CLARAVAL

1130 D.C.

Uma grande **divisão** na igreja, causada por dois papas sem nenhuma ética e que governavam simultaneamente, tirou São Bernardo, de forma relutante, para fora de sua reclusão pacífica e o mergulhou repentinamente nas questões do mundo fora do mosteiro. Como um exemplo do que era comum acontecer em conexão às eleições papais, nós iremos fornecer alguns detalhes da divisão que acabamos de mencionar. O leitor irá ver e poderá julgar por si mesmo acerca da alegada infalibilidade papal.

Quando o papa **Honório II** estava morrendo, antes que desse seu último suspiro o cardeal **Pedro Leonis**, que era neto de um agiota

judeu, fez um enorme esforço para se apoderar da cadeira de São Pedro. Contudo, o pontífice moribundo foi trazido a uma janela e mostrado ao povo ainda vivo. Pedro e seus amigos tiveram que retroceder, momentaneamente. Outro partido, determinado a excluir Pedro, ficou observando até que o pobre papa veio a falecer. Imediatamente, eles proclamaram o cardeal Gregório como sumo pontífice do mundo cristão sob o nome de **Inocêncio II**. O partido de Pedro, ao mesmo tempo, adotou o sistema convencional para a eleição de um novo papa. Ele foi vestido com as roupas pontifícias apropriadas e os símbolos da dignidade papal, e seu partido declarou que ele, sob o título de **Anacleto II**, era o autêntico vigário de Cristo. Que quadro da corrupção que havia tomado conta dos condutores superiores da cristandade católica! O número de papas daqueles séculos cuja conduta exterior não causava escândalo, era muito pequeno; e da sua vida espiritual, não há o que dizer.

Roma, o cenário de infindáveis guerras e rivalidades, mais uma vez estava tomada pelos exércitos de dois ferozes partidos. Às mútuas ameaças e maldições, logo se seguiu uma batalha sangrenta. Anacleto, comandando um bando de mercenários, começou o ataque cercando a igreja de São Pedro. Ele forçou sua entrada no santuário, e levou consigo o crucifixo de ouro, todos os utensílios preciosos e todos os tesouros de ouro, prata e pedras preciosas. Essas riquezas convenceram uma numerosa multidão para se juntarem ao seu grupo. Sendo já um homem de posses, quanto mais agora ele poderia recompensar ricamente seus seguidores. Ele assaltou e saqueou as igrejas da capital uma após a outra. Não demorou muito para Inocêncio se convencer de que Roma, naquelas circunstâncias em que se encontrava, não era um local seguro para ele. Assim, se decidiu fugir da cidade. Sua vida estava em perigo. Foi com grande dificuldade que ele e seus amigos escaparam em dois barcos e alcançaram, com segurança, o porto de Pisa. Dali eles partiram para a França, onde foram recebidos de braços abertos pelas comunidades de Cluny e Claraval.

Bernardo se ocupou fervorosamente da causa de Inocêncio, e o seu zelo fez com que abandonasse sua cela no mosteiro. Ele viajou de soberano em soberano, de conde a conde, de monastério a monastério; não descansou até que pôde proclamar que Inocêncio

havia sido reconhecido como papa pelos reis da França, da Inglaterra, da Espanha, pelo imperador alemão Lotário III, pelos clérigos mais poderosos e pelas comunidades religiosas de todos esses países. O poderoso duque Rogério II da Sicília foi o único a apoiar Anacleto, e isso impediu Inocêncio de retornar para Roma. A morte, porém, veio trazer alívio a todos os envolvidos. Anacleto morreu em sua fortaleza inconquistável em Santo Ângelo, em janeiro de 1138, depois de ter desafiado seus numerosos inimigos durante oito anos. Inocêncio voltou a Roma com Bernardo ao seu lado e foi prontamente reconhecido como supremo pontífice.

***

O Grande Concílio de Latrão[6]

1139 d.C.

Inocêncio II era agora, de forma inquestionável, o senhor de Roma. Com isso ele convocou um concílio geral para se reunir em Latrão. Nunca a própria Roma ou qualquer outra cidade da cristandade, recebeu tão expressivo número de participantes. Mil bispos e um sem número de dignitários eclesiásticos obedeceram ao convite do seu sumo pastor. Os discursos e os decretos dos reunidos nos dão um quadro do cristianismo daqueles dias. O assunto principal da audiência foi a afirmação da reputação e do poder dos papas como *senhores feudais*. Inocêncio declarou que: “Da mesma maneira que Roma é a capital de todo o mundo, da qual flui todo o poder sobre a terra, assim também o trono pontifício é a fonte de toda a autoridade e dignidade eclesiástica. Por esses motivos, todo cargo ou dignidade precisam ser recebidos das mãos do pontífice romano, como feudos da Sé Romana e o papa, *sendo o superior senhor feudal espiritual*, tem a prerrogativa de concedê-las como bem quiser”.

Como era comum nessas ocasiões, Inocêncio II declarou nulos todos os decretos de seu adversário Anacleto. Ele foi entregue ao domínio de Satanás e os dignitários que haviam sido consagrados por ele, foram depostos. Eles foram obrigados a comparecerem, com todos os seus ornamentos, diante do papa. Ele os atacou com as mais violentas reprovações, arrancou seus cajados de suas mãos, despiu a sobrepeliz* de seus ombros e tomou deles seus

anéis episcopais. Depois disso, com o objetivo de consumar a mais vil de todas as hipocrisias, a “paz de Deus” foi restabelecida em sua plena extensão — o cessar das lutas e conflitos pessoais. Mas o cânon* que mais nos interessa desse tão importante concílio é aquele que foi dirigido contra uma classe de homens, que em breve irá chamar nossa atenção. “Nós exilamos da comunhão da igreja, como heréticos, todos aqueles que, sob a aparência de piedade, rejeitam o sacramento do corpo e do sangue de Cristo, o batismo infantil, o sacerdócio, etc.” O surgimento dessas pessoas e o anátema dirigido contra elas, são tênues prenúncios da grande batalha pela liberdade religiosa, que culminou na Reforma.

O restante da vida desse homem miserável foi praticamente consumido em infindáveis guerras, apesar de ele ter restabelecido a “paz de Deus”. Ele chegou a comandar e dirigir pessoalmente um exército contra Rogério da Sicília, o amigo de Anacleto. Mas o desfecho da batalha foi infeliz, pois Inocêncio acabou caindo prisioneiro de guerra nas mãos dos normandos. Porém estes, cheios de reverência para com o santo prisioneiro, se curvaram diante dele, obtiveram sua benção e o mandaram de volta para Roma, são e salvo. Sua vida, porém, estava se esvaindo rapidamente, e em breve, ele precisava comparecer diante do tribunal do Juiz de toda a terra: “Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal” (2 Co 5:10).

No dia 24 de setembro de 1143 o pontífice deu seu último suspiro, em meio ao tumulto de uma revolução popular marcada por diversas rivalidades, e **Celestino II** reinou em seu lugar.

***

Bernardo e Abelardo

Antes da morte de Inocêncio II, Bernardo foi mais uma vez chamado de seu pacífico retiro em Claraval, para fazer guerra contra um novo inimigo da igreja, na pessoa de **Pedro Abelardo**. Desta vez, o conflito surgiu em decorrência das correntes intelectuais da época, e marca um capítulo totalmente novo na história da igreja, da literatura, e da liberdade intelectual e civil. Nós

iremos, de modo breve, notar as causas que antecederam o mesmo.

A maioria dos nossos leitores deve lembrar-se que a erudição dos gregos e dos romanos e a ciência que fora armazenada nos seus escritos, haviam sido destruídas, quase que totalmente, pelos bárbaros no século V. Quando começaram a formarem-se novos reinos sobre as ruínas de Roma, restou pouco da assim chamada "literatura dos antigos". Durante mais de cinco séculos prevaleceu a mais grossa ignorância. Os poucos conhecimentos que restaram da ruína generalizada, encontravam-se no poder dos eclesiásticos. Durante esse período, eles estavam proibidos de estudar ou fazer cópias do conhecimento secular. Apesar disso, alguns dos monges, especialmente os da Ordem Beneditina, juntaram e copiaram manuscritos antigos, como nos informa Hallam: "Não podemos nunca nos esquecer que, sem aqueles homens, toda aquela literatura teria sido perdida. Não podemos afirmar que, caso eles tivessem se aferrado com menos força à liturgia latina, à Vulgata (tradução latina das Sagradas Escrituras), bem como nos escritos dos pais da igreja, isso teria resultado em menos superstições entre o povo em geral. Todavia, não podemos hesitar em afirmar que todo o conhecimento gramatical dos antigos idiomas teria sido perdido, não fosse a persistência deles. Embora casos de brutal ignorância serem bastante frequentes entre eles, havia a obrigação de preservar a língua latina. Era nesse idioma que foram escritas as Escrituras, os cânones, outros escritos de autoridades da igreja, as liturgias regulares e também toda a correspondência dos clérigos. Essa atividade continuou fluindo, mesmo nas piores estações, como um fino, mas vivo córrego".[7]

Entre esses monges encontravam-se pessoas com os mais diversos talentos e caracteres mais contraditórios: a maioria deles eram, sem dúvida, rudes, preguiçosos e agiam de forma mecânica; outros, por sua vez, eram refinados e tinham mentes ativas e inquiridoras. Esses não se deixavam confinar pelas barreiras da doutrina católica estabelecida, nem se submetiam ao poder da ordem sacerdotal. Tanto o reformador, quanto o protestante saíram das ordens monásticas. Já antes do tempo de Lutero levantavam-se revoluções intelectuais. Em cada insurreição, tenha sido ela

religiosa ou mais filosófica, contra o sistema dogmático* dominante, encontraremos sempre um monge na liderança. Há registros de que três ou quatro dessas insurreições aconteceram antes dos dias de Abelardo. Lembramos de Godescalco de Orbais, no século IX, que foi açoitado e feito prisioneiro por sua destemida defesa daquilo que era chamado de *predestinarianismo**. João Escoto Erígena, um dos homens mais sábios da Irlanda ou das ilhas escocesas, foi convidado por **Incmaro**, arcebispo de Reims, para se opor a Godescalco. Mas ele acabou alarmando a igreja mais do que seu antagonista, porque apelou para um novo poder acima da autoridade católica: a razão humana. Ele era um racionalista poderoso, mas especulava, na maior parte do tempo, sobre a teologia escolástica*. Tendo sido censurado pela igreja, ele fugiu para a Inglaterra e encontrou refúgio junto a Alfredo, em sua nova universidade em Oxford.

***

O Raiar da Luz Sobre a Era das Trevas

Durante a última parte do século XI nós encontramos os famosos nomes de **Lanfranco**, **Anselmo** e **Berengario de Tours**. Um forte impulso foi dado à atividade intelectual pelos trabalhos desses e de outros eminentes mestres. Foi durante este período que as antigas escolas vinculadas às catedrais se transformaram em seminários de conhecimento geral, das quais, mais tarde, surgiram nossas universidades. A atividade intelectual, depois de um longo período de apatia, tornou-se tão atrativa que milhares se ajuntavam para ouvir as preleções e, como homens há muito excluídos do gozo do fruto da árvore do conhecimento, recebiam com muito entusiasmo aquilo que ouviam. No fundo, foi uma reação contra a autoridade dogmática da igreja, o que ensinou aos homens que, de agora em diante, era possível inquirir e pesquisar.

Pedro Abelardo era o mais audacioso, e de longe o mais popular de todos os preletores quando o assunto era a dialética*. Naqueles dias, a dialética era reconhecida como a ciência ou a arte de discernir a verdade do erro, pelo uso da razão humana. Esse homem singular nasceu em 1079, perto de Nantes, na Bretanha. Seu pai, Berengario, era o senhor do castelo de Pallet, e apesar de

Pedro ser seu filho mais velho, já desde muito jovem ele preferiu “o conflito das disputas dos argumentos no lugar dos troféus das armas”. Abelardo renunciou sua parte na herança da família a favor dos seus irmãos, desejando seguir a vida de um estudioso. A princípio ele foi aluno de Roscelino, depois de Guilherme que era bispo assistente em Paris, e também de Anselmo que era preletor na área de teologia em Laon. Não podemos abordar os detalhes da longa e interessante história desse extraordinário homem. Sua vida consistiu em uma cadeia de vitórias, mas também de pecados e aflições de todo tipo. Finalmente, ele foi vítima da teologia escolástica que ele defendia, a qual colocava em risco o poder e a presença da Igreja Romana. Abelardo foi o primeiro homem a professar a ciência da teologia sem ser um sacerdote. Onde quer que ele fosse, milhares de estudiosos entusiásticos se reuniam ao redor da sua cadeira. “Multidões”, nos informa um dos biógrafos de Bernardo, “que chegavam aos milhares, cruzavam altas montanhas e largos mares enfrentando todo tipo de inconveniência dessa vida, não poupavam gastos para desfrutar do privilégio de ouvir uma preleção feita por Abelardo.” “Sua eloquência”, nos diz outro, “era tão fascinante que o ouvinte descobria-se sendo irresistivelmente carregado pelo fluxo de suas palavras. De tempos em tempos, aparecia um oponente com coragem suficiente para enfrentar Abelardo; porém, era refutado de forma tão contundente e confundido por uma abundância de provas, que emudecia e, vencido, se retirava da batalha. A perspicácia da lógica de Abelardo era tão infalível como a torrente da sua oratória.”[8]

Abelardo escrevia tão bem quanto falava acerca de muitos assuntos sumamente importantes. Todavia ele não era sadio no que diz respeito às doutrinas fundamentais do cristianismo. A fama da sua invencibilidade repercutiu em toda a Europa, de forma que, finalmente, nenhum guerreiro pela verdade e ortodoxia ousava entrar em uma batalha com esse gigante herético. Bernardo de Claraval recebeu inúmeros apelos. Uma carta escrita por Guilherme, abade de St. Thierry, conseguiu atraí-lo para fora do mosteiro. O santo e o erudito em lógica se encontraram em Sens, em 1140. O rei da França estava presente com um grande número de bispos e outras figuras eclesiásticas. Abelardo estava cercado por seus

discípulos. Bernardo veio acompanhado apenas de dois ou três monges. O primeiro se dirigiu à razão de uns poucos, o outro inflamou os corações e as paixões de todas as classes. Abelardo tinha o apoio de vários de seus admiradores, enquanto que Bernardo tinha o apoio de seus adoradores. Um havia sido declarado como um herege, enquanto o outro tinha a reputação de ser o homem mais santo daquele século, acima de reis, prelados e até mesmo do próprio papa. Sob tais circunstâncias, Abelardo não tinha a mínima chance. Não demorou muito para que ele sentisse o poder contra o qual estava lutando e, antes que as passagens incriminadoras pudessem ser todas lidas, ele se levantou e disse, para a surpresa de todos os presentes, o seguinte: “Eu me recuso a continuar ouvindo ou a responder qualquer pergunta; eu apelo para Roma”, e abandonou a assembleia.

Alguns dizem, tentando explicar a sua conduta inesperada, de que a quantidade de faces hostis que ele teve que enfrentar, confundiu esse homem tão destemido e não apenas esfriaram seu entusiasmo, mas o fizeram sentir que sua própria vida estava em perigo. Tendo ouvido que um relatório acerca do concílio havia chegado a Roma e que ele havia sido condenado pelo papa, ele, em sua angústia pediu socorro ao “venerável” Pedro, abade de Cluny, o qual, de forma compassiva, deu-lhe asilo em seu monastério, apesar de se opor às suas doutrinas.

Enfraquecido, triste e com seu espírito orgulhoso quebrantado, Abelardo, depois de passar cerca de dois anos em solidão no mosteiro de Cluny desfrutando da grande bondade do abade caridoso, e tendo satisfeito seus juízes eclesiásticos com a humildade de seu arrependimento, viu sua agitada vida terminar no ano 1142. Contudo, seus princípios continuaram vivos em muitos de seus discípulos, dos quais, um deles, merece nossa especial atenção.

***

Arnaldo de Bréscia

Arnaldo se passava por um discípulo e seguidor fiel de Pedro Abelardo. Mas é bem evidente, de tudo o que podemos deduzir, de que ele era um homem totalmente diferente. Temos motivos para

acreditar que ele era um verdadeiro cristão, e possuía muitas características de um reformador, apesar de ainda viver em uma época que não estava madura o suficiente para uma mudança de tamanha proporção. Além do mais, ele se ocupava demasiadamente com a política exterior dos países — era também grande admirador da velha república romana — para ser usado por Deus como aquele que deveria lançar um sólido fundamento para a reforma da Sua Igreja. Ele foi honrado com o martírio, mas isso se deveu mais à sua defesa das liberdades civis, do que de suas pregações nas quais ensinava a sujeição à Cristo e à Palavra de Deus. Independente disso, ele é merecedor do nosso respeito e gratidão, visto que foi um dos primeiros que espalhou as sementes do que culminou na grande Reforma.

Arnaldo nasceu na Bréscia, na Lombardia — provavelmente por volta do ano 1105. Em um período de sua história, quando ele ainda era jovem separou-se do clero secular, abraçando a vida monástica. Depois disso, deu início a uma pregação sem tréguas contra a corrupção, tanto do clero quanto dos monges. Parece que ele estava convicto de que tinha uma comissão divina de pregar contra o orgulho, o mundanismo e a imoralidade entre os sacerdotes. Sua mensagem era dirigida, em primeiro lugar ao próprio papa — que era tido como santo — e depois ia avançando até alcançar as mais baixas patentes da igreja. Para o cumprimento dessa missão ele se entregou com coragem e destemor, dedicando todas as suas forças. De acordo com muitas narrativas, ele era possuidor de um estilo muito vigoroso que despertava as pessoas através dos seus discursos. Combinado com uma eloquência que era, de forma singular, copiosa e fluente, ele era capaz de mover as massas em todos os lugares por onde pregava. “Suas palavras”, nos diz Bernardo, “são mais suaves do que o óleo e mais afiadas do que as espadas.” O propósito que ele almejava era a completa separação da igreja e do Estado. Arnaldo afirmava ousadamente que o enorme edifício papal e o governo sacerdotal — a hierarquia, que havia se elevado a alturas descomunais desde os dias de Constantino, e que, sob Gregório VII, arrogava para si o direito de governar o mundo inteiro, declarando todas as nações da terra como feudos de São Pedro —, esse sistema corrupto, deveria ser completamente

aniquilado e varrido da face da terra. Ele usava como seu texto base, aquilo que muitos têm feito desde então, mas sem conhecer seu significado espiritual: “Meu reino não é desse mundo”. Ministros do evangelho, ele argumentava, não deveriam ter outro poder que fosse além do necessário para o governo espiritual do rebanho de Cristo. Também não deveriam acumular riquezas, mas, apenas coletar os dízimos e as ofertas voluntárias dos fiéis. A corrupção e as muitas discórdias que surgiram no seio da igreja, ele afirmava, eram resultado direto das vastas riquezas acumuladas pelos pontífices, bispos e sacerdotes.

Apesar de existir uma grande quantidade de verdade naquilo que ele dizia, infelizmente ele misturava, da maneira mais dolorosa possível, os velhos princípios de liberdade romana com a doutrina do humilde e manso Jesus. Ele era uma combinação de um monge rígido, com um republicano fervoroso e um ousado inovador. “Se Cristo era pobre”, ele exclamava, “se os seus apóstolos eram pobres, a única, verdadeira e viva semelhança dos apóstolos e Cristo é encontrada nos monges: o jejum, o trabalho, pobremente vestidos, com suas bochechas afundadas pela fome, e seus olhos fundos — quão distante dos apóstolos e quão distante de Cristo, se encontram esses bispos principescos, esses abades com ares de senhores, com seus mantos escarlate e púrpura, suas joias, suas esporas de prata, que cavalgam seus majestosos cavalos com arreios de ouro, e que mantêm cortes que se igualam às de um rei!” Em concordância com tudo isso, ele também ensinava o povo “que o soberano secular é a fonte própria da honra, da riqueza, do poder e que é para essa fonte que devem ser revertidas todas as possessões da igreja, todos os monastérios e suas terras adjacentes e todos os impostos reais pagos aos papas e aos bispos”.[9]

***

As Consequências das Pregações de Arnaldo

A essas novas e perigosas doutrinas, o povo da Bréscia dava ouvidos com grande interesse. Arnaldo descortinou diante dos olhos do povo as páginas escuras da história eclesiástica, pelas as quais nós mesmos acabamos de passar. A cidade inteira se encontrava

em um estado de grande agitação. Não deve nos causar admiração o entusiasmo do povo em geral, quando ouviram que as riquezas pertencentes ao clero deveriam ser retornadas ao povo, e que, no futuro, seus pastores deveriam ser sustentados pelas contribuições voluntárias de seus rebanhos. Ele era um pregador ousado que desafiava o povo ignorante e supersticioso, levando-o à beira do fanatismo com tais apelos e propostas. Que tipo de homem ele deve ter sido no século XII, em meio a tanta escuridão, ignorância e superstição! Esse homem foi o reformador prematuro da Bréscia e — sendo um monge rígido, que vivia uma vida inculpável, que não podia ser questionado quanto a sua ortodoxia, que gozava da plena simpatia e amor do povo, que tinha um caráter ousado e destemido e uma fervorosa eloquência — seu poder era mesmo irresistível. Como já foi observado, o grande objetivo de seus esforços era aniquilar completamente o poder sacerdotal — a supremacia secular do papa. Um único homem, um simples monge teve a coragem de sacudir, com mãos firmes, o grande sistema papal de domínio universal, e por um momento fez com que o mesmo tremesse em sua base. O papa foi removido de seu trono e a República proclamada, a bandeira da liberdade foi levantada, a separação dos poderes espirituais e seculares foi anunciada, e o governo dos sacerdotes abolido. Arnaldo correu para Roma e encabeçou o partido do povo. Mas o entusiasmo dos cidadãos romanos logo desvaneceu. Faltava-lhes a união, a condição fundamental para um bom êxito de um empreendimento. O solo ainda não estava suficientemente preparado para permitir o vigoroso crescimento da semente da liberdade. A iniquidade do sistema anticristão ainda não havia atingido sua plenitude. A sede de Jezabel, pelo sangue dos santos de Deus, ainda não estava satisfeita. Milhões ainda precisam morrer, antes que ela mesma receba sua ferida mortal. Isso iremos ver em breve.

Arnaldo não estava mais seguro na Itália. Ele teve de experimentar que a raiva e a ira do clero era mais forte e profundo do que o favor do povo. Ele fugiu para além dos Alpes, até conseguir encontrar segurança e hospitalidade em Zurique. Ali, o precursor do famoso Zuínglio teve a permissão de fazer algumas preleções durante certo tempo, e o povo simples rapidamente

compreendeu o espírito de suas doutrinas. Mas logo ele não pôde mais permanecer ali; um homem tão perigoso não podia continuar vivendo. Bernardo vigiava cuidadosamente todos os movimentos de Arnaldo. Ele rogou ao papa medidas extremas e escreveu cartas em tom irado contra todos os que lhe dessem proteção, advertindo-os dos perigos fatais da infecção causada pelas heresias. Ele repreendeu, de modo severo, o bispo diocesano de Zurique, por permitir que um homem dessa índole permanecesse na cidade. “Por que”, ele disse, “não o expulsaste há muito tempo? Aquele que tem comunhão com o suspeito se expõe igualmente a suspeita. Aquele que favorece o homem que está sob a excomunhão papal, se rebela contra o papa e o próprio Senhor Deus. Agora, portanto, uma vez que conheces o homem, expulse-o do vosso meio, ou, melhor ainda, prenda-o com correntes, de tal maneira que ele não consiga mais fazer o mal.”

Depois de muitos acontecimentos e aventuras, aos quais nós não precisamos dar atenção aqui, Arnaldo retornou para Roma. A fraqueza do papa daqueles dias e o estado de perturbação que existia na cidade, lhe permitiram permanecer por algum tempo. Mas, assim que o papa Adriano IV assumiu o trono de São Pedro, Arnaldo estava com seus dias contados.

***

O Martírio de Arnaldo

1155 d.C.

O novo papa era um inglês de grandes capacidades. Ele foi o único inglês a sentar-se no trono papal. Ele era, originalmente, um monge no mosteiro de Santo Albans, mas foi obrigado a abandonar seu lar devido a severidade de seu pai. Depois de viajar por algum tempo pelo continente e estudado teologia e lei canônica com grande dedicação e sucesso, ele foi subindo rapidamente, de degrau em degrau, nas ordens eclesiásticas. Por fim foi elevado ao nível mais alto da dignidade eclesiástica, assumindo o papado com o nome de **Adriano IV**. Seu nome inglês era Nicolas Breakspear.

Logo se apresentou uma oportunidade para prender o ousado reformador. O imperador Frederico Barbarossa estava a caminho de receber das mãos de Adriano a coroa imperial. O papa enviou uma

embaixada composta de três cardeais para se encontrar com o imperador. O propósito desse encontro era requisitar que, em troca da sua coroação, ele entregasse Arnaldo de Bréscia nas mãos do papa. Arnaldo havia encontrado refúgio com alguns nobres. Frederico, em cujos olhos Arnaldo provavelmente não tinha muita importância e que pouco valorizava a vida humana, obrigou aqueles que estavam protegendo Arnaldo para que o entregassem nas mãos dos emissários do papa. Apressadamente eles retornaram para Roma com o odiado prisioneiro, já que não havia tempo a perder, pois temiam que os seguidores de Arnaldo, ao ouvir esses fatos, poderiam tentar resgatar seu venerado líder das mãos de seus inimigos. A igreja tomou para si mesmo o direito de, imediatamente condená-lo sumariamente e executá-lo como rebelde, sem utilizar, como era costume, a espada do governo. Antes do nascer do dia, as chamas já haviam consumido o corpo da infeliz vítima das ambições papais. Suas cinzas foram lançadas no rio Tibre para que o povo, que o considerava amigo, não pudesse juntar seus restos mortais para adorá-los como relíquias. O clero triunfou sobre a sua morte, mas a sua memória continuou viva no coração dos romanos. “Assim, nas cinzas da pilha funerária de Arnaldo”, diz Milman, ”o fogo ardeu lentamente através dos séculos até que, por fim, se transformou em um incêndio de violência irresistível.”

Bernardo, o poderoso antagonista de Abelardo e de Arnaldo, morreu pacificamente no mosteiro de Claraval, no ano de 1153. O santo, o filósofo e o reformador passaram para outro mundo. Foram ao encontro do julgamento, não constituído por decretos papais, mas para comparecer perante o trono de eterna justiça e da santidade imaculada, diante do qual, somente pode permanecer aquele que foi lavado no sangue de Cristo. A fé no Senhor Jesus Cristo e em sua obra consumada a favor dos pecadores perdidos, é a única base para sermos perdoados e aceitos diante dos olhos de Deus. Não existe purgatório, mas, apenas o precioso sangue de Cristo na cruz. Notem a misericórdia de Deus, pois o sangue de Cristo pode limpar até o mais vil dos homens. “Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me e ficarei mais branco do que a neve.” (Sl 51:7). Apenas o sangue de Jesus pode fazer a alma mais alva que a neve e pronta para entrar no céu. Todos os outros meios

não passam de uma zombaria, uma ilusão de Satanás que apenas aprofunda e perpetua a culpa da alma. “O sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.” (1 Jo 1:7). A salvação é somente pela fé, sem a participação das nossas boas obras. Nós precisamos ser enxertados na verdadeira videira antes que possamos produzir frutos para Deus. Jesus é a videira verdadeira, os crentes são apenas os ramos. “Aquele que diz que está nele, também deve andar como ele andou.” (1 Jo 2:6). Sem a fé verdadeira e viva, em Cristo, não existe perdão, nem salvação, nem felicidade, e nem céu. Felizes são aqueles que colocam sua confiança em Cristo.

Agora vamos retornar à nossa história.

***

O Encontro entre Adriano e Frederico

Este encontro poderia ser ignorado, devido sua pouca importância para a história da igreja. Porém, ocorreu algo ali, em si mesmo insignificante, mas que manifesta, mais uma vez, o espírito que animava o papado. Além do mais, os incidentes mais insignificantes, algumas vezes, revelam os sentimentos mais profundos e acabam expondo as determinações mais enraizadas.

A concordância imediata de Frederico em entregar Arnaldo para ser sacrificado, não afastou do espírito desconfiado de Adriano todas as suspeitas acerca das intenções do imperador. Outras negociações foram feitas e, somente depois que Barbarossa havia assegurado mediante um juramento que ele não prejudicaria nem a vida nem os bens do papa e de seus cardeais, antes os protegeria, Adriano seguiu em direção ao acampamento de Frederico. Ele foi recebido com cordialidade por alguns nobres alemães e conduzido para a tenda real, de onde Barbarossa saiu ao seu encontro. Adriano permaneceu em seu cavalo, esperando que o imperador segurasse o estribo enquanto ele desmontava. Ele, porém, esperou em vão; Frederico não fez menção de ajudá-lo, e o papa teve que desmontar sem a sua assistência. Essa negligência de honrar o supremo pontífice como o vigário de Cristo, foi considerado um grande insulto e um sinal de atitude hostil. Em decorrência disso, uma parte dos cardeais se retirou apressadamente, mas o

destemido Adriano, permaneceu. Às queixas do papa sobre sua conduta, Frederico alegou desconhecimento desse costume, mas Adriano se recusou decididamente a dar-lhe o beijo de paz, até que ele tivesse se humilhado e feito o desagravo. O orgulhoso alemão disse que precisava consultar seus nobres. Seguiu-se uma longa discussão. Adriano afirmava que aquele já era o costume desde os tempos de Constantino, o Grande, que segurou os estribos para o papa Silvestre. Essa afirmativa era completamente falsa, já que o registro do primeiro ato dessa natureza, era de apenas 50 anos antes, quando Conrado, o rebelde e indigno filho de Henrique IV, homenageou o papa com esse ato. Mas quando se tratava de humilhar o imperador e exaltar o papa, uma pequena mentira era insignificante para o partido papal. Supostos precedentes foram alegados com o objetivo de produzir provas de que a prática de segurar o estribo já existia por 800 anos, e consequentemente, “se o imperador se recusasse a prestar as devidas honras ao sucessor dos apóstolos Pedro e Paulo, não seria possível a existência de paz entre a igreja e o império, até que as obrigações fossem cumpridas ao pé da letra”. Eram essas as presunções blasfemas desses homens perversos. Eles insistiam em suas pretensões visando receber a honra devida dos seres humanos, apresentando a si mesmos no lugar dos apóstolos, de Cristo e do próprio Deus. Finalmente, depois de seus nobres insistirem com ele, Frederico consentiu, cedendo à exigência de Adriano. Dessa maneira, no dia seguinte, quando o papa novamente se aproximou da tenda de Frederico, ele foi ao seu encontro e, como um filho dedicado da igreja, ajudou Adriano a desmontar do seu cavalo, tomou as rédeas em suas mãos e segurou o estribo enquanto o papa descia. Exteriormente, a amizade foi restaurada, e o pai espiritual junto com o filho obediente dirigiram-se a Roma, para ali procederem com a coroação.

Depois de um reinado de aproximadamente quatro anos, e, podemos acrescentar, de incessantes batalhas sangrentas, Adriano faleceu em 1159. Ele se preparava para fazer uma declaração aberta de guerra contra o imperador e estava prestes a excomungá-lo, quando a morte pôs um fim ao conflito. Foi assim que a maioria desses homens viveu e morreu: em manifesta rebeldia contra o

poder secular. **Frederico Barbarossa** é referido na história como o soberano mais poderoso que reinou na Europa desde os dias de Carlos Magno. Ele entrou na terceira cruzada em 1189, como já vimos, e morreu afogado no rio Selef, perto da cidade de Tiro, em 1190.

---

[1] Convenção entre o Estado e a igreja acerca de assuntos religiosos de uma nação.

[2] Te Deum é um hino litúrgico católico atribuído a Santo Ambrósio e a Santo Agostinho.

[3] Milman, vol. 3, p. 320; Greenwood, book 11, p. 673.

[4] Essas narrativas são retiradas, em sua maior parte do livro: *The Life and Times of St. Bernard* escrito por James Catter Morrison, M. A.

[5] *Latin Christianity*, vol. 3, p. 330.

[6] Segundo Concílio realizado em Latrão.

[7] *Literature of Europe in the Middle Ages*, vol. 1, p. 4

[8] *Life and Times of Bernard*, Morrison, p. 290; *Eighteen Christian Centuries*, White, p.266.

[9] *Latin Christianity*, vol. 3, p. 333.

Capítulo 22

OS ABUSOS DE ROMA NA INGLATERRA

1162 D.C.

Estamos agora nos aproximando de um período em nossa história, que temos certeza que irá despertar um interesse especial na mente do leitor. Naqueles dias, na Inglaterra, o governo **anglo-saxão** estava sendo substituído pelo anglo-normando, tanto na igreja quanto no Estado. Todas as condições na Inglaterra já haviam mudado ou estavam mudando. O papa, porém, não estava plenamente satisfeito com o domínio que ele exercia sobre o reino dos normandos. A Inglaterra era como a vinha de Nabote (ver 1 Rs 21) em plena florada e, por isso mesmo, muito cobiçada. Ela devia

ser possuída de qualquer maneira. Isso poderia ser alcançado através de meios justos, ou através das práticas mais desonestas possíveis. A Inglaterra, com todo o seu orgulho, riqueza e poder precisava ser reduzida a um estado servil diante da Sé Romana. Era esse o propósito estabelecido do papado, e algo necessário dentro do seu plano de controle absoluto de todos os reinos. Primeiro nós iremos notar a posição representada pelos antagonistas, e então falaremos da natureza e do final desta violenta disputa.

Durante o reinado de **Alexandre III**, que era um papa hábil, sutil e vigilante, surgiu uma violenta disputa entre Henrique II e Tomás Becket, que era o arcebispo de Cantuária. Essa situação manteve toda a Europa em constante expectativa durante muitos anos. Ela fazia lembrar, em muitos aspectos, a longa guerra entre Henrique IV da Alemanha e o papa Gregório VII. Todavia, devemos notar que esta disputa foi conduzida com maior hostilidade e pertinácia, e que teve um final bem mais trágico. Um choque tão violento entre os poderes espiritual e secular não havia acontecido desde os dias de Constantino. O caráter pessoal dos indivíduos e a posição de liderança que ocupavam, sem sombra de dúvidas, atraíram o interesse de todo o mundo sobre o conflito. Porém tratava-se de algo que ia muito além de uma dissensão pessoal. A questão envolvia a autoridade e a reputação do monarca, a responsabilidade dos súditos para com ele e o surgimento do poder de Roma na Inglaterra. Henrique, em cujas veias fluía genuíno sangue normando, estava determinado a governar seus súditos de acordo com as leis e os costumes do seu país e a não permitir que seus direitos reais fossem diminuídos. Becket por sua vez, um defensor da igreja tanto fervoroso quanto destemido, também estava igualmente determinado a manter, de acordo com os infalíveis decretos de Roma, que a hierarquia eclesiástica romana era uma casta separada e privilegiada na sociedade humana. Por esses motivos, os religiosos estavam isentos de serem julgados pelos tribunais civis, devendo sujeição apenas aos foros privilegiados de suas próprias jurisdições.

O leitor moderno poderá se surpreender ao ler que um decreto emitido pelo Vaticano e enviado por um legado papal com o propósito específico de mudar as leis e os costumes do país era,

não apenas ouvido, mas também obedecido. Porém, era assim naqueles dias. Os mais poderosos monarcas da Europa se curvavam humildemente sob a vontade do papa. Mas, por que esse medo extremo e paralisante de Roma? Era por causa da ignorância e superstição do povo em geral. O sistema romano com todas as suas pretensões insolentes, estava envolto em uma espessa nuvem de supersticiosa veneração, que afogava qualquer raciocínio no temor da perdição temporal e eterna. O astuto sacerdote ameaçava agitar as chaves de São Pedro na face de seu oponente, e trancá-lo do lado de fora do céu ou nas profundezas do inferno caso não obedecesse às ordens da igreja. Era a pretensa santidade associada com uma perversa manipulação das Escrituras, que garantia à Igreja Romana tamanho poder sobre o povo ignorante e supersticioso.

***

Os Costumes e a Leis Inglesas

Desde os dias mais antigos, os reis da Inglaterra eram reconhecidos tanto pelo clero como pelo povo, como aqueles que detinham pleno poder sobre as questões pertinentes ao governo externo da igreja. Pouco importava se a questão estava relacionada com a propriedade ou os bens das igrejas, ou se envolvia pessoas do clero. Sobre todos esses casos a autoridade da coroa era, por lei e costume do reino, suprema. Eduardo, o rei anglo-saxão, disse ao clero o seguinte: “Se eles carregavam a espada de São Pedro, ele carregava a de Constantino”. Um dos biógrafos de **Guilherme**, **o Conquistador**, diz: “Em todas as questões, eclesiásticas assim como as seculares, a decisão dependia da sua boa vontade”. Mas durante o século XII o país foi, gradualmente, afundando em um estado deplorável de sujeição à Sé Romana.

Contudo, não podemos esquecer que, apesar dos progressos de Roma, Deus, na Sua infinita graça, utilizou o crescente poder do clero e as grandes e numerosas instituições monásticas para a proteção e benção do povo pobre que habitava aquela terra. Deus, bendito seja o seu nome, sempre se lembra nos “pobres do rebanho”. Devido ao fato da Inglaterra ter sido conquistada pelos normandos, tanto uma hierarquia religiosa bem como uma nobreza

estrangeira, foram introduzidas no país. Todavia, os cargos espirituais inferiores eram, geralmente, preenchidos por saxões, cuja linguagem e sentimentos estavam em concordância com a população nativa. Esse fato deu a eles um imenso poder sobre a mente da população. Eles eram vistos como os verdadeiros pastores do rebanho, e os guias e consoladores daqueles que estavam atribulados. Os normandos, pelo contrário, por terem uma linguagem e costumes estrangeiros, eram odiados como intrusos e ladrões. À custa dos habitantes do país, Guilherme o Conquistador, havia recompensado seus cavaleiros e seus nobres que lhe haviam ajudado a conquistar o novo reino, de forma esbanjadora, com possessões e dignidades. Com isso, os saxões, por sua vez, foram compelidos a se tornarem servos e vassalos dos seus conquistadores. A Bíblia diz que aquilo que o homem semear também terá que colher. Também diz que os pecados de um homem hão de encontrá-lo. No entanto, o ódio entre as duas nações, tão distintas, foi repetidas vezes atiçado, gerando reiteradas lutas violentas. Nesta grande contenda também é ressaltado o contraste das nacionalidades entre o rei normando e os primazes ingleses. Antes de tudo, nós devemos observar os motivos imediatos que levaram a essa disputa.

***

A Introdução da Lei Canônica na Inglaterra

Depois de repetidas e fracassadas tentativas o papa conseguiu introduzir as leis da Igreja Romana na Inglaterra durante o conturbado reinado de **Estêvão** (1135–1154). Isso era algo completamente novo naquele país, e um ato de grande ousadia por parte de Roma. Como essa situação marca uma época distinta e importante da história da igreja na Inglaterra, nós precisamos registrar, de forma cuidadosa, essa mudança. Para garantir uma certeza maior quanto ao que vamos dizer aqui, nós iremos citar algumas passagens retiradas do livro de Tomás Greenwood, que era um advogado e escreveu a história da perspectiva do Direito. Esse material se encontra no livro 12, vol. 5 dos seus escritos.

“A publicação e a adoção dos chamados ‘Decretos Isidorianos’[1] mudou a ordem e a distribuição dos poderes eclesiásticos. Através

desses decretos, todas as funções relativas ao gerenciamento da igreja eram prerrogativas exclusivas do clero. Por extensão, tornavam-se também prerrogativas do papa em Roma, como o líder supremo do clero. A autoridade do Estado, independente de qual fosse a questão, foi decididamente rejeitada. Pouco importava se o assunto dizia respeito à vida secular ou religiosa, ou mesmo as conversas dos sacerdotes . O Estado não podia interferir na vida do clero. As posses da igreja foram declaradas sagradas e intocáveis. Além disso, o comportamento do clero não estava sujeito a nenhum tipo de censura, exceto aquela praticada por seus oficiais superiores. Ao mesmo tempo, os membros do clero estavam completamente isentos de serem julgados ou punidos por tribunais não religiosos. Toda e qualquer interferência da parte do príncipe, ou de alguma autoridade não religiosa na indicação de bispos, sacerdotes, ou encarregados espirituais foi declarada como sendo simonia. Esses princípios de legislação da igreja, embora em poucos casos foram colocados plenamente em prática, foram recebidos sem serem contraditados, e parcialmente adotados pelo clero da França, Itália e Alemanha. Na Normandia, uma completa separação entre a jurisdição daquilo que era secular do que era eclesiástico, já havia sido implantada. Na Inglaterra, entretanto, os únicos cânones conhecidos tanto pelo clero como pelos leigos, eram aqueles estabelecidos pela própria igreja nacional, com a concordância e o apoio do rei. Com isso, o empenho dos bispos favoráveis a Roma na Inglaterra, depois da mesma ter sido conquistada pelos normandos, foi dirigido, de forma permanente, à introdução dos artigos mais importantes dos Decretos Isidorianos. Esses artigos tratavam, especialmente, da emancipação — das propriedades da igreja e das doações, para o sustento da mesma — da coroa e de qualquer autoridade civil. Além disso, impediam que a igreja, o clero e seus assuntos sofressem qualquer tipo de interferência vinda dos juízes reais.”

“As leis estabelecidas anteriormente por Guilherme, o Conquistador, que versavam sobre a separação dos tribunais civis daqueles que pertenciam à igreja, nunca foram levadas ao extremo de eximir os homens do clero de suas responsabilidades diante das leis civis. Mas, também é verdade que tanto o Conquistador, como

seus sucessores, até Gualtério Sem-Haveres, se empenharam em buscar um meio termo entre a lei canônica e as prerrogativas da nobreza. Com uma atitude que visava manter boas as relações com a corte romana, os reis sempre deram passos que colocaram em perigo, mas que certamente nunca alteraram as bases antigas da lei do país nem os direitos da coroa. Na disputa hostil entre Anselmo, arcebispo de Cantuária e Henrique I, esse último manteve, de forma rígida, seu direito de determinar qual dos dois rivais, que pretendiam o papado, deveria ser reconhecido pelo clero que habitava em seus domínios. Anselmo, todavia, sem a autorização do rei insistiu em transferir sua lealdade espiritual a Urbano II em vez de seu rival Clemente III. Henrique então informou a Anselmo, de forma dura e direta, que ele não conhecia nenhuma lei ou costume que permitisse a um súdito, sem a licença do rei, estabelecer um papa, segundo a sua própria escolha, sobre o reino da Inglaterra. Disse mais ainda: que qualquer homem que arrogasse retirar de suas mãos a decisão pertinente a essa questão também teria o direito de remover a coroa real de sua cabeça!"

"A batalha entre Henrique e Anselmo foi longa e obstinada. O bispo fugiu para Roma e o rei se apossou dos bens seculares que estavam sob a administração da Sé de Cantuária. Enquanto a disputa ainda não estava resolvida, um oficial do papa apareceu na costa inglesa anunciando ser um legado da corte de Roma. Alegava ser *o portador de um poder oriundo do papa, sobre toda a Inglaterra*. Mas o rei afirmava não poder tolerar tais interferências por parte de um príncipe estrangeiro sobre o curso normal do governo eclesiástico na Inglaterra. Com isso, o legado foi mandado embora sem ter sequer sido admitido na presença do rei. Cerca de quinze anos depois, o mesmo papa fez uma segunda tentativa de introduzir um legado extraordinário no reino, mas o mesmo teve a mesma sorte do anterior. Uma terceira tentativa feita ainda pelo mesmo papa, também não obteve sucesso. De fato, por esse tempo, já existia uma compreensão geral de que a lei e os costumes da Inglaterra repudiavam as comissões representadas pelos legados do papa, como uma interferência ilegal no que diz respeito ao curso normal do governo da igreja, o qual a lei comum havia colocado sob a superintendência do rei."

Entretanto, depois da morte do sábio e capaz Henrique I, que aconteceu em 1135, Estêvão, um monarca fraco e incapaz assumiu o trono da Inglaterra. Naqueles dias a Igreja Romana era encabeçada por **Alexandre III**, um dos papas que foi o mais ardiloso e perseverante. Ele enviou novamente um legado à Inglaterra. Os prelados anglicanos perceberam plenamente o objetivo desta medida e um sínodo reuniu-se em Londres para protestar, diante da face do legado, contra a presunção de um sacerdote estrangeiro se posicionar acima dos arcebispos, bispos, abades e da assembleia dos nobres de todo o reino da Inglaterra. Tal protesto, todavia, não causou nenhum resultado. Um espírito tímido, serviçal e que se conformava com o tempo e as circunstâncias, havia se introduzido, sorrateiramente, na Igreja Anglicana. A ignorância que prevalecia na maioria da população, o caráter mundano do clero e o estado miserável em que se encontrava todo o país durante o reinado de Estêvão, ofereceram uma oportunidade favorável aos partidários de Roma para enfraquecer e diminuir, gradativamente, os direitos da coroa e as liberdades da igreja nacional. Os bispos normandos daqueles dias eram antes barões do que prelados. Suas moradias eram castelos principescos e seus súditos, vassalos armados. Praticamente todos portavam armas e participavam de guerras, com todas as crueldades e horrores comuns a elas. Esse era o estado dos prelados da Inglaterra quando Henrique II subiu ao trono em 1154. A oposição de Becket a este rico e poderoso rei, lança uma luz bem mais clara sobre a ambição secular de Roma do que todos os conflitos anteriores que já tivemos a oportunidade de observar.

***

TOMÁS BECKET E HENRIQUE II

A história do nascimento e os pais de Becket são desconhecidos. Provavelmente a sua origem pobre foi deliberadamente omitida pelos seus biógrafos. Alguns afirmam que ele nasceu por volta do ano 1119. De acordo com Du Pin ele iniciou seus estudos em Londres e completou os mesmos em Paris, onde se encontrava a melhor escola para os normandos franceses.

Assim que retornou para a Inglaterra, ele foi calorosamente recomendado para **Teobaldo**, **arcebispo de Cantuária**, que lhe deu

emprego como seu secretário particular. Becket estava agora trafegando na estrada que o levaria à honra e à reputação. Teobaldo suspeitava que o jovem rei Henrique, assim como seu pai, fosse um opositor decidido das pretensões de Roma, e estava ansioso para colocar junto do rei alguém que pudesse trabalhar contra os seus planos e objetivos. O sagaz bispo primaz[2] havia discernido em seu vice-arcebispo, não apenas grandes habilidades para os negócios seculares, mas também as características de um servo determinado e devotado à igreja. Ele pensava ter encontrado em Becket o homem adequado para seus objetivos, e através da sua recomendação ele foi elevado à posição de chanceler*. Por meio disso ele alcançou a segunda mais alta posição do poder civil em todo o reino, já que o seu selo era necessário para confirmar todas as ordens reais. Ao mesmo tempo, junto a esse cargo havia uma grande influência eclesiástica, pois como chanceler era sua responsabilidade apontar todos os capelães reais. Além disso, ele deveria administrar todos os bispados, abadias e benefícios cujas cadeiras de comando estivessem vazias. Tomás Becket nos foi apresentado nos livros de história inglesa, como um santo e um mártir. Vamos lançar um breve olhar sobre sua história pessoal, em primeiro lugar, como um homem do mundo.

***

Tomás Becket Como Chanceler

1158–1162 d.C.

Através de seus modos agradáveis, seu caráter aparentemente maleável, a perspicácia de seus sentidos e o seu exterior atraente, ele logo ganhou a confiança e a afeição do rei. Assim, Tomás tornou-se o companheiro constante do rei em todos os seus momentos de lazer e prazer. Mas era nos assuntos mais difíceis e sérios do governo, onde Henrique tirava grande proveito do aguçado entendimento, da sabedoria e da prudência do seu chanceler. Becket era um completo cortesão e, além disso, tanto nos assuntos militares quanto na diplomacia, era inatingível. Deve parecer estranho para o leitor, que um clérigo que ocupava certo número de cargos eclesiásticos podia ser, ao mesmo tempo, um bravo e hábil general. Mas este era o caso do tão famoso santo homem. Um de

seus biógrafos afirma: “Na expedição feita pelo rei Henrique para garantir seus direitos de domínio sobre os condes de Toulouse, Becket apareceu no comando de setecentos cavaleiros que estavam sujeitos a ele. Em todos os empreendimentos ousados, ele se destacava diante de todos. Em um período posterior ele recebeu a missão de conquistar alguns castelos, cujos senhores ousaram se levantar contra o rei. Também nessa ocasião ele se distinguiu por sua destemida valentia. Ele retornou a Henrique, na Normandia, comandando mil e duzentos cavaleiros da nobreza e outros quatro mil recrutados entre o povo e mantidos por ele.” Outro historiador observa: “Quem poderia calcular quanto sangue ele derramou como comandante de um poderoso exército, e quão grande desolação ele havia causado? Ele atacava e conquistava fortes castelos, arrasava vilarejos e cidades até ao chão, queimava casas e fazendas sem demonstrar nenhum tipo de piedade. Também era incapaz de mostrar a menor misericórdia a qualquer um que se levantasse contra a autoridade de seu senhor.”[3]

Sem dúvida, também naqueles dias, havia membros do clero, sérios e moderados, que desaprovavam a conduta do vice-arcebispo de Cantuária. Mas essas práticas eram muito comuns para provocarem qualquer tipo de surpresa. Alcançar dignidade secular e posições de honra, havia se tornado o grande objetivo da ambição de, praticamente, todo o clero. De modo que, era mais fácil encontrar admiradores de suas ações do que pessoas que lamentassem as mesmas. Sua reputação, riqueza e poder ultrapassaram a de todos os que o precederam. Na realidade ele era rei, somente não tinha o título. Conta-se que o mundo jamais viu dois amigos que fossem tão unidos como Henrique e seu chanceler. Mas, como sempre, entre duas naturezas egoístas, ambiciosas e inescrupulosas, esta amizade íntima durou apenas enquanto serviu aos interesses comuns de ambos. Logo ela se transformaria na mais encarniçada inimizade. A prova disso será apresentada em seguida, de uma forma tal, que raramente algo parecido tem sido visto na história da humanidade.

***

TOMÁS BECKET — ARCEBISPO DE CANTUÁRIA

1162 D.C.

Tendo se passado quase um ano da morte de Teobaldo, o rei nomeou Becket como arcebispo de Cantuária e primaz de toda a Inglaterra. Antes de sua ascensão ao trono episcopal, ele havia fingido ser completamente devotado aos interesses do rei da Inglaterra. Todavia, a partir do momento que sua eleição tornou-se conhecida do papa Alexandre III, e especialmente, depois do encontro deles no **Concílio de Tours**, seu coração e alma sofreram uma completa transformação com relação ao rei, seu soberano. Ele retornou de Tours para a Cantuária, como o declarado vassalo de Roma, inimigo de seu rei e das leis de seu país. Esse era, ainda é e deverá sempre ser o espírito do papado. As intenções do rei de limitar o crescente poder da igreja eram bem conhecidas de Becket, o qual presidia sobre todos os seus concílios secretos. Tais intenções, todavia, precisavam ser enfrentadas e impedidas a todo custo. Tão zelosamente como tinha lutado *pelo* seu rei, agora, igualmente incansável, ele começava a lutar *contra* ele; e com isso começou a infeliz contenda.

A pretensão da ordem sacerdotal de ser considerada e tratada como uma *casta* especial da sociedade humana, trouxe muita confusão para o governo civil do país e demonstrou ser um grande obstáculo para uma administração equilibrada e justa. A igreja exigia plena libertação de qualquer controle imposto pela lei secular. Como já mencionado acima, ela afirmava, de forma bastante arrogante, que as pessoas e todas as propriedades da ordem eclesiástica estavam acima do âmbito dos tribunais civis comuns. O clero deveria responder apenas aos seus superiores e submeter-se diretamente aos decretos de Roma.

Mas como sempre acontece nesses casos, a ausência da lei conduz à violência. O resultado direto, dessas exigências papais sobre a Inglaterra, foi um terrível aumento na criminalidade, que colocou em grande perigo a vida e a propriedade dos súditos. “Por exemplo”, assim comenta o advogado Tomás Greenwood, que mencionamos anteriormente, “ficou provado que, desde o início do reinado de Henrique II, nada menos do que cem assassinatos haviam sido cometidos por membros do clero pertencentes a diversas Ordens, com impunidade praticamente absoluta. Estupros,

incêndios, assaltos, e roubos eram desculpados e escondidos debaixo da batina clerical do sacerdote ou da capa do monge. Na lei da igreja não estava previsto nenhuma penalidade para os crimes infames praticados pelos sacerdotes. O rei Henrique, por fim, acabou tendo que fazer a pergunta necessária: As leis e os costumes antigos do reino deviam ou não deviam ser observados?"

Para decidir essa grande questão o rei convocou uma assembleia em Westminster e exigiu dos dignitários do seu reino, ali reunidos, que lhe dessem uma resposta clara e inequívoca. A resposta dada pelos membros do clero à pergunta do rei foi: "As leis e os costumes antigos do reino deveriam ser guardados e observados, contudo, sempre levando em consideração os direitos das Ordens religiosas". Essa resposta esquiva era, na realidade, uma recusa. O rei em um estado emocional de grande consternação aboliu a assembleia, abandonou Londres, diminuiu o poder de Becket e lhe tirou o privilégio e a honra da educação de seu próprio filho. Os bispos ficaram alarmados, pois conheciam bem o poder e o orgulho de Henrique. Por esse motivo, pressionaram seu primaz de retirar ou alterar a resposta ofensiva. Becket, sem titubear, respondeu que mesmo se um anjo do céu lhe aparecesse com um conselho como esse, que demonstrava tamanha fraqueza, ele seria capaz de amaldiçoá-lo. Por fim, depois de hesitar por muito tempo, ele acabou cedendo através da influência do papa Alexandre, uma vez que Henrique havia ameaçado não pagar um imposto equivalente a um centavo por residência, que era cobrado pela autoridade real e transferido para a autoridade papal. De maneira geral o papa, através dessa longa disputa, se associava ao rei quando precisava de dinheiro, e com Becket quando não tinha tal necessidade.

***

A Constituição de Clarendon

Uma vez tendo conseguido uma resposta afirmativa por parte dos eclesiásticos, o rei convocou um grande concílio do reino para se reunir em **Clarendon**, um palácio real que ficava próximo de Salisbury, para ratificar com um juramento esse acordo. O objetivo do rei era a manutenção da paz; a lei do país tinha sido estabelecida em todo o reino, mas foi desafiada pela igreja. Com isso, o exercício

da justiça foi interrompido e o país ficou sob a ameaça de uma guerra civil. Henrique mandou que as leis e os costumes da Inglaterra fossem escritos, no formato legal, e convocou os barões e os bispos para assinarem, na esperança de dar um fim a essa contenda entre a coroa e a igreja. Não sabemos se foi por medo da vingança do rei, ou por uma decisão política, ou por hipocrisia, mas o fato é que o arcebispo fez o juramento e assinou a "**Constituição de Clarendon**". Seu exemplo foi seguido pelos demais bispos. Dessa forma eles conseguiram escapar das mãos do rei e dos seus nobres. Mas, deve ficar perfeitamente claro que Becket, nem por um momento, pretendia obedecer as leis às quais ele havia assinado e jurado de maneira tão solene. Ele conhecia muito bem a solução para o perjúrio mais infame. Sem perder um instante, ele comunicou ao papa o que havia feito por obrigação e contra a sua vontade. Nem um mês havia se passado e ele recebeu uma condenação formal da "Constituição" vinda de Roma, acompanhada com cartas "absolvendo-o de todos os compromissos contrários aos cânones da igreja e convocava a todos os bispos e prelados do reino que, sem nenhum escrúpulo, quebrassem todas e quaisquer promessas semelhantes que houvessem feito referentes à obrigação de obedecer àquela Constituição".

Poderia o perjúrio ser mais deliberado? Ou uma dissimulação ser efetuada de um modo mais frio? E isso tudo por um homem que tinha um elevado cargo na igreja e que se encontrava muito próximo do seu rei? O coração adoece a medida que transcrevemos tais atos de perversão inescrupulosa. Não existe nenhuma iniquidade maior que aquela praticada em nome de Jesus e do cristianismo. Tais revelações nos dão uma ideia extremamente perturbadora do espírito do papado em toda a sua perversão. Os piores crimes cometidos contra Deus e a humanidade são justificáveis contanto que promovam mais o poder secular e a grandeza da igreja. Podemos nos perguntar: Quando, e em que circunstâncias nós podemos de fato confiar na Igreja Romana e seus representantes diante dessa duplicidade de padrões? Somos gratos pelo fato de não sermos os seus juízes. Deus é que irá julgar toda a raça humana, inclusive todos esses pretensiosos e hipócritas. "Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo,

por meio do homem que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos.” (At 17:31).

O arcebispo, que havia ganhado a confiança, e que tinha se familiarizado com cada sentimento do coração do rei, manteve o papa plenamente informado de tudo o que se passava entre eles. Dessa forma, o papa bem sabia quando devia agradar o rei e quando o seu zeloso ministro. Mas é óbvio que aqui estamos diante da traição mais baixa da parte de um servo, e da conduta mais injusta por parte de seu líder espiritual. Como sabemos, nenhum homem pode servir a dois senhores. Ele, necessariamente, trairá a um deles. E esse é exatamente o caso que temos diante de nós. O fato que narraremos a seguir corresponde a um dos aspectos mais sombrios desse nosso registro. O primaz mal havia colocado seu selo na “Constituição de Clarendon”, e o papa Alexandre já havia tomado conhecimento da sua decisão de não honrar o compromisso assumido. “O veneno não havia sequer sido engolido quando o antídoto já havia sido derramado entre seus lábios.”[4]

***

Tomás Becket se Opõe ao Rei

Uma guerra foi publicamente declarada entre a prerrogativa da coroa e as pretensões da igreja. A mesma batalha que havia acontecido entre Henrique IV da Alemanha e o papa Gregório VII deveria repetir-se, dessa vez na Inglaterra, entre o rei e o seu arcebispo. Becket renunciou sua dignidade como chanceler e devolveu os selos que estavam em sua posse. Ele retirou-se dos prazeres da corte, das caçadas, dos banquetes, dos torneios, das guerras e do concílio que orientava o rei e, subitamente, tornou-se um monge austero que buscava com zelo a mortificação. Ele passou a vestir um tosco hábito de monge, e no lugar de suas preciosas roupas uma camisa feita de crina de cavalos ou pelos de camelos cobria o seu corpo, e açoitava a si mesmo com um chicote de ferro. Todos os seus relacionamentos com os membros da nobreza foram rompidos. Ele abandonou sua suntuosa casa, vendeu seus cavalos e toda a sua prataria. Jejuava alimentando-se apenas de pão e água, dormia no chão duro e todas as noites lavava, com suas próprias mãos, os pés de treze mendigos. Com

isso ele pretendia assumir uma santidade ímpar que fosse capaz de fortalecê-lo para a batalha. As mãos de um homem secular jamais podem tocar um santo homem de Deus — o sacerdote ungido do Senhor. Becket conhecia muito bem ao rei. Ele havia estudado cada aspecto do seu caráter, e sabia que o mesmo não se atreveria a atacá-lo.

Henrique estava chocado, surpreso, se sentia desconfortável e estava bastante desapontado. Ele havia elevado seu ministro favorito à posição de alta dignidade de um arcebispo de Cantuária. O rei esperava que essas concessões fizessem de Becket um instrumento por meio do qual pudesse enfrentar de forma mais eficaz, do que até então, o partido papal na Inglaterra. Não devemos duvidar que a Igreja Romana dispusesse de muitos privilégios legais durante aqueles dias. E o rei não demonstrava nenhuma disposição de invadir esses direitos. Por outro lado, a igreja havia demonstrado, através das instruções do papa, o mais firme propósito de limitar as liberdades e direitos da coroa e de todo o povo da Inglaterra. Para combater estas pretensões e repelir os abusos de Roma, Henrique havia colocado à cabeça da Igreja Anglicana aquele homem que ele considerava ser o mais capacitado por causa da sua energia, da sua inteligência e sujeição pessoal.

O rei imaginava que tinha em Becket um líder da igreja, bem como do Estado, que iria se empenhar pelas liberdades da coroa e do povo da sua terra nativa. De fato, não foi visando esses nobres objetivos que Becket havia aceitado o anel e o cajado de bispo. Henrique logo descobriria que seu hábil e dócil chanceler, de quem ele esperava ajuda e suporte, se voltaria contra ele em impiedosa inimizade. Do momento em que ele tocou o seu crucifixo episcopal tornou-se um escravo da Sé Romana, até a morte. Ao mesmo tempo, ele era também agora um inimigo jurado de todo homem ou princípio que se opusesse aos interesses da cadeira de São Pedro. Dessa forma, ele elevou as pretensões de Roma a alturas que jamais antes haviam sido alcançadas.[5]

***

A Perplexidade do Rei

Não é difícil imaginar com quais sentimentos, o orgulhoso e ferido representante da família real recebeu as novas acerca do comportamento do seu bispo primaz. Henrique não só era um dos monarcas mais ricos e poderosos de seu tempo, mas também um homem de talento incomum, incansavelmente ativo, decidido e inflexível. Após várias tentativas infrutuosas de obrigar o rebelde bispo ao arrependimento, ordens foram dadas para que o mesmo fosse julgado por alta traição. Becket que conhecia bem o poder e a firmeza de seu senhor real concluiu, sabiamente, que a melhor garantia para sua segurança pessoal se encontrava em fugir imediatamente. Ele se dirigiu à França, onde foi recebido pelo rei, não como um fugitivo, e sim como um hóspede distinto e digno das mais altas honras. Contudo, na Inglaterra o nome do arcebispo foi estigmatizado como traidor; seus amigos pessoais e familiares foram banidos. Além disso, severas medidas foram adotadas para impedir qualquer relação entre ele e seus partidários na Inglaterra. Becket, em retaliação, excomungou todos os seus oponentes. A feroz batalha entre esses dois homens durou sete longos anos. Durante esse tempo muitos soberanos, papas e antipapas, prelados e dignitários de todos os tipos foram envolvidos na contenda. Todavia, não precisamos entrar nesse labirinto de falsidade, traição e injustiça que imperavam em ambos os lados.

Tendo examinado com certo cuidado as grandes questões envolvendo a igreja e o Estado — sem ignorar certa medida de interesse nacional, que acabou conduzindo essa disputa inconveniente — sentimos que o nosso trabalho está concluído. Os detalhes desses sete anos são tediosos e sua leitura traria pouco ou nenhum proveito ao leitor. As piores paixões da nossa natureza humana caída se manifestaram de modo abundante. Diante de todo o quadro, sabemos que essa disputa não encontraria seu fim, a menos que a morte venha ao encontro do sacerdote ou que ele se submeta ao rei. Todavia, de acordo com os princípios estabelecidos pelo papa, o sacerdote nunca erra e ele nunca deve ceder.

Essa era a posição adotada por Becket, a qual ele mantinha de forma inflexível. Depois de algum tempo, através da intercessão do rei da França e do papa, o bispo recebeu a permissão para retornar do exílio. Becket duvidava muito da sinceridade de Henrique, ainda

assim ele considerava seu retorno como um triunfo glorioso sobre o rei. Mais orgulhoso e inflexível do que nunca, exigiu a restituição imediata de todos os territórios que pertenciam à sua Sé, e se negou de forma pertinaz de absolver os bispos e as outras pessoas às quais ele havia excomungado.

Como no início da disputa, assim também agora, sua atitude era altamente obstinada e ofensiva. O seu retorno à Inglaterra foi reportado com detalhes a Henrique por outros bispos, que imploraram sua proteção para si mesmos e para o clero de suas regiões. Nessa ocasião, um deles disse de maneira impensada: “Enquanto Tomás estiver vivo, nunca terás paz”. Henrique estava irado por causa da firmeza invencível e a orgulhosa arrogância de Becket. Ele estava perplexo; não sabendo o que fazer, exclamou: “Eu sou um príncipe infeliz! Será que não há ninguém que me liberte deste sacerdote revoltoso, que me causa tantas dores e que, de todas as formas busca prejudicar a minha autoridade real?”

***

O Assassinato de Tomás Becket

1171 d.C.

Não há provas que existia algum mau propósito na mente do rei contra a vida de Becket quando ele pronunciou essas palavras precipitadas. O fato é que as pessoas ao seu redor acabaram interpretando as mesmas da maneira como lhes era conveniente. Quatro cavaleiros, que gerenciavam os interesses do rei, homens de guerra, temíveis e valentes, se uniram para libertar seu senhor desse terrível inimigo; seus nomes eram Reginaldo Fitz-Urse, Guilherme de Tracy, Hugo de Morville, e Ricardo Brito. Poucos dias depois estes quatro homens desapareceram da corte, que naqueles dias estava localizada em Bayeux, sem comentarem seu propósito. Temendo pelas intenções dos cavaleiros ausentes, o rei enviou a toda velocidade o conde de Mandeville com ordens para prender o primaz e chamar de volta os quatro cavaleiros. Contudo, estes tinham uma grande vantagem e, antes que os mensageiros do rei pudessem alcançá-los, já haviam consumado a terrível obra.

Talvez os detalhes desse ato sombrio e sanguinário sejam bem conhecidos de alguns dos nossos leitores e não precisamos perder

tempo com eles. Mas devemos adicionar, como fato bem autenticado da história, que os quatro cavaleiros não haviam determinado, de forma deliberada, o assassinato do arcebispo. A intenção deles era obter da parte de Becket, uma promessa de obediência ao rei e, de absolvição dos bispos que ele havia excomungado. Por esse motivo, eles entraram na residência do arcebispo desarmados. Mas suas exigências imperiosas, e as respostas arrogantes, desafiadoras e ofensivas por parte de Becket, acabaram por atiçar as piores paixões dentro daqueles senhores feudais. Eles tinham uma forte compreensão da lealdade que os súditos deviam para com o soberano. Furiosos saíram da residência e correram para pegar suas armas para vingar a ofensa feita ao rei. Depois de eles terem saído, os portões foram trancados. Passou-se algum tempo até que eles pudessem arrombá-los e invadir o local. Todos sabiam o que viria em seguida. O arcebispo, entrementes, poderia ter escapado, mas ele não quis fazê-lo. A vitória já era sua, e seria maior ainda se ele sofresse o martírio voluntário. Como se tudo estivesse na mais profunda calma, ele mandou tocar o sino para as orações vespertinas. Então ele se dirigiu à igreja com passos solenes; o símbolo da sua dignidade, o cajado de bispo, foi carregado diante de si. De repente, se ouviram pesados passos e o barulho de armas. Os monges que rodeavam seu mestre, fugiram apavorados em todas as direções. “Onde está o traidor?”, exclamou uma forte voz; nenhuma resposta foi dada. “Onde está o arcebispo?”, ouviu-se de forma mais ameaçadora. “Eu estou aqui”, ele respondeu. Os cavaleiros exigiram, mais uma vez, a absolvição dos bispos e um juramento de lealdade e obediência ao rei. Outra vez Becket rejeitou, obstinadamente, essa exigência. Uma acirrada discussão seguiu-se; finalmente, os irados cavaleiros não podendo se conter mais, puxaram suas espadas e, mortalmente ferido, o arcebispo caiu aos pés do altar. Os assassinos fugiram, e dirigiram-se a Roma para ali confessar seu grave crime. O papa lhes ordenou que fossem a Jerusalém para fazer expiação pelo seu feito e passarem o resto dos seus dias cumprindo severas penitências.

***

A Humilhação de Henrique II

O rei ficou grandemente perturbado ao ouvir as terríveis novas daquele assassinato impiedoso e profano. Um grito de horror profundo se ouviu por toda a cristandade. Por toda parte, Henrique foi amaldiçoado como um tirano ímpio, enquanto Becket era venerado como um santo que sofreu o martírio pela causa de Deus. Seu assassinato foi atribuído a ordens diretas do rei. Por três dias e três noites, o infeliz monarca se trancou sozinho em seus aposentos, recusou comer, beber e ser confortado, até que seus serviçais começaram a temer por sua vida. Ao fim desse período de penitência, ele enviou representantes ao papa para se eximir de qualquer participação naquele crime. O papa Alexandre estava tão indignado a princípio, que não queria ouvir absolutamente nada e nem permitir que o nome amaldiçoado do rei da Inglaterra fosse pronunciado em sua presença. Ele ameaçou excomungar o rei e proclamar um interdito[6] sobre todos os seus domínios.

Contudo, como sempre, foram encontradas pessoas na corte papal que aceitaram fazer a mediação entre o representante de Cristo e o infeliz monarca. Os emissários reais ganharam para si alguns cardeais que foram bem sucedidos no seu esforço de tornar o papa mais propício ao pedido real. Termos de reconciliação foram discutidos, mas o papa tinha agora o seu pé colocado no pescoço do rei e ele estava determinado a implementar seus próprios termos antes de lhe perdoar. O triunfo do papa sobre o rei foi tão completo quanto podia ser desejado.

Dois cardeais foram enviados por Alexandre, como representantes do poder papal, para se encontrarem com Henrique na Normandia. A missão deles era verificar com exatidão todo esse assunto e, com base nisso, impor uma severa penitência ao rei. Henrique jurou, com a mão sobre os evangelhos, que ele não tinha nem dado a ordem e nem mesmo desejava o assassinato de Becket. Ele também disse que não havia lamentado a morte de alguém tão intensamente, nem quando seu próprio pai ou sua mãe faleceram. Todavia, ele confessou ter proferido aquelas palavras rancorosas que teriam, eventualmente, levado ao assassinato daquele santo homem. Por esse motivo, ele estava preparado para cumprir uma penitência de acordo com aquilo que o pontífice achasse que era necessário. O papa então impôs as suas

exigências e Henrique se comprometeu a: “1- Ele deveria manter 200 cavaleiros na terra santa às suas próprias custas. 2- Que, dentro de três anos, ele deveria tomar a cruz[7] pessoalmente, a menos que fosse liberado dessa obrigação pelo santo papa. 3- O rei também deveria abolir a Constituição de Clarendon, e todos os maus costumes que foram exercidos durante seu reinado. 4- Que ele deveria devolver para a igreja de Cantuária todos os direitos e possessões que haviam sido retirados ou tomados. Devia também perdoar a todos aqueles que haviam atraído sobre si a sua ira, devido a contenda com Becket, e restaurar as suas propriedades que, eventualmente, haviam sido tomadas. 5- Henrique teve que prometer que ele e seu filho, Henrique, o jovem, deveriam manter a coroa da Inglaterra em fiel obediência ao papa Alexandre e seus sucessores. Além disso, os que viessem a ocupar o trono da Inglaterra após ele, não deveriam se considerar como legítimos reis até que — o papa ou seus sucessores — os reconhecessem como tais”. Somente depois de Henrique ter se submetido a essas duras condições é que a sua reconciliação com o papa foi consumada, no dia 22 de Maio de 1172. Mesmo assim, ele ainda não escapou, por completo, das terríveis mãos do sacerdote vingativo. Sua humilhação, como iremos ver, ainda não havia sido completada.

Diversos acidentes domésticos e provações atingiram, nesse tempo, ao rei humilhado. Aproveitando-se disso, o clero pregou dos seus púlpitos que isso era fruto do julgamento de Deus, pelo fato dele ter perseguido o santo primaz. O povo crédulo estava disposto a dar ouvidos às suas palavras. Recebeu igualmente de forma favorável, a afirmação de que Becket havia encontrado a morte na sua batalha pelos pobres e subjugados saxões contra o cruel e avarento normando. Assim se desenvolveu, no meio do povo, uma disposição insatisfeita e altamente desfavorável para com o rei. Deprimido pelas circunstâncias infelizes, acusado de cumplicidade no assassinato de Becket, e assombrado por temores supersticiosos, o príncipe infeliz se decidiu a fazer o extremo para expiar a sua culpa. Foi-lhe dito que somente uma humilhação pública poderia apaziguar a ofensa cometida contra o céu e contra o santo assassinado. A vergonhosa cena acontecida em Canossa, devia se repetir em solo inglês. Assim o queria o irreconciliável

espírito de Roma. Se eles não puderem derramar o sangue de suas vítimas, eles forçarão as mesmas a esvaziar o cálice das mais amargas humilhações, até a última gota.

***

A Penitência de Henrique Junto a Tumba de Becket

1174 d.C.

Cerca de três anos após a morte de Becket, o rei visitou sua tumba na catedral de Cantuária. Quando ele avistou a igreja onde o arcebispo estava sepultado, desceu de seu cavalo e caminhou o restante do caminho, cerca de cinco quilômetros, vestindo um hábito de peregrino; as pedras cortavam seus pés descalços, de forma que sangravam. Chegando à igreja ele se prostrou diante da tumba do arcebispo, agora canonizado. Após permanecer naquela posição por um período considerável de tempo ele pediu para ser chicoteado pelos monges. Eles, bem dispostos quanto a isso, prontamente o atenderam. Dessa maneira todos os monges presentes, um após o outro, deram algumas chicotadas nas costas do orgulhoso normando. Depois disso, ele passou todo aquele dia e noite sem se alimentar ou beber qualquer coisa, ajoelhado sobre as pedras duras.

O triunfo do poder espiritual sobre o secular, representado na pessoa do rei e por extensão sobre a lei e os costumes da terra, estava agora completado. Dessa maneira, os propósitos ambiciosos do papado foram mais bem servidos pela morte de seu servo, do que teriam sido caso ele tivesse prolongado sua vida. O objetivo que Roma havia perseguido durante toda essa infeliz contenda fora alcançada. O governo secular teve que se dobrar sob o poder dos sacerdotes.

***

Reflexões no Encerramento da Grande Disputa

Visando ajudar o leitor a formar um julgamento equilibrado acerca dessa longa e amarga disputa, queremos oferecer as seguintes reflexões. Nós acreditamos que essas reflexões são capazes de fornecer ao leitor uma estimativa do verdadeiro espírito do papado, no que diz respeito às suas ambições e aos métodos inescrupulosos para alcançá-las.

Se perguntarmos: qual era o verdadeiro objetivo dessa disputa tão enorme e trágica — que resposta poderia ser dada? Teria sido para beneficiar as liberdades espirituais da Igreja de Deus, de tal maneira que ela tivesse seus privilégios aumentados para adorá-Lo e servi-Lo de acordo com os ensinamentos de Sua Santa Palavra? Teriam em vista, o primaz e o papa, as liberdades civis e religiosas dos cristãos individuais ou o bem estar da raça humana em geral? Ou teriam eles, pelo menos, levantado sua voz em protesto contra o rei e sua corte por sua aberta e flagrante violação das leis de Deus, com o objetivo de adverti-los contra o julgamento que viria? Todos aqueles que têm dedicado seu tempo para examinar os detalhes dessa controvérsia precisam admitir, por mais difícil que isso seja, que nenhum destes dignos objetivos fez parte, alguma vez, de seus pensamentos. O objetivo deles era um, e apenas um: o *poder sacerdotal*! Tudo o que podemos imaginar — a verdade, o cristianismo, a paz da Igreja, a paz da nação, isso para não falarmos da glória de Cristo ou das realidades eternas — foi completamente sacrificado no altar das reivindicações "sagradas", feitas pelo clero. Becket foi o maior representante dessas reivindicações. Ele exigia que, tanto as pessoas como as propriedades dos clérigos fossem revestidas da mais absoluta e inviolável santidade. "Do principio até o fim", diz Milman, "encontramos uma luta pela autoridade, por imunidades e pela proteção dos bens pertencentes ao clero. A liberdade da igreja representava a isenção do clero diante da lei da terra. O clero reivindicava uma condição de separação que fosse exclusiva e distinta do resto da humanidade. Deve ser reconhecido por todos que, se o rei tivesse consentido em permitir que o clero desprezasse toda a lei — caso ele não tivesse insistido em enforcar sacerdotes culpados de homicídios, como era costume fazer com os leigos — ele poderia ter feito sua carreira de ambição avançar sem nenhum tipo de reprovação. O rei também poderia ter vivido sem ser repreendido; uma vida em direta violação a todo preceito cristão de justiça, de humanidade e de fidelidade conjugal. Poderia ainda extorquir seus súditos sem nenhum tipo de reprimenda por parte do clero, desde que mantivesse suas mãos longes dos tesouros da igreja."

Tais são os solenes e justos juízos praticados pelos dignitários da igreja, os quais jamais serão acusados de preconceito contra sua própria classe. As críticas feitas por homens como esses são consideradas as mais valiosas e justas, da mesma maneira que a história dele é, em muitos aspectos, a mais confiável.

Nós não apenas concordamos com tudo o que o historiador diz, mas gostaríamos de adicionar que nenhum tipo de linguagem, por mais importante e solene que seja, pode expressar, de forma adequada, a profundidade do mal que foi abrigado e propagado pelo sistema papal. Não estamos falando, deve ser observado, da Igreja Católica, nem mesmo da igreja do ponto de vista eclesiástico, como se fosse algo distinto do papado. Estamos sim falando acerca da ambição secular e das práticas inescrupulosas dos papas, especialmente dos dias de Hildebrando em diante. Sabemos, por outro lado, que mesmo durante os períodos mais tenebrosos da sua história, muitos santos queridos de Deus estiveram em comunhão com ela. Eles não tinham nenhum conhecimento dos maus caminhos do bispo de Roma e de seus concílios. Essa realidade é referida pelo próprio Senhor, em sua carta dirigida à igreja em Tiatira: “Mas eu vos digo a vós, e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não tem esta doutrina, e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás.” (Ap 2:24). Aqui nós encontramos um remanescente de crentes conectados com um sistema que é caracterizado como “as profundezas de Satanás”.

Antes de deixarmos esta já prolongada história, queremos ainda mencionar que a trágica **morte de Becket** foi muito bem utilizada pelos discípulos de sua escola para seu proveito, de forma imediata e diligente. Somos informados que biografias e memórias do mártir foram multiplicadas e distribuídas até no estrangeiro, com grande zelo. O forte elemento da idolatria, que tem sido a marca registrada da igreja de Roma, agora se tornou manifesto na igreja da Inglaterra. Peregrinações feitas à tumba do mártir para remissão de pecados tornaram-se notáveis, como se fosse a última moda. O próprio santo tornou-se, ele mesmo, em um objeto da veneração popular. O número de peregrinos de todas as partes que anualmente iam à Cantuária, aumentava rapidamente. O túmulo era coberto com preciosos presentes e ofertas generosas. Um extenso

comércio foi instituído com artigos e objetos, dos quais se dizia, haviam entrado em contato com o mártir durante a sua vida. Também se acreditava que tais objetos estavam, agora, investidos com virtudes miraculosas. A frequência ao local era tão grande, que uma vez registrou-se a presença de, nada menos que, cem mil peregrinos na Cantuária. Até mesmo Luís VII da França fez uma peregrinação à tumba do santo e doou uma joia que foi avaliada como a mais valiosa em toda a cristandade daquele tempo. Por fim, Henrique VIII desafiou tudo isso ao roubar o rico santuário e ordenar que o santo fosse desenterrado, seus ossos queimados e que suas cinzas fossem espalhadas pelo vento.

---

[1] Conhecidos também por Pseudo-Isidorianas; é uma compilação espúria de cinquenta e nove decretos papais escritos pelo Arcebispo de Mantz no século IX, e atribuídos a Isidoro de Sevilha, que faleceu no século VI.

[2] Prelado católico que ocupa uma posição superior à dos bispos e arcebispos.

[3] Milman, vol. 3, p. 450.

[4] *Cathedra Petri*, book 12, vol. 5, p. 219. Ver uma descrição completa de toda essa disputa em Milman´s *History of Latin Christianity*, vol. 3, PP. 434-528. A descrição que apresentamos acima pode ser considerada a abordagem constitucional da mesma, enquanto essa última apresenta a abordagem histórica dessa longa disputa.

[5] White´s *Eighteen Christian Centuries*, p. 275.

[6] Por interdito, entende-se uma proibição decretada por um papa ou bispo de todos os procedimentos eclesiásticos em um determinado distrito, com exceção do batismo de infantes e a unção dos enfermos. Nas localidades onde fora imposto o interdito, os sinos não podiam ser tocados, não se podia dar a ceia ao moribundo, os mortos eram sepultados sem cerimônias eclesiásticas e os adornos das igrejas eram cobertos ou retirados. O primeiro interdito registrado foi decretado por Alduíno, bispo de Limoges.

[7] “Tomar a cruz” era uma expressão daqueles dias que indicava a decisão de ir defender a Terra Santa.

Capítulo 23

A Teologia da Igreja de Roma

Com o início deste capítulo nós estamos cruzando o marco que nos conduz ao século XIII. Os grandes personagens e os tempos agitados do século XII já ficaram para trás. Trata-se, portanto, de um momento verdadeiramente solene. Deve ficar claro para os nossos leitores, que a linha que separa as duas maneiras de agir, não pode ser ultrapassada de volta. A agitação que percebemos no século XII mereceu nossa especial atenção, em pleno século XXI, pois de fato está conectada, ainda que oculta, com a grande Reforma do século XVI. Podemos resumir a história anterior nos homens e no tempo, nos quais podemos perceber as grandes correntes do pensamento humano e do sentimento, que acabou culminando com o surgimento dos monastérios e da vida monástica. Quando aprendemos sobre esse período da história, temos todos os motivos para sermos gratos à providência de Deus pela liberdade civil e religiosa que podemos desfrutar no tempo presente.

Agora, uma nova geração composta de uma classe diferente de homens aparece no cenário. Os papas, os primazes, os imperadores, os monges, os filósofos e os demagogos*, com os quais nos tornamos familiarizados, saem de cena e abrem espaço para outros. O tempo certo chegou, onde as testemunhas de Deus e da Sua verdade reivindicam um lugar especial em nossa história. Eles surgem de forma marcante na frente dos nossos olhos, saídos do final do século XII. Mas antes de prosseguirmos, é necessário colocar diante dos nossos leitores algumas doutrinas e práticas da Igreja Romana daqueles tempos. Isso é muito importante, como iremos descobrir, porque foi através desses falsos ensinamentos e dessas práticas perversas que as testemunhas de Deus foram julgadas e que o papado conseguiu dominar a vida e as liberdades dos santos de Deus.

***

Os Sete Sacramentos

No Novo Testamento, cuja linguagem é simples e clara, somente lemos acerca de duas instituições divinas que estão relacionadas com os redimidos — o batismo e a Ceia do Senhor. Todavia, com o passar do tempo, tanto na igreja grega quanto na latina, esse

número de “sacramentos” foi aumentado e ratificado de maneiras diversas por diferentes teólogos. Já não se tratava mais de uma revelação divina, mas apenas da imaginação e invenção humana. Alguns daqueles teólogos chegavam a falar de até doze sacramentos. No entanto, na igreja latina o místico número sete foi por fim estabelecido de forma definitiva. A razão por trás dessa escolha tinha a ver com o pensamento dos sete dons do Espírito Santo como apresentados em Romanos 12:6-8. Os sacramentos estabelecidos foram: o batismo, a crisma (ou confirmação), a eucaristia, a penitência, a extrema unção[1], a ordenação e o matrimônio.[2]

Foi dessa maneira que a armadilha foi colocada para os verdadeiros seguidores de Cristo. A intensidade e a sinceridade com que um homem acreditava e obedecia à Palavra de Deus eram pouco importantes. Todavia, se esse mesmo indivíduo desprezasse algum dos sacramentos da igreja, bem como suas numerosas cerimônias, ele estava exposto a ser acusado de heresia e sofrer as devidas consequências. Por outro lado, também era de pouca importância se a Palavra de Deus era completamente desprezada, desde que se submetesse de forma obediente às exigências e doutrinas da igreja. Por esses motivos, para todos aqueles que queriam seguir ao Senhor e estimavam altamente a Sua Palavra, era impossível escapar dessa armadilha e estavam sujeitos a perseguição mais impiedosa. A rede lançada pela Igreja Católica era enorme e se estendia, rapidamente, sobre todo o continente europeu.

***

A Doutrina da Transubstanciação

Seria um esforço inútil querer enumerar todas as práticas e cerimônias religiosas exteriores, da Igreja Romana, que eram usuais naquela época. Muitos novos rituais, cerimônias, práticas e costumes, dias santos e festivais foram sendo adicionados de tempos em tempos, tanto pelos papas, de forma pública e geral, como pelos sacerdotes de modo privado e restrito às suas dioceses. Nenhuma dessas invenções sacerdotais, todavia, causou um impacto tão grande, ou produziu uma impressão tão monumental na

mente do povo, quanto a doutrina da transubstanciação. Devemos afirmar que esse dogma não aparece nos escritos de nenhum dos pais da Igreja, sejam eles gregos ou latinos. A primeira menção dessa ideia pode ser encontrada no século VIII. No decorrer do século IX, um período de trevas muito densas, um monge chamado Pascácio deu uma forma mais definida a essa doutrina supersticiosa. No século XI, Berengario de Tours se opôs com muito vigor a esse ensinamento, mas o mesmo foi habilmente defendido por Anselmo de Cantuária. Essa questão continuou a ser apenas um assunto de contenda entre os doutores da Igreja Romana, até o quarto Concílio de Latrão, que aconteceu no ano 1215. Nessa ocasião, a transubstanciação foi introduzida entre as principais doutrinas da Igreja Romana. Um dos cânones daquele concílio afirmava que: quando o sacerdote oficiante pronunciava as palavras de consagração, os elementos sacramentais da ceia, o pão e o vinho, se transformavam no corpo e no sangue do nosso Senhor Jesus Cristo. “O corpo e o sangue de Cristo”, eles dizem, “estão, verdadeiramente, contidos no sacramento do altar sob a aparência do pão e do vinho. O pão é transubstanciado no corpo de Jesus Cristo, e o vinho em Seu sangue, pelo poder de Deus através da oração de consagração do sacerdote. A mudança desses elementos, assim efetuada, é declarada tão essencial e perfeita, que os elementos (pão e vinho) contêm a Cristo plena e totalmente — Sua divindade, humanidade, alma, corpo e sangue, com todos os seus componentes e partes.”[3]

Daquele momento em diante, o pão consagrado da eucaristia recebeu veneração divina. Por volta desse mesmo tempo, mudanças importantes foram também introduzidas na maneira como o sacramento era administrado. Acreditava-se que o vinho consagrado, corria o risco de ser profanado pelo mergulhar da barba dentro do cálice, por meio de pessoas enfermas incapazes de engolir o mesmo, e por crianças que poderiam derramá-lo. Por esses motivos, o cálice foi retirado da participação dos leigos e dos enfermos. Já a comunhão infantil, foi abolida por completo, pelo menos na igreja latina. A igreja ortodoxa grega ainda mantém a prática de servir a comunhão às crianças.

Da doutrina da transubstanciação resultaram, naturalmente, as consequências mais lamentáveis que, hoje em dia, ainda se veem na Igreja Romana. Em certo momento, o sacerdote que oficia a missa, eleva a hóstia consagrada (que não passa de um fino biscoito feito apenas da mistura de água com farinha). Nesse instante, todo o povo se prostra diante da hóstia em verdadeira adoração. Em algumas ocasiões, a hóstia é colocada em um precioso recipiente e carregada em procissão solene pelas ruas. Todos os indivíduos que se encontram com ela, se ajoelham em sinal de adoração. Na Espanha, quando o sacerdote leva a hóstia consagrada até uma pessoa que está prestes a morrer, ele é acompanhado por um homem que toca continuamente, um pequeno sino. Quando o som do sino é ouvido, todos são obrigados a se ajoelharem, e assim permanecerem enquanto ouvirem o som do sino. O povo crê naquilo que o sacerdote diz: que o Deus vivo, em forma da hóstia, habita naquele recipiente, e pode ser carregado de um lado para outro. Não temos dúvidas de que tudo isso representa a consumação de toda a iniquidade, idolatria e blasfêmia. São essas práticas que expõem tudo aquilo que é sagrado ao ridículo, por parte das pessoas incrédulas. Tudo isso foi concebido em um tempo de grande ignorância, depravação e superstição.

Essa era, e ainda é, a desafiadora perversão do sacerdócio sob a direção do papa. Também representa a lamentável, mas culpada cegueira da Igreja Romana. Quão longânimo é nosso Deus, que tem suportado com paciência todas essas abominações e a desonra do Seu nome já há mais de mil anos! Mas o que será quando o tempo da graça findar e o juízo de Deus cair sobre toda a impiedade e injustiça dos homens! Para isso, Deus não irá usar o padrão do ritual romano, e sim o evangelho de Jesus Cristo, nosso Senhor. “Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo. Porque está escrito: Como eu vivo, diz o Senhor, que todo o joelho se dobrará a mim, e toda a língua confessará a Deus. De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus.” (Rm 14:10-12).

***

A Adoração de Maria

A adoração da virgem Maria teve sua verdadeira origem no espírito ascético* que prevaleceu durante o século IV. Antes desse período não encontramos nenhum traço de adoração dedicada a Maria. Todavia, por volta do fim do século IV foi descoberto que no tempo do nascimento do Senhor teria havido, no templo em Jerusalém, um grupo de virgens consagradas a Deus. Entre essas virgens, Maria teria crescido e feito voto de virgindade perpétua. Essa nova doutrina levou à veneração de Maria como representante do verdadeiro ideal do estado celibatário. Foi essa história também, que acabou provocando a aprovação da ideia de uma profissão religiosa baseada na castidade. Logo depois desses acontecimentos, tornou-se costumeiro chamar a virgem Maria de "**mãe de Deus**". Essa atitude, por sua vez, causou aquilo que os historiadores chamam de controvérsia nestoriana*. Apesar da oposição inicial, a adoração à Maria tornou-se comum, e no século V, imagens esculpidas e belas pinturas da virgem segurando o menino Jesus em seus braços, foram colocadas em todas as igrejas. Aos poucos ela se tornou objeto direto de adoração, e o culto a Maria se constituiu em uma das características predominantes da Igreja Romana. Os serviços diários oferecidos à Maria, os dias e festivais que haviam sido consagrados a ela, foram confirmados pelo papa Urbano II durante o Concílio de Clermont, em 1095.

Assim, o culto à Maria, estava agora estabelecido como doutrina e prática na igreja de Roma. Infelizmente, permanece assim até os dias de hoje, tendo sido ampliadas pelos dogmas marianos adicionais, tais como: 1- A virgindade perpétua de Maria, que alega que ela permaneceu virgem depois de ter dado à luz a Jesus; 2- A imaculada conceição, que argumenta a favor de Maria ter nascido sem pecado; e 3- a assunção de Maria ao céu, onde foi coroada como rainha do universo. É comum os católicos romanos tentarem negar que veneram e honram a Maria com o mesmo tipo de adoração devida somente a Deus. Entretanto, não é difícil perceber através de seus livros de devoções e orações, que a virgem ocupa não apenas um lugar proeminente, mas muitas vezes central. Nenhuma oração, como nós sabemos, é mais repetida e de uso constante do que a chamada "Ave Maria". Nessa oração, após citar

as palavras usadas pela saudação do anjo Gabriel feita à virgem (Lc 1:28), a Igreja Romana acrescentou o seguinte: “Santa Maria mãe de Deus, rogai por nós os pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.” Em outra oração, o devoto se dirige à virgem dizendo: “Nós nos refugiamos debaixo da tua proteção, oh! santa mãe de Deus, não despreze nossas petições nem nossas necessidades, mas livra-nos de todos os perigos, oh! sempre gloriosa e bendita virgem.” Ainda outra diz: “Salve santa rainha, mãe de misericórdia, nossa vida, nossa doce mãe, e nossa esperança! É a ti que clamamos, os pobres e banidos filhos de Eva, é a ti que levantamos nossos suspiros, lamentos, e choro nesse vale de lágrimas, volta, então, mais graciosa advogada, teus olhos de misericórdia em nossa direção”, etc. Ela também é chamada de: “Arca da Aliança”, “Porta dos céus”, “Estrela da manhã”, “Refúgio dos pecadores”. Estas expressões e muitas outras semelhantes servem para demonstrar, claramente, como Maria é idolatrada na Igreja Católica Romana e o lugar que ela ocupa nos pensamentos dos que a veneram.[4]

O rosário é composto por contas ou pérolas, presas por um fio, que serve para contar uma série de orações. O rosário é composto de três terços. Em cada terço a pessoa deve rezar dez orações do Pai Nosso e cinquenta Ave Maria. Cada ciclo do terço é concluído com outra oração chamada Glória ao Pai. O Breviário romano[5] é o grande livro de devoções da igreja. Cada sacerdote deve ler, diariamente, uma porção do mesmo, de maneira particular. Se não o fizer corre o risco de cometer um pecado mortal. É nesse livro que encontramos essas palavras tão fortes a respeito da chamada virgem Maria: “Se os ventos da tempestade se levantarem, e se te chocares com as rochas da tribulação, olhe para a estrela, chame por Maria. Se as ondas do orgulho te lançam de um lado para o outro, ou as da ambição, ou as da paixão, ou as da inveja, olhe para a estrela, chame por Maria. Se a ira, ou a avareza, ou as concupiscências da carne afligem tua mente, olhe para Maria. Quando estiveres perturbado com a grandeza dos teus pecados, incomodado com a impureza da tua consciência, apavorado diante dos horrores do julgamento divino, ou sentir que estás sendo tragado por uma onda de tristeza, para o fundo do abismo do

desespero, pense em Maria — em perigos, em dificuldades, em dúvidas, pense em Maria, invoque Maria.” O culto a Maria tornou-se tão sinônimo da adoração cristã, que em cada catedral e toda igreja mais espaçosa podemos encontrar uma “capela dedicada à virgem”.

Não temos dúvidas, a partir dessas poucas citações, que Maria é considerada não apenas como uma intercessora junto a seu Filho, mas o primeiro e mais elevado objeto de adoração que existe. E estas afirmações que acabamos de ver são do tipo calmo e sóbrio quando comparadas com a linguagem que encontramos nas ordens dos cavaleiros adoradores. Nós podemos encontrar muitos exemplos nos hinos, nos saltérios e nos breviários dessas diversas Ordens. Muitas qualidades exclusivas da trindade são atribuídas a Maria, que é representada como **rainha do céu**, e que se encontra assentada entre querubins e serafins. O dogma da imaculada conceição foi o resultado natural dessa crescente veneração dedicada a Maria. Essa doutrina foi confirmada e aceita de maneira geral pelo papa Pio IX, como artigo de fé da Igreja Romana.

***

A Adoração dos Santos

A adoração aos santos teve a mesma origem e surgiu por volta do mesmo tempo que o culto à Maria. De fato, trata-se da mesma coisa. A única diferença é que Maria, por causa da sua santidade peculiar e sua grande alegada influência no céu, é elevada muito acima da multidão de santos e mártires.

A veneração que era oferecida nos primeiros séculos da era cristã a todos aqueles que haviam perdido a própria vida por causa do testemunho fiel a Cristo, foi o que acabou por conduzir a prática de se invocar os santos e implorar pela intercessão deles. Uma afeição aceitável tornou-se uma veneração supersticiosa, e culminou em uma verdadeira adoração. A transição entre veneração e adoração é simples e natural, mas nem sempre pode ser observada com clareza. É por esse motivo, que a advertência apostólica é tão importante: “Filhinhos, guardai-vos dos ídolos.” (1 Jo 5:21). Antes disso, o apóstolo fala da nossa maravilhosa posição e bênção que temos em Cristo: “E sabemos que já o Filho de Deus é vindo, e nos deu entendimento para que conheçamos ao Verdadeiro; e no que é

Verdadeiro estamos, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.” (1 Jo 5:20). Visto que temos a vida eterna em Cristo e somos identificados com Ele no que diz respeito à nossa posição diante de Deus, isso deve, certamente, fazer do Senhor Jesus o único objeto da nossa adoração. Qualquer outro objeto é um ídolo. Até mesmo o melhor dos cristãos incorre em grande perigo quando admira demais um líder ou um irmão favorito. Que o Senhor nos guarde de qualquer tipo de veneração por alguma criatura viva ou morta.

O que podemos perceber é que um grande e influente sistema surgiu de um pequeno início através da sutileza do sacerdócio, o qual, em última instância, trouxe enorme riqueza para a Igreja Romana. **Peregrinos** trazendo dinheiro para alcançarem o perdão de seus pecados e ofertas voluntárias para livrar almas do purgatório, formavam uma parte destacada desse sistema. Era costume a prática de serviços religiosos, com especial solenidade, junto aos túmulos dos santos e dos mártires. No entanto, à medida com que as trevas se tornavam mais intensas e o espírito de superstição crescia, essas práticas já não eram suficientes. A partir de então, igrejas esplêndidas foram construídas sobre os túmulos dos mártires cristãos, outrora tão simples e sem ornamentos; algumas relíquias pertencentes ao santo, que estava sendo homenageado com a construção da mesma, eram guardadas ali, em preciosos relicários. Era comum afirmar que o corpo do santo milagroso estava enterrado debaixo do altar principal, e que naquele local a intercessão daquele santo possuía uma eficácia toda especial. Isso atraía milhares de pessoas para estes templos ou santuários, alguns para ver algo maravilhoso acontecer, outros para receberem algum tipo de milagre ou serem abençoados em suas almas. Não demorou muito para que as peregrinações se tornassem o mais popular tipo de adoração, e que os adoradores, que delas participavam, fossem os mais generosos em suas ofertas. Os sórdidos sacerdotes se aproveitavam da devoção e da cegueira dos adoradores para encorajá-los a fazerem contribuições cada vez maiores. Durante o século VI um número inacreditável de templos foram construídos em honra aos santos, e muitos festivais

instituídos com o objetivo de manter viva a lembrança desses santos homens e mulheres.

De acordo com Milman e outros, a adoração aos santos mártires tornou-se tão popular, que havia o risco de alguns serem esquecidos, por causa da grande quantidade de santuários existentes. O número era realmente impressionante. “O calendário estava tão lotado com nomes, que não era possível encontrar uma data para um novo santo sem fazê-la chocar-se com outro já existente, ou ter que substituir o velho por um novo. O leste e o oeste competiam entre si para aumentar o número de seus santos. Todavia, o Ocidente reconhecia apenas um pequeno número dos santos das igrejas do Oriente. Da mesma forma, o Oriente rejeitava, por sua parte, muitos dos mais famosos santos adorados no Ocidente com a mais profunda devoção. Na multiplicidade de santos vemos um testemunho claro da propagação generalizada da idolatria.” Rivalidades entre igrejas, cidades, reinos e mosteiros, mantiveram a cristandade em um estado de entusiasmo que durou séculos. Todos desejavam atrair os peregrinos adoradores para virem ao santuário do seu santo padroeiro. A fama de algum novo e celebrado santo, tal como São Tomás de Cantuária, desviava a atenção do interesse e os lucros, por um tempo, de outros lugares. A partir daí, surgiu a necessidade da criação de alguma novidade que fosse capaz de gerar novo entusiasmo pelo local. Normalmente, o anúncio de novas descobertas produzia o resultado esperado, atraindo novamente o fluxo dos peregrinos. Essa lamentável competição se prolongou até os nossos dias; o coração humano é imutável. Embora vivamos em uma época alegada como “esclarecida”, em muitas regiões a superstição permanece a mesma como nos tenebrosos séculos da Idade Média. Lembramos aos leitores, alguns dos lugares de peregrinação na Europa: Lourdes e Notre Dame, na França; Fátima, em Portugal; La Giralda, na Espanha[6]. Isso deve chamar nossa atenção e nos fazer questionar qual é o real objetivo da Igreja Romana em promovê-las. É claro que, da boca pra fora, os padres alegam que é para o benefício da alma dos peregrinos, a honra dos santos e o triunfo da igreja. Desde os tempos de Orígenes, que foi o primeiro a ensinar a veneração aos santos, até os dias de hoje, ou seja, um período de

aproximadamente dezoito séculos, encontramos a invocação aos santos e peregrinações aos lugares, igrejas ou mosteiros consagrados a eles, tanto na igreja grega quanto na latina. Não devemos estranhar que os muçulmanos tenham chegado à conclusão de que todos os cristãos são idólatras.

A maioria de nós está bem familiarizada com os nomes daquilo que podemos chamar de *santos universais*, tais como os pais da igreja e os **santos padroeiros dos reinos e dos países**. Todavia, a descoberta através de um estudo mais aprofundado da verdadeira extensão da idolatria, é algo realmente chocante. Por toda a extensão da cristandade católica, quase não há um país, comunidade e até mesmo um indivíduo que não possua um intercessor junto a Cristo, que é o Único Mediador entre Deus e o homem. Muitos católicos escolhem o santo do dia em que nasceram para ser seu santo padroeiro. Esse santo é considerado como o protetor particular do indivíduo, da comunidade ou do país; de forma que lhes são atribuídos poder e vontade divinos. Pensa-se que: tendo sido um ser humano, e possuindo ainda simpatias humanas, eles são menos assustadores e mais acessíveis do que Cristo; sendo assim, devem ser preferidos na busca de socorro, porque exercem sua influência junto ao Senhor visando o benefício dos lugares e das pessoas que se colocaram sob seus cuidados, enquanto peregrinam sobre a terra. De modo interessante, esses mesmos santos são apresentados como mutáveis, e que podem ser facilmente ofendidos. Colheitas abundantes, vitórias em batalhas, livramento no meio de aflições, segurança em viagens e outras misericórdias semelhantes são atribuídas a estes santos como resposta de orações dirigidas a eles. Todavia, em caso de calamidades, acidentes, sofrimentos e doenças, conclui-se então que o santo esteja ofendido por algum motivo, e sua ira precisa ser aplacada. Para alcançar isto, é necessário manifestar uma honra ainda maior ao seu túmulo e às suas relíquias, e depositar sobre seu altar ofertas e sacrifícios mais preciosos do que até então.

***

A Veneração de Relíquias

A história da veneração de relíquias, no seu caráter, tem muito em comum com a história da adoração dos santos. Por esse motivo, não iremos nos estender muito sobre esse assunto. As duas têm a mesma origem: a paixão ou a fraqueza da nossa natureza caída de valorizar muito a memória das pessoas amadas já falecidas. Essa nossa fraqueza tem sido usada pelo inimigo para seduzir os cristãos à prática da mais degradante espécie de adoração. Para justificar essa prática, costuma-se argumentar que nós, como seres humanos, respeitamos profundamente e temos em alta estima a memória e as coisas que nos trazem lembranças dos nossos entes queridos. Ora, se isso é aceitável e, até mesmo louvável, "quanto mais seriam merecedores do nosso amor os objetos que pertenceram aos santos, à bendita virgem e ao próprio Salvador?". Entretanto, por mais sensata que tal argumentação possa parecer, a mesma não é nem verdadeira nem justa. O profundo engano, o poder satânico e a terrível perversão envolvida na veneração de relíquias, encontram-se, principalmente, no fato da Igreja Romana afirmar q*ue existe um poder inerente e inegável nas relíquias para produzirem milagres.* Esse é o motivo verdadeiro porque elas são usadas e adoradas de forma tão dedicada, começando pelo próprio papa até o mais simples indivíduo dentro da comunhão romana.

Começando com os dias de Constantino, a veneração dedicada às **relíquias de santos e mártires** assumiu a forma de uma determinada adoração. A imperatriz Helena, mãe de Constantino, era uma mulher muito supersticiosa. Ela desejava tanto honrar os lugares na Palestina que haviam sido santificados pela vida e morte do Salvador, que, em seu fervor, ordenou que fossem construídas suntuosas igrejas sobre os supostos lugares do nascimento, morte e ascensão do Senhor. Durante as escavações que foram necessárias para a construção da igreja, conta-se, que foi descoberto o "santo sepulcro", no qual foram encontradas as três cruzes e a tábua contendo a inscrição original ordenada por Pilatos em três línguas diferentes. As novas acerca dessa maravilhosa descoberta se espalharam, com grande velocidade, por toda a cristandade. Isso gerou um enorme entusiasmo e expectativa acerca de qual das cruzes seria aquela em que o Senhor havia padecido. A lenda prossegue dizendo que, como não se podia ter certeza à qual das

três cruzes a tábua pertencia, um milagre decidiu a favor da verdadeira cruz, onde Jesus foi crucificado. De maneira bastante singular, os pregos que foram usados para crucificar o Salvador também foram encontrados no santo sepulcro. Esses preciosos tesouros, nem precisamos dizer, se tornaram um material inesgotável para o tráfico de relíquias. Partes da verdadeira cruz foram transformadas em crucifixos para os ricos, enquanto outras partes foram cuidadosamente guardadas em preciosas urnas e colocadas em capelas, nas principais igrejas tanto do Ocidente quanto do Oriente. A madeira da cruz de Cristo se multiplicou com tanta velocidade, que em pouco tempo poderia ser uma verdadeira floresta.

A paixão por relíquias, que aumentava cada vez mais a cada novo século, recebeu um enorme impulso durante as Cruzadas. Muitos santos antes desconhecidos e inumeráveis relíquias foram então introduzidos no cristianismo do Ocidente pelos cruzados que retornavam à sua pátria. Entre outros, uma grande quantidade de ossos, que supostamente provinham de santos com reputação, há muito falecidos, e outras relíquias menores, foram trazidas à Europa. A mais importante entre todas elas é o "**santo cálice**" — um cálice verde, que se acreditava ser feito de esmeralda — foi trazido da Cesareia, e venerado como tendo sido usado pelo Senhor na instituição da Ceia. Outra relíquia que alcançou grande fama foi a **túnica sem costura** que pertenceu ao nosso Senhor (Jo 19:23) a qual, se alegava, foi encontrada em Argenteuil, em 1156. Além disso, temos outra *capa sagrada* que teria sido presenteada pela imperatriz Helena ao arcebispo de Treves. Precisamos ainda acrescentar, como uma ilustração prática de veneração de relíquias, o seguinte exemplo: todos os anos durante a semana santa, o papa e os cardeais seguem em procissão solene até a catedral de São Pedro em Roma, com o propósito de adorar três grandes relíquias ali guardadas. Quando estão realizando essa cerimônia, eles se ajoelham na nave central da basílica, e as relíquias são exibidas de um balcão acima da estátua de santa Verônica. As relíquias consistem em: 1- Um pedaço de madeira da verdadeira cruz de Cristo; 2- Metade da lança que foi usada para perfurar o lado do Salvador; e 3- A "Santa Face", uma estampa, que se alega ser o

rosto do Salvador. Essa estampa é um pedaço de pano acerca do qual se acredita que o próprio Senhor imprimiu, de forma miraculosa, seu próprio rosto, e que foi trazida para Itália para curar o imperador Tibério, quando este adoeceu. A cerimônia de adoração dessas relíquias acontece em meio a um solene silêncio. Quando comparada com qualquer outra cerimônia, não existe nenhum ato de adoração que seja mais profundo na Igreja Católica Romana. Gostaríamos de perguntar se a estupidez, ou o pleno absurdo, ou a fraqueza humana, ou o poder satânico, poderiam ser elevados a um nível mais alto que esse? É surpreendente vermos homens instruídos e, em muitos casos, homens que cultivam a piedade, se prostrarem na mais profunda adoração diante de pedaços de madeira apodrecida, de uma lança quebrada e de um pedaço de pano pintado! Tudo isso só pode ser explicado se levarmos em conta a mais terrível cegueira. Tanto sacerdotes quanto o povo encontram-se imersos nas mais densas trevas. Isso acontece por causa de seus atos deliberados de ignorar a Palavra de Deus e de apagar a luz do Espírito Santo. Essa será sempre a situação, seja no campo católico ou no protestante, quando Deus e Sua Palavra são desprezados, como diz a profecia: “Dai glória ao SENHOR vosso Deus, antes que venha a escuridão e antes que tropecem vossos pés nos montes tenebrosos; antes que, esperando vós luz, ele a mude em sombra de morte, e a reduza à escuridão.” (Jr 13:16).

***

O PURGATÓRIO

Agostinho, bispo de Hipona, é referido como tendo sido o primeiro a levantar a doutrina de um estado intermediário, entre o céu e o inferno; mas seus pensamentos nesse ponto ainda são vagos e imprecisos. A doutrina do purgatório não foi reconhecida, de modo formal, como um dogma pela Igreja Romana até os dias de Gregório, o Grande, por volta do ano 600. É atribuída a ele a descoberta das chamas do fogo do purgatório. Em uma discussão acerca do estado da alma depois da morte, ele afirmou, de maneira inequívoca, o seguinte: “Nós precisamos acreditar que para algumas transgressões leves deve existir um fogo capaz de purgar tais pecados antes do dia do juízo final”. Como é muito difícil traçarmos

o desenvolvimento dessa doutrina através dos séculos, iremos concentrar nossa atenção nos decretos do Concílio de Trento, que é a grande e indiscutível autoridade, quanto a esse assunto.

"Existe um purgatório", diz o concílio, "e as almas retidas ali recebem a assistência dos sufrágios* dos fiéis, mas especialmente daquele representado pelo aceitável sacrifício da missa. Este santo concílio ordena a todos os bispos a se esforçarem, com toda a diligência possível, que essa doutrina que diz respeito ao purgatório, a qual foi entregue a nós pelos veneráveis pais da igreja e sagrados concílios, seja crida, guardada, ensinada e pregada em todos os lugares aos fiéis em Cristo. É no fogo do purgatório que as almas dos homens justos são purificadas mediante a aplicação de uma punição temporária. Essa limpeza tem o propósito de prepará-los para serem admitidos no paraíso eterno, no qual nada impuro pode entrar. O sacrifício da missa é oferecido a favor daqueles mortos em Cristo, que ainda não estão inteiramente purificados."[7]

Muitos escritores católicos romanos procuram provar essa terrível doutrina que nega completamente a plena validade do sacrifício de Cristo, usando passagens das Escrituras, mas, especialmente, dos livros apócrifos e da tradição católica. Nós, os cristãos verdadeiros, não temos nada a ver com esses dois últimos elementos. Qualquer coisa que seja agradável ao homem pode ser provada dessas fontes impuras. Todavia, nada pode ser mais desafiador, e ao mesmo tempo mais inútil, do que a tentativa que eles fazem de aplicar de forma errada, textos retirados das Escrituras quanto a essa doutrina. Como exemplo da deturpação das Sagradas Escrituras a favor dessa doutrina citaremos duas passagens que, costumeiramente são usadas para dar apoio às afirmações da Igreja Romana: 1- "Em verdade te digo que de *maneira nenhuma* sairás dali enquanto não pagares o último ceitil." (Mt 5:26). Aqui a Igreja Romana se contradiz a si mesma, pois se no purgatório os pecados venais são *perdoados*, como podem então falar de um *pagamento* do último centavo? Perdoar e pagar são dois conceitos totalmente opostos; 2- "Vivificado pelo espírito; no qual (uma indicação clara ao Espírito Santo) também foi e pregou aos *espíritos em prisão*." (1 Pe 3:18-19). Essa passagem não pode fazer nenhuma referência a uma suposta prisão chamada purgatório, uma vez que de acordo

com a própria doutrina romana, aqueles que são culpados de terem cometido um pecado mortal não são enviados para esse lugar. A inconsistência é ainda maior, quando consideramos a afirmação encontrada na versão Douay-Rheims[8] que diz que os antediluvianos eram “incrédulos” e, portanto, culpados de pecado mortal. Contudo, de acordo com os decretos do Concílio de Trento, o purgatório é apenas para “aqueles que morreram em Cristo e não se encontravam plenamente puros”. A passagem ensina que Cristo não pregou *pessoalmente*; Ele pregou pelo Espírito em Noé para os antediluvianos, que *agora* se encontram na prisão. As provas das Escrituras apresentadas pela Igreja Romana na defesa da existência do purgatório são tão inconsistentes, que membros realmente sérios dessa igreja, se empenham em buscar fundamento para essa doutrina com base exclusiva na autoridade da igreja.

Os escritores da Igreja Romana e até mesmo os cânones do Concílio de Trento costumam ser muito vagos quando se trata de definir onde é o purgatório e até mesmo o quê ele é. Segundo a opinião generalizada parece que o mesmo encontra-se debaixo da terra e próximo do inferno — e que se trata de um lugar intermediário entre o inferno e o céu. É nesse local que as almas passam por um processo de purificação, pelo fogo, antes de entrarem no céu.

Mas de que maneira o fogo material e terreno pode purificar um espírito? Os autores católicos evitam cuidadosamente em dar uma resposta a essa pergunta. O Concílio de Florença de 1439 nos diz que “aqueles que se encontram em um estado intermediário estão em um local de tormento, mas se os tormentos são através de fogo, ou tempestade, ou qualquer outra coisa, não podemos saber com precisão”. Ainda assim a visão geral parece ser a de que estamos lidando com uma prisão, na qual a alma fica detida e torturada ao mesmo tempo em que vai sendo purificada. Não existe, em todo esse processo, nenhum tipo de angústia mental nem de remorso, já que todo o processo é comandado por fogo verdadeiro e aquilo que ele produz. De forma curiosa, devemos notar que as opiniões dos melhores teólogos da igreja católica, estão divididas; alguns afirmam que tais tormentos consistem em uma súbita transição que vai de extremo calor ao frio mais intenso. Todavia, as várias especulações

de Agostinho e os dogmas desafiadores de Gregório foram logo autenticados através de sonhos e visões. Nas trevas da Idade Média, há muitos registros de pessoas que alegaram terem descido a essas tais regiões subterrâneas e que tiveram a oportunidade de inspecionar e depois desvendaram os segredos do purgatório diante dos ouvintes admirados. Nós vamos apresentar um desses relatos como exemplo, entre aqueles que achamos serem menos ofensivos e mais suaves.

***

A Região do Purgatório

Temos a história de um homem chamado *Drithelm*. Sua narrativa é endossada por autoridades proeminentes como Bede e Bellarmino. Ele alega ter sido conduzido em sua viagem por um anjo vestido por roupas resplandecentes, que o levou na direção do sol nascente. Depois de uma longa viagem eles chegaram a um vale de vasta dimensão. O lado esquerdo da região estava coberto com fornalhas acesas, enquanto que à direita com muito gelo, granizo e neve. O vale inteiro estava cheio de almas humanas, as quais, por meio de um vento tempestuoso, pareciam ser lançadas em todas as direções. Os infelizes espíritos sendo incapazes, por um lado, de suportar o calor violento, corriam para dentro do ambiente gelado. Esse por sua vez, os fazia retornarem para dentro das chamas ardentes, que não podem ser apagadas. Uma multidão inumerável de almas deformadas podiam ser vistas passando por esse processo e sendo atormentadas, sem descanso, entre esses estados alternados de calor e frio extremos. Esse, de acordo com o condutor angelical que acompanhava Drithelm, é o lugar de castigo para todos aqueles que adiam a confissão e o arrependimento até a hora da morte. Todavia, todos esses serão, ao final, admitidos no céu. Mas há muitos outros que, através de ofertas financeiras, vigílias, jejuns, orações e especialmente através da missa, serão liberados dessa condição antes mesmo do juízo final.[9] Qualquer indivíduo pode perceber, com facilidade, a verdadeira intenção desse tipo de visão. A mesma é criada com grande habilidade para chamar a atenção e agir sobre o ânimo temeroso das pessoas, de tal maneira que possa produzir um enorme impacto sobre suas

vidas. O propósito dessas narrativas é aumentar o poder dos padres sobre o povo e assegurar a doação de ofertas cada vez maiores para igreja.

Nesse ponto precisamos perguntar: é para um lugar como esse que a santa igreja mãe, a Igreja Romana, envia seus piedosos e penitentes filhos? A resposta é sim, e pelo que vimos, somente os *justificados* vão para esse lugar. Todos aqueles que morrem sob a culpa de um pecado mortal, vão direto para o inferno. Quando chegam ali, se encontram diante de sombrios portais sob os quais está escrito: “Não há nenhuma esperança por toda a eternidade!”. Quão terrível deve ser, para cada coração submisso, o pensamento acerca do purgatório! Como ilustração do que estamos dizendo, podemos mencionar o relato de uma jovem moça que abraçou a religião católica. Ela disse: “Migrei para a Igreja Romana”. Ela é uma moça muito dedicada à igreja, como acontece sempre nos casos de primeiro amor, mas sente-se desconfortável diante da ideia do purgatório. “Eu acredito que irei para o purgatório”, ela disse, “uma vez que não posso pretender ser boa o suficiente para ir direto ao céu quando morrer. Preciso passar através do purgatório, mas imagino que não terei que ficar lá mais do que quinhentos anos.” Não temos dúvida que ela era uma cristã verdadeira, que foi justificada de todos os pecados. Todavia, este é o poder que Satanás tem, de cegar as pessoas através do sistema papal. Nossa esperança é que a mesma possa ter sido liberta do engano. Ainda que um membro da Igreja Romana fosse realmente justificado e liberto por meio da fé em Cristo, ele nunca poderá ser realmente feliz, já que toda vez que pensar na morte é lembrado do purgatório com todos os seus tormentos. Que esperança muito mais bem aventurada a Palavra de Deus dá ao crente, em passagens como as seguintes: “Dando graças ao Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos santos *na luz*.” (Cl 1:12); “Desejamos antes deixar este corpo, para habitar *com o Senhor*.“ (2 Co 5:8); “Em verdade te digo que hoje estarás comigo *no Paraíso*.” (Lc 23:43); ”Tendo desejo de partir, e estar *com Cristo*, porque isto é ainda muito melhor.” (Fp 1:23); “Os teus pecados te *são perdoados*.” (Lc 7:48).

Cremos que está suficientemente claro, através dessas passagens e de muitas outras que poderiam ser citadas, que no

exato momento em que a alma do crente abandona o corpo, a mesma está, imediatamente, na presença do Senhor no paraíso de Deus. Esse é certamente o lugar mais feliz que existe em todo o céu. Qual pode ser então o objetivo da Igreja Romana para perverter a Escritura desta maneira? Por que ela nega a eficácia do sangue de Cristo, acerca do qual se diz que é capaz de limpar o crente de todos os seus pecados? Para respondermos a essas perguntas, temos que compreender e reconhecer que estamos lidando com as profundezas de Satanás.

***

Como a Igreja Romana Aplica a Doutrina do Purgatório

Da perspectiva histórica, o uso que tem sido feito dessa superstição satânica pelo clero romano, concentra-se na manipulação do medo e dos sentimentos dos seres humanos. O que a jovem que mencionamos acima, ou seus pais, não dariam para livrá-la de quinhentos anos de tormentos naquele local horroroso? Esse é o motivo porque a Igreja Romana ensina que as missas rezadas, a favor das almas que se encontram no purgatório, possuem o poder de libertá-las daquele lugar terrível. Essa prática tornou-se uma fonte inesgotável de riqueza para a Igreja Romana. Diante de um homem rico que está morrendo, que não poderá levar sua fortuna consigo e que se encontra apavorado diante da perspectiva dos tormentos que lhe aguarda no purgatório, o sacerdote romano podia estabelecer seus próprios termos para libertá-lo. Para aumentar mais ainda seus tesouros, a Igreja Romana criou em cima dessa inacreditável superstição, o escandaloso tráfico das indulgências papais, que têm como objetivo aliviar os sofrimentos dessa passagem pelo purgatório.

Mas o pior e mais perverso uso dessa doutrina era que os sacerdotes a utilizavam para pretender ter um poder ilimitado sobre suas vítimas, até mesmo após a morte destas. Os padres faziam com que as pessoas que estavam morrendo cressem que suas almas continuariam sob a dependência da sua influência e interseção; que eles possuíam as chaves do purgatório e que sua sorte dependeria da sentença deles. Todo esse tormento psicológico é fruto apenas das palavras que procedem dos lábios mentirosos

dos padres. Verdadeiramente estamos lidando aqui com as profundezas de Satanás — e nós trememos diante da perspectiva de entrar nas mesmas. Não temos dúvidas que isso tudo não passa de uma grande mentira. É uma terrível blasfêmia para qualquer ser humano afirmar que possui o controle das chaves do céu, do inferno ou do purgatório.

"Não temas", disse o bendito Senhor a João, "eu tenho as chaves da morte e do inferno [Hades]." (Ap 1:17-18). Somente o Senhor Jesus tem poder e autoridade sobre o mundo invisível. Por outro lado, as Escrituras nos ensinam com clareza, que Deus "nos tirou da potestade das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor" (Cl 1:13). Esse versículo ensina de modo absoluto, que o crente não é apenas libertado do juízo e da morte, e purificado de todos os pecados — pela obra de Cristo —, mas que já agora foi tirado do reino das trevas e transportado para dentro do reino do querido Filho do amor de Deus. A linguagem usada por Paulo não dá espaço para dúvidas. Ele diz: "O qual *nos tirou*" — o texto não diz que Deus *quer* ou *irá* nos tirar. Essa é a nossa realidade agora, e a mesma deve ser aproveitada agora. Não existe nenhum poder senão aquele que se encontra nas mãos do Senhor ressuscitado. Também não existe purgatório, mas apenas o precioso sangue de Cristo. Algumas vezes o Novo Testamento também se refere ao lavar regenerador mediante água pela palavra de Deus. "Purifica-me com hissope, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais branco do que a neve." (Sl 51:7; Jo 13:15; Ef 5:26).

As igrejas gregas Abissínia e Armênia rejeitam a doutrina do purgatório em tese, mas sustentam a mesma em substância. Orações e missas são proferidas em favor dos mortos e incenso é queimado sobre os túmulos dos falecidos.[10]

***

A Unção dos Enfermos

Passemos do purgatório para o sacramento da **unção dos enfermos** (também chamada de extrema unção). Como todo sistema falso, o papado é cristalinamente inconsistente consigo mesmo também neste ponto. A falsidade, que é a mãe de todas as mentiras, está escrita sobre sua testa, apesar de reconhecermos

que existem muitos corações honestos e tementes a Deus dentro daquela comunhão. O contraste entre o que a Igreja Romana ensina e a perfeita unidade da verdade divina, como revelada nas Escrituras, é marcante. Apesar das Escrituras terem sido escritas por diferentes pessoas, tratando de assuntos diversos, sob circunstâncias variadas, em inúmeros lugares e épocas distintas espalhadas pelo mundo, ainda assim, elas formam uma perfeita unidade. É impossível não se dar conta das glórias da cruz, da riqueza da graça divina, da condição perdida do pecador e da sua salvação, através de todas as páginas das Escrituras. Quem, por exemplo, não poderia reconhecer essas verdades no cordeiro oferecido por Abel, na arca de Noé e na purificação do leproso? Por outro lado, os sacramentos do sistema romano estão repletos das mais absurdas contradições. É isso o que também acontece com os ensinamentos acerca do purgatório e da unção dos enfermos. Se a doutrina do purgatório for verdade, então o ensino da unção dos enfermos é falso. Se a extrema unção realmente tem o poder que a Igreja Romana lhe atribui, então o purgatório não passa de um engano, uma mentira. Não é possível a existência de um lugar como o purgatório e nem mesmo a necessidade para o mesmo, se forem verdadeiras as afirmações feitas durante a unção dos enfermos. De acordo com os decretos do **Concílio de Trento**, o objetivo e o efeito do óleo sagrado utilizado na extrema unção, é purificar a pessoa dos pecados remanescentes. Quem despreza esse sacramento é um herege e vai direto para as profundezas do inferno. A unção dos enfermos é ministrada da seguinte maneira:

O padre, depois de entrar na casa, deve colocar sobre sua sobrepeliz uma estola* de cor roxa, e apresentar a cruz para a pessoa enferma, a qual deve beijá-la de modo reverente. Depois de fazer algumas orações e aspergir o enfermo com água benta, o sacerdote mergulha seu polegar no óleo consagrado, e unge o enfermo fazendo o sinal da cruz. Esse processo se inicia com a unção de cada um dos olhos, e com o padre dizendo: “O Senhor, através de Sua santa unção e Sua mais graciosa misericórdia, te perdoe qualquer pecado que tenhas cometido através dos olhos”. Existem sete unções, uma para cada um dos cinco sentidos — visão, audição, olfato, paladar e tato — e mais uma para o peito e

outra para os pés do enfermo. A seguir, acontece outra série de orações acompanhadas de muitos sinais da cruz e de uma cerimônia onde se queima o pedaço de tecido que foi usado para remover o óleo da unção de diversas partes do corpo, bem como do polegar do padre. Com isso a pessoa, o homem ou a mulher que está prestes a morrer, é declarada apta para alcançar com segurança o porto da eterna bem-aventurança.

Esse sacramento nunca é ministrado enquanto existir qualquer expectativa de recuperação da saúde. É chamada de “extrema” porque é a última coisa a ser ministrada pelo padre, não havendo depois nenhum outro sacramento. Por meio deste infalível sacramento a favor dos moribundos, deveríamos esperar, naturalmente, que o purgatório recebesse poucos membros da igreja de Roma. Por isso, o mesmo deve estar cheio de protestantes que desprezam a unção sacerdotal bem como daqueles que, pertencendo a Igreja Romana, foram desqualificados para receberem esse sacramento. Todavia, existe uma grande variedade de opiniões acerca desse assunto entre os católicos. Alguns são da opinião que todos, sem exceção, do papa para baixo, independente da vida santa que levaram ou de terem recebido, de forma apropriada, o último sacramento — ainda assim precisam passar pelo purgatório. Para esses, nenhuma alma pode passar diretamente da terra para o céu. Eles argumentam que, como nenhum ser humano possui completo controle sobre si mesmo, pensamentos tolos ou mesmo pecaminosos podem passar por sua mente durante a administração da unção dos enfermos, ou após a mesma. Por esses motivos, a alma precisa sempre passar por um processo de purificação em seu caminho em direção ao céu. Os pecados podem ser tão pequenos que a estadia no purgatório será de curta duração. Mas até mesmo alguém como o papa Gregório ou o próprio São Bernardo de Claraval precisaram ser purificados pelas chamas do purgatório. Que lamentável que todos os filhos de Roma são escravizados com o pensamento de que precisam passar pelos tormentos do purgatório antes de poderem experimentar a liberdade e a alegria que existe no céu. Quão terrível, quão triste, os pensamentos da morte devem ser para essas pessoas! Quão diferente eles são dos pensamentos e sentimentos do grande

apóstolo quando disse: “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho”. Estando vivo, ele vivia a própria vida do Cristo. Com isso ele desfrutava da plenitude e da mais doce comunhão com o Senhor. Se morresse, a morte era vista como um grande ganho. Por isso ele podia afirmar: “Tendo desejo de partir e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor”. Além disso, a Palavra de Deus é muito clara ao afirmar o privilégio que todos os crentes têm em Cristo — “Desejamos antes deixar esse corpo para habitar com o Senhor”. (Fp 1:21-23; 2 Co 5:8).

A instrução que encontramos no Novo Testamento e que diz respeito à antiga prática de **ungir os enfermos**, tem dado aos escritores católicos um grande impulso para afirmar com ousadia a necessidade deste sacramento. Mas eles ignoram ou escondem o fato cuidadosamente, que a unção ensinada nas Escrituras tinha o propósito de curar o *corpo* do enfermo, e *prolongar* seus dias de vida sobre esta terra. No entanto, a unção da Igreja Romana tem por objetivo a salvação da *alma* e é ministrada somente aos *moribundos* — como um sacramento permanente que transmite graça a quem o recebe, incluindo o perdão dos pecados e a salvação na hora da morte. A unção apostólica visava à restauração da saúde. Já a unção dos enfermos, ou extrema unção da Igreja Católica, é o último preparativo para morte. Nas Escrituras lemos: “E expulsavam muitos demônios, e ungiam muitos enfermos com óleo, e os curava.”; “Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará” (Mc 6:13; Tg 5:14-15).

Estas passagens não oferecem dificuldade alguma de compreensão, até para o leitor mais simples. Porém, a superstição deturpou essas passagens para alcançar seus próprios objetivos. Deve ficar claro para nós, que a unção original era usada para a restauração da saúde de alguns indivíduos. É provável que a mesma tenha continuado a existir enquanto o dom de curar e o poder de realizar milagres existiram. Esses, muito provavelmente, não foram muito além da era apostólica. A unção dos enfermos, em sua presente forma, era desconhecida na história da igreja durante seus primeiros onze séculos. Ela surgiu no século XII, quando a

ignorância e a astúcia sacerdotal contendiam entre si, e recebeu a aprovação definitiva durante o grande Concílio de Trento.

***

A Confissão Auricular

Os sacramentos da Igreja Romana, sendo considerados necessários para a vida espiritual e estando à disposição dos sacerdotes, acabaram por produzir, necessariamente, uma influência inacreditável e um poder quase ilimitado do clero sobre o povo. Mas, dentre todos os sacramentos, nenhum se compara com a **confissão auricular**, no que se refere a escravizar e rebaixar a moralidade do povo diante dos sacerdotes déspotas*. Começando com os imperadores e chegando até os camponeses mais humildes, o coração de todo homem e mulher estava completamente aberto diante dos padres da Igreja Romana. Nenhum ato sequer, nem mesmo um pensamento, pelo menos na idade das trevas, foi mantido em segredo do digníssimo padre confessor. Esconder ou disfarçar a verdade era um pecado que somente poderia ser expiado com a penitência mais humilhante. Em alguns casos, se a pessoa ocultava a verdade, era condenada ao tormento do inferno. Diante de um poder tão arbitrário, irresponsável e terrível, quem seria capaz de não tremer?

Dessa maneira, os padres se tornaram uma espécie de polícia secreta, à qual todo homem tinha a obrigação de oferecer informações contra si mesmo. Os padres sabiam os segredos de todas as pessoas, de todas as famílias, de todos os governos, de todas as sociedades, e obviamente, também sabiam como utilizar essas informações para beneficiar seus planos e alcançar tudo aquilo que desejavam. A consciência, a moral, bem como a parte religiosa ou espiritual do ser humano, estavam sob seu controle. Era como se existisse um selo que garantisse a consumação de toda a perversidade e blasfêmia. Pais e filhos, mães e filhas, senhores e servos — todos se encontravam igualmente sob a vigilância e direção secretas (mas nem por isso menos eficaz) dos sacerdotes.

Esse tremendo poder conquistado através do confessionário era utilizado para o bem da igreja, como se alegava. Algumas vezes o perdão era concedido; outras, adiado; e ainda em outras situações,

negado; de acordo com cada caso. Tudo dependia de como alcançar da melhor maneira os objetivos da igreja. Muitas vezes, as informações recebidas em confiança durante a confissão, eram usadas do modo mais egoísta, cruel e de forma inescrupulosa, em especial para objetivos políticos. Havia casos que duravam um longo tempo envolvendo uma disputa ou disciplina, até que a igreja conseguisse alcançar o seu objetivo. A excomunhão era algo muito temido naqueles dias, e o papa era um poderoso antagonista. Quando Gregório VII lançou seu anátema contra Henrique IV, liberou seus súditos de todos os juramentos de lealdade que tinham feito ao soberano, e destituiu o rei de seu trono. Este, como já vimos, foi obrigado a se dobrar diante do ambicioso papa e implorar de forma indigna pela anulação da terrível sentença. O anátema separava o ofensor, não importando quão alta era sua posição, de qualquer comunhão eclesiástica. E já que a salvação fora das fronteiras da Igreja Romana era considerada totalmente impossível, não existia *nenhuma* esperança para qualquer indivíduo que morresse estando sob a sentença de excomunhão. Até mesmo o corpo poderia não ser aceito para ser sepultado em algum lugar consagrado, mas a alma, com certeza, serviria de presa aos demônios por toda a eternidade.

***

A Origem da Confissão

A história do surgimento da confissão não pode ser facilmente traçada, e a mesma não é necessária para o nosso propósito. A questão envolvendo a confissão particular e a absolvição por meio de um padre tem sido objeto de muita discussão entre teólogos, mas nenhuma lei definitiva, acerca desse assunto, foi estabelecida até o início do século XIII. No ano 1215, sob o pontificado de Inocêncio III a prática da confissão auricular foi ordenada pelo quarto Concílio de Latrão. A mesma devia ser praticada por todos os fiéis, de ambos os sexos, pelo menos uma vez por ano. Daquele tempo em diante, até os dias de hoje, a mesma tem sido considerada pela Igreja Romana como uma ordenança divina. A confissão também é praticada nas igrejas Gregas e Coptas[11].

As principais passagens das Escrituras usadas pelos escritores romanos a favor da confissão auricular são: “Confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis.” (Tg 5:16); “Àqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos.” (Jo 20:23). A primeira passagem, evidentemente, se refere claramente à confissão mútua de pecados entre cristãos. A segunda se refere à disciplina da Igreja. E nenhuma das duas faz qualquer referência a uma confissão secreta de pecados ao pé do ouvido de um padre, com o objetivo de receber uma absolvição da parte deste. O dever, ou o privilégio que temos de confessar os pecados, deve ser reconhecido por todos que se submetem à Palavra de Deus, sejam protestantes, sejam católicos. A questão é: a quem nós devemos confessar? As Sagradas Escrituras, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, dão uma resposta indubitável: “Então disse Josué a Acã: Filho meu, dá, peço-te, glória ao SENHOR Deus de Israel, e faze confissão perante ele; e declara-me agora o que fizeste, não mo ocultes.” (Js 7:19); “Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele (Deus) é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça.” (1 Jo 1:8-9).

Todavia, é a **forma da confissão** prescrita[12] pela Igreja Romana, que deve ser adotada por todo penitente que se aproxima do confessionário, que irá nos mostrar da melhor maneira, o verdadeiro caráter da mesma. Aquele que vai se confessar precisa se ajoelhar ao lado do seu confessor, e fazer o sinal da cruz, dizendo: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Em seguida deve continuar: “Eu confesso ao Deus Todo-Poderoso e à bendita Maria, sempre virgem, ao bendito São Miguel, o arcanjo, ao bendito João o Batista, aos santos apóstolos Pedro e Paulo, a todos os santos, e a ti, meu pai espiritual, que eu tenho pecado de modo excessivo, em pensamentos, palavras e ações, sendo tudo minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa”. Depois dessa introdução, o penitente especifica seus vários pecados nos mínimos detalhes, sem se evadir, sem ambiguidade. Não importam quão indelicados ou quão infames os pecados tenham sido, eles precisam ser todos confessados no ouvido do padre. Quando o sacerdote está satisfeito

com os detalhes fornecidos, ele sinaliza para o penitente encerrar. A confissão termina com as seguintes palavras: “Portanto, eu imploro a ti bendita virgem, sempre virgem, a ti bendito São Miguel, arcanjo, a ti bendito João o Batista, a vós santos apóstolos Pedro e Paulo, a todos os santos e a ti meu pai espiritual para que orem ao Senhor nosso Deus, a meu favor. Eu estou profundamente contristado, proponho emendar meus caminhos no futuro e da maneira mais humilde peço perdão a Deus e que me seja imposta a penitência devida, e concedida a absolvição por ti, meu pai espiritual.”[13]

O penitente está agora nas mãos do padre, e completamente a mercê da sua graça. Este poderá prescrever uma penitência pouco razoável ou até mesmo injusta, ou então, também poderá adiar a absolvição até que seus próprios propósitos maldosos sejam alcançados.

Bem, encerrando o assunto da confissão auricular, vamos notar, ainda dentro da teologia romana, o dogma que trata das indulgências — doutrina irmã da confissão.

***

As Indulgências

O sistema papal das indulgências, que gradualmente alcançou enormes alturas e, em última instância produziu efeitos tremendos, exige da nossa parte uma atenção cuidadosa, ainda que breve. É comum dentro da prática do mal que encontramos em Roma, introduzir, através de pequenos inícios, os maiores males que caracterizam sua história. De modo imperceptível, a ponta fina da cunha é introduzida pelo espírito que governa suas decisões. Uma vez introduzida, toda a força do sistema romano é aplicada para alcançar o fim pretendido. Foi isso o que aconteceu com a afeição pelos mortos, e com o pecado da idolatria aplicado à adoração dos santos e das relíquias. Esses pecados foram introduzidos através de um aparente respeito e por um desejo correto de preservar a memória dos mortos e as lembranças dos mesmos. O resultado final, todavia, foi o surgimento da mais terrível idolatria. O mesmo também aconteceu com todo o sistema das indulgências. A corrupção eclesiástica, uma vez admitida, permaneceu, aumentou e se espalhou de era em era, até que a cristandade estivesse

completamente envolvida em sua perversão e que os sentidos da moral e da religião dos seres humanos estivessem tão ofendidos pelo tráfico infame das indulgências, que um protesto surgiu e culminou na Reforma Protestante.

A nova doutrina das indulgências baseava-se principalmente na descoberta de um tesouro escondido no seio da igreja. A vantagem das indulgências sobre as penitências é que as mesmas podiam ser utilizadas para o perdão dos pecados, sem o processo doloroso e humilhante que acompanhava as penitências. Além disso, as indulgências tinham uma vantagem adicional: as mesmas não estavam atreladas, de nenhuma maneira, a qualquer obrigação de guardar algum dos sacramentos. Afirmava-se que em Cristo, na virgem Maria e nos numerosos santos, encontrava-se uma plenitude imensurável de obras meritórias que eram mais do que suficientes para eles mesmos. Embora se afirmasse que o Salvador mesmo era a fonte de todo o mérito, falava-se também muito dos méritos dos santos. Foi esse ensinamento que deu origem a uma nova ideia de obras **superrogatórias**, ou excedentes. Acreditava-se que através de suas penitências e por causa de sofrimentos não merecidos neste mundo, os santos haviam feito mais do que era necessário para sua própria salvação. Tinham, portanto, através dessas obras, chamadas de superrogatórias, um crédito que podia ser adicionado aos méritos superabundantes de Cristo. Todos esses méritos formavam um capital do qual o papa era o possuidor da chave. E ele podia aplicar tais méritos para absolver as pessoas dos seus pecados, tanto para essa vida, como para aqueles que se encontram no purgatório. O poder do uso dessas chaves foi utilizado, dessa maneira, como um substituto da eficácia dos sacramentos, de modo especial o sacramento da penitência.

Essa é a teoria papal para as indulgências, mas a mesma não é bíblica em seu caráter e acaba traindo seu autor. Ela é descaradamente antibíblica, porque promete a remissão dos pecados sem a necessidade de arrependimento. A perversidade de tal proposta é evidente, diante até mesmo da própria doutrina católica. A ideia das indulgências vai muito além do exercício penitencial do indivíduo e acaba por dissolver toda a disciplina da igreja. Isso acontece porque a mesma oferece, mediante o

pagamento de um valor monetário, o perdão de todos os pecados cometidos. Além disso, as indulgências possibilitam a licença para cometer pecados e oferecem uma garantia, por escrito, de libertação das dores do purgatório e até mesmo da condenação ao próprio inferno. Elas encorajam a mais flagrante iniquidade relacionada à profissão de fé do cristianismo, porque promovem a separação do dogma da moralidade, da prática da vida cristã. Seria possível a depravação papal ir ainda mais longe do que isso, permitindo que os homens sejam encorajados a darem pleno curso a seus vícios; que possam seguir, com todo ímpeto, seus próprios caminhos de perversão e, depois de tudo isso, ainda terem a oportunidade de comprar o perdão eterno, sem demonstrar nenhum arrependimento; e que tudo isso seja possível apenas mediante o pagamento de uma soma em dinheiro? Nós podemos apenas imaginar o dia do juízo que aguarda essa Jezabel de Roma, bem como todos os filhos que se deixaram seduzir por ela. O Senhor preserve o seu povo de ser seduzido por ela agora.

A história registra que a primeira emissão formal de indulgências pela igreja de Roma aconteceu no início do século XI. Mas esse novo engano de Satanás foi completamente implementado, até as suas últimas consequências, durante as Cruzadas. O papa Urbano II, no ano 1095, na cidade de Clermont, prometeu uma indulgência plenária[14] e a remissão dos pecados de todos os que participassem da **guerra santa**. Depois desse período surgiu o costume de se oferecer também indulgências de valores menores[15]. A absolvição de cem anos ou mais de sofrimento no purgatório podiam ser compradas de um bispo, mediante o conserto ou a ampliação de alguma igreja, da construção de uma ponte ou pela colocação de uma cerca ao redor de um bosque, de propriedade do bispo. Também podiam se beneficiar desse tipo de indulgência, aqueles que praticassem deveres religiosos extras, tais como a recitação de certo número de orações diante de um altar, de peregrinações a lugares santos e a visitação às relíquias, e outras atividades semelhantes a essas. O papa, de acordo com o ensino do Vaticano, é o soberano administrador desse capital da igreja e tem o direito de transferir esse mesmo poder aos bispos nas suas respectivas dioceses. O papa pode oferecer indulgências a todos os cristãos. Já

o poder dos bispos está limitado apenas aos cristãos que pertencem às suas dioceses.

***

A História das Indulgências

Foi assim que o sistema das indulgências aumentou, cada vez mais e mais, à medida que o tempo passava. Devido a seus flagrantes abusos, alguns dos estudiosos mais capazes da Igreja Romana não hesitaram em expressar suas objeções quanto ao infame comércio de venda das indulgências. Outros escreveram a favor das mesmas alegando que os homens, geralmente, não tinham muita disposição para enfrentar um longo período relacionado a uma penitência severa ou, passar por austeridades desagradáveis, quando podiam obter absolvição imediata através de um **pagamento pecuniário**. O mesmo também era verdadeiro quando se dispunham a fazer uma doação de vultosas ofertas a favor da igreja ou de seus representantes. Desde os primórdios era prática comum da igreja de Roma impor severos castigos e dolorosas penitências aos malfeitores e transgressores. Essas obras e sofrimentos, quando praticados com humildade, eram chamadas de *satisfações*. Todavia, agora as penitências eram encurtadas ou completamente perdoadas mediante um pagamento em dinheiro ou a prática de boas obras; o sacerdote absolvia o culpado de parte do seu castigo — a isto se chamava *indulgência*. O preço da indulgência era calculado de acordo com a natureza da ofensa e com a condição social do comprador.

A seguir, um fato curioso que foi citado por Milner a partir dos escritos de Burnet. Esse relato servirá para fornecer uma ideia melhor da extensão desse comércio impressionante, mais do que qualquer coisa que poderíamos falar acerca desse assunto. O fato aconteceu em um tempo quando, devido a Reforma, a venda de indulgências já havia diminuído bastante.

“No ano de 1709, piratas de Bristol, tomaram de assalto um galeão*, no qual encontraram quinhentos fardos com indulgências papais... foram contadas aproximadamente três milhões e oitocentas e quarenta mil indulgências. O preço das indulgências variava entre três moedas de ouro de aproximadamente oito gramas

cada uma, ou onze libras esterlinas. Todos eram obrigados a comprar uma indulgência durante o período da Quaresma. Burnet nos fala, que a escandalosa venda de perdões e indulgências não havia cessado por completo, de nenhuma maneira, nos países onde a Igreja Romana dominava, como eles pretendem nos fazer acreditar. Ele diz que na Espanha e Portugal existiam comissários, em todos os lugares, que gerenciavam as vendas da forma mais infame que podemos imaginar. Na Espanha, o rei, mediante um acordo com o papa, retinha os lucros. Em Portugal, o rei e o papa dividiam os lucros."[16]

Mas já nos ocupamos o suficiente com o comércio das indulgências. Acreditamos que temos fornecido informações suficientes para que o leitor tenha uma correta ideia dos fundamentos, do caráter e dos efeitos desse tipo de tráfico. Iremos nos ocupar com o sacramento do matrimônio mais tarde, de forma detalhada. Assim, iremos deixar esse interessante, porém doloroso tema da Teologia Romana, lamentando profundamente as práticas da cristandade papal, para retornar a nossa história geral.

---

1 Em tempos recentes a Igreja Romana mudou a nomenclatura do sacramento da extrema unção para a unção dos enfermos.

2 Ver J. C. Robertson, vol. 3, pp. 259-272.

3 Gardner´s *Faiths of the World*, vol. 2, p. 905. Ver também um ensaio sobre esse assunto em Edgar´s *Variations of Popery*, pp. 347-388.

4 Para detalhes, ver "Mariolatria", Gardner's *Faith's of the World*, vol. 2, p. 372. Butler's *Lives of the Saints*, October 1 - o grande livro sobre a Igreja Católica.

Hoje em dia, essas orações podem ter o seu teor parcialmente mudado.

5 Livro das leituras e orações cotidianas, prescrito pela Igreja Católica a sacerdotes e religiosos.

6 No Brasil, podemos lembrar os santuários tradicionais como Aparecida do Norte em São Paulo, e Juazeiro do Norte no Ceará. Essas peregrinações costumamos chamar de romarias.

7 Paul's *Council of Trent*, p. 750. Ver também, para mais detalhes, Milners's *End of Controversy*, Letter 43.

8 Versão da Bíblia da Vulgata Latina para a língua inglesa entre 1582–1610

[9] Edgar's *Variation of Popery*, p.455.

[10] Gardner´s *Faiths of the World*, p. 721. Milman, vol. 6, p. 428.

[11] A Igreja Copta é conhecida como a igreja cristã no Egito.

[12] Estas prescrições, entrementes foram mudadas.

[13] Gardner´s *Faiths of the World*, vol. 1, p.582. Milman, vol. 6, p. 361.

[14] Indulgência plenária é aquela que é capaz de perdoar todos os pecados de uma pessoa. Ela também pode ser atribuída a algum ente querido para livrá-lo dos tormentos do purgatório.

[15] Indulgências de valores menores são aquelas que perdoam apenas uma parte dos pecados ou saldam apenas parte do tempo que uma alma precisa ficar no purgatório.

[16] Milner, vol. 3, p. 439.

Capítulo 24

INOCÊNCIO III E O SEU TEMPO

1198–1216 D.C.

Durante o reinado deste grande papa, o poder da Sé Romana alcançou a sua posição mais elevada. O século XIII, geralmente é visto como o sol do meio dia da **glória pontifícia**. Nós fomos testemunhas do surgimento da arrogância papal nas ousadas afirmações de Inocêncio I e Leão, o Grande, no século V. Gregório, o Grande, foi o maior de todos no século VII. Nicolau e João, no século IX, contribuíram bastante para lançarem o alicerce do gigantesco edifício papal. Todavia, coube a Gregório VII o privilégio de edificar a superestrutura da Igreja Romana. Como sabemos, o maior e principal objetivo desse corajoso, ambicioso e inescrupuloso sacerdote era que a Roma papal tivesse o poder e a reputação que a Roma imperial, outrora, havia possuído. Com isso ele pretendia estabelecer a cadeira de São Pedro acima de todos os outros tronos. Mas não foi permitido a esse lutador inflexível ver o final dessa desesperada batalha. Roma foi tomada, como vimos em capítulos anteriores, e Gregório foi forçado a fugir para Salerno,

onde morreu no exílio. Por mais de cem anos depois de sua morte, nenhum dos papas que se sentou no trono em Roma conseguiu completar a grande obra que ele havia iniciado. Somente no final do século XII, um homem cuja inteligência e energia se igualavam (se não ultrapassavam) a de Gregório, recebeu a dignidade papal: Inocêncio III. Os planos ousados que Gregório havia traçado foram executados, nos mínimos detalhes, por Inocêncio. Sem dúvida, a combinação de diversas circunstâncias favoráveis lhe ajudou para alcançar seu grande objetivo. Dessa maneira, Inocêncio III obteve, na prática, o que havia apenas existido na imaginação dos papas através dos séculos — supremacia sacerdotal, dignidade real e domínio sobre os reis da terra. Com maestria e fervor incansável, Inocêncio III colocou em movimento toda a maquinaria do papado, para consolidar eternamente o ilimitado poder da Sé Romana. Entretanto, enquanto estamos aqui, neste topo da glória romana, precisamos fazer uma pausa para uma breve reflexão. Vamos nos empenhar em entender aquilo que Deus pensa acerca desse grande sistema religioso, e não considerarmos apenas o testemunho da história.

***

A Babilônia Revelada em Apocalipse 17

O nosso desejo desde o início desse trabalho foi estudar a história da perspectiva apresentada nas Escrituras. De modo mais específico, nossa intenção era fazer esse estudo com base nas epístolas endereçadas às sete igrejas da Ásia Menor, que encontramos no livro do Apocalipse, capítulos 2 e 3. Os males que eram apenas botões naqueles dias, floresceram em toda a sua plenitude. Lancemos mais uma vez, um breve olhar às cartas a Pérgamo e Tiatira. Na carta a Pérgamo, vemos a igreja descendo à posição do mundo ali “onde está o trono de Satanás”. Além disso, falsas doutrinas e seduções de todo tipo começaram a arruinar a igreja. A doutrina de Balaão “para que comessem dos sacrifícios da idolatria, e se prostituíssem”, abria caminho mais e mais. Na carta à igreja em Tiatira foi introduzida “Jezabel, mulher que se diz profetiza”. Ela introduziu com violência a idolatria na igreja. Estas e muitas outras abominações encontramos reunidas no “cálice de

ouro” da grande prostituta de Apocalipse 17. Acreditamos que não há dúvidas quanto ao significado das figuras utilizadas neste capítulo. Estamos diante não apenas de uma mulher, mas de uma mulher cheia de imoralidade, que se encontra entronizada entre as corrupções de uma cidade fundada sobre sete montes. “Aqui está o sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada” (v. 9). Estamos diante de algo bastante concreto — algo que sempre caracterizou a Igreja Romana. O fato da cidade estar construída sobre sete montes foi cantado em verso e prosa. “A eloquente voz trovejava sobre os sete montes à serviço da liberdade”, diz um historiador em relação a Arnaldo de Bréscia. Todo leitor sabe a que cidade o historiador está se referindo ao usar esta expressão: é a cidade de Roma edificada sobre sete montes. Sua corrupção religiosa lhe dá o nome de “a mãe das prostituições e abominações da terra” (v. 5). Mas por que, alguém poderia perguntar, ela é chamada de a grande Babilônia? Acreditamos que o termo é aplicado de modo *figurativo*, assim como Jerusalém é chamada de Sodoma e Egito. “E jazerão os seus corpos mortos na praça da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde o seu Senhor também foi crucificado” (Ap 11:8). Além do mais, a cidade da Babilônia construída para ser a capital dos caldeus foi edificada sobre a planície de Sinar e não sobre sete montes.

Portanto, podemos concluir com certeza, que os capítulos 17 e 18 do Apocalipse nos mostram o terrível juízo que virá sobre Roma, essa Babilônia espiritual, ou, com outras palavras, sobre o papado. E isso não acontece através da pena parcial e imperfeita da história humana, mas mediante o Espírito da Verdade que vê o fim desde o princípio. O sistema papal como um todo é avaliado e julgado da perspectiva do Deus Todo-Poderoso. Esse é um fator que deve produzir imensa satisfação no homem de fé. Iremos agora examinar algumas das características mais importantes desse sistema.

1. Na visão de João a mulher é vista como “assentada sobre muitas águas”. O anjo explica ao profeta o significado dessa figura do versículo 1 no versículo 15: “As águas que viste, onde

se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas". Essa mulher, ou sistema religioso corrupto de Roma exerce uma influência destruidora sobre todas essas multidões, nações e línguas. Mas Deus vê tudo e toma nota de tudo: a maldade da sua história encontra-se escrita no céu, diante de Deus.

2. **Ela é apresentada como alguém que mantém relações de sedução e da maior imoralidade com todas as classes de pessoas.** "Com a qual se prostituíram os reis da terra; e os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição" (v. 2). Ficamos chocados diante desse estado de coisas por percebermos que o mesmo é levado adiante usando o santo nome do Senhor Jesus! O termo "**prostituição**" designa aqui, sem sombra de dúvida, o poder de sedução exercido pelo sistema romano que afasta de Cristo — o único e verdadeiro Objeto da fé — as afeições dos corações das pessoas atraindo-as para si mesmo. O padre se interpõe entre o coração do cristão e o bendito Senhor. A Bíblia é encoberta, a vontade de Deus é ignorada e as pessoas estão embriagadas com cerimônias e doutrinas excitantes e alucinadoras. Dessa forma, toda verdadeira adoração é impedida. Toda a terra está embriagada com o vinho das suas prostituições. Mas seu fim, seu terrível fim se aproxima com grande velocidade: "Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela. Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado, e retribuí-lhe em dobro conforme as suas obras; no cálice em que vos deu de beber, dai a ela em dobro." (Ap 18:5-6).
3. **Em seguida ela é vista como aquela que domina e dirige o poder civil.** "E vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e tinha sete cabeças e dez chifres" (v. 3). O texto pode estar se referindo ao Império Romano restaurado (Ap 13); pode também estar falando dos reinos que surgiram das ruínas da sua unidade imperial ou de todos os governos e principados da terra. Independente do que se trata, a mulher move seu cetro, ou melhor, sua espada manchada de sangue, como se ela fosse colocada por Deus como dominadora sobre todos eles. A

púrpura usada pelos Césares foi reivindicada pelos papas. No lugar das águias imperiais entraram as chaves cruzadas, e “Sua Santidade”, o papa, foi proclamado **monarca universal**. Roma, por sua vez, tornou-se senhora do mundo e não exercia seu poder apenas de forma nominal. Ela se revestiu com novo poder que era mais terrível que o anterior. A Roma imperial nunca inspirou tanto terror com seus exércitos, quanto a Roma papal com suas maldições. “A cristandade”, como disse alguém, “através de toda a sua extensão de escuridão moral e mental, tremia todas as vezes que o pontífice proclamava alguma excomunhão. Monarcas se agitavam em seus tronos diante do terror do despotismo papal, e rastejavam diante do seu poder espiritual como os mais insignificantes escravos. O papa era considerado pelo clero como a fonte de toda a sua autoridade e como sendo o caminho a ser seguido para futuras promoções. O povo imerso na mais profunda ignorância e superstição tenebrosa, olhava para o papa e para a sua supremacia como se fosse uma verdadeira divindade terrestre, que decidia o destino temporal e eterno dos homens. A riqueza das nações fluiu para dentro do tesouro sagrado do papado. Isso permitiu ao sucessor do pescador da Galileia e cabeça da comunhão cristã, rivalizar em resplendor com a pompa e a grandeza das cortes do Oriente.”[1]

A extensão dos domínios da Roma papal excedia em muito as maiores conquistas alcançadas pelo antigo império. Muitas nações que haviam escapado do cetro de ferro da Roma imperial foram submetidas ao jugo da Roma papal. Tudo isso já foi visto em nossa história quando tratamos das guerras religiosas de Carlos Magno. Seu domínio se espalhava pela Irlanda, o norte da Escócia, Suécia, Dinamarca, Noruega, Prússia, Polônia, Boêmia, Morávia[2], Áustria, Hungria e, boa parte da Alemanha. Todos esses povos foram trazidos como ovelhas para o curral do pastor de Roma, através de muitos missionários, entre os quais podemos citar Bonifácio. Todavia, na perspectiva de Deus, todos esses povos estavam, de fato, escravizados pela tirania e usurpação dessa grande corruptora. Ainda que no tempo atual o papado tenha perdido muito do seu

antigo poder, diversas passagens das Escrituras nos mostram que antes do seu julgamento final, o papado irá recobrar mais uma vez o poder, e novamente exercerá uma influência poderosa sobre países e povos.

4. **Mas existe algo que vai além do fato dela se assentar sobre muitas águas ao mesmo tempo em que se senta sobre a besta. Ela está cheia das suas idolatrias e da imundície de sua prostituição.** “E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição” (v. 4). Apesar de toda a sua glória externa, que é valorizada e admirada pelo mundo, diante dos olhos de Deus ela não passa de uma mulher imoral, segurando um cálice de ouro cheio de todas as abominações. O leitor irá se lembrar com que predileção a Igreja Romana sempre se aferrou à veneração de imagens pintadas ou entalhadas. Não duvidamos que esses ídolos são designados com o termo “abominação”. Também em muitas outras passagens das Sagradas Escrituras o mesmo termo é usado para designar a idolatria e os objetos com os quais é realizado o culto aos ídolos.
5. **Sua grande ostentação e pretensão exclusiva com respeito à verdade de Deus.** “E na sua testa estava escrito o nome: Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra” (v. 5). Este é o maior, mais sério e mais terrível pecado de Roma. O engano mais infame produzido por Satanás, e a maior de todas as suas hipocrisias. Acerca do verdadeiro mistério celestial nós lemos: “Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja” (Ef 5:32). Mas em vez de se sujeitar a Cristo e ser fiel a Ele, esta mulher corrompe através da podridão do seu abraço os poderosos da terra, à semelhança de uma prostituta sem vergonha e corrupta. Todavia isso não é tudo. Ela não é somente uma prostituta, mas é chamada de mãe das prostitutas, pois ela tem muitas filhas. Todo o sistema religioso dentro da cristandade que tende de alguma maneira a afastar as almas de Cristo para fazê-las se envolverem de forma afetiva com objetos que se interpõem

entre o coração e Cristo na glória celestial, é filha desta gigantesca mãe da prostituição espiritual.

6. **Sua insaciável sede pelo sangue dos santos de Deus.** “E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração” (v. 6). Essa é mesmo uma estranha visão — uma mulher — uma comunidade religiosa, que professa ser a verdadeira esposa de Cristo encontra-se embriagada com o sangue dos mártires, dos santos de Deus. Tal visão enche a mente do profeta com profunda admiração. Mas isso não deve nos espantar. Independente das visões extraordinárias que o profeta teve, o fato que o sistema religioso, que se chama igreja, está embriagado do sangue dos santos, sobrepassa toda a sua concepção. Porém, em breve seremos confrontados com essa estranha situação, não apenas como uma visão, mas como uma lamentável realidade sem precedentes. Inocêncio III foi o homem que declarou guerra aos camponeses do sul da França e fez voltar a espada do famoso **Simão IV de Monforte** contra os bem conhecidos **albigenses** e **valdenses**. Tudo isso sob a alegação de estar fazendo a vontade de Cristo, e agindo sob Sua direta autoridade.

Do versículo 7 até o final do capítulo 18, encontramos a explicação da visão por meio do anjo e o terrível juízo e destruição que sobrevirá à Babilônia, tanto da parte de Deus quanto dos homens. Como não é nossa intenção oferecer uma interpretação desses capítulos, não precisamos insistir nesses solenes temas apresentados ali. Mas podemos agora caminhar, mesmo em meio às trevas, sobre os passos manchados de sangue que uma vez foram seguidos pelo historiador, à luz das Santas Escrituras.[3]

***

Inocêncio e os Reis da Terra

Os sinais distintivos ou as características da Babilônia espiritual que o Espírito de Deus tem nos mostrado nesses capítulos, são aqueles que Ele mais detesta. Nós mesmos podemos identificar essas características, uma a uma, no pontificado de Inocêncio III.

Não devemos supor que o espírito da Babilônia esteja limitado apenas ao papado, apesar do mesmo se encontrar publicamente entronizado ali e é ali também que o mesmo será publicamente julgado por Deus. Tanto o leitor quanto o autor precisam estar vigilantes para que esse espírito não se introduza sorrateiramente em nossos corações. Se não andarmos com o Senhor na comunhão com os Seus sofrimentos e na esperança da Sua glória, corremos perigo de cairmos nas armadilhas de Satanás. Quantas vezes acontece, infelizmente, que verdadeiros cristãos, relacionam o desfrutar da prosperidade presente e dos prazeres deste mundo com o nome de Cristo. Essa é a própria essência da Babilônia — a mistura profana de Cristo com o mundo, do céu com a terra, da verdade com a mentira. Aquele que professa fé em um Cristo rejeitado, mas que ainda assim mantém seu coração preso ao mundo que rejeitou o Senhor é contaminado com o espírito da Babilônia. É alguém que, sendo verdadeiramente desposado com o Príncipe do céu, ainda assim, aceita as lisonjas e os favores do príncipe desse mundo. É exatamente isso o que vemos em todos os lugares: os desejos desse mundo misturados com a confissão do nome do Senhor. Esta é a inconsistência, a confusão que é tão ofensiva a Deus, e que será julgada por Ele de uma forma terrível. Que o Senhor nos guarde de qualquer tentativa de misturar a cruz e a glória celestial de Cristo com esse presente mundo mau e pecaminoso.

O espírito do papado está completamente envolvido com este mundo, ao mesmo tempo em que diz estar completamente envolvido com Cristo. “Estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto” (Ap 18:7). O domínio total tem sido sempre seu único desejo — domínio sobre a igreja e o Estado, sobre os mares e a terra, sobre as almas e os corpos dos homens, com poder de abrir ou fechar os portões do céu e do inferno da forma como melhor lhe agradar. Era assim que Inocêncio III imaginava, e assim ele agiu, como veremos a seguir.

O nome original de Inocêncio III era **Lotário de Conti**. Ele era da casa dos condes de Segni, uma das mais nobres famílias romanas. Sob a direção de dois de seus tios, os cardeais das catedrais de Santo Sérgio e São Paulo, as grandes habilidades naturais de

Lotário se desenvolveram com surpreendente rapidez e seu futuro era promissor. Isso o distinguia e o tornava invejado por seus amigos e parentes. Mais adiante ele adquiriu a fama de um grande erudito por estudar nas escolas de Roma, Bolonha e Paris. Porém, sua verdadeira paixão era o estudo da lei canônica. Com a morte de Celestino III ele foi eleito, como era esperado, para assumir a cadeira vazia de São Pedro. Sua consagração aconteceu em 22 de fevereiro de 1198. Ele tinha então, trinta e sete anos de idade. Os cardeais o saudaram com o nome de Inocêncio, como um testemunho da sua conduta de vida imaculada.

***

Como Inocêncio Via o Papado

Algumas pequenas porções do discurso que ele proferiu quando tomou posse, e também de alguns escritos de Inocêncio, fornecerão ao leitor uma melhor noção das presunções papistas ou babilônicas. Uma ambição desmedida associada a uma exagerada afirmação acerca da sua humildade pessoal mostra ao leitor o verdadeiro espírito que o animava. Foi assim que ele se expressou: “Podeis ver de que tipo é o servo que Cristo colocou sobre o Seu povo. Ele é nada mais nada menos, do que o governador de Cristo, o sucessor de São Pedro. Ele é o ungido do Senhor e está posicionado entre Deus e os homens. Ele está debaixo de Deus, mas acima dos homens. É menos que Deus, todavia mais que os homens. Ele pode julgar a qualquer um, mas não pode ser julgado por ninguém, pois está escrito: ‘Eu julgarei’. Mas o mesmo que é exaltado pela preeminência de sua dignidade, é humilhado pela sua posição de servo, de tal maneira, que a humildade é elevada e o orgulho aniquilado. Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes e qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado.” Inocêncio foi capaz de descobrir o papado no livro do Gênesis. “O firmamento”, ele afirmou, “representa a igreja. Assim como o Criador de todas as coisas estabeleceu no céu dois grandes luzeiros, o maior para dominar o dia, e o menor para dominar a noite, da mesma maneira, ele estabeleceu no firmamento da Sua igreja, dois grandes poderes: o maior para dominar as almas e o menor para dominar os corpos dos homens. Esses poderes são: o poder papal e o poder real. Mas

a lua, como sabemos, sendo um corpo menor e sem brilho próprio, recebe sua luz do sol. Ela é inferior ao sol tanto em tamanho quanto na qualidade da luz que reflete. O mesmo também é verdadeiro quanto a sua posição no céu. De modo semelhante, *o poder real recebe toda a sua dignidade e esplendor do poder papal*, de uma forma tal que, quanto mais ele se aproxima da luz maior, mais absorve seus raios, e suas glórias emprestadas são eclipsadas. Além disso, foi ordenado que essas duas glórias devem ter sua habitação fixa e definitiva em nossa terra, a Itália; já que nessa terra, em decorrência da *unificação da primazia do poder do império e do sacerdócio*, se encontra todo o alicerce e estrutura da fé cristã e a predominância do governo sobre ambos!”[4]

Não deve ser difícil para o leitor concluir a partir dessas afirmações, mesmo que estejam envolvidas em metáforas, como amadureciam na mente desse celebrado pontífice as altas aspirações do sistema papal. Inocêncio afirma, de forma a não deixar dúvidas, que todo o domínio terreno é derivado do próprio papa. Isso implica que todos os reis e príncipes são seus súditos e servos, e que o domínio universal pertence a ele.

***

Inocêncio e a Cidade de Roma

Como um homem sábio ele começou a grande obra da sua vida reformando sua própria casa. Uma simplicidade rígida foi estabelecida no lugar do esplendor principesco. Os seus numerosos pajens — pessoas nobres, nascidas na alta sociedade e que lotavam o palácio — foram dispensados. Todavia, antes de mandá-los embora o papa lhes ofereceu ricos presentes, o que fez com que mantivesse a amizade dos mesmos. Isso também assegurava seus serviços nas ocasiões de grandes festividades. Os cidadãos, que estavam acostumados a serem gratificados no início de cada novo pontificado com um donativo, também não foram esquecidos. E com isso, ele também garantiu o favor da multidão. Inocêncio combinava de maneira perfeita a ousadia de Gregório VII com a cautela política e a perseverança de Alexandre III. Ele conhecia muito bem os romanos e sabia como lidar com eles, já que tinham o pior caráter dentre todos os povos da história. Veja a evidência oferecida por

São Bernardo em uma carta ao papa: “Por que eu deveria mencionar o povo? O povo é romano. Não tenho nenhuma definição mais breve e clara para expressar a minha opinião acerca dos seus paroquianos. Pois quem, de todos os homens e de todas as épocas não conhece a depravação e a arrogância dos romanos? Eles são um povo que não está acostumado à paz, mas inclinado, continuamente a tumultos, sem misericórdia e rebelde, e que, tendo qualquer possibilidade de vencer, despreza, até nesse instante, qualquer sujeição. A quem encontrarias, mesmo na vasta extensão da tua cidade, quem te respeitasse como papa, a não ser que pudesse lucrar ou tivesse a esperança de tirar proveito com isso? Fazem promessas de fidelidade somente para, por meio disso, poderem enganar melhor àqueles que confiam neles. Eles são homens muito orgulhosos para obedecerem, muito ignorantes para governarem, infiéis aos seus superiores, insuportáveis aos que lhes são inferiores. Não tem vergonha de exigir coisas e são obstinados em recusar o que se lhes pede. Costumam ser inoportunos quando querem alcançar algum favor, incansáveis até conseguirem o que desejam e ingratos quando, finalmente alcançam seus propósitos. Por fim, pretendem ser pessoas importantes, eloquentes, mas, na realidade, não passam de pessoas ineficientes. Costumam fazer promessas em profusão, mas sem intenção de cumpri-las. Lisonjeiam com voz macia ao mesmo tempo são os detratores* mais maldosos. É entre tais pessoas que tu ages como pastor, coberto de ouro e de toda espécie de esplendor imaginável. Qual é a expectativa das tuas ovelhas? Eu ousaria usar a seguinte expressão e dizer: eles se parecem mais com um bando de demônios do que com um grupo de ovelhas.”[5]

Esse é o testemunho de uma das mais altas autoridades da Igreja Romana, quanto ao caráter do povo que o novo pastor de Roma tinha ao seu redor, e sobre os quais devia exercer seus cuidados. Todavia, Inocêncio não era homem de se deixar desanimar, mesmo após as palavras pouco encorajadoras de São Bernardo. Foi com grande energia, prudência e habilidade que iniciou seu bem sucedido reinado.

Após ter colocado em ordem os assuntos da sua própria casa, ele dirigiu toda a sua atenção para os que diziam respeito à cidade. Seu

primeiro objetivo era abolir o último vestígio deixado pelo **poder imperial** que existia em Roma. Esse era um passo que exigia muita ousadia, porém ele já havia pavimentado o caminho de forma silenciosa e hábil, distribuindo dinheiro em treze distritos da cidade. Até esse momento, o prefeito de Roma administrava a cidade em dependência do imperador. Ele era o representante da autoridade imperial. Todavia, Inocêncio III acabou por influenciá-lo a rejeitar a autoridade imperial e a se submeter, completamente, à autoridade papal. O papa tirou das mãos do prefeito a espada, que era o símbolo antigo do poder secular, e em seu lugar colocou um cálice de prata, como símbolo de paz e amizade. Ele absolveu o prefeito de seus juramentos de lealdade feitos aos imperadores alemães, forçou-o a assumir um firme juramento de fidelidade para com o papa, e a receber a investidura de suas mãos. Assim foi rompido o último elo do poder imperial sobre a cidade de Roma.

De maneira semelhante, o novo papa persuadiu os senadores, ou representantes do legislativo, a resignarem seus cargos. Com isso ele pôde substituí-los por outros que estavam comprometidos a aceitarem a soberania do papa, através de um juramento. Foi exigido que os juízes, funcionários públicos e todos os cidadãos jurassem obediência à majestade espiritual, e reconhecessem a soberania exclusiva da santa Sé.

***

Inocêncio e o Reino da Sicília

Naqueles dias, a cidade imperial estava cercada por muitos inimigos perigosos. Livrar-se deles tornou-se o objetivo número um e mais importante na mente de Inocêncio. As melhores províncias do centro e do sul da Itália, chegando até os próprios portões de Roma, e o reino da Sicília, estavam sob o irritante jugo de terríveis aventureiros alemães. Para conseguir seu intento, Inocêncio procedeu da seguinte maneira.

Henrique VI, o Severo, futuro imperador da Alemanha, se casou em 1186 com Constança, a legítima herdeira da coroa da Sicília. Com isso ele assumiu o senhorio de todas as províncias normandas do sul da Itália.

A evidente vantagem que essa união trouxe ao imperador, e o correspondente perigo que a mesma representava para o papado, alarmaram o pontífice Lúcio III. Isto fez com que esse papa tomasse providências tentando impedir o casamento, mas com sua morte súbita, nada pôde ser alcançado. Seu sucessor, Urbano III também fracassou na tentativa de desfazer o noivado e o casamento foi celebrado, com grande suntuosidade, no dia 27 de janeiro de 1186. Porém, logo foi descoberto um filho do irmão falecido de Constança; um príncipe que igualmente reivindicava a coroa da Sicília, seu nome era Tancredo. Este recebeu o fervoroso apoio do papado. Uma cruel, obstinada e devastadora guerra se desencadeou entre os dois rivais, que durou muitos anos. Henrique invadiu, repetidas vezes, os territórios italianos com o jurado propósito de tomar posse da herança de sua esposa. Suas expedições foram um verdadeiro sucesso. Província após província caiu em suas mãos e em pouco tempo todo o sul da Itália e o reino da Sicília estavam submetidos a esse severo tirano, que era o traiçoeiro esposo de Constança. O conquistador agiu com severidade exagerada e dureza desnecessária nos países subjugados. Ele mandou executar, da maneira mais infame, um grande número de dignitários eclesiásticos e seculares. “Antes de retornar à Alemanha”, nos diz Greenwood, “todos os maiores postos militares foram oferecidos aos mais distintos oficiais de seu exército. Castelos, terras, receitas e poder do mais vasto e ilimitado tipo, foram distribuídos generosamente entre aquela turba de aventureiros e mercenários, cujo único objetivo era saquear e assassinar; davam livre curso ao seu hábito de roubar sem levar em consideração os direitos e o bem-estar dos seus súditos.”

Filipe, que era irmão de Henrique e **duque da Suábia**, recebeu a missão de governar a Itália central, incluindo as propriedades da condessa Matilde e do ducado da Toscana. Um cavaleiro da Alsácia, favorito do imperador, chamado Markwald foi nomeado duque de Ravena e de Romanha. Conrado de Urslingen, que era um cavaleiro da Suábia, recebeu o título de duque de Espoleto, o que lhe dava posse da cidade e dos territórios ao redor. Dessa maneira, os Estados pontifícios estavam cercados, por todos os lados, por uma cadeia hostil de fortalezas. Toda a comunicação com o mundo

exterior foi praticamente cortada. Mas a mão mestra que dirigia e controlava todos esses diferentes exércitos, foi subitamente removida.

Henrique morreu de modo inesperado em Messina, no dia 28 de setembro de 1197. Isto aconteceu três meses antes de Inocêncio III assumir a cadeira papal.[6]

Até aqui, temos nos referido, de forma bastante sucinta, à ocupação militar da Itália quando Inocêncio III assumiu as rédeas do governo da cidade de Roma. Aqueles interessados em obter maiores detalhes devem consultar os livros de história geral. Todavia, como o nosso objetivo nesse capítulo é mostrar como o poder eclesiástico triunfou totalmente sobre o civil, nos sentimos na obrigação de mostrar a poderosa posição ocupada por esse último. E queremos também mostrar como esse problema foi resolvido. De que maneira pode um simples homem, mediante uma simples palavra, derrubar as forças militares do império e compelir tanto o príncipe quanto o povo a se submeterem ao seu despotismo espiritual? O poder invisível, não temos dúvida, vinha de baixo. É o prenúncio do homem do pecado, a mistura entre *o cordeiro e o dragão*, que concentra todo o poder em um único sistema (Ap 13:11-18).

***

INOCÊNCIO E OS ESTADOS DA IGREJA

A morte de Henrique, as incessantes rivalidades dos invejosos líderes alemães e a situação desesperada em que se encontrava toda a Itália, serviram para preparar o caminho para que o novo papa possa exercer seu enorme talento de governo. As crueldades do imperador Henrique feitas aos seus súditos italianos, fez com que o coração destes se desviasse do rei e acelerou a erupção de uma revolta generalizada. Tudo o que o povo esperava era um libertador que os livrasse do odiado jugo dos alemães. Esse libertador era Inocêncio III. Ele convocou **Markwald**, o mais temido e formidável dos tenentes imperiais em comando, para que se rendesse e devolvesse a São Pedro as possessões pertencentes à igreja. Markwald exitou; apesar de ser um homem corajoso e ambicioso, e de possuir imensa riqueza e poder, ele desejava evitar

uma dissensão aberta com o papa. Ele estava ciente de todos os perigos da sua posição, devido o ódio do povo contra o jugo dos estrangeiros. Markwald desejava se aproximar do papa, mediante uma aliança baseada em muitas promessas de que prestaria grandes serviços à igreja. Mas o papa foi firme e rejeitou todas as suas ofertas tanto de dinheiro quanto de serviço. Inocêncio exigiu mais uma vez e com grande ênfase, a imediata e incondicional rendição de todos os territórios que outrora teriam sido possessões da igreja. Markwald recusou a exigência do papa. O povo então se levantou para impor com violência a reivindicação papal. A guerra entre as partes teve início. Cidade após cidade rebelou-se, as bandeiras alemãs foram rasgadas e tudo o que simbolizava o domínio da Alemanha foi destruído. Markwald, insultado e ardendo em ira, estava sedento por vingança. “Navegando do porto de Ravena, devastou toda a região, queimando, pilhando, assassinando, destruindo lares e colheitas, castelos e igrejas, cegado pela raiva. Inocêncio, por sua parte, abriu o tesouro papal, tomou emprestado grandes somas de dinheiro e formou um exército. Ele pronunciou uma excomunhão contra o vassalo rebelde da igreja, ao mesmo tempo que absolveu de seus juramentos, todos aqueles que haviam declarado sua lealdade a Markwald.”[7]

A derrota de Markwald encheu de medo e terror a todos os outros príncipes. Eles propuseram termos de paz e ofereceram pagar tributo ao papa, mas Inocêncio não queria saber de assumir nenhum compromisso com eles. Ele exigiu a entrega de todos os domínios patrimoniais de São Pedro, sem nenhuma reserva, e declarou a si mesmo herdeiro da doação feita pela condessa Matilde, e senhor do condado da Toscana. Todavia, nenhum evento relacionado com a morte do imperador foi mais importante para o papado, do que a infiel conduta da imperatriz Constança, com respeito ao reino da Alemanha. Imediatamente após a morte do seu marido, apesar dela ser a guardiã natural do reino, ela separou-se da causa alemã, e retornou para a Sicília com o seu pequeno filho Frederico. Constança passou a defender os interesses da sua terra nativa, e lançou-se a si mesma e a seu filho nos braços da santa Sé. Depois disso, ela fez seu filho ser coroado em Palermo e rogou por ele, pela investidura papal do reino da Sicília como um feudo da Sé Romana.

Inocêncio reconheceu muito bem a sua vantagem e utilizou a fraqueza da imperatriz Constança para alcançar seus objetivos. Foi exigido tanto da imperatriz como de seu filho, o reconhecimento da superioridade feudal absoluta do papa sobre os reinos de Nápoles e da Sicília, incluindo a obrigação do pagamento anual de um significativo tributo aos cofres papais. Os guerreiros alemães foram forçados a recuarem para as poucas cidades que permaneceram fiéis a eles, mas apenas para remoer a condição presente em que se encontravam e planejar uma vingança futura.

A **conquista de Inocêncio** foi rápida e, aparentemente, completa. Em menos de um ano de sua ascensão ao trono papal ele era, na prática, rei da Sicília, e senhor de vastos territórios. Todas as suas ações foram acompanhadas por sucessos surpreendentemente rápidos. Através de seus legados, ele fez sua presença ser sentida, tornando a obediência a si mesmo obrigatória, através de todos os novos domínios que havia conquistado. Os territórios, fortes, castelos, cidadelas, e impostos, que outrora estavam em posse dos alemães, foram declarados pelo papa como possessões da santa Sé. Mas como essas exigências eram tanto injustas como ilegais, a consequência foi o surgimento da insatisfação da população e uma forte resistência por parte dos cidadãos e dos governadores imperiais. Com isso, por muitos anos a Sicília e suas províncias foram um cenário de muita anarquia, violência, derramamento de sangue e intrigas sem fim. Ainda assim, naquele momento, Inocêncio fez questão de lembrar àquelas cidades que ainda resistiam, que deveriam render-se a ele, devido ao pleno benefício que receberiam pela libertação que ele estava oferecendo. Ao mesmo tempo, o papa chamava a atenção daquelas cidades para a natureza do poder contra o qual estavam se atrevendo a se opor. A falta de confiança no papa era considerada, naqueles dias, como um crime contra o próprio Senhor Jesus, uma vez que se tratava de seu sucessor, “alguém em quem não havia pecado, nem existia dolo algum em sua boca”. Seria possível a blasfêmia ser mais desafiadora e mais infame do que essa? É possível existir uma tentativa mais perversa do que essa de unir o dragão com o cordeiro?

***

INOCÊNCIO E O IMPÉRIO

Antes de chegarmos ao final deste século muito interessante através do qual estamos viajando, e antes de findar o primeiro ano de governo de Inocêncio, Constança, a princesa siciliana e a imperatriz da Alemanha veio a falecer. No dia 27 de novembro de 1198 ela deu seu último suspiro. Alguns supõem que sua morte tenha sido apressada por causa das muitas preocupações maternais que tinha com respeito ao seu filho, Frederico. O menino estava com quatro anos de idade e havia sido coroado rei da Sicília. Ele era também o legítimo herdeiro do Império Germânico. Como sua última vontade, ela encomendou a guarda do seu filho ao papa como seu senhor feudal, ao mesmo tempo em que ordenou que trinta mil peças de ouro fossem pagas ao papa anualmente, pela piedosa proteção oferecida ao seu filho. Todas as outras despesas do menino deveriam ser cobertas pelos impostos arrecadados do país.

A tranquilidade de Roma, porém, não estava assegurada pelo grande sucesso obtido. A guerra civil, com todos os seus horrores, foi reiniciada. O pontífice não perdeu tempo em notificar aos nobres da Sicília, com a linguagem mais arrogante possível que, como tutor do jovem rei, estava assumindo o governo. Ele também comissionou um de seus legados para impor um juramento de lealdade por parte da população. Markwald, nesse meio tempo, tendo ouvido falar da morte da imperatriz, reassumiu o título de Senescal[8] do império e, mediante a apresentação de um documento do qual se dizia que expressava a última vontade do falecido imperador, passou a reivindicar o direito de reger a Sicília durante a menor idade do jovem rei Frederico. Para dar maior ênfase à sua exigência, ele juntou um enorme exército de aventureiros de diversos países, que cercaram e conquistaram uma das cidades papais, Germano e, quase chegaram a se tornar senhores do grande monastério localizado no Monte Cassino. Esse objetivo foi frustrado porque o mesmo foi defendido, durante oito dias de intensa luta, pela pequena guarnição papal ali existente. Somente o nono dia trouxe alívio aos monges guerreiros, com a chegada de novas tropas e

provisões vindas de Roma que fortaleceram a posição e obrigaram o grande duque a suspender o cerco. De acordo com os melhores historiadores, Inocêncio assumiu, a partir daquele momento, a atitude mais radical de um guerreiro. Ele emitiu uma proclamação convocando todo o povo de Nápoles e da Sicília a pegarem em armas. A ele se uniram tropas da Lombardia, Toscana, Romanha e Campânia. Todas essas tropas estavam sendo assalariadas pelo tesouro papal. Markwald e seus aliados foram excomungados durante vários domingos seguidos, da forma mais solene, que incluía o apagar de velas[9] e o soar de sinos. O país inteiro foi assolado, arrasado e tratado de forma insensível pelos exércitos do papa e pelos soldados do império. A luta se estendeu por um longo tempo, com sucessos alternados, sem levar a uma decisão definida. Finalmente, a morte de Markwald, o chefe dos rebeldes, no ano 1202, livrou o papa do seu mais poderoso, perigoso e bem sucedido antagonista.

Agora vamos voltar nossa atenção para observar, por um pouco, o trabalho dessa mesma mente poderosa nos complicados assuntos do império.

Entrementes, a situação do Império Germânico era lamentável. Príncipes invejosos lutavam entre si pelo trono imperial vago, visto que o legítimo herdeiro do trono ainda era um infante, um jovem órfão. Como já ocorreu tantas outras vezes em situações semelhantes, uma violenta guerra civil começou a rasgar e destruir o Império Germânico. Estas circunstâncias abriram um novo e amplo campo para as **ambições papais**.

O aguçado olhar de Inocêncio reconheceu quão perigoso poderia se tornar para ele se as coroas da Sicília e da Alemanha se unissem sob um soberano mais poderoso do que Frederico. A possibilidade de um vizinho tão perigoso precisava ser removida e, para tal, o reino da Sicília devia ser separado do Império Germânico. A disputa existente pela possessão da coroa imperial alemã deu a Inocêncio a oportunidade apropriada para a execução de seus planos. As tropas, sendo necessárias na Alemanha, foram retiradas da Sicília, Apúlia e de Cápua. Com as guarnições reduzidas, o domínio germânico foi derrotado, os países separados do império e a autoridade papal estabelecida pela força.

Logo após a morte de Henrique, seu irmão Filipe, que era duque da Suábia, tomou posse dos tesouros imperiais, declarando-se regente do reino e guardião dos interesses do seu jovem sobrinho. Ao que nos parece, ele estava agindo inspirado por motivos corretos. Um imperador infante era contrário aos costumes alemães, não agradando a maioria dos príncipes, além de ser de pouca utilidade naqueles tempos turbulentos. Um partido adversário surgiu rapidamente, e se opôs da forma mais vigorosa possível à eleição da criança como rei. Os aliados da casa de **Hohenstaufen**[10] insistiram com Filipe para que ele se tornasse o representante da sua família, em oposição ousada aos outros candidatos, no que dizia respeito à coroa da Alemanha. Ele aceitou, e foi escolhido como defensor do reino por um grande grupo de príncipes e prelados reunidos em Mulhausen.

O partido que se opunha à família da Suábia era liderado por Adolfo de Altena, arcebispo da cidade de Colônia. Essa facção era composta em sua grande parte, pelos maiores prelados das cidades à margem do rio Reno. A política e os negócios do reino eram a principal ocupação dos prelados e dos clérigos naqueles dias. Eles estavam determinados a apoiar um antagonista às pretensões da casa de Hohenstaufen. Depois que muitos príncipes recusaram se tornarem candidatos e assumirem a dignidade imperial, os homens da igreja voltaram sua atenção para a casa da **Saxônia**. Esses eram adversários irreconciliáveis da casa da Suábia. A escolha recaiu sobre Otão IV, o segundo filho de Henrique, chamado Leão, que era duque da Saxônia.

Como consequência da família de seu pai ter sido exilado do Império Germânico, ele foi criado na corte inglesa. Sua mãe, Matilde da Inglaterra, era irmã do rei Ricardo Coração de Leão. O jovem cavaleiro havia demonstrado sinais de valor que Ricardo admirava, e decidiu nomear Otão como o primeiro conde de Iorque e Poitou. Com grande suprimento de ouro inglês e acompanhado de um pequeno grupo de seguidores, atendendo ao pedido dos príncipes alemães ele deixou a Inglaterra e se dirigiu a Colônia, onde foi proclamado imperador da Alemanha e defensor da igreja.

***

FILIPE E OTÃO IV

Filipe estava com vinte e dois anos de idade, Otão com vinte e três. “No que dizia respeito ao caráter pessoal”, nos diz um cronista da época, “a riqueza, e ao número de seguidores, Filipe era superior ao seu antagonista. Ele era louvado por sua moderação e por seu amor a justiça. Por meio de diligente estudo das ciências, seu espírito havia se desenvolvido a um nível que, naquele tempo, era incomum para os príncipes. Além disso, sua natureza amável e popular contrastava de forma agradável com o orgulho e a rudeza de Otão. Mas Otão era o favorito entre o vasto corpo do clero, enquanto Filipe não passava de um insolente, pois era o representante de uma família que, continuamente oferecia enérgica oposição aos abusos da hierarquia romana.”[11]

Mas o leitor deve estar pensando o que teria acontecido ao jovem Frederico. Onde estava aquele que havia sido coroado e ungido, e a quem tanto príncipes quanto prelados haviam jurado lealdade, e sobre o qual o papa havia sido muito bem remunerado para tornar-se guardião e protetor? A única resposta a essa nossa pergunta será encontrada nas secretas e traiçoeiras políticas de Inocêncio. Seu único e grande objetivo ao permitir, e porque não dizer, instigar essa sangrenta disputa nacional com respeito à coroa imperial, era a humilhação da orgulhosa casa da Suábia. Todas as outras questões de menor importância precisavam ser sacrificadas, para que a limitação do poder daquela orgulhosa casa pudesse ser alcançada. Todavia, a consciência elástica de Inocêncio nunca se sentia incomodada por causa de uma razão aparentemente piedosa. O mesmo era verdade quando se tratava de cometer alguma grande iniquidade ou manifestar uma conduta traiçoeira. Todavia, nessa questão Inocêncio não poderia negar e, portanto, se manifesta com grande equidade ao admitir as reivindicações de Frederico ao trono da Alemanha. Ele admite a legalidade da eleição bem como dos juramentos de lealdade feito pelos nobres do império. Por outro lado, ele descobriu que o pai exigiu o juramento dos nobres antes da criança receber o batismo cristão. Por esse motivo, ele declarou que uma criança de dois anos de idade, ainda não batizada, era uma *nulidade*; portanto, todos os juramentos estavam anulados e

todas as obrigações para com o jovem herdeiro foram postas de lado.

Que personagem, nós podemos exclamar, para a posteridade contemplar! Aquele que arrogava para si ser “o representante do Deus da eterna e imutável justiça sobre a terra, alguém absolutamente acima de todas as paixões ou interesses pessoais”, agora libera todos os súditos da Alemanha do compromisso assumido através do mais solene juramento de lealdade feito ao legítimo herdeiro daquele reino somente para, por meio disso, executar seus planos ambiciosos, em vez de manter os direitos daquele sob sua guarda — acerca do qual ele escreveu quando aceitou sua nomeação de tutor: ”Quando Deus visitou o pequeno príncipe com a morte de seu pai e de sua mãe, providenciou ao mesmo tempo um pai mais digno, o próprio vigário de Cristo na terra; e uma mãe melhor, a igreja”. Ao invés de repreender os partidos contenciosos e persuadi-los a buscarem a paz, podemos ver Inocêncio alimentando a inimizade dos dois lados, pisava a justiça e a verdade, e sacrificava a paz e a tranquilidade de toda a Alemanha na única esperança de aumentar e consolidar o poder papal. O **ardiloso papa** se manteve oculto, mas, em segredo, atiçou e alimentou fortemente as chamas da contenda. Calculista como era, ele sabia que, quando os dois partidos houvessem esgotado todos os seus meios e derramado muito sangue, colocariam a decisão aos seus pés. Uma vez que isso tivesse acontecido, ele poderia sair das sombras como o soberano sobre os reis e ditar suas próprias condições. Milman tem toda razão quando diz: “Dez anos de conflito e de guerra civil constantes na Alemanha podem ser atribuídos, senão a instigação direta, a obstinação inflexível do papa Inocêncio III”.[12]

***

A Guerra Civil na Alemanha

Ricardo, rei da Inglaterra que apoiava Otão IV, e **Filipe Augusto**, rei da França, que defendia fervorosamente a causa de Filipe da Suábia, não pouparam nem lisonjas nem promessas para ganhar a confiança do papa, a fim de que apoiasse o partido de seus respectivos candidatos. Mas Inocêncio tinha muitas razões que o

impediam para se declarar abertamente a favor de qualquer dos candidatos. Nesse meio tempo, a guerra teve início ao longo do rio Reno. Filipe, em um primeiro momento, conseguiu grandes vitórias. Ele avançou até chegar próximo dos portões de Colônia, mas o poderoso exército dos prelados da região do Reno associado ao dos nobres flamencos, o obrigou a retirar-se. A maioria e os mais poderosos príncipes do império se declararam a favor de Filipe e o apoiaram. Já o clero e o conde de Flandres permaneceram praticamente sozinhos do lado de Otão.

Travou-se uma guerra civil de uma ferocidade e barbaridade indescritível. Ao fim do primeiro ano, a sorte favoreceu a causa de Filipe. A morte de Ricardo, rei da Inglaterra, em 1199, privou Otão de seu mais poderoso aliado. João, que o sucedeu no trono inglês, não estava disposto a participar de uma batalha tão distante e cujo desfecho era incerto. Talvez a guerra pudesse terminar com uma razoável demonstração de honra para com Otão. Entretanto, a vingança papal contra a odiada casa dos Hohenstaufen ainda não estava satisfeita. Agora o papa se declarou abertamente a favor da causa de Otão, o usurpador. Como resultado, durante nove longos e tenebrosos anos, com alguns pequenos intervalos de trégua, a infeliz Alemanha foi entregue pelo manso e humilde pastor do rio Tibre a todos os horrores de uma sangrenta guerra civil. Mas a enganosa política traiçoeira de Inocêncio III não demorou em ficar aparente diante de todos os olhos. Seu rebanho sofredor, o acusou e o reprovou como o causador de todas as misérias que eles estavam experimentando. Também o culparam por ter provocado, inflamado e mantido o desastroso conflito, apenas para satisfazer seus propósitos maliciosos de conseguir controlar a casa real de Henrique, o Severo. Essa situação exigiu o uso de toda a sua astúcia, com a ajuda de Satanás, para livrá-lo de tão graves acusações.

A guerra, entretanto, havia feito seu trabalho — um estado extremamente lastimável. “Foi uma guerra marcada, não por batalhas decisivas, e sim por uma cadeia ininterrupta de violentos ataques, desolação, confusão, pilhagens, incêndios, destruição de colheitas, causando imenso dano a cidades e vilarejos indefesos. A guerra foi travada entre prelados, entre príncipes, entre bárbaros da

Boêmia e mercenários depravados de muitas nacionalidades, que atravessavam o país queimando e assassinando. Não havia lei em nenhum lugar do país. Era impossível viajar pelas estradas por causa dos numerosos ladrões. Ninguém era poupado, nada era considerado sagrado; palácio e choça, igreja e mosteiro, tudo foi saqueado e queimado. Contudo, nada disso moveu o irreconciliável papa a ceder." Despreocupado com a miséria do país e com os gritos de lamento dos infelizes habitantes, Inocêncio continuava a trovejar seus anátemas contra Filipe. O papa declarou todos os juramentos, que haviam sido feitos a Filipe, nulos e sem valor, enquanto distribuía, generosamente, privilégios e imunidades de todos os tipos sobre os bispos e as sociedades monásticas que apoiavam o partido de Otão. Mas o forte barulho vindo do Vaticano não surtia efeito e a força de Filipe aumentava ano após ano.[13]

Finalmente, até mesmo um espírito tão inflexível quanto o de Inocêncio não pôde escapar do poder dos acontecimentos. Ele começou a temer a humilhação de uma derrota total. Ao fim de dez anos, a causa de Otão era cada vez mais desesperadora e a perspectiva de um sucesso final se tornava cada vez menor. Mas de que maneira o papa podia se esquecer de seus votos de inimizade implacável contra a casa da Suábia? Ou de que forma ele conseguiria se livrar de seus votos de aliança perpétua com a casa da Saxônia? Era um passo difícil para o orgulhoso papa estender a mão de reconciliação à odiada casa dos Hohenstaufen. Ele precisava encontrar uma razão santa e justa para abandonar a causa de Otão e transferir seu apoio para Filipe. Inocêncio encontrou grande dificuldade para encobrir a vergonha de sua posição inferior. Filipe, entretanto, facilitou-lhe esse passo tanto quanto possível; fazendo tão amplas declarações e promessas ao papa através de seus embaixadores, que Inocêncio viu como seu dever receber de volta o filho penitente, e absolvê-lo de todos os anátemas da igreja. O legado papal foi até Metz, onde proclamou Filipe como o imperador vitorioso.

***

A Morte de Filipe

A paz agora parecia assegurada em todas as partes. Filipe havia alcançado os mais altos objetivos que podia desejar. Uma proposta de casamento entre Otão IV e Beatriz, a filha de Filipe, havia sido aprovada pelo papa, sob a alegação de curar as feridas da longa disputa entre as casas da Suábia e da Saxônia. Mas logo iria se mostrar quão passageira é toda a grandeza terrena e glória humana. No dia 21 de junho de 1208, o imperador Filipe, um dos mais hábeis e moderados de sua estirpe, foi perfidamente* assassinado pelo conde Oto, da casa de Wittelsbach, da Baviera[14], por Filipe não conceder a mão de sua filha a ele. O país ficou horrorizado por conta desse terrível assassinato. A execração* foi geral e o povo perseguiu o assassino até alcançá-lo, matando-o com vários ferimentos. Seu castelo também foi completamente arrasado. Com Filipe, foi levado ao túmulo um dos mais nobres e capazes rebentos da antiga geração de Hohenstaufen.

Assim que Inocêncio soube do triste fim de Filipe, resolveu retraçar seus planos. O crime cometido pelo bávaro livrou-o da humilhação da sua derrota. Ele rapidamente escreveu aos príncipes alemães insistindo com os mesmos, que a divina providência evidentemente decidiu a favor de Otão. Ele usou todos os meios em seu poder para impedir uma nova eleição, e para unir todos os partidos em apoio a sua decisão. Ele também exortou Otão, de maneira insistente, a assumir uma posição moderada e conciliatória. Os dois lados tinham um ardente desejo pela paz, e devido a isso foi fácil para o papa ganhar todos os nobres do reino a favor de Otão, e ninguém mais se opôs seriamente à sua nomeação a imperador.

No ano seguinte, 1209, Otão foi para a Itália, a fim de receber sua coroa imperial das mãos do papa. Ele estava acompanhado por inúmeros príncipes, prelados e nobres do império, além de um numeroso exército. A marcha até Roma foi uma sucessão de recepções festivas, se assemelhava a um cortejo triunfal. As cidades abriam espontaneamente seus portões para dar as boas vindas ao protetor da igreja e imperador escolhido pelo papa. **Inocêncio** e **Otão IV** se encontraram na cidade de Viterbo. ”Eles se abraçaram, derramando lágrimas de alegria, ao relembrarem as aflições comuns que haviam experimentado até chegarem naquele momento de triunfo comum.” Mas, nem nesse momento, o papa

havia se esquecido da prerrogativa pertencente ao seu trono pontifício. Ele exigiu uma garantia de que Otão iria devolver, imediatamente após sua coroação, todas as terras que pertenciam à igreja. Além disso, Otão também deveria renunciar de toda pretensão relativa à longa disputa sobre a herança da condessa Matilde. Todavia, Otão fingiu — na expectativa de alcançar logo o seu objetivo tão almejado — humildade e submissão ao se ajoelhar diante do papa para receber sua coroa, aparentando que a suspeita levantada contra sua lealdade pelo seu santo papa o ofendia profundamente. “Tudo o que tenho sido”, Otão exclamou, “tudo o que sou, e tudo o que serei diante de Deus, eu devo a ti e à igreja!”

***

A Apostasia de Otão IV

A coroa imperial estava agora na cabeça de Otão. Ele não apenas havia sido coroado pelas mãos de Inocêncio III na catedral de São Pedro, em Roma, como também tinha sido elevado àquela posição de dignidade através da política astuta, cruel e ardilosa da Sé apostólica. Mas o enganador foi enganado; o traidor foi traído. A cerimônia de coroação mal havia terminado, quando a máscara de obediência e gratidão sob a qual Otão tinha escondido suas reais intenções foi lançada fora. O efeito da **coroa real** era irresistível. Ele se sentia um novo homem, em uma nova posição e impulsionado a manter as prerrogativas de sua coroa contra os abusos e a arrogância do poder espiritual. Assim como eram os mais íntimos amigos antes da coroação, a partir daquele instante o imperador e o papa tornaram-se inimigos implacáveis. Deus, nos justos caminhos da Sua providência, permitiu que o inescrupuloso pontífice experimentasse uma amarga decepção. Satanás pode até governar, mas o Deus Todo-Poderoso é o único verdadeiro soberano. Inocêncio teve de conhecer a verdade das palavras ditas pelo apóstolo: “Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6:7). Inocêncio havia ensinado o seu protegido a agir de forma ardilosa, e agora ele precisava comer o amargo fruto que seus ensinamentos haviam produzido.

A incomum força do numeroso exército que estava em companhia do imperador Otão, e que se encontrava acampado ao redor das muralhas de Roma durante as festividades da coroação, despertou a preocupação e a inveja dos habitantes da cidade. Assim surgiram atritos e contendas. Conta-se que em uma dessas dissensões muitos alemães foram assassinados e certo número de seus cavalos foi morto. Mas isso foi o bastante para que a ambição encoberta de Otão fosse reacendida e manifesta em chamas de grande indignação. Ele retirou-se profundamente irado da cidade. O imperador exigiu uma compensação que foi recusada por Inocêncio. As tropas imperiais se espalharam sobre todo o patrimônio de São Pedro para horror dos habitantes indefesos, causando grande prejuízo ao povo, e alarmando, de forma cada vez mais intensa, o coração do papa. Foi solicitado ao imperador que removesse seus soldados das vizinhanças de Roma, mas ele declarou que eles permaneceriam ali até que todas as provisões do país fossem consumidas. Ele se enriqueceu através da pilhagem dos peregrinos que se dirigiam a Roma e que eram interceptados por seus soldados. O imperador marchou para a Toscana, onde tomou posse das cidades fronteiriças do território da condessa Matilde. Ele conquistou cidades e fortalezas que haviam sido ocupadas pelo papa pouco tempo antes. Propriedades e altos cargos que pertenciam ao Estado pontifício foram distribuídos, pelo imperador, entre seus favoritos. Com isso, o mais poderoso e terrível dos adversários do papa, o conde Dipoldo, foi designado como duque de Espoleto. O sucesso inflamou a ambição de Otão. Sua intenção era invadir a Sicília, e fazer prisioneiro o jovem Frederico, que era o último representante da casa de Hohenstaufen.

O papa, que gostava de se atribuir o título de infalível, agora estava desesperado. Depois de todos os seus esforços, todas as suas traições, todos os grandes sacrifícios que ele havia feito, tudo o que ele havia conseguido era levantar contra si mesmo o mais formidável dos inimigos. Um inimigo tão terrível e amargo como ele jamais havia encontrado entre todos os membros da família da casa da Suábia. Todos os apelos para que o imperador demonstrasse sua gratidão, as mais solenes e insistentes advertências e as mais

terríveis excomunhões foram igualmente ignoradas pelo obstinado pupilo de Ricardo Coração de Leão.

***

A Queda de Otão IV

Já fazia três anos que Otão se encontrava ausente da Alemanha. Três anos de paz sem igual experimentada por aquele país. Isso havia fortalecido o povo alemão. Os parentes do jovem Frederico se preocuparam quanto à sua segurança. Ele estava agora com dezoito anos de idade. O papa foi consultado secretamente. Ainda que isso fosse totalmente contrário aos planos originais do papa, diante das circunstâncias presentes, Inocêncio pensava que teria que se declarar a favor de Frederico, já que previa que ele era mais favorável à igreja do que o orgulhoso Otão da Saxônia. Todavia, para Frederico viajar à Alemanha atravessando a Itália, que estava inundada pela tropa do seu opositor, era um empreendimento arriscado. Porém, dois bravos e leais cavaleiros da casa da Suábia conseguiram levar Frederico, de forma segura, do seu ensolarado palácio em Palermo para as regiões geladas da Alemanha. Ali Frederico foi recebido com braços abertos para reassumir o seu trono ancestral. Dessa vez, um país estrangeiro foi decisivo na batalha entre Frederico e Otão. Assim como outrora Ricardo da Inglaterra havia apoiado com todas as suas forças seu protegido, agora Filipe Augusto da França se ocupou fervorosamente da causa de Frederico, e fez um pacto de proteção com ele. O conde de Flandres, os príncipes do Baixo Reno e o rei da Inglaterra se associaram a Otão. No comando de um grande exército, Otão avançou sob o impulso de uma paixão vingativa; primeiramente ele se dirigiu às fronteiras da França para se livrar do mais poderoso aliado do seu antagonista. Ele considerava Filipe o verdadeiro autor de todas as suas dificuldades. Mas seu vigilante adversário estava pronto para combatê-lo. No dia 27 de julho de 1214, a grande e decisiva batalha aconteceu no vilarejo de **Bouvines**, que ficava próximo da cidade de Lille. Filipe Augusto saiu vencedor, derrotando os exércitos de Otão e seus aliados. Otão sobreviveu à batalha e após quatro anos de solidão e abandono em Harzburg, ele morreu

no dia 19 de maio de 1218, sem, contudo ter sido formalmente destituído de sua dignidade.

No ano de 1215, **Frederico II** foi coroado com toda a pompa costumeira, na antiga cidade imperial de Aachen. No entusiasmo do momento ele e muitos outros fizeram um voto de participarem pessoalmente em uma cruzada até a Terra Santa. Essa promessa impensada foi a causa de muitas dificuldades que ele não esperava, e que acabaram se estendendo sobre seu longo reinado de trinta e cinco anos.

***

INOCÊNCIO E FILIPE AUGUSTO

Até agora nós temos visto a interferência de Inocêncio na coroação de três imperadores do trono germânico. Vimos também ele colocar em prática sua política que visava obter mais poder secular para a Sé Romana, e um domínio cada vez mais extenso sobre as mentes e o modo de vida dos seres humanos. Agora vamos acompanhá-lo até o reino da França, onde poderemos testemunhar o poder pontifício sendo exercido em outro solo, movido por outros interesses. Ele surge diante de nós como o protetor da inocência sofredora, o pregador da moral cristã e o defensor da santidade da aliança do casamento. Nós estamos dispostos a admitir, que em sua contenda com Filipe ele agiu conduzido pelos motivos corretos. Mas sua conduta externa foi marcada pelo mesmo espírito ditatorial e arrogante que sempre caracterizou todo o seu reinado. Ele arrogou para si o direito da suprema decisão em todos os interesses humanos, desde a contestação de algum trono até o santo sacramento do matrimônio. Mas nosso principal objetivo é fornecer ao leitor um exemplo de como todo um reino pode ser colocado sob o banimento papal. É muito difícil para nós, nos dias em que estamos vivendo, entendermos as terríveis consequências de tal ato.

Uma circunstância marcante relacionada ao **segundo casamento de Filipe** ofereceu a Inocêncio a oportunidade desejada para punir e humilhar o rei que era aliado e apoiava a casa da Suábia. Quando Filipe retornou da terceira cruzada em 1191, ele sentiu-se atraído pela fama da beleza e das virtudes de Ingeborg, irmã do rei da

Dinamarca. Filipe a desejou para ser a sua esposa e foi atendido prontamente. Ingeborg chegou à França acompanhada de vários nobres dinamarqueses e o rei apressou-se em ir ao seu encontro na cidade de Amiens. Logo o casamento foi celebrado. No dia seguinte ao casamento, o casal real foi coroado. Algumas pessoas presentes perceberam que durante a cerimônia de coroação, Filipe tremia e estava muito pálido. Logo se descobriu que uma enorme aversão por sua jovem esposa havia tomado conta dele. Como nenhuma causa verdadeira poderia ser apresentada para justificar tamanha mudança por parte do rei — ela era uma mulher de modos gentis, extraordinária beleza, natureza agradável e uma cristã sincera — a mesma foi atribuída, popularmente, a algum tipo de bruxaria ou influência diabólica. Filipe propôs enviá-la, imediatamente, de volta a Dinamarca. Aqueles que vieram na companhia dela se recusaram a tomar parte nessa empreitada tão desafortunada. Além disso, ela mesma estava determinada a permanecer na França.

O rei agora estava em uma situação muito embaraçosa. Ele queria o divórcio, mas sabia que, a menos que uma dissolução legítima do casamento pudesse ser obtida, ele nunca mais teria descanso. As genealogias das casas reais foram verificadas com diligência e descobriu-se, pelos bispos dedicados ao rei, que o casal real se encontrava dentro dos graus de parentesco que impossibilitava o casamento. Por esse motivo o clero da França, encabeçado pelo arcebispo de Reims, pronunciou o casamento nulo e inválido. Quando a sentença foi comunicada a Ingeborg, a qual não entendia praticamente nenhuma palavra em francês, ela exclamou cheia de ira: “Maldita França! Roma! Roma!” Seu irmão adotou sua causa e apelou para o idoso papa, Celestino III. Mas este se sentia muito fraco para contender eficazmente com o poderoso rei da França e, durante o período restante do seu pontificado, nenhuma decisão foi tomada sobre esse assunto desagradável. Entrementes, Ingeborg foi aprisionada em um convento, e Filipe se casou com Inês, a bela filha do duque de Merânia. Sua afeição por Inês era tão intensa quanto a aversão que sentia por Ingeborg. Inês foi introduzida em todas as ocasiões possíveis para agraciar o círculo real. Ingeborg por sua vez, foi arrastada de convento em convento, ou melhor, de prisão em prisão.

Essa era a situação encontrada na França quando Inocêncio resolveu apoiar a causa da repudiada princesa da Dinamarca. Ele escreveu primeiro ao bispo de Paris e depois ao próprio rei. A carta ao rei iniciava com uma minuciosa descrição da santidade do casamento, e terminava admoestando o rei a se separar de Inês e a restaurar Ingeborg nos seus direitos. O rei declarou, de forma arrogante, que o papa não precisava se ocupar com o seu casamento. Mas logo Filipe iria sentir o poder e o terror dos anátemas papais, como nunca haviam sido sentidas antes na França.

***

O Legado Papal na França

Pedro, cardeal da basílica de Santa Maria na Via Lata, foi enviado como legado papal para a França com a missão de impor o banimento papal sob o domínio real caso o rei persistisse na sua obstinação. Todavia, a ordem de dispensar sua amada Inês, e receber de volta a odiada Ingeborg foi tratada com desprezo e franca desobediência por Filipe. Mas também o papa permaneceu inflexível. “Se dentro de um mês”, ele escreveu ao seu legado, “após sua comunicação oficial o rei da França não receber sua legítima rainha com afeição conjugal, deverás submeter todo o reino da França ao interdito — um interdito com todas as suas terríveis consequências.” Em um concílio reunido em **Dijon**, os emissários da parte do rei protestaram em seu nome contra qualquer novo procedimento, e apelaram para Roma. Mas as ordens do legado papal eram peremptórias*. O interdito foi proclamado sobre todo o país, com todas as suas implicações. O mesmo foi assim descrito: “À meia noite, enquanto cada sacerdote trazia em sua mão uma tocha acesa, era cantado o salmo para o miserável, e recitado as orações pelos mortos — as últimas orações que poderiam ser feitas por todo o clero da França durante o interdito. Os crucifixos foram cobertos com tecido preto, as relíquias retiradas de seus túmulos e as hóstias consagradas foram queimadas. O cardeal, vestindo sua estola violeta, simbolizando um profundo lamento, pronunciou o banimento papal sobre os territórios do rei da França. Desse momento em diante, todos os serviços religiosos cessaram. Não

havia nenhum acesso ao céu, nem através de oração nem de ofertas. Os soluços dos mais velhos, das mulheres e das crianças eram as únicas coisas que rompiam o silêncio. Dos sacramentos, apenas o batismo de infantes e a unção dos enfermos eram permitidos pela igreja enquanto o reino estivesse sob a maldição do banimento papal."

Toda a nação devia ser castigada pela **culpa do soberano**, para que seu orgulhoso coração seja quebrantado, fosse por compaixão pela miséria do povo ou pelo medo que tinha do descontentamento da multidão. Naqueles dias em que a superstição imperava, a miséria era realmente grande, pois quem morresse durante o tempo do interdito sem receber a unção dos enfermos era considerado perdido eternamente. "Oh quão terrível", exclamou uma testemunha ocular, "ver aquele espetáculo tão lastimável em todas as nossas cidades! Ver as portas das igrejas vigiadas e os cristãos sendo expulsos como cães. Todos os ofícios divinos cessaram e nem mesmo o sacramento do corpo e do sangue de Jesus podiam ser oferecidos. Nenhum ajuntamento do povo era possível, nem a celebração dos festivais dos santos. Os corpos dos mortos não podiam ser admitidos para receberem um sepultamento cristão, e o mau cheiro que provocavam enchiam o ar. Esse horrível espetáculo enchia os vivos com aversão e espanto, pois apenas a unção dos enfermos e o batismo das crianças eram permitidos. Havia um profundo silêncio sobre todo o reino, pois nem os órgãos, nem as vozes daqueles que cantavam louvores a Deus eram ouvidos."[15]

***

A Ira do Rei

Filipe Augusto era um rei orgulhoso, arrogante e arbitrário, que não estava acostumado a tolerar intromissões em seus negócios de nenhuma forma. Quando o legado papal o informou sobre o procedimento decidido do papa, ele explodiu em paroxismos* de fúria. Ele jurou pela espada de Carlos Magno que preferia perder metade de seu reino a se separar de Inês de Merânia. Ameaçou o clero com as medidas mais contundentes caso se atrevessem a obedecer às ordens papais. A pobre Ingeborg foi tirada do convento e feita prisioneira no forte castelo de Étampes. Todavia, a ira do rei

não iria prevalecer sobre o rígido decreto do inabalável papa. Os barões, aos quais ele havia reduzido o poder, não tinham nenhum interesse em apoiá-lo. O povo estava em um estado de uma rebelião religiosa. Eles se juntaram ao redor das igrejas, arrombaram as portas e estavam determinados a não serem privados dos direitos religiosos a que estavam acostumados. Diante dessas insubordinações por parte do povo, o rei ficou assustado e se viu obrigado a ceder, ainda que relutante.

Uma comitiva apontada pelo rei foi enviada a Roma. Esta, em nome do rei, se queixou da maneira rude de agir do legado e declarou que Filipe estava disposto a se submeter à sentença do pontífice. “Que sentença?”, exclamou o papa com indignação; “Ele tem plena ciência da nossa ordem. Deve, portanto, dispensar sua concubina, receber sua legítima esposa e restaurar os bispos que expulsou aos seus cargos, oferecendo-lhes uma satisfação razoável pelas perdas impostas. Somente assim levantaremos o interdito, receberemos seus advogados, examinaremos o alegado parentesco e pronunciaremos nossa sentença.” A resposta terminante do papa quase levou o rei à loucura e ao desespero. “Vou me tornar maometano!”, declarou o rei. “Feliz é Saladim, porque não tem nenhum papa sobre ele.” A pobre Inês, digna de compaixão, se lamentava e estava afligida. Porém tudo foi em vão, o arrogante Filipe teve que se humilhar. Ele convocou um parlamento para se reunir em Paris. Todos os grandes vassalos da coroa estavam presentes. Filipe entrou na presença dos vassalos com a bela Inês ao seu lado e perguntou: “O que devemos fazer?”. “Obedeça ao papa, dispense Inês e receba Ingeborg de volta”, foi a esmagadora resposta. O rei estava fora de si, ele, que havia aumentado a grandeza da França pelo poder de sua espada, a prudência de suas ações, e que havia elevado a coroa a uma condição próxima da independência dos grandes senhores feudais, precisava agora beber o cálice da humilhação na presença dos nobres da França **por ordem do papa**. Esta humilhação era dura demais para o orgulhoso monarca. Mas o que ele poderia fazer?

A cena era trágica. Inês havia declarado que não tinha nenhum interesse na coroa, mas que amava seu marido. Ela era uma estrangeira, filha de um príncipe cristão, jovem e ignorante nos

negócios desse mundo e havia se casado com o rei por amor. Além disso, ela havia dado ao rei dois filhos. “Por favor, não me separem do meu marido”, foi a sua tocante súplica. Mas tantos os grandes do reino quanto o papa eram inexoráveis*: “Obedeça ao papa, dispense Inês e receba Ingeborg de volta”. Por fim o rei concordou buscar uma reconciliação com Ingeborg. Ela foi trazida à sua presença, mas o simples ato de vê-la despertou no rei a antiga aversão, a ponto de quase causar o fim das negociações. Por fim, ele conseguiu se controlar por um momento e se sujeitou à sentença papal. Ele jurou receber a Ingeborg como rainha da França e honrá-la. Naquele mesmo instante ressoaram os sinos e anunciaram ao povo rejubilante que o interdito, que havia pesado mais de sete meses sobre o país, havia sido retirado. “Os panos que cobriam as imagens e os crucifixos foram removidos. As portas das igrejas foram abertas e multidões entraram nas mesmas para satisfazer seus desejos de religiosidade, que haviam sido suspensos durante o período do interdito.”

A igreja romana havia alcançado seu objetivo. Ela havia triunfado sobre o maior e mais poderoso rei da cristandade e a Palavra de Deus havia se cumprido: “E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra” (Ap 17:18). Domínio universal sobre os corpos, as almas e os assuntos humanos constituíam o seu mais fervoroso desejo, e era o objetivo que perseguia incansavelmente. É certo que, também neste caso, Roma não tinha diante de si nenhum outro objetivo maior do que a propagação do seu poder, já que havia aprovado um procedimento muito mais infame em um grande antecessor de Filipe.

O perturbado rei estava agora separado de sua amada Inês, cujo coração se rompeu pela aflição. Ela veio a falecer de tristeza ao dar à luz um filho, a quem chamou, de forma significativa, de Tristão — o filho da minha tristeza. Ingeborg foi recebida com honras aparentes, mas era de fato, prisioneira do Estado. Não havia nada que pudesse induzir Filipe a viver com ela como sua esposa, apesar de permitir que a mesma vivesse em seu palácio. Novas disputas entre a França e a Inglaterra distraiu a mente de Inocêncio da negligenciada rainha, e abriram a porta para um campo mais

interessante para seu espírito ativo e ambicioso. Voltaremos nossa atenção para esse novo cenário, por um breve período.

***

Inocêncio e a Inglaterra

Ricardo Coração de Leão, como devemos nos lembrar, deu grande apoio a Otão da Saxônia, que também era apoiado pelo papa em sua reivindicação pelo Império Germânico. Naquela ocasião, a Inglaterra mantinha uma forte aliança com a Sé Romana. Depois da morte de Ricardo, seu irmão João, que era o filho mais jovem de Henrique II, assumiu o trono. De acordo com as leis de sucessão, seu sobrinho Artur I, duque da Bretanha, e único filho herdeiro de seu irmão mais velho, Godofredo Plantageneta, deveria ter sido feito rei. Todavia, o astuto João não levou isso em consideração.

O período inteiro do reinado de João — 1199–1216 — é uma história de fraqueza e violência, de perversão e degradação do tipo mais cruel. Ele foi o mais imoral e o maior apóstata entre todos os monarcas ingleses. Ainda assim, a mão do Senhor se mostrou claramente no desenvolvimento da história da Inglaterra daqueles dias. Nunca antes um príncipe mais vil havia usado uma coroa. Deus, entretanto, em Sua misericórdia, e por causa de Seu cuidado pelo Seu povo na Inglaterra, fez com que muitos de seus erros fossem em benefício da igreja e dos súditos ingleses. Estamos falando é claro, em termos gerais. Todavia, é daquele tempo que surgiu o saudável temor da Inglaterra pelo papado e seus esforços diligentes por liberdade civil e religiosa. Mesmo sendo verdadeiramente lastimável, o reino de João, que humilhou tanto o próprio rei quanto a nação, serviu, de acordo com a voz unânime dos historiadores, para lançar os fundamentos do caráter singular dos ingleses, de suas liberdades e da grandeza do povo inglês. Foi justamente o intento de Inocêncio de rebaixar esse reino a um mero feudo da Sé Romana, que despertou os primeiros sinais da ambição pela independência de Roma, e o aborrecimento causado pela incrível arrogância papal, acabou por conduzir, eventualmente, para a grande Reforma Protestante. A soberana mão de Deus, em seu cuidado especial pelo povo inglês, tem se manifestado em todas as

suas revoluções desde então. Quando Inocêncio se intrometeu nos assuntos domésticos de Filipe, rei da França, a única consequência para a igreja e o Estado foi que ambos sentiram o terror do poder papal. Contudo, a batalha entre Inocêncio e João forneceu resultados que eram muito significativos para a Inglaterra.

Uma das primeiras medidas tomadas pelo rei João após assumir o trono, manifesta claramente a sua mentalidade vil e, ao mesmo tempo, traz a plena luz o caráter inescrupuloso das políticas cheias de intriga de Inocêncio. Antes de assumir o trono João estava casado há mais de dez anos com a filha do conde de Gloucester. Assim que ele se tornou rei, buscou a dissolução do seu casamento, a qual o arcebispo de Bordeaux realizou solicitamente. De repente, ele se apaixonou pela bela Isabela Angouleme, que era noiva do conde Hugo de Lusignan. Ele fugiu com ela e desposou-a, enquanto sua esposa ainda era viva. Mas o que o papa diria agora acerca do santo sacramento do matrimônio após ter se mostrado tão inflexível em relação a Filipe Augusto da França e Inês? Certamente agora, os terríveis anátemas seriam dirigidos ao rei inglês adúltero. Mas não! Foi exatamente ao contrário! Nenhuma censura vinda de Roma foi pronunciada, nem contra o rei e muito menos contra o arcebispo. Pelo contrário, o papa confirmou a dissolução do casamento diante de Deus, da igreja e do mundo. Essa foi a manifesta perversão apresentada por “Sua Santidade, o infalível”. Mas qual foi a razão para esse partidarismo infame? João era aliado de Otão, e era inimigo da casa da Suábia, assim como o papa.

Mas na mesma proporção que o papa cedia aos caprichos do rei, o mundo ficava escandalizado. Tamanha ofensa causada a um vassalo tão importante, quanto Hugo de Lusignan, foi uma violação brutal da primeira lei do feudalismo. Os barões de Anjou, Turena, Poitou e do Maine ardiam de desejo de vingar a ignomínia* feita ao conde, e daquele dia em diante eles se consideraram livres de seus votos de lealdade ao rei João e das suas obrigações feudais. Eles apelaram a Filipe, rei da França, para que lhes ajudasse. Filipe Augusto sentiu-se fortalecido e ordenou que o rei inglês, como se fosse seu vassalo, respondesse às acusações diante da corte de Paris, pela injustiça cometida contra o conde Hugo. O rei João recusou-se terminantemente a obedecer àquela ordem e foi

declarado culpado de alta traição. Com mão armada, Filipe fez valer a sua sentença, e assim começou uma guerra que arruinou a Inglaterra, e causou a perda de imensos territórios para os franceses. Em poucos meses, Filipe conseguiu arrancar de João a grande herança pertencente à Rollo — o grande ducado anglo-normando, que nos dias de seu pai Henrique II, equivalia em extensão dos seus territórios, receitas, forças e riquezas a todos os territórios sob os quais o rei da França dominava.

***

JOÃO E O PAPADO

Agora vamos deixar de lado a história civil e nos ocupar, de modo mais direto, da **história eclesiástica** envolvendo as questões inglesas com a Igreja Romana nesse período interessante da história.

Já observamos que o papa ignorou as mais graves imoralidades praticadas pelo rei João, motivado, como supomos, pelo fato do mesmo ser partidário de Otão, e aliado da santa Sé. Mas agora que João se fez culpado de desconsiderar os pretensos direitos da Sé Romana, a atitude do papa mudou completamente. Suas irregularidades matrimoniais, mesmo sendo criminosas, poderiam ser deixadas de lado sem censura. Todavia, a deposição de arcebispos, a imposição de impostos sobre os monastérios e a interferência na indicação de um primaz, o colocaram em uma trilha de colisão direta com o papado. Isso tudo, acabou por envolvê-lo em uma feroz disputa com o papa Inocêncio III.

Imediatamente após a morte de Hubert Walter, arcebispo de Cantuária, os jovens monges elegeram, rapidamente, o vice-prior Reginaldo, para a cadeira vazia. Eles logo descobriram que haviam agido de modo imprudente. Por esse motivo, eles fizeram um apelo ao rei da Inglaterra para que o mesmo lhes desse a liberdade de procederem com uma nova eleição. A escolha de um bispo estava, de fato, nas mãos do soberano, apesar de, nominalmente, encontrar-se nas mãos do clero. Era assim que funcionava o sistema anglo-normando. O rei recomendou um de seus mais altos conselheiros, João de Grey, bispo de Norwich. O mesmo foi eleito e investido solenemente com os direitos seculares sobre aquela Sé, e

enviado a Roma para a confirmação papal. O papa viu em tudo isso uma oportunidade favorável, e estando ansioso por ampliar seu poder sobre a Inglaterra, desaprovou as duas eleições. As eleições de Reginaldo e **João de Grey** foram consideradas inválidas pelo papa, que elegeu o cardeal Estêvão Langton, um inglês de nascimento, um homem com sólida formação acadêmica, prudente, e de excelente caráter. Nenhuma pessoa mais capacitada poderia ter sido nomeada pelo papa, mas sua ação estava em flagrante desacordo com o antigo direito dos reis ingleses, segundo o qual competia a eles a confirmação do clérigo eleito. Os apelos feitos pelos representantes da igreja da Cantuária e os comissários reais foram vãos. Inocêncio, entretanto, insistiu na sua exigência e determinou que a situação fosse conduzida de outra maneira. Ele constituiu uma comissão baseada “na autoridade de Deus e da Sé apostólica”, e ordenou-lhes, sob a ameaça da excomunhão e de seus anátemas, que escolhessem a Langton. Os pobres monges agora se encontravam em um grande apuro, estavam entre dois tiranos — um espiritual e outro secular. Doze desses monges haviam jurado ao rei que não iriam eleger nenhum outro homem senão o bispo de Norwich, João de Grey. Intimidados pelas ameaças papais, a comissão finalmente cedeu, fazendo a vontade do tirano espiritual. Estêvão foi eleito, e no dia 17 de junho de 1207, o papa o consagrou arcebispo de Cantuária.

Tamanha interferência e abuso sobre os direitos estabelecidos da igreja na Inglaterra e sobre as prerrogativas da coroa era algo completamente novo para aquele país. Fosse João um príncipe popular cercado pelo amor e pelas afeições dos seus súditos ofendidos, ele poderia ter zombado das atrevidas pretensões e ameaças do arrogante padre estrangeiro. Mas a estupidez e a impopularidade do rei deram ao papa a oportunidade que ele desejava. Os **monges da Cantuária**, ao retornarem de Roma foram acusados de alta traição e foram expulsos de suas residências, tendo suas propriedades confiscadas. Mesmo assim, a vingança do rei não estava satisfeita. Ele enviou tropas montadas para expulsar os traidores, na sua maioria monges e sacerdotes, de seu país e, em caso de resistência, os mesmos deveriam ser mortos. As ordens foram executadas de acordo com o espírito que haviam sido dadas.

Os soldados invadiram os monastérios com suas espadas em mãos e os superiores juntamente com os monges receberam ordens para abandonar imediatamente o reino. Foram ameaçados de que, caso resistissem ou demorassem, veriam o monastério sendo incendiado e eles seriam lançados para dentro das chamas. Muitos deles fugiram e encontraram asilo em Flandres. O rei também escreveu ao papa, com a mais insultuosa linguagem e declarou que jamais reconheceria Estêvão Langton como primaz, e que manteria o direito do bispo de Norwich. Caso o papa persistisse em recusar a consagrar João de Grey, o rei cortaria todas as relações com Roma. Mas o papa insistiu na sua posição com um vigor semelhante ao de João, apenas mantendo uma dignidade mais serena.

Durante o curso de algumas trocas de correspondência entre os dois, o papa discorreu minuciosamente acerca da erudição e da piedade de Langton, ao mesmo tempo advertiu o rei de pegar em armas contra Deus e Sua igreja. Como João estava decidido a não fazer nenhuma concessão, Inocêncio ordenou que os bispos de Londres, Worcester e Eli, colocassem todo o reino sob um interdito. Quando os bispos se dirigiram ao rei para exortá-lo mais uma vez a ceder, anunciando-lhe o interdito caso ele persistisse na desobediência, o rei externou a sua ira com furiosos juramentos e blasfêmias. Ele jurou que se o papa ou qualquer prelado se atrevesse a colocar o reino da Inglaterra sob um interdito, ele tomaria providências para expulsar os bispos e o clero do seu reino “arrancando-lhes os olhos, ouvidos ou narizes para que servissem de terror por todas as nações”. Os prelados se retiraram da presença do rei e, a despeito das suas ameaças, publicaram o interdito.

***

A Inglaterra sob o Banimento Papal

Como num passe de mágica, todas as atividades religiosas através do reino cessaram. Única exceção foi feita aos ritos de batismo e da unção dos enfermos. “Desde Berwick até o Canal Britânico”, nos diz uma narrativa dessa maldição assustadora, “de Land´s End até Dover, todas as igrejas foram fechadas, e os sinos emudeceram. Raramente se via, andando silenciosamente, a figura

de um clérigo que havia sido chamado para ouvir a última confissão de um moribundo ou batizar uma criança recém-nascida. Os mortos foram lançados para fora das cidades e enterrados, como cachorros, em algum lugar não consagrado; nenhuma oração, nenhum badalar de sinos e nenhum rito funerário foram oferecidos a favor deles." Visando inspirar um sentimento mais profundo de desespero e de fanatismo, as pessoas não cortavam os cabelos nem se barbeavam. O consumo de carne estava totalmente proibido e até mesmo as saudações públicas entre as pessoas, eram condenadas. O efeito de um interdito papal naqueles dias era terrível, considerando quão estreitamente a vida de todas as classes sociais estava atrelada aos rituais e cerimônias diárias da igreja. Todos os atos importantes eram feitos sob a direção ou o conselho de um padre ou monge. Os festivais da igreja eram os únicos feriados que o povo tinha para desfrutar, as procissões da igreja os únicos espetáculos, e as cerimônias da igreja a única distração oferecida aos súditos. Assim que o interdito papal fora decretado, não se ouvia mais nenhuma oração ou canto; pensava-se que o país inteiro estava rendido ao poder irrestrito do Diabo e seus maus espíritos sem a intercessão de nenhum santo e sem a possibilidade de oferecer qualquer sacrifício para aplacar a ira de Deus. Todas as imagens foram escondidas e todos os crucifixos cobertos com panos, de tal maneira que, todo relacionamento entre Deus e os homens estava completamente rompido. As almas foram abandonadas para perecerem, ou de modo relutante, se permitia a absolvição na hora da morte.

Foi esse o estado lastimável que a Inglaterra teve que enfrentar, por pelo menos quatro anos. Todavia, nem a miséria dos súditos, nem as lamentações dos cristãos por serem privados dos seus cultos religiosos foram capazes de mover os endurecidos corações do rei e do pontífice. O triunfo do pastor de Roma sobre o poderoso monarca era algo muito mais desejado do que o bem estar do rebanho. Os prelados que haviam publicado o interdito se juntaram com outros bispos ricos e fugiram do país. "No exílio eles viveram", nos diz um historiador, "desfrutando de toda a abundância e luxo, em vez de permanecerem no país como defensores da casa do Senhor, abandonando seus rebanhos aos lobos selvagens." Com

obstinado desprezo, o vingativo e tirano rei parecia desafiar e tratar com insolente desdém os terríveis efeitos do interdito sobre seus súditos sofredores. Em sua ira impotente ele dirigiu sua vingança contra os bispos e os padres que se submetiam ao papa. O rei confiscou as propriedades que pertenciam ao clero superior, bem como todos os monastérios através da Inglaterra. Além disso, obrigou os judeus a entregarem tudo o que lhes pertencia lançando-os na prisão e torturando-os. Essa situação estava completando dois anos quando uma nova bula papal[16] foi emitida.

O ardiloso papa havia observado aguçadamente, e de perto, os efeitos da primeira bula. Vendo que João estava perdendo seus amigos e se tornando cada vez mais impopular — e por causa da sua conduta tirana era odiado — decidiu publicar a sentença de excomunhão contra o nome e a pessoa do soberano. Os súditos de João foram absolvidos de seus votos de lealdade e receberam ordens para evitarem a presença do rei. Acompanhado de sua estoica* indiferença ao sofrimento humano, que lhe era uma manifestação tão peculiar, o rei determinou que tanto ele mesmo quanto a infeliz nação deveriam lutar bravamente contra a vingança imposta por Roma. Tivesse ele sido sensato o suficiente e tratado corretamente os seus grandes e súditos, todas as intrigas do papa teriam fracassado por causa do amor do povo inglês para com o rei. Todavia, a ganância, a tirania, as barbaridades e a conduta revoltante do rei o distanciaram do coração de todas as classes sociais. A insatisfação generalizada finalmente se manifestou em murmúrios audíveis e, em alguns lugares, a uma aberta revolta. Inocêncio, observando de longe o estado de insatisfação que o interdito causou, lançou o seu último ataque contra o teimoso soberano. “O interdito havia ferido a terra e a excomunhão tinha trazido a desgraça sobre a pessoa do rei. O que restava a fazer era declarar a *deposição* do rei do seu trono, o que o papa fez. De acordo com a ordem papal, João, rei da Inglaterra, deveria ser deposto de seu trono e dignidade reais e seus súditos, não estando mais obrigados a nenhum dos votos de lealdade, tinham a liberdade de transferir os mesmos para uma pessoa mais digna que pudesse ocupar o trono vazio.”[17]

O **trono da Inglaterra** era agora, de maneira pública e solene, declarado vazio pelo papa. Todos os domínios do rei eram agora despojos legais que podiam ser arrancados de suas mãos pecaminosas por qualquer um que tivesse a força necessária. É surpreendente o poder quase ilimitado do papado naqueles dias, e o terror que suas bulas causavam. Nações se curvavam prontamente diante da vontade do pastor romano.

O papa arrancou grandes reis de seus tronos, obrigando-os a se curvarem diante da força de seus decretos e, ao mesmo tempo beijar a mão que os feria. Todos, sem exceção, seja na igreja ou no Estado precisavam aceitar os termos papais de reconciliação, ou corriam o risco de morrerem sem salvação e serem atormentados nas chamas do inferno para sempre. O monarca mais orgulhoso e competente de seu tempo, Filipe Augusto da França, foi levado a se submeter em poucos meses, abandonando toda a resistência. Por outro lado, o fraco e desprezível João, que havia ignorado as bulas papais durante vários anos, acabou recebendo um castigo bem mais pesado, e foi submetido a uma humilhação mais profunda do que Filipe. Iremos agora ver como isso foi alcançado. Não será difícil para o leitor perceber a profundidade da astúcia e do enorme engano praticado pelo papa. Não teremos nenhuma dificuldade de observar, através desses acontecimentos, as profundezas de Satanás.

***

A Coroa da Inglaterra Oferecida à França

Uma vez que a sentença papal de deposição contra o rei da Inglaterra foi pública e solenemente promulgada, a missão de executar tal decreto foi delegada a Filipe da França. O legado do papa colocou nas mãos de Filipe um documento formal, concedendo-lhe autorização apostólica para invadir a Inglaterra, depor o rei e tomar a sua coroa. Muitos historiadores da época têm observado que os legados papais e os prelados fingiram o mais intenso zelo e desejo para que toda a situação fosse bem sucedida, mas tudo não passava de pura hipocrisia e artifício papal. Nada estava mais longe da mente de Inocêncio III do que a união das duas coroas sob uma única cabeça. Isso fortaleceria o poder da

França, e não o da Sé Romana. Filipe não havia esquecido a insolência e o rigor inexorável do papa ao interditar o reino e excomungá-lo. Entretanto, seu ódio por João, sua ambição por conquistas e a atitude traiçoeira do papa o deixaram completamente cego. Filipe estava confiando na fidelidade do papa. Mas tal confiança provou ser um verdadeiro desastre. Ele começou imediatamente, e juntou, em um curto tempo, uma numerosa frota e um grande exército para invadir a Inglaterra.

Ao mesmo tempo, o papa publicou um decreto que convocava toda a cristandade para uma cruzada contra o ímpio rei João. Tal convocação vinha com a promessa de que todos os que participassem daquela guerra santa, teriam a remissão de seus pecados e os demais privilégios concedidos aos cruzados. Devemos notar, todavia, que o rei João, apesar de destronado, não estava desprovido nem de força nem de sua capacidade de agir de modo sutil. Ele também juntou uma enorme frota na cidade portuária de Portsmouth, e um exército na região de Barham, perto da Cantuária. Ele queria se adiantar aos seus inimigos e assumiu uma postura agressiva, porém logo teve que experimentar que no meio de seus guerreiros predominava uma disposição pouco favorável a ele e havia muitos em quem ele não podia confiar. Inquietado por essa descoberta e, talvez, torturado por sua consciência, João ameaçou tornar-se maometano e buscou fazer uma aliança com o Califa. Mas logo ele percebeu que esse plano não poderia ser realizado. Como ele duvidava do êxito da sua causa, o seu espírito impaciente sofreu uma súbita mudança. Do alto da sua ira desafiadora ele foi precipitado aos mais baixos níveis de prostração e medo. Daí em diante, sua conduta foi marcada pela covardia e indecisão.

***

A Inglaterra Rende-se a Roma

Como não era o interesse nem a intenção de Sua Santidade permitir que a situação atingisse uma condição extremada, o vigilante papa notou que havia chegado o momento dele interferir no processo. Dois legados, Pandolfo e Durand, foram enviados para a Inglaterra levando a **exigência final** de Inocêncio para o rei João, com o objetivo que este cedesse. O ânimo do rei estava agora, mais

do que nunca, apropriado para favorecer a missão desses legados. Eles garantiram a João, que o rei da França estava pronto para invadir a Inglaterra com um enorme exército e uma poderosa frota, acompanhado de todos os bispos e membros do clero que João havia banido do seu reino. Quando aportassem, a coroa real da Inglaterra seria colocada na cabeça de seu rival Filipe. Essas e muitas outras ameaças semelhantes infundiram verdadeiro terror no coração do rei. João abriu mão de todas as suas possessões, e entregou, sem nenhuma reserva, a si mesmo e o seu reino nas mãos dos legados papais. Com uma humilhação de espírito, acompanhada da mais vergonhosa submissão, ele depositou sua coroa aos pés do arrogante legado, resignando a Inglaterra e a Irlanda a favor do papa. Depois disso, João jurou lealdade ao papa como seu senhor feudal, e fez um voto de manter-se fiel a todos os seus sucessores. Os termos desse juramento impressionante são longos e verborrágicos*****.

A seguir apresentamos a essência do mesmo como se encontra na *Enciclopédia Britânica*.

“Eu, João, pela graça de Deus rei da Inglaterra e senhor da Irlanda, visando expiar meus pecados, de livre e espontânea vontade, e atendendo aos conselhos dos meus barões, entrego para a igreja de Roma, ao papa Inocêncio e seus sucessores, o reino da Inglaterra e todas as prerrogativas da minha coroa. De hoje em diante assumo a posição de vassalo do papa. Eu serei fiel a Deus, a igreja de Roma, ao papa *meu senhor*, e aos seus legítimos sucessores eleitos. Prometo pagar um tributo anual de mil marcos[18], sendo setecentos pelo reino da Inglaterra e trezentos pela Irlanda.” Esse ato memorável de submissão aconteceu no dia 15 de maio de 1213, durante o décimo quarto ano do seu reinado, na casa dos templários, que ficava próxima a cidade de Dover.

Esse juramento foi feito pelo rei ajoelhado diante de todo o povo, e com suas mãos colocadas entre as mãos do legado. As testemunhas chamadas para confirmar o mesmo foram: um arcebispo, um bispo, nove condes e quatro barões. Tendo concordado com a posse de Langton como primaz da Inglaterra, João recebeu de volta a coroa que havia entregado ao papa. Antes, contudo, o rei da Inglaterra teve que pagar ao legado papal **oitenta**

mil libras esterlinas como compensação aos bispos exilados. O legado Pandolfo partiu sem demora para a Normandia, levando para os banidos a permissão para retornarem e repartiu o dinheiro entre eles. Em seguida, foi às pressas ao acampamento do rei Filipe Augusto e encontrou os exércitos prontos para embarcarem em direção à Inglaterra. Pandolfo declarou ao rei, com palavras duras: “Seus serviços não são mais necessários. Pelo contrário, qualquer tentativa de invadir a Inglaterra ou perturbar o rei João sob as atuais circunstâncias, será considerada uma grosseira ofensa pela santa Sé, uma vez que o reino da Inglaterra agora faz parte do patrimônio de Pedro. Portanto, é seu dever dispensar o seu exército e retornar ao seu palácio em paz”. Quando Filipe descobriu que havia sido enganado dessa maneira pelo ardiloso papa, profundamente indignado, ele irrompeu em uma torrente de maldições contra o papa. “Ele havia sido atraído para dentro de uma situação que havia lhe causado uma despesa enorme. Sob a alegação de que se tratava da conquista de um reino e de alcançar a eterna salvação da sua alma, ele tinha reunido o que havia de melhor de seus cavaleiros e seus guerreiros, de todos os seus países. A frota estava pronta para realizar a travessia do exército para a Inglaterra. Tudo isso ele fez atendendo ao desejo demonstrado pelo papa. Agora, que não necessitavam mais seus serviços, Filipe deveria dispensar todos os cavaleiros armados, os príncipes, os nobres de seu reino que haviam se apressado em atender ao seu chamado, como se fossem meros mercenários? Isso era impossível! Pandolfo enfrentou a fúria do rei com fria determinação. Após ter repetido mais uma vez a ordem de se abster de qualquer hostilidade contra o vassalo da santa Sé, ele deixou o acampamento.”[19]

O desapontamento, o desânimo e a vergonha de Filipe foram grandes. Mas ele não ousava ofender o papa mais uma vez, e sem disposição para dispensar seu exército sem tentar algum tipo de empreitada, ele determinou invadir Flandres. O conde Fernando de Flandres, apesar de ser amigo e vassalo da França, havia feito um acordo secreto com o rei João de não participar da expedição contra a Inglaterra. Esse fato deu a Filipe um pretexto razoável para voltar seus exércitos contra esse vassalo revoltoso. Inicialmente, a sorte lhe foi favorável. Todavia, uma frota da Inglaterra, composta de

quinhentos navios, se uniu aos flamencos, e a tentativa de conquistar a região de Flandres terminou em uma derrota humilhante para a França. Os ingleses capturaram trezentos navios franceses além de destruírem outra centena. Filipe mandou incendiar o restante de sua frota para impedir que também caísse nas mãos do inimigo, e com isso abandonou aquela empreitada. Foram essas as grandes perdas, humanas e materiais, e a humilhante derrota que Filipe teve que enfrentar por causa da política cheia de intrigas do papa Inocêncio.

***

A Magna Carta

O rei João, após triunfar sobre seu terrível inimigo e tendo garantida sua aliança com a santa Sé, continuou a praticar as mesmas medidas inescrupulosas, tirânicas e cruéis que o haviam tornado tão odiado pelos seus súditos. Sua longa má administração, e sua desastrada indulgência manifestada na prática excessiva de vários hábitos brutais, haviam esgotado a paciência de todas as classes de pessoas do seu reino, tanto da igreja quanto do Estado. Surgiu então uma forte voz generalizada entre o povo, que exigia que os privilégios e os controles necessários fossem estabelecidos na forma de uma lei.

A história da **Magna Carta** está tão estreitamente ligada à história eclesiástica e civil da Inglaterra que iremos mencioná-la em nossa história. Além disso, muitos historiadores têm dito que nenhum evento de igual importância aconteceu, em qualquer outro país da Europa, durante o século XIII; nenhum cujos resultados fossem tão duradouros ou que se espalharam de forma tão vasta como esses que resultaram do encontro dos barões em Runnymede, e da convocação dos burgueses ao parlamento. Enquanto a monarquia na França se firmava cada vez mais e ganhava mais reputação, na Inglaterra surgia um poder que contrabalançava os abusos e o governo anárquico da casa real inglesa, através da unificação dos nobres e do surgimento da Câmara dos Comuns.

O arcebispo Langton — o qual Inocêncio havia elevado à dignidade de um primaz com a intenção de, por meio dele, fazer valer todas as exorbitantes pretensões de Roma sobre a Inglaterra

— era, entretanto, um natural daquele país e em todas as ocasiões demonstrou uma consideração sincera pelo bem e pelos interesses da sua pátria. Isso causava um profundo desgosto no papa. Certa vez, Langton encontrou entre o lixo de um obscuro monastério, uma cópia do documento de direitos e obrigações produzido por Henrique I. De posse daquele documento ele se encontrou, de modo secreto, com os barões, exortando-os a que renovassem junto ao rei, os termos contidos no mesmo. Os barões, que sentiam profundamente a ignomínia que João tinha imposto sobre todo o reino por sua abjeta* submissão ao papa, se alegraram com a oportunidade de impor uma saudável barreira à arbitrariedade e aos excessos de João. Eles se comprometeram com um juramento solene de não descansar antes de ter conquistado suas liberdades ou, caso necessário, morrer lutando. Depois de vários encontros, quarenta e cinco barões vestidos com suas armaduras, bem montados em seus cavalos prontos para a guerra e cercados por seus cavaleiros, servos e soldados, apresentaram uma petição ao rei, pedindo-lhe que renovasse e ratificasse o documento produzido por Henrique I. O rei João, muito furioso diante de tamanha presunção, jurou aos seus nobres: “Eu, nunca, jamais concederei aos barões as liberdades que fariam de mim mesmo um escravo deles!” Porém, os barões ficaram firmes e unidos, persistindo na sua exigência, e visto que a maioria dos dignitários do reino se uniram paulatinamente a essa aliança, a corte de João viu-se subitamente diminuída. O rei se viu, finalmente obrigado a aceitar a sua exigência, e concordou em fazer uma reunião para discutir o assunto. Os barões indicaram **Runnymede** como um local apropriado para o encontro. Esse era um campo situado entre Staines e Windsor. Tal localidade ainda é venerada como o lugar onde foi desenrolada, pela primeira vez, a bandeira da liberdade inglesa. No dia 15 de junho de 1215, as duas partes se encontraram ali e o rei assinou o documento por obrigação. Mais tarde, esse documento ficou conhecido pelo nome de “**A Grande Magna Carta**” (*Magna Charta Libertatum*).

***

A Ira de Inocêncio, Novamente Excitada

Entre as testemunhas que assistiram a assinatura daquele documento tão importante para a Inglaterra, estava Pandolfo, o arrogante legado do papa. Ele reconheceu imediatamente que esse acontecimento era um ataque que desferia um golpe mortal ao domínio papal sobre a Inglaterra. Rapidamente, Inocêncio tomou conhecimento da inquietante notícia. O infalível tremeu e manifestou a sua ira. Os historiadores registram suas palavras de choque e horror. “Como os barões da Inglaterra ousam destronar um rei que tomou a cruz, e colocou a si mesmo sob a proteção da Sé apostólica? Como se atreveram a transferir a outros o patrimônio da igreja de Roma? Por São Pedro, nós não podemos permitir que tal crime siga sem punição.” A grande carta foi declarada nula e inválida. O rei foi proibido, sob pena de excomunhão, a respeitar o juramento que havia feito acerca das liberdades que ele havia confirmado. Os barões foram excomungados. Todavia, eles deixaram passar os anátemas papais sobre si, serenamente.

Uma guerra teve início. A mesma aprofundou a situação desgraçada de João, o qual não tinha sequer um exército próprio. Ele foi obrigado a trazer do continente, bandos de aventureiros e piratas, prometendo entregar-lhes as terras dos barões ingleses como recompensa por seus atos de bravura. Comandando essas tropas mercenárias, o rei, auxiliado por dois bispos guerreiros, **Worcester** e **Norwich**, atravessou todo o reino, desde o canal até o rio Forth. Ele liberou suas hordas ferozes como verdadeiras bestas selvagens sobre o seu infeliz reino. Os barões não haviam se preparado para a guerra e nem suspeitavam da invasão por um exército estrangeiro. Novamente podemos notar as profundezas de Satanás. Ele está sempre pronto a conceder a outro o poder que tem sobre as nações, desde que esse outro esteja disposto a se submeter completamente a fazer sua vontade: “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares” (Mt 4:9).

Por um breve tempo, João foi vitorioso. Todo o território foi destruído pelo fogo e pela espada. Pilhagens, assassinatos e torturas ardiam fora de controle. Nada foi poupado, nada era considerado sagrado pelos bandidos indisciplinados, e ninguém estava seguro. Tanto os nobres quanto os camponeses fugiam com suas esposas e famílias, quando isso era possível. Os assassinos

manchados de sangue, por ordens do rei e do papa, corriam por todo o país com a espada em uma mão e uma tocha na outra. Um lamento generalizado foi elevado ao céu: “Oh, infeliz Inglaterra! Oh, infeliz país! Possa Deus ter misericórdia de nós, e que seu julgamento caia sobre as cabeças do rei e do papa”. O juízo divino não demorou para acontecer. Nem o céu nem a própria terra poderiam tolerar aquelas tiranias por mais tempo. O papa faleceu no dia 16 de julho de 1216, com idade de cinquenta e cinco anos; apenas um ano, um mês, e um dia depois da assinatura da Magna Carta. O rei João sobreviveu o papa por apenas alguns meses. Ele morreu no dia 19 de outubro de 1216, aos quarenta e nove anos de idade, no décimo sétimo ano do seu reinado. Ele estava retornando de uma pilhagem e a carruagem real estava cruzando as areias da região de Wash, que fica entre Norfolk e Lincolnshire. De repente, a terra se abriu e todos foram tragados para o abismo. O acidente encheu o coração do rei de terror. Ele sentia que a terra estava pronta para se abrir e engoli-lo vivo. Ele fugiu para um mosteiro e bebeu uma quantidade exageradamente grande de cidra a qual, misturada ao medo e ao remorso, deu fim ao pior, mais desprezível e sanguinário tirano que alguma vez sentou-se no trono da Inglaterra. Na história de outros reis cujos vícios são terríveis o suficiente para serem execrados* pela posteridade, encontram-se, geralmente, aqui e ali, alguns pontos de luz que serve para diminuir a severidade da nossa sentença. Todavia, o rei João morre e no seu caráter não se encontra sequer uma única virtude que nos possa reconciliar um pouco com ele.[20]

---

[1] Edgar´s *Variations of Popery*, p. 157.

[2] Parte da república moderna da Checoslováquia.

[3] Para maiores detalhes ver *Lectures on the Apocalypse* por W. Kelly.

[4] *Cathedra Petri*, book 13, p. 363.

[5] Waddington, vol. 2, p. 158.

[6] *Cathedra Petri*, book 13, chapter 1, p. 339.

[7] Milman, vol. 4, p. 19.

[8] Magistrado judicial ou governador-geral, em certos Estados.

[9] O apagar de velas representava a extinção das vidas representadas com a comunhão da igreja.

[10] Conhecida como a dinastia de Staufer.

[11] J. C. Robertson, vol. 3, p. 292.

[12] *Latin Christianity*, vol. 4, p. 33.

[13] J. C. Robertson, vol. 3, p. 297. Milman, vol. 4, p. 51. Neander, vol. 7, p. 236.

[14] Dobson, Richard Barrie. *Encyclopedia of the Middle Ages*, vol. 2, p. 1129.

[15] Ver *Latin Christianity*, vol. 4, p. 67.

[16] Documento papal ou de um senado acadêmico, escrito em pergaminho e selado. Originalmente se designava com a palavra "bula", a cápsula metálica na qual se encontrava o selo de cera ou de chumbo que se costumava pendurar o documento.

[17] Greenwood´s *Cathedra Petri*, book 13, p. 582. Milman´s *Latin Christianity*, vol. 4, p. 90. Waddington´s *History of the Church*, vol. 2, p. 167.

[18] Cada moeda dessas equivaleria, nos dias de hoje, ao valor aproximado de uma libra esterlina.

[19] *Cathedra Petri*, book 13, p. 588.

[20] *Encyclopedia Britannica*, vol. 8, p. 721. D'Aubigné, vol. 5, p. 98; James White, *Eighteen Christian Centuries*, p. 290.

Capítulo 25

INOCÊNCIO E O SUL DA FRANÇA

Durante o decorrer dos acontecimentos relatados no capítulo anterior, se desenvolveu uma batalha que, até então, era totalmente desconhecida na história da igreja. Não se tratava mais de combater os inimigos pagãos da fé no longínquo Oriente, nem os rebeldes reis do Ocidente. Tratava-se de uma guerra aniquiladora dos exércitos da igreja, sob a direção do supremo líder em Roma, contra os verdadeiros seguidores do Senhor Jesus Cristo. Isso era uma grande novidade nos anais da história da cristandade.

Através dos favores dispensados pelos príncipes e da indiferença apresentada pelo clero, os albigenses tiveram permissão de pregar

o evangelho por muitos séculos e de propagarem a verdade divina sem serem molestados. O catolicismo romano praticamente deixou de existir nas províncias do conde de Toulouse, no sul da França. O povo estava bastante inclinado a romper todas as conexões que existiam entre eles e a igreja de Roma. Quando Inocêncio III assumiu o trono papal, esse estado não lhe era desconhecido. Ele decidiu dar um fim enérgico a este mal. Visto que, pelos caminhos legítimos ele não poderia alcançar seu objetivo, mandou pregar uma cruzada contra os hereges para exterminá-los com fogo e espada.

Mas antes de prosseguir, nós precisamos retroceder alguns passos visando conectar a corrente das testemunhas de Cristo e de Seu evangelho.

***

A Corrente das Testemunhas

Quando contamos a história dos **paulicianos**[1] — as testemunhas a favor de Deus e de Sua verdade no Oriente — apontamos que iríamos encontrá-los novamente, alguns séculos mais tarde, nas regiões do Ocidente. É fato bem estabelecido que em seu zelo missionário, os paulicianos se propagaram por toda a Europa. Todavia os historiadores são incapazes de nos informar com certeza, se eles permaneceram como um grupo distinto por suas próprias características, ou se eles se misturaram com outros grupos, também não reconhecidos oficialmente pela igreja do Ocidente. Dos muitos grupos que eram condenados como heréticos pela igreja dominante, raramente qualquer um conseguia escapar da acusação de maniqueísmo[2]. Também os grupos ocidentais tinham de sofrer sob essa acusação. Contudo, seria injusto se déssemos crédito incondicional às acusações de seus opositores e inimigos encarniçados. É possível, até mesmo provável, que no Ocidente havia pessoas e grupos como, por exemplo, os cátaros[3], que haviam sido infectados por aquela má doutrina. Porém, de forma generalizada, podemos dizer que os grupos do Ocidente foram um fruto do Espírito da graça e da verdade, por meio do qual a fidelidade de Deus manteve um testemunho em todos os tempos. Não temos nenhuma razão direta para considerá-los descendentes dos paulicianos, muitas vezes mal julgados. É mais provável que

esses grupos se *misturaram* com esses separatistas da igreja estabelecida e dominante.

Iremos agora tentar traçar a *linha dourada* da graça de Deus, que nunca esteve inativa, sob formas e nomes diferentes durante as mais densas trevas do período do domínio e da opressão papal. Não existe muita dificuldade em identificar as testemunhas de Deus — começando no período mais primitivo da Igreja até chegarmos à Reforma Protestante — que levantaram as suas vozes contra a crescente corrupção e perversidade de Roma, e a favor do verdadeiro Evangelho da graça de Deus. Nós já traçamos a linha do testemunho na história dos paulicianos até o final do século X. Agora iremos nos informar acerca dos grupos de cristãos verdadeiros do Ocidente que lutaram e morreram pela sua convicção e pela sua fé, tanto antes do século X como depois.

1. Um espanhol de nascimento chamado Cláudio, vivia na corte de Luís I, o Piedoso, filho de Carlos Magno, na Aquitânia. Cláudio gozava de grande reputação como comentarista das Escrituras. Ele era sustentado pelo imperador, e foi elevado à posição de bispo de Turim, no ano de 817. Os historiadores costumam se referir a ele como o Wycliffe do século IX e como fervoroso defensor de um cristianismo puro e de acordo com as Escrituras. Quando ele chegou à sua diocese, encontrou as igrejas repletas de imagens, as quais estavam embelezadas com muitas flores e coroas. Ele ordenou imediatamente que todos os ornamentos fossem removidos. Nenhuma distinção deveria ser feita a favor de qualquer quadro, relíquia ou cruz. Todas elas deveriam ser removidas, sem piedade, do lugar que ocuparam por tantos anos. Ele declarou que a adoração e a veneração de tais objetos era uma reintrodução da idolatria, sob outro nome. “Se aqueles”, dizia ele, “que deixaram a idolatria veneram as imagens dos santos, então eles não deixaram os ídolos, mas apenas mudaram seus nomes.” Acerca de outros, que por meio do sinal da cruz alegavam honrar a memória dos sofrimentos de Cristo, ele escreveu: “O único fato do Salvador que agrada tanto a eles como aos ímpios, é somente a ignomínia dos Seus sofrimentos. Assim como judeus e pagãos que não sabiam nada da Sua ressurreição, eles querem ter sempre e apenas um Cristo sofredor; não entendem o que o apóstolo diz: ‘ainda que

também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já não o conhecemos deste modo' (2 Co 5:16)". Segundo sua afirmação, o ofício apostólico de São Pedro cessou de existir juntamente com a vida do apóstolo. Com essas afirmações, fica evidente, que ele não dava muita importância às censuras papais e muito menos ao poder alegado por Roma em relação a possuir o controle das chaves que uma vez haviam sido entregues ao apóstolo. Muitos afirmam que ele se empenhou ao máximo para separar sua diocese da comunhão com a Igreja Romana.

Todavia, devemos notar que, como muitos outros reformadores, Cláudio era precipitado e impetuoso em suas ações. A terrível corrupção do clero e as muitas idolatrias praticadas pelo povo o levaram a falar e escrever em termos muito fortes e apaixonados. Não temos porque ficar admirados. Mas a verdade é que o Senhor estava cuidando dele de uma forma maravilhosa. Apesar da sua linguagem ousada e do seu proceder destemido em uma cidade favorável a Roma, como Turim, foi-lhe permitido, pela providência divina, terminar o seu trabalho mantendo seus plenos privilégios como bispo, apesar de sofrer violenta oposição.

Como um elo na corrente das testemunhas, Cláudio merece um lugar de destaque. Sua influência foi grande e muito abrangente. Milman nos informa que Teodomiro, um abade de um monastério próximo a Nimes, confessou de modo aberto, que a maioria dos grandes prelados transalpinos pensava de modo semelhante ao bispo de Turim. Foi por causa dos ensinamentos de Cláudio que se levantou a aversão contra a Igreja Romana e seus muitos sacramentos, que prevaleceram nos vales alpinos depois dessa época. Cláudio morreu no ano de 839.

***

Os Petrobrusianos

2. Por volta do ano 1110, um sacerdote chamado **Pedro de Bruys** começou a falar novamente contra a corrupção da igreja dominante e dos vícios do clero. Como um missionário, sua atividade se concentrou no sul da França, nas regiões de Provença e Languedoc. Pode nos parecer estranho, mas ele pôde pregar suas novas doutrinas com impunidade durante vinte anos. O inimigo é

incapaz de silenciar ou matar uma testemunha do Senhor até que a sua missão esteja completada. Tudo o que sabemos acerca da vida e do trabalho desses homens, infelizmente nos chega através dos escritos de seus adversários. Ouvimos apenas aquilo que seus inimigos consideravam suas heresias. O venerável abade de Cluny escreveu um tratado contra os seguidores de Pedro — chamados de *petrobrusianos* — e os acusou de numerosas heresias, que podem ser resumidas da seguinte maneira: rejeição do batismo infantil, da missa, do celibato, dos crucifixos, da doutrina da transubstanciação e da eficácia das orações feitas a favor da salvação daqueles que já estão mortos. Mas nada que o fundador desse grupo de verdadeiros cristãos tivesse feito ou dito, parecia suscitar a indignação do povo contra ele, até o dia que ele queimou certo número de crucifixos com a imagem de Cristo. Isso foi demais! Diante desse fato, os sacerdotes foram bem sucedidos em promover uma revolta popular que culminou com Pedro sendo queimado vivo na cidade de Saint Gilles, na região de Languedoc. Porém, seus ensinos não podiam ser exterminados facilmente, pois se haviam enraizado profundamente em muitos corações. A luz divina pode, às vezes, ficar debaixo de profundas sombras por um tempo, mas não pode nunca ser apagada por completo.

***

Os Henricianos

3. As chamas que consumiram a vida de Pedro de Bruys não desencorajaram nem silenciaram, no mais mínimo, os seus seguidores. Destemidamente eles continuaram a descobrir com forte voz os erros da igreja e do clero. Um desses, chamado **Henrique**, um jovem **monge de Cluny** bem como um diácono, tornou-se um pregador mais ousado e poderoso do que o próprio Pedro. Na reclusão do monastério, ele havia se dedicado muito ao estudo do Novo Testamento. Com isso, obteve um conhecimento da verdadeira essência do cristianismo vindo diretamente da pura Palavra de Deus. Seu ardente desejo era ir por todo o mundo proclamando a verdade a toda criatura, assim como ele a havia recebido da fonte divina. A combinação de sua aparência pessoal e sua forma educada de proceder deu à sua pregação força e ênfase.

As mudanças rápidas que aconteciam em suas feições são comparáveis com a superfície de um mar tormentoso, seus olhos se moviam sem descanso de um lado para o outro. Sua alta estatura, sua poderosa voz, seus pés descalços e roupas simples, a reputação da sua santidade e erudição, chamava a atenção de todas as pessoas.

Ele tinha pouca idade, é verdade; todavia, a gravidade da sua linguagem e sua eloquência arrebatadora, associadas à sua aparência marcante, assustava ao clero e agradava o coração do povo. No mesmo espírito de João Batista ele chamava o povo ao arrependimento e os exortava para que se convertessem ao Senhor. Além disso, de modo bastante frequente, ele atacava impiedosamente os vícios praticados pelo clero, pelos quais o povo os odiava.

Quanto mais o clero se opunha a Henrique, mais o povo se sentia atraído por ele. Verdadeiras multidões, tanto dos mais pobres como dentre as classes mais ricas, o seguiam como seu guia espiritual em todas as coisas. Segundo os registros históricos ele apareceu primeiro em Lausanne, na Suíça, como pregador do arrependimento. Porém, deixando a Suíça, ele peregrinou por todo o sul da França, até Bordeaux. Neander observa acerca da sua atividade em Le Mans no ano 1116: “Ele atraía o povo a si mesmo, e as suas pregações tiveram o efeito de encher as multidões com desprezo e ódio contra o clero. O povo não queria manter nenhum tipo de relacionamento com aqueles homens. Os cultos divinos celebrados por membros da alta hierarquia da Igreja Romana, não eram mais frequentados. De repente, eles se viram expostos aos insultos e ao escárnio do povo, o que os obrigava a procurar a proteção do poder civil”. O prudente bispo de Le Mans, vendo a influência que Henrique havia ganhado sobre o povo leigo e os sacerdotes jovens, contentou-se simplesmente em direcioná-lo para outro campo de trabalho. O monge zeloso retirou-se calmamente e reapareceu na região da Provença, onde Pedro de Bruys havia trabalho antes dele. Aqui ele desenvolveu de modo mais decidido e aberto, sua oposição aos erros da igreja de Roma. Com isso ele atraiu sobre si mesmo a mais forte hostilidade de todos os clérigos.

Contudo, lhe foi permitido prosseguir sua atividade reformadora por vários anos, sem ser perturbado.

Finalmente, Henrique foi feito prisioneiro pelo arcebispo da cidade de Arles. Ele foi condenado como um herege por um concílio reunido em Pisa, na região da Toscana, no ano 1134, tendo sido sentenciado a ficar confinado em uma cela solitária. Em pouco tempo, entretanto, ele conseguiu fugir e retornou para Languedoc. Por onde quer que ele fosse, as igrejas se esvaziavam e os clérigos eram desprezados pelo povo. Um legado papal, chamado Alberico, foi enviado por Eugênio III para tentar suprimir o movimento. Sua missão, todavia, teria fracassado completamente caso ele não tivesse convencido Bernardo de Claraval a compartilhar sua tarefa e a glória resultante daquela empreitada. “Henrique é um antagonista”, ele disse, “que somente pode ser derrotado por aquele que triunfou sobre Abelardo e Arnaldo de Bréscia.”

O venerável abade de Claraval comunicou por escrito ao príncipe da Provença, a sua chegada e o objetivo da sua vinda. “As igrejas”, ele escreveu, “estão sem pessoas; o povo está sem sacerdotes; os sacerdotes estão sem honra; e os cristãos sem Cristo. As igrejas já não são mais consideradas consagradas, e nem santos os sacramentos. Os festivais religiosos também já não estão mais sendo celebrados. As pessoas morrem em seus pecados, as almas vão para o terrível tribunal sem a penitência ou a comunhão ministrada pelo sacerdote. O batismo tem sido negado aos infantes, os quais, dessa maneira, são impedidos de alcançarem a salvação.” O abade de Claraval era capaz de fazer milagres conforme se acreditava, e o povo crédulo o admirava e se maravilhava diante dele. Henrique, ao tomar conhecimento da vinda de Bernardo, fugiu. Bernardo foi ao seu encalço purificando os lugares infectados pela pestilência da heresia, como dizia. Por fim, o herege foi preso e foi entregue acorrentado ao bispo de Toulouse, que mandou aprisioná-lo em um cárcere aonde, em pouco tempo, ele veio a falecer de modo súbito. Dessa maneira, Henrique foi libertado de todos os seus perseguidores no ano de 1148, quando entrou no descanso eterno.

***

ALBIGENSES E VALDENSES

4. A origem dos grupos dissidentes ocidentais, muitos deles agregados sob o nome comum de **valdenses**, têm sido assunto de muita controvérsia. Alguns escritores, que são favoráveis ao romanismo, e que tem como objetivo envolver os valdenses na acusação comum de serem maniqueístas, tem se empenhado em provar que suas doutrinas se originaram no Oriente ou entre os paulicianos. Por outro lado, outra categoria de escritores afirma que eles eram livres do erro maniqueísta, e que os mesmos se tornaram herdeiros e mantenedores, passando a tradição de pai para filho, de um cristianismo puro e espiritual. Essa prática teria sido iniciada nos dias de Constantino, com alguns acreditando que a mesma já existia desde os dias dos apóstolos[4].

Os **albigenses** apesar de formarem, essencialmente, um grupo com os valdenses em questões de fé, foram assim chamados por causa da região em que habitavam, Albi, uma cidade localizada na região de Languedoc, no sul da França. As duas comunidades estavam separadas pelos Alpes. Deus providenciou um local seguro para os valdenses nos vales do lado oriental dos Alpes, e para os albigenses nos vales ocidentais. Foi nos vales dessa enorme cadeia de montanhas, que Deus preservou e fortificou esses grupos por muitos séculos.

***

PEDRO VALDO

Por causa da semelhança do nome — Pedro Valdo ou Waldo e valdenses — o reformador da cidade de Lyon tem sido, frequentemente mencionado como o fundador do grupo dos valdenses. Todavia, entendemos que trata-se de um engano. Entretanto, os adeptos de Roma se aproveitam desse erro para fortalecerem seus argumentos contra a antiguidade dos valdenses, e são apoiados pela maioria dos historiadores. Contudo, fica estabelecido — após as cuidadosas verificações de Elliot e dos outros autores mencionados na nota de rodapé precedente — que os valdenses ou “homens dos vales”, existiram muito antes de Pedro Valdo.[5]

Pedro Valdo merece nosso louvor imparcial por causa da sua abnegada atividade na luta pela verdade e contra os erros romanos. Todavia, sua piedade, seu zelo, e sua coragem devem ser duplamente reconhecidas, pois se tornaram mais evidentes em um período quando a hierarquia papal começou a perseguir todos os que questionavam sua autoridade e infalibilidade. Não temos dúvidas que ele foi levantado por Deus no tempo apropriado, para que desse mais determinação ao testemunho dos valdenses. A simplicidade da adoração que praticavam, e a vida pacífica e reclusa que manifestavam, parece não ter despertado a inveja de seus vizinhos nem a suspeita da igreja dominante, até os dias de Pedro Valdo. Foi a mão de Deus que determinou assim. Porém com o surgimento do destemido Pedro, a situação mudou.

Por volta do ano 1160, as práticas da idolatria que acompanhavam a doutrina da transubstanciação, causaram uma profunda impressão em Pedro. Ele estava realmente alarmado com a intensidade da perversidade daqueles tempos; da corrupção que havia sido introduzida sorrateiramente na igreja; e da influência perigosa e perversa que o papado exercia sobre a alma das pessoas. Isso o levou a experimentar a verdadeira conversão de sua alma para Deus. Daquele momento em diante ele consagrou toda a sua vida ao serviço e a honra de Deus. Pedro abandonou suas ocupações como comerciante e distribuiu sua fortuna entre os pobres, imitando os primeiros discípulos. Muitas pessoas se uniram a ele. Ele sentia a necessidade de ser mais bem instruído nos assuntos divinos. Mas onde poderia encontrar tal instrução? O profundo desejo de compreender os Evangelhos, aos quais estava acostumado a ouvir quando frequentava a igreja, encheu o seu coração. Ele contratou dois padres para traduzirem os Evangelhos para sua língua nativa. Além dos Evangelhos, ele pediu que alguns outros livros das Escrituras fossem traduzidos, bem como algumas passagens retiradas dos pais da Igreja. Por este feito, Valdo merece a gratidão de toda a posteridade. Naqueles dias, a Escritura era completamente selada no seio da cristandade, já que a mesma existia apenas na língua latina. Os seguidores de Valdo, uma vez supridos com cópias das Escrituras em seu próprio idioma, foram capazes de explicar ao povo que eles não estavam promovendo

doutrinas estranhas ou inventadas por eles, e sim a verdade pura, não adulterada, da Palavra de Deus. Seguindo o exemplo do Senhor Jesus ao enviar os setenta, Pedro enviou seus discípulos de dois em dois, para todos os vilarejos daquelas vizinhanças para pregarem o Evangelho.

Isso despertou a ira do Vaticano. Enquanto Valdo e seus amigos se limitavam a um protesto pessoal contra os enganos e a corrupção da igreja, a hierarquia romana não tomou nenhuma providência séria para prejudicá-los. Mas, tão logo eles passaram a utilizar essa arma perigosa, as Sagradas Escrituras na língua do povo, eles foram imediatamente amaldiçoados e excomungados. No entanto, a intenção deles não era pregar nenhum tipo de separação da igreja, mas apenas sua reforma. Sem se preocuparem com a ira do papa, eles persistiram em pregar o glorioso evangelho da graça de Deus aos pecadores perdidos. Um interdito foi emitido contra eles pelo arcebispo de Lyon. Valdo respondeu de forma decidida: “Precisamos obedecer a Deus mais que aos homens”. Daquele tempo em diante, os “pobres homens de Lyon” como eles eram chamados, foram estigmatizados publicamente pelo clero como hereges, e expostos ao desprezo. Durante três anos, depois da sua primeira condenação por volta do ano de 1172, Valdo conseguiu permanecer escondido na cidade de Lyon ou em seus arredores. Porém, quando o papa Alexandre III ordenou as mais severas medidas, não somente contra Valdo, mas contra todos que ousassem manter comunhão com o herege, ele fugiu de Lyon, por amor de seus amigos, e se tornou um andarilho pelo resto de sua vida. Depois de buscar abrigo seguro em diversos lugares, porém não encontrando um local de repouso, Valdo cruzou as montanhas em direção a Boêmia, terra de João Huss e Jerônimo. Naquele lugar, finalmente veio a falecer, entrando no descanso eterno por volta do ano 1200.

***

A Dispersão dos Seguidores de Pedro Valdo

Quando Valdo fugiu, seus discípulos o seguiram. A dispersão aconteceu de modo semelhante àquela que observamos no livro de Atos logo depois do apedrejamento que resultou na morte de

Estêvão. Os efeitos também foram semelhantes. O bendito evangelho foi propagado da maneira mais ampla através da Europa. O grande poder desses pregadores simples residia no fato de possuírem as Sagradas Escrituras em sua própria língua. Eles liam os Evangelhos, pregavam e oravam na língua comum das pessoas. Muitos deles, não temos dúvidas, acabaram chegando aos vales de Piemonte e na cidade de Languedoc. Uma nova tradução da Bíblia era uma enorme contribuição aos tesouros espirituais para todo aquele povo.

O cenário estava preparado para o papa Inocêncio III. Os meios de opressão que estavam à disposição da sua forte mão foram aplicados com um espírito irreconciliável. Aquele que havia humilhado os poderosos reis da Alemanha, França e Inglaterra, e a quem quase toda a cristandade se submeteu, teve que experimentar que o desprezado grupinho dos valdenses lhe negava o reconhecimento como o supremo cabeça da igreja. Era impossível que um espírito como o de Inocêncio iria continuar tolerando, com calma, essa resistência à sua arrogante supremacia universal. Mas qual era mesmo o crime deles? Onde eles poderiam ser encontrados? Como os mesmos deveriam ser tratados? Essas questões não eram fáceis, nem mesmo para o próprio Inocêncio responder.

1. Eles tinham a mais alta reputação em todos os lugares. Isso era reconhecido até mesmo pelos seus piores inimigos. Eram admirados por sua modéstia, vida simples, trabalho honesto, castidade e temperança. “Em nenhuma instância”, nos diz uma autoridade não muito favorável àqueles a quem chama de antissacerdotalistas, “a moralidade de Pedro Valdo e dos cristãos bíblicos dos Alpes, pode ser posta em dúvida, mesmo pelos seus mais amargos opositores.” Seu único pecado consistia em se apoiarem nas Escrituras, e somente nelas, em todas as questões pertinentes à fé e à adoração. Eles rejeitavam o vasto sistema de uma religião que consistia em tradições, como era sustentada pela igreja de Roma. Tanto em suas vidas como em seus ensinamentos, eles eram testemunhas nobres de Cristo e da simplicidade do Evangelho. Essa postura, todavia, constituía um protesto poderoso contra a riqueza, o poder e as superstições da igreja dominante.

Eles rejeitavam por completo, os numerosos sacramentos de Roma e mantinham que o Novo Testamento ensinava apenas duas ordenanças divinas: o batismo e a Ceia do Senhor. De forma geral, podemos afirmar que eles anteciparam e sustentaram as mesmas doutrinas, as quais, após três séculos, seriam promulgadas pelos reformadores da Alemanha e da Inglaterra. Essas mesmas doutrinas ainda fazem parte dos credos protestantes dos nossos dias.

2. O grande progresso dos "**pobres homens de Lyon**", depois do início das perseguições, nos parece ter acontecido de forma rápida e alcançado uma larga extensão do território europeu. Os historiadores nos informam que eles foram para o estrangeiro, indo para o sul da França chegando até a Lombardia, e avançando para os lados de Aragão, na direção da Espanha. "Na Lombardia e na Provença", nos diz Robertson, "os valdenses possuíam mais escolas do que os católicos. Seus pregadores disputavam e ensinavam publicamente. O número e o poder dos seus favorecedores, que haviam sido ganhos por eles, tornava desaconselhável interferir no trabalho que faziam. Na Alemanha, eles tinham quarenta e uma escolas na diocese de Passau. Possuíam também numerosas escolas nas dioceses de Metz e Toul. Desde a Inglaterra até o sul da Itália e do Helesponto até o rio Ebro da Espanha, seus princípios estavam propagados por todos os lugares."[6]

3. Essa era a situação quando o papa Inocêncio III assumiu a cadeira de Pedro em Roma. Com olhar aguçado ele vigiava este espírito de independência religiosa e tramava planos para enfrentá-lo. Mas, como esmagar, de forma eficiente, esses grupos? Essa era a questão que lhe incomodava. Porém, no início de seu reinado, como o leitor irá se lembrar, ele já tinha muitas outras coisas com as quais se ocupar: buscava desestabilizar o poder alemão e italiano; contendia alternadamente com os reis da França e da Inglaterra; dirigia a marcha dos cruzados em direção a Terra Santa, e por meio deles, ele destruiu o Império Grego centrado em Constantinopla. Apesar dessas múltiplas atividades, ele continuava observando incessantemente os acontecimentos no restante da cristandade. Estava firmemente determinado a punir, sem misericórdia, todo tipo

de dissensão contra as normas estabelecidas pela igreja de Roma. Inocêncio III era incapaz de aceitar qualquer exercício de pensamento divergente por parte dos seus súditos religiosos. Por volta desse tempo o grande rumor, que os vales da região de Piemonte e no sul da França era a sede da aversão contra Roma, tomaram uma forma mais definida. Os cristãos piemonteses floresceram relativamente ocultos, ao passo que os albigenses o fizeram de forma mais notória, e também pareciam mais perigosos por causa da proteção que receberam das ricas cidades da região de Languedoc. **Raimundo VI**, conde de Toulouse favorecia os valdenses, não somente por serem seus melhores súditos mas também empregava-os na sua corte, apesar dele ser um devotado católico romano. O conde de Foix estava casado com uma mulher valdense. Das duas irmãs do conde, se dizia que uma era valdense e a outra uma catarista ou puritana.

***

A Região de Albi

O nome **Languedoc** foi dado a essas províncias do sul da França, por causa da rica, melodiosa e flexível língua que era usada como vernáculo naqueles lugares (chamado Langue d'oc ou Langue d'oil). No que diz respeito à educação, riqueza e liberdade, tanto civil quanto religiosa, eles superavam aos demais da França. A antiga civilização romana ainda sobrevivia nos vales de Languedoc e da Provença. Os líderes feudais, especialmente os condes de Toulouse e Foix, apesar de respeitaram o rei como senhor supremo, possuíam e exerciam autoridade soberana sobre seus domínios. Através do favorecimento de Raimundo e da indiferença dos demais senhores, essa bela região havia alcançado um nível intelectual muito mais elevado do que qualquer outra parte da Europa. Todavia, essa formação, observa Milman, era completamente independente e, porque não dizer, até mesmo hostil, a qualquer influência eclesiástica. O papado, como temos visto de modo tão frequente, não apenas age de forma destruidora sobre as almas dos homens, mas também impede todo progresso nos campos das artes e da educação do povo. Até mesmo nessas áreas um país católico parece sofrer sob a influência nociva desse sistema. Para o papado

florescer, o espírito humano precisa ser mantido na ignorância, na superstição e na escravidão. Todavia, por um longo período de tempo os habitantes de Languedoc não foram perturbados pela hierarquia romana. A consequência natural desse ato foi que suas cidades se encheram de pessoas pacíficas, trabalhadoras e prósperas.

Por outro lado, como deve parecer natural, na mesma proporção em que a Palavra de Deus e as opiniões livres prevaleciam, a igreja de Roma e o clero caíram em um desprezo cada vez maior. Nobres e cavaleiros já não permitiam que seus jovens filhos fossem educados pela igreja. Pelo contrário, concediam as propriedades agrícolas da igreja para os filhos dos seus servos, e recolhiam o dízimo de tudo o que era produzido para si. Sendo odiados de igual maneira, tanto pelos nobres quanto pelo povo comum por causa da ganância e da imoralidade que costumavam manifestar, os sacerdotes não tinham como oferecer nenhuma resistência ao progresso dessas novas ideias. Ninguém mais tinha medo do poder espiritual dos sacerdotes, e os mesmos eram desprezados por causa da sua **sensualidade**. Eles tornaram-se os temas preferidos das canções e das zombarias dos trovadores[7]. A exploração dos órfãos e das viúvas, a desonestidade, o engodo* astuto, a glutonaria e a bebedeira deles, eram proverbiais e inegáveis. “A situação chegou a um ponto”, nos diz Robertson, “que a ignomínia que experimentavam os levava a cobrir o corte da tonsura*, puxando o cabelo da parte de trás da cabeça, para frente.” O camponês mais simples, todas as vezes que ouvia falar de uma ação escandalosa, tinha por hábito de exclamar: “Preferia muito mais ser um sacerdote a ser culpado de um ato desses”. Aqueles que renegavam Roma tornaram-se tão numerosos que constituíam a grande maioria da população. Os judeus também eram numerosos e possuíam grandes riquezas. E, naturalmente, entre os habitantes da florescente região de Languedoc também havia aqueles que se mantinham separados da Igreja Romana, sem, contudo serem adeptos de qualquer grupo. Todavia, nosso interesse agora é falar das pessoas que são agrupadas sob o nome comum de albigenses.

***

Inocêncio III e a Perseguição aos Albigenses

Os dias transcorriam de forma tranquila naquela região ensolarada, pacífica e próspera. De repente, uma nuvem escura e trovejante apareceu no horizonte. Inocêncio havia ouvido com verdadeiro alarme, o progresso dessas novas ideias, e reconheceu que era urgente enfrentar energicamente esta corrente que ameaçava socavar o poder papal, e resolveu esmagá-la. Com esse objetivo em mente, ele, antes de tudo, enviou uma carta aos prelados e príncipes do sul da França, exortando-os que tomassem medidas vigorosas para suprimir a heresia. Todos aqueles acusados de heresias deveriam ser amaldiçoados e banidos. Para Raimundo e outros líderes, tal pedido marcado por tamanha falta de misericórdia, lhes parecia um tanto quanto arbitrário. Isso fez com que dessem pouca atenção ao pedido papal. “Crescemos com essas pessoas”, respondeu Raimundo, “temos familiares entre eles, e sabemos que vivem uma vida honesta. De que maneira poderíamos perseguir aqueles a quem respeitamos como os mais pacíficos e leais dentre o nosso povo?” Obviamente que tal imposição sobre a maioria da população, afetaria seus interesses e a arrecadação de impostos recolhida pelos príncipes. Obedecer às ordens papais seria equivalente a um processo de exterminação. Raimundo e os outros príncipes, conhecendo o caráter puro de seus súditos, recusaram-se a executar as exigências de aniquilação vindas de Roma. Todavia, o alegado supremo pastor do rebanho de Cristo, não tinha restrições para adotar tais medidas. Despreocupado com a miséria que ele traria sobre milhares, ordenou que os albigenses fossem excomungados, e colocados sob uma maldição que se estendia, inclusive, a todos os que se atrevessem a abrigá-los, a manter relações comerciais com eles ou unir-se a eles em eventos sociais. Mas o desobediente Raimundo, ainda assim mostrou favor para seus súditos hereges. Com isso ele atraiu a ira do papa, que em consequência enviou dois legados — Reinério e Guido — para averiguarem a causa da desobediência. Os dois legados estavam supridos com documentos que lhes davam plena autoridade para exterminar os hereges. Muitas dessas pessoas inocentes foram presas, e após um breve interrogatório, condenadas e executadas através de fogueiras. Ainda assim,

Raimundo se manteve inativo e a nova doutrina cresceu e ganhou força.

O que deveria ser feito? Para quebrar a resistência de Raimundo, eram necessários agentes mais enérgicos e ativos. Visto que o eloquente Bernardo de Claraval, por muitos anos um defensor do papado, estava morto, o papa voltou-se para os descendentes espirituais deste. **Pedro de Castelnau**, um monge cisterciense, foi enviado a Raimundo como um legado apostólico, no ano de 1207. Ele exigia, novamente, que o conde de Toulouse exterminasse todos os seus súditos hereges pelo fogo e pela espada. Mas Raimundo era bondoso e tolerante, e não podia se decidir em obedecer às ordens papais. Por duas vezes ele se recusou e pelo mesmo número de vezes foi excomungado. Todos os seus domínios foram colocados sob um interdito papal. Inocêncio III aprovou a maneira de agir do seu legado e escreveu uma carta ao príncipe, manifestando uma arrogância e insolência singulares. Ele dizia: “Homem pestilento! Tirano, déspota, cruel e terrível. Que tipo de orgulho tomou conta de seu coração, e quão grande é a tua tolice a ponto de recusares a paz com teus vizinhos e desafiares as leis divinas, protegendo os inimigos da fé? Se não temes as chamas eternas não deverias ao menos temer o castigo temporal, do qual te tornastes merecedor pela prática de tantos crimes? Pois, como deves saber, a igreja não pode estar em paz com aquele que lidera um grupo de bandidos e ladrões — defensor de hereges — aquele que despreza as leis sagradas e é amigo de judeus e usurários*, além de ser inimigo dos prelados e um perseguidor de Jesus Cristo e de Sua Igreja. O braço do Senhor permanecerá estendido contra ti, até que sejas esmagado e retornes ao pó. O Senhor te fará sentir, verdadeiramente, quão difícil será escapar da ira que atraíste sobre a tua cabeça.”

Esse é um exemplo da veemência da linguagem papal e os seus termos abusivos que existiam na Idade Média. Toda essa linguagem foi usada apenas pela recusa de se tornar o executor das ordens do papa, que exigiam o derramamento de sangue de seus próprios súditos pacíficos, fiéis e trabalhadores. Entretanto, o poder desses homens era enorme e Raimundo, assustado, por fim se submeteu à vontade do papa. Ele assinou, embora muito relutante, um tratado

onde se comprometia a exterminar todos os hereges localizados em seus domínios. Todavia, ele mostrou-se muito vagaroso e hesitante em proceder com a perseguição. O legado papal, percebendo a atitude do Raimundo, irrompeu em ira, utilizando a mais violenta e insultuosa linguagem contra o príncipe, chamando-o de covarde, e acusando-o de perjúrio e também renovou a excomunhão em toda sua plenitude. Não nos admira que, com tudo isso, o príncipe feudal foi tomado de violenta ira diante da atrevida arrogância do monge. Alguns dizem tê-lo ouvido exclamar, em um momento de muita infelicidade, que ele faria Castelnau pagar por sua insolência com a sua própria vida. No dia seguinte, um de seus súditos que provavelmente havia ouvido a ameaça, foi até o legado; e após tê-lo censurado pela sua conduta, ele respondeu com o mesmo tom atrevido; o súdito sacou seu punhal e feriu o legado na lateral. Mortalmente ferido, Pedro caiu ao chão. A disputa, como foi observado pelos historiadores, assumiu vários aspectos semelhantes àquela que existiu anteriormente entre Henrique II da Inglaterra e Tomás Becket, e teve o mesmo final lamentável.

***

Raimundo — Um Exilado Espiritual

Inocêncio havia alcançado o que desejava — um pretexto que ele considerava justificado para derramar todos os vasos da sua ira sobre a sua vítima. O legado assassinado foi honrado com um decreto papal, que lhe concedia o mérito de ter sido martirizado pela fé. Raimundo foi declarado culpado da autoria do crime e proclamado como um exilado espiritual. Todos os fiéis foram convocados para auxiliarem na destruição do príncipe. “Levantai-vos soldados de Cristo”, o papa escreveu para Filipe Augusto da França, “levanta-te ó rei cristão e ouve o clamor do sangue. Vem em nosso socorro trazendo a vingança sobre estes malfeitores. Levantai-vos nobres cavaleiros da França, pois a rica e ensolarada terra do sul do vosso país será a recompensa que recebereis pela bravura demonstrada.” A pregação da cruzada contra Raimundo foi confiada à ordem cisterciense, sob a direção do fanático abade Arnaldo. “Esse homem”, nos diz Milman, “tinha o coração aprisionado por uma couraça tripla: orgulho, crueldade e superstição cega.” Por

volta desse tempo, também surgiu um notável espanhol de Saragoça chamado Domingos de Val. Ele era cegamente devotado ao papado. Mais tarde ganhou a lastimável fama como fundador da Inquisição e da Ordem dos dominicanos. Domingos era tão fanático quanto Arnaldo, e ele obteve muito mais sucesso como pregador do que o monge cisterciense. Domingos foi convocado a unir-se com Arnaldo e apoiá-lo. Todos os corações e mãos se envolveram na tarefa de vingar os alegados insultos contra Deus, na pessoa de Seu servo, o papa Inocêncio III. As mesmas indulgências que uma vez foram concedidas aos cruzados da batalha do santo sepulcro foram asseguradas a todos aqueles que aderissem a essa nova cruzada contra Raimundo e os albigenses. O clero de todos os lugares, não perdeu tempo, pregando com incansável zelo essa oportunidade de obter o perdão dos pecados e a vida eterna.

"Para toda aquela geração de pessoas ignorantes, rudes e supersticiosas", diz James Stephens, "nenhum outro chamado poderia ser mais bem vindo. Perigos, privações e fadigas, em suas formas mais duras, haviam coberto os caminhos pelos quais os cruzados, que partiram em direção ao Oriente, tiveram que enfrentar em sua caminhada para o paraíso prometido. Porém, na guerra contra os albigenses a mesma inestimável recompensa seria ganha, sem a necessidade de abnegação, mas pela autogratificação. Todas as dívidas que um homem tivesse assumido e todas as ofensas cometidas contra a lei de Deus seriam perdoadas. Uma eternidade de bem aventurança seria alcançada — não mediante uma vida de santidade, mas sim através de uma vida de excessos, crimes, e até mesmo através da satisfação das paixões mais baixas; poderiam saciar sua crueldade, avareza e cobiça, saqueando e roubando — às custas de um povo cuja riqueza despertava uma ambição desmedida, e cuja superioridade provocava o ódio." À frente dessa colheita, que misturava sangue e pilhagem, com absolvição sacerdotal e fama militar, estavam os mais selvagens espíritos daquela época. De todas as partes vieram os guerreiros, e toda a Europa ressoava com o barulho das armas e das pessoas que saíam para a guerra santa.

***

A Cruzada Contra os Cristãos

No ano de 1209, em resposta ao chamado de um único homem que professava ser o supremo pastor da Igreja de Cristo, trezentos mil guerreiros cercaram as infelizes províncias. Alguns historiadores daqueles tempos, falam em até meio milhão de soldados trazendo, o bem conhecido símbolo da cruz. A multidão foi dividida em três grandes exércitos; presidindo sobre cada um: um arcebispo, um bispo e um abade. Entretanto, o comandante supremo dessa guerra santa era o notório **Simão IV de Montfort**. Ele era senhor de uma propriedade feudal próximo a Paris e conde de Leicester, por parte de sua mãe, que era uma dama inglesa. Satanás havia escolhido de maneira muito hábil seus instrumentos. Inocêncio III, Arnaldo, Domingos e Montfort são nomes terríveis na memória da história da igreja. É muito difícil dizermos qual desses quatro corações estava mais aprisionado pela couraça tripla do orgulho, crueldade e superstição cega.

Raimundo estava completamente despreparado para enfrentar tamanho exército. Por esse motivo, ele se refugiou na submissão à vontade do papa. O sumo pontífice lhe prometeu a absolvição sob certas condições. Entretanto, essas eram extremamente duras e cruéis. 1- O príncipe precisava se purificar de qualquer cumplicidade no assassinato de Castelnau; 2- Como prova de seu arrependimento sincero, Raimundo deveria entregar ao papa, sete de seus melhores castelos; 3- Ele também deveria oferecer uma penitência pública por suas ofensas cometidas no passado; 4- Ele deveria tornar-se um cruzado e sacar a espada contra seus próprios súditos. O pobre conde de Toulouse se queixou dos duros termos impostos sobre ele, porém em vão; elas precisavam ser cumpridas da forma mais rigorosa possível, até nos seus mínimos detalhes; assim o queria o representante de Cristo. Ele finalmente se sujeitou a tudo o que lhe era exigido e recebeu a absolvição na catedral de Saint Gilles, na presença de três arcebispos e dezenove bispos. Em seguida ele se dirigiu à catedral onde Castelnau havia sido sepultado, com as costas descobertas, e uma corda ao redor do seu pescoço. Ele era escoltado por dois bispos que seguravam as pontas daquela corda. Chegando ao túmulo de Castelnau, Raimundo se ajoelhou e foi então chicoteado, não apenas de forma

cerimonial, mas com toda a firmeza e sem misericórdia, até ficar coberto de sangue. Por fim, o infeliz conde recebeu a permissão de sair da presença dos seus atormentadores, e do triste espetáculo que representou na frente de uma enorme multidão, que havia se reunido para testemunhar essa inacreditável degradação daquele que era o senhor deles. Mas isso não foi o pior. Raimundo ainda foi obrigado a acompanhar os cruzados contra seus súditos leais, até mesmo contra o seu sobrinho, Raimundo Roger Trencavel, o visconde de Beziers, cujos territórios, se dizia, estavam cheios dos odiosos albigenses.

A alma vingativa do papa, tendo sido satisfeita até o presente momento por causa da humilhação e da derrota imposta a seu inimigo, ordenou que o poderoso exército seguisse adiante. Trezentos mil guerreiros enfurecidos se espalharam por todo aquele belo principado. “Avante!”, foi o grito dos sacerdotes fanáticos, “deveis destruir todos os campos e lavouras, e matar todos os seres humanos. Ataquem, e não poupem nada e ninguém. A medida da iniquidade deles está toda preenchida, e a benção da igreja está sob vossas cabeças.” Os rudes guerreiros de Montfort não precisavam desse estímulo; estavam prontos para agir. O gigantesco exército, sedento por sangue e por despojos, marchou através das terras cobertas de vinhas e de olivais, queimando, matando e destruindo tudo à medida que avançavam pela bela região de Languedoc. Os indefesos camponeses foram, em sua maioria, pisoteados pelos cavalos e assassinados a sangue frio.

***

O Massacre e Incêndio de Beziers

Raimundo Roger era um jovem e nobre homem de 24 anos de idade. Ele demonstrou mais corajem e valentia do que seu tio e estava decidido a proteger, com todas as suas forças, seus súditos contra os exércitos dos cruzados. Suas duas maiores cidades, Beziers e Carcassona, representavam suas maiores fortalezas. Ele se refugiou nessa última, por considerá-la a mais fortificada das duas. Logo apareceram “os guerreiros da cruz e sacerdotes do Senhor”, que era como esses homens chamavam a si próprios, em uma arrogância sacrílega, e cercaram Beziers. A cidade havia sido

suprida com uma forte guarnição e provisões. O bispo de Beziers estava no acampamento inimigo. Ele recebeu a permissão de Arnaldo para falar ao povo da cidade e exortá-los que se rendessem. “Renunciem aos seus ensinamentos errados e salvem suas vidas.” Esse foi o conselho oferecido pelo bispo. Todavia, os albigenses responderam de modo firme e determinado, que jamais renunciariam à fé que lhes dera o reino de Deus e sua justiça. Até mesmo os próprios católicos da cidade declararam que preferiam a morte, em sua pior forma, do que entregar a cidade ao inimigo. Quando esta heroica resposta foi transmitida a Arnaldo, ele exclamou furioso: “Então não ficará pedra sobre pedra e o fogo e a espada irá devorar homens, mulheres e crianças!” Após um breve cerco, a cidade caiu nas mãos dos cruzados, e de forma horrível a ameaça de Arnaldo se cumpriu. Como se conta, antes de entrar na infeliz cidade os cavaleiros perguntaram ao abade de que maneira eles poderiam distinguir os católicos dos hereges. “Matem todos eles”, foi sua resposta, “o Senhor conhece aqueles que Lhe pertencem.” O terrível massacre começou: homens, mulheres, crianças e membros do clero foram massacrados de forma indiscriminada, enquanto os sinos das igrejas tocavam até que a matança se consumou. Mulheres e crianças aterrorizadas fugiram para se abrigarem nas igrejas, na esperança vã de encontrarem refúgio dentro das paredes sagradas. Mas, os assassinos as seguiram e nenhum ser humano foi deixado vivo. Após poucas horas, não sobrou nem um sequer da numerosa população de Beziers. Havia pilhas de cadáveres dilacerados nas ruas, nas praças e nos mercados da cidade, impedindo a passagem. O dado sobre o número de assassinados oscila entre vinte mil e cem mil, pois muitos que habitavam nos campos tinham buscado refúgio na cidade. Não podemos estimar, ao certo, a quantidade desses camponeses. Depois do massacre a cidade foi entregue à pilhagem e incendiada.

Nunca o desumano abade havia dito palavras mais verdadeiras do que aquelas diante dos portões de Beziers: “O Senhor conhece aqueles que são Seus”; embora sob tais circunstâncias somente manifestassem a mais terrível zombaria. Porém ele se esqueceu completamente do restante do versículo que diz: “Qualquer que

profere o nome do Senhor aparte-se da iniquidade” (2 Tm 2:19). O Senhor certamente conhece todos aqueles que creem nEle, e o mais fraco entre os Seus santos Lhe é infinitamente precioso. Temos certeza que Arnaldo verá um dia a muitos daqueles a quem ele chamou de hereges e que mandou assassinar sem misericórdia na mesma glória com a qual o Pai vestiu a Seu Filho. Que dia será aquele, quando o perseguidor e os perseguidos, o acusador e os acusados se encontrarem face a face na presença dAquele que julga a todos com justiça! Que possamos andar pela fé, procurando apenas agradar ao Senhor até aquele dia.

***

O Cerco de Carcassona

Beziers agora não passava de um monte de ruínas fumegantes. Os cruzados se deslocaram em direção a Carcassona. À medida que avançavam, a terra era cada vez mais desolada e desértica. As novas da terrível sorte de Beziers haviam despertado medo e terror no coração dos habitantes dos pequenos vilarejos que, sem proteção, abandonaram tudo e fugiram apressadamente assim que viram a fumaça subindo das ruínas da cidade poderosa. Uma dor imensurável acompanhava os terríveis passos dos exércitos dos cruzados. Agora eles se encontravam diante dos muros de Carcassona. Roger comandava seus exércitos pessoalmente, e suportou um longo cerco, repelindo os ataques com grande valentia. Em toda a parte onde o perigo era maior, via-se a imponente figura do jovem príncipe à frente do seu exército, animando-os e encorajando-os pela palavra e pelo exemplo. Do outro lado, Simão de Montfort também se destacou como um guerreiro valente, ousado e experiente; nos seus poderosos assaltos era sempre o primeiro. O cerco prosseguiu durante quarenta dias, período no qual os exércitos invasores sofreram grandes baixas, e a coragem dos cercados parecia aumentar a cada dia.

Pela lei feudal os soldados da cruz estavam obrigados a servir apenas durante quarenta dias. Ao final desse período muitos dos líderes e a maior parte das tropas retornaram aos seus lares desapontados e insatisfeitos. O calor excessivo, a escassez de água e a atmosfera podre produzida pelos inúmeros corpos não

sepultados, associado à ganância, a crueldade e a atitude traiçoeira dos sacerdotes, fizeram com que muitos se alegrassem com o término da obrigação feudal. Por um breve período, Arnaldo ficou perplexo; havia sido abandonado pela maior parte do exército e estava rodeado por uma tropa desordenada e insatisfeita. Arnaldo logo percebeu que pela violência não conseguiria nada, por isso apelou para uma astúcia diabólica. Ele chamou Roger para uma conferência, que seria realizada no seu acampamento. O nobre e valente visconde se declarou disposto a ir após o legado papal e os barões do exército lhe assegurar, mediante juramento, que a boa fé seria mantida durante esse encontro. Roger deixou a cidade acompanhado de trezentos de seus nobres e dirigiu-se ao lugar combinado; mas ali lhe esperava a mais tenebrosa traição. Tratando-se de um herege tão formidável, nenhuma boa fé precisava ser mantida. Assim que Roger iniciou a propor seus termos, o legado exclamou que não havia necessidade de se cumprir o juramento com aquele que havia demonstrado tamanha infidelidade para com o seu Deus. O abade ordenou que o visconde fosse aprisionado com correntes e lançado na prisão com seus seguidores. Mas logo, ele estava livre dessa situação de humilhação e sofrimento através da morte, a qual foi popularmente atribuída à mão de Simão de Montfort. O povo, totalmente desanimado pela perda de seu amado chefe, abandonou a cidade através de uma passagem secreta subterrânea, e assim escaparam da fúria dos seus inimigos. Os sacerdotes desapontados se vingaram contra cerca de quatrocentos cidadãos inocentes, aos quais enforcaram ou queimaram vivos sob a acusação formal de heresias.

A cidade de Carcassona e a herança do príncipe Roger tinham caído sob o controle das mãos do partido papal. Isso estava de acordo com a lei da conquista e, por esse motivo, os vitoriosos podiam dispor delas como quisessem. O legado, acompanhado do clero, presenteou essas ricas terras a Simão de Montfort, como os primeiros frutos de uma gloriosa vitória sobre os hereges e como recompensa pelos seus fiéis serviços. Em seguida, Montfort foi saudado como visconde de Beziers e Carcassona. Simão prometeu manter a dignidade e o domínio sobre seus territórios, e efetuar o

pagamento de um tributo anual ao papa, que era o verdadeiro senhor feudal dos territórios conquistados.

A eleição de Simão foi confirmada pelo papa, apesar dos grandes princípios de justiça e dos tratados terem sido violados de forma tão injusta e infiel. Todavia, o rei de Aragão, como o suserano* recusou reconhecer Simão sobre sua nova possessão. A conquista que parecia ter sido completa, na realidade, não era. O duque da Borgonha, o conde de Nevers e outros nobres franceses abandonaram a cruzada declarando-se grandemente ofendidos com a atrevida arrogância dos mercenários do papa. Montfort tendo sido abandonado ficou com uma força pequena, não tendo condições de manter aquela posição. Muitas cidades e castelos que haviam sido tomados pelo partido papal foram novamente perdidos, e uma guerra sem fim foi levada adiante. Essa guerra foi marcada pela fúria, pelo forte desespero do povo e pelas mais terríveis crueldades e barbaridades praticadas pelos dois lados. Montfort desesperado escreveu aos prelados da cristandade solicitando um novo exército.

As trombetas de Roma soaram novamente: uma nova cruzada foi convocada. “**Numerosos bandos de monges**”, nos diz Greenwood, “saíram das celas e monastérios da ordem cisterciense; atravessaram o país, pregando a perdição dos hereges e prometendo o perdão ilimitado a todos que derramassem o sangue — até mesmo de um único herege — daquilo que chamavam de ‘sangue amaldiçoado’. De acordo com os monges, não existia crime mais terrível, nem vício mais arraigado no coração do que a heresia encontrada naquelas vidas. Mas os quarenta dias de campanha contra esses banidos, livraria a cristandade desses males, sem deixar nenhum traço de culpa nem o menor sentimento de remorso para trás, por parte dos cruzados.” Atraídos pela promessa de grandes despojos materiais encontrados no ensolarado sul da França, bem como de felicidade eterna no céu, multidões de fanáticos se uniram debaixo do estandarte de Montfort. Sua esposa reuniu e encabeçou essa multidão e, na primavera de 1210 levou-os até seu marido, e a guerra recomeçou com fúria renovada.

***

A Ruína de Raimundo é Determinada

A submissão do conde Raimundo aos termos papais de reconciliação parecia ter sido alcançada. Logo após a sua humilhação na catedral de Saint Gilles, ele havia acompanhado os cruzados, apesar de seus ombros sangrentos, contra o seu próprio sobrinho Roger; e também entregou seus castelos sem resistência. Poderíamos imaginar que a igreja estaria satisfeita e, com alegria, receberia o filho arrependido de volta no seu seio. Mas, para nossa surpresa, o que aconteceu foi exatamente o contrário. O papa, da maneira mais traiçoeira possível, declarou abraçá-lo como o seu filho obediente; o absolveu de qualquer culpa relacionada com o assassinato de Castelnau e deu-lhe uma capa e um anel. Com esses presentes valiosos o conde retornou ao seu país, na feliz esperança de que as concessões do papa seriam confirmadas pelos seus legados e que a paz seria, finalmente, restaurada. Porém, ele teve que fazer a mesma triste experiência que seu sobrinho Roger; e aqui, a história levanta seu véu e nos revela a mais deliberada e sórdida traição jamais antes registrada nas práticas políticas de qualquer governante, apenas para alcançar seus objetivos ambiciosos. Depois do papa ter assegurado ao conde os seus propósitos conciliatórios, ele escreveu, imediatamente, uma carta aos seus legados em Toulouse, no qual faz referência às palavras do apóstolo Paulo, buscando justificar sua conduta enganosa: “Sendo astuto, vos tomei com dolo” (2 Co 12:16b). Assim ele escreveu: “Nós vos aconselhamos, como fez o apóstolo Paulo, a empregarem dolo nas relações com esse conde. Nesse caso, tal dolo deve ser visto como prudência. Nós precisamos atacar separadamente aqueles que causam divisão em nossa unidade. Deixem de lado, por um tempo, esse conde de Toulouse seguindo para com ele um curso dissimulado de amabilidade, de tal maneira que os outros hereges sejam mais facilmente aniquilados. Mais tarde, quando ele for deixado sozinho, esmagaremos a ele também, totalmente”. Visto que Raimundo confiava nas palavras anteriores do papa, ele exigiu dos legados papais, Teodósio e Arnaldo, que as promessas do papa fossem cumpridas. Todavia, apesar dos insistentes pedidos do infeliz conde, estes se negaram obstinadamente a absolvê-lo do anátema papal, afirmando que ele ainda não havia se purificado suficientemente das acusações de

heresia e do assassinato do sacerdote, e por isso não podia receber a absolvição. Quando o conde desatou a chorar, os monges endurecidos, em zombaria diabólica, citaram o texto: “Até no transbordar de muitas águas, estas não lhe chegarão” (Sl 32:6). Depois lhe comunicaram que estava excomungado mais uma vez.

***

O Objetivo Real dos Católicos

O leitor tem agora diante de seus olhos o verdadeiro objetivo, mesmo encoberto, desses homens inspirados por Satanás. É a repetição da antiga e cruel história de Nabote e sua vinha (1 Rs 21). Jezabel precisa tomar posse das charmosas regiões do sul da França, como se fosse a sua vinha. Para isso o sangue de Nabote, o jezreelita, precisa ser derramado. Um olhar para esta maneira de agir inescrupulosa do papa e dos seus legados, deve encher de profunda aversão a qualquer leitor livre de preconceito. Não apenas a ruína de Raimundo, mas também a destruição de todos os príncipes da região de Languedoc estava determinada por essas pessoas conduzidas pelo próprio Satanás. O papa havia enganado o conde Raimundo através de uma falsa reconciliação, cujo propósito era separá-lo do restante dos nobres de Languedoc. Dessa maneira, todos eles poderiam ser destruídos, um por um, com maior facilidade. Essa era a política de Inocêncio III, como escrita por sua própria mão e que ainda existe. E seus legados eram competentes discípulos daquele que lhes servia de mestre. Todavia, o espólio do conde de Toulouse e de todos os seus partidários haviam se tornado agora uma questão de necessidade, tanto para Simão quanto para os legados aliados a ele. Nada menos do que todo o sul da França seria capaz de satisfazer a cobiça de Montfort e a ganância fanática dos sacerdotes da Igreja Romana. Por esse motivo, eles determinaram agregar também às suas conquistas, os territórios que pertenciam aos condes de Foix, Comminges e Beam.

O **conde de Toulouse** tinha soberania sobre cinco grandes feudos que lhe estavam subordinados. As cortes desses pequenos feudos soberanos viviam em comunhão umas com as outras; competiam entre si quem teria o maior brilho e luxo; desfrutavam uma vida de esplendor e camaradagem. A vida deles, somos

informados, era uma festa perpétua compartilhada por todos ao redor. Alguns desses nobres estiveram entre os mais distintos cruzados que tinham ido para o Oriente e que haviam retornado trazendo muitos costumes da vida de luxo oriental, como a voluptuosidade e a dissipação. Não se preocupavam por questões religiosas; pouco lhes importava se seus súditos eram valdenses ou albigenses. Exteriormente, todos eram bons católicos. Todavia, a verdadeira religião deles era o exercício da cavalaria acompanhada pela música dos trovadores, além de todo tipo de diversão. Ainda assim, nós podemos encontrar algumas notáveis exceções. Podemos traçar a *linha dourada* da rica e soberana graça de Deus nas cortes desses alegres príncipes. Também podemos ler ainda, acerca de Almerico, senhor de Montreuil, e sua irmã, Geralda de Vetville, que eram albigenses e que defenderam suas próprias cidades contra os católicos, mas haviam sido derrotados. Todos esses foram vencidos e, juntamente com muitos outros homens e mulheres nobres, foram mortos de maneira cruel. Almerico, acompanhado de oitenta nobres, foi levado à presença de Montfort. Ele ordenou que todos fossem enforcados, mas a estrutura da forca não resistiu ao peso e quebrou. Diante disso, Montfort ordenou que os mesmos fossem esquartejados. Geralda foi lançada para dentro de um poço e enormes pedras foram jogadas sobre ela. Somente uns poucos escaparam do massacre geral para levarem a notícia da terrível crueldade às cidades vizinhas. Toda a região do sul da França sofreu semelhante destino infeliz. O cristão verdadeiro, o alegre cortesão, o cavaleiro galante e a multidão que amava os prazeres, e que haviam sido instigados a viver uma boa vida através dos hábitos luxuosos adotados pelo país, foram obrigados a se considerarem hereges ou hipócritas. Quem não se submetia prontamente aos termos papais, devia enfrentar a forca, a fogueira ou a espada do carrasco; muito sangue era derramado.

Para dar a aparência de justiça a essa destruição generalizada, todas as divisões do sul da França foram acusadas de darem proteção aos hereges. Raimundo, como o senhor suserano daquelas terras foi convocado a comparecer diante de um concílio realizado em Arles. Toda a máscara que escondia a iniquidade selvagem do papado foi agora lançada fora. Os sacerdotes não se

esforçaram o mais mínimo para ocultar a injustiça na sua maneira de agir. O conde veio acompanhado de seu amigo, Pedro, rei de Aragão, um bom e devoto católico romano, que defendeu a causa do conde de Toulouse e se declarou disposto a ser o fiador dele. Os termos que foram fixados pelos clérigos como base de reconciliação — que nos mostram a que altura chegou a atrevida arrogância papal — foram os seguintes: “O conde Raimundo deve dispensar o seu exército e deve arrasar todos os seus castelos; deve chamar de volta todos os comandantes das suas cidades muradas e fortalezas; deve renunciar à coleta de todos os impostos e taxas das quais derivava a principal parte de suas receitas; deve exigir que toda a nobreza e a população de seus domínios usem as roupas dos penitentes; ele deve converter ou queimar todos os súditos suspeitos de heresia, dependendo do caso; deve estar pronto e disposto a ir, pessoalmente, à Palestina para servir na Ordem dos Cavaleiros Hospitalários, até que seja do agrado do papa chamá-lo de volta; cada cabeça de família deve pagar anualmente o equivalente a quarenta centavos para o legado papal. Além disso tudo, ainda se exige que Raimundo deve obedecer incondicionalmente à igreja, pagar todas as despesas que lhe forem apresentadas, e durante o restante de sua vida submeter-se a igreja sem nenhuma contradição. Se ele se declarar disposto a cumprir fielmente todos esses termos, suas terras lhe serão restauradas pelo legado e pelo conde de Montfort”.[8]

Raimundo ouviu essas exigências inacreditáveis com crescente amargura. A intenção dessa nova manifestação de atos ofensivos não deveria deixar nenhuma dúvida. Quando o legado terminou, o infeliz conde abandonou o concílio sem dizer uma palavra, e partiu em companhia do seu intercessor Pedro, o rei de Aragão. Era exatamente isso que os sacerdotes queriam; eles estavam determinados a destruir totalmente a Raimundo e por isso lhe fizeram exigências que eram impossíveis de cumprir, para então o julgar por desobediência. A sentença então foi declarada: “O conde de Toulouse foi condenado como um herege declarado, como um inimigo da igreja e um apóstata da fé”. Por esses motivos, seus domínios e suas propriedades públicas, ou pessoais, foram oferecidas a todos aqueles que as tomassem e as ocupassem

primeiro. Essas ações, termos e decretos servem para fornecer uma imagem ao leitor de como julgavam e agiam os homens que afirmavam terem sido postos por Cristo como bispos e pastores sobre Seu rebanho; sob a mais sagrada das linguagens e pretensões, conseguiam arruinar os nobres daqueles dias, visando obter a posse de suas terras e de suas fortunas. Era assim em todos os lugares. O príncipe e seu povo precisavam ser afogados em sangue ou consumidos pelo fogo, caso suas posses não pudessem ser obtidas por meios mais amenos. Cada Nabote deveria entregar suas terras a Jezabel, se assim ela quisesse. Antes de deixarmos esse ponto, que o leitor possa ser lembrado que, exatamente nesse momento da história, quando o papa e seus legados trabalhavam na destruição do conde e de seus vassalos, os inquisidores Domingos e Reinério estavam completamente engajados na atividade de "reconhecimento religioso", procurando hereges por todo o sul da França. Eles haviam recebido pleno poder do papa para decidirem sobre a vida e a morte das suas infelizes vítimas. O terrível santo tribunal, que obteve e ainda retém o nome de **Inquisição**[9], foi inaugurado naquele mesmo ano, terrível de ser lembrado, de 1210, em um castelo perto de Narbona.

***

A Guerra Muda Seu Caráter

O conde Raimundo apressou-se para chegar a Toulouse. Ele convocou o povo e mandou que o banimento da excomunhão, acompanhado de todos os duros termos relativos à sua absolvição mencionados acima, fossem lidos em voz alta. Os cidadãos ficaram furiosos e declararam que preferiam se submeter às maiores atrocidades a aceitar aquelas condições humilhantes. À medida que as novas se espalhavam rapidamente de cidade em cidade, os mesmos sentimentos e o mesmo entusiasmo prevaleceram em todos os seus domínios. O caráter da guerra estava agora, completamente mudado. Para todos os súditos de Raimundo, não havia nenhuma dúvida de que a única intenção dos cruzados era conquistar todas as províncias do sul, com o propósito de convertê-las em propriedades da Sé Romana. Todavia, as províncias estavam igualmente determinadas a resistirem aos cruzados como os piores

hipócritas, e lançarem fora a cruel e usurpadora tirania de Roma. Já não era mais uma guerra religiosa contra os hereges, mas uma carnificina e pilhagem universal; os bens mais valiosos de um povo, liberdade e independência, estavam em jogo. Por isso toda a nação se levantou como um homem para repelir devidamente aos intrusos.

A guerra foi então proclamada, mas a força dos combatentes tinham níveis muito desiguais. Raimundo parecia ter sido um monarca gentil, bondoso e indolente. Ele era amado pelo seu povo, porém ele não tinha a ambição e a energia que um general hábil deve ter; ele somente queria desfrutar os prazeres e as gratificações dessa vida. Não existe nenhuma evidência de que ele tivesse a menor inclinação de adotar a religião dos albigenses. Ele era um verdadeiro e fiel católico romano. Por outro lado, Simão de Montfort, o grande general de Roma, era considerado o mais corajoso e hábil líder militar daqueles dias. Ele era também reconhecido como o defensor da causa do papado, e jurado vassalo. Montfort era extremamente severo em seus exercícios religiosos, assistindo a missa diariamente e recitando regularmente as suas orações. “Entretanto”, alguém escreveu, “em se tratando de Simão, suas melhores qualidades estavam combinadas com os piores vícios — uma ambição insaciável por conquistas; extremamente inescrupuloso na escolha dos meios para alcançar seus objetivos; uma indiferença brutal para com o sofrimento humano e uma indomável e indisfarçável ganância relativa a bens materiais.”[10]

Como comandante de um novo exército de cruzados, com a responsabilidade de executar a sentença da igreja e de ganhar o nobre prêmio representado pelos domínios de Raimundo, Simão marchou através do sul da França. Massacres, pilhagens, incêndios e a mais selvagem das barbaridades, impossíveis de descrever, marcaram cada um de seus passos. Hereges, ou aqueles suspeitos de heresia, onde quer que fossem encontrados eram forçados pelo legado Arnaldo e por Montfort a acenderem grandes pilhas de lenha nas quais eram lançados — homens, mulheres e crianças, tudo foi entregue à morte pelas chamas, sem distinção. Onde houvesse uma fogueira, os monges se divertiam dançando em volta dela, zombando de seus sofrimentos e tendo prazer nos gritos das mulheres que estavam sendo queimadas vivas.

Todo o país, à medida que o exército papal avançava, tornou-se cenário das mais terríveis crueldades. Eles destruíram as vinhas e as plantações que estavam em crescimento. Queimaram as vilas e fazendas, e quando os seus habitantes fugiam, eram novamente lançados para dentro das chamas; matando assim camponeses desarmados, mulheres e crianças. Os cruzados da igreja de Roma espalharam a desolação sobre toda a terra. E tudo isso aconteceu por santo fervor pelos interesses da igreja e da religião! Não devemos nos surpreender que, o povo levado ao desespero, retribuiu a seus torturadores com a mesma crueldade. Porém, quanto à descrição dos detalhes vamos deixá-los nas mãos dos historiadores civis. O que foi descrito deve bastar para mostrar ao leitor que a maneira de agir do representante de Cristo, zombava de todas as leis da humanidade e da religião. Da maneira mais clara e breve que nos for possível, iremos apenas mencionar algumas das principais batalhas dessa grande guerra. Foram essas batalhas que levaram ao fim da guerra e que manifestou de um modo ainda mais transparente, o caráter de Simão e dos monges de Cister, sob a direção e o apoio do sumo pontífice.

***

As Atrocidades Cometidas Por Simão e Arnaldo

Simão de Montfort, agora senhor dos condados de Beziers e Carcassona, estava compromissado, como vassalo papal, a executar as ordens de seu senhor feudal, que culminavam no total extermínio dos hereges. Por esse motivo, ele continuou com sua campanha. Muitas cidades e castelos caíram em suas mãos através da força, ou pelo pânico de seus cidadãos. Na diocese de Albi, o centro de dispersão das arrogantes doutrinas, ele agiu com a mais selvagem das crueldades. Quando Minerve, cidade próxima a Narbona, depois de apresentar uma defesa obstinada finalmente se rendeu, um dos líderes em cujo coração ainda existia uma fagulha de humanidade, propôs que os derrotados pudessem se retirar, caso negassem a heresia que defendiam. Todavia, termos amenos como esses sofreram objeção por parte dos monges que não tinham a menor misericórdia. “Os termos são muito leves!”, eles gritaram, “Viemos aqui extirpar hereges, e não mostrar boa vontade para com

eles!”. “Não tenham medo”, replicou o abade em tom de zombaria cruel, “não haverá muitos convertidos entre eles.” E ele estava certo, mas não no sentido em que havia falado. Os infelizes habitantes de Minerve estavam firmemente determinados, preferindo morrer a se submeter às exigências papais. Enquanto os inimigos decidiam a sua sorte, os habitantes, nesse meio tempo, se juntaram para orar. O abade Pedro de Vaux encontrou um número de mulheres cristãs reunidas em uma casa; ajoelhadas tranquilamente, esperavam com resignação os assassinos. Elas não esperavam nenhum tipo de misericórdia vinda da parte desses santos padres e estavam preparadas para morrer. Ele também encontrou um número considerável de homens ajoelhados em outra casa, igualmente aguardando o fim, de modo pacífico. O abade os exortou a voltarem ao seio da única igreja que pode salvar, porém, assim que ele começou a falar, a uma só voz eles o interromperam. Todos exclamaram: “Não queremos saber nada da vossa fé! Já renunciamos à igreja de Roma; seu esforço é em vão, pois nem tortura nem a morte poderão nos afastar da verdade que sustentamos!”. Montfort foi chamado para que levasse os obstinados a cederem. Ele visitou tanto os homens quanto as mulheres, dizendo-lhes rudemente: “Convertam-se à fé católica ou eu queimarei a todos vós, até se tornarem cinzas!” Os albigenses sabiam que essa ameaça feita pelo conde era terrivelmente séria. Porém, ainda assim, nenhum dos albigenses hesitou por um momento sequer. Em tom determinado responderam: “Nós negamos a supremacia do papa e a autoridade do sacerdócio católico romano, não reconhecemos nenhum outro cabeça, apenas Cristo; e nenhuma outra autoridade, apenas a Sua Santa Palavra”. Montfort, diante da permanente e calma firmeza demonstrada pelos albigenses, ficou muito furioso e ordenou que uma enorme quantidade de madeira seca fosse trazida para aquele local. Em um curto tempo, monges e soldados fizeram uma pilha de lenha grande o suficiente para poder queimar a todas essas corajosas testemunhas, ao todo cento e quarenta pessoas. Montfort ordenou que o fogo fosse aceso. A pilha de madeira tornou-se imediatamente uma grande massa em chamas. Homens e mulheres, fiéis ao seu Senhor, entregavam suas almas em Suas

mãos, lançando-se voluntariamente para dentro das chamas e subiam aos céus jubilosos como se estivessem em carruagens de fogo. Seus carrascos tiveram de confessar que, em face de uma fé que desafiava a morte, as suas armas eram insuficientes.

Quando o castelo chamado Brau rendeu-se, Montfort arrancou os olhos de mais de cem de seus valentes defensores ou mutilou-os de alguma outra forma infame. Todavia, deixou um deles com um olho para que pudesse conduzir seus companheiros de sofrimentos pelo caminho. “Isso aconteceu”, afirmou explicitamente o abade Pedro de Vaux, “não porque o conde tivesse prazer nisso, pois dentre todos os homens ele era o mais manso. Ele procedia dessa maneira porque desejava exercer vingança nos inimigos.” Esse foi o julgamento do monge historiador. Em **Lavaur**, a cidade do bom Rogério Bernardo, conde de Foix, as atrocidades superaram tudo o que aconteceu antes nessa terrível guerra. O conde era contado pelos valdenses, como sendo um deles. “De todos os príncipes provinciais”, nos diz Milman, “o conde de Foix era o mais poderoso e o mais detestado pela igreja, por proteger os hereges. Como um cavaleiro valoroso e um príncipe realmente cristão, ele foi um dos primeiros a levantar armas contra Simão de Montfort.” Após heroica defesa, por fim, a cidade caiu nas mãos daqueles que a cercavam. Uma carnificina generalizada se seguiu; homens, mulheres e crianças foram cortados, literalmente em pedaços. Somente uma parte da guarnição e algumas pessoas distinguidas escaparam da espada dos matadores desumanos, sendo preservadas para um destino bem mais cruel. Quatrocentos habitantes foram queimados em uma grande fogueira, sob o júbilo dos soldados. No meio dessa cena sangrenta, de toda essa confusão e crueldade diabólica, os bispos e os legados estavam cantando: “Vem, Espírito Santo”. Foi nessa cidade que Almerico, junto com oitenta nobres foi trazido diante de Montfort, o qual ordenou que fossem enforcados, como já tivemos oportunidade de mencionar. Ali, também a piedosa Geralda encontrou a morte. Uma mulher, de quem os historiadores contam: “Nenhum homem pobre jamais saiu de sua porta sem ter sido alimentado”.[11]

***

O Cerco a Toulouse

De Lavaur, Montfort se dirigiu a **Toulouse**. Sua sede por sangue e sua ganância voraz estavam cada vez mais inflamadas em vez de satisfeitas. Montfort esperava acrescentar às suas possessões o senhorio de Toulouse, pois, com isso, esperava elevar a si mesmo ao nível dos príncipes soberanos. O novo bispo de Toulouse, Foulques, estava do seu lado. Ele havia sido colocado ali para servir aos propósitos do papa, e é referido pelos historiadores como um dos mais traiçoeiros, cruéis, sanguinários e inescrupulosos homens que já viveram. O bispo Rabastens havia sido deposto para que Foulques ocupasse o seu lugar. Com isso o papa pretendia que um trabalho fosse feito do lado de dentro dos portões da cidade, visando arruinar o conde enquanto os inquisidores e os cruzados cumpriam seu papel do lado de fora. Porém, a despeito de toda a traição do papa, e da coragem de Simão, as circunstâncias estavam mudando e começavam a favorecer Raimundo. A severa escola da aflição havia fortalecido o caráter e aumentado a determinação e energia de Raimundo. Rodeado de seus aliados, ele não somente conduziu a defesa da cidade com prudência e inteligência, mas também, mediante repetidos assaltos audaciosos, obrigou o seu opositor a levantar o cerco. Montfort se vingou destruindo os jardins, as vinhas e as plantações ao redor de Toulouse. A situação estava agora completamente mudada. Raimundo ao invés de agir na defensiva tornou-se ativo, e passou a atacar o inimigo de forma enérgica. Dentro de poucos meses ele havia reconquistado a maioria das cidades que haviam sido tomadas pelos cruzados. O fato que seus mercenários eram obrigados a servirem por apenas quarenta dias foi novamente fatal para Simão; isso produzia uma constante oscilação no número de seus guerreiros, de forma que raramente estava em condições de aproveitar plenamente uma vitória, por causa do temor de ver-se, de repente, abandonado por uma grande parte dos seus guerreiros. Raimundo, porém, podia confiar incondicionalmente na fidelidade de seus soldados; eles lutavam pela sua pátria, pelas suas famílias e pela sua independência. O triunfo de Raimundo, entretanto, era apenas temporário, e o prelúdio para uma terrível derrota.

Uma nova cruzada foi proclamada na Alemanha e no norte da França. Todas as promessas de bênçãos temporais relacionadas a um belo país, alcançando por fim a bem aventurança eterna, atraíram novamente um grande número de homens para assumirem a Cruz. Muitos aventureiros treinados nas guerras da Alemanha e do Oriente agora se uniram a esse novo exército. Os arcebispos de Reims e Ruão, os bispos de Paris, Laon e Toul, também se uniram aos cruzados. Guilherme, o vice-arcebispo de Paris, era o chefe engenheiro do exército. Os pobres e infelizes albigenses que haviam, parcialmente, voltado às suas antigas moradias, ao perceberem a aproximação desse novo bando de assassinos, fugiram apavorados para os bosques, as montanhas, ou para as cidades fortificadas. Raimundo sentiu que suas forças eram insuficientes para resistir eficazmente a tal exército, então procurou fazer uma aliança com seu parente Pedro, rei de Aragão. O nobre e valente espanhol prometeu apoiá-lo, mas antes de entrar na guerra fez mais um apelo ao papa a favor de Raimundo.

Movido pelo apelo de Pedro, Inocêncio deu a impressão de que estava disposto a alterar a direção que estava seguindo; talvez tivesse inveja do poder crescente de Montfort. Inocêncio expressou o seu desagrado ao legado pela sua maneira de agir, dizendo-lhes que haviam lançado mão de territórios que nunca haviam sido poluídos com heresias. Ele ordenou que as terras fossem restituídas aos condes de Foix e Comminges, bem como a Gastão de Bram. O papa também suspendeu as indulgências oferecidas aos cruzados. Mas logo se evidenciou que toda essa aparência de justiça era apenas o fruto de um sentimento passageiro do papa. Não demorou muito para que ele revogasse tudo o que havia ordenado. As cartas que ele recebeu dos seus legados e dos inquisidores devem ter contribuído muito para afastá-lo de atenuar as medidas; as mesmas foram escritas em tom incitante. Uma delas dizia: “Arma-te com o zelo de Finéias. Aniquile Toulouse, essa Sodoma e Gomorra, com todos os seus habitantes miseráveis. Não permita que o tirano, o herege Raimundo, e nem mesmo seu filho mais jovem levantem suas cabeças. As mesmas devem ser esmagadas por completo. A purificação de Languedoc somente deve ser considerada completa, quando a cidade de Toulouse estiver arrasada até o chão, e todos

os seus cidadãos estiverem mortos pela espada. Se os membros da família de Raimundo tiverem permissão de levantar suas cabeças, eles atrairão para si, sete outros demônios, piores do que os primeiros. Deixe que a vossa sabedoria apostólica dirija os vossos passos contra esse mal. Que vossas mãos não sejam impedidas de cumprir esta santa e piedosa obra, até que a serpente do nosso Moisés tenha devorado por completo as serpentes desse Faraó. Completem a missão até que o jebuseu, junto com todos os incircuncisos e impuros sejam dispersos, e o teu povo se regozije na plena posse da terra prometida".

***

A Batalha de Muret

O papa encontrava-se em dificuldades. Por um lado ele não gostaria que o rei de Aragão, o maior defensor da causa católica na Espanha, se transformasse em seu inimigo. Por outro lado ele admitia que devia ceder a pressão de seus legados. Ele sozinho havia convocado esse movimento, mas o poder de controlá-lo não estava em suas mãos. Visto que Arnaldo somente agia com as ordens que recebia ele não tinha o direito de repreendê-lo e censurá-lo. Transformando a necessidade em uma virtude, ele repreendeu severamente o **rei de Aragão** pela sua conduta. O sumo pontífice o acusou de apresentar a situação falsamente, até mesmo o ameaçou com uma cruzada. Indo mais além, Inocêncio III confirmou sua sentença de excomunhão contra Raimundo e seus aliados. Montfort, pelo contrário, por ser o zeloso servo de Jesus Cristo e o invencível lutador da fé católica, recebeu o louvor imparcial do papa e também recebeu uma autorização para reter tudo o que conquistasse. Diante dessa maneira de agir, a paciência e a longanimidade do rei de Aragão haviam chegado ao seu limite. Indignado pela insolência do clero, ele pegou em armas e montou um exército. O próprio rei saiu no comando de milhares de cavaleiros e de um grande exército de infantaria, cruzando os Pireneus. O encontro com o exército dos cruzados aconteceu nos arredores da pequena cidade de Muret, nas proximidades de Toulouse. Comandando os guerreiros da cruz, e sendo servido por sete bispos, apareceu Simão de Montfort, vestindo sua completa

armadura militar. “Seu exército”, diz Greenwood, “apesar de ser menos numeroso, consistia dos fortemente armados cavaleiros da França, que estavam acostumados à guerra; ansiosos por obterem uma vitória sob o exército dos hereges. Com isso pretendiam alcançar honra imortal ou, em caso de morte, serem conduzidos imediatamente para o paraíso de Deus.” A batalha foi feroz, curta e decisiva. Pedro foi completamente derrotado; ele, ao lado de muitos de seus nobres, foi contado entre os mortos. O remanescente do seu exército, privado de seus comandantes, dividiu-se e dispersou-se em uma fuga desenfreada. Os homens de Raimundo, menos preparados e mal armados foram mortos à espada ou afogados no rio Garona, até o último homem.

A causa dos albigenses, em consequência da grande derrota em Muret, tornou-se agora desesperada. E o destino de toda aquela região parecia estar decidido para sempre. Raimundo perdeu todos os seus territórios. Montfort foi reconhecido como príncipe do feudo e da cidade de Toulouse, bem como de todos os outros territórios conquistados pelos cruzados sob seu comando. Vencido por todas as suas desgraças e pelas censuras da igreja, Raimundo não ousou mais oferecer nenhuma resistência. Foulques, o bispo do papa, tomou posse do palácio dos ancestrais do conde e com uma atitude cruel e sem pudor, que nenhuma linguagem é capaz de descrever, ordenou que o nobre conde e sua família se retirassem para a obscuridade. Essas *eram* e *ainda são* as tenras misericórdias do sacerdócio romano aplicadas sobre o seu próprio rebanho, quando desobediente. Raimundo nunca foi acusado de heresia, apenas de abrigar os hereges em seus domínios. Além disso, ele foi acusado de se recusar a massacrar, a sangue frio, seus mais leais e dedicados súditos. Esses foram todos os seus crimes de acordo com Roma, que os céus certamente irão julgar.

***

Os Conquistadores — Desunidos Entre Si

A conquista parecia ser completa, e os conquistadores começaram a dividir o despojo. Mas Arnaldo e Montfort reivindicavam a **coroa do ducado de Narbona**. Os dois desejavam aquele ducado. O legado havia se apropriado do arcebispado de

Narbona, acerca do qual ele afirmava que também possuía os direitos de soberania secular. Montfort — sendo o príncipe e soberano que havia conquistado toda aquela terra desejava para si mesmo o título de duque de Narbona, e pensava que era o único que teria direito a essa dignidade — sentiu-se indignado que um sacerdote reivindicasse para si a autoridade secular e se opôs energicamente a essa pretensão do legado. A disputa tornou-se muito séria. Finalmente Simão se separou de Arnaldo e, pelo poder das armas, invadiu o palácio do prelado e tomou posse da cidade de Toulouse. O legado, exercendo sua autoridade espiritual, excomungou o grande cruzado e colocou todas as igrejas da cidade sob um interdito. Visando finalizar a disputa, o papa finalmente interferiu. Ele convocou, em 1215, o quarto **Concílio de Latrão**, para decidir definitivamente, sobre as terras conquistadas.

Até então este foi o concílio mais concorrido, em número de participantes, organizado em toda a cristandade. Mas não iremos nos aventurar a fornecer nenhuma descrição da forma como o mesmo foi conduzido. Queremos apenas notar o que interessa ao nosso próprio assunto. “Raimundo e seu jovem filho, acompanhados pelos condes de Foix e Comminges, bem como de muitos outros nobres da região de Languedoc, assistiram a esse concílio. Todos se ajoelharam diante do papa, que estava entronizado com todos os seus ornamentos em meio a seus cardeais e prelados. O jovem Raimundo apresentou cartas de seu tio, o rei da Inglaterra. O monarca inglês expressava sua indignação diante da usurpação da herança de Raimundo por Simão de Montfort. O papa sentiu-se comovido pela beleza e graça do comportamento do jovem príncipe, por sobre cuja cabeça juvenil já havia passado tantas tempestades. Inocêncio refletiu sobre os próprios erros que havia cometido, e alguns notaram que o mesmo estava chorando.” Esse nobre jovem, que pertencia a ancestral casa de Toulouse, e que estava ligado por vínculos de sangue ou matrimônio a todos os soberanos da Europa, o qual nunca havia sido acusado de ter sido contaminado por nenhuma heresia, tinha sido roubado e despojado, pelos agentes do papa, de suas terras e sido expulso para o exílio. Tudo isso era penoso até mesmo para o duro coração do papa. Com amabilidade, o papa lhe pediu que se levantasse. O filho foi seguido pelo pai, e

pelos outros condes, que se queixaram amargamente das injustiças do legado e de Montfort. Eles descreveram, de forma vívida, a pilhagem e a desolação de suas terras e os massacres sem misericórdia de seus súditos. As enormes crueldades praticadas por Foulques foram reportadas, o qual foi acusado de ter assassinado a mais de *dez mil* pessoas que pertenciam ao rebanho que havia sido confiado ao seu cuidado pastoral.

Um sentimento de compaixão pareceu, por um momento, ter comovido o coração de Inocêncio ao ouvir os depoimentos fidedignos de tantas e tão nobres testemunhas. Todas elas eram católicas professas. Muitos membros do conselho expressaram seu desagrado pela maneira infame de agir dos legados papais e levantaram as suas vozes a favor dos príncipes depostos. Mas essa inclinação de procurar estabelecer algum tipo de justiça através do concílio acabou por levantar um sentimento de indignação da parte dos seguidores de Simão, os quais estavam bastante exaltados. Eles asseguraram ao papa que, se o legado e Montfort fossem obrigados a entregar os territórios e o senhorio que haviam conquistado, ninguém mais, desse momento em diante, lutaria por qualquer causa da igreja. Seria impossível, a partir daquele instante, encontrar qualquer pessoa disposta a correr, qualquer risco, em defesa da igreja. Estas palavras causaram impressão em Inocêncio, ainda assim, ele permaneceu com a sua primeira decisão e, levantando a sua voz, disse: “Eu permito que Raimundo de Toulouse e seus herdeiros recuperem suas terras e seus senhorios de todos aqueles que as detêm de forma ilegítima”. Por um instante, houve profundo silêncio. Então, os prelados externaram a sua fúria da maneira mais violenta. Inocêncio reconheceu com horror que ele não estava mais em condições de dominar, conforme a sua vontade, o poder que ele mesmo havia criado e se viu forçado a aprovar terríveis injustiças. Montfort foi então confirmado como senhor de tudo o que havia conquistado, com exceção dos territórios de Venaissino, que foram reservados para o jovem Raimundo, caso sua conduta satisfizesse o legado papal. Filipe Augusto, rei da França, aceitou essa determinação, e concedeu a Simão de Montfort a investidura de conde de Toulouse, de Beziers e de Carcassona, além do ducado de Narbona. Simão havia alcançado o

objetivo dos seus ambiciosos planos; estava assentado sobre o trono que havia conquistado através da opressão, da tirania e do derramamento de sangue. Ele foi proclamado soberano das mais belas províncias do sul da França; general dos, assim chamados, exércitos de Deus e também foi declarado filho predileto da igreja. O clero e o povo deixaram o concílio e vieram saudar Simão com uma verdadeira blasfêmia: “Bendito aquele que vem em nome do Senhor”. Mas o triunfo dos perversos é breve. Seu fim e seu castigo eterno estavam bem próximos.

***

As Traições de Foulques

Juntamente com os decretos acima mencionados, o concílio havia determinado a proibição de novas cruzadas, o que acabou privando Montfort de novas tropas. Essa mudança na situação reacendeu o espírito do jovem Raimundo. Ele resolveu reunir um exército, visando reconquistar, das mãos dos intrusos estrangeiros, os domínios de seu pai. Em pouco tempo ele estava comandando uma grande força. A esperança de se libertarem das crueldades de Simão, bem como de se agregarem novamente aos seus soberanos hereditários, animaram toda a população de Languedoc. Montfort estava tratando Toulouse como uma cidade conquistada, extraindo da mesma uma enorme quantia de impostos, e estava decidido a garantir a manutenção dessa prática pela adoção das medidas mais severas. Uma profunda indignação se apoderou dos cidadãos oprimidos; uma revolta generalizada ameaçava irromper. Talvez Toulouse pudesse ter se libertado do jugo estrangeiro nessa ocasião, todavia eles aceitaram, de forma pouco inteligente, a mediação traiçoeira do seu bispo, o pérfido Foulques. O bispo lhes assegurou que nenhum cabelo de suas cabeças seria tocado caso eles aceitassem de boa vontade os termos de Montfort. Os cidadãos concordaram e o bispo fez o seguinte juramento: “Eu juro por Deus, e pela santa virgem, e pelo corpo do Redentor, por toda a minha ordem eclesiástica, pelo abade e por outros dignitários, de que eu lhes darei um bom conselho, o melhor conselho em toda a minha vida. Se o conde de Montfort lhes infligir a menor injustiça, tragam as suas queixas diante de mim, e Deus e eu faremos justiça”. Os

cidadãos se deixaram iludir pelas hipócritas promessas de Foulques. Porém, logo iriam experimentar quão confiáveis eram os santos juramentos de seu pastor espiritual.

O povo se encontrava agora nas garras de Satanás. Eles foram tratados por Montfort como súditos flagrados em uma atitude de revolta. Por esse motivo, foram punidos pelo próprio bispo da forma mais injusta, cruel e dura. Quando Montfort chegou à cidade, o primeiro ato foi exigir o pagamento de *trinta mil* marcos de prata. Além disso, ele exigiu a demolição das muralhas e de toda fortaleza que havia na cidade. Para completar seu assalto, ele tomou dos habitantes da cidade todas as peças de roupas que eles possuíam, bem como todo o alimento. Foi dessa maneira que o povo precisou enfrentar o inverno. Mas na primavera seguinte, o alívio chegou.

***

A Morte de Montfort

Diante das muralhas derrubadas de Toulouse apareceu o velho conde e o seu filho, conduzindo um enorme exército. O medo deu lugar a uma alegria entusiástica. O povo deu as boas vindas aos soberanos, tanto no palácio, quanto nos domínios de seus ancestrais. Muitos dos nobres de Languedoc reuniram tropas, e se uniram a eles na cidade. Simão e seu filho Amaury, vieram depressa, mas foram expulsos de forma insultuosa. O bispo de Toulouse e a esposa de Simão procuraram socorro na França. Uma nova cruzada foi proclamada, mas Montfort teve a mesma sorte de antes; após os quarenta dias, multidões o abandonaram. Nesse mesmo tempo um grande número de homens uniu-se ao conde Raimundo. O cerco a Toulouse durou nove meses, e foi palco de muitos encontros violentos. Na primavera de 1218, Montfort veio outra vez contra Toulouse acompanhado de um novo exército, calculado em *cem mil* cruzados. Dessa vez, nenhuma única alma deveria escapar com vida, seja homem ou mulher, ninguém devia ser poupado, mesmo que estivesse dentro de uma igreja, santuário ou um hospital.

Este era o plano de Simão e seus conselheiros. Todavia, Deus havia decretado que as coisas acontecessem de outra maneira. Certo dia, enquanto Montfort estava ajoelhado participando de uma

missa, ouviu-se um forte estrondo, anunciando que da cidade cercada havia saído uma tropa de assalto. Instantaneamente ele ficou em pé, assumiu a liderança de seus guerreiros e correu para o campo de batalha. Mal sabia ele, que essa seria a sua última caminhada. Naquele exato momento ele foi atingido por uma flecha atirada das muralhas da cidade. Ao ser atingido, Montfort ficou profundamente abalado em seu espírito. Ele se afastou alguns metros da muralha, quando um fragmento de uma pedra atirado por uma catapulta acertou sua cabeça, separando-a do seu corpo. Seus admiradores, quando viram o tronco de Montfort no chão, ousaram repreender a Deus por sua morte, e a questionar a justiça divina. Mas é aqui que iremos deixá-lo: Simão está diante de Deus, onde foi notificado de sua condenação eterna.

O cerco foi levantado, e o exército invasor, completamente derrotado. Os sinos das igrejas tocaram chamando os cidadãos para vir oferecer ações de graças, e estes afluíram com manifestações de grande exultação. Raimundo foi saudado como o soberano legítimo. Mais uma vez os estandartes da casa de Saint Gilles tremulavam sobre o palácio e as torres de Toulouse.

***

Os Reis da França e os Albigenses

Inocêncio III, entrementes havia morrido, e o trono papal estava ocupado pelo papa Honório III. Esse papa adotou, com grande ardor, a causa de Montfort e foi apoiado vigorosamente pelo rei da França. A perspectiva de paz oferecida aos pobres albigenses, sob o governo moderado de Raimundo, era algo intolerável ao novo pastor de Roma. Tentando satisfazer a fúria papal, e alegando estar cumprindo seu voto que garantia sua bem aventurança eterna, Luís, filho de Filipe Augusto, liderou uma cruzada no início do ano 1219. Sob a direção do clero e sob a proteção do rei, todas as atrocidades dos dias passados foram repetidas e, se fosse possível, até mesmo ultrapassada. Mas iremos poupar o leitor da descrição dessa mistura satânica de engano, hipocrisia, perfídia, baixeza e crueldade selvagem. Tudo isso foi praticado pelo clero romano contra os albigenses com a aprovação do papa.

Raimundo, o velho, faleceu deixando a defesa de seus Estados aos cuidados de seu filho. Naqueles dias ele era um jovem no vigor da idade e cheio de esperanças. Milner nos diz: “Raimundo faleceu de uma enfermidade, mas em um estado de paz e prosperidade, depois de sua vitória sobre Simão. Nenhum homem foi tratado com maiores injustiças pelo papa do que Raimundo”. Filipe Augusto também faleceu deixando sua coroa para seu filho Luís. O filho mais jovem de Montfort, no ano de 1224, finalmente abandonou qualquer tentativa de ser bem sucedido, deixando para trás as terras de Languedoc. Raimundo VII sentou-se no trono de seus ancestrais, sem nenhum inimigo a quem devesse temer, com exceção do papa, seu soberano, seu pastor e senhor feudal. Todavia, Raimundo controlava uma bela porção do território da França e Luís estava impaciente por unir aquela parte do país ao restante que pertencia a sua coroa.

No ano de 1225 o papa organizou um concílio na cidade de **Bourges**, no qual Luís recebeu a incumbência de purificar sua terra de todos os hereges. Na mesma ocasião levantou-se uma oferta em dinheiro para cobrir as despesas dessa missão. Em decorrência disso, Luís tomou a cruz, e acompanhado de seus barões e seus seguidores, que juntos somavam aproximadamente duzentos mil homens, avançou outra vez para devastar os campos floridos de Languedoc. Sua primeira missão era exterminar todos os hereges de acordo com as ordens de Roma. Pobre e infeliz Languedoc! Quando Roma, o dragão, o devorador dos santos de Deus, irá satisfazer a sua sede de sangue? Sangue de bebês, de crianças, de mães, de moças, e de homens e pais desarmados e inofensivos.

O rei da França estava sendo encorajado pelo papa a cometer as maiores atrocidades. Diante da aproximação de duzentos mil cruzados sob a bandeira do próprio soberano da França, o coração do povo perdeu o ânimo. Eles quase não ousaram oferecer resistência. Cidade após cidade foi sendo conquistada, não havia suficientes defensores, pois grande número dos cidadãos capazes de pegar em armas havia sido morto nas guerras anteriores. “Eles haviam suportado tantas vezes os horrores da guerra em suas mais terríveis formas, que os barões cavaleiros e cidadãos da região de Languedoc, unidos por uma mesma decisão, se apressavam em

renderem-se, para evitarem aquelas calamidades intoleráveis.” Mas foi exatamente nesse momento, quando tudo parecia perdido que a mão poderosa do Senhor se manifestou. **Uma peste** surgiu no meio do campo dos invasores. O rei Luís perdeu sua vida, e trinta mil soldados também morreram. A ruína iminente dos habitantes e da casa de Raimundo foi adiada por um tempo.

Com a morte de Luís VIII, seu filho que era ainda criança, o sucedeu no trono da França. As rédeas do governo, entretanto, ficaram nas mãos de sua inteligente mãe, **Branca de Castela**, até sua maior idade. Seguindo suas ordens o cerco a Toulouse foi reiniciado. A guerra, naquele momento, estava a favor de Raimundo. Mas as glórias de suas vitórias, de acordo com um cronista da época, foram manchadas pela crueldade com que ele tratou aqueles que caíram em suas mãos. O cerco a Toulouse foi demorado e difícil. Os cruzados estavam perdendo as esperanças. De acordo com o conselho de Foulques todas as vinhas, as plantações de grãos e as árvores frutíferas foram destruídas. Todas as casas foram queimadas, por quilômetros de distância, ao redor da cidade. Em pouco tempo, toda a paisagem ao redor de Toulouse foi convertida em um deserto desolador. A cidade permanecia no centro daquele deserto. Nenhum tipo de suprimento poderia ser providenciado naquelas condições. E o homem que deu este conselho, era o bispo e pastor daquela diocese.

Quando este novo vaso da ira papal foi derramado sobre aquela amada terra, e tudo o que era verde secou, os habitantes da cidade ficaram totalmente desencorajados. O espírito de Raimundo, seu líder, estava tão quebrado que ao fim de três meses, a paz foi estabelecida sob os termos mais humilhantes. O **Tratado de Paris**, que deu um fim temporário à guerra, foi assinado no mês de Abril de 1229. Os termos foram ditados pelo legado papal, e aprovados pelo rei da França. Raimundo VII, que com sua bela aparência e cuja triste sorte não merecida havia emocionado o papa Inocêncio III a ponto de fazê-lo chorar no grande concílio de Latrão, agora precisava curvar seu pescoço para o jugo de um estrangeiro e desnudar seus ombros diante da tirania dos clérigos. Ele foi conduzido pelo legado papal para a igreja em Paris, e como o seu pai em Saint Gilles, ele se submeteu, também com os ombros

desnudados e pés descalços, ao mesmo vergonhoso açoitamento público pelas mãos dos sacerdotes. De joelhos, na igreja de Notre Dame ele, de modo solene, abdicou de sua soberania feudal a favor do rei da França e submeteu-se à penitência imposta pela igreja. O leitor deve se lembrar que seu pai, em sua penitência, teve que renunciar a sete castelos. Agora, o filho renuncia a sete províncias. Assim havia sido determinado por Aquele que está acima de tudo; determinado para a futura humilhação de Roma, visto que a paz acordada não foi tanto a favor de Roma, mas acelerou o processo de consolidação da monarquia na França. Filipe Augusto havia recuperado das frágeis mãos de João, rei da Inglaterra, as possessões continentais da coroa inglesa, e agora os domínios do conde de Toulouse e do rei de Aragão, ao norte dos Pireneus, foram adicionados aos domínios da coroa francesa. “A posse da Normandia”, nos diz James White, “já havia tornado a França em um poder marítimo. Agora, pela conquista das regiões de Narbona e Maguelone das mãos de Raimundo VII, a França não apenas estendia seus limites até o Mediterrâneo mas, pela extinção desses dois vassalos tão importantes (o conde de Toulouse e o duque da Normandia) ela adicionava uma força incalculável à sua coroa real.”[12]

***

Reflexões Sobre as Calamidades de Languedoc

Para todas as mentes inquiridoras, para todo homem de fé, especialmente para aqueles que estudam a história a partir da perspectiva das Escrituras, as guerras em Languedoc são de grande significado. Elas são as primeiras desse tipo a serem registradas. Foi reservada a Inocêncio III a prerrogativa de introduzir esse novo tipo de guerra. É verdade que a história nos relata de muitos indivíduos que, assim como Arnaldo de Bréscia, se tornaram vítimas do sacerdócio romano. Mas a guerra em Languedoc foi uma primeira experiência de perseguição em grande escala, posta em prática pela Igreja Romana, para manter sua supremacia pela força das armas. Não se tratava, note bem, *o exército da igreja* marchando com zelo santo contra os pagãos, os maometanos ou aqueles que negam a Cristo. Mas sim **a própria igreja armada**

agindo contra verdadeiros seguidores de Cristo, contra aqueles que reconheciam Sua divindade e a autoridade da Palavra de Deus.

Nós podemos encher páginas e mais páginas com citações, até mesmo de seus piores inimigos, testemunhando da saudável fé que os albigenses e valdenses possuíam, da pureza de suas vidas no que diz respeito à moral, e da simplicidade de seus modos. Iremos apresentar apenas duas ou três citações vindas dos mais reputados historiadores da igreja de Roma. “Eles negavam”, nos diz Barônio, “não somente o valor do batismo infantil, mas também que o pão e o vinho se transformavam no corpo e no sangue de nosso Senhor pela consagração de um sacerdote; que os ministros infiéis tivessem qualquer direito de exercer poder eclesiástico, ou recolher dízimos ou ofertas; e que a confissão auricular era necessária. Todas essas coisas, essas miseráveis pessoas afirmavam que haviam aprendido dos evangelhos e das epístolas. Por esse motivo, eles se recusavam decididamente a aceitar qualquer coisa que não fosse, expressamente, encontrada no Novo Testamento. Assim eles rejeitavam a interpretação das Escrituras pelos doutores, apesar de serem eles mesmos, completamente iletrados.” Reinério, o inquisidor e perseguidor dos albigenses, diz: “Eles são os mais formidáveis inimigos da igreja de Roma. Pois eles possuem uma grande aparência de piedade, porque vivem de forma justa diante dos homens, em todos os aspectos tem uma fé sadia em Deus, e retém com firmeza todos os artigos de fé. Entretanto, eles odeiam e atacam verbalmente a igreja de Roma e o seu clero, e suas acusações são facilmente aceitos pelo povo”. Bernardo, que os conheceu intimamente, pois viveu entre eles — embora ele visse como seu dever se opor a eles como sendo inimigos do papa — teve de admitir de maneira honesta: “Se perguntares a eles acerca da fé que possuem, não existe nada que seja mais parecido com o verdadeiro cristianismo. Se observares suas conversas, notarás que são da maior pureza, e que aquilo que ensinam é confirmado pelo modo com que eles vivem e pelo que praticam. Quando olhares para um deles, poderás notar o testemunho da fé, a frequência à igreja, a honra dedicada aos anciãos, suas generosas ofertas, suas confissões sinceras e a forma humilde como recebem a ceia. O que poderia ser mais cristão? Quanto à vida e ao comportamento geral,

eles procuram não enganar ninguém, não exploram ninguém e não fazem nenhum tipo de violência a ninguém. Eles jejuam bastante e não comem o pão dos preguiçosos, mas trabalham com as próprias mãos para se sustentarem".[13]

Esse era o caráter espiritual, moral e social dos albigenses, como atestado pelos seus próprios inimigos. Eles eram verdadeiras testemunhas para Cristo, formados pela graça de Deus para anunciarem a glória do Senhor no mundo. Quando comparamos alguns de seus muitos escritos com aqueles dos reformadores do século XVI, descobrimos que eles eram bem mais simples em certos pontos de doutrina do que aqueles. Mas, de acordo com a vontade do Senhor, outros trezentos anos eram necessários para a Europa amadurecer para a Reforma Protestante. Nesse meio tempo, a fabricação de papel e as artes gráficas foram inventadas.

Qual foi então, podemos nos perguntar, o crime dos albigenses? Podemos dizer que a única ofensa deles consistia na rejeição da supremacia do papa, o pleno poder do sacerdócio, e dos sete sacramentos como ensinados pela igreja de Roma. Isso, porém, os transformava, aos olhos da Igreja Romana, nos piores criminosos da face da terra. Portanto, a destruição completa deles era parte dos decretos imutáveis do papado. Todos os que escapassem da espada dos cruzados precisavam cair nas **redes dos inquisidores**.

"Em centenas de vilas", nos diz um historiador, "todos os cidadãos foram massacrados, até o último homem. Desde a pilhagem de Roma por meio dos vândalos, o povo europeu não havia se lamentado, de modo tão intenso, diante de um desastre nacional de tão grande extensão, ou tão terrível em seu caráter." Que registro! Que testemunho! E se esse é o registro na terra, como deve ser o registro no céu? Oh, Roma, Roma, embriagada com o sangue dos santos de Deus e coberta com as maldições de milhões de seres humanos! Quão terrível será teu futuro! Como poderás suportar as reprovações daqueles a quem enganastes com tuas mentiras e que fizestes perecer pela tua espada? Se já os homens testificam assim de ti, qual não será a sentença que Deus há de pronunciar sobre ti! Algum leitor imagina que a nossa linguagem é muito pesada? Que ouça então as palavras dirigidas pelos bispos aos cruzados antes da batalha de Muret: "Todo aquele que confessou seus pecados a um

sacerdote, ou que pretende fazê-lo depois da batalha, se perder a vida obterá a salvação eterna e conseguirá uma passagem de escape através do purgatório. Eu mesmo estarei presente diante de Deus no dia do julgamento para garantir a vossa segurança. Ide, em nome de Cristo". Não estamos aqui diante de uma mentira capaz de enganar uma alma? Mas Jezabel é capaz de proferi-la vez após vez. "Porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela. Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado, e retribui-lhe em dobro conforme as suas obras; no cálice em que vos deu de beber, dai a ela em dobro... Portanto, num dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga... E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra" (Ap 18:5-8,24).

Mas Roma se prejudicou a si mesma pela destruição de Languedoc. Os albigenses que escaparam da espada fugiram para outros países. Pela graça e pela boa providência de Deus, eles pregaram o evangelho em quase todas as partes da cristandade. Também testificaram contra as crueldades, as superstições e as falsidades da igreja de Roma, e contra o engano do clero romano. Desse tempo em diante, a santa e reverente confiança que as pessoas tinham por Roma começou a oscilar. Foi dessa maneira que o Senhor preparou o caminho para homens como Wycliffe e Huss, Melanchthon e Lutero.

---

[1] Veja vol. 1, cp. 16.

[2] Doutrina blasfema e infame do persa Maniqueu ou Manes (séc. III), sobre a qual se criou uma seita religiosa que teve adeptos na Índia, China, África, Itália e sul da Espanha; e segundo a qual o Universo foi criado e é dominado por dois princípios antagônicos e irredutíveis: Deus ou o bem absoluto, e o mal absoluto ou o Diabo.

[3] Era o nome comum de um número de grupos que surgiram por volta do final do século X na Bulgária, e que mais tarde, se propagaram principalmente na França, no oeste da Alemanha e na Lombardia. Eles se mantinham separados da Igreja Romana. Ensinavam uma simplicidade apostólica severa, rejeitavam a doutrina dos sacramentos, do purgatório, e outros. Porém, ao mesmo tempo, não estavam livres de erros grosseiros

relacionados com o maniqueísmo. Mas havia, sem dúvida, entre eles, muitos verdadeiros cristãos, que com alegria, suportavam o martírio pela sua fé.

[4] No primeiro volume da História da Igreja, encontramos a seguinte sentença: “Também nos parece muito certa que os albigenses das províncias do sul da França devem suas origens aos paulicianos”. A maioria dos livros de história geral apoia essa informação. Mas depois de consultar historiadores especializados e pesquisadores talentosos como Peter Allix, W.S. Gilly, W. Beattie, e outros, chegamos à convicção que não só a fé dos albigenses e dos valdenses era pura, mas que eles já existiam como um povo cristão especial muito antes dos paulicianos, talvez até mesmo antes do surgimento do papado. O doutor Gilly escreve: “As denominações Vaudois (no francês), Vallenses (no latim), Valdisi (em italiano), e Valdenses (em inglês e outros idiomas), os designam, nada mais nada menos, como ‘homens dos vales’. Visto que os vales de Piemonte tiveram a honra de produzir uma tribo que se aferrava com fidelidade à fé, que havia sido implantada nessas regiões pelos primeiros missionários cristãos, assim aqueles nomes equivalentes foram adotados para designar uma comunhão religiosa que permaneceu fiel ao cristianismo original e se manteve incontaminado da corrupção da Igreja Romana.”

[5] Ver Marsden’s *Dictionary*, “Albigenses.” Milner, vol. 3, p. 92 Bartlett’s *Screnery of the Waldenses*, Introduction.

[6] J. C. Robertson, vol. 3, pp. 179-202. Waddington, vol. 2, p. 187. Sir. J. Stephen´s *History for France*, vol. 1, p. 218.

[7] São conhecidos como os poetas e cantores provençais da Idade Média que, em regra, pertenciam à classe dos cavaleiros e, não raramente, também à classe eclesiástica. Geralmente levavam uma vida de andarilho, inconstante e muitas vezes aventureira.

[8] Greenwood, book 13, chap. 7, p. 546; Milman, vol. 4, p. 218; Sir James Stephen’s *Lectures*, vol. 1, p. 225.

[9] Em tempos mais recentes o nome foi “suavizado” para Tribunal do Santo Ofício.

[10] J. C. Robertson, vol. 3, p. 351.

[11] *Latin Christianity*, vol. 4, p. 223; Gardner’s *Faiths of the World*, “Albigenses”.

[12] Para plenos detalhes, tanto no que diz respeito ao lado papal quanto dos albigenses nessa sangrenta guerra, ver Du Pin, *thirteenth century*; Sir J. Stephen´s, *Lectures*, vol. 1, pp. 214–242; Milman, vol. 4, pp. 167–238; J. White, pp. 282–289; J. C. Robertson, vol. 3, pp. 340–433; Milner, vol. 3, pp. 92–115; Gardner´s *Faiths of the World*, “Albigenses”.

[13] Ver Milner e Gardner como citados acima.

Capítulo 26

O Estabelecimento da Inquisição na Região de Languedoc

Quando o Tratado de Paris foi assinado em 1229, a guerra aberta contra os cidadãos da região de Languedoc estava chegando ao seu final. Todavia, a **Inquisição** continuava sua secreta e igualmente destruidora cruzada contra os hereges. Os atos de traição praticados por Arnaldo e o uso da espada de Montfort não eram suficientes para exterminar com aqueles hereges — os albigenses. Outras medidas precisavam ser tomadas para impossibilitar o reaparecimento deles em qualquer tempo futuro. Já durante as destruidoras cruzadas de Simão, Domingos e seus aliados haviam começado sua terrível obra de forma secreta. Até o ano de 1229 a Inquisição ainda não era confirmada como uma instituição da Igreja Romana. Em um concílio realizado em Toulouse em novembro desse mesmo ano, foi determinado estabelecer uma Inquisição permanente contra os hereges. Um dos cânones desse concílio revelava, indiretamente, a raiz da ira de Satanás e gravava uma grande ignomínia sobre o nome dos perseguidores dos albigenses. Os missionários católicos que participavam da Inquisição descobriram que a Bíblia era o principal apoio e a fonte de instrução dos albigenses e da qual extraíam suas doutrinas, que eram um tropeço para a Igreja Romana. Por esse motivo, visando impedir o uso das Escrituras pelo povo, o concílio estabeleceu o seguinte decreto: “Esse concílio proíbe que os livros do Antigo e do Novo Testamento sejam utilizados pelos leigos; com exceção do saltério, para aqueles que desejam tê-lo. Podem também ler o breviário e o livro das “Horas[1] da bendita virgem Maria”. Todavia, proíbe expressamente, que os leigos possuam e utilizem quaisquer outras partes da Bíblia traduzidas em suas línguas nativas”. Os

leigos já haviam sido privados das Escrituras há muito tempo, mas aqui encontramos, pela primeira vez, uma proibição direta.

A interpretação papal desse cânon e a justificação para sua severidade irá oferecer ao leitor uma oportunidade de observar a forma como o clero citava e aplicava as Escrituras naqueles dias. Como exemplo, vejamos o uso que faziam do versículo que diz: “Se até um animal tocar o monte será apedrejado ou passado com um dardo” (Hb 12:20). Aos olhos do papa, o povo, por causa da ignorância que tinham, era como o animal; e a Palavra de Deus era como o monte Sinai, o qual nenhum animal podia tocar sem ser morto. Se alguém do povo ousasse tocar na Palavra de Deus, deveria ser imediatamente morto. O papa Inocêncio III tinha um conhecimento razoável das Escrituras e usava as mesmas, em grande parte, em suas cartas e editos, de acordo com esse princípio de interpretação absurda. Todavia, as palavras divinas vindas da boca do sumo sacerdote sempre exerciam uma grande influência sobre as mentes ignorantes, ainda que fossem aplicadas de forma errada. O objetivo do cânon mencionado acima era manter o povo na mais absoluta escuridão quanto aos pensamentos de Deus acerca dos assuntos espirituais. Dessa maneira o poder do clero, ou melhor, o poder de Satanás, o príncipe das trevas, podia ser mantido de forma inquestionável e absoluta. O concílio de Toulouse não suprimiu apenas todo o ensino público, como eliminou a liberdade dos pensamentos íntimos dos indivíduos, sob a ameaça das mais severas penalidades. Seria muito difícil imaginar uma perversão que fosse mais ousada do que essa: a de impedir o povo de ter acesso a Palavra de Deus e fazer com que o mesmo perecesse sem ter conhecimento da mesma. Além disso, o concílio transformou a posse de qualquer parte das Escrituras na língua nativa, em um crime passível de receber a pena capital. Certamente estamos diante de uma manifestação da mais alta inimizade diabólica contra Cristo e as preciosas almas. E tudo isso praticado por aqueles que professavam serem os pastores das ovelhas. Homens que haviam jurado conduzir as ovelhas a pastos verdejantes e a águas tranquilas. Não é nossa intenção censurá-los, apesar de ser muito difícil observar seus atos sem expressar a indignação que surge em nossos corações contra tamanha

iniquidade espiritual. Todavia, como sabemos que o justo juízo e a condenação desses homens está nas mãos do Deus vivo, podemos nos guardar de proferir nossas próprias sentenças.

***

Os Decretos do Concílio de Toulouse

O trecho a seguir fornecerá ao leitor uma ideia das incansáveis crueldades da Igreja Romana daqueles dias, e da situação de terrível opressão enfrentada pelo frágil **remanescente em Languedoc**. “Os arcebispos, bispos e abades devem nomear em todas as paróquias um sacerdote, e três ou quatro inquisidores leigos. Esses devem fazer buscas em todas as casas e edifícios, com o intuito de detectar os hereges e denunciá-los ao arcebispo ou ao bispo, bem como ao senhor feudal ou ao seu administrador. Tudo isso com o único propósito de garantir que a prisão dos mesmos seja inevitável. Os senhores feudais devem fazer a mesma inquisição em todas as regiões de seus feudos. Qualquer pessoa que proteger um herege perderá a posse de suas terras a favor do senhor feudal. Além disso, essa pessoa deverá ser feito um escravo pessoal do mesmo senhor. Toda casa na qual um herege for encontrado deverá ser completamente arrasada e a fazenda confiscada. O governante que não se envolver de forma ativa na localização dos hereges deverá ser destituído de seu cargo e proibido de retomar o mesmo no futuro. Os hereges que renegarem suas heresias deverão ser removidos de seus lares e enviados para cidades católicas. Ali eles deverão usar duas cruzes de cores diferentes da roupa que estiverem vestindo. Uma cruz deve estar pendurada do lado direito, e a outra do lado esquerdo. Aqueles que renegarem as práticas dos hereges, por medo da morte, deverão ser condenados à prisão perpétua. Todos os indivíduos do sexo masculino deverão, a partir dos catorze anos, fazer um juramento renegando a heresia e confessando a fé católica. A mesma regra deve ser aplicada às pessoas do sexo feminino, começando aos doze anos. Todos aqueles que forem convocados para comparecerem diante do tribunal e não aparecerem dentro do prazo máximo de quinze dias, deverão ser considerados como suspeitos de heresia.”

Os breves resumos acima retirados do código católico de perseguição são suficientes para mostrar ao leitor qual era o espírito do papado naqueles dias. Porém, os decretos que foram

estabelecidos pelo concílio de Toulouse, não foram considerados rígidos e cruéis o suficiente pelo legado papal. Por esse motivo, ele convocou um novo concílio para se reunir na cidade de Melun, onde novas medidas, mais rigorosas e injustas foram estabelecidas. Como os hereges somente podiam ser julgados por um bispo ou por outra autoridade eclesiástica, o trabalho tornou-se cada vez mais difícil, por causa do grande número de prisioneiros. Dessa forma, o papa Gregório IX, no ano 1233, entregou esse tão temido tribunal nas mãos dos monges dominicanos. Com isso, a Inquisição tornou-se uma instituição de caráter próprio. Voltemos agora alguns séculos para seguirmos a gradual expansão dessa poderosa ideia que se implantou dentro da Igreja Romana.

***

A História da Inquisição

Antes do reinado de Constantino, ou da união da igreja com o Estado, toda heresia e ofensas espirituais eram punidas, exclusivamente, pela excomunhão. Mas logo depois da morte do imperador, começou a se introduzir também punições físicas. O imperador **Teodósio**, de modo geral, é apontado como o primeiro entre os soberanos romanos, a pronunciar a heresia como um crime passível de punições físicas e até mesmo com a morte. Todavia, nos dias dos primórdios da igreja, os inquisidores não pertenciam a nenhuma Ordem do clero. Eles eram homens leigos apontados pelos prefeitos romanos. Prisciliano de Ávila, um herege espanhol, foi morto por volta do ano 385; embora Martinho de Tours desaprovasse decididamente esta primeira aplicação da pena de morte por causa de heresia. O imperador Justiniano, em 529, estabeleceu leis penais contra os hereges, e, à medida que os séculos se passavam, as medidas contra os mesmos foram sendo marcados por uma severidade cada vez maior. Entretanto, como já notamos, foi somente no século XIII que a corte da Inquisição foi estabelecida, mediante a aprovação de uma lei canônica. A partir daí, a mesma tornou-se um tribunal responsável pelo descobrimento, processo judicial e punição de hereges, apóstatas e outros crimes praticados contra a fé estabelecida. Independente se a lastimável glória de ter criado a Inquisição nessa nova forma foi

por Domingos ou Inocêncio III, o fato é que a mesma se estabeleceu durante a guerra contra os albigenses. O legado papal entendeu que o massacre aberto dos hereges jamais alcançaria a completa exterminação dos mesmos. Foi essa descoberta que levou à criação de uma nova fraternidade, que foi chamada de Ordem da Santa Fé, cujos membros estavam obrigados, através de juramentos solenes, a empregarem todos os meios e todo o empenho possível para suprimir a discussão livre e pública de quaisquer questões relacionadas à religião. Também tinham a responsabilidade de manter a unidade da fé, o que incluía tanto a destruição de todos os hereges, como o desarraigar de todas as heresias dos lares, dos corações e das almas dos seres humanos. Mas coube a Gregório IX, durante o concílio de Toulouse fixar, de modo definitivo, o **estabelecimento da Inquisição** na forma de um tribunal, ao mesmo tempo em que supria todas as leis para o seu perfeito funcionamento.

Esse terrível tribunal foi sendo introduzido, gradualmente, nos Estados Italianos, na França, na Espanha e em outros países. No que diz respeito às Ilhas Britânicas, o mesmo jamais foi admitido. Em países como a França e a Itália foram necessários imensos e perseverantes esforços para organizar e estabelecer o tribunal. A Alemanha conseguiu resistir, de maneira bem sucedida, às tentativas de se estabelecer um tribunal da Inquisição **permanente**. Já na Espanha, apesar do mesmo ter sofrido certa oposição a princípio, acabou ganhando espaço, de forma rápida, a ponto de alcançar uma magnitude e um poder tal, como nunca chegou a alcançar em nenhum outro país.

De maneira gradual o pleno poder dos inquisidores foi sendo estendida. Os mesmos obtiveram o direito de pronunciarem sentenças, não apenas no que dizia respeito a palavras e ações, mas até mesmo sobre os pensamentos e as intenções dos acusados. Durante o século XIV a atividade e a reputação da Inquisição teve um progresso contínuo na Espanha. Todavia, foi somente no final do século XV quando Isabel, esposa de Fernando de Aragão, ascendeu ao trono do reino de Castela, que a Inquisição alcançou sua maior expressão. Naqueles dias, os diferentes reinos da Espanha — Castela, Navarra, Aragão, e Granada — estavam

unidos sob a liderança desses dois soberanos. Com isso, a Inquisição tornou-se absoluta no país, e assumiu sua mais terrível forma, que foi mantida até o período de sua dissolução em 1808.[2]

***

As Atividades Ocultas da Inquisição

Fosse nosso objetivo apresentar aos nossos leitores uma descrição detalhada das atividades da Inquisição, teríamos que relatar os atos mais terríveis, a mais irresponsável das tiranias e as crueldades mais desumanas que alguma vez mancharam os anais da história da raça humana. Todavia, detalhes extensos estão fora do escopo* da nossa obra. Por isso, iremos apresentar apenas algumas breves declarações e histórias de interesse. Podemos afirmar que jamais houve nos países pagãos ou maometanos um tribunal assim, que pisava de forma tão infame toda a justiça e a humanidade, como aquele tribunal espiritual.

Todas às vezes que um indivíduo despertava a **menor suspeita** de ser um herege, espiões, chamados pela Inquisição de *familiares*, eram empregados para observar, de forma mais próxima possível, a vida do mesmo. O objetivo era descobrir a menor razão possível para denunciá-lo ao tribunal do “Santo Ofício”. O indivíduo podia ser até mesmo um bom católico. De fato, de acordo com Llorente[3], ex-sacerdote católico romano, nove de cada dez prisioneiros eram católicos devotados. O motivo que levava tais pessoas a serem acusadas era a suspeita de adotarem opiniões liberais. Em outros casos, os mesmos poderiam ter demonstrado que tinham mais conhecimento teológico do que a maioria dos monges iletrados, ou por discordarem com esses acerca de algum ponto da doutrina. Qualquer uma dessas situações era suficiente para levantar suspeitas. Para o clero, nada era mais ameaçador e temido do que o surgimento de uma luz ou uma verdade no horizonte. A partir daí, o indivíduo era identificado e denunciado pelos chamados familiares. Na maioria dos casos, isso significava o seu fim. Se a pessoa não conseguisse fugir a tempo, então a expectativa de receber uma visita do oficial daquele terrível tribunal era certa.

De repente, à meia noite, ouve-se uma batida na porta. Quando o dono da casa, assustado, se levanta e abre a porta, se depara com

algumas silhuetas que o intimam, em nome do Santo Ofício, a acompanhá-los sem demora. Sua esposa e família sabiam o significado daquilo tudo. A angústia que experimentavam era enorme e com grande lamento se despedem do amado pai e esposo, sabendo que era para sempre. Nenhuma palavra de súplica ou de protesto formal poderia ser apresentada. Era dessa maneira, de forma inesperada e súbita, que essa terrível instituição caía sobre suas pobres vítimas. Esposas entregavam seus maridos, esses por sua vez entregavam suas esposas, pais entregavam seus filhos e senhores seus servos sem nenhum questionamento ou murmúrio. O terror constituía o maior elemento do poder desse tribunal. Nenhum homem, desde o monarca até o escravo, sabia quando bateriam na sua porta. Uma escuridão misteriosa e impenetrável rodeava todos os procedimentos dessa instituição. Isso aumentava o sentimento de insegurança generalizada e dava amplo espaço para o poder da imaginação popular. Ninguém baseado em sua posição, idade ou sexo era protegido contra a vigilância permanente e a severidade cruel dos inquisidores.

O prisioneiro, uma vez que se encontrava dentro dos portões do tribunal da Inquisição, era uma vítima indefesa do despotismo sem limites dos seus juízes. Poucos daqueles que ali entraram conseguiram sair de lá absolvidos ou inocentados. Alguns estimam que a média fosse de uma absolvição para cada mil condenações. O tribunal adotava certos meios formais visando questionar as alegadas acusações de culpa por parte do acusado. Todavia, todas elas não passavam de perversas zombarias da verdadeira justiça. A corte tomava assento sob o mais profundo segredo, nenhum advogado poderia comparecer diante do tribunal, da mesma maneira que nenhuma testemunha era confrontada com o acusado. Quem eram os informantes, quais eram as acusações, ninguém sabia. A única acusação era a heresia. Aquele suspeito de heresia era convocado a declarar, sob juramento, que ele falaria a verdade, toda a verdade, acerca de todas as pessoas vivas ou mortas que com ele, ou como ele, estivessem sob a suspeita de heresia ou de práticas semelhantes àquelas adotadas pelos valdenses. Caso se recusasse a prestar tal juramento era imediatamente lançado dentro de um calabouço, o mais terrível, o mais asqueroso e o mais sujo

existente naqueles dias, o qual estava destinado para vis criminosos. Nenhuma falsidade era perversa, nenhum engano era demasiadamente maldoso, nenhuma mentira estava fora de cogitação para ser usada de forma deliberada por esse sistema moral de tortura, cujo objetivo era arrancar confissões contra o próprio indivíduo e denúncias contra outros. A intenção determinada dos inquisidores era a de quebrar o espírito do prisioneiro. Para isso a comida oferecida ao mesmo era diminuída aos poucos, mas constantemente, até que o corpo perdia todas as suas forças. O silêncio do seu calabouço escuro e solitário era interrompido de tempos em tempos, quando um dos inquisidores procurava extrair da infeliz vítima, da maneira mais astuta, outras confissões sobre si mesmo e acusações contra outros. O objetivo, por meio desse tormento moral contínuo somado a privações físicas, era suscitar no prisioneiro um estado que quebrantasse o seu ânimo e o fizesse disposto a qualquer coisa.

Porém, se o prisioneiro permanecesse firme, o próximo passo nos procedimentos do Santo Ofício, era a aplicação de tortura física. A vítima indefesa era acusada de ocultar intencionalmente a verdade e de negá-la. O acusado alegava, em vão, que havia respondido a todas as perguntas de maneira plena e honesta, de acordo com as melhores lembranças e conhecimentos que possuía. Ele era então desafiado a confessar se alguma vez havia nutrido um pensamento contrário à igreja ou ao Santo Ofício em seu coração. A mesma pergunta era dirigida com relação a qualquer outro tema ou situação que os inquisidores desejassem apresentar. Independente da resposta que o acusado dava, ele continuava sendo acusado de ser um herege obstinado. Depois de algumas manifestações hipócritas que expressavam o amor e o interesse que os inquisidores tinham por sua alma, e do sincero desejo que tinham de livrá-lo do erro a fim de que pudesse obter a salvação, uma enorme quantidade de instrumentos de tortura era apresentado diante do aterrorizado olhar do infeliz acusado. A intenção agora era usar aqueles instrumentos para conseguir dele a confissão do seu pecado. Em certos casos, a simples visão daqueles arrepiantes instrumentos de tortura bastava para levar ao acusado a confessar tudo o que era exigido dele.

***

A Aplicação da Tortura Física

Não fosse nosso interesse pela imparcialidade da história, a qual exige que a verdadeira natureza do papado seja descrita, iríamos preferir muito mais não oferecer nenhuma descrição, mesmo da maneira mais abreviada, de quaisquer cenas de tortura. Todavia, como poucos dos nossos leitores, mesmo nesses dias de grande informação, possuem qualquer noção do caráter cruel do papado e da sede de sangue que o mesmo tem dos santos de Deus, somos obrigados a falar de tão desagradável assunto. Não podemos nunca nos esquecer de que essa natureza do papado continua a mesma e é imutável.

As torturas e o suplício aplicados nos acusados eram muitos e variados, e visavam obter a confissão desejada pelos inquisidores. O primeiro instrumento utilizado era, geralmente, o chamado de *esticador*. Os braços do torturado eram amarrados com uma corda fina, e grandes pesos eram amarrados aos seus pés. Em seguida, a vítima era puxada para cima através de uma corda que passava por uma polia. Depois de ser mantido suspenso por algum tempo, o torturado era abruptamente liberado até alcançar uma distância próxima do chão. Esse processo era repetido várias vezes até que as juntas dos braços fossem totalmente deslocadas. Os pesos acrescentados aos pés faziam com que a estrutura óssea sofresse uma distensão extremamente dolorosa. Durante o subir e o descer, a corda fina costumava cortar a pele e os músculos dos braços, até chegar aos ossos. Esse tipo de tortura era realizado pelo período de uma hora, e algumas vezes, por períodos mais longos, de acordo com o interesse dos inquisidores presentes. Outro fator levado em consideração para a duração dessa tortura era a capacidade de resistência demonstrada pelo torturado.

A tortura através de fogo era igualmente dolorosa. Ela consistia em deitar o prisioneiro no chão e untar os pés dele com gordura. Depois disso ele era colocado próximo do fogo, até que, na agonia de suas dores era obrigado a confessar tudo aquilo que seus carrascos desejavam. Costumeiramente, esta tortura era aplicada três vezes, sendo que as duas últimas tinham o propósito de obrigar

a infeliz vítima a confessar os motivos e as intenções do coração que os levaram aos crimes já confessados, e também para que o acusado revelasse o nome de seus cúmplices ou parceiros.

Quando a tortura fracassava em produzir uma confissão, o tribunal apelava a artifícios e artimanhas. Algumas pessoas astutas eram colocadas dentro do calabouço, fingindo serem prisioneiros como os outros. Estes começavam a insultar a Inquisição para induzir os outros a procederem da mesma maneira; se conseguissem, a situação do prisioneiro era fatídica: ele era levado novamente perante os seus juízes, e seu suposto companheiro de sofrimentos se revelava sendo um monge traidor. Todas as vezes que um acusado era considerado culpado, fosse pela palavra de uma testemunha ou por sua própria forçada confissão, o mesmo era sentenciado de acordo com a gravidade da sua ofensa. Ele poderia ser condenado à morte, à prisão perpétua, tornar-se um remador de uma galera como escravo, ou ser açoitado. Aqueles sentenciados à morte pelo fogo eram reservados até que se juntassem mais pessoas, de tal maneira que o sacrifício de um grande número de hereges ao mesmo tempo, pudesse produzir um efeito mais terrível e impressionante sobre o povo que assistia.

Mas, para que o leitor não pense que esta abominável organização da Inquisição tinha seu grande papel somente nos tempos tenebrosos da Idade Média, devemos destacar que, somente no início do século XIX foi colocado um fim a essa atividade dos sacerdotes e monges inescrupulosos que formavam o tribunal.

Quando no **ano de 1820**, por ordem das cortes superiores espanholas foram abertos os portões da prisão da Inquisição em Madri, vinte e um prisioneiros ainda foram encontrados em seus calabouços. Nenhum deles sabia o nome da cidade em que se encontravam e não sabiam a natureza do crime pelo qual estavam sendo acusados. Alguns estavam confinados a, pelo menos três anos e outros por períodos ainda maiores. Uma dessas pessoas deveria ser executada no dia seguinte, através de um instrumento de tortura chamado *pêndulo*. Esse torturante método de execução consistia em: o condenado era amarrado de costas sobre uma mesa. Suspenso sobre ele encontrava-se um pesado pêndulo cuja

ponta era composta de um instrumento cortante. O pêndulo era construído de tal maneira, que a cada movimento, essa peça cortante se aproximava mais e mais da cabeça da infeliz vítima. Ela via esse terrível instrumento se aproximar cada vez mais, a cada passada; até que começava a cortar a pele da face. Porém teria que passar ainda várias vezes até que o corte fosse profundo o suficiente para provocar a morte. Essa punição era aplicada pelo secreto tribunal, ainda em 1820.

***

O Auto da Fé

A execução cruel pela qual a Inquisição encerrava a carreira de suas obstinadas vítimas foi chamada na Espanha e em Portugal de **Auto da Fé** (Feito da Fé). Esse Auto era considerado como uma solenidade religiosa da maior importância. Com o intuito de caracterizar a grande santidade do mesmo, esse ato cruel era, geralmente praticado no dia do Senhor. As vítimas inocentes desse barbarismo papal eram conduzidas em procissão solene até o local da sua execução. Elas eram vestidas de uma maneira muito bizarra. Nos capuzes e nas túnicas de alguns eram pintadas as chamas do inferno, além de dragões e demônios soprando as mesmas para mantê-las acesas para os hereges. Os jesuítas caminhavam ao lado dos condenados e gritavam nos ouvidos de suas vítimas que o fogo diante deles não era nada que pudesse ser comparado ao fogo do inferno, o qual teriam que suportar por toda a eternidade. Qualquer coração valente que se atrevesse a falar uma palavra a favor do Senhor ou em defesa da verdade pela qual eles estavam prontos a sofrer, tinha a sua boca instantaneamente amordaçada. Chegando ao lugar da execução, os hereges eram então presos com cadeias de ferro às estacas. Qualquer pessoa que confessasse que era um verdadeiro católico e que desejava morrer dentro da fé católica tinha o privilégio de ser estrangulada, antes de ser queimada. Todos os outros que se recusavam a reivindicar tal privilégio eram queimados vivos e reduzidos a cinzas.

Uma grande quantidade de galhos de espinheiros, muitas vezes ainda verdes, e pequenos pedaços de madeira eram colocados ao redor das estacas e ateados com fogo. O sofrimento dos que assim

pereciam era indescritível. As partes mais baixas do corpo eram literalmente torradas antes que as chamas atingissem as partes vitais, levando à morte. Esse espetáculo arrepiante era assistido por grandes multidões de pessoas de ambos os sexos, de todas as idades, e de todas as classes sociais, acompanhado de manifestações de júbilo. Tal eram os efeitos desmoralizantes da influência de Roma sobre as almas das pessoas. Durante mais de quatro séculos o Auto da Fé era um feriado nacional na Espanha, o qual os reis e rainhas, príncipes e princesas costumavam acompanhar com toda a pompa real.

De acordo com os cálculos de Llorente, que foram extraídos dos registros da própria Inquisição, o tribunal condenou entre 1481 e 1808, apenas na Espanha, mais de trezentos e quarenta mil pessoas. Se somarmos a esse número todos aqueles que sofreram em outros países que naquela época estavam sob o domínio espanhol, qual será o verdadeiro número de pessoas perseguidas? **Torquemada**, que foi nomeado como o inquisidor geral do reino de Aragão em 1483, queimou vivos, com o objetivo de promover a presença do Santo Ofício, nada menos do que dois mil prisioneiros da Inquisição. Soberanos, príncipes, membros da realeza, senhoras, homens sábios e magistrados, prelados e ministros de Estado, foram acusados de maneira grave e temerária, processados e condenados pelo Santo Ofício. Mas o Senhor conhece todos eles — Ele conhece aqueles que sofreram, e também conhece os seus perseguidores. Ele também sabe como retribuir os primeiros e como julgar os últimos. As abominações praticadas na escuridão das prisões secretas, o clamor dos lamentos dos torturados, as cruéis zombarias praticadas por monges dominicanos sem misericórdia, tudo será manifesto diante daquele trono de justiça, onde domina a inflexível justiça e uma santidade absoluta. O papa e seu colégio de cardeais, o abade e sua fraternidade de monges, o inquisidor geral, seus espiões e carrascos precisam todos comparecer diante do “grande trono branco” para receber o que os seus feitos merecem. Não fará justiça o Juiz de toda a terra? Aquele que repreendeu Seus discípulos porque desejavam invocar o fogo dos céus sobre os samaritanos, não julgará os inquisidores pelo mesmo padrão? Lucas, inspirado pelo Espírito Santo registrou as palavras do Senhor

Jesus que servem como guia para o Seu povo em todas as eras; Ele repreendeu os discípulos e disse: “Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las” (Lc 9:55-56).

De nossa parte torna-se necessário dizer que não consideramos todos aqueles que sofreram e morreram nas mãos da Inquisição como sendo mártires, nem mesmo como sendo cristãos. Os crimes que interessavam aos inquisidores tinham a ver com as heresias, em suas diferentes formas. Eles incluíam a prática do judaísmo, do maometismo, da bruxaria, da poligamia, e de todo tipo de apostasia. Além do mais, não temos o privilégio de saber qual foi o testemunho final que os condenados apresentaram. Em muitos sentidos existe uma diferença entre a Inquisição e aqueles mártires que perderam suas vidas sob a perseguição dos imperadores pagãos. Não obstante, nos é impossível lermos a história daquele período de densas trevas diabólicas sem ficarmos tomados de profunda aversão e, ao mesmo tempo, de íntima compaixão.

No decorrer da nossa história, teremos ainda diversas oportunidades de ver a crueldade e a insensibilidade dos inquisidores. Contudo, agora deixaremos esse assunto para nos familiarizar com algumas novas Ordens de monges que tiveram a sua origem na memorável guerra contra os albigenses.

***

MONGES ANTIGOS E MODERNOS

A origem da história antiga do monasticismo foi cuidadosamente apresentada no primeiro volume desta nossa obra.[4]

Todavia, como o caráter do mesmo foi completamente mudado no século XIII, bem faremos em traçar um rápido esboço do desenvolvimento gradual daqueles dias. Isso irá nos facultar a possibilidade de observar, com maior clareza, o contraste entre esses dois momentos. Ao mesmo tempo, também irá nos proporcionar a oportunidade de notarmos o estado interno da igreja de Roma, antes que a luz da Reforma se manifestasse, revelando toda a dimensão das trevas que dominavam nesse sistema.

No final do século III, mas especialmente durante o século IV, os desertos da Síria e do Egito haviam se tornado lugares de habitação

de inúmeros monges e eremitas. Os mais distantes e solitários lugares de todo o vasto deserto foram escolhidos por esses homens reclusos. A santidade e humildade destes homens, seus sinais e milagres foram relatados pelos historiadores da igreja de forma exagerada. Tais escritos agiam de forma contagiosa sobre os ânimos das pessoas. Muitos estavam ansiosos em alcançar uma posição excelente no que diz respeito à santidade. Outros desejavam obter a reputação de serem possuidores de uma piedade singular. Todos esses abraçaram alguma dessas Ordens monásticas como o caminho a ser seguido.

A prática do monasticismo avançou tão depressa, que antes do início do século VI, por toda a parte onde o cristianismo era conhecido, estavam também os monges. Havia três classes de monges na antiguidade: 1- *Solitários* — eram aqueles que viviam sozinhos em lugares remotos e distantes de todas as cidades e habitações dos homens. Eram conhecidos como eremitas. 2- *Cenobitas* — aqueles que viviam com outros em uma mesma casa, para uma finalidade religiosa e que tinham os mesmos superiores. 3- *Sarabaítas* — esses são descritos como monges andarilhos ou irregulares, pois não tinham residência fixa nem seguiam uma regra determinada. Esses últimos podem ser considerados como dissidentes dos cenobitas, os quais viviam dentro das suas propriedades. As muralhas que separavam os monges do mundo exterior, muitas vezes também cercavam seus poços e jardins, e tudo o que era necessário para a subsistência dos mesmos. Dessa forma, eles não tinham nenhum pretexto para manter qualquer contato, mesmo ocasional, com o mundo externo, o qual eles haviam abandonado para sempre.

Os monges dos nossos dias são cenobitas. Eles vivem juntos em um convento ou monastério, fazem votos de viver de acordo com alguma regra estabelecida pelo fundador da sua Ordem e vestem um hábito que os distinguem das demais Ordens.

As revoluções que aconteceram no Ocidente durante o século V, provaram serem favoráveis ao monasticismo. Os bárbaros ficaram impressionados com o número, as particularidades e a professa santidade dos monges. Por esses motivos, os lugares de habitação dos monges foram mantidos intactos e tornaram-se refúgios seguros

naqueles turbulentos dias. A superstição humana, tão comum em todos os tempos, venerava esses santos homens. O povo expressava essa reverência mediante ricas doações, gerando uma competição entre si. Porém na medida em que a riqueza dos mosteiros e das Ordens aumentava também se introduzia a degeneração e a corrupção no seu meio. Naqueles dias já existia a necessidade de um enérgico reformador, e ele veio na pessoa daquele que se tornou famoso como São Bento.

***

SÃO BENTO

Praticamente todas as instituições monásticas que existiam em toda a Europa por mais de seiscentos anos, seguiram as Regras de São Bento. Tudo o que precisamos fazer é oferecer uma pequena descrição dessa tão celebrada Ordem, com o objetivo de conhecer a constituição e o caráter de todas as outras.

Bento era filho de um senador romano, nascido em Núrsia, na Itália, no ano 480. Quando tinha 12 anos de idade foi enviado para estudar em Roma. Ele certamente havia ouvido e lido acerca da vida dos santos monges e eremitas do Oriente, e começou a admirar sua devoção e piedade. A imoralidade que dominava Roma e a vida desregrada de seus companheiros de estudo despertou nele, com uma força irresistível, o desejo pela solidão. Quando tinha cerca de 15 anos foi incapaz de tolerar por mais tempo o estado de corrupção da sociedade romana. Separou-se de sua fiel enfermeira Cirila, que havia sido enviada com ele a Roma por seus pais, a qual lamentou muito a sua partida. Os ferozes Hunos e Vândalos haviam transformado os arredores de Roma em um verdadeiro deserto. Dessa maneira, nosso jovem eremita conseguiu encontrar um esconderijo solitário não muito distante da cidade. Durante vários anos ele viveu sozinho em uma caverna. A única pessoa que conhecia o local secreto de seu retiro era um monge chamado Romano. Esse monge supria Bento com o pão que retirava de sua porção diária. Como existia uma rocha bastante difícil de ser escalada entre a clausura de Romano e a caverna de Bento, o pão era baixado através de uma corda que alcançava a entrada da caverna. Depois de algum tempo, Bento foi descoberto por alguns

pastores, que sentiram grande alegria em ouvir suas instruções e se maravilharam com seus atos milagrosos. Quando a fama de sua piedade se divulgou, ele foi persuadido a tornar-se abade de um mosteiro que existia naquela vizinhança. Todavia, a severidade de sua disciplina desagradou muito os monges do local, que decidiram se livrar dele misturando veneno ao vinho que lhe seria servido. Ao fazer o sinal da cruz sobre o alimento e a bebida, como era o seu costume, se conta que o copo contendo o vinho com o veneno voou longe, partindo-se em pedaços. Diante disso ele repreendeu, de forma moderada, os monges e retornou para sua caverna nas montanhas.

Bento, agora mais do que nunca, tornou-se objeto de interesse generalizado. Sua fama se espalhou para muito além das fronteiras de Roma, e grandes multidões o procuravam. Homens de grandes fortunas e influência se uniram a ele e grandes somas de dinheiro foram colocadas à sua disposição. Por meio disso, agora ele estava em condições de construir doze monastérios. Em cada um desses locais ele colocou doze monges sob um superior. Entretanto, Bento sentia-se inquieto com a invejosa interferência de Florêncio, um sacerdote da vizinhança e, por esse motivo, abandonou a caverna em Subíaco, no ano de 528. Após algumas peregrinações, ele chegou ao **Monte Cassino**, onde antigamente havia um templo de Apolo, que ainda era adorado pela população local. Com grande habilidade e energia, Bento conseguiu desarraigar toda a idolatria pagã remanescente que existia entre os camponeses. No lugar onde havia estado o altar de Apolo ele edificou uma capela que consagrou a São João Evangelista e a São Martinho[5]. Com isso foi colocada a base para o grande e afamado mosteiro de Monte Cassino, o tronco principal do qual, em um breve tempo, se estenderiam inúmeros ramos que cobririam toda a face da Europa. Foi aqui que Bento escreveu sua famosa Regra, por volta do ano 529. A mesma tinha setenta e três capítulos e continha um código de leis que deviam regular os deveres dos monges em suas relações mútuas e também aquelas que deveriam existir entre o abade e os monges. Bento supriu as condições necessárias para a administração de uma instituição composta de uma variedade de indivíduos, engajados em um sem número de ocupações. Tudo isso

debaixo de uma perfeita submissão, a um soberano absoluto. A complexidade e a abrangência das prescrições de Bento são realmente impressionantes — considerando que estava destinada a uma comunidade composta por indivíduos de características tão diversas — tendo sido fruto de *uma única* mente e *um único* espírito, sem que exista nenhum exemplo ou paralelo precedente. A Regra de São Bento é considerada pelos estudiosos como o mais importante documento eclesiástico do período antigo. E é nessa Regra que encontramos o funcionamento e a verdadeira força da dominação de Roma sobre o continente europeu.

***

A Regra de São Bento

A sabedoria desse grande monge como um legislador, e a superioridade de seu sistema sobre todos os outros que existiram antes, encontra-se principalmente no espaço privilegiado que Bento deu aos **trabalhos manuais**. Essa era a característica distintiva da nova Ordem — trabalhos manuais saudáveis e cansativos. Até aqueles dias o monasticismo tinha sido, em sua maior parte, praticamente uma vida restrita a mera reclusão e contemplação solitária. O sustento dos monges vinha da caridade da população, ou dos camponeses que viviam ao redor dos mosteiros que eram facilmente impressionáveis e que estavam cheios de reverência para com aqueles santos homens. Bento havia percebido os terríveis efeitos desse tipo de vida preguiçosa e sonhadora. Desse estado de existência improdutiva, ele desenvolveu um método com amplas provisões para manter os monges ocupados. O ócio foi estigmatizado de ser o maior inimigo, tanto do corpo como da alma. Bento não restringiu o trabalho dos monges apenas em adoração, oração, leitura e na educação dos jovens; mas também determinou que deveriam trabalhar com as mãos, cortando árvores na floresta, cuidando das plantações nos campos e usando a colher de pedreiro para restaurar as paredes — machado, pá e colher de pedreiro não deveriam continuar sendo desconhecidos nos mosteiros. As vantagens desse novo sistema eram enormes. As abadias dos beneditinos tornaram-se assentamentos agrícolas produtivos. O cultivo agrícola e a vida civilizada foi introduzido nas regiões mais

agrestes. Sob as diligentes mãos dos monges beneditinos o deserto mais seco se transformava em campos férteis e produtivos.

Apesar da Ordem de São Bento ser, em todos os sentidos, contrária tanto à letra quanto ao espírito da Palavra de Deus, possuía um bom senso comum que ia muito além dos sistemas doentios e corruptos do Oriente. “Bento era um desses homens que advogava”, nos diz Travers Hill, “que para viver neste mundo um homem precisa produzir alguma coisa — uma vida que somente consome, mas que não produz nada é uma vida mórbida, de fato uma vida impossível, uma vida que certamente irá decair — e, portanto, cheio da convicção da importância desse fato, ele fez do trabalho contínuo e diário, a grande base da sua Regra.” O fato que Bento também levava em conta o severo clima, as práticas e os costumes do Ocidente, mostra a clara visão e a inteligência prática desse grande reformador. Suas leis eram mais flexíveis e mais práticas do que aquelas impostas nos países do Oriente. Sua dieta também era mais generosa, além de não exigir nenhuma flagelação ou privações extraordinárias. Bento permitia que seus seguidores vivessem de acordo com os costumes comuns dos países onde moravam. Era nessa maneira sábia e razoável que residia todo o segredo do grandioso sucesso da Ordem beneditina.

Segundo nossos conceitos atuais no que diz respeito a uma boa maneira de viver, naturalmente as regras monásticas de Bento são absolutamente contrárias. Às duas horas da madrugada os monges eram despertados para as vigílias noturnas. Nessas ocasiões doze salmos eram cantados, e certos trechos das Escrituras eram lidos ou recitados. Em seguida os monges se retiravam para suas celas onde descansavam até o nascer do sol, quando se reuniam pela segunda vez para a missa matinal. Esta se assemelhava muito ao primeiro culto que havia acontecido durante a madrugada. Dessa maneira os monges cantavam vinte e quatro salmos cada dia, e assim, a leitura de todo o saltério era concluído a cada sete dias. O tempo dedicado aos exercícios religiosos dentro do mosteiro e para as atividades que eram realizadas fora do mosteiro era regulado pelo prior de acordo com as estações do ano — inverno e verão. Mesmo assim, os monges estavam obrigados a participarem de, pelo menos, sete serviços religiosos diferentes durante um período

de vinte e quatro horas. Além disso, deveriam trabalhar pelo menos sete horas a cada dia. O desjejum era servido por volta do meio dia, enquanto a refeição principal se dava ao por do sol. A dieta regular consistia de verduras, grãos e frutas. Cada monge tinha direito a quatrocentos e cinquenta gramas de pão por dia, além de um pouco de vinho. Nas refeições comunitárias nenhum tipo de carne era servido; apenas os enfermos tinham permissão de comer carne. Algumas vezes eles comiam ovos ou peixe durante a refeição noturna. Durante o período da Quaresma, eles jejuavam até às seis horas da tarde, e também tinham menos horas para dormirem.

A vestimenta dos monges era feita de um tecido rústico e simples. Essa vestimenta variava bastante de acordo com as circunstâncias vividas por cada mosteiro. O luxo de usar sapatos ou botas não lhes era permitido. A vestimenta externa era um manto preto e bastante folgado; as mangas eram largas e o mesmo possuía um capuz separado, que era pontudo e que cobria completamente a cabeça. Cada monge possuía um par de mantos e um par de capuzes. Além disso, faziam parte de suas posses um caderno para anotações, uma faca, uma agulha e uma toalha. Em cada cela havia uma esteira, dois cobertores de lã e um travesseiro. Cada um possuía a sua própria cama, e dormiam vestindo as próprias roupas. Havia um responsável encarregado por cada um dos dormitórios. Uma luz devia ser mantida acesa durante toda a noite. Nenhum tipo de conversação era permitido depois de se recolherem às suas celas, deviam ficar em absoluto silêncio. Como punição para pequenas faltas, os monges eram banidos da participação das refeições comunitárias. Faltas maiores eram penalizadas com a proibição de participar nas reuniões da capela. Já os ofensores incorrigíveis eram expulsos do monastério.

Como podemos ver, o longo e tedioso dia dos pobres monges era gasto dessa forma. Começando com as vigílias da meia-noite até as reuniões vespertinas do dia seguinte, tudo era praticado de modo meramente mecânico. Ao entrar no monastério, o monge renunciava por completo a todas as reivindicações de liberdade pessoal que estivesse acostumado. O voto que fazia, de obediência estrita a seus superiores em todas as coisas, era irrevogável. A nenhum deles era permitido receber um presente de qualquer tipo que fosse.

Nem mesmo os parentes mais próximos podiam enviar algo para os monges. Também não podiam manter nenhuma correspondência com pessoas de fora do monastério, a menos que as mesmas recebessem uma permissão especial e uma censura prévia por parte do abade, na chegada ou na saída. Todo monastério tinha um porteiro sentado junto ao portão principal, o qual era mantido trancado dia e noite. Nenhum estranho podia entrar e nenhum monge poderia deixar o mosteiro, a menos que tivesse permissão expressa do prior.

O jardim, o moinho, o poço e a padaria estavam todas do lado de dentro das muralhas. Isso tornava desnecessária qualquer saída do monastério. A função, ou a ocupação de cada monge era determinada pelo abade. Um monge que outrora era um homem rico e de família ilustre, era agora, absolutamente pobre e desprovido de qualquer dinheiro. Ele poderia ser mandado para trabalhar como cozinheiro, copeiro, alfaiate, carpinteiro ou jardineiro, de acordo com a vontade absoluta do seu superior. Até mesmo a quantidade e a qualidade de sua comida eram prescritas e limitadas, como se o monge não passasse de uma mera criança. Aos monges era permitido falar apenas em certas ocasiões. As conversações eram estritamente proibidas durante as refeições. Um monge tinha a responsabilidade de ler em voz alta, de forma ininterrupta durante a duração das mesmas.

Dessa maneira o homem foi separado da sociedade. A mulher, que foi dada por Deus para o homem como sua auxiliadora, deveria ser considerada não apenas como um ser estranho aos seus pensamentos, mas também como a inimiga natural de sua solitária aspiração por santificação. O próprio “eu” era o merecedor de todas as atenções por parte dos monges. A astúcia sutil de Satanás havia conseguido passar a pessoa de Cristo para o segundo plano. De fato, isso é verdadeiro no que diz respeito a todo o sistema monástico. Quão diferentes eram os pensamentos e os desejos do apóstolo Paulo! Ele podia dizer: “Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo” (Fp 3:7). Notemos muito bem essas palavras genuinamente cristãs: “o que para *mim* era ganho”. Se qualquer coisa é ganho apenas para *mim*, que valor tem então para Cristo? Eu preciso ter a Cristo. Eu O vi em Sua glória. Eu devo ser

como Cristo é. Tudo pelo qual a carne religiosa podia se gloriar, tudo o que era ganho para Paulo, ele havia lançado para longe de si, como sendo escória e imundície. “E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor” (v. 8). Que cegueira, que perversidade para qualquer indivíduo optar em ocupar-se com formas e cerimônias exteriores sem valor e a contemplação do seu próprio e miserável “eu” ao invés do amor e da liberdade que temos em Cristo, conforme nos mostra o apóstolo Paulo em Filipenses 3! Mas tal era o poder enganador de Satanás que os homens tinham como certo, que a única forma de alcançarem o céu era através da vinculação a alguma espécie de Ordem monástica.

***

Os Beneditinos

Antes da morte de Bento, que aconteceu por volta do ano 547, sua Ordem já estava estabelecida firmemente na França, na Espanha e na ilha da Sicília. Após a sua morte a mesma espalhou-se, de forma muito rápida, cobrindo uma enorme extensão de territórios. Onde quer que os monges fossem, convertiam o deserto em um terreno cultivável. Eles limpavam as florestas, secavam os pântanos, construíam abadias impressionantes com as suas próprias mãos, levavam a civilização às populações rudes e promoviam de todas as formas a criação de animais, além de trabalharem na agricultura de forma bastante variada. Eles também adquiriram para si grandes méritos, pois promoviam a cultura e a ciência; por toda a parte surgiram escolas para os jovens, sob sua direção. Apesar dos beneditinos terem se tornado uma grande comunidade em um curto espaço de tempo, e terem se propagado em vários países, todos eles estavam sujeitos a uma única Regra, a qual fora estabelecida pelo seu fundador. O tempo quando a Ordem chegou à Inglaterra é bem conhecido. **Santo Agostinho** e seus monges eram beneditinos. Igualmente o papa Gregório, que os havia enviado à Inglaterra. Todavia, apesar dos beneditinos receberem o crédito por terem transformado terras inóspitas em regiões férteis com o seu diligente trabalho, eles também se caracterizaram por escolherem, quando tinham a oportunidade, as

melhores porções de terra para se estabelecerem. “Em todos os ricos vales”, nos diz Milman, referindo-se a Inglaterra, “ao lado de cada rio límpido e profundo, um monastério beneditino foi construído. Os labores dos monges manifestados na plantação, no cultivo, no estabelecimento de hortas e jardins, ou o plantio de pequenos bosques com uma grande variedade de árvores, certamente serviu para criar um cenário campestre gracioso e pitoresco. Ao fazermos um levantamento de qualquer distrito da Inglaterra iremos notar que, os locais mais convenientes, mais férteis e mais tranquilos foram os lugares preferidos para as abadias beneditinas.”[6]

A intenção original de Bento não era fundar uma Ordem monástica. Sua intenção era apenas prescrever regras para os monges italianos, de acordo com as práticas dos eremitas e dos monges dos primeiros séculos. Mas os monges do Monte Cassino logo se tornaram famosos por causa de seus grandes conhecimentos, sua vida pacífica, seus hábitos corretos e seu extremo zelo. Enquanto no país, de modo geral, existiam constantes guerras, crimes, ignorância e modos dissolutos, os santos monastérios eram verdadeiras ilhas de sossego e tranquilidade, que convidavam as pessoas a procurarem por socorro e proteção. As pessoas daqueles dias tinham a possibilidade de viverem o breve período de suas vidas cumprindo suas obrigações religiosas e terminarem seus dias em paz tanto com o céu quanto com outros seres humanos, aderindo a algum monastério. Naqueles dias, um jovem de classe social alta, tinha pouca variedade de escolha no que diz respeito à profissão. Ele podia escolher, basicamente, entre uma vida de guerra, violência e perversidade — uma vida selvagem marcada por alegrias e tristezas — ou optar por uma vida solitária e calma de um monge. As almas mais introspectivas e tímidas recebiam com agrado a possibilidade de refúgio oferecida pelos monastérios, ainda que essa vida trouxesse consigo a autonegação e a submissão da sua própria vontade. Homens de todas as classes sociais abandonavam seus lares para se unir a essa nova comunidade. Assim, a mesma não parava de crescer, de modo que sua riqueza e poder tornaram-se incalculáveis. As estatísticas a

seguir irão oferecer ao leitor uma ideia mais precisa da riqueza dessas abadias beneditinas da antiguidade.

"As propriedades que pertenciam ao monastério matriz de Monte Cassino incluíam: quatro bispados, dois ducados, trinta e seis cidades, duzentos castelos, trezentos territórios, trinta e três ilhas, além de mil seiscentas e sessenta e duas igrejas. O abade assumia os seguintes títulos: Patriarca da Santa Fé, Abade do Santo Monastério de Monte Cassino, Cabeça e Príncipe de todos os abades e casas religiosas; Vice-Chanceler da Sicília, de Jerusalém e da Hungria; Conde e Governador da Companhia e da Terra de Savona e das Províncias Marítimas, Vice-Imperador e Príncipe da Paz."[7]

***

O Zelo Missionário dos Beneditinos

No curso do tempo, à medida que seu número aumentava cada vez mais, os beneditinos enviaram missionários para pregar o Evangelho entre as nações que se encontravam mergulhadas nas profundezas do paganismo. Alguns estimam que esse trabalho missionário levou mais de trinta países e províncias para a fé cristã, ou melhor, os converteu para a igreja de Roma. Mas, o Senhor em Sua inescrutável misericórdia pode usar a Palavra da cruz para a salvação das almas, ainda que esta seja muito enfraquecida pelos acréscimos humanos. Mesmo a mais ínfima parte da verdade acerca da cruz ou do sangue de Cristo é suficiente para ser de benção para muitas almas, quando o Senhor faz uso dessas verdades. Uma mudança muito impressionante aconteceu na história da igreja, ou do cristianismo, por meio da **pregação dos beneditinos**, e da Ordem de São Bento. Iremos apenas mencionar essa mudança e permitir que o próprio leitor reflita sobre a mesma.

Durante os três primeiros séculos da era cristã, tanto os imperadores quanto os poderosos da terra perseguiram os fiéis seguidores de Cristo. Entretanto, durante os séculos VI a IX, muitos imperadores e reis renunciaram suas coroas para se tornarem monges da Ordem beneditina. O mesmo é verdadeiro com relação a imperatrizes e rainhas que se tornaram freiras da mesma ordem.[8]

Da clausura e do interior dos mosteiros beneditinos surgiram quarenta e oito papas que ocuparam a cadeira de São Pedro. Foi dali também que foram nomeados duzentos cardeais, sete mil arcebispos, quinze mil bispos, quinze mil abades, quatro mil santos. Eles edificaram mais de trinta e sete mil assentamentos e instituições; entre esses, podemos encontrar: monastérios, conventos, priorados, hospitais, etc. Dessa Ordem também surgiu um vasto número de escritores importantes, bem como eruditos de todas as áreas do conhecimento humano. O monge Rabano Mauro estabeleceu a primeira escola na Alemanha. De modo semelhante, foi o monge Alcuíno quem fundou uma Universidade em Paris. Um monge chamado Guido de Arezzo inventou a escala musical; e outro chamado Dionísio Exíguo aperfeiçoou os cálculos eclesiásticos referentes ao calendário cristão.

"Os abades eram, em geral, pouco inferiores aos príncipes soberanos no que diz respeito à reputação e poder. O esplendor dos mesmos era maior na Alemanha, onde o abade de Angia, apelidado de 'o rico', tinha uma receita anual de sessenta mil coroas de ouro. Em seu monastério eram recebidos apenas os filhos de príncipes, condes e barões. Os abades de Weissemburgo, de Fulda e de St. Gallen eram príncipes do Império Germânico. O abade de St. Gallen entrou certa vez na cidade de Estrasburgo acompanhado de uma comitiva montada de mil cavaleiros."[9] Durante seiscentos anos todas as regras e sociedades religiosas tiveram que ceder diante da superioridade universal da Ordem beneditina. Muitas novas Ordens surgiram durante esse período, e, apesar de diferirem umas das outras em alguns pontos de disciplina ou vestimenta, todas reconheciam a Regra de Bento. Os monges **cartusianos** e **cistercienses**, além de muitos incontáveis grupos, são todos ramos que cresceram do tronco beneditino original.

Os brilhantes resultados produzidos pela Regra do eremita solitário do Monte Cassino se expandiram sem interrupções, por um período de pelo menos setecentos anos. Durante esse tempo os beneditinos, como todas as outras instituições humanas, experimentaram muitos revezes e muitos avivamentos. Ainda gostaríamos de registrar que, de acordo com a história, assim que os monges beneditinos tornaram-se ricos e começaram a desfrutar

vidas de luxo, eles também se distanciaram dos princípios do seu fundador, entregando-se a uma vida de indolência, que foi também marcada pela adoção de vários vícios. Eles se envolveram gradualmente em questões civis, políticas e nas intrigas das cortes, até que por fim, o único objetivo que tinham era o de promover de todas as formas o progresso da autoridade e do poder dos pontífices romanos.

***

As Novas Ordens — Dominicanas e Franciscanas

Muitas vezes temos ouvido falar que onde o Espírito de Deus está trabalhando através da pregação do Evangelho, e onde os efeitos desse mesmo trabalho podem ser observados através da conversão de almas a Cristo, também podemos ter certeza de que o inimigo estará ativo, simultaneamente. Satanás não aceita de modo pacífico a invasão do seu reino. Por esse motivo, ele tenta impedir o trabalho da pregação do Evangelho, usando vários meios. Ele certamente irá manifestar sua inimizade e maldade, seja colocando empecilhos à obra mediante a incitação de perseguições, ou procurando corrompê-la através de uma imitação má e pervertida. Nós podemos observar tais tristes exemplos dessa atividade de Satanás tanto na história de Israel quanto da Igreja; porém são muito numerosas para fazermos referência delas nesse trabalho. Todavia, iremos agora observar, nesse período da história da instituição monástica, alguns fatos que irão explicar aquilo que estamos querendo dizer.

O objetivo especial das novas Ordens que surgiram no início do século XIII foi uma tentativa da Igreja Romana trabalhar contra a influência que os pregadores albigenses haviam alcançado sobre as classes mais pobres dentre a população. Tal influência era resultado da amabilidade dos albigenses para com a população, e por pregarem constantemente o Evangelho. A pregação do Evangelho de Cristo de uma forma apropriada para as classes mais humildes havia sido completamente negligenciada durante muitos séculos pelo clero da Igreja Romana. De tempos em tempos surgia um pregador sério e fervoroso. Entre esses, podemos citar Cláudio de Turim, Arnaldo de Bréscia, Fulk de Neuilly; Henrique, o diácono, ou Pedro Valdo que, como devemos nos lembrar, se dedicou de

maneira especial à pregação do Evangelho e à salvação das almas. Mas essas manifestações eram raras e com grande intervalo de tempo. Normalmente, o clero buscava animar o povo, através do uso de palavras eloquentes, somente quando se tratava de objetivos que serviam à igreja ou ao papado, como as cruzadas e a guerra contra os albigenses, que os faziam sair de suas celas.

"Na teoria", nos diz um historiador eclesiástico, "era privilégio especial dos bispos a atividade da pregação. Mas havia poucos entre eles que possuíam o dom e a inclinação para tal. Muitos não encontravam tempo para pregar, de forma regular, até mesmo nas catedrais de suas próprias cidades, devido suas ocupações seculares, judiciais ou de líderes guerreiros. No que diz respeito ao restante das suas dioceses, eram pouco vistos por ali. De vez em quando uma viagem ou visita ocasional os aproximava do povo, ocasião que era marcada por grande pompa e formalismo, em vez de se caracterizar por um empenho voltado para a instrução popular. Naqueles dias o único meio de instrução religiosa estava, praticamente, reduzido ao ritual[10] da missa católica, o qual, devido ao tipo de linguagem que era utilizada, era incompreensível para a população. Como naqueles dias os sacerdotes eram quase tão ignorantes quanto a população da classe baixa, eles memorizavam as falas do ritual as quais proferiam de forma mecânica e sem entendimento. Os clérigos casados, também chamados de clero secular, apesar de serem os mais respeitados do ponto de vista moral, agiam, na realidade, em oposição às leis da igreja. Eles estavam inclusive sujeitos a serem acusados de viverem em concubinagem. Por esse motivo, o trabalho que faziam tinha pouco peso aos olhos do povo. Os sacerdotes não casados, ou o clero regular, obedeciam às regras externas da igreja, mas no que dizia respeito a todas as outras áreas, eles violavam, de modo flagrante e acintoso*, todos os princípios da igreja. Esses eram os que tinham a missão e a obrigação de ensinar. Quando esses clérigos tentavam ensinar algo à população, qualquer coisa que fosse, acabavam caindo no mais completo desprezo."[11]

Tal estado lastimável dentro da **igreja dominante** deixava o caminho aberto para o surgimento dos chamados hereges. Esses, por sua vez, abraçavam a oportunidade com muito zelo. A

indiferença e a indolência dos sacerdotes lhes permitiram, por um longo tempo, divulgar diligentemente suas doutrinas entre o povo. A pregação em público e em particular era o grande segredo deles, e pela graça de Deus, os pregadores valdenses e albigenses se propagaram rapidamente. Esse é o meio divino de se anunciar o Evangelho desde os primeiros séculos do cristianismo, e ainda continua sendo o meio de divulgar a verdade e conduzir almas ao Senhor. Quanto mais pública a pregação, melhor. Em todas as épocas Deus tem se agradado daquilo que o mundo tem chamado de “a loucura da pregação para a salvação daquele que crê”. A pregação ao ar livre, a visita e o ensino nas casas, o testemunho dentro e fora dos lares, são os meios que Deus sempre abençoa. E esses métodos foram diligentemente utilizados por aqueles acusados de praticar heresias na região de Languedoc.

O inimigo das almas, notando os efeitos deste modelo de ação, acabou mudando suas táticas. Em vez de enclausurar os membros dedicados, sinceros e piedosos da igreja de Roma em monastérios — onde se ocupavam apenas com os seus serviços religiosos e consigo mesmos — o inimigo decide agora enviá-los como pregadores públicos para controlar novamente os campos que haviam sido ocupados, por séculos, pelos verdadeiros seguidores de Cristo. Os emissários do papa tinham ordens estritas, de não apenas imitar os hereges, mas excedê-los na simplicidade da vestimenta, na humildade, na pobreza e nas relações com o povo simples. Uma mudança completa acontece agora na história das Ordens monásticas. Em vez de eremitas enclausurados e ocultos dos olhos do mundo, fazendo suas orações de forma reservada, trabalhando nos campos ou colhendo frutos em seus jardins, temos agora monges pregando fervorosamente nas esquinas de todas as ruas, nas cidades e vilarejos de toda a Europa. Além disso, esses monges também viviam exclusivamente da caridade alheia pedindo esmolas de porta em porta. Mas isso não era tudo. Esses monges eram os favoritos dos papas. Foram eles que controlaram, a favor de Roma, todas as coisas na igreja e no Estado durante trezentos anos. “Eles ocupavam as posições mais importantes, tanto civis quanto eclesiásticas”, nos diz Mosheim, “ensinavam com autoridade quase absoluta em todas as escolas e igrejas, e defendiam a

majestade dos pontífices romanos contra aquelas dos reis, dos bispos e dos hereges, com crescente zelo e sucesso. Aquilo que os jesuítas representaram depois da Reforma, aconteceu com os **dominicanos** e **franciscanos** começando no século XIII e se estendendo até os dias de Lutero. Os monges eram a alma tanto da igreja quanto do Estado. Eles tinham sobre seus ombros a responsabilidade de projetar e executar todos os empreendimentos, tanto religiosos quanto seculares."

***

A Origem e o Caráter dos Dominicanos

Como achamos ser mais satisfatório conhecer o início de todas as coisas, iremos agora descrever a origem e o caráter desses dois grandes pilares do orgulhoso templo de Roma. Até esse momento — o início do século XIII — os esforços dos papas estavam completamente concentrados na construção do seu próprio templo, isto é, no estabelecimento de sua própria supremacia sobre a igreja, bem como sobre a autoridade temporal do Estado. Todavia, a luz que brilhou com mais intensidade durante os séculos XI e XII, e que coincidiu com o aumento da depravação da igreja, acabou por trazer para dentro do cenário o testemunho de muitos nobres cristãos, homens e mulheres, a favor de Cristo e de seu Evangelho. Com isso, o templo romano começou a balançar. O clero havia alienado os corações do povo comum, por causa de sua ganância e poder opressor. Aliado a isso estava a indolência, a imoralidade e a libertinagem, que contrastavam de modo desfavorável, com a produtividade, a humildade, a autonegação e a vida consistente daqueles acusados de heresia. A fibra da qual toda a hierarquia romana era feita estava se desfazendo, colocando em grande risco todos os seus líderes através das províncias e de todas as classes sociais, chegando até mesmo, às portas da própria Roma. O Diabo percebendo essas necessidades urgentes do momento apressou-se em socorrer a hierarquia ameaçada. Os dois homens adaptados para satisfazer as exigências daqueles dias eram Domingos e Francisco.

Domingos nasceu em 1170 em uma pequena vila da região da Caleruega, no velho reino de Castela. Seus pais eram da família

tradicional dos Gusmão. Acreditava-se que pertenciam a uma estirpe de nobres. De acordo com alguns escritores, o efeito de sua ardente eloquência como pregador foi previsto por sua mãe através de um sonho que, segundo se conta, ela dava à luz a um cachorro carregando uma tocha em sua boca, com a qual incendiava o mundo inteiro. Independente de podermos dar crédito a essa história ou não, o fato é que ele cumpriu fielmente o que havia sido anunciado. Nunca antes as palavras do grande apóstolo “guardai-vos dos cães” teve uma aplicação mais acertada do que essa que se refere a Domingos. Não era somente o fogo da sua eloquência, mas também o fogo literal que, desde o início da sua carreira pública, era o meio preferido que ele costumava usar para a destruição dos seus adversários. As chamas do inferno, conforme alegavam Domingos e seus seguidores, estavam reservadas para todos os hereges e eles consideravam como parte da “boa obra” que tinham que fazer, iniciar os tormentos das chamas eternas já nessa vida. Desde sua infância Domingos se entregou ao rígido ascetismo. Inicialmente sua natureza mostrava sinais de ternura e de compaixão. Todavia, com o passar do tempo, seu zelo religioso e o fanatismo o tornaram completamente insensível contra toda espécie de impulso caridoso que pudesse manifestar. A maior parte das suas noites era gasta em severos exercícios de penitência. Todas as noites ele açoitava a si próprio com uma corrente de ferro. As chicotadas, de três em três, tinham as seguintes intenções: uma era pelos seus próprios pecados, outra a favor dos pecadores desse mundo e a terceira a favor daqueles que se encontravam no purgatório.

Domingos se tornou o responsável pela rigorosa casa de Osma. Rapidamente ele superou todos os outros no quesito austeridade e nas flagelações físicas severas. Como consequência de sua reputação, o bispo espanhol de Osma — um prelado de grande habilidade e de enorme fervor religioso — convidou Domingos a acompanhá-lo em sua viagem missionária à Dinamarca. Domingos havia completado 30 anos, e, apesar de ser considerado brando para com os judeus e infiéis, ele ardia com um ódio incessante contra todos os hereges. Tendo cruzado os Pireneus, o zeloso bispo e seu brilhante companheiro encontraram-se bem no meio da

heresia albigense. Eles não podiam ignorar o estado lastimável em que o clero romano se encontrava naquela região. O clero era visto com desprezo, enquanto que os hereges desfrutavam de prestígio entre os habitantes do local. Para a sua consternação, eles descobriram que havia certos lugares em que nenhuma missa havia sido rezada nos últimos trinta anos. A comissão papal, que tinha sido enviada por Inocêncio III, por volta do ano 1200, foi encontrada em um estado de extrema decadência. Devemos nos lembrar de que essa comissão era constituída por homens tais como Reinério, Guido, Castelnau e o infame Arnaldo. Todos esses eram monges de Cister, e filhos espirituais de São Bernardo. Esses homens se lamentaram amargamente diante do fracasso que estavam vivenciando. Os hereges estavam completamente surdos às suas advertências e ameaças; não davam a menor importância à autoridade do papa, e tanto sua reputação como a do clero não existia mais.

Os legados papais, da maneira tradicional, estavam marchando através da terra, de cidade em cidade, com a maior pompa possível, vestidos com roupas finas e suntuosas, com grande comitiva e acompanhados por grande número de cavaleiros montados em seus fogosos cavalos. Quando os espanhóis ouviram isso, perguntaram surpresos: “Como é possível esperar obter qualquer sucesso manifestando esse tipo de pompa secular? Semeai a boa semente assim como os hereges semeiam a semente ruim. Lancem fora as capas suntuosas e renunciem a esses fogosos cavalos ricamente ornamentados; andai descalços, sem bolsa nem alforje, como os apóstolos. Vençam os falsos mestres por meio do trabalho, do jejum e da disciplina severa”. O bispo de Osma e seu fiel acompanhante Domingos enviaram de volta à Espanha os seus cavalos, desvestiram suas finas roupas adotando as vestimentas rudes dos monges, e dessa forma, passaram a comandar um exército espiritual.

Nessa nova manifestação, descobrimos claramente a astúcia e a sutileza de Satanás. O poder do Espírito Santo havia sido manifestado pelos homens dos vales e pelos “pobres homens de Lyon”, que haviam se espalhado sobre as províncias da redondeza. Agora estamos diante de uma grande exibição de humildade e zelo

fervoroso, que não passam de uma imitação dos dons da graça concedidos pelo Espírito Santo, e que tinham por objetivo destruir as obras da graça produzidas pelo Espírito Santo através desses homens fiéis. Apenas através de tais mentiras e práticas hipócritas que a autoridade de Roma podia ser novamente estabelecida, e que o inimigo podia ter esperança de manter as nações da Europa em seu cativeiro.

Já falamos acerca dos labores de Domingos nos territórios dos albigenses. Foi naqueles vales que ele gastou dez anos de sua vida esforçando-se para exterminar a heresia ali existente. Durante aquele tempo uma pequena fraternidade foi formada, que iam de dois em dois, imitando o que o Senhor Jesus havia feito quando enviou os setenta discípulos (Lc 10; Mt 10). A partir daí teve início a prática de queimar os hereges em Languedoc. Como cães farejadores, sedentos por sangue, os dominicanos iam de casa em casa procurando por presas para alimentarem a espada de Montfort, bem como as fogueiras que eles mesmos haviam acendido. Os grandes êxitos alcançados por Domingos lhe garantiram a boa vontade e o favor dos papas Inocêncio III e Honório III. Esses lhe concederam o privilégio do título de “fundador” da Ordem. Ele morreu em 1221, mas antes de abandonar o cenário onde suas crueldades foram praticadas, ele estabeleceu pelo menos sessenta monastérios de sua Ordem, em várias regiões da cristandade. Ele foi canonizado pelo papa Gregório IX em 1234. O terrível tribunal da Inquisição teve sua origem ligada, direta ou indiretamente, a Domingos. De modo semelhante, os maiores e mais cruéis oficiais da Inquisição também pertenciam à sua Ordem. Alguns detalhes adicionais podem ser acrescentados ao falarmos acerca dos franciscanos, uma vez que as duas Ordens podem ser descritas juntas.

***

A Origem e o Caráter dos Franciscanos

Contemporâneo a Domingos e seu grande competidor pela fama eclesiástica, foi um monge italiano chamado **Francisco**, um homem que se igualava ao seu colega espanhol em reputação, se não o superava. Francisco era nativo da cidade de Assis, localizada na

Itália central. As muitas lendas absurdas que se encontram nas páginas das biografias franciscanas, não precisam ser mencionadas aqui. Muitas delas são verdadeiras blasfêmias. A admiração que os historiadores tributavam ao monge era tão delirante, que ousaram declarar a Francisco como o segundo Cristo. Eles afirmavam que os estigmas ou as feridas do próprio Salvador haviam sido impressas, de modo miraculoso, sobre o corpo de Francisco. Para justificar essa afirmação eles citavam as palavras de Paulo: “Desde agora ninguém me inquiete; porque trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus” (Gl 6:17).

Durante o ano em que esteve prisioneiro na cidade de Perúgia, além de aflições corporais, ele também teve as mais extraordinárias visões e arrebatamentos pelos quais se sentiu encorajado a ir ao mundo como um servo de Deus, e como salvador da humanidade. Os sonhos febris de sua mente enfraquecida eram considerados como verdadeiras revelações divinas pelo povo supersticioso.

Francisco começou a falar de forma misteriosa acerca de sua futura noiva — essa noiva era a pobreza. Ele mudou suas vestimentas por trapos. Um dia ele se levantou e disse: “Devo opor a verdade à mentira, a pobreza ao desejo de riqueza e a humildade contra a ambição”. Ele pedia esmolas nas portas dos monastérios e realizava os mais vis serviços. Francisco dedicou-se a cuidar dos leprosos, a lavar seus pés e tratar suas feridas. “Sua mãe”, assim lemos, “ouviu e o apoiava em todos os seus estranhos atos, com uma tenra e profética admiração. Já seu pai sentia vergonha dele e o tratava como se fosse um louco.” Mas apesar de ter sido zombado, desprezado e até mesmo apedrejado no início da sua missão nas ruas de Assis, o bispo local lhe ofereceu abrigo e deu crédito às suas palavras. Em pouco tempo Francisco tinha um grande número de seguidores.

Francisco estava agora abertamente desposado com a pobreza através de um juramento público, que nunca iria ser quebrado, a saber, da forma mais baixa da mesma: a mendicância. De um velho amigo, Francisco recebeu a vestimenta de um ermitão, uma túnica curta, um cinto de couro, um cajado e um par de sandálias. Mas, para os pensamentos do jovem fanático, esses trajes modestos ainda eram considerados muito finos e confortáveis. Fazendo o pior

uso das instruções fornecidas pelo Senhor aos seus discípulos em Mateus 10 e Lucas 10, Francisco jogou fora tudo o que possuía, com exceção da túnica escura feita de material rústico, a qual ele amarrou ao seu lombo com uma corda. Vestido dessa maneira ele saiu pelas ruas da cidade exortando o povo ao arrependimento.

Tal tipo de fervoroso zelo religioso, que bem podemos chamar de fanatismo, foi manifestado em um período de grande superstição e ignorância. O resultado que produziu não foi inesperado: a atitude de Francisco acendeu o zelo de muitas outras pessoas. Ele afirmava que a essência do Evangelho, como ensinada por Jesus Cristo, consistia na mais absoluta pobreza e privações com respeito a todas as coisas. Para Francisco não havia nenhum caminho mais seguro para o céu do que aquele representado pela renúncia a todas as posses materiais. “A surpresa inicial por causa dessa nova doutrina foi transformada em admiração, a admiração em imitação e a imitação, por sua vez, manifestou-se em uma atitude cega de seguir seus passos. Um grande número de discípulos se juntou ao redor dele. Ele retirou-se com eles para um local solitário. Era necessária a criação de uma Regra para conduzir essa jovem fraternidade. Os evangelhos foram abertos e Francisco leu três textos para seus ouvintes: 1- ‘Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me’ (Mt 19:21); 2- ‘Ordenou-lhes que nada tomassem para o caminho, senão somente um cajado; nem alforje, nem pão, nem dinheiro no cinto’ (Mc 6:8); 3- ‘Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me’ (Mt 16:24). Depois de ter lido esses versículos, Francisco fez o sinal da cruz e enviou seus seguidores para as cidades e vilarejos vizinhos na direção leste e oeste, norte e sul.”

Essa foi a origem e esse era o caráter da nova Ordem dos franciscanos. Apesar de ser bastante diferente em alguns pontos da Ordem fundada por Domingos, concordava com este nos pontos principais. Seu objetivo era o mesmo: sair e, sob o voto de completa pobreza, enfrentar as doutrinas dos hereges e neutralizar a sua obra. O inimigo havia visto o que os “pobres homens de Lyon”, ou os valdenses estavam fazendo. E assim decidiu transformar os seguidores dessas Ordens nos pobres homens do papado, os quais

deveriam confrontar os hereges em seu próprio território. A missão deles era superarem aqueles na pobreza, na humildade, no trabalho e no sofrimento. Tendo recebido a aprovação formal e a proteção do papa, Francisco se dispôs a conduzir seus seguidores a fazerem um voto de serviço a Deus que incluía: a extirpação dos hereges, a vida de castidade, de pobreza e de obediência.

As novas Ordens aceitavam membros femininos. Surgiram então fraternidades femininas de São Francisco e São Domingos, e um grande número de conventos. Também existia uma classe especial de pessoas entre os monges mendicantes. Esses eram chamados de terciários, ou irmãos penitentes. Estes se comprometeram, apenas parcialmente, a guardar as prescrições da Ordem e continuavam engajados em suas ocupações seculares costumeiras; eles elevaram muito a influência e a popularidade dos monges mendicantes, visto que formavam o elo entre o mundo e a igreja. Não temos dúvidas que as novas Ordens foram permitidas pela providência divina para dar sustentação ao vacilante edifício do papado e de toda a Igreja Romana, de tal maneira que pudesse adiar por outros trezentos anos o movimento que culminaria com a Reforma Protestante. Esse é o único motivo pelo qual devemos ter um grande interesse na história dessas novas Ordens. Os santos de Deus ainda tinham um longo período de provas pelo qual deveriam passar, e a verdadeira Igreja de Cristo precisava ser enriquecida com um nobre exército de mártires antes que desse início esse poderoso movimento.

***

As Ordens Monásticas Anteriores e Posteriores

Estamos plenamente conscientes que todos os sistemas humanos precisam ser examinados à luz da Palavra de Deus. Isso é necessário se pretendemos entender o verdadeiro caráter dos mesmos. Não é mediante o contraste dos anteriores com os posteriores que iremos encontrar como os mesmos eram vistos pelo Senhor. A Palavra do Deus vivo, através da qual todos seremos julgados, precisa ser o nosso padrão exclusivo. A Palavra de Deus deve ser a única regra do cristão, e o próprio Cristo a única Cabeça e centro, como poder e autoridade da Igreja, ou do Corpo de Cristo.

Apontaremos agora, apenas alguns detalhes para estabelecer as diferenças entre os sistemas monásticos anteriores e posteriores.[12]

O objetivo principal que os eremitas e ascetas dos primeiros séculos perseguiam, era alcançar o auto-aperfeiçoamento religioso. A instrução ou salvação de outros não fazia parte do credo que desposavam. O total isolamento do mundo perigoso e a separação do mesmo através do uso de cavernas, ou nas florestas, com todas as privações decorrentes, eram consideradas necessárias para alcançar o fim pretendido. À medida que o exemplo da pretensa santidade daqueles homens crescia, cada vez mais pessoas queriam se preparar para o céu mediante uma vida reclusa e pela mortificação dos seus corpos com severas penitências. Com isso, no lugar dos pequenos claustros surgiram imponentes mosteiros, espaçosos, com numerosos habitantes, e grandes porções de terra passaram a ser cultivadas para atender as necessidades da vida diária. O início humilde, algumas vezes, chegou a crescer até assumir a condição da mais nobre colonização em um determinado país. Contudo, os monges continuaram se esforçando por manter a separação do mundo exterior com todas as suas atividades. Durante a longa e escura noite, representada pela Idade Média, com todo o seu barbarismo e feudalismo, os monastérios geralmente provaram ser um local onde a misericórdia era exercida aos pobres, aos enfermos e aos viajantes. Todos devem reconhecer esse fato com gratidão. Durante os cinco ou seis séculos que seguiram a subversão do Império Ocidental, o sistema monástico tornou-se um poderoso instrumento na correção dos vícios da sociedade e na proteção das classes mais baixas que eram vitimadas pela opressão ilegal dos senhores feudais. A hospitalidade para com os estrangeiros e peregrinos foi um dos usos mais importantes dos monastérios naquele tempo. Não temos notícia da existência de locais que pudessem recepcionar e hospedar os viajantes antes do século XI. Os dois únicos edifícios capazes de chamar a atenção dos olhos dos viajantes daqueles dias eram: o castelo fortificado do nobre guerreiro e a abadia dos pacíficos monges. Um representava a guerra, o outro a paz. A religião, o conhecimento e a ciência, encontraram refúgio dentro dos muros dos monastérios. Além disso, era ali também que a verdadeira piedade e devoção agiam, de

forma pacífica, escrevendo, copiando, ou coletando e preservando informações úteis.

"Os beneditinos", nos diz Travers Hill, "foram os depositários da ciência e das artes. Eles juntaram livros e reproduziram os mesmos no silêncio de suas celas, com incansável diligência. Com isso preservaram não apenas cópias dos Escritos Sagrados, mas também de muitas outras obras de escritores clássicos. Foram eles que deram início à arquitetura gótica e eram os únicos que possuíam os segredos da química e das ciências médicas. Eles inventaram muitas cores e foram os primeiros arquitetos e artistas a trabalharem com vitrais, esculturas, além de comporem trabalhos baseados em mosaicos da Idade Média. Tudo isso representava um poderoso sistema que produziu um enorme benefício para toda a humanidade. Mas, como tudo que é fruto do labor humano, acabou sendo contaminado pelo pecado. Podemos notar essa realidade nos seguintes fatos: 1- como uma instituição humana, a mesma tornou-se intoxicada com o seu próprio poder; 2- o esplendor que alcançou era tão intenso que chegou a cegá-la; 3- a corrupção da riqueza despertou a avareza dos abades e a luxúria dos monges; 4- com o tempo perdeu-se a simplicidade e a Regra do fundador já não era mais respeitada pelos responsáveis por cuidarem dos animais, nem pelos estudiosos e nem pelos artistas. A mesma tornou-se um grupo de palavras que eram proferidas de forma mecânica durante a leitura dos capítulos. A casa monástica erguida por Bento desenvolveu sua própria corrupção, e desse estado veio a morte daquela obra."

A impressionante abadia de **Glastonbury** se espalhava sobre uma área de sessenta acres[13]. Antes da queda dos monastérios na Inglaterra, o relatório dos comissários reais acerca da abadia de Glastonbury dizia que eles nunca haviam visto uma casa tão grande, tão boa, e ostentosa; com quatro parques ao redor, um enorme lago para pesca, além de uma capela, um hospital, um tribunal, escolas e a grande casa anexada ao portão principal. Muitas das casas que existem hoje em Glastonbury foram construídas do material retirado daquela que foi um dia uma abadia soberba.[14]

As práticas dos monges posteriores estavam em pleno contraste com aquelas utilizadas pelos anteriores. Em vez de se enclausurarem dentro dos muros das suntuosas abadias para levar uma vida contemplativa, em um curto período de tempo, toda a cristandade foi invadida por uma multidão de monges dominicanos e franciscanos. Esses procediam de todos os países, consequentemente, falavam todos os idiomas e dialetos conhecidos na Europa. Eles começaram a pregar a antiga fé católica, com todo o seu rigor inflexível. Essa pregação alcançou todas as cidades e vilarejos. Seus grandes temas eram: submissão incondicional ao papa e a extirpação de todas as heresias. Em troca os pontífices lhes ofereciam proteção, ao mesmo tempo em que lhes garantiam os maiores privilégios e vantagens. Antes do final do século XIII, o número de monastérios e conventos das chamadas Ordens Menores[15], havia alcançado o surpreendente número de oito mil, e eram habitados por pelo menos duzentas mil pessoas.

***

A Degeneração dos Monges Mendicantes

Logo depois da morte dos fundadores das Ordens dos franciscanos e dos dominicanos, houve uma violenta disputa pela primazia. Os papas do século XIII e dos seguintes séculos procuraram apaziguar a contenda, porém todos os seus esforços fracassaram por causa da inveja e da obstinação de ambos os partidos, que não hesitavam em lançarem acusações, por meio das quais condenavam uma à outra com as mais amargas recriminações. Essas duas grandes Ordens continuaram, por muitos anos, a alimentarem a profunda rivalidade que existia entre elas, e se empenharam ao máximo pelo domínio de todas as cadeiras das universidades cristãs. A batalha mais importante nesse sentido foi aquela travada pelos dominicanos em relação à universidade de Paris. Outro ponto proeminente de grande controvérsia entre os dois grupos e que durou um longo período, tratava da doutrina da **imaculada conceição** da virgem Maria. Essa era uma doutrina favorita dos franciscanos, mas era, ao mesmo tempo, violentamente condenada pelos dominicanos. O famoso **Tomás de Aquino** argumentava a favor da posição defendida pelos dominicanos

quanto a esta questão. Por outro lado, Duns Escoto, versado em dialética, defendia a opinião dos franciscanos. O debate acerca dessa questão prossegue até os dias de hoje. Apesar do papa Pio IX ter pronunciado a imaculada conceição da virgem Maria como um dogma da Igreja Romana, a fraternidade dominicana continua se recusando a aceitar o mesmo. Todavia, a partir da decretação dos chamados Dogmas Marianos pelo papa Pio XII, a imaculada conceição tornou-se um artigo de fé da Igreja Romana. Com isso, crer na imaculada conceição de Maria tornou-se obrigatória se o católico deseja alcançar a salvação oferecida por Roma. Os grandes privilégios que haviam sido concedidos pelos papas a ambas as Ordens, logo se manifestaram como um meio para sua rápida decadência; precisamente a circunstância de terem alcançado em tão curto tempo uma posição tão destacada na cristandade, foi fatídica para eles.

Quando Boaventura, por volta de 1256 tornou-se o superior geral dos franciscanos, ele descobriu que os mesmos estavam sendo infiéis aos seus votos de pobreza absoluta. As ardentes afeições de Francisco pela pobreza, não haviam sobrevivido entre seus seguidores. No entanto, sob a direção prudente do novo superior, uma tranquilidade relativa foi mantida durante sua vida. Depois da morte de Boaventura, que aconteceu em 1274, as desavenças ressurgiram tão violentas quanto antes. De fato, essas Ordens mendicantes, para não dizermos satânicas, foram responsáveis pelas maiores disputas, dissensões e confusões em praticamente todos os países da Europa nos próximos séculos, até o período da Reforma Protestante. Todas as classes de pessoas, tanto da igreja quanto do Estado, tiveram que sofrer por causa do orgulho e da arrogância delas, uma vez que as mesmas eram consideradas as mais fiéis servidoras e representantes da Sé Romana.

A seguir apresentamos um curto relato que foi escrito por volta de 1249 por **Mateus de Paris**, um monge beneditino de Albano. O mesmo irá colocar diante de nossos leitores as verdadeiras características e caminhos dessa Ordem de mendicantes. A descrição não é de forma nenhuma exagerada, apesar de Mateus pertencer à velha aristocracia da Ordem beneditina, e ser bem possível que nutrisse algum desprezo por seus novos e

democráticos irmãos. A solidão, a separação, a cela solitária, a capela particular e o corte de toda e qualquer comunicação com o mundo de fora, eram as características da velha Ordem. O que reproduzimos a seguir é um exemplo da nova Ordem, daquilo que prevalecia na Inglaterra no século XIII.

"É um presságio terrível — um verdadeiro horror — que durante trezentos anos, ou mesmo quatrocentos ou mais anos, as velhas Ordens monásticas não tenham degenerado, tão completamente, como aconteceu com essas fraternidades em um período de apenas quarenta anos. Na Inglaterra, esses monges mendicantes possuem residências tão luxuosas quanto são os palácios dos nossos reis. Esses são aqueles que dia a dia alargam seus suntuosos edifícios, cercando-os com altos muros, ao mesmo tempo em que acumulam no interior dos edifícios, tesouros incalculáveis. Com isso transgridem de forma inescrupulosa os votos de pobreza e violam, de acordo com a profecia de Hildegarda de Bingen, os próprios fundamentos da Regra que professaram obedecer. São esses que, impelidos pelo amor ao dinheiro, forçam, com violência, o acesso ao leito de morte dos senhores ricos, poderosos e nobres. Eles ofendem todos os direitos dos verdadeiros pastores do povo. Eles extorquem confissões e testamentos secretos sob a alegação que, tanto eles quanto a sua Ordem, possuem uma superioridade que vai muito além da dos outros. Dessa maneira, nenhum dos fiéis acredita agora que possa ser salvo, a menos que tenha sua vida guiada e dirigida por um desses pregadores ou monges menores. Ansiosos por obterem privilégios, eles servem nas cortes dos reis e nobres como conselheiros, mordomos, tesoureiros, padrinhos de casamentos, entre outros. São eles que executam todas as extorsões papais. Em suas pregações, algumas vezes, usam um tom da mais baixa bajulação, enquanto outras vezes, da mais aguda censura. São inescrupulosos revelando as confissões secretas, trazendo à luz as acusações mais infundadas. Eles desprezam as Ordens legítimas, aquelas que foram fornecidas pelos santos pais, São Bento e Santo Agostinho, bem como a todos que se confessam a elas. Eles colocam sua própria Ordem acima de todas as outras. Normalmente olham para os cistercienses como homens rudes e

simples, mais próximos dos leigos e dos homens comuns do campo."[16]

---

[1] O livro assim chamado contém os cânticos de petição que são entoados em determinadas horas nos mosteiros. Esses cânticos são constituídos de salmos; parte da Sagrada Escritura, do Antigo e do Novo Testamento; extrato dos pais da Igreja, entre outros.

[2] Somente no ano 1834 a Inquisição foi dissolvida definitivamente na Espanha; e na Itália somente em 1859. Ver também *Encyclopedia Britannica*, "Inquisition", vol. 12, p. 283. Lorente´s *History of the Inquisition*. Gardner´s *Faiths of the World*. Milman, vol. 5, p. 16.

[3] Historiador espanhol (1756–1823), conhecido pela sua "História Crítica da Inquisição Espanhola".

[4] Ver vol. 1, pp. 282–291.

[5] Trata-se, provavelmente, de São Martinho de Tours, um dos santos da Igreja Romana que possui a honra de ter a maior quantidade de igrejas e capelas construídas em sua memória do que todos os outros santos católicos.

[6] *Latin Christianity*, vol. 1, p. 426. Hill´s *English Monasticismo* p. 71. Gardner´s *Faiths of the World*, vol. 1, p. 318. Neander, vol. 3, p. 351.

[7] Marsden´s *Dictionary of Christian Churches and Sects*, p. 635.

[8] Para uma lista dos nomes e países desses convertidos, incluindo muitos detalhes, sugerimos a leitura de: *English Monasticism*, por O´Dell Travers Hill, p. 101. Ver também *Enclyclopedia Britannica*, vol. 4, p. 562. Os *números* não coincidem nas duas obras. Mas como *English Monasticism* foi publicado em 1867, preferimos aceitar as informações oferecidas nele.

[9] Marsden´s *Christian Sects*.

[10] Uma coletânea de prescrições e explicações sobre a aplicação das diversas formas e rituais da Igreja Católica. Por um longo tempo, vários livros de rituais estavam em uso, até que o papa Paulo V, no ano de 1614, criou um ritual único, obrigatório para toda a igreja, chamado *Rituale Romanum*.

[11] Dean Milman, vol. 4, p. 243. J. C. Robertson, vol. 3, p. 363.

[12] Ver "Reflections on the Principles of Asceticism", *Short Papers*, vol. 1, p. 434.

[13] Cada acre corresponde a 4.046 m².

[14] Johnston´s *Gazetteer*.

[15] Por modéstia, os franciscanos se atribuíram o nome de "*Fratres Minores*" (Irmãos Menores).

[16] Milman, vol. 4, 276; Mosheim, vol. 2, p. 523.

Capítulo 27

APROXIMA-SE O ROMPER DA AURORA DA REFORMA PROTESTANTE

Séculos antes de Lutero fixar suas teses na porta da igreja em Wittenburg, o Senhor estava preparando tanto as nações quanto os indivíduos para as conquistas que resultariam daquela grandiosa obra. O enfraquecimento do poder papal e a crescente coragem das testemunhas de Cristo, já anunciavam aquilo que se aproximava. O papado havia jurado destruir todos os transgressores. A imoralidade ou o paganismo podiam ser ignorados, ou sofrer apenas uma pequena censura. Mas a heresia ou a divisão — em outras palavras *qualquer forma* de discordância com a Igreja Romana — precisava, necessariamente, ser exterminada através do fogo e da espada. Ao mesmo tempo, todos os hereges estavam condenados por sentenças pontifícias à perdição eterna.

Durante o longo reinado do terror papal, os verdadeiros santos de Deus testemunharam e profetizaram vestidos com panos de saco. Mas a *linha dourada* da graça soberana foi preservada intacta desde os dias dos apóstolos, sob as asas protetoras do Deus vivo. O Senhor preservou suas testemunhas, do dragão devorador, em lugares secretos sobre a terra. Montanhas, vales e cavernas foram usados por Deus, da mesma maneira que muitos monastérios e calmos conventos que existiam nas mais remotas regiões da cristandade.

Todavia, antes de qualquer coisa, acreditamos ser interessante trazer novamente à memória, o estado em que o cristianismo se encontrava em alguns dos países que já tivemos a oportunidade de estudar. Dessa maneira, iremos encontrar e seguir a longa linha de

testemunhas, que acabará nos levando até os dias do próprio Lutero. Em primeiro lugar, queremos notar a condição do cristianismo na Irlanda.

***

O Cristianismo na Irlanda

Muitos séculos se passaram desde que olhamos para as condições enfrentadas pelo cristianismo na Irlanda. **São Patrício**, que morreu por volta de 461, deixou para trás um grupo de homens dedicados e bem instruídos. Esses tinham uma grande admiração pelo seu falecido mestre e se empenharam em seguir nos seus passos. A fama da Irlanda por causa dos seus monastérios, escolas missionárias, e como local de ensino puro das Escrituras, atingiu um ponto tão elevado, que a mesma recebeu a nobre designação de “a Ilha dos Santos”. Através do testemunho de Bede, aprendemos que por volta da metade do século VII, muitos dos nobres anglo-saxões associados ao clero se dirigiram para a Irlanda. O propósito deles era o de buscar instrução ou a oportunidade de viver em monastérios que adotavam uma linha mais severa na disciplina.

Já tivemos a oportunidade de notar os labores do clero irlandês como missionários. Os pobres monges de Iona deviam sua origem como comunidade cristã, à pregação do missionário irlandês Columba. A Inglaterra, a França, a Alemanha, os Países Baixos e diferentes partes do continente europeu, são imensamente devedores aos missionários irlandeses, pelo primeiro contato com a verdade divina. O próprio Carlos Magno, um homem acostumado com as letras, convidou para sua corte vários eminentes estudiosos de diferentes países, mas especialmente da Irlanda. Por muitos anos, a Irlanda manteve sua independência de Roma, rejeitando todo o controle estrangeiro. Os irlandeses reconheciam apenas a pessoa de Cristo como o Cabeça da Igreja. Todavia, a invasão dos dinamarqueses, que aconteceu no início do século IX, e a consequente ocupação do país, acabaram por extinguir a luz do Evangelho e provocar mudanças profundas no caráter da “Ilha dos Santos”. Os bandos de piratas vindos da Escandinávia, com suas atitudes predatórias destruíram os campos, mataram os jovens, tomaram a terra, demoliram as escolas e permaneceram no país

com crueldade e arrogância, comum aos usurpadores. Uma escuridão espiritual, moral e literária acompanhou a invasão e preparou o caminho para o romanismo. Até a invasão, as instituições religiosas e os labores dos membros do clero constituíam os temas principais da história da Irlanda. A partir de então, essa mesma história foi marcada por revoluções internas, instabilidades políticas, crimes e desolações.

Muitas tentativas foram feitas pelos pontífices romanos, com o intuito de submeter a **igreja irlandesa** à Sé Romana, mas sem sucesso, até o reinado do papa Adriano IV (1154–1159). Ele era um inglês cujo nome era Nicolas Breakspear. Nascido em uma família pobre e desconhecida, Nicolas se tornou um monge em Albano. Depois disso foi elevado, através das revoluções dos acontecimentos da história, ao posto mais alto da dignidade pontifícia. Tendo progredido de maneira súbita, da indigência para a mais sofisticada opulência; seu orgulho e arrogância eram extremos. Ele sentiu-se grandemente ofendido quando o imperador Frederico Barbarossa se omitiu em segurar os estribos do seu cavalo para que pudesse desmontá-lo e, por esse motivo, recusou-se a dar-lhe o beijo da paz. Frederico declarou que a omissão era resultado da sua ignorância. Depois disso, o imperador se submeteu a vontade de Sua Santidade, foi perdoado e recebeu o beijo da reconciliação.

Entre os primeiros atos do seu breve pontificado, encontramos sua vontade de assumir a autoridade sobre a Irlanda, transformando-a em um presente para Henrique II, rei da Inglaterra. A base na qual o papa se apoiava para ter o direito de fazer tal doação foi expressa da seguinte maneira: “É inegável, e Vossa Majestade sabe disso, que todas as ilhas sobre as quais Cristo, o sol da justiça tem brilhado e que receberam a fé cristã, pertencem por direito a São Pedro e a mais santa Igreja Romana”. Em virtude desse presumido direito, ele autorizou Henrique a invadir a Irlanda, com os seguintes objetivos: 1- Estender o domínio da igreja; 2- Aumentar o domínio da religião e da virtude; 3- Erradicar o joio, representado pelos vícios, do jardim do Senhor. Tudo isso sob a condição de que uma moeda de um centavo fosse recolhida de cada casa e enviada para a Sé em Roma. Desse período em diante, ano 1155, a igreja irlandesa tornou-se, essencialmente, romana em

suas doutrinas, constituição e disciplina. Muito antes da Reforma, cerca de seiscentos monastérios que pertenciam a dezoito ordens diferentes, foram espalhados através do país. Monges vestindo túnicas[1] pretas, brancas, vermelhas e cinzas, cobriram o país como verdadeiros enxames. Esses tinham a seu cargo a responsabilidade de ministrar a um povo ignorante e fácil de ser enganado. Em 1172, Henrique II completou a sua conquista do país. Uma assembleia do clero irlandês foi reunida na cidade de Waterford, a qual se submeteu aos decretos papais. Essa assembleia concedeu a Henrique o título de soberano dominador da Irlanda, e fez um juramento de fidelidade ao rei e aos seus sucessores. Depois desses acontecimentos, um rápido declínio marcou a história da igreja na Irlanda. A famosa espiritualidade e inteligência, que haviam caracterizado o país nos dias anteriores, desapareceram por completo. Houve tempos em que a Irlanda possuía trezentos bispos. Ao romper da aurora da Reforma Protestante, acreditamos que esse número era menor do que trinta. Invejas, contendas e rebeliões mancharam com sangue, completamente, todas as páginas da sua história, tanto civil quanto eclesiástica, do século IX até os dias de hoje.[2]

***

O Cristianismo na Escócia

Já tivemos a oportunidade de observar que o clero romano experimentou grande dificuldade em se estabelecer na Escócia de forma permanente. Os p**obres monges de Iona** — que abriam mão de todas as honras a favor do serviço que deveriam prestar — continuaram por séculos resistindo a todas as tentativas do papado, preservando a independência de suas posições. Roma investiu todos os seus esforços com o objetivo de esmagar e exterminar esses monges. O que motivava Roma era o fato de que aqueles monges se guiavam pela Palavra de Deus, como fizeram os reformadores dos dias posteriores. Para eles, apenas a Palavra de Deus servia como o único guia e autoridade, em todas as questões relacionadas à fé e a prática. Até mesmo o próprio Bede, o monge historiador, admite de forma sincera, que “Columba e seus discípulos aceitavam apenas aquilo que estava contido nos escritos

dos profetas, evangelistas e apóstolos. A intenção dos monges era imitar as obras de piedade e virtude ensinadas nas Escrituras". Todavia, Roma conseguiu finalmente triunfar sobre os monges fiéis. Oprimidos por longos anos, bastante diminuídos em número, com suas energias enfraquecidas através das feitiçarias de Jezabel, os monges desapareceram do cenário. Como resultado disso, a Escócia foi outra vez encoberta por trevas e por trevas e superstições. Muitos monastérios surgiram rapidamente, e em pouco tempo podiam ser vistos por toda a Escócia. Com o passar do tempo alcançaram o topo da riqueza e do poder, que era maior do que em qualquer outra parte da Europa, e chamam a nossa atenção e merecem ser brevemente examinados.

Esse hábito de enriquecer as igrejas começou com Carlos Magno. Alfredo, o Grande, imitou o seu exemplo, e logo toda a cristandade estava infectada por esta superstição. Na pessoa de Margarida, a princesa dos saxões, o costume foi levado para as terras do norte. A invasão e a conquista da Inglaterra pelos normandos, e o estabelecimento de uma nova dinastia naquele país, produziu muitos e importantes efeitos na história da igreja na Escócia. Inúmeros saxões que habitavam na Inglaterra fugiram para a Escócia, com o objetivo de escapar de seus novos senhores normandos. Entre esses se encontrava Margarida, que se tornou a esposa do rei escocês, chamado Malcolm III. Ela foi a mãe de Alexandre I, um vigoroso e poderoso príncipe; e de Davi I, que foi um hipócrita apoiador do romanismo. A vida piedosa, caridosa e ascética de Margarida, é celebrada com entusiasmo por seu confessor e biógrafo Turgot, um monge de Durham e bispo de Santo André. Malcolm, animado pelo espírito devotado de sua amada esposa, fez algumas doações para a igreja. Mas foram as generosas ofertas reais feitas pelo seu filho Davi I, para o enriquecimento dos bispados e das abadias, que foi recompensado com grande louvor por todos os escritores monásticos. Ainda assim, Tiago I se refere a ele como "uma santa ferida para a coroa". De qualquer maneira, a superstição extravagante de Davi I tendeu, não apenas a empobrecer a coroa, mas também a lançar pesados impostos que oprimiam todo o povo. "Ele fundou os bispados de Glasgow, Brechin, Dunkeld, Dunblane, Ross e Caithness. Tamanha

liberalidade também fez surgir um grande número de abadias, priorados e conventos. Com isso, monges de todas as Ordens, vestindo túnicas de todas as cores, ocuparam a terra como verdadeiros enxames de gafanhotos."[3]

A civilização superior dos refugiados anglo-saxões, com sua característica lealdade à hierarquia inglesa, influenciou grandemente o estabelecimento dos mesmos na Escócia. O **elemento celta** estava oprimido, enquanto a corte assumia um tom e um caráter inglês. Somos informados que a partir desse período, um fluxo de colonizadores saxões e normandos se dispersou por toda a Escócia. Rapidamente eles adquiriram todas as terras dos distritos mais férteis de Tweed até o estuário de Pentland. São desses colonos que descendem todas as famílias nobres que encontramos na Escócia. Esses novos proprietários, seguindo o exemplo da monarquia, fizeram vultosas contribuições para a igreja. A paixão para fundar e enriquecer monastérios tornou-se tão grande, que muito antes da Reforma já existiam mais de cem monastérios espalhados pelo país, assim como mais de vinte conventos para receberem as freiras.

Um breve esboço de dois ou três desses mosteiros pode ser algo do interesse do leitor. Ele também servirá para nos mostrar o estado em que o país se encontrava depois que a hierarquia romana introduziu essas práticas no meio de um povo simples e primitivo. As estatísticas a seguir são tiradas do livro de história de Cunningham.

***

A Riqueza das Abadias na Escócia

Jedburgo é uma das mais nobres abadias encontradas na Escócia. Ela era controlada pelos monges de túnicas vermelhas. Entre as doações feitas para a mesma, por meio de sucessivos benfeitores dedicados, nós encontramos: o dízimo da caçada real na região de Teviotdale; uma casa em Roxburgo; uma casa em Berwick; terras de pastagem para o gado dos monges entre as terras do próprio rei; madeira retirada da floresta real, de acordo com as necessidades dos monges; a receita de um moinho — paga em grãos — advinda do serviço de moagem de todos os habitantes

de Jedburgo. Além disso, a abadia recebeu: os direitos sobre uma bacia salina* perto de Stirling; a isenção do pagamento de qualquer imposto sobre a produção dos tonéis de vinho; o direito à pesca do salmão em Tweed; terras de variadas qualidades e dimensões com direitos feudais, incluindo inúmeras igrejas paroquiais com seus dízimos e outras rendas de origem diversa. Os monges seguiam a Regra de Santo Agostinho, que os obrigava a dedicar a primeira parte do dia aos trabalhos manuais. O resto do dia era dedicado à leitura e às devoções pessoais.

Paisley – A *abadia de Paisley* era, nos tempos antigos, uma das mais ricas instituições eclesiásticas de toda a Escócia. Ela foi fundada por Walter Fitz-Alan, que era o mordomo chefe da corte, por volta do ano 1160. A mesma foi oferecida aos monges da Ordem de Cluny que seguiam a Regra de São Bento. Primeiramente, a abadia estava localizada em Renfrew, mas depois a mesma foi mudada para Paisley. Por essa ocasião a abadia recebeu grandes doações, pela liberalidade dedicada de sucessivos mordomos chefes, bem como dos grandes senhores de Lenox e das ilhas próximas ao continente. No século XIII esses monges já possuíam trinta igrejas paroquiais das quais coletavam volumosas ofertas. Eles eram também donos de dois terços de todo o território da extensa área ocupada pela paróquia de Paisley. Terras dos mais variados tipos e áreas demarcadas em praticamente todos os distritos do oeste da Escócia se encontravam sob o domínio dos mesmos. Além do mais, os mordomos reais haviam concedido aos monges o dízimo de suas caçadas, e as peles de todos os cervos abatidos nas florestas ao redor. Também lhes foram doadas extensas porções de pastos para o gado que possuíam, um moinho em Paisley, uma rede para a pesca de salmão na cidade de Clyde, na região de Renfrew, e uma licença de pesca na região de Lochwinnoch. Tinham, além do mais, a liberdade de extrair pedras de construção e outros tipos de pedras, na região de Blackhall e outras partes. Os monges dessa abadia também tinham o direito de cavar em busca de carvão mineral ou fazê-lo de árvores mortas — para uso nos próprios mosteiros ou nas granjas, forjarias, etc. — e de cortar capim para cobrir o carvão para mantê-lo seco. Podiam

também cortar madeira verde para os seus monastérios, celeiros e para todas as atividades relacionadas com a agricultura e a pesca.

Assim viviam os monges e esses eram os direitos que possuíam naqueles dias. Eles podiam muito bem se regozijar na abundância de todas as coisas boas da vida. Todavia, o sacerdote paroquial, por mais estranho que pareça, estava abandonado ao mais completo estado de pobreza e dependência. Os bispos e as instituições religiosas se apropriavam das receitas das paróquias. Dessa maneira, uma receita mínima ficava reservada para o pároco local. Todo esse dinheiro servia para engordar os monges preguiçosos, os quais, independente das virtudes que haviam possuído originalmente, eram agora motivo de escândalo para a igreja. Nos dias da Reforma Protestante, das milhares de paróquias que existiam na Escócia, cerca de setecentas haviam sido tomadas pelos bispos e por suas instituições religiosas. Mas durante o início século XII, aconteceu uma divisão mais eficiente e regular do país em paróquias e dioceses.

Alguns dos nossos leitores podem estar se perguntando por qual motivo, durante o século XII, mas especialmente durante o século XIII, os reis e os nobres da terra se empenharam em enriquecer a igreja. A questão é que muitos fatos se combinaram para levar a esse estado de coisas. Os tratados feudais daqueles dias eram assinados pelos reis com um “X”, uma vez que os mesmos não sabiam escrever nem o próprio nome. De modo semelhante, todos os súditos eram rudes, ignorantes e supersticiosos. Os clérigos eram tidos em alta reputação, como temos notado com frequência em nossa história, pois se imaginava que eles eram possuidores de uma santidade superior por causa do fervor mais intenso em suas devoções e pela maior austeridade em suas vidas. Tudo isso chamava a atenção e fazia com que os monges ganhassem a veneração das massas crédulas e supersticiosas daqueles dias. Além disso, qualquer doador recebia a segurança de que sua doação iria garantir o descanso seguro de sua alma após a morte, o que naqueles dias era sinônimo de vida eterna. Foi através desses meios de grande hipocrisia religiosa que o clero conseguiu alcançar os mais altos níveis de riqueza e poder. Os homens ricos da terra passaram a adorar os próprios monges e construíram para eles

belas casas, cujas ruínas atraem o interesse dos turistas e causam grande admiração até os nossos dias.[4]

***

Os Efeitos da Riqueza sobre o Clero

Antes da Reforma Protestante, de acordo com as narrativas mais dignas de confiança, a maior parte da riqueza da Escócia estava nas mãos do clero. Pior do que isso, a grande maioria dessa riqueza era controlada pelas mãos de uns poucos indivíduos. O efeito de tal estado de coisas, como acontece em todas as épocas e países, foi a corrupção completa da ordem clerical, e de todo o sistema religioso. “A avareza, a ambição e o amor pela pompa secular eram predominantes entre as Ordens superiores. Bispos e abades rivalizavam com a mais alta nobreza em magnificência e até mesmo a superavam em honras. Eles eram conselheiros privados e tinham a função de verdadeiros senhores nas sessões administrativas, bem como nas do parlamento. Durante décadas, esses homens engrossaram as principais fileiras dos oficiais do Estado. Um bispado ou abadia cuja cadeira principal estivesse vaga era disputada por poderosos competidores, que contendiam pela mesma com uma ferocidade semelhante com que disputavam um principado ou um pequeno reino. Benefícios inferiores eram abertamente colocados à venda ou atribuídos a indivíduos iletrados e indignos, que representavam papéis menores na corte. Muitos desses não passavam de filhos naturais dos bispos, de aventureiros ou outros desocupados. Os bispos nunca, independente da ocasião, se dignavam a pregar um sermão. Do surgimento do episcopado regular escocês até a era da Reforma Protestante, a história menciona apenas um registro em que um bispo tenha pregado um sermão. Esse foi o bispo Gavin Dunbar, arcebispo de Glasgow, cujo propósito foi o de excluir o reformador **George Wishart**.”

A vida do clero, corrompida pela riqueza e ignorância, tornou-se um enorme escândalo para a religião. Ao mesmo tempo, as mesmas eram um ataque violento à decência. É isso que nos impede de copiar aqui para as nossas páginas, uma descrição feita por um dos mais judiciosos* historiadores daqueles dias. Todavia, todos os historiadores concordam, tanto católicos como

protestantes, que os monastérios e todas as instituições religiosas se tornaram locais onde a superstição e a preguiça eram incentivadas e nutridas. Por fim, tais lugares tornaram-se antros* das maiores imoralidades e perversões imagináveis. Ainda assim, era considerada uma verdadeira impiedade e sacrilégio falar em termos de reduzir o número das mesmas ou de cortar suas receitas. “O reino estava entulhado de monges ignorantes, preguiçosos e imorais, os quais, como verdadeiros gafanhotos devoravam os frutos da terra, e infectavam o ambiente como uma verdadeira peste. Não havia distinção entre os monges no que diz respeito se vestiam túnicas pretas, cinzas, brancas ou vermelhas. Encarregados de catedrais, monges carmelitas, cartusianos, cordelianos, dominicanos, franciscanos enclausurados e externos; jacobinos, premonstratenses, monges de Tyrone e de Vallis Caulium; hospitalares ou Cavaleiros Santos de São João de Jerusalém (Templários), freiras de Santo Austin, Santa Clara, Santa Escolástica e Santa Catarina de Siena, com madres superioras dos mais variados clãs, estavam completamente contaminados.”[5]

Sem um conhecimento adequado do verdadeiro estado da cristandade antes da Reforma Protestante, será impossível fazer uma avaliação justa da necessidade e importância dessa mais misericordiosa revolução. Olhando para trás, depois de tantos séculos, é realmente muito difícil acreditarmos que tão enormes abusos prevaleciam na igreja daqueles dias. Das verdadeiras doutrinas do cristianismo, praticamente nada permanecia senão o nome. Ao mesmo tempo, cremos firmemente que o Senhor sempre manteve um remanescente — suas verdadeiras testemunhas, que lamentavam os caminhos perversos e a intolerância da igreja arrogante e dominadora. O próprio Senhor em Sua carta dirigida à igreja em Tiatira (Ap 2:18-29) fala de um remanescente que já estava separado da corrupção de Jezabel. As boas obras desse remanescente aumentavam na mesma proporção em que as trevas tornavam-se mais densas. “Eu conheço as tuas obras, e o teu amor, e serviço, e fé, e a tua paciência, e que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras” (v. 19). As vidas, a fé e as obras desse remanescente estavam, sem sombra de dúvidas, alinhadas com a Palavra de Deus. Mas essa mesma circunstância os mantinha na

obscuridade e, por isso, notamos a ausência dos mesmos nas páginas da história. A *linha dourada* da soberana graça de Deus não pode nunca ser interrompida. Por isso sabemos que dezenas de milhares saídos da idade das trevas irão refletir a glória de Sua graça para sempre. De maneira silenciosa eles cumpriram sua missão pacífica e do mesmo modo passaram pelo cenário terrestre. Todavia, eles não deixaram um registro de seu trabalho de amor nas páginas da história. O mesmo não aconteceu com os orgulhosos, os ambiciosos, os fanáticos, os hipócritas e com todos aqueles que possuem algum tipo de destaque nas páginas da história eclesiástica. Mas existe outro tribunal, além daquele representado pelo da história, diante do qual todos nós teremos que comparecer. Nesse tribunal seremos medidos pelos padrões do próprio Deus.

Vamos agora retornar ao nosso tema — o estado da religião na Escócia antes da Reforma Protestante.

***

O Papado como um Sistema

A Palavra de Deus, que é capaz de tornar os homens sábios para a salvação foi banida das mãos do povo. Até mesmo os bispos não se sentiam envergonhados em confessar que nunca, em toda a sua vida, haviam lido qualquer parte das Sagradas Escrituras. Única exceção era feita aos textos que encontravam em seus missais*****. O serviço religioso estava envolto em uma linguagem morta. Nem mesmo a maioria dos próprios sacerdotes podia entendê-la. Poucos podiam ler a mesma. O cuidado para que as pessoas não tivessem acesso à informação era tão exagerado, que até mesmo catecismos compostos e aprovados por membros do clero eram proibidos para os leigos. O ofício da missa era apresentado como o meio de se alcançar o perdão para os pecados dos vivos e dos mortos. Com isso as consciências dos homens eram afastadas do precioso, verdadeiro e completo sacrifício feito pelo Senhor Jesus Cristo. O povo era levado a confiar na ilusória absolvição oferecida pelos sacerdotes, no perdão concedido pelo papa e na prática das penitências voluntárias.

“As pessoas eram ensinadas”, nos diz um importante historiador e biógrafo de **João Knox**, “que se elas rezassem suas Aves Maria e

credos apostólicos, confessassem seus pecados a um sacerdote, pagassem pontualmente seus dízimos e outras ofertas, pagassem uma missa, seguissem em uma procissão para o santuário de algum santo famoso, evitassem o consumo de carne vermelha às sextas-feiras ou praticassem qualquer outro ato prescrito de mortificação do corpo, então, sua salvação estaria assegurada de modo infalível, no tempo determinado por Deus. Por outro lado, aqueles que possuíssem bens terrenos deveriam ser tão piedosos a ponto de construir uma capela ou um altar e oferecer ofertas generosas para o sustento de um sacerdote, a fim de que o mesmo pudesse rezar missas, ofícios e cânticos fúnebres com o objetivo de conseguir um alívio das penas do purgatório para si próprio ou para seus parentes. O alívio prometido era na mesma proporção da liberalidade com que as pessoas contribuíam. É muito difícil para compreendermos quão vazias, ridículas e infames eram essas práticas oferecidas pelos monges através dos seus sermões. Esses costumavam incluir: histórias lendárias a respeito do fundador de alguma Ordem religiosa, sua santidade maravilhosa, os grandes milagres que havia praticado, seus combates face a face com o Diabo, suas vigílias, jejuns, flagelações; as virtudes da água benta, da crisma, do sinal da cruz e do exorcismo; os horrores do purgatório e o enorme número de almas libertadas do mesmo pela intercessão de algum santo poderoso. Esses eram os assuntos favoritos ao redor das mesas durante as refeições ou quando as pessoas se reuniam próximas da lareira. Essas mentiras eram os tópicos favoritos que os pregadores costumavam servir ao povo em vez do puro, salutar e sublime ensinamento do Evangelho.

As camas dos moribundos eram cercadas e seus últimos momentos cheios de perturbação. Tudo isso praticado por sacerdotes avarentos que se empenhavam em extorquir o moribundo, para que fizesse doações a favor deles ou da igreja. Não satisfeitos com a cobrança dos dízimos daqueles que estavam vivos, uma exigência era feita sobre os recém-falecidos. Mal o pobre indivíduo havia dado o seu último suspiro e o ganancioso vigário surgia para receber seu *corpo presente*[6] — que consistia em algum tipo de presente do defunto ao vigário, o qual recolhia o mesmo tantas vezes quanto a família fosse visitada pela morte. A

perseguição e a supressão de todas as liberdades de questionamento eram as únicas armas mediante as quais aqueles que apoiavam o romanismo conseguiam defender um sistema tão corrupto e impostor. Todas as estradas pelas quais a verdade pudesse entrar eram cuidadosamente guardadas. O conhecimento foi estigmatizado como parente da heresia. Qualquer pessoa que alcançasse um nível de conhecimento em meio às trevas da ignorância generalizada, e começava a dar sinais de insatisfação com respeito à conduta dos clérigos e a propor a correção dos abusos, era imediatamente estigmatizado como um herege. Caso não buscasse garantir sua própria segurança fugindo, o mesmo era aprisionado em um calabouço ou queimado vivo em uma fogueira. Mesmo quando finalmente, apesar de todas as suas precauções, ainda assim a luz que brilhava ao redor conseguiu romper as trevas e se espalhar através da nação, o clero se preparou para adotar as mais desesperadas e sangrentas medidas visando sua extinção."

Não será necessário traçar a origem e o progresso do papado em outros países. A apresentação que oferecemos acima acerca das condições existentes na Escócia, do século XIII até o século XVI, é suficiente para ilustrar o estado geral em que se encontrava toda a Europa. O sistema papal é o mesmo em todas as épocas e age da mesma maneira em todos os países. Seu dogma supremo tem sido sempre a unidade da Igreja Católica Romana. Seja na vizinhança próxima a Roma ou nas distantes regiões do norte, seu espírito é o mesmo. E assim deverá se manter até que chegue o seu fim, através do julgamento direto do Deus que habita nos céus. O mesmo tanto que ela se glorificou a si mesma e as delícias que viveu, lhe será dado em tormentos e prantos; porque diz em seu coração: "Estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto. Portanto, num dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga" (Ap 18:7-8).

***

A Propagação do Cristianismo

Começando nos dias de Inocêncio III, os escritores católicos romanos costumam se orgulhar do zelo missionário das Ordens

mendicantes. Elas são referidas como as mais assíduas em visitar as prisões, os hospitais e os lugares de risco iminente. Também são louvadas por cuidarem das necessidades espirituais dos pobres e por serem os servos mais ativos da igreja na propagação do cristianismo entre as nações mais remotas e selvagens. De fato, parece ter sido esse o caso durante os séculos XIII e XIV. Todavia, o todo da história também prova que esses mendicantes foram de igual modo, os mais zelosos agentes da santa Sé nos mais ambiciosos projetos e nas mais perversas práticas através de toda a cristandade. Por esses motivos, é muito difícil lhes darmos crédito por um zelo cristão puro. Pelos métodos que utilizavam e os resultados que seus esforços missionários alcançaram, fica óbvio que o objetivo principal que essas Ordens tinham era o avanço da própria Ordem ou a extensão da soberania papal. Ainda assim, acreditamos que havia homens piedosos entre eles, animados por motivos nobres e trabalhadores que se empenhavam com devoção desinteressada. Mesmo sabendo que os vícios eram notórios entre os mendicantes em geral, devemos ser gratos em poder registrar todo o bem que eles porventura tenham feito.

Dos dias das guerras religiosas de Carlos Magno até as batalhas de extermínio ocorridas na região de Languedoc, os **missionários romanos**, geralmente, pregavam um Evangelho de paz marchando na frente dos exércitos comandados pelos bispos. Com isso conseguiam abrir caminho para que as populações fossem massacradas pela espada. Todavia, no século XIII, bandos de missionários piedosos, tanto dominicanos quanto franciscanos foram enviados pelos pontífices romanos para pregar o Evangelho aos chineses, aos tártaros e aos países adjacentes. Grande número de indivíduos dentre essas nações professaram a fé cristã. João de Montecorvino, um franciscano, distinguiu-se por seus trabalhos bem sucedidos. Por este motivo, em 1307, Clemente V implantou um arcebispado na cidade de Cambaluc (atualmente Pequim) a moderna capital da China. Esse mesmo papa enviou sete outros bispos, todos franciscanos, para aquelas regiões. Com isso, o poderoso braço da hierarquia romana passou a ter considerável influência no Oriente. Por esse motivo, o mesmo foi cuidadosamente nutrido por sucessivos papas. “Enquanto o Império Tártaro

continuou a existir na China, tanto os latinos quanto os nestorianos tinham plena liberdade de professar sua forma de religião por todas as regiões do norte da Ásia, propagando-a de forma abundante e abrangente. Entretanto, o mais poderoso imperador dos **tártaros**, chamado *TimurBec*, tendo abraçado o maometismo perseguiu com violência e com espada todos aqueles que professavam a fé cristã. A nação dos tártaros, que uma vez havia professado o cristianismo em grande número, agora se submetia completamente ao Alcorão. Dessa maneira, a religião cristã foi derrotada naquelas partes da Ásia, habitada por chineses, pelos tártaros, pelos mongóis e outras nações cuja história não conhecemos muito bem. Nenhuma menção pode ser encontrada que faça referência a cristãos latinos residindo nesses países em datas subsequentes ao ano 1370. Quanto aos nestorianos que viviam na China, alguns traços podem ser encontrados, ainda que pouco claros, até o século XVI."

Entre os príncipes europeus, apenas Ladislau II, duque da Lituânia, que governava a **Polônia** naqueles dias, foi praticamente o único a se manter fiel à idolatria dos seus ancestrais. Todavia, quando no ano 1386 ele abraçou os ritos cristãos e foi batizado, então persuadiu seus súditos a fazerem o mesmo. Todos os resquícios das antigas religiões que existiam na Prússia e na Livônia[7] foram extirpados pelos cavaleiros teutônicos e pelos cruzados através de guerras e massacres. Na Espanha, os sarracenos controlavam as regiões de Granada, Andaluzia e Múrcia. Foi contra eles que os reis cristãos de Castela, Aragão e Navarra fizeram guerras permanentes. Apesar das muitas dificuldades, esses reis acabaram triunfando e se tornaram os únicos senhores da Espanha no século XV, sob o reinado de Fernando de Aragão e Isabel de Castela.[8]

***

Reflexões Sobre a História do Papado

Até agora temos traçado, mesmo que de forma abreviada, a origem, o progresso, e a magnífica posição alcançada pelo sistema papal. O ponto mais alto foi atingido através das grandes habilidades de Inocêncio III. O fato que a mesma está repleta de variadas e muitas contrariedades e contradições, demonstram bem

sua maravilhosa e misteriosa história. Agora queremos nos concentrar em refletir acerca de suas hipocrisias e tiranias, de sua pretensa piedade e a crueldade marcante dessa mulher chamada Jezabel. Foi essa mulher que enviou seus filhos prediletos, nos primórdios da igreja, para habitarem solitários em cavernas nas montanhas ou enclausurados em mosteiros secretos. Sua alegação era de que assim, eles poderiam contemplar de forma pacífica a glória de Deus e serem transformados em Sua imagem. Por outro lado, a ouvimos falando com a voz alterada, convocando milhares e milhares de europeus para se dirigirem à Terra Santa e resgatá-la do domínio da mão imunda dos incircuncisos filisteus. Além disso, seus cruzados deveriam elevar o estandarte da cruz e defender o local do santo sepulcro. Agora ela tem se tornado insensível aos sentimentos comuns do povo. As misérias dos seres humanos lhe são pouco importantes e suas mãos estão encharcadas com o sangue dos milhões que matou. Durante duzentos anos ela usou todo o seu poder em promover a destruição da vida humana através de fatais expedições à Terra Santa e, à medida que cada sucessiva cruzada provava ser mais inútil e desastrosa que a anterior, ela redobrava seus esforços para renovar e perpetuar aquelas cenas de estupidez inigualável, marcadas por sofrimentos e derramamento de sangue.

Voltemos, outra vez, para observarmos esse duplo aspecto de seu caráter em um mesmo momento. Quando os cruzados se aproximaram de Jerusalém, eles desceram de seus cavalos, e descalçaram seus pés, de tal maneira que pudessem se aproximar das muralhas sagradas como verdadeiros peregrinos. Gritos exaltados foram ouvidos dizendo: “Oh! Jerusalém! Jerusalém!”. Era como se um santo temor estivesse movendo seus corações. Mas quando o governador ofereceu recebê-los como peregrinos pacíficos, eles se recusaram. Isso aconteceu, porque estavam determinados a abrirem seu próprio caminho com suas espadas, e tomar pelo ardor militar a santa cidade das mãos dos incrédulos. Mal haviam conseguido escalar a muralha, quando se lançaram para massacrar, de forma indiscriminada, tanto os maometanos quanto os judeus que habitavam a cidade; enchendo os lugares sagrados com sangue e com uma grande quantidade de cadáveres.

Depois disto, por um breve período de tempo, a carnificina e a pilhagem foram suspensas para que os piedosos peregrinos pudessem praticar suas devoções. Mas os lugares onde eles se ajoelharam para adorar estavam cobertos com os restos mortais daqueles que haviam sido massacrados. Esse é o verdadeiro quadro do espírito e caráter de Jezabel, como manifestado em todas as épocas e em todos os países. Quando o próprio Domingos sentiu-se envergonhado dos sangrentos missionários de Inocêncio em Languedoc, tendo visto milhares de pacíficos camponeses serem assassinados a sangue frio, ele se retirou para uma igreja a fim de orar pelo sucesso da boa causa. A vitória de Montfort e dos criminosos que o acompanhavam, foram atribuídas às orações do santo espanhol. Essa era uma cruzada, não contra os turcos e os infiéis, mas contra os santos do Senhor, porque eles ousavam falar de certos abusos da santa madre igreja. E, para castigar de modo mais efetivo seus filhos desobedientes, a santa mãe inventou a *Inquisição*. Foi essa poderosa máquina que a igreja se utilizou para persegui-los, torturá-los e matá-los.

Por mais estranho que possa parecer hoje, o fato é que estamos lidando com uma crueldade que vai além de qualquer comparação. A destruição da vida humana e das propriedades em grande escala, representavam a **própria vida do papado**. A igreja se enriqueceu através da apropriação das contribuições que foram levantadas para financiar as Cruzadas. E ela se fortaleceu através do enfraquecimento dos monarcas europeus, esgotando seus tesouros e destruindo a população de seus países. Foi assim que o zelo papal se inflamou até tornar-se uma paixão ardente a favor das Cruzadas. A partir daí, tal paixão foi passada, de Urbano II e do Concílio de Clermont, para seus sucessores. Cada pensamento da mente papal, cada sentimento de seu coração, todas as ordens emitidas a partir do Vaticano tinham apenas um objetivo em vista — o enriquecimento e o fortalecimento da Sé Romana. Independente de quão subversiva à paz, quão prejudicial ao todo da sociedade, ela buscava seus próprios interesses com um coração endurecido e descomprometido com as necessidades daqueles sobre os quais deveria zelar. Excomunhões foram usadas com o mesmo propósito de ampliar o poder papal. “Os hereges tinham que abrir mão não

somente de toda a dignidade, direitos, privilégios e imunidades, mas também de todas as suas propriedades e de toda a proteção oferecida pelas leis. Eles deveriam ser perseguidos, presos, despojados por completo e assassinados por meio das cortes ordinárias de justiça. A autoridade secular estava obrigada a fazer a vontade, e até mesmo executar, aqueles que haviam sido condenados pelas cortes eclesiásticas. Caso aqueles chamados de hereges ousassem resistir, por quaisquer meios disponíveis, mesmo os mais pacíficos, ainda assim deveriam ser considerados como insurgentes, contra os quais toda a cristandade deveria, ou melhor, estava obrigada, a atender as ordens do poder espiritual para combatê-los. Suas terras e mesmo seus domínios, em se tratando de soberanos, não estavam apenas sujeitos a serem tomados, mas a própria igreja assumia o poder de dispensá-los, da forma que melhor achasse que devia fazê-lo, de acordo com sua própria sabedoria.

O exército que deveria executar o mandato do papa era o exército da igreja. E o estandarte desse exército era a cruz de Cristo. Assim tiveram início as Cruzadas, não apenas além das fronteiras da cristandade, entre os maometanos ou pagãos que habitavam as terras da Palestina, ou às margens do Rio Nilo e entre as florestas da Livônia, ou nas areias do Báltico, mas no próprio seio da cristandade. As Cruzadas não eram apenas utilizadas contra os implacáveis partidários de um credo antagônico, mas no solo da própria França católica, entre aqueles que inclusive chamavam a si próprios pelo nome de cristãos.”[9]

Este era, ainda é, e sempre será o espírito e o caráter da igreja de Roma. Quão escuro é esse quadro! Quão triste o reflexo daquela que chama a si própria de verdadeira igreja de Deus, de santa mãe dos Seus filhos — de Deus — e a representante de Cristo na terra. Como é triste vê-la transformada através da ação satânica, em um monstro repleto da mais doentia hipocrisia e das mais “abomináveis idolatrias”! Ela tornou-se a madrasta mais descarada, cínica e falsamente santa. Passou a adorar relíquias, pinturas e imagens; inventou a teoria da transubstanciação e a prática da confissão auricular. Sua inescrupulosa ambição por glória secular, sua intolerância em perseguir e exterminar todos os que se aventuraram

a disputar sua autoridade, sua insaciável sede por sangue humano, não encontra paralelos nem mesmo entre as eras mais bárbaras do paganismo. E esta é a igreja, o leitor poderá exclamar em suas reflexões, à qual muitos se unem nos dias de hoje? Sim, e até mesmo muitos das classes mais altas e das pessoas mais inteligentes. Tais conversões, certamente, somente podem ser atribuídas ao poder de cegar de Satanás, que é o deus deste século (2 Co 4:3-4). Muitas jovens pertencentes às melhores famílias ao redor do mundo têm se submetido, em cega devoção, e se entregado para viverem como verdadeiras prisioneiras em algum convento por toda a vida. O mesmo acontece com muitos membros da aristocracia, que se unem à Igreja Romana. Mas nada disso causa alguma mudança na igreja. A mudança acontece com aqueles que desfrutavam da luz que agora foi transformada em trevas, de acordo com a palavra do profeta: “Daí glória ao SENHOR vosso Deus, antes que venha a escuridão e antes que tropecem vossos pés nos montes tenebrosos; antes que, esperando vós luz, ele a mude em sombra de morte, e a reduza à escuridão” (Jr 13:16). Como ela era nos dias de Gregório VII, de Inocêncio III, do cardeal Pole, da rainha Maria I, a sanguinária, e do papa Pio XII, **assim ela é hoje**, no que diz respeito a seu espírito. Não temos dúvidas que procederia da mesma maneira que procedeu no passado, se tivesse o mesmo poder. Todavia, quão grande deve ser a culpa dos convertidos ao catolicismo que possuem cópias do Novo Testamento e podem ver o contraste entre o bendito Senhor e Seus apóstolos e o papa e o seu clero; entre a graça e a misericórdia do Evangelho e a intolerância e a crueldade do papado! Que o leitor possa ser relembrado da exortação que diz: “Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas... Porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias. E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra” (Ap 18:4,23-24).

---

[1] Por causa da cor da túnica que vestiam costumava-se chamar os monges de: monges brancos, monges vermelhos e etc.

[2] Ver Froude´s *History of Ireland*; Gardner´s *Faiths of the World*, vol. 2, p. 150; Edgar´s *Variations of Popery*, p. 153 & 192.

[3] Para detalhes bem catalogados ver: Cunningham, vol. 1, p. 106.

[4] Cunningham, vol. 1, chap. 5.

[5] Para uma descrição mais gráfica da situação religiosa da Escócia antes da Reforma ver a *Life of John Knox* pelo Dr. McCrie, pp. 7–13.

[6] O *corpo presente* era um pré-requisito exigido pelo vigário em casos de morte. Nas paróquias do interior o mesmo consistia na melhor vaca que pertencia ao falecido. Além disso, ele também costumava levar a melhor coberta e as melhores roupas da pessoa morta. Todas essas exigências, que eram praticadas com grande rigor na Escócia e em outros lugares, eram independentes das taxas ordinárias cobradas para o sepultamento e para a libertação da alma do purgatório. Esse costume não deve ser confundido com a prática de “missa de corpo presente” adotada pela Igreja Romana no Brasil.

[7] Um ducado existente na Alemanha.

[8] Waddington, vol.3, p. 358; Mosheim, vol. 2, p. 592.

[9] Milman, vol. 4, p. 168. Waddington, vol. 2, p. 270.

Capítulo 28

O Declínio do Poder Papal

Começando no tempo de Inocêncio III e se estendendo até a época da Reforma Protestante, Deus estava preparando o caminho para este grandioso evento do século XVI. A característica principal desse período foi o enfraquecimento do poder dos papas, tanto sobre os governos humanos, como sobre a mente e o coração das pessoas em geral. O declínio papal foi lento, pelo menos durante um século, pois Satanás empregou todo o seu poder para manter ativo “o mistério da iniquidade”. Todavia, Deus é mais forte que Satanás e Se agradou em despertar homens corajosos e eloquentes para, por meio deles, expor implacavelmente as numerosas falhas do papado e assim diminuir o poder destes de forma significativa. É nossa intenção examinarmos essas testemunhas em nosso próximo

capítulo. Entretanto, podemos acrescentar que o modo de pensar na Europa havia sido moldado de tal forma com as reivindicações papais, que as mesmas eram aceitas como parte essencial do próprio cristianismo. A ideia central desse grande esquema teocrático era a supremacia absoluta do poder espiritual sobre o temporal. Iremos fazer um rápido esboço dos papas mais importantes durante este período do declínio papal.

Inocêncio III estava no ápice do poder e da glória pontifícia. Os planos ousados de Hildebrando se realizaram através das hábeis mãos de Inocêncio III. Aquilo que havia sido apenas sonhado por muitos de seus antecessores, foi plenamente alcançado durante seu pontificado. Inocêncio dominou de forma ilimitada sobre reis e príncipes e se atrevia a decidir sobre o bem e o mal de milhões de pessoas, e tudo se dobrava espontaneamente sob o seu cetro sacerdotal. Mas com a sua morte se iniciou uma mudança; ainda que no princípio fosse quase imperceptível, a partir daquele tempo o papado foi em direção à decadência.

No ano 1216, **Honório III** sucedeu a Inocêncio. O interesse desse novo papa estava completamente centrado na continuação das tais chamadas guerras santas. As Cruzadas haviam se tornado, de certa forma, um artigo muito firme no credo papal, por serem absolutamente necessárias para a manutenção do seu poder. Tanto isso era verdade, que nenhum cardeal que não fosse devoto a essa santa causa, de corpo e alma, poderia ser elevado para sentar-se na cadeira de São Pedro. Por mais incrível que pareça, essa era a maior qualificação do sacerdote principal da religião católica. Desse modo, o primeiro ato de Honório, depois de ser consagrado como papa foi enviar uma carta circular por toda a cristandade convocando os cristãos, através do uso dos mais entusiasmados termos, para que contribuíssem com dinheiro ou pessoalmente para essa sua nova campanha. Frederico II, por ocasião da sua coroação e movido por sua paixão juvenil, havia feito um voto solene a Inocêncio, de que se envolveria em uma nova cruzada, sem perda de tempo. Dessa vez, o objetivo da Cruzada não seria contra os albigenses — que haviam sido esmagados e cujas cinzas ainda fumegavam e, como se pensava, haviam tido a sua heresia suprimida — e sim a favor da destruição dos maometanos, para a

libertação do santo sepulcro da profanação que o mesmo sofria sob as mãos dos infiéis. Se alguém tivesse feito o voto de tomar a cruz, não era aceito nenhuma justificativa por não cumprir o mesmo. Caso estivesse impossibilitado de levar avante a expedição pessoalmente, ele precisava encontrar um substituto ou fornecer dinheiro para financiar a missão sob o comando de outros. Cartas foram enviadas, imediatamente, para Frederico II lembrando-o do voto que havia feito acerca da Cruzada, e pressionando-o para que partisse para a Terra Santa sem demora. Mas Frederico era ainda um jovem, e seu rival, Otão IV, ainda estava vivo. Todo o reino encontrava-se em uma situação de grande instabilidade. Dessa maneira, não lhe era possível atender as exigências papais. O papa, cujas esperanças estavam apoiadas principalmente em Frederico, empregou pedidos e ameaças, porém em vão, Frederico permaneceu impassível.

***

A Conquista e a Perda de Damietta

Apesar da resposta negativa de Frederico, a Cruzada continuou a ser pregada e o chamado papal soou com força e o hino da batalha foi cantado pelos emissários do Vaticano através da França, Alemanha, Itália, Espanha, Hungria e todo o Ocidente. Os reis, príncipes e nobres, foram cercados e forçados a reunir, rapidamente, navios, soldados, dinheiro, armamentos e todos os suprimentos necessários. Entretanto, o papa descobriu, para seu desgosto e desespero, que o entusiasmo de eras passadas havia desaparecido — Honório já não detinha a influência mágica que pertencia a Urbano. Nem os legados papais, nem a pregação dos monges itinerantes poderiam reacender nos corações do povo o zelo e o entusiasmo por uma guerra santa. Apenas um rei obedeceu ao chamado: André, da Hungria. Gradualmente, príncipes e prelados, duques, arcebispos e bispos se uniram ao rei húngaro, até que por fim, uma enorme força foi reunida. A expedição se dirigiu primeiramente ao Egito, onde o objetivo a ser atacado era a cidade fortificada de Damietta, que era uma verdadeira fortaleza dos maometanos. A mesma somente foi subjugada depois de dezesseis meses de cerco por parte dos cruzados. Todavia, a enorme perda

de vidas humanas durante o cerco causadas por essa tolice papal, foi algo assustador. “Os habitantes da cidade foram reduzidos a números mínimos, através da fome, da peste e da espada. Estima-se que dos oitenta mil, apenas três mil sobreviveram. O ar era insuportável pelo mau cheiro causado pelos cadáveres não sepultados. Entretanto, mesmo no meio de uma cena tão terrível quanto esta, os conquistadores eram incapazes de refrear sua crueldade e ganância quando entraram na cidade.”[1]

As notícias acerca dessa “esplêndida” vitória foram recebidas com grande exultação pelo papa. Suas esperanças de uma vitória definitiva foram estimuladas ao mais alto nível. Mas essas esperanças estavam destinadas a sofrerem um grande desapontamento em breve. No ano seguinte Damietta foi cercada por uma força esmagadora de infiéis, comandados por um líder ativo e competente chamado Malek-al-Kamel. Ele era sultão do Egito e da Síria. O exército dos cruzados rendeu-se a seu novo senhor.

O profundo desespero do papa impactou toda a Europa. Honório voltou toda a sua ira contra o imperador Frederico II, e o fracasso da expedição e as calamidades sofridas dos cristãos foram todas atribuídas à sua obstinada procrastinação*. Estimativas falam que cerca de trinta e cinco mil cristãos e mais de setenta mil mulçumanos pereceram em Damietta. Todavia, como já estamos acostumados, a derrota e o desastre serviam apenas para incitar o papa para novas cruzadas. Durante seu reinado de onze anos, Honório havia se engajado grandemente na promoção de cruzadas contra os albigenses no sul da França, e contra os sarracenos na Palestina. Ele morreu em 1227; todos os seus esforços no sentido de obrigar Frederico II para que cumprisse seu voto e seguisse em direção a Palestina foram completamente em vão.

***

GREGÓRIO IX E FREDERICO II

Gregório IX era um parente próximo de Inocêncio III e era um discípulo dedicado de seu mestre. Tão logo Inocêncio III foi declarado morto, Gregório IX foi imediatamente elevado ao trono pontifício, sendo unanimemente aclamado. Ele já era um homem idoso, contudo, com um vigor incomum. Era a pessoa correta para

levar adiante com êxito a política de Inocêncio, que, em Honório havia encontrado apenas um fraco representante. Sua coroação foi a mais maravilhosa e pomposa em todos os aspectos. “Ele retornou da catedral de São Pedro usando duas coroas, montado em um cavalo ricamente adornado, e cercado por cardeais vestidos em púrpura e por um grande número de clérigos. As ruas foram cobertas com tapetes bordados com fios de ouro e de prata, oriundos dos mais nobres produtores do Egito, bem como refletindo as mais brilhantes cores da Índia e perfumados com os mais variados perfumes.”[2] Gregório estava com 81 anos de idade quando foi investido com a mais alta dignidade eclesiástica. Todavia, mesmo com essa idade avançada, ele mantinha plena lucidez de suas faculdades mentais. Fala-se dele como tendo a ambição, o vigor, e até mesmo, a vivacidade de um jovem. Gregório se mostrava inflexível e incansável em perseguir e executar seus propósitos, e seu temperamento era ardoroso e violento.

Não podemos esquecer que **Frederico II**, enquanto menor de idade, estava sob a custódia de Inocêncio III. As mais diversas aventuras, perigos, e sucessos do jovem rei à medida que ele batalhava para subir ao trono que lhe pertencia por direito hereditário da Sicília, bem como para assumir a coroa imperial da Alemanha são, praticamente, únicos na história. Durante o pontificado de Honório seu caráter havia se tornado o de um homem maduro e equilibrado. Frederico estava com 33 anos quando Honório faleceu. Naquele tempo, ele estava na posse completa de todo o seu império, com todos os direitos garantidos no norte da Itália, e agregava os títulos de rei de Apúlia, da Sicília e de Jerusalém. Os historiadores se sobrepujam uns aos outros na descrição que fazem do seu caráter, bem como na enumeração de seus vícios e virtudes. Milman, em seu estilo poético, o descreve como um soberano magnífico, o cavaleiro galante, o poeta, o legislador, o patrono das artes, das letras e das ciências. A amplitude da sua visão e sua sabedoria é elogiada porque exercia a igualdade de justiça para todos, promovia o comércio e a paz, e era tolerante para com as religiões adversas, mesmo sendo um dos mais dedicados filhos da igreja de Roma. Outros, por sua vez, o descrevem como egoísta e generoso ao mesmo tempo, tolerante e

cruel, corajoso e traiçoeiro. Também foi acusado de não se refrear diante das práticas sexuais mais perversas. Suas conquistas pessoais eram formidáveis. Além disso, ele falava fluentemente todas as línguas das nações que estavam sob sua direta jurisdição: o grego, o latim, o italiano, o alemão, o francês e o árabe. Tanto o papado quanto o império eram agora representados por homens hábeis e resolutos em suas respectivas reivindicações. Frederico não aceitava alguém que lhe fosse superior. Gregório, por sua vez, não admitia ninguém que lhe fosse igual. O imperador estava determinado a manter seus direitos imperiais. O papa estava igualmente determinado a manter sua dignidade acima daquela representada pelo imperador. A batalha de vida e morte teve início. Foi a última disputa entre o império e o papado, mas os cruzados foram indispensáveis à vitória papal.

Gregório começou as atividades do seu governo com a pregação de uma nova Cruzada. Imediatamente após a sua coroação, ele se dirigiu às diversas cortes da Europa, intimando-as para continuarem a guerra santa. Mas seus apelos foram dirigidos a ouvidos surdos. A Lombardia, a França, a Inglaterra e a Alemanha se mostraram hostis contra o reinício da guerra e rejeitaram decididamente os legados papais. O infeliz desfecho da última expedição ainda estava vivo na memória desses povos. Não havia, portanto, nenhuma alternativa que não fosse pressionar o imperador Frederico mais uma vez. Finalmente Frederico decidiu ceder à pressão do papa, embora, por motivos políticos não estivesse disposto a partir de seus domínios. Ele reuniu um considerável exército de homens armados e de navios, e partiu da Europa do porto de Brindisi no final do verão de 1227. Mas uma peste começou logo após o início da viagem e ceifou um grande número de seus soldados. Entre os mortos também se encontravam o conde Luís IV da Turíngia e dois bispos. O próprio rei, depois de três dias no mar, também ficou doente e precisou retornar à terra firme para se fortalecer. Isso aborreceu muito os cruzados, que já estavam desgostosos e, seguindo o exemplo do seu líder, navegaram de volta para a Itália, onde se dispersaram e voltaram para seus lares. Toda a expedição foi abandonada temporariamente.

***

Frederico Sob a Excomunhão Papal

O papa estava furioso. Ele tratou a doença do imperador como um simples fingimento. Dessa maneira, sem esperar por nada, nem consultar a ninguém buscando qualquer tipo de explicação que lhe fosse aceitável, ele pronunciou a sentença de excomunhão contra o infeliz Frederico da Suábia. Isso aconteceu no sexto mês depois que Gregório havia assumido a Sé Romana. Daquele dia em diante, Frederico experimentou pouco descanso nesse mundo, até encontrá-lo por completo em seu túmulo. Suas tentativas de enviar bispos para pleitearem sua causa foram todas em vão. O mesmo aconteceu com as testemunhas que enviou para atestarem a realidade de sua enfermidade. A resposta do papa era sempre a mesma: “Pretendestes, de forma fraudulenta, estar doente, e retornastes para teus palácios para gozar dos prazeres de uma vida de diversão e luxúria”. Além disso, o papa renovou a excomunhão outra vez, e uma terceira vez ainda exigindo que todos os bispos publicassem a mesma.

Mas em vez de Frederico se dobrar diante de Gregório e ir a ele com vestes de um penitente, como outrora Henrique IV havia feito em Canossa, ele atacou ousadamente todo o sistema papal. “Seus antecessores”, ele escreveu para Gregório, “nunca cessaram de se apropriar de forma ilegítima dos direitos dos reis e dos príncipes. Eles roubaram suas terras e seus domínios para distribuí-los entre seus associados e favoritos. Todos eles se atreveram a absolver súditos de seus juramentos de lealdade, introduzindo grande confusão na administração da justiça, absolvendo e condenando sem nenhuma consideração pelas leis do país. A religião era certamente usada como um pretexto para todas essas transgressões contra o governo civil. Mas, o motivo real, sempre foi o desejo de subjugar os governantes e seus súditos a uma tirania intolerável e extorquir dinheiro; tendo êxito nisso, não lhes importava o mínimo a estrutura social, que foi abalada até os seus fundamentos.” Muitas coisas de natureza semelhante a essa, Frederico teve a coragem de dizer abertamente, o que demonstra o enfraquecimento do poder papal. Ao mesmo tempo, ele era um bom

rei católico em muitos aspectos. Ele emitiu severas leis contra os hereges e as executou, mas ele queria que o papa guardasse o lugar que lhe correspondia como chefe da igreja e que o deixasse governar o império. O imperador estava disposto a admitir o papa como o cabeça espiritual do Estado, mas ele deveria dar-lhe o direito da supremacia secular.[3]

Na mente do papa fanático, o grande crime de Frederico era sua relutância em ir para a Terra Santa. Ele havia preferido os interesses de seu império às ordens da santa Sé. Sua prudência foi considerada como o seu pecado imperdoável. Frederico não via nenhum sentido em sacrificar homens, dinheiro e navios sem a mínima perspectiva de ser bem sucedido. Todavia, ele estava decidido a cumprir o seu voto e provar a sua sinceridade como um soldado da cruz.

No final de junho do ano 1228, ele navegou, pela segunda vez, saindo de Brindisi. O ódio mortal contra os maometanos que havia entusiasmado tanto os cruzados do passado, já havia desaparecido. Frederico se encontrou com o sultão egípcio e, em vez de buscar a destruição dos seguidores de Maomé, o imperador propôs um tratado pacífico. A oferta foi bem recebida pelo generoso sultão Kamel, e o tratado foi assinado no dia 18 de fevereiro de 1229. Por meio desse tratado **Jerusalém deveria ser entregue aos cristãos**, com exceção do templo que deveria permanecer sob os cuidados dos muçulmanos, porém permitindo o acesso dos cristãos a ele. Nazaré, Belém, Sidon, e outros lugares também deveriam ser entregues aos cristãos. Através desse tratado, os cruzados, sem usar a espada, obtiveram uma área territorial muito maior do que imaginavam e do que haviam conquistado em muitos anos de combate.[4]

Todavia, essa vitória sem derramamento de sangue, alcançada por um monarca excomungado, elevou a ira do idoso papa a uma fúria desenfreada. Ele se queixou, em termos repletos de profundo ressentimento, da presunção inaudita de que alguém, sob o banimento da igreja, ter a ousadia de colocar o seu pé profano no sagrado solo onde o Salvador sofreu e ressuscitou. O papa lamentou profundamente a contaminação que a cidade e os lugares sagrados haviam contraído pela presença do imperador. Mas Deus,

em Sua providência, utilizou o êxito de Frederico para desnudar diante dos olhos de toda a humanidade a hipocrisia de Gregório quanto à libertação da Terra Santa. Sua dignidade pessoal e papal lhe era mil vezes mais importantes do que o local do nascimento de Cristo. Sem titubear, ele empregou todos os meios disponíveis originados em seu espírito inventivo, bem como de toda a malícia e astúcia de seus conselheiros, com o objetivo de fazer fracassar a expedição e arruinar Frederico por completo. O papa enviou alguns monges franciscanos para o patriarca e para as ordens militares em Jerusalém, para colocarem todos os impedimentos possíveis no caminho do imperador. Gregório preferia que Frederico encontrasse a morte na Palestina ou fosse, pelo menos, feito prisioneiro e lançado em algum calabouço. Incitados pelos emissários papais, alguns templários conspiraram para surpreender Frederico enquanto ele tomava banho no Jordão. Mas, a conspiração foi descoberta a tempo e o ataque foi impedido, algo que deixou os templários muito desapontados. Entretanto, o papa, sedento por vingança, ainda não havia esgotado todas as suas artimanhas. Ele reuniu uma força militar considerável comandada por João de Brienne, e com ela invadiu os domínios da região da Apúlia, que pertenciam ao imperador. As novas acerca desses movimentos fizeram com que Frederico retornasse, com toda a pressa, do Oriente. Com sua aproximação as forças papais se dispersaram em fuga desenfreada, e todo o país foi rapidamente reconquistado pela influência da presença do imperador.

Entretanto, a espada papal estava agora desembainhada. Ela representava a iminência de um conflito implacável e de uma grande discórdia. Durante o curso do seu longo reinado, Frederico, o maior de todos os reis da casa da Suábia foi excomungado porque *não* quis tomar a cruz e partir para a Terra Santa; foi excomungado por *ter partido* para a Terra Santa; excomungado enquanto *estava* na Terra Santa e excomungado quando *retornou* da Terra Santa, após ter feito uma aliança de paz vantajosa com os maometanos. O papa ainda o despojou de seu trono e liberou todos os seus súditos de quaisquer juramentos de lealdade que tivessem feito ao imperador. Mas não podemos nos delongar mais nos enredos militares entre o papa e o imperador, nem com a política desleal de Roma. O

miserável e velho pontífice morreu aos 99 anos (em 21 de agosto de 1241), em meio a intermináveis hostilidades, em decorrência de um ataque de fúria. Ele foi sucedido por Inocêncio IV que seguiu fielmente nas pegadas de seus antecessores. Com isso, a causa do imperador Frederico não melhorou em nada com a mudança de pontífice. Ele viveu até o ano 1250, quando com 56 anos de idade e 27 anos de reinado veio a falecer nos braços de seu filho, Manfredo, depois de ter se confessado ao fiel arcebispo de Palermo e recebido a absolvição.

Com a morte de Frederico poderíamos supor que as hostilidades papais sofreriam uma pausa temporária, mas a realidade foi bem diferente. O ódio que acompanhou Frederico até o túmulo também perseguiu os seus filhos; até que encontrou sua plena satisfação na execução do último descendente de sua casa — Conradino, um jovem nobre e heroico — em um cadafalso[5] na cidade de Nápoles. Após a morte de Frederico, a guerra foi levada adiante entre os exércitos do papa e do império por quase vinte anos, com curtas interrupções. Durante esse tempo, vários papas estiveram sentados na cadeira de São Pedro. O papa Clemente IV convidou o cruel conde Carlos de Anjou, o irmão de Luís IX para que se apressasse em vir socorrer o exército papal, com a promessa de que lhe daria a coroa da Sicília. “Ele aceitou a comissão papal”, nos diz Greenwood, “com a cobiça característica de um aventureiro e com o zelo de um cruzado. Ele foi um dos maiores tiranos da história da humanidade. Sob o seu comando a crueldade, a ganância, a cobiça e a corrupção executaram a sua terrível obra.” Com um numeroso exército, que havia sido reunido com o pretexto da libertação da Terra Santa, ele invadiu a Itália. Alguns dos cavaleiros mais bravos e nobres da França eram membros desse “exército da cruz”. Mas assim que entraram na Itália, o papa os liberou do voto que haviam feito de irem socorrer seus irmãos na Palestina que lutavam contra os maometanos, prometendo-lhes o perdão dos pecados e a bem aventurança eterna, caso voltassem suas armas contra a casa da Suábia e seus seguidores. Era este o zelo e a honestidade papal no que dizia respeito à libertação do santo sepulcro.

Assim que **Carlos de Anjou** foi coroado rei da Sicília, seus exércitos receberam a permissão para matar e saquear todos os

lugares apontados pelo papa. Sob a direção do sumo pontífice eles invadiram com selvageria as melhores porções dos domínios do imperador. Seus filhos se apressaram em reunir um exército; mas o efeito mágico que a simples menção do nome de Frederico exercia sobre os ânimos, havia desaparecido. A batalha permaneceu sem resultado definido, mas a longo prazo, o mal treinado exército dos jovens príncipes, apesar da sua bravura, não puderam resistir à bem disciplinada e treinada cavalaria francesa. Manfredo faleceu em combate, Conrado foi surpreendido por uma morte súbita devido a uma enfermidade, e o jovem Conradino, juntamente com o seu jovem primo, príncipe Frederico da Bavária, foram feitos prisioneiros e decapitados por ordem de Carlos de Anjou, na praça pública em Nápoles, no dia 29 de outubro de 1268.

A cristandade se encheu de horror e consternação com as novas dessa atrocidade sem paralelos. Por nenhum outro crime que não fosse o de lutar pelo seu direito hereditário ao trono, Conradino, o último herdeiro da casa da Suábia, uma das gerações mais nobres e afamadas da Alemanha, foi executado, juntamente com o seu amigo, como um criminoso e um rebelde em praça pública. Sem temor, o papa foi acusado de ter participado desse ato infame: o assassinato do filho e do herdeiro do rei. Ele havia colocado a espada nas mãos do tirano Carlos de Anjou e, por esse motivo, precisava comparecer diante do tribunal da justiça divina e humana, uma vez que suas mãos estavam manchadas com o sangue inocente de Conradino e de Frederico. No final do mês seguinte, o detestável papa seguiu a vítima da sua vingança ao túmulo. Não cabe a nós julgarmos do outro lado do túmulo, porém sabemos que “está ordenado [aos homens] morrerem uma vez”, então se seguirá o justo juízo da parte do Juiz de toda a terra. Temos certeza que diante do trono do juízo divino ele ouvirá a sentença do justo Senhor, a qual não admite nenhuma possibilidade de mudança por toda a eternidade. O fogo é eterno, o verme nunca morre, a corrente jamais poderá ser quebrada, as muralhas nunca poderão ser escaladas, os portões jamais se abrem, o passado nunca poderá ser esquecido, as angustiantes lembranças da memória jamais podem ser silenciadas — tudo isso se combina para encher a alma com as agonias do desespero e isso para sempre e sempre. Qual

de nós não desejaria, sobre todas as coisas, ser perdoado e salvo através da fé no Senhor Jesus Cristo, que morreu para salvar até mesmo o maior dos pecadores? (Mc 9:44-50).

***

A Mão do Deus Todo-Poderoso

Sob a providência de Deus esse crime abominável, que nunca poderá ser esquecido pelos monarcas e pelos povos da Europa, contribuiu muito para o enfraquecimento do poder papal. Ao mesmo tempo serviu para fortalecer os governantes seculares, e estes levantaram as suas vozes de forma cada vez mais ousada contra as usurpações e as arrogâncias da igreja de Roma. Daquele tempo em diante, o declínio do poder eclesiástico ficou nítido. A morte trágica de Conradino de Hohenstaufen e de Frederico da Bavária aconteceu em 1268, e a famosa "**Sanção Pragmática**" tornou-se a "Magna Carta" da Igreja Gálica[6] em 1269. Esse documento foi promulgado pelo piedoso rei Luís IX da França, que é comumente chamado de São Luís. O tom de todo esse documento é antipapal. O mesmo limitava a interferência da corte de Roma na eleição dos membros do clero e proibia, diretamente, o direito da coleta de impostos eclesiásticos, com exceção daqueles autorizados pelo rei ou pela igreja da França. Nada poderia ser mais justo e liberal, mas também nada poderia se opor de forma mais direta às pretensões da Sé Romana. Ao mesmo tempo esse edito colocou um fim nas incessantes violações dos clérigos nas jurisdições dos senhores seculares, como uma autoridade rival àquela representada pela hierarquia da igreja de Roma e pelas leis canônicas. A Sanção Pragmática era uma espécie de declaração de independência das igrejas da França.

Embora o edito se opusesse diretamente às ambições papais, não despertou a oposição por parte da Sé Romana, visto que veio das mãos do mais piedoso dos reis daquela época — que depois da sua morte foi canonizado Tivesse tal lei sido promulgada por Frederico II ou qualquer um de seus descendentes, sem dúvida o efeito teria sido bem diferente. Todavia, é mais provável que nem o rei Luís, nem o papa puderam prever as consequências relevantes que seguiriam a publicação daquele documento, cuja intenção

original era beneficiar e reformar o clero. Mas, nas mãos dos legisladores seculares e monarcas ambiciosos, o mesmo se tornou uma barreira contra as intromissões e as elevadas pretensões de Roma, as quais estavam destinadas a serem quebradas em inúmeros pedaços.

Antes de concluirmos esse capítulo, precisamos lançar um breve olhar sob o pontificado de Bonifácio VIII. Sua coroação é a maior evidência do declínio papal e aponta o limiar no qual a história futura tem início.

***

BONIFÁCIO VIII E FILIPE IV DA FRANÇA[7]

1295–1303 D.C.

Em menos de quarenta anos após a promulgação da Sanção Pragmática, o orgulhoso e arrogante pontífice **Bonifácio VIII** foi publicamente humilhado pelo rei da França. Pela primeira vez foi dada a prova aos admirados povos da Europa, que os bispos romanos podiam ser vencidos e esmagados sob os pés dos soberanos, do mesmo modo como eles haviam pisoteado, por séculos, os reis da Europa. Filipe IV era tão orgulhoso e teimoso, tão arrogante, tão ciumento, tão violento e tão determinado quanto Bonifácio, e era até mesmo superior ao papa em suas artimanhas e sutilezas. O orgulho e a arrogância de Bonifácio o levaram à ruína. Ele pensava ser algo indigno adaptar suas exigências às circunstâncias, de ser moderado quando as perspectivas lhe eram desfavoráveis. Além disso, nenhuma consideração do tipo religiosa ou política era capaz de reprimir toda a sua violência, crueldade, e levá-lo a ceder. Entretanto, o olhar altivo e o orgulho arrogante do papa estavam prestes a serem abatidos; ele deveria experimentar que os tempos de um Gregório e de um Inocêncio já haviam passado. O ardiloso e poderoso rei da França provou ser não apenas um antagonista a altura, mas um adversário muito superior. Bonifácio estava profundamente envolvido em muitas disputas com várias nações, soberanos, e famílias nobres. Porém, em sua batalha com Filipe, ele sofreu uma derrota após a outra. Quando Bonifácio fazia alguma exigência a seu opositor, Filipe respondia de forma desdenhosa e escarnecedora. Depois, quando inúmeras bulas

papais escritas com ardente ira foram promulgadas pelo vaticano contra o rei, o mesmo limitou-se a queimá-las em praça pública, em Paris. Depois enviava mensageiros de volta à Sua Santidade informando ao papa de que sua missão era a de exortar e não de dar ordens. Com isso Filipe declarava que não sofreria nenhuma interferência papal nos assuntos internos do seu reino.

Porém as coisas não iriam parar por ali mesmo. Filipe estava determinado em humilhar o seu adversário. Profundamente irritado, o papa não poupou exortações e ameaças, porém Filipe reagia com uma calma imperturbável e com uma obstinação inflexível. Tentando fortalecer sua posição contra os procedimentos de Roma, ele havia recorrido a diversos meios constitucionais. Com perspicácia política, o rei percebeu as circunstâncias em que a França se encontrava naquele tempo e, de forma sábia as utilizou a seu favor. O povo estava indignado com o proceder arrogante do clero e murmurava por causa dos infindáveis impostos e taxas, às quais a igreja os submetia. Além do mais, Bonifácio ofendia mais e mais a população da França através dos seus ataques descontrolados, violentos e hostis contra o rei. Filipe por sua vez, atraía, por sua ação política, a admiração e a afeição do seu povo, mantendo-se à altura da dignidade da sua coroa e defendendo corajosa e energicamente o bem estar dos seus súditos contra as intromissões papais. Para ganhar o povo completamente para si, ele reuniu os nobres e prelados da França e convocou os representantes do terceiro Estado, que era a burguesia francesa, para uma grande assembleia de governo, que aconteceu em Paris em abril do ano de 1302. Essa reunião é considerada como a primeira convocação geral do Estado Francês. Essa medida foi logo seguida por outros reis e teve um profundo efeito no futuro da história do papado. O rei experimentou a satisfação de obter um forte protesto contra as reivindicações papais, e a reafirmação unânime da independência da sua coroa.

Bonifácio não percebeu o tamanho da crise em que tanto ele quanto o papado estavam envolvidos. Em vez de ceder sabiamente, ele continuou de forma cega em seu caminho marcado por sua arrogância doentia. Fechando os seus olhos diante da mudança que de fato havia dado início na história do papado, ele respondeu aos decretos dessa reunião do governo, com orgulho e presunção.

Dirigindo-se a Filipe em uma carta ele diz: “Deus me enviou sobre as nações e os reinos para desarraigar e arrancar, para destruir, para construir, e para plantar em Seu nome e através de Sua doutrina. Não permita que ninguém o engane, meu filho, de que não existe ninguém superior a ti, ou que não estás sujeito à cabeça do poder eclesiástico. Aquele que sustenta essa opinião é falto de senso e aquele que se mantêm de forma obstinada nela, é um infiel, separado do rebanho do Bom Pastor. Por esse motivo declaramos, definimos, e pronunciamos, que é absolutamente essencial para a salvação de todo o ser humano que o mesmo esteja sujeito ao pontífice romano”. A resposta do rei, embora moderada, se opôs firmemente à presunção papal. O furioso papa decretou um interdito sobre a França, excomungando o rei e oferecendo a sua coroa para outro. Mas Filipe não estava realmente em apuros diante de tais censuras, que se provaram inúteis. Em resposta a ação do papa, o rei publicou uma ordem que proibia a exportação de todo o ouro, prata, joias, armamentos, cavalos, e outras munições de guerra a partir do seu reino. Através dessa ordem real, o papa se viu privado de todas as suas receitas oriundas da França.

***

A Humilhação do Pontífice

Ardendo em ira, Bonifácio repetiu e redobrou suas ameaças e anátemas. O rei Filipe, por sua vez, estava agora determinado a colocar um fim na contenda o mais breve possível. Ele enviou um oficial de confiança, **Guilherme de Nogaret**, com **Sciarra Colonna**, que era membro de uma geração de nobres italianos que Bonifácio havia expulsado de Roma, e que era um jurado inimigo do papa. Eles tinham a ordem explícita de prender o papa onde quer que o encontrassem, e trazê-lo prisioneiro para Paris. Acompanhados de certo número de aventureiros corajosos, e de trezentos cavaleiros fortemente armados, iniciaram a sua expedição audaz. Bonifácio, agora com 86 anos de idade, havia se retirado para seu palácio em **Anagni**, sua cidade natal, para escrever outra bula contra Filipe, na qual ele fez novamente a afirmação profana que como vigário de Cristo, ele tinha o poder de governar os reis com um cetro de ferro, e quebrá-los em pedaços como se fossem vasos de barro.

Entretanto sua presunção arrogante de onipotência seria logo transformada em um espetáculo de impotência e fraqueza humana.

Certo dia, quando estava reunido com os seus cardeais para deliberarem sobre os seguintes passos contra Filipe, se ouviu, de repente, um forte barulho diante do palácio do papa. Nogaret e Colonna haviam preparado o seu atentado de forma tão hábil e secreta que o papa nem suspeitava. De forma totalmente inesperada, eles apareceram em Anagni com seus cavaleiros e numerosa multidão. Os soldados tomaram o controle do palácio pontifício imediatamente, sob o terrível grito: “Morte ao papa Bonifácio! Vida longa ao rei da França!”. Quase todos os cardeais, e até mesmo os assistentes pessoais do papa, fugiram em grande pânico. Bonifácio foi deixado sozinho, mas ele não perdeu o autocontrole nem por um instante. Como havia acontecido antes com o inglês Tomás Becket, ele aguardou o golpe final com calma e de forma resoluta. Bonifácio se cobriu com o manto de São Pedro, lançando-o sobre seus ombros às pressas. Colocou a coroa de Constantino em sua cabeça, e segurando as chaves em uma mão e a cruz na outra, sentou-se no trono papal. A sua idade, sua aparência cheia de dignidade e paz, encheram os conspiradores com admiração. Por um instante, o bando selvagem hesitou e se refrearam de seus propósitos sanguinários. Mas foi apenas por um instante, logo Nogaret e Colonna afrontaram o papa verbalmente, da forma mais grosseira; porém não ousaram assassiná-lo, se contentaram em fazê-lo prisioneiro. As injustiças infligidas aos familiares e amigos desses oficiais pelo cruel papa, haviam extinguido todo e qualquer sentimento que poderia existir com relação a ele, com exceção do desejo de vingança. Todavia na providência de Deus, eles foram impedidos de derramar o sangue de um indefeso homem com 86 anos de idade.

Enquanto os líderes estavam ocupados com o papa, o restante dos guerreiros havia se dispersado através dos esplêndidos aposentos, em uma ansiosa busca por despojos. “O palácio do papa”, nos diz Milman, “e de seu sobrinho foram completamente saqueados. A riqueza coletada era tão imensa que nem mesmo as receitas anuais de todos os reis da terra poderiam se igualar aos tesouros que foram encontrados e carregados pelo selvagem bando

de Sciarra. Até mesmo o quarto privado do papa foi assaltado e nada foi deixado ali, apenas as paredes nuas."

Por três dias, Bonifácio foi mantido em severa prisão. Por fim, o povo de Anagni levantou-se a favor do papa. Eles estavam irritados pelos excessos desenfreados dos aventureiros estrangeiros e, talvez, também estivessem irados pela ignomínia feita à suprema cabeça da igreja. Eles atacaram os soldados e os obrigaram a libertar o papa. O sumo pontífice teve sua liberdade restaurada e, cheio de fúria pela desgraça de seu aprisionamento, partiu para Roma ardendo com um terrível desejo de vingança. Todavia, a selvagem paixão do seu caráter, quase o levou à loucura. Ele recusou o alimento que lhe foi servido e gritava continuamente por vingança. Mas ele não passava agora de um velho e impotente homem. Ele ordenou que todos os seus assistentes saíssem e trancou a porta de seu quarto para que ninguém o visse morrer. E de fato, ele morreu e morreu sozinho, no dia 11 de outubro de 1303, menos de um mês depois dos acontecimentos em Anagni. Desse mesmo modo irá comparecer diante do tribunal de Deus; sozinho terá de responder pelos seus atos praticados através do corpo, atos pelos quais, ele era o único responsável. Não devemos cruzar a linha, mas qual deve ser a porção eterna de um homem como esse? Como nos disse um historiador imparcial: "De todo os pontífices romanos, Bonifácio VIII nos deixou o mais imundo nome que podemos encontrar. Cheio de arrogância, ambição, até mesmo de avareza e de crueldade."[8]

***

Reflexões Acerca da Morte do Papa Bonifácio

Desde que Bonifácio VIII morreu, depois do curso perverso da sua vida, muitos séculos já se passaram sobre as regiões densas e sombrias da morte. Quanto tempo para refletir, reprovar-se, sentir remorso e desespero! Não conseguimos entender porque os homens, até mesmo homens inteligentes, arriscam uma eternidade inteira de miséria em troca de uns poucos anos de glória, ou por uma gratificação sensual ou de amor próprio. Mesmo assim, eles assim procedem. As advertências mais solenes são desprezadas, os convites mais graciosos da misericórdia são rejeitados, para uma

corrida ansiosa em busca de se alcançar objetivos egoístas. Quando conseguem alcançá-los, o que isso realmente representa? Quanto pode ser desfrutado? Por quanto tempo possuem aquilo pelo que tanto se empenharam? Bonifácio reinou como supremo pontífice apenas nove anos. E para garantir a possessão passageira da glória papal, primeiro ele precisou expulsar o seu antecessor, Celestino, e depois mandou assassiná-lo secretamente. Mas tudo aquilo que o homem semear, também terá de colher. Celestino encontrou a compaixão e a simpatia daqueles que vieram depois dele. Mas sobre **o túmulo de Bonifácio** está escrito por toda a eternidade: “Ele sentou-se na cadeira de São Pedro como uma raposa, reinou como um leão, e morreu como um cachorro”. E assim foi de fato: sem a consolação da graça de Deus e sem os tenros cuidados supridos pelos homens, ele expirou a sua alma culpada em solitário desamparo. Quando no dia da sua morte a porta do seu quarto foi arrombada, ele foi encontrado frio e enrijecido sobre o seu leito. Os cachos brancos de seus cabelos estavam manchados com sangue. A ponta de seu cajado tinha as marcas de seus dentes e estava coberto com espuma.

Quão felizes são, estamos prontos a exclamar, aqueles que possuem uma herança incorruptível e imaculada, que permanece para sempre reservada no céu; todos aqueles que em fé e esperança confiam firmemente apenas em Cristo! Esses são os filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Eles pertencem à família real do céu. Eles não buscam a glória terrena, porque são herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo. Possuem um trono que jamais pode ser abalado, e uma coroa que nunca pode ser lançada ao chão, além de um cetro que nunca pode ser arrancado de suas mãos. Essa é uma herança que nunca lhes pode ser tirada. Basta um olhar de fé para o Salvador para produzir a vida na alma de um ser humano. Mesmo sendo o maior dos pecadores, ainda assim seu primeiro olhar de fé para o Salvador representará a vida eterna para a sua alma. “Olhai para mim, e sereis salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro” (Is 45:22).

***

Os Papas de Avignon

A disputa entre Bonifácio VIII e Filipe IV da França representa um grande momento de transição na história do papado. A partir desse momento, o papado caiu rapidamente para nunca mais se levantar ao mesmo nível que havia alcançado outrora. Mas a humilhação que Bonifácio havia experimentado não bastou para o espírito obstinado e irreconciliável de Filipe. Ele não descansou antes de ter o papa debaixo de seus próprios olhos, como se o mesmo fosse um mero escravo seu. Esse objetivo ele alcançou com o pontificado de Clemente V, que foi elevado à cadeira de São Pedro no ano de 1305. Sua eleição conduziu ao período mais humilhante de toda a história da Igreja Romana. Clemente era um nativo da França e um servo obediente do rei. Em grande parte, ele devia sua elevação à dignidade papal aos esforços de Filipe. Porém, antes que fosse escolhido, Clemente teve que fazer as mais amplas promessas, colocando-se com isso, totalmente nas mãos do rei. Imediatamente após a sua coroação, que aconteceu em Lyon, ele transferiu a residência papal de Roma para Avignon. O papa era agora um prelado francês e Roma não era mais a capital e nem o ponto central da cristandade. Esse período de banimento voluntário durou cerca de 70 anos, e é mencionado na história como o “cativeiro babilônico dos papas” em Avignon. A grande linha de pontífices medievais representada pelos “Gregórios”, “Alexandres” e “Inocêncios”, viu seu fim com a morte de Bonifácio VIII. Depois de 70 anos de exílio, eles ressurgiram do estado de escravidão aos reis da França, mas apenas para exercerem um domínio significativamente enfraquecido.

Filipe sobreviveu seu adversário papal por 11 anos. O rei francês veio a falecer apenas no ano de 1314, no dia 29 de novembro. A história se refere a ele como um dos mais desregrados, violentos e perversos reis dentre todos os que existiram. Entretanto, nada mancha mais a sua memória do que o seu cruel e infame assalto na Ordem dos Templários. Sua avareza foi estimulada pela riqueza deles e o rei resolveu abolir a Ordem, destruindo sua liderança e se apoderando de sua riqueza. Filipe sabia que as melhores residências e propriedades que existiam na França pertenciam aos Templários. Sendo assim, ele tinha plena convicção de que, tomando o despojo dessa instituição, ele se tornaria o mais rico rei

de toda a cristandade. Para alcançar seu objetivo de colocar as mãos nesses tesouros, primeiramente ele acusou os cavaleiros de serem suspeitos da derrota que haviam sofrido em Courtrai — na chamada Batalha de Esporas Douradas[9], em 1302. Depois ele obrigou o relutante papa Clemente V, que ordenasse uma investigação contra os Templários em todos os países e, finalmente, convocar um concílio geral para abolir a Ordem. Após ter o apoio — tanto eclesiástico quanto civil — seus objetivos cruéis e gananciosos foram plenamente satisfeitos. Grandes números desses galantes cavaleiros nobres — pois era isso mesmo que eles eram, embora houvessem se afastado grandemente de seus votos originais e de seus princípios — foram aprisionados e lançados em calabouços, sob as mais infames acusações, como terem desonrado o símbolo da cruz; de terem adorado um ídolo em suas reuniões noturnas; e de terem se entregue aos excessos mais incomuns; etc. As mais severas torturas foram aplicadas para que confissões fossem arrancadas. Muitos deles foram condenados à morte e queimados vivos. Somente em Paris, no ano de 1310, oitenta e seis cavaleiros foram queimados vivos. O grande senhor dos Templários, Tiago de Molay, também foi queimado na capital francesa em 1314. Cartas foram enviadas a todos os outros reis e príncipes, com o selo de Filipe e do papa, com a intimação para que procedessem do mesmo modo vergonhoso para com os Templários. Felizmente a maioria dos soberanos europeus estava, de modo geral, satisfeita com os despojos adquiridos e adotaram métodos menos cruéis para dissolverem a Ordem, preservando a vida dos cavaleiros.

O período de governo de Filipe é de grande significado para a história. Três sistemas importantes que caracterizaram a Idade Média — o papado, o feudalismo e as Ordens dos cavaleiros, que haviam surgido e se espalhado desde os dias de Carlos Magno — **sofreram um grande golpe** no começo do século XIV, do qual nunca mais se recuperaram. Foi Filipe que, por meio das suas medidas violentas e tirânicas, apressou a sua ruína.

Todavia, uma pesada e densa nuvem estava se formando sobre a casa de Filipe, o mais cruel e o pior dos reis. As sombras escuras da imoralidade cobriram com vergonha e desgraça a sua família. Entre os seus súditos imperava um profundo desgosto em decorrência do

despotismo com o qual Filipe havia destruído as origens e os direitos. A profunda desonra que cobriu a **casa real da França**, através da infidelidade de sua rainha e o proceder imoral de suas três noras, fez o coração do rei sucumbir e apressar o seu fim. Para alguns dentre o povo, não havia dúvida que se tratava de uma vingança do céu pela forma violenta como Bonifácio havia sido tratado. Outros diziam que o verdadeiro motivo era a forma cruel, injusta e iníqua com a qual ele havia perseguido e exterminado os cavaleiros Templários. Agora o rei está aguardando pelo tribunal, sem a proteção do seu papa e sem o apoio de sua assembleia nacional; precisará responder diante de Deus, por cada ato feito através do corpo e por toda palavra proferida por seus lábios. Além disso, ele também deverá responder por todos os pensamentos e conselhos que brotaram de seu coração e mente. Todos nós sabemos que nem o povo, nem outra pessoa ou qualquer coisa que seja podem oferecer proteção para um pecador diante de Deus. Apenas o sangue de Cristo, aspergido nos corações antes que deixemos esse mundo, pode nos servir de socorro nas águas profundas representadas pela morte. Aqueles que negligenciam a aplicação do sangue de Cristo pela fé, agora serão engolfados para sempre nas frias, profundas, e escuras águas do julgamento eterno. Mas o sangue de Jesus Cristo, Filho de Deus, pode limpar a todo o que crê, de todos os seus pecados.

Aqui deixamos essa divisão da nossa história, e a partir do próximo capítulo, vamos nos ocupar com a linha de testemunhas e precursores da Reforma Protestante.

---

[1] J. C. Robertson, vol. 3, p. 383.

[2] Waddington, vol. 2, p. 281.

[3] Waddington's *History*, vol. 2, p. 281.

[4] J. C. Robertson, vol. 3, p. 393.

[5] Tablado ou estrado erguido em lugar público, para sobre ele se executarem condenados; patíbulo.

[6] Igreja Católica Romana na França.

[7] Também chamado de Filipe, o Belo e Filipe de Mármore.

[8] Ver Dean Milman, vol. 5, p. 143; Dean Waddington, vol. 2, p. 319; Greenwood, vol. 6, p. 277.

[9] Assim chamada porque as esporas de ouro dos cavaleiros mortos foram juntadas após a batalha e guardadas na igreja de Notre Dame.

Capítulo 29

OS ANTECESSORES DA REFORMA PROTESTANTE DO SÉCULO XVI

Nos capítulos anteriores apresentamos uma sequência de nobres testemunhas a favor da verdade de Deus e do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Essa sequência terminou com a grande guerra movida contra os albigenses, durante a qual inúmeros cristãos foram assassinados. Também apresentamos a história do papado incluindo sua humilhação e queda sob o pontificado de Bonifácio VIII, e a transferência do trono de São Pedro, com toda sua tradicional majestade e glória, de Roma para Avignon sob a liderança de Clemente V.

Durante esse tempo se desenvolveu um tipo totalmente novo de atividade no âmbito eclesiástico e uma nova classe, ou escola de pessoas, os assim chamados **escolásticos**. A seguir, nos ocuparemos com os mais destacados dentre eles. Eles brilharam à semelhança de luzeiros no céu da cristandade daqueles dias. Logo iremos ver de qual valor eles eram para a divulgação de um cristianismo verdadeiro e de acordo com as Escrituras. Entretanto, também naqueles tempos Deus tinha suas fiéis testemunhas que, embora estivessem ocultos diante dos olhos do mundo, trabalhavam diligentemente na Sua vinha e davam testemunho dEle com dedicação e autonegação. Apesar da *linha dourada* da graça de Deus ter sido muitas vezes encoberta e obscurecida, a ponto de ficar muito difícil de identificarmos seu caminho, ainda assim ela atravessou esses tenebrosos séculos de forma ininterrupta, brilhando cada vez mais diante dos olhos de Deus e era o

verdadeiro espelho no qual a graça e a glória do Senhor estavam refletidas.

***

As Primeiras Grandes Escolas das Ciências

O surgimento das escolas públicas ou academias no século XII, e o consequente aumento da atividade intelectual, sem dúvida nenhuma contribuíram, em grande parte, para o enfraquecimento do papado e da aristocracia feudal. Esse fato conduziu ao surgimento e estabelecimento de uma terceira classe nos reinos — a classe burguesa — bem como o surgimento de atividades comerciais que visavam o lucro. O desenvolvimento do conhecimento e das liberdades na Europa avançou de modo estável e permanente durante esse período. Escolas foram construídas praticamente em todos os lugares à medida que a sede de conhecimento aumentava fortemente. “Os reis e príncipes da Europa, percebendo as vantagens que a nação poderia derivar da ocupação com a literatura e as artes, passaram a convidar homens instruídos para habitarem em suas cortes; onde era possível, incentivavam o impulso por formação e ciências, e recompensavam com honras e benefícios financeiros.” Todavia, junto com tamanho aumento da atividade intelectual, também surgiram muitas doutrinas perigosas e extremas. A teologia escolástica, a filosofia aristotélica[1], as leis civis e eclesiásticas eram os âmbitos preferidos nos quais o espírito inquiridor e sedento pelo saber se movia. Foi por essa época, na metade do século XII — que as grandes universidades de **Oxford**, **Cambridge** e **Paris** foram fundadas — além de muitas outras escolas superiores menos significativas através de todo o continente europeu. O grego e o hebraico passaram a ser estudados, e preleções eram dadas expondo e explicando as Sagradas Escrituras. Dessa maneira, o Senhor podia abençoar os alunos e, através deles, a vida de muitos outros.

“Visando a imposição de certas restrições”, nos diz Waddington, “naquilo que estava sendo considerado uma grande licenciosidade* intelectual, e para reavivar a consideração por alguns escritores antigos e respeitáveis, visando dar aos contemporâneos alguns pontos de referência para servirem de direção, Pedro Lombardo

publicou sua famosa série de livros intitulada: ‘Quatro Livros das Sentenças’.”[2] Tendo estudado por algum tempo na famosa escola localizada em Bolonha, ele partiu para Paris com o propósito de continuar seus estudos na área de teologia. Foi eleito bispo de Paris e ali morreu por volta de 1164. Os livros escritos por **Pedro Lombardo** são uma coleção de passagens compiladas dos escritos dos pais da Igreja. As mesmas vieram especialmente dos escritos de Santo Hilário, Santo Ambrósio, São Jerônimo e Santo Agostinho. Infelizmente, como podemos perceber, essa era uma triste mistura da verdade com o erro, mas ainda assim Deus reina acima de tudo e poderia fazer uso de Sua própria Palavra, mesmo que ela estivesse misturada com sutilezas filosóficas. Deus é sempre capaz de usar Sua Palavra, independente das circunstâncias, para converter e abençoar as almas dos seres humanos. Essa obra manteve uma reputação indisputável nas escolas teológicas da época e seu autor foi distinguido com as maiores honras.

***

Os Verdadeiros Heróis da História da Igreja

Os verdadeiros pioneiros da Reforma Protestante, e os verdadeiros heróis da história da Igreja são muito difíceis de serem descobertos. Com toda a humildade, sem procurar serem louvados pelos homens, esses pioneiros andaram diante do Senhor buscando, em silêncio, perscrutar a Sua vontade e fazendo-a. Suas atitudes de simpatia, seus atos de caridade, o desejo que tinham de conduzir as almas ao Salvador, seu esforço em divulgar o conhecimento da Palavra de Deus são qualidades do caráter dessas pessoas, porém pouco observadas pelos olhos dos historiadores em geral. Além disso, quanto mais profunda era a piedade dos mesmos, mais se ocultavam. Mas eles terão a sua recompensa. O registro de suas vidas encontra-se nos altos céus, diante de Deus, cujos olhos passam por sobre toda a Terra.

Multidões dos santos de Deus cumpriram sua missão durante a longa e escura noite da Idade Média. Foram esses que deixaram o cenário terrestre sem deixar nenhum registro nos anais da história da sua atividade abençoada e útil. O mesmo não é verdade com relação aos pomposos prelados, aos santos milagreiros, ao cardeal

ganancioso e cheio de intrigas, aos ruidosos polemistas e a toda uma multidão de orgulhosos e ambiciosos entusiastas da fé romana. As páginas dos historiadores estão repletas de informações acerca deles.

Quando analisamos, de forma cuidadosa, os **personagens proeminentes** que aparecem nas páginas da história que vai do século XII até a Reforma Protestante, não é difícil identificar três categorias bastante distintas: 1- escritores; 2- teólogos; 3- reformadores ou protestantes. Observando essa ordem, teremos diante dos nossos olhos os precursores da Reforma Protestante.

***

Os Escritores

Os personagens mais importantes dessa categoria foram homens tais como: **Dante**, **Petrarca**, **Boccaccio** na Itália, e **Chaucer** na Inglaterra. Logo depois do surgimento das escolas e do enorme crescimento do conhecimento humano, essas quatro "brilhantes estrelas" surgiram no céu literário, praticamente, de forma simultânea. Foi do agrado de Deus, em Sua infinita sabedoria usar os escritos desses homens, e de muitos outros, para expor toda a perversão do sistema romano, causando o respectivo enfraquecimento do seu poder e influência. Enquanto muitos autores menos famosos foram acusados de pequenos crimes contra a Igreja Romana, sofreram o banimento, a prisão e a morte, os mais famosos conseguiram, não apenas escapar da vingança da igreja, mas seguir o curso de suas vidas e completar seu trabalho em paz. Suas atrativas produções literárias e poéticas lhes granjearam um grande favor entre o povo em geral. Com isso a maioria dos sacerdotes tinha medo de incomodá-los. Dessa forma, na providência de Deus, a corrupção moral que estava oculta e que prevalecia entre os membros do clero, dos monges e de todas as Ordens do sistema papal, foi trazido à tona em plena luz do dia. Disfarçados sob poemas populares, histórias agradáveis e sátiras divertidas, o estado corrupto da totalidade do sistema eclesiástico foi completamente exposto e açoitado impiedosamente. As paixões irrestritas e as imoralidades da corte papal em Avignon, bem como os vícios gerais que existiam entre o clero, tornaram-se o assunto

principal de canções e das zombarias em praticamente todos os países da Europa. Todavia, nem a poesia, nem a prosa desses escritores são apropriadas para ser repetida nas páginas do nosso livro.

Dante, que é considerado o pai da poesia italiana e cujo nome se tornou imortal por causa da sua obra prima “Divina Comédia” — uma descrição fantasiosa do purgatório, do inferno e do céu — morreu no ano 1321. Petrarca, que era alguns anos mais jovem que seu conterrâneo, alcançou uma reputação ainda maior pelas suas poesias e prosas. Os escritos de Boccaccio eram de natureza prosaica, e tinham, frequentemente, um caráter mais fútil e imoral. Chaucer, por sua vez, é bem conhecido na Inglaterra como o autor dos “Contos da Cantuária”. Ele nasceu em 1343 e morreu em 1400. Com isso terminamos essa parte da nossa análise, e agora voltamos nossa atenção para a classe dos teólogos.

***

Os Teólogos

Roberto Grostete, chamado de “a grande mente”, foi um prelado inglês do século XII; um dos primeiros das fileiras dos teólogos que podemos considerar como precursor da Reforma. Todavia, temos que entender que o mesmo não pode ser considerado, de forma estrita, um reformador no sentido do século XVI. Como muitos outros em outras épocas, sua compreensão da necessidade da Reforma se estendia apenas à disciplina e administração da igreja. Ele não tinha as ideias de desarraigar nem de derrubar os incuráveis falsos ensinamentos da Igreja Romana. Grostete tinha o papado em alta estima, apesar de que, algumas vezes, ele chegou a se referir a alguns papas como se fossem o próprio Anticristo. Isso se devia ao fato que ele percebia tanto a vida imoral como a atitude rebelde desses homens contra Cristo. Entretanto, o caráter anticristão do papado não era ainda completamente conhecido. O mesmo acontecia com as grandes doutrinas fundamentais do cristianismo. Mesmo assim, essas duas realidades estavam vagarosamente sendo entendidas pelas pessoas em geral. Grostete nasceu na vila de Stradbroke, na região de Suffolk, por volta do ano 1175. Depois de ter estudado em Oxford ele foi a Paris, seguindo o

costume daqueles dias; pois a Universidade de Paris era a mais renomada em toda a Europa. Ali ele se lançou com fervor ao estudo tanto do grego quanto do hebraico, e também dominou por completo a língua francesa. De acordo com os conceitos da época ele era considerado um teólogo e filósofo completo.

No ano 1235, quando ele estava com 60 anos de idade, Grostete tornou-se bispo de Lincoln. Durante esse tempo trabalhou com empenho e um zelo que beirava a intolerância, a favor da reforma de sua diocese, que naqueles dias era a maior que existia em toda a Inglaterra. Historiadores nos dizem que ele se ocupou muito com o estudo das Santas Escrituras em suas línguas originais, e que reconhecia a autoridade suprema das mesmas. Esse fato representava um enorme avanço na direção certa com relação ao passado. Ainda assim, na sua vida e na sua obra existiam muitas inconsistências evidentes, das quais iremos nos ocupar agora. A princípio Grostete sentiu-se grandemente cativado pelas novas Ordens — os dominicanos e franciscanos — a sua aparente humildade e santidade causaram sua admiração. Felizmente ele viveu o suficiente para descobrir a hipocrisia daqueles homens e mulheres, e para denunciá-los como os mais terríveis enganadores dos seres humanos. Entretanto, a luz da Palavra divina ainda não havia penetrado o suficiente no seu coração para que ele reconhecesse que, não somente os erros e as perversões daquelas Ordens, mas também a sua existência, eram contrárias à vontade de Deus. Ao mesmo tempo ele era um homem corajoso, piedoso e cheio de energia. Ele levantou a sua voz destemidamente contra a blasfema arrogância do papa Inocêncio III, quando este se autoproclamou o substituto, não apenas de São Pedro, mas do próprio Deus. Naqueles dias ele disse: “Seguir a um papa que se rebela contra a vontade de Cristo corresponde a se separar do próprio Cristo e de Seu Corpo, a verdadeira Igreja. Quando estivermos vivendo em um tempo em que todos os homens seguirem um pontífice, cujos ensinamentos são errados, então estaremos diante da grande apostasia”. A ganância da corte romana, o abuso das indulgências, a atribuição de cargos eclesiásticos lucrativos a pessoas despreparadas, incompetentes e indignas, estavam entre os males que Grostete atacava sem temor.

Um bispo tão ativo, tão zeloso e corajoso, certamente, como era de se esperar, despertaria muitos inimigos. Ele foi acusado por seus contemporâneos de praticar magias e, pelo próprio papa, de ser atrevidamente presunçoso. Foi por pouco que ele conseguiu escapar do martírio. Através das tenras misericórdias do Senhor e de Seu cuidado por esse servo, o mesmo veio a falecer, em paz, no ano 1253.[3]

Rogério Bacon era um homem que tinha uma grande capacidade e compreensão, aliada a uma clara percepção do estado das coisas, tanto das escolas como da igreja. Por esse motivo, ele merece ser brevemente mencionado, apesar de que não existe muita evidência que ele possuísse uma piedade genuína, nem amor pela verdade do Evangelho. Acredita-se que ele tenha sido o maior dos filósofos ingleses durante aquele tempo, e seu nome foi grandemente celebrado. Ele nasceu no ano 1214 perto do condado de Somerset, em Ilchester.

Depois de ter estudado em Oxford e Paris, tornou-se um monge franciscano com aproximadamente 34 anos de idade. Seu extenso conhecimento das ciências físicas — astronomia, ótica, mecânica e química — bem como da erudição grega e Oriental, lhe deram a perigosa reputação de um mágico. À medida que sua poderosa mente se desenvolvia mais e mais, a ignorância de seus superiores e companheiros se evidenciava mais; por essa razão, eles também o acusaram de praticar mágicas. Ele foi violentamente perseguido, e por muitos anos ficou confinado em um miserável calabouço.

Apesar de falar com grande respeito das Santas Escrituras, de modo estranho ele defendia uma aliança entre a filosofia e o cristianismo, e entre a lógica aristotélica e a fé cristã, o que é impossível e que somente serve para enfraquecer e desfigurar a verdade. Ele denunciava o que percebia ser o ensino sofista que estava muito em voga nos seus dias, e se queixava que as línguas originais do Antigo e do Novo Testamento estavam sendo completamente negligenciadas. Também se sentia incomodado pelo fato que as crianças estavam adquirindo o conhecimento das verdades divinas, não através da própria Bíblia, mas através de versões condensadas da mesma, que eram colocadas em forma de rima. Também se aborrecia ao perceber que as preleções feitas

sobre os “Quatro Livros das Sentenças” de Pedro Lombardo eram preferidas sobre as preleções feitas diretamente das Escrituras. Dessa maneira ele expunha aos seus contemporâneos a ignorância, a superstição e a ociosidade manifesta nas Ordens religiosas. Com isso, ele atraiu sobre si mesmo a acusação de heresia e muitas censuras por parte da Igreja Romana, embora vivesse como um severo católico romano. Ele morreu, provavelmente, por volta do ano 1292. Sua última obra foi um compêndio de teologia.

Tomás de Aquino, cognominado de “doutor angélico” pelo papa Pio V, foi o mais renomado de todos os escolásticos do século XIII, e era uma representação fiel dos teólogos daqueles tempos. Ele descendia de uma família nobre e ilustre, e nasceu na vizinhança da cidade de Nápoles por volta do ano 1225. Ele entrou ainda muito jovem para a Ordem dominicana, mesmo contra a vontade de seus parentes mais próximos. Aquino estudou em Colônia e Paris. Em 1257 ele foi nomeado professor de teologia na Universidade de Paris. Tendo falecido aos 50 anos de idade foi canonizado pelo papa João XXII. Quando seus escritos foram reunidos e publicados em Roma, no ano 1570, os mesmos formavam uma impressionante coleção de dezessete volumes.

Sua obra mais importante é conhecida como “Suma Teológica”. O conteúdo da mesma inclui um comentário dos quatro Evangelhos e de outros livros do Antigo e do Novo Testamento, além de um elaborado comentário do livro das “Sentenças” de Pedro Lombardo, que era o principal livro adotado nas escolas católicas. A Suma Teológica contém ainda uma exposição da filosofia aristotélica e um tratado a favor da fé católica contra a fé da Igreja Grega. Mas, apesar do seu grande conhecimento e do número significativo de seus livros, ainda assim tememos que o mesmo não estava familiarizado com a doutrina da justificação pela fé somente, sem as obras da lei; embora no seu leito de morte manifestou grande piedade, muito semelhante àquele demonstrado por Agostinho. Dessa maneira, é nossa esperança que o mesmo tenha pertencido ao pequeno número daqueles que Deus escolheu para Si mesmo dentre os escolásticos daqueles dias para engrandecer a Sua graça neles. Regozijamo-nos na convicção de que haverá um remanescente salvo nos céus, vindo de todas as classes de

pessoas — imperadores, reis, papas, filósofos, os simples e os ignorantes — que rodearão o trono de Deus e louvarão jubilosos o ilimitado poder da Sua graça, para todo o sempre.

Boaventura, cujo nome original era João de Fidanza, era um nativo da Toscana, e entrou para a ordem dos franciscanos no ano 1243, com a idade de 21 anos. Boaventura completou seus estudos em Paris, tendo alcançado grande sucesso, o que o levou a receber o título de “doutor seráfico*”. Ele morreu no ano 1274 como cardeal e bispo da cidade de Albano. Suas obras foram menos volumosas do que as de seu contemporâneo Tomás de Aquino e menos intelectuais, embora fossem permeadas de uma piedade muito mais profunda. Dizem que “suas obras ultrapassam em qualidade e utilidade a tudo o que existia na sua época com respeito ao espírito do amor cristão e da dedicação que devemos ter por Deus. Seu estilo era profundo sem, todavia, ser prolixo*. Muitas vezes se utilizava de sutilezas e curiosidades, sendo eloquente sem usar de vaidades e ardente sem ser enfatuado*. Seus escritos devocionais são instrutivos e seus ensinamentos doutrinários inspiravam a devoção das pessoas”. Quando estava próximo da sua morte lhe perguntaram de quais livros ele havia derivado o seu conhecimento. Ele respondeu apontando para um crucifixo pendurado no seu quarto. Além disso, tinha como hábito fazer constantes referências às Escrituras, em vez de citar São Francisco, o fundador da sua Ordem. Mas o tempo ainda não era chegado, quando a doutrina extremamente importante da justificação mediante a simples fé em nosso Senhor Jesus Cristo fosse proclamada pela boca dos eruditos. Boaventura, como um teólogo, representava a linha dos chamados místicos. Ele poderia ter sido o escritor do clássico “A imitação de Cristo” que foi escrito por Tomás de Kempis, em meados do século XV. Para aqueles que conhecem o livro sabem que o título não lhe é apropriado. Ele começa e termina com o próprio ”eu”. O místico se ocupa exclusivamente com os sentimentos da sua própria alma. Seu caminho, portanto, era completamente oposto ao do Senhor Jesus; o amor de Cristo não se ocupa consigo mesmo, mas com os outros. Cristo entregou tudo o que possuía, até mesmo a Sua preciosa vida, para salvar Seus inimigos. “Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com

Deus pela morte de seu Filho, muito mais, tendo sido já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Rm 5:10). E apenas a fé pode dizer: "O qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim" (Gl 2:20b).

João Duns Escoto foi, igualmente, um doutor que alcançou grande celebridade. Detalhes acerca do seu nascimento na cidade de Maxton, no condado de Roxburgo, bem como os primeiros anos de sua vida, nos são ocultos. Waddington afirma, de forma categórica, que "ele era um nativo de Duns, na Escócia; que pertencia à Ordem dos franciscanos, e que veio a falecer no ano 1308". Ele adotava a forma dialética de argumentar e foi cognominado de "doutor sutil". Ele chegou a se aventurar de forma corajosa a impugnar* algumas afirmações ensinadas pelo grande São Tomás de Aquino. Isso ocasionou o surgimento de uma grande controvérsia entre os franciscanos e os dominicanos que durou vários séculos. Essa controvérsia atraiu a atenção de papas e concílios e causa divisões nas escolas da Igreja Romana até os dias de hoje. Os principais pontos de diferença teológica entre esses grandes doutores eram: 1- a natureza da cooperação divina e da medida da graça divina necessária para a salvação do ser humano; 2- a questão, frequentemente mencionada, da doutrina da *imaculada conceição* da virgem Maria. Os dominicanos mantinham que a santa virgem não estava isenta da mancha causada pelo pecado original. Já os franciscanos defendiam a ideia da imaculada conceição.[4]

Guilherme de Ockham foi assim chamado por causa do seu local de nascimento na região de Surrey, na Inglaterra. Ele estudou em Paris sob a direção de João Escoto e tornou-se um famoso doutor entre os franciscanos. De acordo com o costume das escolas naqueles dias, ele foi distinguido com a atribuição de elevados títulos, entre os quais podemos citar o de "doutor singular e invencível". Mas ele era mais metafísico do que teólogo. Ele atacou de maneira ousada muitas das pretensões papais. De modo especial dirigiu-se àquelas que diziam respeito ao domínio temporal bem como a chamada "plenitude de poder". Ele negava a infalibilidade do papa e dos concílios gerais. Por outro lado, mantinha que o imperador não dependia do papa e que, na

realidade, era o imperador quem tinha o direito de escolher o papa. Suas opiniões e doutrinas antipapais logo se espalharam em todas as direções, alcançando todas as classes, através da pregação dos monges mendicantes. Quando foi ameaçado com as mais duras censuras por parte da igreja de Roma, ele encontrou abrigo na corte de São Luís. Esse rei francês tinha por costume favorecer grandemente os franciscanos. “Defenda-me com sua espada”, disse Guilherme ao rei, “e eu te defenderei com a Palavra de Deus.” Ele morreu enquanto estava sob uma sentença de excomunhão, na cidade de Munique, em 1347.[5]

***

Reflexões Sobre os Escolásticos

Cremos que já falamos o suficiente acerca dos doutores escolásticos e dos teólogos filosóficos nesse trabalho. Embora a sua existência e trabalho formem um elo de certa importância na cadeia de eventos que tiveram lugar entre os séculos XII e XVI, ainda assim é, de fato, um trabalho árduo, cansativo e infrutífero familiarizarmo-nos com as suas doutrinas e afirmações, ainda que seja de forma parcial. É nossa intenção que o leitor consiga ver a importância representada pelo termo “escolástico” nesse período da história que estamos analisando. Uma lição salutar que por fim podemos aprender dos exemplos colocados diante de nós é a seguinte: quando a Palavra de Deus, em sua simplicidade divina não é conhecida nem crida, o resultado é que as pessoas permanecem na mais densa escuridão e perplexidade mental, independente de quão grande possam ser os esforços dedicados aos estudos. Apenas um simples texto bíblico que diz: “o justo viverá pela fé”, quando usado por Deus através das mãos de **Lutero**, foi suficiente para lançar fora as trevas acumuladas durante toda a Idade Média. Por outro lado, os dezessete volumes produzidos por Tomás de Aquino e todas as outras obras volumosas que vieram dos grandes escritores escolásticos serviram apenas para aprofundar a escuridão da ignorância e aumentar a perplexidade no que diz respeito ao conhecimento de Deus e do caminho da salvação. O maior desenvolvimento dos poderes naturais da mente humana é incapaz de conduzir o pecador culpado

até a cruz de Cristo e ao precioso sangue do Senhor que pode limpar a alma humana de todos os seus pecados. O inimigo de nossas almas, aproveitando-se da crescente aceitação da filosofia aristotélica, seduziu aquilo que havia de melhor nesses homens para que acreditassem que o trabalho mais importante com o qual poderiam se envolver era a tentativa de conciliar os ensinamentos de Cristo com as conclusões do raciocínio do filósofo grego — para que seus alunos não chegassem a pensar que o filósofo grego era até mesmo superior ao Senhor Jesus Cristo. Nisso consistia a triste obra dos melhores escolásticos daqueles dias. Todavia, não temos dúvidas que muitas almas simples, que não haviam sido cegadas pelas sutilezas da lógica aristotélica, encontraram o caminho da verdade e da salvação no meio das densas trevas, mesmo através de muita perplexidade e confusão.

A verdadeira Igreja de Cristo podia ser discernida com muita dificuldade na Europa daqueles dias, com exceção dos vales localizados na região dos Alpes. Ali a verdadeira luz continuava a brilhar de forma clara, e milhares encontraram “o caminho mais excelente”, independente de todos os esforços dos poderes terrenos, tanto secular como eclesiástico, que tentavam apagá-la. Deus mesmo havia colocado o fundamento ali e as portas do inferno jamais poderiam prevalecer contra ela. Nos alegramos de podermos voltar aos pacíficos habitantes destes vales, os valdenses.

***

Os Valdenses

Nossa história volta-se, de forma natural, para a terrível Cruzada contra os albigenses que aconteceu no século XIII. Aquela que havia sido uma linda região e, em alguns aspectos, as mais ricas e civilizadas províncias do império ficaram, como vimos, totalmente despovoadas e desoladas. Os pacíficos habitantes daquela região tinham manifestado a audácia de questionar os dogmas do Vaticano e a autoridade do sacerdócio romano. Essas atitudes eram consideradas como verdadeiros pecados imperdoáveis contra a majestade de Roma. Os editos proclamados por Inocêncio, a espada de Montfort, as fogueiras de Arnaldo, a traição de Foulques e a Inquisição de São Domingos consumaram os terríveis propósitos

por eles estabelecidos. Todavia, a combinação dos poderes da Europa associados ao fogo, à espada e aos asquerosos calabouços, de fato fracassou na tentativa de destruir a raiz daquilo que Inocêncio chamava de heresia. O divino e vital princípio do cristianismo encontrava-se, na realidade, muito longe do alcance desses poderosos inimigos. A espada pode cortar os galhos e o fogo pode consumi-los; ainda assim, as raízes vivas da verdade e da graça de Deus nunca podem ser destruídas. Em todos os tempos, o espírito do cristianismo se manifesta mais forte do que a espada do perseguidor, e o braço no qual a fé se apóia é mais poderoso do que a combinação de todos os poderes que existem na terra e no inferno. A fraqueza do papado tornou-se manifesta em seu aparente triunfo sobre a região de Languedoc. Os hereges, como Jezabel pensava, haviam sido afogados em sangue. Todavia, um remanescente ensanguentado havia sido preservado pela boa providência do nosso Deus. Foram esses que levaram o testemunho cristão a todas as partes da Europa denunciando a injustiça, as crueldades e o despotismo da Roma papal.

Os exilados do sul da França, que haviam escapado da espada alcançaram os limites geográficos da cristandade pregando as doutrinas da cruz. Ao mesmo tempo eles testificavam, com santa indignação, contra as falsidades e as corrupções da igreja dominante. Em diferentes partes da França, da Alemanha, da Hungria e das regiões vizinhas, esses, chamados hereges apareceram em grande número. Não demorou muito para que os papas percebessem que os reis estavam pouco inclinados a se empenharem na supressão daqueles que eram considerados sectários. É bastante provável que muitos dos perseguidos daqueles dias buscaram encontrar refúgio e uma vida calma nos pacíficos vales de Piemonte. O mais fechado desses vales parece ter oferecido o refúgio mais seguro para a preservação das testemunhas de Deus até o século XIV. Todavia, à medida que as trevas do papado se adensavam ao redor deles, o brilho de seu exemplo tornou-se cada vez mais visível e sentido. As mais infames calúnias foram inventadas contra eles e os piedosos valdenses foram acusados como hereges muito perigosos e causadores de divisões.

Desde tempos imemoriais, essas **regiões alpinas** têm sido habitadas por grupos de cristãos que permaneceram fiéis por muitos séculos. Já no século IX eram bem conhecidos por Cláudio, bispo de Turim. Mas parece terem conseguido evitar a notoriedade e o conflito direto com Roma até o século XIII. Alguns historiadores acreditam que esse período foi mais extenso ainda. Eles foram espalhados sobre todos os vales de ambos os lados dos Alpes Cócios — Dauphiné (Delfinado) do lado francês e Piemonte do lado italiano das montanhas. Eles nunca reconheceram a jurisdição do pontífice romano sobre suas vidas. Também durante todos os períodos da história eclesiástica, eles representaram um ramo vivo da verdadeira Igreja apostólica. Mas o tempo se aproximava onde seus retiros tranquilos, seus lares felizes, sua forma simples de adoração e seus hábitos de trabalho seriam invadidos e destruídos pelos cruéis inquisidores romanos; e a sua fé seria provada através da espada e da fogueira. Foi com esses homens que toda a tragédia começou. Desde o final século XIV até o século XIX, a sua história forma uma, quase ininterrupta luta sangrenta pelo direito de existir. Durante todos esses séculos eles experimentaram poucos períodos de tranquilidade. Muitas vezes foram levados ao desespero, mas ainda assim os cristãos dos vales nunca puderam ser exterminados totalmente. Como a sarça ardente eles foram queimados, mas não foram consumidos. A fortaleza que os protegia não era meramente a inacessibilidade da cadeia de montanhas dos Alpes, mas sim, a verdade da Palavra do Deus vivo.

***

A Perseguição aos Valdenses

No ano 1380, um monge inquisidor chamado Francisco Borelli foi nomeado por Clemente VII para procurar os hereges nos vales da região de **Piemonte**. Assim que ele recebeu essa incumbência, as comunidades de Fraissiniere e Argentiere foram esquadrinhadas à procura de hereges. Num período de treze anos, cerca de cento e cinquenta valdenses foram queimados em Grenoble, e oitenta nas imediações de Fraissiniere. Existia agora um duplo motivo para a perseguição. Uma nova lei foi instituída determinando que a metade dos bens do condenado fosse para o inquisidor e a outra metade

para o senhor temporal. Dessa forma, a avareza, o ódio pela fé e a maldade se uniram em uma batalha encarniçada contra os inocentes e pacíficos habitantes da montanha. Ainda assim, esses assassinatos foram considerados poucos e muito distantes uns dos outros, para satisfazer a sede que Roma tinha do sangue dos santos de Deus.

No inverno do ano 1400, o fogo da perseguição se estendeu desde a região de Dauphiné até o vale italiano de **Pragela**, nas imediações de Turim. Os infelizes habitantes dos vales fugiram se espalhando por sobre os Alpes ao verem os temidos inquisidores se aproximarem. Infelizmente a dureza da estação do ano e o frio intenso das alturas provou ser fatal para, praticamente, todos que haviam conseguido escapar da espada de seus assassinos. Quem mais sofreu com esse clima impiedoso foram as mulheres e as crianças. Muitas das mães estavam carregando seus filhinhos e conduzindo pelas mãos as criancinhas que tinham condições de andar. Mas o frio e a fome trouxeram um rápido alívio para aquela situação de tormento. Historiadores nos dizem que cento e oitenta bebes morreram nos braços de suas mães. Muitas mulheres idosas e um grande número de crianças maiores pereceram igualmente de uma forma miserável. É impossível fazermos uma estimativa correta do número total que pereceu sob as ações tirânicas e cruéis de Roma. Entretanto, temos certeza que no céu, não existe nenhuma dúvida acerca do número exato bem como do nome de cada um desses que pereceram. Os pais e os filhos martirizados estão registrados e serão recompensados eternamente nos céus. Por outro lado, seus perseguidores enfrentarão o castigo da sua culpa imensurável, em um local de tormento desesperador. Como uma alusão a essas cenas, o mais nobre dos poetas ingleses — Milton — escreveu o seguinte soneto:

> *“Vinga, ó Senhor teus santos massacrados,*
> *Cujos ossos jazem espalhados nas frias montanhas dos Alpes;*
> *Esses são os mesmos que guardaram a Tua verdade pura desde os dias da antiguidade,*
> *Em tempos quando nossos pais adoravam pedaços de madeira e pedra.*
> *Não Te esqueças de registrar, no Teu livro, os seus clamores,*
> *Desses que eram Tuas ovelhas e parte do Teu antigo rebanho,*

Esses que foram assassinados por mãos sangrentas.
Mães que rolaram sobre as rochas com seus bebês.
Seus lamentos ecoaram redobrados dos vales para os montes,
Enquanto elas mesmas partiam para o céu.
O sangue dos martirizados e suas cinzas
Foram plantadas sobre todos os campos italianos, onde ainda impera o triplo tirano.
Que essas sementes possam crescer e produzir a cem por um
Daqueles que, tendo aprendido o Teu caminho, logo possam fugir da desgraçada Babilônia".

As chamas da perseguição foram novamente acesas, de forma violenta, no vale de **Fraissiniere** no ano 1460, por um monge da Ordem dos franciscanos. Suprido com extensos poderes da parte do arcebispo de Embrun, ele liderou a perseguição. Impedidos de manterem seus relacionamentos sociais, expulsos de seus locais de adoração, sem proteção nem refúgio, cercados por inimigos, os valdenses não tinham a quem recorrer, senão em boa consciência, ao Deus vivo. Os inquisidores por sua vez, tinham prazer em cumprir suas cruéis tarefas.

Em Piemonte, o arcebispo de Turim trabalhou arduamente para promover a perseguição dos valdenses. As acusações que pesavam contra eles eram as seguintes: 1- não faziam ofertas a favor dos mortos; 2- desprezavam as missas e as absolvições; 3- não tomavam nenhuma providência para redimir as almas dos familiares falecidos dos sofrimentos do purgatório. Entretanto, os príncipes de Piemonte, que eram os duques de Saboia, não mostravam nenhuma disposição de perturbar seus súditos, de cuja honestidade, diligência no trabalho e mentalidade pacífica, haviam recebido suficientes provas. Porém os sacerdotes não pouparam nenhum meio para alcançar seus propósitos.

Todos os métodos que a falsidade e o ódio podiam inventar eram usados para caluniar os piedosos valdenses. Por fim o desejo dos sacerdotes prevaleceu e o poder civil permitiu que as hostes do abismo saciassem a sede que tinham do sangue dos santos do Senhor. Por volta do ano 1484 uma notável **bula de Inocêncio VIII** concedeu poderes ilimitados a Alberto de Capitaneis, que era vice-bispo de Cremona, para levar a morte e a destruição aos vales considerados infectados pela heresia. Um exército composto por

dezoito mil homens foi organizado e enviado para as montanhas para a aniquilação dos hereges. Levados ao desespero, os valdenses tiraram grande proveito da constituição montanhosa da sua região, que utilizaram habilmente. Apesar da limitação das suas armas, eles combateram com sucesso os poderosos inimigos usando tacos de madeira e bestas*. Nesse meio tempo, suas mulheres e filhos se dedicavam a oração. Com isso, eles conseguiram criar uma enorme confusão no meio daquela grande força militar.

A **casa de Saboia** — que havia sido estabelecida como a autoridade suprema sobre a região de Piemonte, por volta do século XIII — tinha agido de modo brando e tolerante para com esse povo proscrito*. Todavia, é digno de nota, e com tristeza o registramos que, foi uma mulher, assim como outrora Teodora e Irene[6] que, devido a menor idade de seus filhos, tomou as rédeas do governo e, como digna filha de Jezabel, deu a ordem para a perseguição das verdadeiras testemunhas de Cristo. Nunca antes, os valdenses haviam sido incomodados pelo governo secular. Porém, esse documento convocava as autoridades de Pinerolo a darem assistência aos inquisidores para obrigar os apóstatas a retornarem ao seio da Igreja Romana. Quando as exigências, as promessas e as ameaças falharam no seu efeito, passou-se a medidas mais severas, porém em vão. Nem um sequer dos habitantes foi levado a renegar a sua fé e lançar-se penitente nos braços da Igreja Romana. A fúria dos indignados sacerdotes se elevou ao máximo. À semelhança de feras selvagens, eles procuravam nas cabanas das corajosas testemunhas do Senhor Jesus. Não demorou muito para que os ribeiros dos vales fossem tingidos com o sangue dos homens, mulheres e crianças assassinados. Mas o Senhor olhava com misericórdia para o Seu rebanho sofredor. Os filhos daquela princesa hostil passaram a governar, e editos mais tolerantes do que os da sua cruel mãe, foram emitidos. Eles começavam falando dos súditos valdenses, sem utilizar o terrível apelativo de hereges, mas chamando-os de *religionários*[7]. Também eram chamados de homens dos vales, de vassalos fiéis, e que deviam ser reconhecidos por suas boas qualidades. Lembraram-se também de alguns

privilégios que haviam sido concedidos aos valdenses há muito tempo.

Até esse momento, Roma tinha fracassado completamente em alcançar seu cruel e diabólico objetivo. Ela havia determinado exterminar esses que eram obstinados oponentes do papado, mas fiéis testemunhas da verdade. Roma tinha a intenção de erradicar o nome dos hereges de todos aqueles vales. Todavia, é maravilhoso podermos dizer que, nem as execuções individuais, ou as matanças coletivas indiscriminadas, nem as traições secretas e a violência aberta conseguiram exterminar aquele povo. Mas, Jezabel continua planejando, e a tiara, e a mitra*, de modo geral, provaram ser mais fortes que a coroa.

***

Os Missionários Valdenses

Com o duplo objetivo de divulgar a pura verdade do Evangelho, e ao mesmo tempo encontrar um local novo e mais pacífico onde pudessem se estabelecer, muitos dos valdenses partiram de seus vales nativos, no final do século XIV e se estabeleceram na Suíça, na Morávia, na Boêmia, além de várias partes da Alemanha, chegando, provavelmente, até a Inglaterra. Entretanto, a maior de todas essas colônias formou-se na Calábria, por volta do ano 1370. Sendo um povo pacífico em seus modos, trabalhador em seus hábitos, e estritamente morais em todos os seus caminhos, eles logo ganharam a confiança dos donos das terras e a afeição de seus vizinhos. Os senhores feudais viram a sua riqueza e a fertilidade de suas terras aumentarem sob as mãos diligentes e habilidosas dos novos colonizadores. Com isso lhes garantiram muitos privilégios.

Foi-lhes permitido convidar pastores e mestres das comunidades matrizes localizadas nos Alpes e construírem escolas para seus filhos. Mas tal prosperidade espiritual e temporal, com tanto conforto social, era uma ofensa intolerável aos perversos olhos do papado. Os sacerdotes romanos passaram a murmurar, de forma permanente. Eles reclamavam com os senhores da terra de que os estrangeiros não se conformavam aos rituais da Igreja Romana; que os mesmos não encomendavam missas para o descanso de seus

mortos e que eram verdadeiros hereges. Os senhores feudais, entretanto, não estavam dispostos a dar ouvidos àquilo que os sacerdotes diziam. “Eles são pessoas justas e honestas”, diziam, “todos os que os conhecem admitem que são pessoas temperantes, trabalhadoras e decentes em tudo o que falam. Quem pode dizer tê-los ouvido proferir alguma expressão de blasfêmia? E como eles enriquecem nossas terras e pagam seus impostos pontualmente, não vemos nenhuma razão para persegui-los.”

Em todos os países, e durante todas as eras, os sacerdotes de Roma têm sido os maiores inimigos dos ensinamentos puros e simples que encontramos na Bíblia. Eles sempre se mostraram contrários à educação, à tolerância, à luz, à liberdade e a todo e qualquer progresso social. O poder deles, seus interesses, sua sensualidade e todas as suas perversas paixões são claramente expostas e minadas pela introdução da luz, da tolerância e da liberdade. O interesse temporal dos senhores feudais, todavia, fez com que os mesmos protegessem seus súditos e mantivessem os privilégios concedidos aos mesmos. Assim Deus, nos Seus amorosos cuidados, utilizou as vantagens temporais dos grandes desta terra para proteger os Seus. Temos diante de nós uma das misteriosas intervenções da providência divina, que nos enche de gratidão e louvor a Ele! Durante dois séculos, esses cristãos foram pouco perturbados e tiveram a permissão de permanecer e se multiplicar nos distritos da Calábria, nas imediações da própria cidade de Roma. Depois desse período, o papa finalmente ouviu as reclamações dos sacerdotes, e a escura nuvem, que há muito tempo estava se formando sobre as planícies pacíficas da Calábria e da Apúlia rompeu sobre elas com toda a sua terrível fúria.

***

O Tenebroso Ano de 1560 d.C.

Por volta do ano 1560, o papa Pio IV foi tomado por um grande zelo contra a heresia. Segundo notícias a mesma havia se arraigado profundamente em várias partes da Itália, além dos vales da região de Piemonte. As comunidades subalpinas localizadas em todos os distritos considerados contaminados foram colocadas debaixo de um interdito papal. Uma nova cruzada foi convocada e uma grande

preparação foi feita visando o completo **extermínio dos hereges**. O governador da cidade de Nápoles comandava pessoalmente as tropas, e era auxiliado por um inquisidor e um grande número de monges. Foi dessa maneira que eles invadiram os vilarejos dos valdenses estabelecidos na Calábria. Emanuel Felisberto, duque de Saboia, marchou com suas forças armadas sobre a região de Piemonte. Por sua vez, o rei francês fez o mesmo sobre a região de Dauphiné. Os “pobres homens dos vales”, com suas mulheres e crianças estavam agora diante do poder hostil do rei da França em um lado dos Alpes, e do duque de Saboia do outro lado. Os trabalhadores da terra da Calábria, com seus ministros, professores e famílias estavam completamente cercados pelas tropas do governador espanhol de Nápoles.

Eles prepararam o massacre dos santos. Os valdenses receberam a ordem de banir seus ministros e professores, de se absterem do exercício de suas próprias formas de adoração e de participarem das missas oferecidas pela Igreja Romana. Tais ordens foram recusadas de maneira determinada, nobre e corajosa. Em seguida, novas ordens foram dadas, dessa vez autorizando o confisco de bens, a prisão e até mesmo a morte dos hereges. Com isso, a impiedosa espada da fúria da perseguição religiosa foi desembainhada, e agiu de maneira brutal. Levou mais de cem anos até que a mesma fosse outra vez guardada em sua bainha. Uma perseguição sangrenta e uma carnificina indescritível tiveram início. Duas companhias de soldados, comandadas pelos agentes do papa, invadiram as terras pacíficas da Calábria, matando, queimando e destruindo os camponeses, até que o serviço de completo extermínio chegou próximo do seu fim. Os infelizes habitantes imploravam por misericórdia, por suas esposas e filhos, prometendo deixar o país e nunca mais retornar. Todavia, os inquisidores e os monges não conheciam nenhum tipo de misericórdia. As mais bárbaras crueldades foram infligidas aos fiéis seguidores de Cristo de uma maneira tão infame como talvez não ocorresse nem nos tempos das perseguições dos pagãos. O sangue não cessou de correr antes que o último protestante desaparecesse do sul da Itália. Um dos principais pregadores dos valdenses, **Lewis Pascal**, que havia afirmado que o papa era o anticristo, foi

conduzido a Roma, onde foi queimado vivo na presença de Pio IV. Isso foi feito porque o papa havia desejado deleitar seus olhos com um herege queimando. Entretanto, a resignação e o sofrimento de Pascal acabaram por suscitar a compaixão e a grande admiração dos espectadores.

Por volta do mesmo tempo, nos vales de Piemonte e Dauphiné, centenas de valdenses sofriam o martírio nos cadafalsos, ou nas fogueiras. Bandos de ladrões invadiam os pacíficos vilarejos e em nome dos oficiais de justiça saqueavam os habitantes indefesos. Ao mesmo tempo também lançaram as pessoas na prisão, até que os calabouços ficassem completamente lotados com suas vítimas. As planícies ficaram desertas. As mulheres, as crianças, os enfermos e os anciãos foram levados para o alto das montanhas, e escondidos nas florestas e entre as rochas. Os homens, se aproveitando das vantagens que o terreno natural lhes oferecia, tomaram a decisão de resistir. Quem estivesse em condições de manipular uma arma, corria com entusiasmo para se unir e assumir posição para se defenderem contra o ataque dos poderosos exércitos. Os valdenses, conhecendo muito bem todos os esconderijos e as trilhas na montanha, e lutando com a coragem do desespero, conseguiram infligir muitas baixas às tropas inimigas. O duque de Saboia, surpreso pela resistência enérgica dos tão pacíficos habitantes da montanha, retirou suas tropas. Houve uma trégua, mas durou pouco tempo. De acordo com tratados antigos, os homens que habitavam nos vales tinham certos direitos e privilégios, os quais seus soberanos relutavam em violar. Todavia, diante da insistência e das mentiras apresentadas pela hierarquia romana, acabavam sucumbindo a tais práticas. Das datas que fornecemos a seguir, o leitor poderá ver quão breves foram os períodos de descanso experimentados pelos valdenses e com que obstinação estes foram perseguidos: os anos 1565, 1573, 1581, 1583, e o período entre os anos 1591 e 1594 se destacaram por violentas contendas religiosas e civis. Porém, jamais, a majestade da verdade e a inocência dos acusados saíram à luz de forma mais brilhante do que durante os tempos de tempestades da perseguição que irrompeu pelos próximos cem anos ou mais, com breves intervalos.[8]

O Dr. Beattie, que visitou os vales protestantes da região de Piemonte, de Dauphiné, e de Ban de la Roche, por volta do início do século XIX, teve essa mesma impressão. “Quanto mais ardente a violência da perseguição, mais aumentava a medida da determinação dos valdenses. Apesar de sofrerem, sendo vítimas de massacres indiscriminados, de saques ímpios, de tortura, extorsão e a morte pela fome, ainda assim, a decisão de perseverarem fiéis à verdade, permanecia inabalável. Cada tortura que a crueldade humana era capaz de inventar, ou a espada de infligir, provava que a sua fúria era em vão. Não havia nada que pudesse subverter a fé dos valdenses, nem submeter ou vencer a coragem que tinham. Em defesa dos seus direitos naturais como homens, na sustentação da verdade e na resistência contra todos os editos de exterminação — que causaram a desolação de seus lares e mancharam seus altares com sangue — os valdenses demonstraram uma determinação e perseverança que não encontram paralelo na história.”[9]

Agora que trouxemos a história das testemunhas de Cristo até o século XVI, iremos deixá-los de lado, na esperança de encontrá-los outra vez, quando alcançarmos aquele período da nossa história geral.

---

[1] Escolásticos são comumente chamados os filósofos da Idade Média. As ambições dos que estudavam ciências superiores estavam todas, quase que exclusivamente, direcionadas à religião e à Teologia. Os escolásticos tinham como o seu dever harmonizar os resultados das suas inquirições com as doutrinas da igreja; com outras palavras, tornar essas doutrinas aceitáveis à inteligência humana. O tempo áureo da filosofia escolástica foi nos séculos XII e XIII. Pelo contato com os árabes e gregos, tomou-se conhecimento dos escritos de Aristóteles, um erudito grego famoso que viveu no século IV antes de Cristo. Na sua filosofia, partia do princípio da pesquisa da natureza para, por meio da experiência chegar à identificação de condições gerais e necessárias para o pensar. As doutrinas de Aristóteles ampliavam o raio de visão dos escolásticos e alcançaram, finalmente, uma autoridade indiscutível em todas as doutrinas da teologia escolástica.

[2] Waddington, vol. 3, p. 363.

[3] Milner, vol. 3, p.188. J. C. Robertson, vol. 3, p. 431. D´Aubigne, vol. 1, p. 99.

[4] Mosheim, cent. 4, chap. 3.

[5] J. C. Robertson, vol. 4, p. 77. Para narrativas mais completas da vida desses homens e de seus escritos ver *Knight's Biographical Dictionary*.

[6] Teodora, esposa do imperador Teófilo; Irene era sua irmã.

[7] Fanático de uma religião.

[8] *Encyclopedia Britannica*, vol. 21, p. 543.

[9] *Scenery of the Waldenses*, William Beattie, M. D. Ver também a longa narrativa que encontramos, acerca dos valdenses no livro de História da Igreja escrito por Milner, vol. 3.

Capítulo 30

JOÃO WYCLIFFE

Todo leitor atento da história precisa ser frequentemente lembrado das séries palavras de advertência que nos foram dadas pelo apóstolo Paulo: "Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará" (Gl 6:7). Em todas as páginas da história, podemos encontrar as mais solenes e práticas ilustrações confirmando a verdade desse princípio divino nos assuntos humanos. Aquele que semeia joio na primavera, não pode esperar colher trigo no outono. E o que planta trigo na primavera não se verá obrigado a colher joio no outono. Podemos observar a verdade desse princípio do governo divino ao nosso redor, diariamente. Quantas vezes os hábitos adquiridos na juventude determinam a condição do indivíduo na terceira idade. Mesmo as riquezas da graça divina não podem impedir a execução desse princípio no governo de Deus. Depois que Davi, o rei de Israel, reconheceu a sua transgressão e se arrependeu, o profeta Natã pôde lhe dizer: "Também o SENHOR perdoou o teu pecado; não morrerás". Contudo, Davi teve que experimentar profundamente a seriedade dos caminhos de Deus: "O SENHOR feriu a criança que a mulher de Urias dera a Davi, e adoeceu gravemente" (2 Sm 12:13,15). Deus sempre executa as imutáveis leis do Seu governo

neste mundo. Ainda que a Sua inescrutável misericórdia nunca falte àquele que verdadeiramente se arrepende.

Apesar de não podermos falar com a mesma confiança quando o assunto trata do sistema geral que governa a sociedade humana, ainda assim podemos, de forma reverente, observar a direção de Deus em seus caminhos. Mesmo não entendendo os detalhes podemos perceber que Deus impõe, em Sua sabedoria, certas situações e condições visando concretizar Seus próprios propósitos. Olhando para o trecho da história que acabamos de ver, encontramos uma série de exemplos que nos mostram com clareza esta divina maneira de agir. Os triunfos sangrentos alcançados pelo papado em **Languedoc** provaram ser apenas a causa de sua própria queda rápida e ruína. Ao esmagar o conde de Toulouse e outros grandes senhores feudais do sul da França, os domínios da coroa francesa foram significativamente aumentados. Com isso, os reis da França, até então submissos, tornaram-se, a partir daquele momento, inimigos obstinados do papa. Luís IX promulgou a "Sanção Pragmática", que estabeleceu a liberdade da Igreja Gálica. Filipe, apelidado o Belo, obrigou o orgulhoso papa Bonifácio a beber o cálice da humilhação que os papas, tradicionalmente, serviam aos detentores do poder secular na Europa. De 1309 até 1377, os papas localizados em Avignon, não passavam de meros vassalos de Filipe e seus sucessores. E de 1377 até 1417 o próprio papado foi dilacerado por uma grande divisão. Dessa forma, temos que entender que uma retribuição justa aconteceu mediante a providência de Deus: aqueles que buscavam a destruição de outros, se tornaram em seus próprios destruidores.[1] Essa mesma realidade podemos observar também na Inglaterra.

***

A Inglaterra e o Papado

A submissão do rei João ao papa Inocêncio III foi um momento crucial da história do papado na Inglaterra. A degradação do príncipe levou toda a nação a sentir-se humilhada. Inocêncio havia ido longe demais. O papa exerceu, na prática, um enorme abuso do poder. Esse poder, por sua vez, acabou ricocheteando* sobre o próprio Inocêncio, no devido tempo. A Inglaterra jamais poderia se

esquecer de tal tratamento abjeto por parte de um sacerdote estrangeiro. A partir daquele momento um espírito de aversão e desgosto contra a hierarquia romana cresceu nos corações do povo inglês. As usurpações, as reivindicações exorbitantes do papado, a interferência sobre a distribuição dos bispados da Inglaterra acabaram por produzir, com grande frequência, uma colisão entre os interesses do governo e da igreja, contribuindo para ampliar muito o abismo já existente. Mas justo quando a paciência do povo estava praticamente se esgotando por causa dos abusos papais, Deus se agradou em levantar um poderoso adversário para combater todo o sistema hierárquico. O primeiro homem que abalou o domínio papal na Inglaterra até os seus alicerces — homem esse que amava sinceramente a verdade e pregava tanto para os eruditos quanto para os indivíduos das classes mais baixas — chamava-se **João Wycliffe**. Por sua coragem, ele é chamado, e com razão, de precursor ou estrela da manhã da Reforma Protestante.

Não sabemos muito acerca da primeira parte da vida de João Wycliffe. A opinião geral, entretanto, é que o mesmo nasceu de pais humildes, nas vizinhanças da cidade de Richmond em Yorkshire, por volta do ano 1324. Provavelmente, em decorrência das faculdades intelectuais desenvolvidas na sua tenra juventude, ele seria destinado para ser um escolástico, que segundo as informações que temos daqueles dias até os mais humildes tinham acesso a essa posição. A Inglaterra era praticamente uma terra de escolas. Cada catedral, e praticamente todo monastério possuía uma escola própria. Todavia, jovens mais ambiciosos, mais autoconfiantes e com uma capacidade destacada, que buscavam melhores oportunidades, se encaminhavam para as universidades de Oxford e Cambridge — quando as circunstâncias e os meios o permitiam. Assim como em toda a cristandade, também na Inglaterra, aquele impulso poderoso, e novamente despertado, por conhecimento e ciências, fez com que as universidades se enchessem com milhares de estudantes. Isso representava uma enorme mudança nos costumes daqueles dias, pois até então apenas umas poucas centenas possuíam o privilégio de ocupar as cadeiras de aprendizado que estavam disponíveis nas universidades.[2]

João Wycliffe encontrou seu caminho em direção a Oxford. Ele foi admitido como aluno na faculdade da rainha, mas em pouco tempo mudou-se para a faculdade de Merton, que era a mais antiga, a mais rica e a mais famosa de todas as fundações que existiam em Oxford. Alguns supõem que ele teve o privilégio de assistir as brilhantes preleções proferidas pelo muito piedoso e mui erudito Tomás Bradwardine, e que foi dessas preleções que ele derivou seus primeiros conhecimentos acerca da livre e ilimitada graça de Deus, e da completa inutilidade dos méritos humanos relacionados à questão da salvação de um pecador perdido. Dos escritos de Grostete, ele adquiriu suas primeiras noções sobre a natureza anticristã do papado.

De acordo com os seus biógrafos, o espírito incansavelmente ativo de Wycliffe logo se familiarizou e tornou-se mestre nas leis civis, canônicas e municipais. Entretanto, seus maiores esforços foram direcionados ao estudo da teologia. Mas não como aqueles infindáveis dogmas áridos que eram apresentados e incutidos naqueles tempos aos alunos sedentos pelo saber, mas sim como uma ciência divina, que é adquirida mediante a inquirição do espírito e da letra das Sagradas Escrituras. Em sua busca por respostas, ele teve que enfrentar e combater numerosas e grandes dificuldades. O estudo das Escrituras nunca fora aprovado pela igreja, e para o qual ela nunca havia tomado providências. O texto Sagrado estava negligenciado porque os pensamentos dos teólogos escolásticos haviam ocupado o lugar da autoridade das Escrituras. As línguas originais tanto do Novo quanto do Antigo Testamento eram, praticamente, desconhecidas através do reino. Mas, apesar dessas muitas e desencorajadoras dificuldades, e embora lhe faltasse os meios mais necessários, Wycliffe seguiu o seu caminho com perseverança inabalável. Um de seus biógrafos nos diz: “Sua lógica, sutileza escolástica, arte retórica, capacidade de leitura das escrituras latinas e erudição variada, podem ser atribuídas a Oxford. Por outro lado, o vigor e a energia de sua inteligência, a força de sua linguagem, seu pleno domínio da língua inglesa e a supremacia que reivindicava para as Escrituras, as quais com grande esforço se empenhava em promulgar na língua do povo, eram características dele mesmo. Nenhuma escola tradicional poderia tê-lo ensinado

essas coisas, pois não estavam nem mesmo disponíveis em nenhum local de ensino”.[3]

***

WYCLIFFE E OS MONGES

Por volta do ano 1349, quando Wycliffe estava com 24 anos, e começava a tornar-se renomado em sua faculdade, a Inglaterra sofreu as terríveis consequências da **peste bubônica**. Supõe-se que a mesma tenha surgido na região do Tártaro, e depois de despopular vários países da Ásia, se espalhou para as margens do Nilo; e de lá para as ilhas gregas, de onde se propagou rapidamente por todas as nações da Europa trazendo consigo grande matança. A perda de vidas humanas foi tão imensa que alguns chegam a afirmar que um quarto de todos os habitantes da Terra pereceu. Outros dizem que a metade pereceu. Além disso, a peste também atingiu o gado, em vários lugares. Quando essa terrível enfermidade apareceu na Inglaterra, o ânimo piedoso de Wycliffe se encheu com as apreensões mais desesperadoras, tenebrosas e pressentimentos com o futuro. Era como o soar da última trombeta em seu coração. Ele concluiu que o grande dia do julgamento estava se aproximando. Diante dessa perspectiva solene, com seus pensamentos fixos na eternidade, ele permaneceu por muitos dias e noites em seu quarto, sem dúvida em profunda e sincera oração buscando direcionamento divino. Wycliffe emergiu dessa situação como um valoroso combatente a favor da verdade. Ele havia encontrado a sua força na Palavra de Deus.

Através de seu zelo e fidelidade na pregação do Evangelho, especialmente para o povo comum aos domingos, ele recebeu o merecido título de “doutor evangélico”. Mas o que trouxe a ele verdadeira fama e popularidade em Oxford foi sua defesa da universidade contra as atrevidas tentativas dominadoras de Roma feitas através dos monges mendicantes.

Seus ataques contra essas Ordens foram incansáveis, impiedosos e destemidos, as quais ele considerava como o maior mal existente na cristandade. Agora havia quatro dessas Ordens — dominicanos, franciscanos, agostinianos e carmelitas — e estavam presentes, como verdadeiros enxames, nas melhores partes de toda

a Europa. Elas se empenhavam em Oxford, como também o haviam feito em Paris, para subirem na hierarquia e na influência sobre essas universidades. Eles tiravam proveito de todas as oportunidades para seduzir os estudantes para dentro de seus conventos, os quais, sem o consentimento de seus pais eram então alistados como membros das Ordens mendicantes. Esse grande mal atingiu tamanha extensão que a maioria dos pais passou a impedir que seus filhos fossem para as universidades. Houve uma época que cerca de trinta mil jovens estudavam em Oxford, mas por causa dessas práticas das Ordens católicas o número foi reduzido para seis mil, apenas. Bispos, sacerdotes e teólogos em praticamente todos os países e universidades na Europa estavam lutando contra esses grandes enganadores, sem, todavia, alcançar resultado que fosse positivo e duradouro, visto que os papas defendiam vigorosamente essas fraternidades como sendo suas melhores amigas, e sobre as quais costumavam distribuir grandes privilégios.

Wycliffe tomou uma posição firme, e corajosamente, combateu com êxito a raiz desse grande e universal mal. Juntamente com o declínio do poder papal, o qual já tivemos a oportunidade de notar, também podemos marcar o início do declínio das Ordens mendicantes. Wycliffe publicou alguns tratados espirituais intitulados: “Contra a habilidosa mendicância”, “Contra a preguiça da mendicância”, e um terceiro tratando acerca “Da pobreza de Cristo”. Estes escritos se dirigiam de forma contundente contra as más ações dos monges mendicantes. “Ele denunciou a mendicância em si mesma e todos os membros dessas Ordens como mendicantes sadios, capazes de trabalhar, aos quais não deveria ser permitido que castigassem a terra. Ele os acusou de cometerem cinquenta erros de doutrina e prática. Também os denunciou por interceptarem as esmolas que eram destinadas aos pobres, para serem utilizadas em seu inescrupuloso sistema de proselitismo, o qual Wycliffe censurava fortemente. Além disso, os condenava pela invasão que praticavam atacando os direitos paroquiais, e pelo terrível costume que tinham de enganar o povo simples através de fábulas e lendas. Também os reprovava fortemente por suas pretensões hipócritas quanto à santidade, pela forma descarada como bajulavam os ricos

e os poderosos, acerca dos quais, na realidade, tinham a obrigação de reprová-los por seus pecados. Nesse meio tempo eles arrecadavam todo o dinheiro que era possível, por qualquer meio, de tal maneira que seus edifícios resplandeciam, enquanto as igrejas paroquiais ficavam em completo abandono."[4]

Por causa de sua postura ousada, João Wycliffe era agora reconhecido como o líder de um grande partido, tanto na universidade quanto na igreja. Muitas honras e títulos lhe foram conferidos nessa época. Mas, se por um lado ele havia conquistado muitos amigos, por outro havia também conquistado poderosos inimigos, cuja ira era perigosa ao ser provocada. Seus problemas e grandes mudanças em sua vida começaram a partir desse momento. Os monges informaram o papa acerca de tudo o que estava acontecendo. Em 1361 Wycliffe foi promovido à direção da faculdade Balliol e na mesma época assumiu um pastorado em Fillingham. Quatro anos depois ele foi escolhido como guardião da Cantuária. Seu conhecimento exato das Escrituras; a pureza de sua vida; sua coragem inabalável; sua eloquência como pregador; a maestria com a qual ele pregava, de forma entusiástica, para o povo simples, lhe renderam a admiração geral. Ele insistia que a salvação era somente pela fé, através da graça, sem a participação de nenhum mérito humano em qualquer forma que fosse. Tal ensino representava uma agressão, não apenas aos ensinos errados da igreja, mas atingia os próprios alicerces de todo o sistema papal. Conduzido pela sabedoria divina ele começou sua grande obra no lugar certo e da maneira certa. Ele pregou o Evangelho e explicou a Palavra de Deus de uma maneira compreensível ao povo. Dessa forma, ele conseguiu plantar na mente popular essas grandes verdades e princípios, os quais, eventualmente, conduziram a Inglaterra a lançar fora o jugo da tirania romana.

***

WYCLIFFE E O GOVERNO SECULAR

A fama de Wycliffe como um defensor da verdade e da liberdade não estava mais confinada à universidade de Oxford. O papa e os cardeais tinham medo dele e observavam, com temerosa preocupação, todos os seus movimentos. Por outro lado, o rei e o

parlamento o consideravam em alta estima, por causa de sua integridade, capacidade de julgar e sua perspicácia. Por esse motivo ele era sempre consultado em questões de grande importância envolvendo a igreja e o Estado.

Por volta do ano 1366 uma controvérsia teve início entre o papa Urbano V e Eduardo III, o rei da Inglaterra. A mesma dizia respeito à renovação da exigência papal do tributo anual de mil marcos, que o rei João havia se comprometido a pagar para a Sé Romana, como uma forma de reconhecimento da superioridade feudal do pontífice de Roma sobre os reinos da Inglaterra e da Irlanda. O pagamento deste odioso tributo nunca havia sido feito de forma regular. De fato, o mesmo não havia sido pago nas últimas décadas. Urbano exigiu o pagamento completo de toda a dívida. O rei Eduardo recusou-se, declarando que havia resolvido manter a liberdade e a independência de seu reino. Tanto o parlamento quanto o povo em geral se colocaram do lado do rei. A arrogante exigência do papa tinha criado um grande alvoroço em toda a Inglaterra. As duas casas do parlamento foram consultadas. A forma como a questão seria resolvida interessava a todas as classes, inclusive a todos os cristãos. Wycliffe, que nessa época já era um dos capelães do rei, foi indicado para responder às exigências papais. Ele fez isso com tal habilidade que conseguiu provar, claramente, que nenhuma lei canônica ou papal tinha força para se opor ao que está ensinado na Palavra de Deus. O resultado de sua defesa foi que o papado, daquele dia em diante, cessou de reivindicar sua soberania sobre a Inglaterra. Os argumentos de Wycliffe foram plenamente aprovados pelos lordes do parlamento, que de forma unânime, resolveram manter a independência da coroa contra as pretensões de Roma. As breves e objetivas falas dos barões naquela ocasião são curiosas e características daqueles tempos.

No ano 1372, Wycliffe foi elevado à posição de professor de teologia. Esse foi um passo importante na causa da verdade e foi usado pelo Senhor para o cumprimento de Seus propósitos de graça. Sendo agora um doutor em teologia, ele tinha o direito de fazer preleções sobre a Palavra de Deus e sobre as doutrinas da Igreja. Ele gozava de tal reputação entre os estudantes e jovens teólogos em Oxford, que tudo o que ele dizia era recebido como um

verdadeiro oráculo. É impossível estimarmos a influência imensamente benigna que ele exerceu sobre a mente dos estudantes que assistiam, em grande número, a suas palestras naquele tempo. A arte de imprimir livros ainda não havia sido inventada, e a aquisição de manuscritos estava condicionada a muitas dificuldades e custos. Sendo assim, eles dependiam principalmente dos ensinamentos e preleções de seus professores. Centenas daqueles jovens que haviam ouvido as ricas instruções de Wycliffe, mais tarde se tornaram professores públicos, levando a mesma preciosa semente da verdade divina que havia sido espalhada em seus corações; disseminando-a de forma ampla.

***

WYCLIFFE EM AVIGNON

Apesar de que agora já era bem conhecido o fato que Wycliffe mantinha muitas opiniões antipapais, ele ainda não havia sido enredado em uma oposição direta contra Roma. Mas no ano 1374 ele presidiu uma embaixada que representava os interesses da Inglaterra diante do papa Gregório XI, cuja residência estava localizada na cidade de Avignon. O objetivo dessa missão diplomática era pressionar o papa a abolir os flagrantes abusos que haviam sido introduzidos mediante a interferência papal na ocupação dos cargos eclesiásticos dentro da igreja da Inglaterra. Não temos dúvidas que o Senhor permitiu tudo isso para mostrar a Wycliffe que, precisamente a corte papal era a fonte e o ponto de partida de tais iniquidades e injustiças. Para os estrangeiros esse sempre foi um fato difícil de acreditar. Ao retornar dessa missão ele tornou-se um antagonista aberto, direto e temido por Roma. A experiência em Avignon e Bruges veio afirmar suas convicções anteriormente expressas: que as arrogantes exigências do papado careciam totalmente de uma base verdadeira e divina. Ele publicou, de forma incansável, as profundas convicções de sua alma. Wycliffe protagonizou inúmeras e penetrantes preleções e debates científicos na universidade de Oxford. Também se utilizou de seus sermões em sua paróquia e escreveu inúmeros folhetos espirituosos, que eram compreensíveis aos mais humildes e às classes menos educadas. Denunciou com grande ardor e uma

indignação já há muito entesourado, a corrupção do sistema papal. Ele dizia: “O Evangelho de Jesus Cristo é a única fonte da verdadeira fé. O papa é o anticristo, o orgulhoso e mundano sacerdote de Roma. Ele é o mais amaldiçoado de todos os espoliadores e ladrões que possam existir”. O orgulho, a pompa, o luxo e a lassidão moral* dos prelados foram todos objetos de suas agudas condenações. Sendo o próprio Wycliffe um homem de moral inatacável, de profunda piedade, de sinceridade acima de qualquer suspeita e possuidor de uma eloquência original, ele atraía, como um professor corajoso, uma enorme multidão de ouvintes.[5]

***

WYCLIFFE DECLARADO COMO UM ARQUI-HEREGE

Por esse tempo Wycliffe havia sido elevado a uma posição de alto prestígio. Havia também recebido muitas provas do favor real. Ao final do ano 1375, algum tempo depois de ter retornado de Avignon, como recompensa pelos seus fiéis serviços ele foi nomeado, pelo rei, para dirigir a paróquia da cidade de **Lutterworth**, no condado de Leicestershire, que se tornaria seu lar pelo restante dos dias de sua vida. Apesar disso, Wycliffe costumava ir, com bastante frequência até Oxford. Todavia, inúmeros perigos começavam a rodeá-lo, vindos de todas as direções. Ele havia conseguido desagradar tanto o papa quanto os prelados. Em Lutterworth e nos vilarejos ao redor, Wycliffe era um pregador simples e corajoso. Já em Oxford ele era o grande mestre. Mas, fosse na cidade ou no interior, ele levantava sua poderosa voz contra a indisciplina existente na Igreja Romana, a vida escandalosa dos clérigos, a ignorância deles, a negligência que tinham com respeito à pregação e o infame abuso de seus privilégios como eclesiásticos para ocultar seus crimes evidentes. Era, portanto, natural que tal linguajar simples e direto produzisse grandes ofensas e que os clérigos queriam calar esse reformador ousado. O professor foi acusado de heresia e convocado a comparecer diante de um tribunal eclesiástico que teve início em fevereiro do ano 1377.

Wycliffe atendeu imediatamente à intimação e seguiu em direção a **catedral de São Paulo**, onde o tribunal realizaria suas seções. Ele foi acompanhado por João de Gant, duque de Lancaster, e pelo

lorde Percy, que pertencia à casa alta do parlamento. A motivação desses dois grandes personagens, sem sombra de dúvidas, era política e nada adicionavam em termos de honra, ao nome ou a causa defendida por Wycliffe. Entretanto, é comum encontrarmos uma estranha combinação e mistura entre a religião e a política na história de todos os reformadores. Guilherme Courtenay, filho do conde de Devon, era naqueles dias o bispo de Londres e foi nomeado presidente da assembleia pelo arcebispo de Sudbury. O orgulhoso e arrogante bispo não gostou nada de receber o herege Wycliffe acompanhado por dois dos mais poderosos nobres da Inglaterra. O interesse popular reuniu uma enorme multidão para testemunhar esse importante julgamento, de tal modo que o lorde Percy teve que fazer uso da autoridade do seu ofício para poder abrir caminho para si e para seus acompanhantes até a presença diante dos juízes. O bispo ficou indignado e ressentido com o exercício do poder político dentro do ambiente da sagrada catedral.

"Se eu soubesse, meu senhor", disse Courtenay a Percy de forma abrupta, "que o senhor viria reivindicando soberania sobre essa igreja, eu teria tomado as medidas necessárias para impedir a vossa entrada." O duque de Lancaster, filho do rei Eduardo, que naqueles dias tinha a responsabilidade de administrar o reino, respondeu de modo frio, dizendo: "O lorde deverá usar a autoridade necessária para manter a ordem apesar da vontade dos bispos". Quando todos eles finalmente chegaram diante dos juízes que haviam se reunido na capela de Nossa Senhora, Percy exigiu que um assento fosse oferecido a Wycliffe. Courtenay dando vazão à sua ira exclamou em alta voz: "Ele não deve sentar-se, pois os criminosos devem permanecer *em pé* diante de seus juízes!". Palavras acaloradas e hostis foram trocadas entre as partes. O duque ameaçou humilhar o orgulho não apenas de Courtenay, mas de todos os prelados da Inglaterra. O bispo respondeu de maneira provocativa, com uma falsa humildade, que sua confiança estava depositada apenas em Deus. Por fim, a contenda tornou-se tão violenta que se tornou impossível continuar com o inquérito, e a assembleia se dissolveu em meio a uma grande confusão e tumulto. Os partidários do bispo teriam, sem dúvida, agredido o duque e o lorde, expulsando-os da catedral; mas eles se haviam precavido e estavam acompanhados

por uma força militar suficiente para protegê-los. Wycliffe, que havia contemplado em silêncio essa agitada cena, escapou sob a proteção de seus poderosos aliados.

Apesar do fato que, naqueles dias todos se diziam ser católicos romanos, existia uma grande quantidade de pessoas que eram favoráveis a algum tipo de reforma dentro da Igreja Romana. Esses passaram a ser chamados de seguidores de Wycliffe, os quais, quando surgiu esse tumulto, se recolheram sabiamente para dentro de suas casas. O partido dos clérigos, que havia ocupado todos os lugares na catedral de São Paulo encheu as ruas com seus gritos. A plebe se levantou e um enorme tumulto teve início. Com grande estrondo esses arruaceiros atacaram, em primeiro lugar, a casa do lorde Percy. Mas, depois de terem arrombado todas as portas, e procurado pelo mesmo por todos os aposentos da casa, sem encontrá-lo, pensaram que talvez o mesmo estivesse escondido no palácio do duque de Lancaster. Eles correram para o palácio de Saboia, que naquele tempo era o mais belo edifício que existia em todo o reino. Um membro do clero, que teve a infelicidade de ser confundido com lorde Percy, foi assassinado. As armas do duque foram roubadas e penduradas em uma forca, como as de um traidor; e o palácio foi saqueado. Outras graves ofensas poderiam ter sido cometidas, não fosse a intervenção do bispo Courtenay, que tinha muitos motivos para temer as graves consequências de tais procedimentos ilegais. Sua intervenção conseguiu apaziguar a multidão.

***

WYCLIFFE E AS BULAS PAPAIS

Wycliffe estava outra vez em liberdade. Os males com que seus perseguidores pretendiam agredi-lo não lhe foram infligidos. Apesar da fúria dos bispos, ele continuou a pregar e a instruir o povo sem se deixar abater, com grande zelo e coragem. Por esses dias havia **dois papas**, ou melhor, dois antipapas. Um estava em Roma e o outro em Avignon. Esse período é referido nos livros de história como "*o Grande Cisma*", que durou de 1378 até 1417. Tal condição foi caricaturada por alguns artistas da época, como se fosse a união de dois siameses ou um anticristo com *duas cabeças*. Por meio de

qual das duas cabeças apostólicas a alegada sucessão papal fluía, é algo que o próprio leitor precisa julgar por si mesmo. Wycliffe denunciava os dois papas como sendo o anticristo. Com isso, ele encontrava enorme apoio e aceitação por parte das mentes e corações do povo. A seguir uma cena bastante lastimável começou a se desenrolar diante dos olhos da admirada cristandade. O pontífice localizado em Roma proclamou uma guerra contra o pontífice que estava em Avignon. Uma Cruzada foi pregada a favor do primeiro. As mesmas indulgências e privilégios foram garantidas aos cruzados, como nos dias antigos para aqueles que se dirigiram à Terra Santa. Orações públicas foram oferecidas, por ordem do papa, em todas as Igrejas Romanas. Tais orações tinham como propósito invocar a benção dos céus sobre as armas do partido do pontífice romano contra aquele localizado em Avignon. Os bispos e o clero em geral foram convocados para exigir de seus rebanhos contribuições para esse propósito sagrado. Sob a direção do comandante que usava a mitra papal, um jovem e guerreiro bispo de Norwich cujo nome era Spencer, os cruzados iniciaram sua marcha. Em pouco tempo eles conquistaram as cidades de Gravelines e Dunkirk, ambas na França. Devemos notar, todavia, que o exército do papa, comandado por um bispo inglês, ultrapassou as práticas da crueldade e desumanidade que eram comuns naqueles dias. Homens, mulheres e crianças foram cortadas em pedaços, sem misericórdia e sem distinção, em uma gigantesca carnificina. O próprio bispo carregava uma enorme espada de dois fios, e parece ter participado com agrado e de forma ativa no massacre do pacífico rebanho do papa rival que estava em Avignon.

Tal tipo de expedição somente poderia terminar mesmo em um grande desastre e enorme vergonha. A mesma abalou o papado até os seus mais profundos alicerces. Assim, a causa da Reforma foi grandemente fortalecida. De 1305 até 1378 os papas eram pouco mais do que meros vassalos dos monarcas franceses em Avignon. E dessa última data até 1417, o próprio papado se viu envolvido por esse grande Cisma. Enquanto isso, os leais seguidores do papa continuavam em sua constante perseguição contra Wycliffe. Um documento contendo dezenove artigos de acusação contra o pregador inglês foi submetido ao papa Gregório XI. Em resposta a

essas acusações, cinco bulas papais foram enviadas para a Inglaterra. Três delas estavam endereçadas ao arcebispo, uma ao próprio rei e a última foi para a universidade de Oxford. Todas elas exigiam um inquérito apurado acerca das doutrinas erradas que estavam sendo ensinadas por Wycliffe. As acusações lançadas sobre ele, na realidade, não versavam sobre o credo da igreja, e sim contra o poder do clero. Ele foi acusado de reavivar os erros cometidos por Marsílio de Pádua e João Gaudun, que foram defensores do poder temporal dos monarcas contra o poder papal.

Wycliffe foi intimado, uma segunda vez, a comparecer diante dos juízes papais. Mas dessa vez não deveria ir para a catedral de São Paulo e sim para a capela de Lambeth, a sede do arcebispo de Cantuária. Dessa vez, Wycliffe não seria acompanhado do duque de Lancaster e nem do lorde Percy. Sua confiança estava no Deus vivo. O povo estava preocupado de que ele, uma vez dentro da cova dos leões seria devorado. Muitos cidadãos londrinos forçaram sua entrada na capela. Os prelados, ao observarem os olhares e os gestos ameaçadores vindos da parte do povo, ficaram grandemente alarmados. Todavia, mal os procedimentos haviam sido iniciados, uma mensagem foi recebida vinda da parte da mãe do jovem rei — a viúva do Príncipe Negro — proibindo os juízes de emitirem qualquer sentença definitiva relativa tanto às doutrinas quanto à conduta de Wycliffe. “Os bispos”, nos diz Walsingham, o advogado papal, “que haviam se comprometido e determinado cumprirem com seus deveres, independente de ameaças ou promessas, mesmo diante do perigo que suas próprias vidas corriam, tornaram-se como canas agitadas pelo vento. Eles se sentiram tão ameaçados e estavam inquietos e temerosos que durante o interrogatório imposto ao apóstata, suas falas eram tão suaves quanto um canto, o que representava uma evidente perda de dignidade, e causava enorme prejuízo ao todo da igreja. Quando Clifford apresentou sua magnificente mensagem, cheia de firmeza, os membros do clero foram tomados de grande temor e pareciam como homens que não ouvem, e em cujas bocas não existiam palavras de contradição. Dessa maneira, esse falso mestre e consumado hipócrita, conseguiu se evadir da mão da justiça, não podendo ser novamente

chamado diante daqueles mesmos prelados, porque a comissão que haviam recebido expirou junto com a morte de Gregório XI."[6]

A **morte de Gregório** combinada com o grande Cisma, foi utilizada pela boa providência de Deus, para livrar Wycliffe das mãos cruéis de seus obstinados perseguidores; eles pensavam que já tinham a vítima em seu poder, mas Deus anulou os seus planos. Depois desses eventos, Wycliffe retornou às suas ocupações anteriores. Através de suas mensagens do seu púlpito, suas preleções acadêmicas, e seus variados escritos, ele continuou trabalhando para promover a causa da verdade e da liberdade religiosa. Ele também organizou, por volta desse tempo, um grupo de pregadores itinerantes. Esses tinham a responsabilidade de viajar através do país, pregando o Evangelho de Jesus Cristo, aceitando a hospitalidade que lhes era oferecida e confiando no Senhor para suprir todas as suas necessidades. Eles foram chamados de "*sacerdotes pobres*", e não era incomum serem perseguidos pelos membros do clero. Entretanto, a simplicidade e sincera dedicação que se manifestava na vida e nas palavras desses missionários da cruz atraíram grandes multidões do povo simples ao redor deles.

***

WYCLIFFE E A BÍBLIA

Não temos a intenção de acompanhar os detalhes de todo o trabalho realizado por Wycliffe, nem de observar os incansáveis esforços de seus inimigos para fazê-lo parar com suas atividades. Iremos agora prestar atenção àquilo que foi a maior obra de sua vida dedicada e útil ao Senhor — a **tradução inglesa** completa das Sagradas Escrituras. Já temos observado sua corajosa, destemida e firme atitude em atacar e expor os inúmeros abusos do papado. Também vimos como ele expôs a verdade aos seus alunos, e pregou zelosamente o Evangelho aos pobres. Agora ele está envolvido em um trabalho que iria enriquecer infinitamente mais a sua própria alma, visto que ele se envolveu profundamente com as Escrituras Sagradas. Sabemos que depois de ter se familiarizado com o conteúdo da Bíblia, ele passou a rejeitar as falsas doutrinas da igreja de Roma. Uma coisa é enxergar os abusos externos

cometidos pela hierarquia eclesiástica; outra, completamente diferente é conhecer a mente e os pensamentos de Deus como apresentados nas doutrinas de Sua Palavra.

Tão logo uma porção da tradução estava terminada, o serviço dos copistas começava, e aquela porção da Bíblia era amplamente distribuída. Assim, a Palavra de Deus se tornou acessível também para os indoutos, os burgueses, soldados e o povo da classe baixa. O efeito abençoado que ela exerceu sobre as pessoas, vai muito além da nossa capacidade humana de avaliar. Mentes foram iluminadas, almas foram salvas e Deus foi glorificado. “Wycliffe”, disse um de seus adversários, “tornou o Evangelho algo comum e mais acessível aos leigos e às mulheres do que tinha sido até esse tempo, até mesmo para os clérigos instruídos. Dessa maneira, a preciosa pérola do Evangelho foi dispersa e pisoteada sob os pés dos porcos.” No ano 1380, a Bíblia traduzida ao inglês estava completa. Em 1390 os bispos fizeram uma tentativa para que a tradução fosse condenada pelo parlamento. A alegação apresentada era que a mesma poderia induzir a heresia. Naquela ocasião, João de Gant declarou que a Inglaterra não iria se submeter à tamanha degradação de ter negado o direito de possuir uma Bíblia em sua própria língua. “A Palavra de Deus é a fé de seu povo”, foi dito, “o papa e todos os clérigos irão desaparecer da face da terra, porém a fé nunca acabará e não falhará, pois está baseada apenas em Jesus Cristo, nosso mestre e nosso Deus.” Assim a tentativa de suprimir a Bíblia fracassou completamente; antes, contribuiu para promover a sua divulgação, visto que o interesse geral estava dirigido à ela. Ela foi difundida em grande parte pelos “sacerdotes pobres” que lembravam “os pobres homens de Lyon”, no período anterior da história. Estes homens agora eram utilizados por Deus para tornar conhecida a Sua preciosa verdade mais e mais.

O leitor cristão será capaz de perceber a mão do Senhor nessa grande obra. O maior, e divino instrumento — a Bíblia — estava agora pronto e nas mãos do povo. Esse foi o elemento mais importante para que a Reforma Protestante pudesse ser implementada no século XVI. A viva Palavra de Deus e que permanece eternamente, foi resgatada das empoeiradas prateleiras

dos conventos — onde estava inutilizada e inacessível para o povo simples. Não continuou sendo um livro selado com sete selos para os indoutos, do qual os sacerdotes lhes comunicavam tanto quanto lhes agradava, mas foi oferecida ao povo inglês em sua própria língua materna para a livre utilização. Quem é capaz de estimar, de forma apropriada, tamanha benção? É chocante ver tal perversidade, essa perversidade assassina de almas do sacerdócio romano, em manter a Palavra da vida distante do povo simples. Daqui em diante, a Bíblia poderia falar diretamente aos corações de pecadores perdidos, que careciam salvação, e falar-lhes do grande amor de Deus que se manifestou na entrega de Seu Filho Unigênito, cujo sangue purifica de todo o pecado.

***

Traduções Parciais da Bíblia

A primeira tentativa de traduzir parte da Sagrada Escritura para o idioma do país, parece ter acontecido por volta do século VII. Até esse período a Bíblia existia apenas na língua latina em toda a Inglaterra, e estava, em sua grande maioria, concentrada nas mãos dos clérigos. O povo em geral dependia exclusivamente das instruções dos seus pastores espirituais. Mas, como a maioria dos sacerdotes não conhecia nada das Escrituras que fosse além daquilo que estavam obrigados a repetir nas missas rezadas nas igrejas, o povo, consequentemente, estava abandonado nas mais densas trevas.

O **venerável Bede** menciona um poema escrito na língua anglo-saxônica, atribuído a Caedmon, que reproduzem com bastante fidelidade algumas partes históricas da Bíblia. Todavia, por causa do seu caráter épico, o mesmo não tem sido listado entre as traduções das Escrituras Sagradas. Ainda assim, esse poema representa o início desse trabalho bendito, pelo qual podemos ser sinceramente agradecidos. É possível que esse poema tenha instigado outros indivíduos mais competentes, e que ele seja o precursor das traduções verdadeiras que se seguiram.

No século VIII, Bede traduziu o Credo Apostólico e a oração do Pai Nosso para a língua anglo-saxônica. Esse material era frequentemente apresentado aos sacerdotes que não sabiam nem

sequer ler o latim. Um dos últimos trabalhos de Bede foi a tradução do Evangelho de João. Supõe-se que essa foi a primeira tradução de uma porção da Sagrada Escritura para a língua materna da Inglaterra. Bede faleceu no ano 735.

O **rei Alfredo**, em seu zelo pelo bem-estar de seus domínios, reconheceu a importância que tinha, para o povo comum, ter acesso à Bíblia. Com a ajuda de homens sábios da sua corte, ele traduziu parte dos Salmos — alguns dizem que ele também traduziu os quatro Evangelhos. Por sua vez, Elfrico um erudito abade do mosteiro de Eynsham no condado de Oxford, traduziu alguns livros do Antigo Testamento para o anglo-saxão por volta do final do século X. No início do reinado de Eduardo III, Guilherme de Shoreham traduziu o saltério para a língua anglo-normanda. Ricardo Rolle, que era sacerdote cantor na cidade de Hampole, seguiu o seu exemplo. Esse sacerdote não apenas traduziu o texto dos Salmos, mas adicionou ao mesmo um comentário na língua inglesa. Ele morreu por volta do ano 1347. Os Salmos parecem ter sido o único livro das Escrituras que foi completamente traduzido para a língua inglesa antes do tempo de Wycliffe. Mas chegaria o momento, na providência de Deus, para que a Bíblia inteira fosse publicada, e que a mesma circulasse livremente entre o povo, apesar de todos os enormes esforços do inimigo para impedi-lo.

Wycliffe recebeu muitas advertências e ameaças, experimentou alguns livramentos, escapou por pouco de ser lançado em calabouços asquerosos e até mesmo de ser queimado vivo, porém nada o podia deter — ele continuou no caminho que uma vez havia iniciado. Ele teve o privilégio de encerrar os seus dias em paz no meio do seu rebanho e de suas atividades pastorais em Lutterworth. Após um derrame que o deixou paralisado, ele faleceu no último dia do ano 1384.[7]

***

Reflexões Acerca da Vida de Wycliffe

O cristão humilde, a testemunha corajosa, o pregador fiel, o mestre hábil e o grande reformador completou sua carreira e deixou esta vida. Ele partiu para o descanso eterno e a recompensa pelo seu trabalho encontra-se no alto. Mas os ensinamentos que ele

propagou com incansável zelo não irão morrer nunca. Seu nome sobreviveu em seus seguidores como uma força formidável contra a falsidade e as mentiras dos sacerdotes da igreja de Roma. Seu nome permaneceu terrível para os clérigos. “De cada dois homens que encontras pelo caminho”, escreveu um de seus adversários mais ferozes, “um é seguidor dos ensinamentos de Wycliffe.” O odiado professor de Oxford foi usado por Deus para dar um enorme impulso no interesse quanto às verdades do cristianismo, que foi sentido até mesmo nos cantos mais distantes da Europa. Tal impulso continuou ativo pelos séculos futuros. Nenhuma pessoa expressou com um senso de justiça mais apropriado, a influência dos trabalhos bíblicos de Wycliffe do que o Dr. Lingard, que era historiador da Igreja Católica Romana. Entre outras coisas, ele escreveu: “Wycliffe produziu uma nova tradução, multiplicou cópias com o auxílio de escribas, e através dos seus sacerdotes pobres recomendou que a mesma fosse estudada por seus ouvintes. Nas mãos desses a mesma se tornou uma ferramenta de poder maravilhoso. Muitos homens simples entre o povo sentiram-se honrados com o apelo feito a que usassem sua inteligência lendo as Escrituras. Com isso as novas doutrinas conquistaram não apenas as pessoas mais humildes, mas também partidários e protetores entre as classes mais altas. Essas classes estavam habituadas com o uso das letras, mas a oferta das Escrituras na língua comum do povo produziu um espírito de questionamento bastante amplo. Através desse questionamento foram plantadas as sementes da revolução religiosa, a qual em pouco mais de um século, agitou e abalou todas as nações da Europa causando admiração”. Muitas das doutrinas ensinadas por Wycliffe estavam bastante adiante do tempo em que ele viveu. Ele conseguiu antecipar os princípios que produziriam uma geração mais iluminada. “Apenas as Escrituras são a verdade”, ele dizia e sua doutrina foi toda baseada nesse único fundamento. Entretanto, foi a tradução e a divulgação da Bíblia que produziu os resultados mais duradouros com respeito às santas verdades que estavam sendo ensinadas. Essa foi a obra suprema de Wycliffe, que coroou todo o restante de seus trabalhos. O tesouro que ele deixou como herança para futuras e melhores gerações.[8]

Enquanto Wycliffe dirigia suas denúncias veementes ao espírito anticristão da corte de Roma, à riqueza do clero e aos ensinamentos ímpios do papado, tanto mais ele podia contar com muitos protetores poderosos. Ele pôde revelar e combater impunemente os abusos do corrupto sistema papal. Mas assim que alcançou a região mais elevada da grande verdade relativa à graça de Deus, ele viu que o número e o entusiasmo de seus seguidores declinaram rapidamente. Tamanha controvérsia envolvendo essa doutrina acabou por bani-lo de Oxford dois anos antes de sua morte. Mas esse afastamento foi usado pela providência de Deus, para oferecer a Wycliffe um período de repouso no final de uma vida turbulenta e muito cansativa. Por muitos anos ele havia pregado as mais importantes doutrinas dos reformadores do século XVI, especialmente aquelas que seriam ensinadas por Calvino. Mas era a sua oposição à doutrina romana da salvação mediante as obras, que o fazia falar, naturalmente, de modo bastante vigoroso. “Acreditar no poder do homem na obra da regeneração”, dizia Wycliffe, “é a maior heresia de Roma, e foi dessa falsa doutrina que surgiu a ruína da Igreja. A conversão procede apenas da graça de Deus, e o sistema que atribui à salvação parte ao homem e parte a Deus, é pior do que aquele ensinado pelo Pelagianismo[9]. Cristo é tudo no cristianismo. Qualquer um que abandona essa Fonte que está sempre pronta para dar vida, e se volta para as águas paradas e lamacentas, não passa de um louco. A fé é um dom de Deus, que coloca de lado todos os méritos humanos e deve expulsar todo o medo que existir no coração humano. Que os cristãos se submetam não à palavra de um sacerdote e sim à Palavra de Deus. Na igreja primitiva existiam apenas dois cargos: os bispos e os diáconos. O presbítero, e o bispo ou supervisor, eram um só indivíduo. O chamado mais sublime que um homem pode receber nessa terra é esse, para pregar a Palavra de Deus. A verdadeira Igreja é a assembleia dos justos, pela qual Cristo derramou Seu precioso sangue.”

São estes os pontos essenciais tanto da pregação quanto dos folhetos escritos por Wycliffe, durante quase quarenta anos. Durante esse período ele proclamou essas maravilhosas verdades com grande fervor e habilidade em meio às densas trevas do papado, da

superstição, da indolência espiritual e das piores formas de mundanismo. Escrever acerca das palavras que doaram para a posteridade algo tão sublime, tão grandioso, como a obra do Espírito na Inglaterra, faz com que nossos corações se expandam e se levantem diante do trono da graça de Deus com louvores e ações de graças, não fingidas, puras e contínuas! Os papas, os cardeais, os arcebispos, os bispos, os abades e doutores, que tinham sede do sangue de Wycliffe, ou desapareceram das páginas da história ou estão associados, em nossas mentes, com o demônio da perseguição; enquanto o nome e a memória de João Wycliffe continuam sendo estimados, de forma singular e cada vez maior.[10]

***

Os Lolardos[11]

Wycliffe não formou nenhum partido ou comunidade durante sua vida, mas o poder dos seus ensinamentos se manifestou em um numeroso e zeloso grupo de discípulos após a sua morte. Da cabana mais humilde no campo, até dentro do palácio da realeza, seus seguidores podiam ser encontrados em todos os lugares e eram chamados pelo nome vulgar de “**lolardos**”. Grandes multidões costumavam reunir-se ao redor dos seus pregadores. Eles negavam a autoridade de Roma e mantinham a absoluta supremacia da Palavra de Deus. Sustentavam que os ministros de Cristo deviam ser simples, não buscando ganhos materiais, e viver vidas espirituais. Além disso, deviam pregar publicamente contra todos os vícios que existiam entre o clero. Por algum tempo eles foram recebidos com muita simpatia e aprovação, o que os levou a pensar que a Reforma estava prestes a triunfar na Inglaterra.

No ano 1395 os seguidores de Wycliffe, com muita coragem pediram ao parlamento para abolir o celibato, a transubstanciação, as orações pelos mortos, as ofertas e adoração feitas às imagens, a confissão auricular, e muitos outros abusos da Igreja Romana. Uma cópia dessa petição foi pregada nas portas da catedral de São Paulo e da abadia de Westminster. Mas o seu pedido não foi ouvido nem atendido, por um momento, visto que os ânimos estavam agitados por processos políticos importantes. O rei Ricardo II, que era o filho do amado Príncipe Negro, havia sido deposto e morreu; e

no seu lugar, o filho do afamado duque de Lancaster, tomou as rédeas do governo como Henrique IV. Ele foi o primeiro dessa dinastia a subir ao trono.

Visto que o duque de Lancaster era amigo e defensor de Wycliffe, os lolardos esperavam, naturalmente, um caloroso apoio à sua causa vinda da parte do novo rei. Mas, na realidade, eles foram surpreendidos por um amargo desapontamento. O arcebispo Arundel, que era implacável inimigo dos lolardos tinha grande influência junto a Henrique. Ele havia contribuído mais do que todos os outros partidários do rei para a deposição de Ricardo II a favor da usurpação de Henrique. Arundel tinha grande influência, era bem nascido, arrogante, inescrupuloso como partidário, hábil como político, e experiente em todos os truques e artimanhas dos clérigos. Seu plano era, com a ajuda do rei, destruir os lolardos; e tinha a capacidade de realizar seus planos. O primeiro ato de governo de Henrique IV foi praticamente, declarar-se o defensor do clero, dos monges, e de seus direitos, contra seus perigosos inimigos.

***

O Estatuto que Autorizava a Queima dos Hereges

Até o início do século XV não existia nenhuma lei na Inglaterra autorizando a queima de hereges. Em todos os outros países da cristandade, os magistrados, como se ainda estivessem sob as leis da Roma imperial, haviam obedecido às ordens dos bispos. A Inglaterra era uma exceção. Nela não havia nenhuma prescrição legal que permitisse a alguém a execução de um criminoso eclesiástico. “Em todos os outros países”, diz Milman, “é o braço da lei secular que recebe o delinquente que transgride contra as leis da igreja. O julgamento tinha passado pela corte eclesiástica ou pela própria Inquisição. Mas a igreja, usava um tipo de evasão, não muito diferente da pura hipocrisia, para não se manchar com o sangue de suas vítimas, pois transferia a execução para o Estado. O clero dava ordens aos outros e sob as mais terríveis ameaças, o fogo era aceso e a infeliz vítima da fúria do clero era amarrada à estaca. Com isso a igreja se livrava da acusação da crueldade de queimar outros seres humanos.” Infelizmente, esta distinção tão honrosa para a Inglaterra chegou ao seu fim. O obsequioso Henrique, com o

intuito de satisfazer ao arcebispo, promulgou um edito real ordenando que todo herege incorrigível fosse queimado vivo. A língua mentirosa dos sacerdotes e dos monges havia feito circular, de forma competente, notícias dos propósitos revolucionários e perigosos dos lolardos, a ponto do parlamento ficar alarmado e concordar com o decreto do rei. No ano 1400 “a queima de hereges” tornou-se lei na Inglaterra. A lei dizia o seguinte: “Em um local alto e público, aos olhos do povo, o herege incorrigível deve ser queimado vivo”. Assim que o primaz da Inglaterra e seus bispos receberam essa liberdade, eles se apressaram em realizar sua tenebrosa obra.

William Sawtrey foi a primeira vítima desse novo e terrível edito. Ele é o primeiro mártir dos lolardos. Ele era um pregador junto à igreja de Santa Margarida, em Londres. Devido ao medo diante do sofrimento, ele havia negado a fé em Norwich, por ocasião do seu primeiro interrogatório. Mas depois de voltar para Londres, e fortalecendo sua mente através da fé, ele pregou abertamente o Evangelho e testificou contra as falsas doutrinas da igreja dominante. Ele foi aprisionado novamente e, como um herege reincidente, foi condenado à morte pelo fogo. “A cerimônia da sua desconsagração”, nos diz um historiador, “aconteceu na catedral de São Paulo, com todas as mínimas atormentadoras e impressionantes formalidades. Foi entregue então, ao braço da lei secular e pela primeira vez o ar de Londres foi escurecido pela fumaça desse tipo de sacrifício humano.”

A segunda vítima deste edito sanguinário foi um cidadão comum. Seu crime consistia na negação da doutrina da transubstanciação. Esse pobre homem, **João Badby**, foi trazido de Worcester a Londres para ser julgado. Um grande número de dignitários eclesiásticos haviam se reunido para esse interrogatório. Além dos dois arcebispos de Cantuária e York, os bispos de Londres, Winchester, Oxford, Norwich, Salesbury, Bath, Bangor, São Davi, bem como o chanceler do reino, Edmundo, o duque de York. Arundel fez um enorme esforço para persuadir o acusado de que o pão consagrado realmente era o corpo de Cristo. As respostas de Badby foram dadas com coragem e firmeza, e em palavras simples que podiam ser entendidas por todos. Ele disse que acreditava “no Deus onipotente manifestado na Trindade”, e acrescentou: “Se cada

hóstia que o sacerdote consagrou no altar é realmente o corpo do Senhor, então há mais de vinte mil deuses na Inglaterra". Como Badby não pôde ser levado a negar a sua fé foi condenado pelos seus juízes à morte na fogueira. O príncipe de Gales, Henrique V, estava, por acaso, passando através do campo de Smith no exato momento em que o fogo estava sendo aceso. Ou será que ele havia vindo, de forma proposital, para testemunhar este espetáculo incomum? Ele olhou com admiração para o calmo e inflexível mártir que estava amarrado na estaca enquanto os carrascos estavam ocupados em atiçar o fogo. As chamas se aproximavam cada vez mais e agora alcançaram seus pés. Ele pronunciou a palavra "misericórdia". O príncipe, supondo que o mártir estava implorando pela misericórdia dos juízes, mandou que o fogo fosse espalhado. "Queres abandonar a tua heresia?", perguntou o jovem Henrique. "Queres submeter-te à fé da Santa Madre Igreja? Se prometeres isso irás receber um apoio financeiro anual do tesouro real." O mártir permaneceu sereno. Foi a misericórdia de Deus, não do homem, que ele havia invocado. Henrique, cheio de cólera, ordenou que o fogo fosse novamente atiçado. Dessa forma gloriosa, o corajoso mártir completou a sua carreira no meio das chamas.

***

As Constituições de Arundel

Encorajados pelo favor real, o clero promulgou as bem conhecidas Constituições de Arundel. Essas proibiam a leitura da Bíblia e dos livros de Wycliffe, sob a ameaça de severas punições; declarando o papa um ser sobrenatural, até mesmo um verdadeiro Deus. Uma onda de perseguição varreu a Inglaterra. No palácio arquiepiscopal localizado em Lambeth, se encontrava um calabouço que recebeu o nome de "a torre dos lolardos", que se encheu rapidamente com os seguidores de Wycliffe. Mas, também nos aposentos reais havia um prisioneiro, que talvez fosse mais infeliz do que aqueles nas celas do calabouço. A morte, o mensageiro do juízo para cada pecador não reconciliado, havia chegado, e tirou Henrique IV desta terra, no ano 1413. Seus últimos anos foram marcados por um longo período de trevas causado por uma doença dolorosa, que se caracterizava por erupções purulentas que

desfiguraram toda sua face. Mas o que é um sofrimento temporal, ainda que pareça ser grande e insuportável, comparado com a perdição eterna, o banimento eterno da presença do Senhor? O que será estar ali onde o verme não morre e o fogo não apaga, onde os remorsos corroem a alma do infeliz condenado dia e noite, não lhe dando sossego? Que verdades sérias e solenes são a morte, o julgamento e a eternidade! Conforme dizem as Escrituras “E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo” (Hb 9:27). Que julgamento por causa de todos aqueles que haviam sido queimados vivos no campo de Smith; que eternidade terrível e sem Deus aguardavam o monarca perseguidor! Como é possível e qual é o motivo para que um homem, em cujo país essas verdades foram profundamente plantadas manifeste tamanho desprezo pelas mesmas?

A realidade da verdade quanto ao futuro julgamento e a retribuição a cada um segundo as suas obras é algo que é ensinado expressamente no Novo Testamento. Contudo, esses ensinamentos muitas vezes são negligenciados ou ignorados nos púlpitos. Existe uma atitude geral de falta de compromisso com o ensino desse assunto da maior seriedade em uma linguagem simples, porém clara, assim como o mesmo é tratado nas Escrituras. Todavia, não podemos negar que os discursos de nosso bendito Senhor — cuja missão era de amor, de tenra compaixão e da mais rica graça — são abundantes com as mais solenes afirmações acerca do julgamento futuro. Nós, os seres humanos, temos uma alma imortal que continua a existir mesmo após a morte física, e chegará o dia em que todos nós compareceremos diante do tribunal, onde responderemos pelas ações da nossa vida. Deus é mais sábio que o homem, e isso está demonstrado na plena revelação do amor divino, e na livre proclamação de salvação acompanhada das mais solenes advertências contra a recusa em aceitar a mesma. Ouçamos uma delas: ”Beijai o Filho, para que se não ire, e pereçais no caminho, quando em breve se acender a sua ira; bem-aventurados todos aqueles que nele confiam” (Sl 2:12; comp. com Mt 11:20-30).

Agora retornemos à nossa história.

O jovem Henrique, que quando príncipe foi testemunha da execução de João Badby, encontra-se agora sentado no trono sob o título de Henrique V. Mas devemos temer que os triunfos da graça divina manifestados através daquele simples, porém corajoso testemunho, não tiveram nenhuma impressão salutar na mente do rei. Antes de assumir o trono ele havia levado uma vida muito desregrada, se preocupando pouco com religião e igreja. Por isso esperava-se que ele não se tornaria um escravo da hierarquia católica romana. Mas nisso também os pobres lolardos perseguidos estavam completamente enganados. Assim que se tornou rei, ele também se tornou religioso, de acordo com as ideias daqueles tempos. Sua intenção era marcar sua ortodoxia através da supressão das heresias. Tomás Netter, um monge carmelita, que era um dos mais violentos oponentes dos seguidores de Wycliffe, foi o confessor do rei. Sob a sua influência o rei começou a executar rigorosamente as leis contra os hereges.

***

O Julgamento do Lorde Cobham

As vítimas dessa nova onda de perseguição, maus tratos e morte pertenciam a todas as classes. Mas aquele que foi o mais distinguido por seu caráter e por sua posição foi, sem dúvida, **João Oldcastle** o qual, pelos direitos possuídos por sua esposa, tinha assento no parlamento como lorde Cobham. Fala-se dele como um cavaleiro que possuía a mais alta reputação militar e que havia servido, com grande distinção nas guerras contra a França. Ele conheceu a verdade e, desse momento em diante, dedicou todo o ardor de sua alma a essa causa. Ele era um seguidor de Wycliffe — um crente na Palavra de Deus, fervoroso leitor dos escritos proibidos de Wycliffe e um forte opositor do papado. Ele patrocinou a publicação de numerosas cópias dos escritos do reformador. Ao mesmo tempo encorajou os *sacerdotes pobres* a fazerem circular as mesmas e a pregarem o Evangelho da cruz através do país. Enquanto Henrique IV estava vivo ele não foi perseguido. O rei não permitiria que o clero lançasse suas mãos sobre um velho e querido amigo. Mas o jovem rei, Henrique V, não tinha a mesma apreciação pelo famoso cavaleiro. Ainda assim, ele conhecia bastante da

história valorosa do mesmo como um bravo soldado, e um general habilidoso, ao qual desejava manter.

Em sua mente, Arundel o primaz da Inglaterra, já havia determinado a destruição desse odiado seguidor de Wycliffe. Agindo como uma verdadeira fera espreitava de perto os movimentos de seu antagonista, esperando apenas pelo momento favorável para dar livre curso ao seu ódio. Este momento pareceu ter chegado após a morte de Henrique IV. Cobham foi acusado e denunciado diante do rei, por sustentar e divulgar muitas doutrinas heréticas. Ele foi intimado a comparecer para responder por estes crimes diante de Henrique. Cobham atendeu prontamente a essa ordem. “A ti, ó rei, estou mais do que pronto e disposto a obedecer. Tu és um rei cristão, o ministro de Deus que não carrega em vão a espada da justiça para punir os malfeitores e recompensar os justos. Depois de Deus, eu devo a ti toda a obediência. Qualquer coisa que me ordenares em nome do Senhor, estarei pronto para cumprir. Quanto ao papa, não devo a ele nem serviço nem obrigação. Ele é o grande anticristo, o filho da perdição, a abominação da desolação no santo dos santos.” Depois dessas palavras, Cobham entregou ao rei a sua confissão de fé. Mas Henrique afastou com violência a mão de Cobham, dizendo: “Não quero a tua confissão de fé. Apresenta-a diante dos teus juízes”. Lorde Cobham retirou-se para seu castelo fortificado em Cowling, perto de Rochester. Ele tratou as intimações e as excomunhões vindas da parte do arcebispo com o mais profundo desprezo. Finalmente, os clérigos tiveram êxito em convencer o rei a enviar um de seus oficiais para prendê-lo. A lealdade do velho barão o fez se submeter ao representante do rei, sem contradizer. Tivesse sido qualquer agente do papa, ele teria resolvido a questão com sua própria espada, de acordo com o espírito guerreiro daqueles dias, em vez de obedecer. Contudo, ao seu rei, ele se via obrigado a obedecer incondicionalmente. Ele foi conduzido para a torre dos lolardos em Londres. A viagem em si representava uma má notícia para todos os que seguiam aquele caminho.

O tribunal eclesiástico diante do qual João Badby fora julgado, estava reunido, dessa vez, na catedral de São Paulo. Foi para lá que o prisioneiro foi levado e intimado a confessar os seus erros e

negá-los sob juramento. “Devemos acreditar”, disse Arundel de forma blasfema, “naquilo que a santa igreja de Roma ensina, sem recorrermos à autoridade de Cristo.” Cobham respondeu: “Eu estou disposto a crer em tudo aquilo que Deus me manda crer. Todavia, jamais acreditarei que o papa tem autoridade para ensinar aquilo que é contrário ao que encontramos nas Escrituras. Isso eu nunca crerei!”. Ele foi levado de volta para a torre. Dois dias depois, ele foi conduzido para um novo julgamento em um convento dominicano. Uma multidão de sacerdotes, monges, clérigos e vendedores de indulgências lotavam a galeria do convento. Eles receberam o prisioneiro com um dilúvio de palavras ofensivas. Custou um grande esforço ao velho guerreiro suprimir a sua indignação e permanecer calmo. Porém, diante dos seus juízes ele irrompeu irado em uma firme denúncia profética contra o papa e seus prelados. “A vossa riqueza é o veneno da igreja”, ele disse em alta voz. “O que queres dizer com a expressão ‘veneno’?” perguntou Arundel. “Vossas posses e soberanias. Considerem essa realidade todos vós que estais aqui: Cristo era manso e misericordioso; o papa é orgulhoso e um tirano. Roma é o ninho do anticristo, e desse ninho procedem os seus discípulos.” Recuperando gradativamente a sua calma, ele se ajoelhou, e levantando suas mãos para o céu exclamou: “Eu confesso a ti, ó Deus! E reconheço que em minha juventude eu te ofendi de maneira profunda através do meu orgulho, ira, intemperança e impureza. Por essas ofensas eu imploro a tua misericórdia!”. Através de palavras suaves e bajuladoras, o astuto primaz pensava apaziguar o velho cavaleiro e levá-lo a ceder. Mas todos os seus esforços foram em vão. “Eu não irei crer de forma distinta daquela que eu já afirmei a todos vós”, Cobham reiterou de forma determinada. “Façam comigo o que quiserem. Nunca fui amaldiçoado por nenhum homem por transgredir contra os mandamentos de Deus, mas por não reconhecer as vossas tradições e doutrinas, eu e outros somos tratados desta forma cruel.” O interrogatório durou longo tempo. Quando finalmente a noite chegou, o primaz se levantou solenemente do seu assento e anunciou que o acusado precisava tomar uma decisão: ou se submeter à igreja ou enfrentar o curso estabelecido pela lei. Com o rosto coberto por lágrimas, Cobham respondeu: “Não posso de

outra maneira. Vossa absolvição eu não desejo; é o perdão de Deus o que eu preciso". A sentença de morte então foi lida por Arundel, com uma voz clara e alta. Todos os sacerdotes e o povo permaneciam em pé e com as cabeças descobertas. "Está bem", respondeu o corajoso Cobham, "embora vós podeis matar o meu corpo, não tendes nenhum poder sobre minha alma. Eu apelo à graça do meu eterno Deus". Ele se ajoelhou novamente e orou por seus inimigos. Cobham se deixou conduzir tranquilamente de volta à torre, mas antes que chegasse o dia indicado para sua execução, ele conseguiu fugir da mesma com a ajuda de alguns amigos.

Os furiosos sacerdotes começaram a espalhar todo tipo de rumores, de conspirações, e de um grande levante generalizado por parte dos lolardos. O rei ficou alarmado e emitiu uma nova e mais severa lei para suprimir as infelizes testemunhas de Cristo. Cerca de quarenta pessoas suspeitas foram imediatamente julgadas e executadas. O governo temia que Cobham liderasse a suposta revolta. Uma recompensa de mil marcos foi oferecida pela sua captura. Não nos parece que havia qualquer fundamento genuíno para todo esse alarme, exceto pelas mentiras dos sacerdotes e dos falsos rumores que espalhavam. Durante três anos, o lorde Cobham esteve escondido no país de Gales. Ele foi preso em dezembro de 1417, e executado sem nenhuma demora.

***

O Martírio de Lorde Cobham

Cobham foi levado a Londres e condenado a uma terrível morte. O valente e nobre cavaleiro de outrora, um homem que havia sido honrado pelo próprio rei, foi arrastado até St. Gilles de forma degradante, preso a uma grade de madeira utilizada para conduzir os condenados à morte. Pendurado por correntes, ele foi queimado vagarosamente, por um fogo brando. Muitas pessoas distintas e de altas posições assistiam a esse espetáculo horrível. Antes que fosse iniciada a sua tortura, Cobham se ajoelhou e implorou o perdão de Deus a favor de seus inimigos. Depois se dirigiu à multidão, exortando-a a seguir as instruções dadas por Deus e que se encontra em sua Santa Palavra. Também os advertiu para que não aceitassem as reivindicações dos falsos mestres, cujas vidas e

ensinamentos eram tão contrários a Cristo e ao exemplo que Ele havia deixado. Ele recusou os serviços oferecidos por um sacerdote, dizendo: “Apenas ao Deus onipresente eu confesso meus pecados e suplico pelo Seu perdão”; essa foi a resposta que ele prontamente concedeu para aquela oferta. As pessoas choravam e oravam por ele. Em vão os sacerdotes afirmavam que ele estava sofrendo como um herege e como um inimigo de Deus. O povo acreditava em Cobham. Suas últimas palavras sufocadas pelo crepitar* das chamas, em meio a terríveis sofrimentos, foram: “Deus seja louvado”. Finalmente a morte pôs fim a seus tormentos; e triunfante, o feliz espírito abandonou o invólucro desfigurado para se unir com todos os que dormiram em Jesus, e também com o grande número de mártires; e com eles esperar pelo glorioso momento em que Cristo se levantará do Seu trono para introduzir todos os Seus na casa do Pai, com corpos novos e glorificados.

Como é doce a canção da vitória
Quando ao final do barulho da batalha,
De forma doce, o cansado guerreiro repousa
Quando todas suas lutas estão terminadas.

As prisões londrinas, naqueles dias estavam cheias com os seguidores de Wycliffe, que estavam entregues à terrível vingança de seus encarniçados inimigos. “Eles devem ser enforcados por serem criminosos contra a majestade e queimados por serem sacrílegos contra Deus.” Era esse o clamor dos sacerdotes de Roma. Daquele tempo até os dias da Reforma Protestante, o sofrimento que os seguidores de Wycliffe tiveram que suportar foi o mais severo possível. Aqueles que conseguiram escapar da prisão e da morte foram obrigados a realizar seus cultos e encontros de forma secreta. Mas Deus também utilizou esses triunfos aparentes do inimigo para enfraquecer o poder e a influência papal sobre a mente das pessoas, e preparou o caminho para a Reforma Protestante, que viria no século seguinte. A piedade, a paciência e a inabalável firmeza das inocentes testemunhas do Senhor Jesus encheram milhares com admiração; enquanto a cruel fúria perseguidora e a insaciável sede por sangue dos clérigos despertaram, em muitos corações, insatisfação e sérias dúvidas.

Henrique Chicheley, que sucedeu Arundel como arcebispo de Cantuária, não apenas seguiu os passos de seu antecessor, mas o ultrapassou no seu fervor pelo extermínio dos lolardos. Milner se refere a ele como um verdadeiro “agitador dos seus dias”. Ele insistiu com Henrique para que levasse adiante suas disputas contra a França, o que causou uma enorme perda de vidas humanas e trouxe as mais terríveis consequências sobre os dois reinos. Arundel parece ter sido atingido por um juízo divino. Logo após ter lido a sentença de morte do lorde Cobham, ele foi acometido por uma incurável enfermidade na garganta, que rapidamente tirou-lhe a vida. E assim, aqui deixamos esses homens, e passamos a seguir os rastros do Espírito de Deus que estava poderosamente ativo, preparando de forma visível a gloriosa Reforma Protestante do século XVI na Europa.[12]

---

[1] Sir James Stephen’s *History of France*, vol. 1, p. 240.

[2] Milman, vol. 6, p. 100.

[3] *Latin Christianity*, vol. 6, p.103.

[4] J. C. Robertson, vol. 4, p. 201.

[5] J. C. Robertson, vol. 4, p. 203; *Latin Christianity*, vol. 4, p. 94; *Encyclopedia Britannica*, article, WYCLIFFE.

[6] Milner, vol. 3, p. 251.

[7] Para todos os detalhes acerca das traduções mais antigas da Bíblia para o inglês, ver o prefácio da Bíblia de Wycliffe, que foi editado pelo Reverendo Josias Forshall e pelo Sr. Frederico Madden, ambos pertencentes ao corpo de pesquisadores do Museu Britânico. Essa Bíblia existe em uma bela coleção representada por uma edição em quatro volumes publicada pela imprensa da universidade de Oxford. Esse material serve como um nobre monumento do zelo e da dedicação cristãs sob a protetora mão de Deus. O leitor poderá também consultar o prefácio da *Hexapla* Inglesa publicada por Bagster.

[8] Waddington, vol. 3, p. 175.

[9] A doutrina de Pelágio (séc. V), herege inglês, a qual nega o pecado original e a corrupção da natureza humana e a necessidade de um Salvador como Jesus.

[10] Ver *Encyclopedia Britannica*, vol. 21, p. 949; D´Aubigne, vol. 5, p. 137.

[11] O apelido “lolardos” surgiu no século XIV, na Holanda. Todavia, após a morte de Wycliffe, esse nome passou realmente a destacar-se. Derivava-se do holandês médio *lullen* (palavra de que se deriva a inglesa “lull”, cujo sentido arcaico era cantar, cantarolar ou salmodiar), designando assim ‘um louvador de Deus’.

[12] D’Aubigné, vol. 5, p. 147; Milner, vol. 3, p. 242; Milman, vol. 6, p. 154; Fox´s *Acts and Monuments*.

Capítulo 31

O Movimento da Reforma na Boêmia

É realmente muito satisfatório saber que as benditas verdades da salvação encontradas nos Evangelhos, e que foram ensinadas por Wycliffe e seus seguidores, começaram a produzir resultados. Essas puderam ser percebidas como algo da maior e mais duradoura importância. Apesar das matanças e das estacas em que os cristãos foram queimados vivos por parte de Roma, ainda assim, essas verdades continuaram penetrando profundamente nos corações de centenas de milhares e se espalhando por todas as partes da Europa. O **bispo de Lodi** no concílio realizado na cidade de Constança, em 1416 — um ano antes do martírio de Cobham e 39 anos depois da tradução da Bíblia por Wycliffe — declarou que as heresias de Wycliffe e João Huss da Boêmia, já haviam se espalhado por toda a Inglaterra, França, Itália, Hungria, Rússia, Lituânia, Polônia, Alemanha e através de toda a Boêmia, encontrando fervorosos seguidores por todas as partes. Dessa maneira, o feroz inimigo testemunha de forma inconsciente ou não intencional, a favor da influência e da vitalidade inextinguível da boa semente da Palavra de Deus.

Entendemos, todavia, ser necessário dizer algumas palavras acerca do “*Grande Cisma Papal*” antes de continuarmos a traçar a longa *linha dourada* da graça de Deus através dos martírios de João Huss e Jerônimo de Praga.

***

O Concílio de Pisa

No começo do século XV, a Igreja Romana tinha duas cabeças — **dois papas rivais**, ou melhor, dois antipapas: Bento XIII que estava em Avignon, na França e Gregório XII localizado em Roma, na Itália. Cada um deles reivindicava ser o representante de Cristo na terra. Da mesma maneira, um acusava o outro diante do mundo de ser um representante falso, de cometer perjúrio e de possuir os intentos secretos mais nefastos que se possam imaginar. A conduta desses dois prelados idosos, de cabelos grisalhos, e já com mais de 70 anos cada um, era um verdadeiro **escândalo**. Toda a Europa sentia-se envergonhada e cheia de indignação diante da teimosia e da perversão dos pontífices que disputavam o trono de São Pedro. O que deveria ser feito, para que as feridas da igreja dividida pudessem ser curadas? Reis e cardeais começaram a usar tanto a força política quanto o poder das ameaças para forçarem os dois papas a renunciarem às suas reivindicações, possibilitando com isso, a eleição de um único papa pela igreja. Os dois prometeram, sob juramento, que renunciariam voluntariamente caso o interesse da igreja exigisse tal atitude da parte deles. Entretanto, eles mal haviam terminado de proferir suas promessas quando se manifestou a dissimulação dos mesmos, enganando os cardeais e violando os compromissos assumidos. Uma vez estabelecido o fato de que não era possível confiar nas palavras de nenhum dos dois papas, já que os mesmos eram homens completamente destituídos de verdade, de honra e de consciência, os cardeais de Bento se revoltaram e se uniram aos cardeais de Gregório. Dessa forma, os dois colégios de cardeais se reuniram na cidade costeira de Livorno, na Itália, com o intuito de deliberarem sobre as medidas necessárias para dar um fim a essa longa e infeliz contenda. Eles chegaram à decisão que, diante das circunstâncias, eles possuíam um direito assegurado de convocar um concílio que pudesse julgar entre os dois papas concorrentes, com o intuito de restaurar a unidade da igreja.

A cidade de **Pisa**, que era cercada por uma muralha e estava localizada na Itália central, foi escolhida como o local mais conveniente para a realização desse concílio. Essa decisão era algo

inteiramente novo no meio da cristandade. Cerca de uma dúzia de cardeais, sem a autorização do papa ou do imperador, convocaram o famoso Concílio de Pisa. Os papas foram convocados para responderem diante de um novo tribunal, e suas mais altas prerrogativas ao seu próprio trono foram tomadas. Na realidade, os papas haviam perdido o respeito dos seres humanos a tal ponto, que toda a igreja justificou a ação dos cardeais em assumir o poder sobre os mesmos.

O concílio foi aberto no dia 25 de março de 1409. A assembleia foi uma das mais visitadas e suntuosas da história da cristandade. Iremos agora fornecer alguns poucos detalhes para que os nossos leitores entendam o significado do que se costumava chamar de "Concílio Ecumênico" (geral), naqueles dias quando o catolicismo romano era a religião que dominava toda a Europa. Estavam presentes vinte e dois cardeais; os patriarcas latinos de Alexandria, Antioquia, Jerusalém e Constantinopla. Doze arcebispos estavam presentes pessoalmente; e catorze estavam representados por procuradores. Havia oitenta bispos presentes, e procuradores representando outros cento e dois. Oitenta e sete abades juntamente com os procuradores de duzentos outros, também compareceram. Além desses, houve registros de um grande número de priores; responsáveis por Ordens; o grande mestre da ilha de Rodes acompanhado de dezesseis de seus comandantes; o prior geral dos Cavaleiros do Santo Sepulcro; os representantes dos Cavaleiros da Ordem Teutônica; os representantes das universidades de Oxford, Cambridge, Paris, Florença, Cracóvia[1], Viena, Praga e de muitas outras cidades. Além desses, também foram mais de trezentos doutores de teologia e embaixadores dos reis da Inglaterra, França, Portugal, Boêmia, Sicília, Polônia e Chipre. Também se fizeram presentes os duques da Burgúndia e das regiões de Brabant (Holanda e Bélgica modernas). Durante aqueles dias as estradas e os rios, em todas as direções, estiveram cobertas por semanas com a pompa e o esplendor desses dignitários. Alguns deles entraram em Pisa em grandes grupos de até duzentos cavaleiros.[2]

A assembleia esteve reunida de março até agosto. Depois de muitas deliberações de acordo com os padrões acordados, os

papas concorrentes foram condenados por unanimidade. No dia 5 de junho a sentença foi proferida. Ambos os papas foram declarados hereges, perjuros, contumazes e proibidos de manterem suas posições como pontífices soberanos, sendo também indignos de qualquer honra. Com isso, o trono papal foi declarado desocupado ou vazio. O próximo passo era eleger um novo papa. Essa era uma questão bem mais difícil do que a condenação dos dois papas idosos. Onde encontrar um homem que possuísse a capacidade de restaurar a reverência dos seres humanos diante do supremo pontífice? Essa era a pergunta mais difícil de ser respondida. Vinte e quatro cardeais, depois de se reunirem a portas fechadas durante dez dias, decidiram eleger Pedro de Cândia. Ele era o arcebispo de Milão, e tinha 70 anos quando assumiu o trono papal sob o nome de Alexandre V. Mas os dois outros pontífices desprezaram os decretos do concílio e continuaram a exercer suas funções como papas legítimos. Bento continuou a lançar seus furiosos anátemas contra o concílio e contra seus dois rivais. Gregório fez o mesmo após fazer uma aliança com o ambicioso Ladislau, rei de Nápoles. Alexandre, o papa eleito, que ainda estava sem trono e sem o patrimônio de São Pedro emitiu seus anátemas e excomunhões contra Bento, Gregório e Ladislau, que havia tomado posse dos domínios pertencentes à Sé Romana.

Fortes murmurações eram agora ouvidas por todos os lados contra o concílio, pois o mesmo em vez de dar um fim ao Cisma acrescentou um terceiro papa, o que apenas veio aumentar a confusão reinante. Onde estava a tão propagada unidade da Igreja Católica Romana? Podemos também perguntar por meio de qual papa continuou a alegada sucessão apostólica? Os três papas que envergonhavam e cansavam a cristandade, se atacavam mutuamente de forma contínua, com excomunhões, reprovações de todas as ordens e os mais terríveis anátemas. Alexandre V viveu apenas um ano, e seu lugar foi ocupado pelo italiano Baldassare Cossa; antipapa que assumiu o nome de João XXIII[3]. Esse homem, segundo os historiadores da época, era completamente destituído de princípios morais e de piedade. As dificuldades tornaram-se ainda maiores. O reino papal assim dividido contra si mesmo, não poderia continuar subsistindo e estava à beira do precipício da ruína

total. A opinião de alguns era que os poderes europeus deviam se unir e acabar tanto com o nome quanto com o poder dos pontífices romanos, ou pelo menos limitar significativamente o seu poder. Estava evidente aos olhos de todos, que os próprios papas não estavam dispostos a fazer nenhum tipo de sacrifício pessoal a favor da paz na igreja. Caso a resolução do conflito fosse deixada nas mãos da igreja era bem possível que Ladislau passasse a controlar completamente a cidade de Roma e todas as províncias papais, deixando a cadeira de São Pedro apenas como um trono nominal. Mas os príncipes da terra ainda não estavam preparados para derrubar o papa mediante um ato que consideravam como um tão grande sacrilégio. Esses dias, todavia, chegariam apenas com o surgimento de Vitor Emanuel[4].

Sigismundo, que era imperador da Alemanha, aliado ao rei da França e a outros reis e príncipes da Europa, demonstrou uma preocupação maior com o bem-estar da igreja do que os papas egoístas. Eles apoiaram João XXIII para que o mesmo convocasse um concílio geral de toda a igreja, com o propósito de dar fim a essa grande controvérsia.

***

O Concílio de Constança

Constança era uma cidade imperial pertencente ao lado alemão dos Alpes. Ela foi considerada a cidade ideal para a reunião de tão distinguida assembleia. A cidade era acessível de todas as partes do mundo e era fácil suprir a mesma com provisões para tão numerosa multidão, através do grande lago que existia em suas proximidades. A afluência de pessoas foi tão grande, que muitos admitem que mais de trinta mil cavalos foram trazidos para a cidade de Constança. Isso pode nos dar uma ideia da enorme quantidade de pessoas e da quantidade de navios carregados com provisões que o encontro iria requerer. Além dos dignitários eclesiásticos de todas as Ordens de distintos lugares, também estavam presentes mais de cem príncipes; cento e oito condes; duzentos barões e vinte e sete cavaleiros. Torneios, festas, e várias outras distrações foram providenciadas, como uma forma de aliviar as tensões relativas às ocupações espirituais. Cerca de quinhentos cantores estavam

presentes para tornar agradáveis as horas de ócio dos santos sacerdotes e homens da nobreza; e para acalmar os ânimos dos mesmos. Todos esses prelados e senhores seculares haviam se reunido para deliberarem sobre a cura da ferida mortal do anticristo. Mas quais são os fatos da história? Pelo período de três anos e meio — começando no dia 5 de novembro de 1414 — esses bandos dissolutos encheram aquela calma, digna e antiga cidade de Constança com as abominações mais infames. Descrever aquilo que sabemos acerca do que foi praticado por aqueles homens não é possível. Nosso coração se estremece quando pensamos nos vícios, na atrevida impiedade e na infame hipocrisia desses homens chamados de santos pais. Sem falar nos assassinatos inescrupulosos das duas fiéis testemunhas de Deus, João Huss e Jerônimo de Praga.

O objetivo desse grande concílio era duplo: 1- colocar um ponto final no Cisma que havia afligido a igreja por tantos anos, havendo-a dividido em dois, e agora já três grupos antagônicos; 2- suprimir as heresias promovidas por Wycliffe e João Huss. O primeiro desses objetivos foi alcançado de forma bastante satisfatória. Tendo estabelecido que um pontífice está sujeito a sentença de um concílio de toda a igreja, João XXIII foi deposto, com base nas imoralidades de sua vida e na violação do juramento que havia feito ao imperador. Gregório e Bento também foram depostos, e Oddone Colonna, foi eleito pontífice, assumindo a cadeira papal com o nome de Martinho V.

As doutrinas de Wycliffe, que João Huss e seus seguidores foram acusados de propagar através das cidades e das vilas da Boêmia, alcançando inclusive a universidade de Praga, foram consideradas as mais ofensivas possíveis pelos membros do concílio. A partir desse momento tais ensinamentos transformaram-se no objeto central do interesse do concílio.

***

A Verdade se Propaga

O casamento de Ana da Boêmia com Ricardo II da Inglaterra fez com que os dois países se aproximassem bastante. Isso aconteceu em um tempo em que as doutrinas de Wycliffe estavam fazendo um

progresso rápido e gigantesco. “**Mestres da Boêmia**”, nos diz Milman, “sentaram-se aos pés do corajoso professor de teologia em Oxford, ao mesmo tempo em que estudantes ingleses se dirigiam a Praga para ali continuar seus estudos. Dessa maneira, os escritos de Wycliffe foram trazidos para dentro da Alemanha em grandes quantidades. Alguns foram traduzidos para o latim e outros para a língua da Boêmia, e foram disseminados por seguidores e admiradores do teólogo inglês.” A rainha, cuja vida piedosa de exercícios espirituais e estudo das Escrituras havia sido celebrada pelos pregadores e historiadores, foi alcançada pelo movimento reformador em sua própria terra antes mesmo do seu casamento. Ela trouxe para a Inglaterra traduções dos Evangelhos escritos na língua alemã, da Boêmia, bem como em latim. Esses manuscritos eram tesouros preciosos para pessoas piedosas e amantes da pura Palavra de Deus como Ana. Indiretamente, esses fatos também nos mostram o tamanho do progresso que as novas doutrinas estavam alcançando na Alemanha já naquele período.

Um dos primeiros atos da nova esposa do rei da Inglaterra nos mostra o poder da graça de Cristo no coração da princesa. Ao mesmo tempo, podemos notar a marcante diferença que existia no espírito perseguidor de Jezabel. “Alguns dias após o casamento real”, nos diz a senhorita Strickland, “os noivos retornaram a Londres onde aconteceu a coroação da rainha da forma mais esplêndida possível. Atendendo a um pedido de sua jovem rainha, um perdão geral foi concedido pelo rei, durante a coroação da mesma. O povo afligido precisava de um ato como esse, pois as execuções, que aconteciam desde os dias da insurreição liderada por Wat Tyler, eram sangrentas e bárbaras além de todos os precedentes. A terra estava encharcada com o sangue dos camponeses infelizes, quando a intercessão humana da gentil Ana da Boêmia colocou um ponto final nas execuções. Essa obra mediadora concedeu à esposa do rei Henrique, o título de ‘**A Boa Rainha Ana**’, e anos de popularidade ímpar que eram, geralmente, muito tênues na Inglaterra daqueles dias. Todavia, a estima do povo pela rainha Ana da Boêmia, apenas cresceu com o passar dos anos.”

É mesmo uma grande alegria nos depararmos com uma instância de piedade tão consistente em um período como esse e em um momento histórico como o que estamos analisando. Mas, a grande verdade é que havia inúmeras outras situações iguais a essa, tanto na Boêmia quanto em outras localidades. Após a morte da rainha Ana, seus serviçais de origem Boêmia retornaram para seu próprio país levando consigo os valiosos escritos de João Wycliffe. Esse material que já havia sido estudado por muitos estrangeiros na universidade de Oxford, passou a ser lido, de forma diligente, por muitos membros da universidade de Praga. Seu conteúdo era analisado e utilizado pelos professores nas suas preleções.

O mais famoso desses doutores era João Huss, ou João de Husinec, uma vila próxima da fronteira com a Bavária. Ele nasceu por volta do ano 1369. Portanto, deveria ter cerca de 15 anos quando o seu reconhecido e muito admirado mestre, o venerável Wycliffe, veio a falecer. É muito interessante olharmos para trás e contemplarmos as formas usadas pelo nosso Deus para cuidar da manutenção e da propagação da verdade contida em Sua Palavra. Quem, naqueles dias, poderia imaginar que em uma desconhecida vila da Boêmia, Deus levantaria e qualificaria uma nobre testemunha para carregar a tocha da verdade e como mártir passá-la às mãos de uma longa sucessão de homens dignos que levariam adiante a obra de Deus? Também nos surpreende o fato de que esse homem foi considerado digno por Deus para tamanha empreitada.[5]

Huss se distinguiu desde cedo, assim somos informados, pela força e pela perspicácia de seu conhecimento incomum. Também eram características marcantes a modéstia, a firmeza e seriedade da sua conduta. Além disso, ele mantinha uma austeridade irrepreensível em sua vida. Ele era um homem alto, magro, com um olhar sério e pensativo. Era também gentil, amistoso e acessível a todos. À causa de seus talentos incomuns, ele foi enviado para a universidade de Praga com o objetivo de estudar e se preparar para servir a igreja. Ali ele se distinguiu por suas grandes conquistas como estudante. Foram-lhe confiados cargos eclesiásticos e acadêmicos. A rainha Sofia o nomeou seu confessor. Ele também foi indicado como pregador da capela da universidade, chamada de Capela de Belém — a casa de pães — pelo fato de ser naquele

espaço que o alimento espiritual era distribuído na língua comum do povo.

Isso possibilitou ao corajoso e eloquente pregador, uma excelente oportunidade para apresentar a genuína Palavra de Deus a todo o povo em sua própria língua materna. Não temos dúvidas que foi exatamente isso que ele fez, pois era um cristão sincero e uma fiel testemunha a favor de Jesus Cristo. Entretanto, como a maioria dos reformadores, a princípio, ele manifestou uma ansiedade maior para pregar contra os abusos flagrantes por parte da Igreja Católica Romana, do que a instrução do povo na pura verdade de Deus. Em todos os períodos da Reforma esse era o caso, dando, com frequência, motivos para muitas cenas de violência e lamentáveis excessos. Se as pessoas fossem conduzidas sob o misericordioso apoio de Deus para receberem a verdade "assim como ela é em Jesus", o objetivo teria sido alcançado sem que os ânimos fossem inflamados pelas fortes e contundentes denúncias dos vícios que dominavam as vidas dos sacerdotes que oprimiam o povo. O orgulho, o luxo, a libertinagem de todo o sistema clerical havia se tornado intolerável aos seres humanos. Dessa maneira, condenar os abusos, sem abordar as doutrinas da igreja, havia se tornado o caminho mais curto para uma grande popularidade.

Deus é mais sábio que os homens. E se nos deixamos guiar por Sua Palavra, iremos conduzir os ignorantes a amar a verdade e segui-la, em vez de criar em seus corações um ódio contra o erro; o qual, sem o conhecimento de Cristo, certamente culminará em uma prática revolucionária e verdadeiro desastre. Esse princípio divino se aplica tanto às menores disputas quanto às maiores que possam existir entre os homens. É sempre melhor iluminar do que agitar as mentes humanas. "E ao servo do Senhor não convém contender, mas sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade, e tornarem a despertar, desprendendo-se dos laços do Diabo, em que à vontade dele estão presos" (2 Tm 2:24-26).

***

GRANDES AGITAÇÕES CIVIS

Apesar de ser um bom homem e um fiel cristão, João Huss não prestou a devida atenção à instrução oferecida pelo apóstolo Paulo. Primeiro ele se envolveu em uma disputa interna na universidade referente aos privilégios dos estudantes. Depois, sua oposição ao papa Gregório XII acabou por ofender grandemente o arcebispo da Boêmia, que era partidário deste antipapa. Um decreto foi emitido proibindo João Huss de continuar ensinando, mas sendo ele um dos favoritos da corte, e também bastante popular entre o povo, nada foi feito contra ele. Huss teve permissão de continuar suas pregações na língua do povo. Mas em poucos meses, algumas circunstâncias surgiram que reacenderam, outra vez, as chamas da disputa religiosa na Boêmia.

Entre os primeiros atos de João XXIII encontra-se o de enviar emissários para pregarem uma Cruzada contra Ladislau, o rei de Nápoles, oferecendo as indulgências costumeiras. Os vendedores dessas indulgências, enquanto argumentavam com o povo acerca do valor de seus produtos nas ruas de Praga, foram insultados e ultrajados. Os magistrados interferiram e três dos que causaram a confusão foram presos e executados secretamente. Mas o sangue que escorreu de dentro da prisão para as ruas acabou por denunciar a triste sorte dos prisioneiros. Mulheres mergulharam seus lenços no sangue e guardaram os mesmos como relíquias preciosas. Os sentimentos da multidão foram agitados até atingirem os níveis mais altos. A prisão foi tomada de assalto pela agitada multidão; e os corpos desses jovens, sem suas cabeças, foram levados e carregados em uma solene procissão que percorreu várias igrejas, enquanto o povo cantava hinos sacros. Por fim, seus corpos foram sepultados na capela de Belém, na universidade de Praga; queimando incenso como era costume fazer nos túmulos dos mártires. Os três jovens homens eram agora referidos em sermões e em escritos como santos e mártires, e isso alimentou a agitação já existente no meio do povo.

João Huss sabendo que era suspeito e acusado de ser o líder do tumulto causado, de forma sábia retirou-se por algum tempo da cidade. Ele foi intimado a comparecer diante do tribunal do Vaticano, mas não obedeceu à ordem. O furioso papa o declarou sob o banimento da excomunhão e colocou a cidade de Praga sob um

interdito papal. Sem dar a mínima importância a essas censuras da igreja, ele continuou pregando através de todo o país de forma incansável, e denunciando a perversão da igreja dominante. As mentes das pessoas que já se encontravam em um estado de grande agitação foram facilmente conduzidas a manifestar uma enorme indignação contra o clero. Praticamente todo o reino estava do lado de Huss, pelo menos no que diz respeito à aversão contra o domínio e o abuso dos clérigos romanos.

***

A Prisão de João Huss

As agitações que esses eventos produziram não haviam diminuído ainda quando o Concílio de Constança se reuniu. O imperador Sigismundo, que havia convocado o concílio, pediu a seu irmão o rei **Venceslau**, que enviasse Huss para a cidade de Constança. O pedido foi acompanhado de uma promessa de que Huss seria protegido por um *salvo-conduto**. Os termos desse passaporte eram bem explícitos: exigiam que todos os súditos do imperador permitissem que o doutor fosse e voltasse com toda a segurança. Huss obedeceu prontamente à convocação do imperador, pois era seu grande desejo aproveitar a oportunidade e apresentar a sua doutrina diante do concílio geral da igreja. Ele chegou a Constança antes do imperador, e foi imediatamente levado para diante da presença do papa João XXIII, para ser interrogado. Suas doutrinas eram bem conhecidas, e uma longa lista de acusações foi trazida e apresentada contra ele. Como Huss recusou a se retratar diante do papa, ele foi lançado na prisão sob a acusação de heresia, não obstante o salvo-conduto concedido pelo imperador. Com a intenção de justificar a flagrante quebra da honra e pacificar o imperador Sigismundo, o concílio emitiu um decreto declarando que ninguém está obrigado à fidelidade com um herege.

Quando a nova do proceder infame contra Huss chegou à Boêmia, a indignação foi generalizada e foram ouvidas fortes murmurações e acusações contra Sigismundo. Ele recebeu a primeira notícia do aprisionamento do honrado mestre, igualmente com grande indignação; e ameaçou arrombar as portas da prisão. Todavia, quando ele chegou a Constança, os clérigos traidores lhe

apresentaram inúmeros argumentos extraídos da lei canônica, os quais insistiam que o poder civil não deveria estender sua proteção a um herege e o absolveram de toda e qualquer responsabilidade. Com isso, Sigismundo permitiu que os inimigos de Huss seguissem o plano que haviam traçado. A escuridão do asqueroso calabouço, onde não existia nem sequer uma rajada de vento fresco, e atormentado pelas constantes visitas dos monges e sacerdotes que procuravam forçá-lo a negar sua fé, fizeram com que ele adoecesse gravemente. Mas o imperador enganado não queria saber nada acerca desse assunto. A traiçoeira conduta de Sigismundo nessa ocasião é condenada unanimemente pelos historiadores. Ele é acusado de ter violado a verdade, a honra e a própria humanidade, ao entregar Huss nas mãos de seus algozes* religiosos. De acordo com Milman, “a quebra da confiança não admite nenhum tipo de desculpa e toda perfídia é duplamente traiçoeira quando praticada por um imperador contra um súdito indefeso”. Outros afirmam que dessa maneira, o imperador acabou colhendo para si mesmo muitas dificuldades e aflições, que lhe sobrevieram durante o restante do seu reinado. Que grande culpa o imperador tem sobre si por ter abandonado o verdadeiro servo de Cristo nas mãos dos cruéis e desumanos sacerdotes de Roma! O Mestre não irá se esquecer de Sua identificação com Seu servo. “Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25:40). Mas, se essa é a culpa do imperador, qual será a culpa do papa e dos seus prelados? Precisamos deixar a resposta para Aquele que se senta no grande trono branco.

A contenda de João XXIII com os outros dois antipapas postergou a causa de Huss. As nuvens mais escuras estavam se juntando ao redor de João XXIII. Na primeira sessão do concílio, foi proposto que os **três papas deveriam renunciar** as suas dignidades, antes da eleição de um novo pontífice. João XXIII, o único dos três papas que estava presente, prometeu renunciar a favor da paz na igreja, e que leria sua carta de renúncia na manhã seguinte. Mas promessas, juramentos, honra ou consciência não representavam nada para João XXIII. Auxiliado por alguns amigos ele conseguiu fugir de Constança disfarçado como um auxiliar de cocheiro; para, por meio da sua ausência, sabotar o concílio e impedir que se tomassem

certas resoluções. Quando o imperador soube da infidelidade do papa, ficou furioso. João XXIII foi perseguido; capturado em Freiburgo, e trazido de volta como prisioneiro. Ele foi obrigado a entregar a insígnia que representava o poder espiritual universal, o selo papal e o anel do pescador.

Roberto Hallam, bispo de Salisbury, que comandava o grupo de prelados ingleses, se exaltou; e com justa indignação declarou que um papa que estivesse tão coberto de crimes como João XXIII merecia ser queimado vivo na estaca. O papa foi levado ao castelo de Gottleben, onde o bom João Huss estava acorrentado há vários meses. Ali o papa João sofreu continuamente durante quatro anos, até o fim das sessões do concílio. Mas, depois de se humilhar aos pés do novo pontífice, ele foi libertado e elevado ao posto de cardeal; e teve a permissão para encerrar seus dias em paz. Todavia, nenhum tipo de indulgência semelhante foi exercido a favor do justo e inocente reformador, cujo interrogatório e execução será motivo do nosso interesse a seguir.

***

O Interrogatório de João Huss

Como um primeiro movimento contra Huss, o arcebispo de Praga ordenou uma busca intensa à procura das traduções dos escritos de Wycliffe. Tal busca provou ser bastante proveitosa, pois conseguiu encontrar e juntar cerca de duzentos volumes. Entre esses, havia muitos que estavam magnificamente encadernados e decorados com preciosos ornamentos. O arcebispo mandou que toda a coleção fosse publicamente queimada na praça do mercado de Praga. Houve grandes esforços para se provar a concordância entre as doutrinas do reformador da Boêmia com aquelas de Wycliffe. O concílio havia condenado as doutrinas de Wycliffe como heréticas. Tal condenação veio mediante quarenta e cinco proposições. O concílio decretou ainda, que os ossos de Wycliffe deveriam ser exumados e queimados. Huss também foi acusado de ter sido “contaminado com a lepra dos valdenses”.

O concílio estava determinado a aniquilar Huss a qualquer preço. Todavia, teriam preferido evitar o escândalo causado pelo interrogatório público. Certas passagens, que seus inimigos haviam

extraído de seus escritos, eram vistas como suficientes para sua condenação, sem a necessidade de uma audiência pública. Ele foi continuamente pressionado e ameaçado em sua cela solitária, para que confessasse seus erros e se retratasse. De modo muito frequente nessas visitas, João Huss foi zombado, insultado e maltratado. Huss protestou contra essa prática inquisitorial secreta, e exigiu que sua defesa fosse apresentada em audiência pública, diante de todo o concílio. Seu fiel amigo, **João Chlum**, associado a vários nobres da Boêmia requisitaram a interferência do imperador. Com o auxílio do monarca, a intenção pérfida dos sacerdotes foi impedida e uma audiência pública foi marcada.

No dia 5 de junho de 1415, João Huss foi trazido acorrentado diante do grande senado da cristandade. As acusações contra ele foram lidas. Mas quando ele propôs sustentar e defender suas doutrinas pela autoridade das Escrituras e pelo testemunho dos pais da Igreja, sua voz foi sufocada em meio a um grande tumulto de desprezo e escárnio. O tumulto aumentou de tal forma, que a assembleia foi forçada a adiar a sessão. Dois dias depois, Huss foi trazido outra vez diante da assembleia, e o próprio Sigismundo estava presente para preservar a ordem.

Os acusadores de Huss eram numerosos. Contudo, dessa vez, se mantiveram mais calmos do que na sessão anterior. Com exceção de dois ou três nobres da Boêmia fiéis ao reformador, Huss estava completamente sozinho. Ele estava muito debilitado devido à enfermidade da qual ele padecera, e bastante enfraquecido pelo longo confinamento; porém, seu nobre espírito não pôde ser dobrado. Com calma dignidade e com grande determinação ele respondia aos violentos insultos de seus adversários. Sua resposta constante era: “Eu não irei retratar as minhas palavras antes que consigais provar que o que eu tenho afirmado está em contradição com a Palavra de Deus”. Quando acusado de ter divulgado as doutrinas de Wycliffe, ele admitiu e disse: “Wycliffe foi um verdadeiro crente. Sua alma encontra-se agora no céu. Por esse motivo, eu não desejo para a minha alma nenhuma segurança maior do que aquela desfrutada por Wycliffe”. Sua confissão de fé sincera provocou uma erupção de risadas zombeteiras e depreciativas da parte dos reverendos clérigos. E, depois de algumas horas de

discussão turbulenta, Huss foi levado novamente à sua cela e a assembleia foi dispersa. Enquanto Huss ia para a prisão, os prelados, pelo menos a grande maioria deles, seguiam para locais onde podiam se deleitar na grande abundância dos prazeres e diversões oferecidas.

***

O Concílio Envergonhado

No dia seguinte, Huss foi apresentado pela terceira vez, diante do concílio. Trinta e nove proposições foram lidas, as quais continham os alegados erros que ele estava promovendo através de seus escritos, suas pregações e conversas particulares. Huss, como a maioria dos reformadores, insistia muito na doutrina da salvação pela graça sem o auxílio das obras da lei. Ele afirmava que ninguém era membro da verdadeira Igreja de Cristo, independente da dignidade que possuísse, fosse papa ou cardeal, se levasse uma vida ímpia. Ele disse: “A verdadeira fé na Palavra de Deus é o fundamento de todas as virtudes”. A respeito desses pontos ele apelou ao nome mui honrado de **Agostinho**; e afirmou que somente a possessão das virtudes apostólicas daria a um papa ou prelado o direito à sucessão apostólica. “O pontífice que não vive a vida de São Pedro não é o vigário de Cristo, e sim, o precursor do anticristo.” Ele citou uma frase de **São Bernardo**, que adicionou enorme peso a sua solene afirmação: “O escravo da avareza não é o sucessor de São Pedro, mas de Judas Iscariotes”. O concílio estava muito embaraçado, porque nenhum homem da igreja se atreveria a ridicularizar as citações de tão honrados pais da igreja.

As proposições do concílio tratavam, basicamente, de duas questões principais: 1- Huss havia denunciado a doutrina da Igreja Romana da salvação mediante as obras em todas as formas como a mesma é prescrita pela igreja; 2- o sistema eclesiástico falso do papado com seus evidentes abusos — esses foram expostos e condenados por Huss nos termos mais contundentes possíveis. Mas, parece que a sua condenação foi basicamente uma consequência da sua corajosa afirmação de que nenhuma dignidade, seja real ou sacerdotal, teria qualquer valor diante dos olhos de Deus, se os dignitários vivessem na prática de pecado

mortal. Quando o cardeal de Cambrai, na presença do imperador, lhe lançou em rosto a impiedade de tal afirmação, Huss respondeu mais determinado ainda: “Um rei que vive em pecado mortal não é rei diante de Deus”. Essas palavras ousadas selaram seu destino. A reação do imperador Sigismundo foi imediata: “Acredito que jamais tenha existido um herege mais pernicioso do que este, sobre a face da terra!”, ele exclamou indignado. Por sua vez, o cardeal de Cambrai gritou: “O quê! Não estás satisfeito em degradar apenas o poder eclesiástico? Desejas também derrubar os reis de seus tronos?”. Outro cardeal argumentou: “Um homem pode ser um papa verdadeiro, um prelado ou rei e mesmo assim não ser um verdadeiro cristão”. “Por que então”, perguntou Huss destemidamente, “depusestes a João XXIII?” A resposta veio do próprio imperador: “Por causa de seus pecados notórios”. Huss era agora também culpado de um novo e imperdoável erro — ele havia ousado atacar seus adversários pessoalmente, causando desconforto e grande perplexidade. Temos certeza que seria tedioso e pouco interessante descrevermos todas as falsas acusações e calúnias que foram lançadas sobre João Huss, e as firmes respostas que ele deu. Mas, as seguintes podem ser consideradas como a essência de seu longo julgamento. Huss foi pressionado com toda a veemência a se retratar de seus erros, a reconhecer a justiça das acusações que lhe faziam, renegar todas as suas opiniões erradas e se submeter de forma incondicional aos decretos do concílio. Todavia, não havia nenhuma promessa ou ameaça que fosse capaz de movê-lo. Ele disse: “Renegar é o mesmo que renunciar a um erro que tem sido sustentado. Quanto às opiniões e doutrinas imputadas a mim, as quais eu nunca sustentei, como poderia me retratar delas? Quanto àquelas que eu de fato professei, estou pronto a me retratar das mesmas — a renunciar a todas elas de todo o meu coração — quando eu for melhor instruído pelo concílio”. Nessas palavras se manifestavam a verdadeira sinceridade e integridade. Porém, os clérigos reunidos sabiam muito bem que estariam em desvantagem assim que acedessem a uma disputa honrada com o reformador, por isso responderam: “O dever do concílio não é instruir, mas decidir, e exigir obediência incondicional pelas suas decisões; e se esta é negada, impor as

punições correspondentes". Os mansos pastores de Constança agora exigiam, em alta voz, uma retratação total, ou a morte do herege na fogueira. O imperador — cuja consciência provavelmente estava um pouco inquieta à causa da sua conduta traiçoeira para com Huss — condescendeu em tentar argumentar com Huss. Ele convocou o mais hábil e perspicaz dos doutores ali presentes, tanto na área de filosofia quanto de teologia, para levá-lo a ceder. Mas o reformador respondeu com firme humildade de que ele buscaria instrução, pois não poderia renegar nenhuma das doutrinas cuja falsidade não lhe havia sido provada. Quando todos os esforços se provaram inúteis, ele foi levado de volta para a prisão. Seu fiel amigo, o cavaleiro boêmio João Chlum — um verdadeiro Onesíforo — o acompanhou para consolá-lo em seu cansaço e esgotamento físico. "Oh que conforto é para mim", disse Huss, "ver que este nobre não hesitou em estender a sua mão para sustentar esse pobre herege acorrentado, o qual todo o mundo, ao que parece, tem esquecido."

***

A Sentença de Sigismundo

Uma vez que o prisioneiro havia sido retirado do tribunal, o imperador levantou-se e disse: "Vós ouvistes as acusações contra Huss, algumas foram confessadas por ele mesmo enquanto outras foram provadas por testemunhas confiáveis. Em meu julgamento, por cada um desses crimes, ele merece a pena de morte. Se ele não renegar todas as suas falsas doutrinas deverá ser queimado. O mal precisa ser extirpado pela raiz, juntamente com todos os seus ramos. Se qualquer um de seus partidários estiver em Constança, devem ser julgados com a maior severidade possível, especialmente seu discípulo Jerônimo de Praga". Quando Huss foi informado sobre a sentença do imperador, ele apenas comentou: "Eu fui advertido a não confiar no salvo-conduto que ele me ofereceu; era uma triste ilusão. O imperador já havia me condenado antes mesmo que os meus inimigos o fizessem".

Depois da farsa desse julgamento e da audiência final, Huss foi deixado na prisão por quase um mês. Durante esse tempo na prisão, pessoas das mais altas posições vinham visitá-lo e insistir

com ele para que renegasse os erros que lhe eram atribuídos antes que fosse tarde demais. Esperava-se que, com as constantes torturas aliadas à crescente fraqueza do seu corpo devido às enfermidades físicas, sua obstinação fosse vencida. Mas, Aquele que o havia capacitado para dar testemunho para Cristo diante de todos os seus inimigos, com firmeza e sem hesitação, também o fortaleceu para resistir a estes últimos ataques de Satanás. “Se eu renegar esses erros”, ele disse, “que foram falsamente colocados sobre mim, seria o mesmo que cometer perjúrio.” Huss considerava o seu destino selado, apesar de que, através de todo o seu julgamento e período na prisão, ele havia se declarado disposto a renunciar a qualquer opinião e doutrina que pudesse ser provada como não verdadeira a partir das Escrituras. O objetivo verdadeiro dessas solicitações particulares por parte dos prelados era abalar a sua constância, e induzi-lo a se retratar. Nós estamos de pleno acordo com a maneira como Waddington expressou esta parte da história: “Muitos indivíduos de caráter variado, mas todos igualmente ansiosos de salvá-lo dessa última aflição, o visitaram na prisão, e pressionaram-no com uma variedade de argumentos. Mas, todos eles foram rechaçados pela retidão da sua consciência e singeleza do seu propósito. Um de seus inimigos mais amargos, chamado Paletz, encontrava-se entre esses. Apesar dos conselhos de Paletz terem sido bem sucedidos em degradar a pessoa do reformador, eles fracassaram completamente na tentativa de seduzi-lo a negar suas convicções”.

Na véspera do dia marcado para sua execução, ele foi visitado, pela última vez, pelo seu verdadeiro e fiel amigo, João Chlum — um nome digno de ser registrado com todas as honras em todos os lugares. Seu nome permanece praticamente sozinho, como uma ilustração do sentimento e da virtude cristã em meio a uma vasta assembleia de mestres cristãos professos. “Meu querido mestre”, disse o nobre discípulo, “eu não tenho estudo e consequentemente não estou preparado para aconselhar alguém tão brilhante quanto vós. Entretanto, se estás secretamente consciente de qualquer um desses erros, os quais têm sido publicamente imputados a vós, eu te suplico a que não sinta nenhuma vergonha em se retratar deles. Mas, se pelo contrário, estiveres convencido da tua inocência, eu te

oriento a que não diga nada contra tua consciência e te exorto a que suportes todo tipo de tortura, do que renunciar a qualquer coisa que consideres verdadeira.” Huss foi profundamente tocado pelo sábio e amoroso conselho de seu fiel amigo, e respondeu com lágrimas, dizendo: “Deus é meu testemunha de como eu sempre estive e ainda estou pronto para me retratar, com juramento, e de todo o meu coração a partir do momento que eu seja convencido de qualquer erro pela evidência *exclusiva das Sagradas Escrituras*”.

Todos os historiadores concordam que na conduta do reformador sofredor não existiam traços de orgulho nem de obstinação. Ele era firme, mas humilde. Esperava a morte e se preparou para encontrá-la, mas nunca planejou nem tentou evitá-la. “Eu apelei”, ele disse, “ a Jesus Cristo, que é o Único Todo-Poderoso e justo Juiz; e tenho entregue a minha causa a Ele que irá julgar a todos os homens, não de acordo com falsas testemunhas e concílios falíveis, mas de acordo com a verdade e a lealdade demonstrada.” Essas foram as palavras que coroaram a sua coragem. A hora fatal estava próxima.

***

A Condenação de Huss

Na manhã do dia 6 de julho de 1415, o concílio reuniu-se na catedral de Constança. Huss, como um herege, ficou detido na entrada enquanto uma missa era celebrada. O bispo de Lodi pregou usando o texto de Romanos 6:6 que diz: “Para que o corpo do pecado seja desfeito”. É difícil dizer se foi por pura ignorância ou grave malícia, que ele perverteu a Palavra de Deus para servir aos propósitos do concílio. Foi um sermão furioso contra as heresias e os erros, mas principalmente contra Huss, que foi declarado tão perverso quanto Ário[6] e pior do que Sabélio[7]. Ele encerrou seu sermão com palavras de bajulação e louvor ao imperador, dizendo: “É parte de teu glorioso ofício destruir heresias e cismas, especialmente este **herege obstinado**”, apontando para o prisioneiro, que estava ajoelhado em uma plataforma elevada e em oração fervorosa. Cerca de trinta artigos de acusação foram lidos. Huss tentou, com frequência, falar em sua defesa, mas isso não lhe foi permitido. A sentença foi então pronunciada considerando os seguintes termos: “Por muitos anos João Huss tem seduzido e

escandalizado o povo pela disseminação de muitas doutrinas manifestamente heréticas, e condenadas pela igreja, especialmente as doutrinas de João Wycliffe. Ele tem, de forma obstinada, pisoteado sobre o poder das chaves da igreja e as censuras eclesiásticas; ele tem apelado para Jesus Cristo como soberano juiz, em desprezo aos juízes ordinários da igreja, e tal apelação foi considerada injuriosa, escandalosa e serviu para zombar a autoridade eclesiástica. Ele tem persistido até o fim em seus erros, e sustentou os mesmos na presença do concílio reunido. Ordena-se, portanto, que o mesmo seja publicamente deposto e degradado das santas ordens, como um obstinado e incorrigível herege". Após a leitura dessa sentença, Huss começou a orar em voz alta pelos seus inimigos, o que motivou a zombaria da parte de vários dos membros do concílio. Mas, no meio de tudo aquilo, ele levantou suas mãos para o céu, e exclamou: "Veja, mais gracioso Salvador, como o concílio condena como uma doutrina falsa aquilo que Tu tens ensinado e praticado! Quando dominado por Teus inimigos, Tu entregaste a Tua causa a Deus o Pai, deixando-nos um exemplo para que quando fossemos oprimidos nós também pudéssemos recorrer ao julgamento de Deus". Mais uma vez ele declarou solenemente que não estava ciente de nenhuma heresia, e que não poderia renegar algo que ele nunca afirmou. Depois, ele olhou firmemente para o imperador Sigismundo e disse: "Eu vim a esse concílio na confiança do salvo-conduto do imperador". Profundamente ruborizado, Sigismundo baixou o olhar diante dessa inesperada lembrança da sua traição.

***

A Desconsagração e a Execução de João Huss

O arcebispo de Milão e seis bispos assistentes tiveram a missão de proceder com a lastimável cerimônia de desconsagração. Huss foi vestido com as roupas sacerdotais, e um cálice sacramental foi colocado em sua mão à medida que ele era conduzido para o altar, como se fosse celebrar uma missa. O devotado mártir deixou-se conduzir de forma tranquila, e observou: "Meu Redentor foi vestido com um manto real, como parte da zombaria que sofreu". Os bispos apontados prosseguiram com o ofício de desconsagração.

Chegando ao altar Huss foi despido, peça por peça de suas vestes sacramentais, ao mesmo tempo em que o cálice era retirado de sua mão. Sua tonsura foi danificada por cortes de tesoura e uma coroa de papel, com imagens de demônios, foi colocada sobre sua cabeça. Sobre a coroa estava escrita a palavra **arqui-herege**. Os prelados, de maneira muito solene, entregaram a sua alma às regiões dos tormentos eternos. Quando tomaram o cálice da mão de Huss, disseram: “Judas, maldito és tu, que rejeitaste o conselho da paz e entraste em acordo com os judeus. Nós tomamos o cálice sagrado de tuas mãos, no qual se encontra o sangue de Jesus Cristo”. Mas Deus permaneceu ao lado de Seu fiel servo de uma forma marcante, pois o capacitou a falar em alta voz: “Eu confio na misericórdia de Deus, e hoje mesmo beberei do Seu cálice na Sua presença e no Seu reino”. “Nós entregamos tua alma aos demônios do inferno!”, gritaram os bispos. “Mas eu”, disse Huss, “entrego meu espírito em Tuas mãos, oh Senhor Jesus Cristo; a Ti eu encomendo minha alma, que o Senhor mesmo remiu.”

Para se livrar da acusação de ter derramado sangue, a falsa igreja declarou que essa testemunha corajosa estava sendo cortada do corpo eclesiástico, e colocada fora do âmbito da igreja; foi entregue como um leigo para sofrer a vingança do braço secular. Mas Deus não se deixa escarnecer. Ele disse da mãe das prostitutas: “E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra” (Ap 18:24). Ele irá requerer esse sangue dela. O imperador assumiu o controle daquele que havia sido lançado fora, e ordenou sua imediata execução. O Eleitor Palatino[8], acompanhado de oitocentos homens montados a cavalo e de uma grande multidão da cidade, conduziu o mártir até o local onde se encontrava a estaca. Antes, eles pararam diante do palácio do bispo, onde uma pilha dos livros de Huss, que haviam sido condenados pelo concílio, estava sendo queimados. Huss apenas sorriu diante desse mesquinho ato de vingança. Ele, de maneira desafiadora, desejou falar com o povo e a guarda imperial em alemão, mas o Eleitor o impediu e ordenou que o mesmo fosse queimado imediatamente. Mas não havia nada que pudesse perturbar a paz desse corajoso mártir, pois Deus estava com ele. Ele cantou, em alta voz, Salmos à medida que caminhava, e fez

uma oração tão fervorosa que o povo que o acompanhava disse: “O que esse homem fez nós não sabemos, mas podemos ouvi-lo oferecer a mais excelente das orações feitas a Deus”. Ao chegar ao local da execução ele se ajoelhou, e orou para que seus inimigos fossem perdoados. Por fim, mais uma vez, entregou sua alma nas mãos de Cristo.

Antes que a lenha empilhada ao redor da estaca fosse acesa, o Eleitor perguntou ao condenado, mais uma vez, se ele não gostaria de renegar suas convicções e salvar sua vida no último instante. Sua nobre resposta foi: “Aquilo que escrevi e ensinei teve o objetivo de salvar as almas do poder de Satanás, e de libertá-las da tirania do pecado. Por isso, é com alegria que eu selo o que tenho escrito e ensinado com o meu próprio sangue”. O fogo foi ateado à madeira. Ele permaneceu imóvel e sofreu com uma firmeza inabalável, mas seu sofrimento foi breve. O Senhor permitiu que uma densa fumaça se levantasse e rapidamente sufocasse Sua fiel testemunha antes que o fogo consumisse o seu corpo. Apenas por poucos instantes, ouviu-se a voz do mártir que se apagava entre a fumaça e as chamas. Com um último esforço, ele cantava o louvor ao seu Senhor, que havia suportado, por ele, uma morte muito mais terrível. Suas cinzas foram cuidadosamente coletadas e lançadas dentro de um lago, mas sua alma feliz estava agora com Jesus, no paraíso de Deus. Em piedoso amor, seus seguidores molharam com muitas lágrimas o local onde seu amado mestre havia sofrido o martírio; cavaram o chão e cada um levou consigo, como uma preciosa lembrança do falecido, um punhado de terra para a Boêmia. Sua memória foi preservada, e o seu nome será sempre lembrado e amado.

Foi assim que morreu, ou melhor, adormeceu em Jesus um dos **verdadeiros precursores da Reforma Protestante**. A maioria dos historiadores admite que ele foi um dos homens mais inocentes e virtuosos que já existiu. Os registros da sua constância jamais foram infectados, nem mesmo por um simples traço sequer de estoicismo filosófico, ou manchados por qualquer vaidade antecipando a coroa de martírio que lhe estava destinada. Todavia, sua morte cobriu com uma ignomínia indelével o concílio que o havia condenado e o imperador que o traiu e abandonou. Seu amado amigo e irmão em

Cristo, Jerônimo de Praga, logo o seguiria para o lar e descanso celestiais.

***

O Aprisionamento de Jerônimo de Praga

As novas acerca da prisão de Huss abalaram profundamente seu amigo e colaborador no trabalho cristão, **Jerônimo de Praga**. Ele acompanhou seu amigo até o concílio. Mas foi advertido por Huss do perigo que corria e, descobrindo que um salvo-conduto não podia ser obtido, ele retornou para a Boêmia. Infelizmente, ele foi feito prisioneiro e trazido de volta para Constança acorrentado. Imediatamente depois de sua prisão, e estando completamente acorrentado, ele foi interrogado diante da assembleia geral do concílio. Havia muitos ali prontos para acusá-lo e insultá-lo. Entre eles estava Gérson, o famoso chanceler da universidade de Paris. O prisioneiro, todavia, declarou de modo firme que estava disposto a entregar sua vida em defesa do Evangelho que havia pregado. Ao final do dia, ele foi dispensado até que o caso de Huss fosse resolvido. Durante esse tempo ele ficou sob os cuidados do arcebispo de Rigo. Este monstro cruel, vestido de sacerdote, tratou o nobre boêmio da forma mais bárbara. Embora Jerônimo fosse um leigo, era um mestre em teologia e um homem de grande piedade, conhecimento e eloquência; ele havia ocupado um lugar privilegiado entre os círculos mais altos da Boêmia. O arcebispo procedeu com ele pior do que com o mais vil criminoso. Ele foi amarrado a um poste bem alto; suas mãos e pés estavam amarrados enquanto sua cabeça pendia para os lados. Vários meses se passaram nesse cruel confinamento, mas Jerônimo permaneceu firme, apesar de todas as torturas. Preso com cadeias em calabouços escuros, alimentando-se de uma dieta escassa e sem ninguém para confortá-lo ou fortalecê-lo — sua mente e seu espírito sucumbiram sob esses sofrimentos. Exausto e desesperado, ele foi persuadido a apresentar uma plena retratação de todas as doutrinas contra a fé católica, especialmente daqueles defendidos por Wycliffe e João Huss.

Pobre Jerônimo! Uma vez tendo renegado as doutrinas das quais fora acusado, ele teria o direito de ser colocado em liberdade. Mas

não havia nenhuma decência, fé, honra, nem justiça no coração dos prelados reunidos. Em vez de libertar o acusado depois de ter sido removida a causa da sua prisão, ordenou-se que Jerônimo fosse lançado de volta no calabouço. Rapidamente achou-se um motivo para justificar esse procedimento, alegando suspeita quanto a sua sinceridade com respeito à negação que tinha feito. Esse proceder infame abriu os olhos do infeliz Jerônimo. Deus usou essa situação para restaurar sua alma. Ele se arrependeu amargamente de ter negado a fé, e com lágrimas de sincero arrependimento, ele confessou seu erro diante de Deus. A comunhão dele com Deus estava restaurada, e era plenamente apreciada outra vez. Jerônimo podia se alegrar novamente na luz do rosto divino. Entrementes, novas acusações contra ele foram inventadas, para preparar-lhe uma humilhação ainda maior. Mas, na solidão do calabouço, a devoção desse homem cresceu novamente. Pela segunda vez ele foi apresentado diante de seus juízes. Em seu interrogatório final, tendo recebido autorização para falar por si mesmo, ele surpreendeu todo o concílio afirmando solenemente que ele havia cometido um pecado condenando as doutrinas de Wycliffe e Huss, do qual ele se arrependia amargamente. Ele iniciou invocando a Deus para que dirigisse o seu coração por Sua graça, e que seus lábios pudessem expressar somente aquilo que produzisse a benção para sua própria alma. “Eu sei”, ele exclamou, “que muitos homens excelentes têm sido acusados por falsas testemunhas e condenados de forma injusta!” Ele então começou a citar uma longa lista de testemunhas bíblicas, chamando a atenção para os casos de José, Isaías, Daniel, os profetas, João Batista, o próprio e bendito Senhor Jesus, os apóstolos e Estevão. A seguir ele afirmou que permanecia firme ao lado desses grandes homens da antiguidade, que foram vítimas de falsas acusações, e que entregaram suas vidas por amor à verdade.

A fervorosa eloquência de Jerônimo despertou a admiração e a surpresa em seus inimigos. Isso aconteceu de modo especial, porque se lembraram que ele estivera preso trezentos e quarenta dias em um calabouço imundo. Toda sua calma e intrepidez haviam retornado. Ele agora falava outra vez pelo poder do Espírito Santo. Confessou com toda franqueza que nenhum ato em toda sua vida

tinha lhe causado tanto remorso e dor quanto sua covardia ao negar a fé. Ele exclamou: “Nesse instante eu renego por completo minhas afirmações anteriores, e estou resolvido a manter as verdades ensinadas por Wycliffe e Huss, até a morte! Eu creio que essas verdades são a pura doutrina do Evangelho da mesma maneira que creio que eles viveram vidas santas e inculpáveis”. Nenhuma prova adicional de sua heresia era necessária. Ele foi condenado como um herege reincidente. O bispo de Lodi foi novamente chamado para pregar o sermão funerário, se é que pode ser chamado assim. O texto escolhido foi o de Marcos 16:14, que diz: “Lançou-lhes em rosto a sua incredulidade e dureza de coração”. O bispo aplicou o texto, de modo especial, ao herege diante dele. Em resposta Jerônimo se dirigiu ao concílio e disse: “Vós me condenasteis sem me convencer de ter praticado qualquer crime. Um ferrão ficará preso em vossas consciências, um verme que nunca morrerá. Eu apelo ao Supremo Juiz, diante do qual vós deveis comparecer juntamente comigo, para responderem por esse dia”. Um escritor católico romano chamado Poggio, que estava presente naquele dia, declarou: “Todos os ouvidos foram cativados por aquelas palavras e todos os corações comovidos. Contudo, a assembleia estava muito inquieta e ruidosa”. Como outrora Paulo diante de Agripa, Jerônimo, era sem dúvida, o homem mais feliz naquela assembleia. Ele estava desfrutando da prometida presença do seu bendito Senhor e Mestre.

***

A Execução de Jerônimo

No dia 30 de maio de 1416 Jerônimo foi entregue ao braço secular da lei. Eneas Silvio Piccolomini, que mais tarde foi eleito papa sob o nome de Pio II, escreveu anos depois a um amigo, dizendo: “Jerônimo foi para a estaca como alguém que vai para uma festa, e quando o seu executor acendeu os gravetos que estavam nas suas costas ele exclamou: ‘Coloque o fogo na minha frente, pois se tivesse medo do mesmo eu poderia ter fugido!’ Este foi o fim de um homem de extraordinária excelência. Eu fui uma testemunha ocular daquela catástrofe, e vi com meus próprios olhos cada uma dessas cenas”. Esse é o testemunho de um escritor católico e

membro do concílio. Tanto ele quanto Poggio testemunham da conduta indecente e injusta do concílio, e admiram a heróica firmeza que Huss e Jerônimo evidenciaram.

Jerônimo continuou cantando hinos de louvor a seu Redentor, com uma “voz firme e profunda” mesmo depois de ter sido amarrado à estaca. Ele levantou sua voz e cantou em meio às chamas um hino em latim que celebrava a páscoa, e que era muito conhecido naqueles dias.

“Salve dia feliz, e para sempre adorado.
Quando o inferno foi conquistado pelo grande Senhor dos céus.”

Ele continuou vivo no meio das chamas por cerca de quinze minutos. Pouco antes da sua morte ele exclamou: “Oh Deus! Tenha misericórdia de mim! Tenha misericórdia de mim!” Entre suas últimas palavras ficaram registradas as seguintes: “Tu sabes, oh Senhor, como eu tenho amado a Tua verdade”. Nenhuma palavra foi ouvida de seus lábios que revelassem qualquer temor, por menor que fosse. Mas ele, à semelhança de Huss, cantou no meio das chamas até o último suspiro. Finalmente o seu sofrimento teve fim, e os anjos levaram sua alma libertada para o céu, para ausente do corpo, estar presente no Senhor.

***

Reflexões Acerca do Caráter do Concílio

Diante das decisões tomadas pelo Concílio de Constança, o leitor pode ter uma base para julgar os princípios que governam o sistema católico romano, no que diz respeito ao tratamento que dedicavam aos protestantes, ou hereges, como foram chamados. O caráter de Jezabel não muda, tudo o que precisa é apenas uma oportunidade para se manifestar. Não podemos nos esquecer que o assassinato daqueles dois veneráveis arautos da Reforma Protestante não aconteceu por causa de um edito papal, nem de um decreto da corte de Roma, mas foi fruto de um concílio eclesiástico, que representava a totalidade da Igreja de Roma. De fato, tratou-se da manifestação de todos os poderes do mundo romano, civil e eclesiástico.

O mais completo desprezo demonstrado pela retratação do enfermo Jerônimo, e a falta de honra demonstrada pelo imperador a

Huss na violação do salvo-conduto, são igualmente iníquas e traiçoeiras. Como é possível confiar na palavra, na promessa ou até mesmo no mais sagrado juramento, mesmo que esses procedam de tão nobres cabeças, mas que sustentam tais princípios? A verdade, a justiça, a honra, a retidão, e a humanidade são todas publicamente sacrificadas no altar do domínio eclesiástico.

A heresia de Huss e Jerônimo nunca foi claramente definida. Ao que parece eles mantiveram até o fim suas convicções acerca da transubstanciação, da adoração de santos e da virgem Maria. Todavia, eles testemunharam contra o poder do clero que por um longo tempo governou e escravizou as mentes dos homens. Além disso, eles expuseram a avareza e as corrupções dos sacerdotes. Através de suas denúncias públicas eles abalaram a própria fundação de todo o sistema papal, pelo qual foram honrados com a coroa do martírio. Mas Deus, que está sobre todos, continuava usando as circunstâncias para promover a propagação do Evangelho, que estava sendo mantido oculto por muitos séculos. Deus também estava usando todas essas situações para amadurecer a Europa, diante das grandes mudanças que se aproximavam em todas as relações entre a igreja e o Estado, que foram concretizadas no século XVI. Agora, precisamos lançar nosso olhar, por um momento, sobre os *terríveis efeitos* causados pelos decretos desse concílio geral.

***

A Guerra na Boêmia

O martírio dos doutores da Boêmia acabou por despertar um sentimento geral de nacionalismo, bem como de indignação religiosa. O imperador, o papa, e os prelados logo pagariam um preço amargo por suas flagrantes injustiças e pelos assassinatos cometidos, através do fogo, de Huss e Jerônimo. As chamas das fogueiras em Constança acenderam um fogo que queimou por muitos anos com poder destruidor, trazendo a morte e a miséria sobre milhares. Quatrocentos e cinquenta e dois nobres cavaleiros vindos da Boêmia e da Morávia colocaram seus selos em uma carta dirigida ao concílio. Nela protestavam contra os procedimentos da assembleia e contra as acusações que haviam sido lançadas sobre

a ortodoxia da Boêmia, mediante a morte pelo fogo, de dois dos mais ilustres dos seus mestres. O concílio, entretanto, negou-se a dar ouvidos a esse protesto justo, e resolveu que não faria nenhuma concessão. Os santos padres, como eram chamados de forma profana, tinham um interesse muito maior em seus próprios prazeres pecaminosos, do que no bem-estar do povo. Embora alegassem estar reunidos em assembleia para tratar da reforma da igreja, a sua permanência de quatro anos em Constança apenas causou a desmoralização de toda a cidade e seus subúrbios. A licenciosidade e as imoralidades praticadas pelos membros do clero durante o Concílio de Constança jamais foram igualadas.

No ano 1418, pouco antes do concílio ser dissolvido, **Martinho V**, que era agora o único e incontestável papa, enviou uma ordem convocando uma Cruzada contra os contumazes hereges seguidores de Huss e Jerônimo. Ele também requisitava que todas as autoridades eclesiásticas e civis se unissem no trabalho de suprimir as heresias ensinadas por Wycliffe, Huss e Jerônimo. Desse momento em diante, a questão ficou plenamente entregue ao poder da espada. O cardeal João, da cidade de Ragusa, foi enviado como um legado papal para a Boêmia. Ele era um homem violento e expressou a intenção de levar o país à obediência mediante o fogo e a espada. De fato, ele ordenou que várias pessoas fossem queimadas vivas, porque se opunham à sua autoridade. Os habitantes da Boêmia, diante de tais atrocidades, ficaram furiosos. Os seguidores de Huss se uniram e se organizaram rapidamente em um poderoso partido. Eles se comprometeram do modo mais solene, a levar avante os princípios de reforma ensinados pelo mestre martirizado. Huss havia condenado severamente a prática da igreja de impedir os leigos de participarem do cálice do Senhor. Isso se tornou o símbolo de todo o partido, e passaram a exibir o cálice da ceia do Senhor em todas as suas bandeiras. Comandados por **Zizka**, um cavaleiro de grande gênio militar e cego de um dos olhos, eles marcharam pelo país, impondo a distribuição dos dois elementos da ceia — o cálice e o pão. Em Praga, os clérigos que seguiam as doutrinas de Huss, tiveram negado seu acesso às igrejas. Em decorrência disso, estes abandonaram a cidade para buscarem lugares onde poderiam exercer em liberdade o culto a

Deus. Um grande encontro com os seguidores de Huss aconteceu no mês de julho do ano 1419, em um monte ao sul de Praga. Ali eles se uniram formalmente através da celebração da ceia a céu aberto. Deve ter sido uma cena impressionante; mas infelizmente, a sequência dessa história é marcada por uma nuvem densa e escura. No espaçoso topo daquele monte, trezentas mesas foram montadas, e quarenta e duas mil pessoas, entre homens, mulheres e crianças, participaram dos dois elementos da santa ceia. Logo, uma comunhão fraternal se seguiu, onde os ricos compartilharam com os pobres; mas não era permitido nem bebida, nem danças, nem jogos ou música de qualquer espécie. Ali o povo acampou em tendas, e como gostavam de usar nomes retirados das Escrituras, acabaram chamando aquele local de *Monte Tabor*. Foi a partir daí que os seguidores de Huss ficaram conhecidos como “taboritas”. Eles falavam de si mesmos como o *povo eleito de Deus*, e estigmatizavam seus inimigos, os católicos romanos, chamando-os de amalequitas, moabitas e filisteus.

No monte Tabor, eles deliberaram minuciosamente sobre o luxo, o orgulho, a avareza, a simonia e outros vícios comuns entre o clero católico. Zizka e seus seguidores exortaram os comungantes a se envolverem, de forma ativa, no trabalho da reforma da igreja. Essa grande assembleia, sob o comando de Zizka marchou primeiro para Praga, aonde chegaram durante a noite. No dia seguinte, um clérigo seguidor de Huss que caminhava a frente de uma procissão com um cálice em suas mãos, foi atingido por uma pedra quando passava diante da prefeitura da cidade, onde os magistrados se encontravam em sessão. Furiosos, muitos participantes da procissão invadiram a prefeitura. Seguiu-se uma batalha curta e violenta, e os magistrados foram dominados; alguns foram mortos, outros foram lançados para fora pelas janelas[9], e o restante fugiu. O tumulto cresceu, e os seguidores da antiga religião pegaram em armas. Os reformadores lutaram contra eles, pois os consideravam inimigos da verdadeira fé. Zizka e seus seguidores proclamavam a si próprios como os servos de Deus que tinham por missão reformar a igreja do Senhor. Mas infelizmente, eles começaram com uma obra de destruição em vez de restauração. Conventos foram atacados e saqueados; monges foram massacrados; igrejas e capelas foram reduzidas a ruínas.

Imagens, órgãos, quadros e todos os instrumentos usados na idolatria, como eram chamados, foram despedaçados. As ondas dessa insurreição se elevavam cada vez mais. O movimento se espalhou para outras localidades, e uma desoladora guerra iniciou, e continuou por muitos e muitos anos, devastando o infeliz país.

***

AS VITÓRIAS DOS TABORITAS

Venceslau, rei da Boêmia, morreu por volta desse período, vitimado por uma crise de apoplexia*. Como Venceslau não tinha herdeiros, o reino da Boêmia foi herdado por seu irmão Sigismundo. Esse fato foi visto como um sinal para uma guerra aberta contra o imperador por parte dos reformadores. Sigismundo era profundamente odiado por eles, por ter agido de forma traiçoeira com Huss e por tê-lo entregue nas mãos cruéis de seus impiedosos inimigos, os adversários da verdadeira fé. Com a fúria característica do fanatismo religioso, eles demoliram e desfiguraram tudo o que trazia a marca da religião romana. O imperador, tão logo quanto possível, transformou o reino recém adquirido no objeto de sua especial atenção. Mas em vez de ter uma leal e calorosa recepção, sua soberania era repudiada em todos os lugares, e muitos dos seus súditos estavam rebelados. O primeiro exército de cruzados foi derrotado pelo vitorioso Zizka, e Sigismundo foi obrigado a fugir da cidade de Praga.

Os seguidores de Zizka, que eram primariamente camponeses, não tinham outras armas para guerrear senão suas ferramentas agrícolas; em vez de espadas e lanças, tinham: manguais*, varapaus*, forquilhas* e alfanjes*. Isso fez com que Sigismundo os designasse, sarcasticamente, como *debulhadores*. Mas em breve ele iria sentir o poder irresistível desses homens e as feridas mortais que eles podiam causar por meio de seus impetuosos golpes. Zizka os ensinou a revestir seus implementos com ferro para torná-los mais pesados e perigosos; e a utilizarem de forma hábil suas rústicas carroças no campo de batalha, de forma que elas serviam como fortalezas ou como carros de guerra. Martinho V, que se encontrava seguro em Roma, ouviu à distância que Zizka estava carregando o fogo e a espada em todas as direções —

massacrando o clero e os monges, queimando e demolindo igrejas e conventos, trazendo a vingança sobre os inimigos da fé verdadeira, e arrancando a idolatria pela raiz, algo que ele considerava ser sua missão divina. Uma bula foi emitida a pedido do imperador, convocando os fiéis a se levantarem unânimes para extirparem os seguidores dos ensinamentos de Wycliffe, Huss e de outros hereges. A todos que atendessem o chamado, fosse pessoalmente ou por meio de um substituto, era prometido a concessão de uma indulgência plena. De quase todos os países da Europa afluíram tais, que por meio de um ato tão meritório, queriam garantir a salvação eterna da sua alma. Assim, aos poucos se reuniu um numeroso exército; alguns estimam cem mil, outros cento e cinquenta mil homens.

O espírito dos seguidores de Huss foi fortalecido em todas as ocasiões pela repetição da festa que tiveram no Monte Tabor. Eles celebraram a comunhão, e juraram entregar suas propriedades e suas próprias vidas pela defesa daquilo que chamavam de reforma. O cálice da ceia não estava apenas representado nas bandeiras dos taboritas, mas era carregado pelos seus clérigos que iam à frente dos seus exércitos. Sigismundo invadiu a Boêmia comandando o exército de cruzados. Ele estava determinado a obrigar os rebeldes à obediência por qualquer meio. Todos os mestres hereges que caíam em seu poder, ele mandou queimar, sem nenhum escrúpulo, ou amarrou-os aos rabos de seus cavalos, sendo arrastados até morrerem. Mas a hora da vingança se aproximava. Ardendo com indignação e entusiasmo religioso, Zizka e seus enfurecidos seguidores surpreenderam os cruzados, e os derrotaram mediante uma enorme matança em um monte próximo de Praga. Até os dias de hoje esse monte é chamado de Monte Zizka. Uma segunda Cruzada não teve melhor êxito. A simples aparição do temido Zizka bastava para dispersar e dissolver o exército imperial em uma fuga desenfreada. Mesmo depois que esse homem selvagem e tenebroso perdeu também o outro olho, por ter sido atingido por uma flecha, ele conduziu seus exércitos de vitória em vitória. O imperador invadiu a Boêmia uma terceira e quarta vez, comandando enormes exércitos. Em um dos casos diz-se que o exército tinha duzentos mil homens. Mas todas às vezes, os exércitos da igreja

fugiam vergonhosamente, em meio à grande confusão e ruína, diante dos invencíveis taboritas. Ambos os lados eram caracterizados por crueldades e infâmias de todo tipo. Os taboritas não estavam satisfeitos em apenas expulsar os inimigos de Deus e da verdadeira fé; normalmente as batalhas terminavam em uma carnificina terrível e impiedosa. Tudo o que caía em suas mãos era destruído; porém os imperiais também retribuíam da mesma maneira. Tendo oportunidade de se apoderar de um herege, o mesmo era queimado vivo, ou vendido como escravo. Foi uma guerra das mais terríveis; morte e aniquilação eram vistas como a única solução. De ambos os lados era visto como um sagrado dever, roubar os bens dos inimigos e derramar seu sangue para honra de Deus.

***

A Completa Derrota do Exército Papal

Após os fracassos das suas expedições, o infeliz imperador ainda foi acusado de ser um grande covarde. Uma quinta cruzada foi organizada, e desta vez seria dirigida por um cardeal. A preparação para a guerra foi feita em uma escala gigantesca. Quatro grandes exércitos, que juntos somavam cerca de duzentos mil homens, cruzaram a fronteira da Boêmia. A força que os taboritas conseguiram organizar somava apenas trinta e um mil homens. Todavia, essa grande empreitada papal terminou como um gigantesco, terrível e vergonhoso fracasso. Os cruzados, ao avistarem Zizka e seus selvagens guerreiros com suas carroças de guerra, foram tomados de pânico. Apenas o cardeal Juliano manteve sua coragem. À medida que Juliano avançava, ele encontrava suas tropas fugindo, dominadas pelo mais absoluto terror. Com seu crucifixo na mão ele os desafiou, com as mais solenes considerações religiosas, a que lutassem. Mas foi tudo em vão. O próprio cardeal foi arrastado pelo fluxo de fugitivos. Os taboritas seguiam jubilando e devastando tudo diante de si; para os apavorados soldados, eles pareciam como seres sobrenaturais. O cardeal foi obrigado a fugir e conseguiu escapar da carnificina generalizada apenas porque se disfarçou com as roupas de um soldado comum. Ele deixou para trás a bula papal, seu chapéu

cardinalício e suas roupas sacerdotais. Esses troféus foram preservados por dois séculos na igreja localizada em Domazlice. Todas as bandeiras tomadas dos cruzados foram penduradas em uma das igrejas de Praga. O exército papal perdeu dez mil homens nessa vergonhosa fuga. Além desses, muitos outros foram mortos à medida que debandavam, sendo perseguidos e mortos pelos camponeses.

Depois de conduzir a guerra por **treze anos**, Zizka veio a falecer no ano 1424, devido à peste. Sua morte foi lamentada de forma tão profunda pelos taboritas que eles chegaram a mudar o nome deles para “os órfãos”. Ele foi sucedido por **Procópio**, um nome quase tão famoso quanto o de Zizka na história da guerra da Boêmia. Entrementes, o imperador havia compreendido que seria inútil continuar com aquela guerra assassina. A espada do valente Zizka havia roubado do imperador toda a sua glória como general e, ao mesmo tempo, havia aniquilado completamente suas intenções de fortalecer a Igreja Romana. Na batalha, ou melhor, no massacre de **Aussig**, no ano 1426, as perdas das tropas alemãs foram estimadas entre nove e quinze mil homens. Enquanto isso, estima-se que as baixas taboritas não passaram de cinquenta guerreiros. Ao final da guerra, praticamente todos os símbolos externos da religião romana haviam sido varridos como que por uma enxurrada. Igrejas foram queimadas junto com todos os que, à procura de refúgio, se encontravam dentro delas. Silvio, o historiador romano, descreve as igrejas e conventos da Boêmia como mais numerosos, mais magnificentes e melhor adornados do que todos os outros que existiam nos países europeus. Com poucas exceções, foram todos demolidos pela fúria dos fanáticos taboritas. Mais de quinhentas igrejas e monastérios, com todos seus símbolos de idolatria foram completamente destruídos e arrasados. Essa foi a terrível retribuição da providência de Deus em Sua justa maneira de lidar com os assassinos de Huss e Jerônimo. Essa terrível visitação celestial caiu com a mais devastadora severidade, tanto sobre o império como sobre a igreja de Roma.

***

DIVISÕES INTERNAS

Quando finalmente foram feitas propostas para um acordo de paz, os seguidores de Huss não estavam todos de comum acordo. Por esse motivo, eles se dividiram e formaram dois partidos. Os calixtinos — que derivaram seu nome do cálice da ceia — era um partido mais moderado. Eles se caracterizavam pela disposição de deixar de lado todos os outros pontos conflitivos, desde que o cálice da ceia fosse restaurado aos leigos, e que os mesmos tivessem permissão para ler a Palavra de Deus. O outro grupo manteve o nome de taboritas. Eles eram bem mais radicais em manter suas posições derivadas das doutrinas de Huss, o qual era considerado como líder. Além da celebração da Ceia do Senhor com os dois elementos, eles também exigiam uma completa reforma da igreja. Essa reforma incluía a abolição de todos os erros e cerimônias papais, e o estabelecimento de um sistema de doutrina e disciplina baseado nas Escrituras.

Agora, o caminho estava preparado para Roma, para, por meio de seu recurso infalível — a traição — causar a ruína dos taboritas. Durante o **Concílio de Basileia**, um bispo de posições moderadas e homem muito eloquente, chamado Rokyzan, foi elevado à condição de arcebispo de Praga. A intenção da Igreja Romana era que, através da sua influência, seus objetivos pudessem ser alcançados. Quatro artigos foram estabelecidos e esse documento recebeu o nome de “Compacto”, o qual foi aceito pelos obedientes calixtinos. Eles foram recebidos de volta ao seio da igreja, mas os privilégios que lhes haviam sido prometidos, pouco tempo depois, foram anulados pelo papa. Os taboritas por sua vez, se recusaram a assinar o Compacto, e por isso foram perseguidos tanto pelos seus velhos amigos calixtinos como pelos católicos. Mas dessa feita, em vez de resistirem através dos meios carnais da espada, como aconteceu nos dias de Zizka e Procópio, eles optaram por adotar a fé em Deus, a paciência, a insistência em fazer o bem e a oração perseverante como as armas apropriadas ao soldado cristão. Rokyzan, que nutria certas afeições para com os taboritas perseguidos, obteve a permissão do governo para que eles se retirassem para a região de Lititz, que ficava nos confins entre a Morávia e a Silésia. Ali eles poderiam estabelecer uma colônia e criar regras próprias de adoração e disciplina.

***

Os Irmãos Unidos

A primeira migração dos taboritas com destino à Morávia aconteceu no ano 1451. Muitos dos cidadãos de Praga, incluindo alguns membros da nobreza e homens eruditos, e certo número dos mais piedosos dos calixtinos uniram-se nessa migração. Eles assumiram o nome de *Unitas Fratrum*, isto é Unidade fraternal ou Irmãos Unidos. Essa foi a origem de uma comunidade que continua a existir até os dias de hoje. Pelo espaço de três anos eles desfrutaram paz e liberdade de religião. O zelo missionário que sempre caracterizou os irmãos boêmios se evidenciou naquele momento inicial da história dos Irmãos Unidos. A partir desse momento, a *linha dourada* da graça operante de Deus também aparece novamente de forma brilhante. Fomos incapazes de ver, até mesmo um simples traço da mesma, quando eles estavam usando armas carnais para a defesa da verdade de Deus. Assim que eles começaram a ocupar a sua verdadeira posição de peregrinos e estrangeiros nesta terra, Deus pôde usá-los para benção de muitos e para a propagação da Sua obra. Eles se multiplicaram rapidamente, e muitos se converteram através da sua pregação do Evangelho; e em diversas partes do país se formaram pequenas ou grandes comunidades. Isso, porém, despertou novamente, o ódio e a inimizade dos sacerdotes de Roma.

Falsas acusações, que eram tão familiares às línguas mentirosas dos clérigos e dos monges, foram inventadas e espalhadas diligentemente por toda parte. Eles eram acusados de querer promover tumulto e uma revolta. “Os ‘Irmãos Unidos’”, diziam, “estão reunindo um grande número para renovar as guerras taboritas e tomar o governo.” O rei ficou alarmado; o arcebispo Rokyzan, com medo de perder seu cargo na igreja, associou-se aos católicos e procurou influenciar os calixtinos a se voltarem igualmente contra seus irmãos. Os taboritas foram declarados como hereges incorrigíveis. Uma terrível perseguição foi iniciada, marcada por uma enorme fúria contra o pequeno número das fiéis testemunhas. Mas, pelo que podemos perceber, o joio havia sido separado do trigo, pois ao contrário dos dias de Zizka, esta nova

geração de seguidores de Huss estava determinada a não lançar mão de nenhuma arma carnal em defesa própria ou da sua fé. Somente a inaudita coragem que havia caracterizado seus pais nos campos de batalha, foi outra vez demonstrada através da paciente perseverança em meio aos grandes sofrimentos por amor a Cristo. Mesmo sob as mais duras provações e as mais pesadas aflições, eles permaneceram firmes e inflexíveis. Eles eram acusados de ter negligenciado suas obrigações de súditos. Isso possibilitou o confisco de suas propriedades, com muitos sendo expulsos delas no meio dos rigores do inverno. Esses foram obrigados a vaguear pelos campos abertos onde muitos vieram a perecer de fome e frio. Todas as prisões da Boêmia, especialmente as de Praga, estavam lotadas com os Irmãos Unidos. Muitos tipos de torturas foram aplicados aos prisioneiros. Alguns tiveram suas mãos e pés cortados fora; outros tiveram a espinha dorsal quebrada; outros foram queimados vivos; e ainda outros, foram brutalmente assassinados. Essa brutal perseguição continuou por quase vinte anos, sem tréguas. Somente a morte do rei Podiebrad em 1471, trouxe algum alívio. Também o arcebispo Rokyzan, martirizado pelo remorso, se mostrou mais amável. A partir daí, os infelizes Irmãos Unidos não foram mais expostos à tortura e ao assassinato, mas continuaram a serem expulsos do país.

Os Irmãos Unidos foram compelidos, dessa maneira, a abandonarem seus lares em Lititz e outras cidades e vilas, e se viram obrigados a viverem nos extensos bosques da Boêmia, em cavernas e grutas; levando ali uma vida cheia de fadigas e privações. Apesar disso, não desanimaram. Eles se alegraram de poder sofrer ignomínia e perseguição por amor de Cristo; consolavam-se mutuamente e edificavam-se em sua santíssima fé; e consideravam ser o seu dever, por incrível que isso parece ser, estabelecer a Igreja de Cristo. Com isso, infelizmente, eles se esqueciam, como muitos outros haviam feito antes deles e fizeram depois deles, que Deus já havia estabelecido a Sua Igreja no dia de Pentecostes, e revelado a mesma a nós em Sua Santa Palavra. Cerca de setenta pessoas se reuniram em um sínodo no meio da floresta. Duas resoluções foram adotadas, que marcaram o caráter futuro dos irmãos morávios: era necessário providenciar homens

capazes para o serviço ministerial; esses homens deviam ser escolhidos através de sorteio, à semelhança de Matias (em Atos 1:24-26). Como princípio fundamental, os Irmãos sustentavam que “as Santas Escrituras são a única diretriz e regra de fé e prática”. Ao mesmo tempo eles criaram uma distinção entre coisas essenciais e não essenciais, o que acabou gerando um ambiente propício para o exercício tanto da vontade quanto da imaginação humana. Questões essenciais eram aquelas pertinentes à salvação do ser humano. As questões não essenciais envolviam os aspectos externos do cristianismo, tais como rituais, cerimônias, costumes e regras eclesiásticas. Essas últimas podiam ser alteradas de acordo com o parecer dos seres humanos, sempre que fosse proveitoso para a promoção e divulgação da grande obra do Evangelho. Sabemos, contudo, que esse princípio é característico da humanidade em geral, e não exclusivo dos morávios. Isso corresponde ao ditado popular que diz: “os fins justificam os meios”. Todavia, devemos sempre entender, que aquilo que Deus tem revelado e ordenado em Sua Palavra nunca pode ser considerado como algo não essencial. Por outro lado, tudo aquilo que Deus não tem revelado, nunca deve ser introduzido em Sua santa Igreja.

Os Irmãos Unidos que haviam sido expulsos da Morávia foram cordialmente recebidos na Hungria e na Moldávia. O seu zelo pela divulgação de seus princípios, falado ou escrito, permaneceu muito grande. Por volta do ano 1470 eles publicaram, na **língua da Boêmia**, uma tradução de toda a Bíblia. Essa é a segunda tradução que temos em registro, de toda a Bíblia, para uma das línguas europeias. A mesma teve várias edições em um curto prazo de tempo e uma divulgação significativa. A invenção da imprensa contribuiu muito, sob a graciosa condução de Deus, para tornar acessível, justamente no momento oportuno, Sua Santa Palavra a muitos. Dessa maneira, esse curioso e piedoso povo fez muito para preparar o caminho para homens como Martinho Lutero, Filipe Melanchthon e João Calvino.

***

A Conexão Entre as Diversas Testemunhas

Antes de deixarmos os irmãos morávios, é nossa intenção mostrar ao leitor algo interessante. Isso diz respeito ao fato que existia uma conexão muito antiga entre os Irmãos Unidos e os valdenses. Alguns preferem dizer que a conexão era entre os morávios e os paulicianos. A Boêmia e a Morávia continuaram sob o domínio do paganismo até o fim do século IX. Foi por esse tempo que eles ouviram o Evangelho através de missionários vindos do Oriente, provavelmente também da parte dos paulicianos. Pedro Valdo, no século XII, que havia sido expulso de Lyon, através da perseguição encontrou refúgio na Boêmia, onde trabalhou por vinte anos sendo muito bem sucedido. Alguns afirmam que no século XIV seus seguidores na Boêmia e em Passau já somavam mais de oitenta mil, e através de toda a Europa o número era de, aproximadamente oitocentos mil. Por volta desse tempo, a corte de Roma fez enormes esforços para trazer novamente sob o jugo papal os cristãos unidos, paulicianos, valdenses, boêmios e morávios. O celibato foi introduzido, o compartilhar do cálice foi proibido aos leigos, e a missa romana passou a ser rezada em latim. Os boêmios protestaram contra essas medidas violentas de Roma, contudo, sem sucesso. Uma perseguição irrompeu. Apesar de muitos terem se mantido firmes, outros cederam gradualmente, perdendo assim muito da pureza original da doutrina e da simplicidade de adoração que adotaram. Esse estado de coisas se manteve por trezentos anos, até que João Huss e Jerônimo de Praga levantaram novamente, com mão forte, o estandarte da verdade, testemunhando contra as corrupções de Roma e, pelas chamas de seus próprios martírios, acenderam uma luz que em breve se espalharia por toda a Europa. Luz essa que continua a brilhar até nossos dias através da boa providência de Deus. A forma misteriosa como essa luz viajou durante os séculos, será o objeto do nosso estudo a seguir.[10]

---

[1] Cidade localizada no sul da Polônia que foi o berço do nascimento de Karol Józef Wojtyła eleito como papa João Paulo II em 16 de outubro de 1978. Seu longo pontificado durou 26 anos e terminou com sua morte aos 84 anos, no dia 2 de Abril de 2005. Foi beatificado em 2011.

[2] Landon´s *Manual of Councils*.

[3] Atenção, não confundir esse João XXIII com o cardeal Angelo G. Roncalli que governou a igreja nos anos 50 e 60 do século XX também sob o título de João XXIII. Esse João XXIII foi o papa responsável pela convocação do Concílio do Vaticano II, realizado em 1962.

[4] Vítor Emanuel II (em italiano: Vittorio Emanuele II); viveu de 14 de março de 1820 até 9 de janeiro de 1878. Foi o primeiro rei da Itália, de 1861 a 1878. Ele tomou a cidade de Roma do controle papal e a transformou na capital da Itália unificada.

[5] Waddington, vol. 3, p. 175.

[6] Autor de uma controvérsia com respeito à Trindade — Arianismo — que foi resolvida através dos concílios de Niceia em 325 d.C. e de Constantinopla em 381 d.C.

[7] Autor de uma controvérsia trinitariana — Sabelianismo — também conhecida como Modalismo.

[8] Na Alemanha antiga, príncipe ou bispo que tomava parte na eleição do imperador.

[9] Esse ato de lançar os magistrados para fora da prefeitura pelas janelas ficou conhecido como: a “Defenestração de Praga”.

[10] Ver Marden´s *Dictionary of Sects*, “Moravians”; Waddington, vol. 3, p. 196; *Latin Christianity*, vol. 6, p. 200; Milner, vol. 3, p. 336; J. C. Robertson, vol. 3, p. 284; Mosheim, vol. 3, p. 17; Edgar´s *Variations of Popery*, pp. 202, 533.

Capítulo 32

A Queda de Constantinopla

No ano 1453, depois de um apertado cerco que durou cinquenta e três dias, a capital oriental da cristandade caiu nas mãos dos vitoriosos turcos. O imperador dessa época, que tinha o mesmo nome do fundador de Constantinopla, demonstrou enorme coragem na defesa da cidade durante o cerco; onde o perigo se tornava maior, ali aparecia a sua imponente figura para incentivar os seus, por meio de palavras e ação, para batalhar corajosamente. Ele lançou para longe de si sua capa púrpura e, junto a uma brecha na muralha, lutou de forma intrépida até o último instante; até que,

juntamente com os nobres que o acompanhavam, foi mortalmente ferido pelos turcos invasores. Este foi o **último dos Constantinos** e o último imperador cristão de Constantinopla. A maioria dos habitantes da cidade foram vendidos como escravos ou massacrados. Depois, cerca de cinco mil famílias turcas foram trazidas para a cidade como colonos. A destruição, a violência e a profanação que tiveram lugar naqueles dias excederam, em muito, nossa capacidade de descrição. Eles destruíram, com uma fúria incomparável, tudo o que lembrava o governo cristão. A antiga igreja de Santa Sofia foi despojada de suas inumeráveis preciosidades e relíquias, que haviam sido acumuladas através dos séculos. As imagens e as pinturas foram despedaçadas e a própria igreja, após ter sido cenário das mais grotescas profanações, foi transformada em uma mesquita. A rica biblioteca, que segundo a estimativa de alguns possuía cerca de cento e vinte mil manuscritos contendo os tesouros da sabedoria grega — que durante séculos fora armazenada com grande custo e esforço — foi destruída por mãos inescrupulosas. Parte dos manuscritos foram queimados e parte espalhados por todas as partes. A conquista foi completa, e o sultão turco, **Maomé II**, transferiu prontamente sua residência e seu trono de governo para Constantinopla, que foi renomeada como Istambul.

Mas a ambição desmedida do orgulhoso otomano* estava longe de ser satisfeita. Ele almejava, nada mais nada menos, do que a conquista de toda a cristandade. Tendo alcançado rápidas e fáceis vitórias sobre muitos dos pequenos principados cristãos que existiam no Oriente, ele dava a nítida impressão de que seu objetivo seria alcançado. Todavia, sua súbita morte trouxe alívio das ações desse tirano, que estava iniciando seu caminho de expansão de suas conquistas levando-as até o coração da Europa. Qual cidade, reino ou poder poderia deter esse terrível conquistador? Toda a Europa estava tremendo diante desses terríveis invasores, especialmente a Itália. A morte do papa Nicolau V foi apressada, como se diz, pelas notícias acerca da captura de Constantinopla. Tristeza e preocupação foram demais para o coração daquele velho homem. Mas depois de derrotar impérios, conquistar reinos e dominar cidades sem fim, Maomé II morreu aos 50 anos de idade, de dores abdominais internas que, supostamente foram causadas

por algum tipo de envenenamento. As novas dessas enormes calamidades que atingiram o Oriente, acabaram por espalhar uma densa nuvem de espanto sobre todo o Ocidente. Entretanto, aquilo que ameaçava fazer parar o progresso da civilização ocidental e a expansão do cristianismo serviu, sob a sábia e boa providência de Deus, para promover o bem de uma forma maravilhosa. A queda de Constantinopla nas mãos dos infiéis levou muitos sábios gregos a se mudarem para a Itália. Dali eles partiram para muitos outros países da Europa, encontrando amável acolhida em todas as partes, em especial pelo papa Nicolau V, que se distinguiu por seu amor pelas ciências e pela literatura, as quais ele promoveu grandemente através de sua posição e riqueza pessoal. O que os fugitivos conseguiram salvar das ruínas do império conquistado — livros e tesouros das ciências — trouxeram consigo para o Ocidente. O estudo da língua grega foi reavivado através dessa literatura e tornou-se muito popular. Entre esses estudiosos foi do agrado de Deus levantar alguns homens de mentes realmente brilhantes e corações devotados, que contribuíram muito para preparar o caminho que resultou na grande Reforma Protestante.

***

A Invenção da Imprensa e o Aprimoramento do Papel

Foi durante este período que Deus estava fazendo “todas as coisas cooperarem para o bem”, da maneira mais impressionante que se possa imaginar. Dois instrumentos silenciosos, de influência imensurável e enorme poder, foram ordenados a preceder as vivas vozes dos pregadores do Evangelho de Jesus: a invenção da **imprensa** e a fabricação de **papel**. Essas invenções harmoniosas foram aperfeiçoadas durante a última parte do século XV. Diante desses acontecimentos, devemos fazer com que nossos corações se elevem em louvores e ações de graças a Deus.

Agora alcançamos um ponto crucial na nossa história. Não estamos falando apenas da história da Igreja, e sim da civilização, da condição social dos Estados europeus, bem como da família humana. Irá nos fazer bem parar diante da iminência desses fatos, e olhar ao redor por alguns instantes. Nós podemos ver a mão divina agindo a favor do bem de todos os seres humanos alinhando uma

série de eventos, apesar dos mesmos parecerem desconectados entre si: a queda do império cristão do Oriente; a fuga de uns poucos gregos com seus tesouros literários; o despertar de um longo adormecimento das mentes do mundo ocidental; a invenção da imprensa através dos tipos móveis e a descoberta da fabricação de um fino papel branco produzido a partir de trapos de linho. Por mais incongruente* que a expressão “trapos de linho” possa soar aos nossos ouvidos, com relação à literatura dos gregos e as habilidades de Gutenberg, ambas teriam se provado como de pouco valor sem a descoberta do processo que culminou na produção de um papel de melhor qualidade. Meios que muitas vezes são insignificantes aos olhos dos homens, tornam-se plenamente suficientes quando usados por Deus. Pelo poder miraculoso, a vara nas mãos de Moisés abalou todo o Egito, até seus confins; dividiu o mar Vermelho e supriu o povo com água viva que fez brotar da rocha no deserto. Uma pequena pedra retirada de um ribeiro ou um chifre vazio de carneiro[1] foram usados como instrumento para trazer grande livramento ao povo de Israel. O poder procede somente de Deus. A fé olha apenas para o Senhor.

Deve ser motivo de grande interesse para o cristão saber que o primeiro livro completo a ser impresso por Gutenberg, mediante o uso dos tipos móveis inventados por ele, foi uma edição da Bíblia. Trata-se da versão conhecida como **Vulgata Latina**, que era composta por seiscentas e quarenta e uma páginas. Em seu livro, a História da Literatura, Hallam faz essa bela observação: “É de fato uma circunstância singular, que os grandes inventores dessa bela arte buscaram, desde o seu início, assumir o desafio de imprimir a Bíblia inteira e que tenham sido bem sucedidos nessa empreitada. Podemos apenas imaginar esse impressionante e esplêndido volume conduzindo uma multidão de milhares de admiradores, que imploravam por uma bênção dessa nova arte, dedicando os ‘primeiros frutos’ dos seus esforços ao serviço do Reino de Deus”.[2]

Não é nossa intenção descrever de forma minuciosa essa grande descoberta. Porém, torna-se necessário mencionar alguns poucos detalhes, desse que foi um dos mais poderosos instrumentos da Reforma Protestante.

Inicialmente, os homens costumavam usar blocos de madeira, nos quais haviam sido talhadas letras, palavras ou figuras, para imprimir. Gradualmente, esses blocos foram aumentando até formarem uma página inteira. Esses eram, por sua vez, chamados de blocos-cadernos. Um ferreiro genial e habilidoso, como se afirma, inventou no século XI um sistema de letras (tipos) separadas feitas de madeira. Mas foi o celebrado João Gutenberg, que nasceu em uma vila próxima da cidade de Mentz no ano 1397, que substituiu as letras de madeira por letras de *metal*. Seu associado, chamado Schoffer talhou os caracteres em uma matriz e utilizou a mesma para moldar os tipos. Esse método, apesar de muito antigo, ainda é utilizado em muitas pequenas gráficas ao redor do mundo.

Até o século XIV os copistas ou impressores tinham à sua disposição apenas pergaminhos[3], cascas de árvores, papiro e tecidos de algodão. Mas todo esse material era completamente inadequado para suprir a demanda do novo processo que estava sendo desenvolvido. Felizmente, entretanto, a descoberta da fabricação de papel feito a partir de trapos de linho, coincidiu com a descoberta da impressão através do uso dos tipos móveis. A **primeira fábrica de papel** foi montada na Inglaterra, na cidade de Dartmouth, no ano 1588, por um alemão chamado Spielmann, que foi nomeado cavaleiro pela rainha Elizabeth I.

***

A Primeira Bíblia Impressa

Todos os historiadores parecem concordar que Gutenberg, depois de gastar quase dez anos aperfeiçoando sua invenção, viu-se tão empobrecido que se viu obrigado a convidar algum capitalista para investir em seu projeto. **João Fust**, um rico ourives da cidade de Mentz, a quem Gutenberg havia tornado conhecido seu segredo, concordou em se associar com ele e suprir os meios para levar adiante o projeto. Ao que tudo indica, Gutenberg e seu sócio Fust, não tinham nenhum motivo mais nobre ao executar esse glorioso trabalho, do que conquistar uma verdadeira fortuna através desse empreendimento. Agora voltaram a trabalhar com renovado fervor. Um aperfeiçoamento seguiu a outro, em especial desde que o genro de Fust, Peter Schoffer, se tornou seu sócio. A forma dos tipos foi

aperfeiçoada cada vez mais, e se empregou um grande cuidado no que diz respeito à impressão e à tinta. Finalmente, os esforços unidos dos três homens, tiveram êxito em imitar a maneira de escrever dos melhores copistas de maneira tão precisa, que podiam se atrever a vender suas impressões como sendo cópias manuscritas. Com isso, pretendiam obter o mesmo preço pago por serviço manual e refinado. Todos os que haviam se envolvido neste trabalho assumiram um compromisso estrito de manter o segredo do processo. Pode parecer estranho, mas o primeiro livro completo que Gutenberg imprimiu, por volta do ano 1450, era uma Bíblia em latim. A primeira edição parece que conseguiu ser vendida no mesmo nível de preço dos manuscritos, sem que o segredo fosse descoberto[4]. Uma segunda edição foi produzida por volta do ano 1462. Conta-se que João Fust foi a Paris levando certo número de cópias. Ele vendeu um exemplar para o rei da França por setecentas coroas. Em seguida vendeu outro, para o arcebispo, por quatrocentas coroas. O prelado cheio de satisfação por possuir uma cópia tão bela, comprada por um preço relativamente barato, mostrou a mesma para o rei. Sua Majestade, por sua vez, mostrou a sua cópia pela qual ele havia pagado quase o dobro. Mas a verdadeira surpresa veio em seguida, quando eles descobriram que as cópias eram exatamente idênticas, até mesmo nos mínimos detalhes; não havia nem mesmo uma letra ou uma vírgula diferente. Como isso era possível? Eles ficaram alarmados e concluíram que as mesmas deveriam ter sido produzidas através de mágica. Sua inquietação se transformou em horror ao perceber que as letras maiúsculas eram da cor vermelha. Isso não podia ser outra coisa a não ser sangue! Dessa maneira, o rei e o arcebispo não tinham dúvidas de que João Fust estava associado ao Diabo, e era seu assistente nessa arte mágica.

O local onde ele estava hospedado foi revistado, e outras Bíblias foram apreendidas. Também as cópias que ele havia vendido em outros lugares foram reunidas e comparadas minuciosamente. Descobriu-se, naturalmente, que as mesmas eram precisamente iguais. Fust foi denunciado como sendo um **mágico**. O rei ordenou que João Fust fosse lançado na prisão; a culpa do infeliz Fust foi comprovada de forma clara. Certamente ele teria sido queimado

vivo se não tivesse confessado o engano, e feito uma descrição detalhada dessa nova e misteriosa arte. Dessa forma, o segredo por tanto tempo guardado, foi revelado. Logo, homens empreendedores se puseram a construir imprensas semelhantes à de Gutenberg, e não demorou muito até que a arte de imprimir livros abriu caminho à maioria dos países da Europa. Por volta de 1474 a arte foi introduzida na Inglaterra por **William Caxton**. E em 1508 a mesma surgiu na Escócia através das mãos de **Valter Chepman**. Assim, os acontecimentos relatados acima serviram, sob a direção de Deus, para que a benção dessa nova invenção alcançasse muitos.

Antes dos dias das impressoras, muitos livros valiosos existiam apenas em cópias manuscritas. Apesar do fato que centros de estudo tivessem florescido em todos os países civilizados, o conhecimento continuava obrigatoriamente confinado a um número relativamente pequeno de pessoas. Os manuscritos eram tão raros e tão valiosos, que podiam ser adquiridos apenas pelos reis e nobres. Outros que tinham posses para adquirir os mesmos eram as faculdades e as comunidades eclesiásticas. Uma cópia da Bíblia custava de quarenta a cinquenta libras, apenas no que diz respeito ao serviço de cópia. Isso era devido ao fato que era necessário contratar um copista experiente por cerca de dez meses, para elaborar apenas uma cópia. Mas agora o preço caiu rapidamente. Apesar de que outros livros começaram a ser impressos, a Bíblia em latim continuava tendo a preferência, visto que havia uma grande demanda pela mesma, alcançando um alto preço. Desta maneira, a Bíblia se multiplicou rapidamente. Agora, era chegada a hora dos tradutores iniciarem seu trabalho. Assim, a preciosa Palavra de Deus foi traduzida em vários idiomas, em um período de poucos anos, em diferentes países. Uma tradução em italiano apareceu por volta do ano 1474; a tradução na língua Boêmia, em 1475; a tradução holandesa, em 1477, mesmo ano em que surgiu a tradução francesa. A tradução para o espanhol surgiu em 1478. Todas essas traduções serviram como verdadeiras trombetas anunciando a Reforma que estava a caminho.

Encerramos esse trecho, repetindo as belas palavras de Hallam, na sua história sobre a Literatura Europeia: “É uma circunstância mui digna de nota de que, desde o início do seu empreendimento,

os altamente talentosos inventores dessa grande arte ousaram imprimir uma Bíblia completa, o que também realizaram com grande êxito... Assim, a nova arte e seus muitos seguidores foram, de certa forma, abençoados pelo fato de terem devotado as primícias à serviço dos céus, mediante a impressão desse venerável e glorioso Livro".

***

A Oposição de Roma à Bíblia

Mas, como sempre, os grandes inimigos da verdade, da luz e da liberdade, sentiram-se alarmados. O arcebispo da cidade de Mentz colocou os impressores daquela diocese sob uma severa vigilância. O papa Alexandre VI promulgou uma bula proibindo aos impressores das cidades de Mentz, Colônia, Tréveris e Magdeburgo, de produzirem qualquer livro sem a expressa autorização de seus arcebispos. Quando os sacerdotes descobriram que a leitura da Bíblia aumentava rapidamente, começaram a pregar fervorosamente de seus púlpitos contra esta prática. Na sua ignorância e inimizade, chegavam a afirmar as coisas mais ridículas e absurdas. "Eles descobriram", disse um monge francês, "uma nova linguagem chamada grego. Precisamos nos proteger com muito cuidado da mesma. Tal linguagem deve ser a mãe de todo tipo de heresia. Vejo nas mãos de um grande número de pessoas um livro escrito nesse idioma, chamado de '**o Novo Testamento**'. É um livro cheio de espinheiros com víboras escondidas nele. Quanto ao hebraico, qualquer um que aprender essa língua se transforma imediatamente em um judeu." Bíblias e Novos Testamentos eram apreendidos onde quer que fossem encontrados, e queimados. Mas parecia que das suas cinzas surgiam Bíblias e Novos Testamentos de forma multiplicada. As próprias máquinas de imprimir também foram vítimas da fúria dos sacerdotes, sendo apreendidas e queimadas. "Precisamos destruir a imprensa ou a imprensa irá nos destruir", disse o vigário de Croydon, em um sermão pregado em um distrito ao sul de Londres. Por outro lado, a universidade de Paris, inquietada por esse movimento que havia tomado conta de todas as mentes, declarou diante do Parlamento: "Veremos o fim da religião se o estudo do grego e do hebraico for permitido".

A grande aceitação que as novas traduções encontraram por toda parte, deu à Igreja Romana uma razão dupla para estar alarmada. A mesma sentiu-se abalada ao ver que a supremacia da sua versão favorita, a Vulgata Latina, estava ameaçada. Ao mesmo tempo, o medo dos sacerdotes e dos monges aumentou ainda mais, quando perceberam que, quanto mais o povo lia as Escrituras em sua própria língua materna, tanto mais diminuía a frequência à missa e a consideração pela autoridade sacerdotal. Em vez de elevarem suas orações à Deus por meio da boca dos sacerdotes na língua latina, o povo começou a orar diretamente a Deus em suas línguas nativas. O clero, percebendo que suas entradas financeiras estavam diminuindo, apelou para a Sorbonne[5]. Esta pediu para o parlamento francês interferir no processo com uma mão forte. Uma guerra vergonhosa foi imediatamente proclamada contra os livros e aqueles que os imprimiam. Os impressores que foram condenados por terem publicado Bíblias foram queimados vivos. No ano 1534 cerca de vinte homens e uma mulher foram queimados vivos em Paris. Em 1535, a Sorbonne obteve uma ordem real para suprimir a imprensa. “Mas era tarde demais”, como observa um hábil escritor, “a arte já estava em um estágio de desenvolvimento que não podia mais ser suprimida, como a luz, o ar, ou a própria vida. Os livros se tornaram uma necessidade pública, e supriam um grande desejo do povo. Cada novo ano viu os mesmos se multiplicarem de maneira mais abundante.”[6]

Roma evidenciava sua fúria impotente por meio de ameaças e anátemas, e estendia sua mão a todos os lugares onde a Bíblia havia chegado e encontrado seguidores, para exterminar esse movimento por meio de perseguição. Enquanto isso, Deus estava preparando, por meio de Sua própria Palavra e da imprensa, aquela poderosa revolução que, em breve, iria mudar por completo tanto a igreja quanto o Estado. Sabemos que se os clérigos romanos tivessem sido bem sucedidos em seus propósitos perversos, nós ainda estaríamos procurando encontrar o caminho em meio as mais densas trevas da Idade Média. Roma tem sido sempre hostil a toda nova invenção e melhorias, especialmente, se essas têm a tendência de difundir o conhecimento, de promover a civilização. De todas as invenções, nenhuma exerceu tanta influência sobre a

sociedade humana e nenhuma enfraqueceu tanto o poder de Roma do que a invenção da imprensa. A ignorância, a escravidão, a superstição e a sujeição cega ao sacerdote são os principais elementos que sustentam a sua existência. Por isso essa amarga inimizade de Roma. Mas o Deus vivo está acima de todas as hostilidades e irá cumprir todos os propósitos da Sua graça. “Aquele que habita nos céus se rirá; o Senhor zombará deles” (Sl 2:4).

A escuridão da Idade Média está passando rapidamente. O **sol nascente da Reforma Protestante** começa a dissipar, com seus raios vitoriosos, a densa neblina do longo reinado de mil anos de Jezabel. Sua arrogante supremacia universal, já não existe mais e nunca irá retornar. A enorme construção, a qual o orgulho humano e a arrogância sacerdotal haviam construído, já estremece sob os poderosos golpes dados contra seus principais pilares: a ignorância e a superstição. O edifício logo seria abalado até as suas bases.

***

Os Precursores Imediatos de Lutero

Temos traçado, com bastante cuidado, a cadeia de testemunhas começando no período mais antigo da história da Igreja até o início do século XVI. Agora precisamos apenas acrescentar alguns poucos nomes que conectam a nobre sequência com o nome e o testemunho do grande reformador Martinho Lutero. Entre esses, os mais destacados são: Jerônimo Savonarola, João da Wessália e João Wessel, de Groningen.

Jerônimo Savonarola era descendente de uma família ilustre. Ele nasceu em 1452, na cidade de Ferrara, na Itália. Desde sua tenra juventude teve profundos sentimentos religiosos. Quando ficou mais velho, pensava ter visões divinas especiais que o chamavam para se retirar do mundo e consagrar a sua vida ao serviço do Senhor e da Sua Igreja. Apesar de seus pais terem determinado que seguisse a carreira de medicina, ele entrou na ordem dominicana, com a idade de 21 anos, em um mosteiro da Bolonha. Ele se dedicou ao estudo das Santas Escrituras, com orações contínuas, jejuns e práticas de flagelação. Ao que parece ele tinha grande interesse nas escrituras proféticas, especialmente em livros como o Apocalipse. Ele gostava muito de expor sobre o último livro do Novo

Testamento e, ousadamente, afirmava que os julgamentos anunciados nesse livro estariam próximos. Depois de sete anos no mosteiro da Bolonha, ele foi enviado por seus superiores para o mosteiro de São Marcos, na cidade de Florença. Depois de alguns anos ali, ele foi eleito prior, quando introduziu uma reforma completa e retornou à simplicidade antiga, nas áreas de alimentação e vestimentas.

Savonarola era incomparável e irresistível como pregador, mas como muitos outros cristãos sérios daqueles dias, ele combinava a política com o caráter do pregador. A reforma da igreja era o seu único tema — reforma e arrependimento eram proclamados por ele, com a voz como de um profeta dos dias antigos. Reforma na disciplina da igreja, nos luxos e no mundanismo dos sacerdotes, bem como nos costumes morais que atingiam toda a humanidade. Os italianos, sendo muito sensíveis a qualquer apelo que fizesse referência a seus direitos como cidadãos, lotaram a enorme catedral de Florença, que logo passou a receber grandes multidões ansiosas por ouvirem seus sermões. Sua pregação assumiu a forma de profecia, ou de alguém autorizado a falar em nome de Deus. Ao que parece, suas predições não iam além de uma firme confiança no governo de Deus e no cumprimento das profecias, de acordo com os princípios revelados nas Santas Escrituras. Infelizmente, ele se envolveu demais com as facções políticas na Itália e suas contendas. Ainda assim ele era um cristão sério e um verdadeiro reformador. Com todo o poder da sua eloquência ele denunciava sem tréguas a vida de luxo escandalosa de Lourenço de Médici, que havia se apoderado ilegitimamente do governo da cidade de Florença. Ao mesmo tempo, porém, ele açoitava impiedosamente o despotismo da aristocracia e a vida escandalosa dos prelados e do clero. Savonarola lamentava profundamente a fria indiferença para com as coisas espirituais que marcava o caráter de seus dias. Ele costumava dizer: “Outrora, a igreja possuía seus sacerdotes de ouro, e cálices de madeira. Mas agora, os cálices são de ouro e os sacerdotes de madeira. O esplendor exterior da igreja foi altamente prejudicial para a mentalidade espiritual de seus membros”. Como o mensageiro de um Deus ofendido, cuja espada vingadora já pairava sobre a Itália, ele se dirigia à massa do povo que cria firmemente na

sua missão celestial. Tão irresistível era o poder da sua eloquência, que o efeito moral de suas advertências foi rapidamente percebido através de toda a cidade. De acordo com Sismondi, “pela modéstia de suas vestimentas, sua maneira de falar e seu comportamento em geral, os habitantes de Florença evidenciavam as consequências abençoadas das atividades do ousado reformador”.

Um homem assim não podia passar despercebido ao olhar perverso de Jezabel. Uma testemunha tão corajosa não era digna de continuar vivendo, especialmente na Itália. A luz que brilhava assim, devia ser combatida com todos os meios. Mas como concretizar esse fato era um verdadeiro problema. Isso se devia ao fato que muitos cidadãos estavam dispostos a enfrentar as fogueiras como substitutos de Savonarola. Mas, quanto mais difícil era essa missão, tanto mais isso instigava o ódio de Roma a fim de fazer a tentativa. A Igreja de Roma, apoiada pelos partidários dos Médici — inimigos de Savonarola — tratou de resolver o que considerava ser obra do próprio Diabo. Como sempre, seus planos iniciavam com traição e terminavam em violência. O ardiloso Alexandre VI convidou Savonarola, com uma linguagem educada, a visitá-lo em Roma a fim de conversarem acerca do dom profético do dominicano. Mas, Savonarola sabia que não podia confiar no papa, apesar de suas palavras lisonjeiras, e recusou-se atender ao convite. O passo seguinte de Alexandre VI foi propor a Savonarola a mitra vermelha de cardeal. Com isso, o papa tinha esperança de subjugá-lo sob seu próprio poder. O indignado monge dominicano declarou do púlpito que ele não desejava ter sobre sua cabeça nada vermelho a não ser, o vermelho do sangue do martírio.

As máscaras da pretensão foram todas removidas. As palavras bajuladoras foram mudadas para ameaças e excomunhões. O destemido reformador foi acusado de “*semeador de falsas doutrinas*”. Sua destruição foi determinada. Os franciscanos, muito invejosos da grande fama do dominicano, também entraram na conspiração. Uma descrição de tudo o que foi planejado seria pouco interessante para o leitor. O fato é que os inimigos de Savonarola foram bem sucedidos em distrair o povo, e alcançar o propósito de derrubar o rival.

No ano 1498, Savonarola e seus dois amigos, Dominique e Silvestre, foram capturados, feitos prisioneiros e torturados. O sistema nervoso do grande pregador estava tão sensível, por causa de seus labores e incessantes exercícios ascéticos, que ele foi incapaz de suportar as torturas que lhe infligiram. Ele disse: “Quando estou sob tortura eu perco a razão, fico completamente enlouquecido. A verdade só é manifesta através dos meus lábios quando não estou sob tortura”. Nesse meio tempo, dois legados papais chegaram de Roma com a sentença de morte, da parte do pontífice Alexandre VI, para os três amigos. Os prisioneiros foram levados no dia seguinte à residência do senhor feudal e, depois da cerimônia comum de desconsagração, foram primeiro enforcados, e depois queimados. Suas cinzas foram cuidadosamente coletadas pelos franciscanos e lançadas dentro do rio Arno. Mesmo assim, algumas relíquias de Savonarola foram preservadas com grande veneração por parte de seus muitos amigos e seguidores.

***

Reflexões Acerca da Vida de Savonarola

O prior da catedral de São Marcos é referido pela história como a mais fiel testemunha pública a favor de Cristo que surgiu em toda a Itália até então. Mas devemos lembrar que, infelizmente haviam muitas coisas em suas ações que eram contrárias ao espírito e à vocação do verdadeiro cristão, especialmente sua mistura de política com religião. Alguns diziam que ele combinava o caráter de Jeremias com o de Demóstenes — o que o levava, por um lado, a chorar sobre o pecado do seu povo e anunciar-lhes o julgamento de Deus como o profeta; e, por outro lado, ele se utilizava de sua eloquência fervorosa para agitar o povo a lutar por suas liberdades, como o filósofo grego. Esse foi seu grande erro, provavelmente como fruto da sua ignorância dos ensinamentos do Novo Testamento. Foi esse o motivo que o conduziu à sua desonra e queda. Todavia, não devemos julgar de maneira muito severa esse corajoso homem. Sua educação, circunstâncias e o espírito reinante naquela época fizeram sua parte para levá-lo a tal situação. Muitos dos reformadores que o seguiram acabaram caindo na mesma armadilha. Eles não haviam entendido, naquele período conturbado,

que a vocação do cristão é celestial — que enquanto os judeus são abençoados com toda sorte de misericórdias temporais na Terra Prometida, o cristão é abençoado com bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo (Ef 1:3). Eles foram incapazes de enxergar que o propósito de Deus, no período atual, é de juntar pessoas *de todas as nações* para que constituam um povo chamado pelo *Seu nome*, por meio da pregação do Evangelho (At 15:14). Entretanto, mesmo em nossos dias, são poucos aqueles que veem a Igreja como um corpo de pessoas chamadas por Deus, que devem viver vidas separadas dos caminhos do mundo.

O maior bem que um pregador pode fazer a favor de outros seres humanos é juntá-los fora dos caminhos do mundo e ajudá-los a seguir o Salvador que foi rejeitado. Mas esse tipo de pregador não é nem popular nem compreendido, mesmo no século XXI. De fato, aqui podemos levantar a seguinte pergunta: a situação atual das "igrejas" em geral com respeito à relação com a política encontra-se em uma condição melhor do que aquela representada pelas ideias de Savonarola? Ele interferiu na direção dos interesses públicos com o objetivo de que a República da Florença fosse para a honra de seu Senhor e Mestre. Os motivos que o guiavam em suas diligentes atividades eram sem dúvida bons, mas ele estava completamente enganado em pensar que poderia unir as coisas celestiais com as terrenas. Sua grandiosa ideia pode ser vista no fato que uma das moedas cunhadas, enquanto a cidade de Florença estava sob sua influência, trazia a seguinte inscrição: "*Cristo nosso rei*". Mas esse homem extraordinário não desejava realizar apenas uma grande reforma na igreja e no Estado; ele também ansiava conduzir almas para o Senhor Jesus para conhecerem a obra realizada por Ele, enquanto seu coração regozijava-se na gloriosa doutrina da justificação baseada somente na fé em Cristo.

A porção a seguir foi retirada de suas meditações sobre o Salmo 31, durante os dias em que ele estava preso. Ela irá fornecer ao leitor um belo testemunho dos pensamentos que comoviam profundamente esse grande reformador. "Nenhum homem pode orgulhar-se de si mesmo. Se na presença de Deus fosse levantada a seguinte questão a cada pecador justificado: 'Foste salvo por seus próprios méritos?', todos responderiam com uma só voz: 'Não a nós,

Senhor, mas ao Teu nome seja toda a glória!' Portanto, meu Deus, eu procuro pela Tua misericórdia e não trago diante de Ti, a minha própria justiça. No momento em que o Senhor me justificou pela Sua graça, a justiça de Cristo passou a me pertencer. Pois a graça é a justiça de Deus. Enquanto tu, oh homem miserável que não crês nessa verdade, tu estás, por causa do pecado, privado da graça de Deus. Meu Deus, salva-me por Tua justiça, isto é, pelo Teu Filho, que sozinho foi encontrado absolutamente justo diante de Ti!". Somente podemos imaginar a grandeza e a santidade dos pensamentos que enchiam a mente de Savonarola enquanto estava na prisão; sendo ensinado por Deus através das Escrituras, meditando sobre o mais belo Salmo de lamentação e louvor triunfal.[7]

> *"Ah! mais linda das cidades, que vistes perecer*
> *Três mártires escolhidos pelo fogo devorador,*
> *Que, estavam unidos, em meio ao escárnio e a dor,*
> *Morrendo sorriam, e com isso provavam 'que morrer é lucro'.*
> *Quanto a ti, rico e honrado rio, cujo leito é tão largo*
> *És tu que recebes as benditas cinzas, como um tesouro que deve ser guardado.*
> *Verás o tirano chefe falecer*
> *E todo infiel ser destruído pelo fogo.*
> *Verás também todo vício e mal dar em nada,*
> *E fogo do céu trará uma nova luz para as regiões aqui embaixo".*
> *Agora, deixamos a Itália e nos dirigimos ao norte da Europa.*

João Wessália, um doutor em teologia na cidade de Erfurt, distinguiu-se por sua coragem, energia e oposição à Roma. Ele atraiu a feroz inimizade das ordens monásticas por pregar que os homens são salvos pela graça através da fé, e não pela vida monástica. Também pregava que o homem que confia em Cristo está salvo eternamente, mesmo que todos os sacerdotes do mundo o condenem e o excomunguem. Ele declarou que as indulgências, o santo óleo das unções e as peregrinações são coisas sem nenhum valor. Também afirmou ousadamente, que o papa, os bispos e os sacerdotes não eram instrumentos de salvação. Na sua visão sobre a graça, ele era, o que podemos chamar nos dias de hoje, de um homem *estritamente calvinista*. O arcebispo de Mentz ordenou que ele fosse preso. João foi trazido para ser julgado diante de um

concílio composto de sacerdotes e doutores, no ano de 1479. Apesar da sua idade avançada, sua saúde débil, e grande fraqueza, foi submetido a um penoso interrogatório acerca de suas opiniões e ensinos, que durou cinco dias sucessivos. Embora ele renegasse algumas de suas opiniões, seus impiedosos juízes não tiveram nenhuma misericórdia. Ele foi condenado à prisão perpétua pela Santa Inquisição e logo veio a falecer em um de seus imundos calabouços.

João Wessel, um nativo de Groningen, na Holanda, foi sem sombra de dúvida o mais notável dos precursores da Reforma Protestante. Ele nasceu por volta do ano 1420, e foi um dos homens mais sábios de todo o século XV, alcançando fama e reputação, de maneira que foi apelidado de "*Lux Mundi*" (Luz do Mundo). Mas, felizmente, para João Wessel, bem como para milhares de outros, a luz que ele possuía não era apenas fruto do conhecimento humano, pois ele também era ensinado por Deus. A luz do glorioso Evangelho da graça de Deus havia iluminado o seu coração e brilhava através das suas palavras e da sua vida. Ele recebeu o título honorário de Doutor em Divindade[8], de maneira sucessiva, em Colônia, Lovaina, Heidelberg e Groningen. Por todas as partes ele enfrentava, destemidamente, as doutrinas perversas e os flagrantes abusos cometidos pela igreja de Roma. Por alguns anos ele também foi professor de hebraico na universidade de Paris e, mesmo ocupando essa posição, nunca evitou falar com coragem contra os erros e abusos de Roma. Ele costumava declarar: "Toda satisfação pelo pecado oferecida pelos homens é uma verdadeira blasfêmia contra o Senhor Jesus Cristo". Todavia, o testemunho a seguir, dado pelo próprio Lutero acerca dos escritos de João Wessel, torna desnecessário descrevermos os detalhes de suas opiniões.

Aproximadamente trinta anos após a morte de Wessel, Lutero estava pregando as mesmas doutrinas que seu erudito predecessor havia deixado por escrito, mesmo não tendo visto nenhuma de suas obras. Ambos foram conduzidos e ensinados pelo mesmo Espírito Santo, instruídos através do mesmo Santo Livro, e capacitados para o mesmo tipo de trabalho. O grande reformador ficou muito surpreso e satisfeito quando, pela primeira vez, entrou em contato com

alguns dos escritos de Wessel. Sua alegria ficou registrada no prefácio que escreveu para uma edição impressa dos escritos de Wessel em 1522, na qual Lutero diz: “Pela maravilhosa providência de Deus tenho me sentido compelido a me tornar um homem público, e a lutar batalhas contra esses monstros das indulgências e dos decretos papais. Durante todo esse tempo pensei que estivesse sozinho. Todavia, tenho conservado um grande ânimo no meio dessas batalhas, mesmo sendo acusado de praticar violência contra os meus adversários. Entretanto, a verdade é que não desejo ter mais nenhuma ligação com esses seguidores de Baal, entre os quais minha sorte está lançada; mas viver uma vida calma em qualquer lugar. Meu desejo é fruto do mais profundo desespero que toma conta de mim, em virtude de não conseguir fazer nenhuma impressão nessas testas de bronze e pescoços de ferro da impiedade. Mas eis que, mesmo nesse estado mental, sou informado que nestes dias ainda existe um remanescente secreto do povo de Deus. Não apenas tenho sido informado acerca disso, mas me regozijo em ver a prova dessa realidade. Aqui está uma nova publicação dos escritos de Wessel, de Groningen, um homem de gênio admirável, que possuía uma incrível compreensão da realidade. Fica evidente que ele foi ensinado por Deus, como Isaías profetizou que os cristãos seriam. E como acontece comigo mesmo, assim também com ele, não é possível supor que o mesmo tenha recebido suas doutrinas de algum ser humano. Se tivesse lido suas obras antes, meus inimigos poderiam pensar que eu tivesse aprendido todas as coisas com Wessel, já que existe uma perfeita coincidência em nossas opiniões. Quanto a mim mesmo, essa publicação não somente me dá alegria, mas também força e coragem. Para mim, agora é impossível duvidar que estou certo nos pontos que tenho inculcado, uma vez que posso ver uma concordância completa em sentimento, e quase as mesmas palavras usadas por essa importante pessoa que viveu em uma época distinta, em um país distante e em circunstâncias muito diferentes das minhas. Estou surpreso que esse excelente escritor cristão seja tão pouco conhecido. Talvez o motivo seja porque ele viveu sem derramar sangue e sem grandes contendas. Essas são as únicas coisas em que ele é completamente diferente de mim”.

Podemos relatar uma pequena história acerca de Wessel que, se for verdadeira, prova a forma completa como o Espírito de Deus havia satisfeito e enchido o seu coração, ao mesmo tempo em que o fortalecia contra a mais poderosa das tentações.

Quando Sisto IV foi elevado ao trono pontifício, ele não se esqueceu da amizade que havia desenvolvido com Wessel na França. Assim, lhe prometeu conceder qualquer coisa que esse grande erudito desejasse. Tudo o que Wessel tinha que fazer era apenas pedir. O piedoso homem respondeu de forma séria: “Que aquele que é considerado como o supremo pastor da igreja na terra possa agir de conformidade com sua posição de tal maneira que, quando o Supremo Pastor das ovelhas aparecer, ele possa ouvi-lo dizer: ‘Bem está, servo bom e fiel’.” “Deixe isso aos meus cuidados”, replicou Sisto, “mas peça alguma coisa para ti mesmo”. “Então me dê”, disse Wessel, “da biblioteca do Vaticano, uma Bíblia em grego e outra em hebraico”. “Terá as duas”, respondeu o papa, “mas não é tolo da tua parte pedir algo tão pequeno? Por que não pedes por um bispado ou algo semelhante?” A resposta do não ambicioso Wessel foi: “Eu não desejo nada disso”.

Wessel teve o privilégio de terminar seus dias em paz no ano 1489, quando atingiu a idade de 70 anos. Suas últimas palavras foram: “Deus seja louvado! Tudo o que conheço é Jesus Cristo e esse crucificado”.[9]

Ulrico von Hutten, um cavaleiro alemão que possuía um zelo reformador, e que era grande admirador de Lutero, conquistou um lugar destacado na maioria dos livros de história. Sendo descendente de uma família nobre, e possuindo brilhantes talentos, ele se destacou na sua juventude como um soldado. Mais tarde, aventurou-se pela literatura, mas com tristeza devemos registrar que ele deixou muito a desejar no aspecto moral. Ele publicou um escrito injurioso e contundente contra Erasmo de Roterdã, além de outros escritos contendo sátiras mordazes contra a corte e a tirania de Roma. De acordo com Hallan: “Poucos livros foram recebidos com maior avidez do que os escritos por Hutten, quando ele os publicou em 1516”. Todavia, não lhe foi permitido por muito tempo utilizar sua hábil pena contra as perversões do papado e na defesa das doutrinas da Reforma Protestante. Ele morreu em 1523, com a

idade de 35 anos. Merle d´Aubigné afirma: “Hutten forma um elo entre os cavaleiros e os eruditos”.

João Reuchlin e Erasmo de Roterdã — esses dois nomes famosos também merecem um lugar de destaque entre os precursores da Reforma. Apesar de não serem reformadores, no verdadeiro sentido da palavra, eles contribuíram muito, pelas suas palavras e seus escritos, para o sucesso da Reforma Protestante. Homens como esses eram chamados de “humanistas”[10]. O reavivamento das ciências e da literatura, com ênfase especial no estudo analítico das línguas originais nas quais as Santas Escrituras foram escritas — hebraico, grego e latim[11] — prestaram um excelente serviço aos primeiros reformadores. Como nos dias de Josias, Esdras e Neemias, a grande obra da Reforma Protestante estava diretamente relacionada com a redescoberta e o estudo da Palavra escrita de Deus. A Bíblia, que havia permanecido por um longo período em silêncio — esquecida em muitos manuscritos empoeirados nas antigas bibliotecas — foi agora impressa, e disponibilizada ao povo comum da Europa em seu próprio idioma. Essa era uma luz vinda diretamente de Deus, e foi com essa luz que os reformadores se armaram com poder invencível. Até os dias de Reuchlin e Erasmo, a Vulgata era o texto universalmente aceito. Os idiomas grego e hebraico eram praticamente desconhecidos no Ocidente.

Reuchlin estudou na universidade de Paris. Para sua alegria, ele teve o privilégio de ser introduzido nos elementos do hebraico pelo celebrado Wessel, que era um profundo conhecedor desse idioma naquela renomada escola de teologia. Ali ele recebeu não apenas os primeiros rudimentos dessa língua, mas também o conhecimento do Evangelho da graça. Ele, que era um jovem alemão pobre[12], também estudou diligentemente o grego e o latim, o qual falava fluentemente e com grande pureza. Com a idade de apenas 20 anos ele começou a ensinar filosofia, grego e latim na universidade da Basileia. D´Aubigné afirma acerca dele: “Suas aulas eram vistas como verdadeiros milagres, pois os alunos tinham diante de si um alemão falando grego”. Depois, ele se mudou para Wittenberg — o berço da Reforma Protestante — onde foi professor de hebraico do jovem Melanchthon, ao mesmo tempo em que preparava a

publicação da primeira gramática e dicionário de hebraico e alemão. Embora Reuchlin tenha permanecido em plena comunhão com a Igreja Romana, a Reforma lhe deve muitíssimo.

Erasmo de Roterdã era doze anos mais novo que Reuchlin. Ele seguiu o mesmo curso de estudos, mas possuía um poder intelectual maior e tornou-se bem mais celebrado. De 1500 a 1518, quando Lutero tornou-se uma figura importante no cenário histórico, Erasmo era o mais distinto erudito em toda a cristandade. Ele nasceu em Roterdã em 1466, e ficou órfão aos 13 anos de idade. Seus tutores roubaram toda a sua herança e, para encobrir tamanha desonestidade, o persuadiram a entrar em um monastério. Em 1492 ele foi ordenado como sacerdote, mas sempre demonstrou uma grande aversão pela vida monástica e aproveitou a primeira oportunidade que teve para reconquistar sua liberdade. Depois de abandonar o mosteiro agostiniano na cidade de Stein, ele foi a Paris, para prosseguir, com diligência incansável, seus estudos na universidade dessa cidade.

Em pouco tempo adquiriu uma significativa reputação entre os estudiosos. A companhia desse pobre estudante era procurada pelos homens mais capazes do seu tempo. Lorde Mountjoy, a quem ele conheceu como um aluno na universidade de Paris, o convidou para ir à Inglaterra. Sua primeira visita àquele país, em 1498, foi seguida por várias outras até o ano 1515. Durante essas visitas ele se familiarizou com muitos homens importantes, recebeu muitas honrarias, desenvolveu algumas boas amizades e passou seus dias mais felizes. Ele residia nas duas universidades, e durante sua terceira e mais longa visita tornou-se professor de grego na universidade de Cambridge. Todos reconheciam sua superioridade no mundo das letras, e por um longo período ele brilhou como uma estrela da maior grandeza no céu literário. Mas nosso objetivo, nesse momento é perguntar: qual foi sua influência sobre a Reforma Protestante?

Sob a graciosa direção dAquele que vê o fim desde o começo, Erasmo aplicou seus elevados talentos, extensos conhecimentos, e todos os seus laboriosos estudos, à preparação de uma edição analítica do Novo Testamento grego. Esta obra foi publicada na Basileia em 1516, um ano antes daquele memorável dia no qual

Lutero pregou suas famosas teses contra o ímpio comércio das indulgências na porta da igreja de Wittenberg. Com isso começou a sua grande obra que estremeceria o mundo. O texto grego era acompanhado por uma tradução latina, na qual ele havia corrigido os erros que existiam na Vulgata. Esse era, de fato, um trabalho ousado naqueles dias. Houve uma gritaria geral vinda de muitas direções contra essa perigosa novidade. Robertson afirma: “Seu Novo Testamento foi atacado. Por que deveria a língua dos gregos cismáticos interferir com o sagrado e tradicional latim? De que maneira poderia ser feita qualquer melhoria na tradução da Vulgata? Havia uma faculdade em Cambridge, especialmente orgulhosa de seu caráter teológico, que não admitia nenhuma cópia desse Novo Testamento do lado de dentro dos seus portões. Mas o editor teve a habilidade de proteger a obra dedicando-a ao papa Leão X, que aceitou a dedicatória e assim arrefeceu os ânimos daqueles que eram contrários à obra”. Assim, ele foi apoiado pelo papa, por muitos prelados e pelos maiores príncipes da Europa. Abrigado atrás de um escudo tão amplo, Erasmo sentia-se perfeitamente seguro, e sabedor dessa realidade, prosseguiu destemidamente adiante com sua grande obra. E, de fato, era necessário coragem para isso, pois questionar a infalibilidade e a fidelidade da Vulgata era um crime da maior magnitude aos olhos da Igreja Católica Romana. A autoridade absoluta e exclusiva da Vulgata se perdeu por meio disso. O grego não era apenas superior em antiguidade, mas era também a língua que fora utilizada para produzir o texto original. Por esse tempo, Erasmo permaneceu no comando dos estudiosos e dos eruditos.

Apesar do Novo Testamento grego de Erasmo, publicado em 1516 na Basileia, ser a primeira edição na qual o texto original do Novo Testamento foi oferecido ao mundo erudito, na realidade o mesmo não foi o primeiro a ser composto ou impresso. O Novo Testamento da Bíblia Poliglota Complutense já estava pronto em janeiro de 1514, mas teve que aguardar o término da produção do Antigo Testamento e da autorização do papa para ser apresentado. Por esses dois motivos, o mesmo foi publicado apenas em 1522. Dessa maneira, a edição de Erasmo apareceu seis anos antes da complutense, apesar do Novo Testamento dessa última ter sido

impresso dois anos antes da edição de Erasmo. Essa edição complutense foi a primeira Bíblia poliglota (uma Bíblia que contém o texto em diversos idiomas). Outras Bíblias poliglotas foram posteriormente produzidas em Paris e Londres. Toda essa grande obra foi executada por iniciativa do afamado cardeal Francisco Jiménez de Cisneros, que cobriu todas as despesas. O custo do projeto foi estimado em mais de vinte e três mil libras, o que representava uma enorme soma de dinheiro para aqueles dias. Todavia, a renda do bispado de Toledo, garantida pela rainha católica Isabel de Castela, representava quatro vezes aquele valor. Jiménez não poupou esforços para que sua obra fosse o mais perfeita possível; ele reuniu um grande número de manuscritos, contratou um grande número de eruditos capazes e homens hábeis vindos da Alemanha, para produzir os tipos móveis usados na impressão da mesma.

Os preparativos tiveram início no ano 1502, porém, somente em 1517 este gigantesco trabalho havia sido terminado. Toda a obra abrangia seis formidáveis volumes, produzidos com páginas individuais. Esses seis volumes continham todo o Antigo Testamento em três idiomas — hebraico, latim e grego — e o Novo Testamento em grego e latim. A coleção ainda era acompanhada por um dicionário hebraico e outros materiais suplementares.

João Froben, um editor empreendedor da Basileia, tendo ouvido do futuro lançamento dessa Bíblia, estava ansioso para produzir e lançar algo antes que ela chegasse ao público. Foi ele quem insistiu com Erasmo para que produzisse, o mais rápido possível, uma edição do Novo Testamento. A primeira edição era muito falha, visto que a pressa de Froben havia concedido pouco tempo para o erudito holandês realizar seu trabalho de forma exaustiva. Essa obra foi editada três vezes em seis anos. Na quarta e quinta edição, Erasmo, que entrementes tinha visto a Bíblia complutense, empregou mais cuidado e esmero.

Para dar ao leitor uma ideia da popularidade desse homem singular, ainda que muito frágil, podemos chamar a atenção para seu livro, intitulado “Elogio a Loucura”, o qual teve vinte e sete edições durante sua vida. Outra de suas obras muito bem recebida foi seu livro de “Colóquios”, de 1527. Essa publicação vendeu vinte

e quatro mil cópias em apenas um ano. Nesses livros ele atacou com grande violência, e com a mais amarga sátira, a inconsistência dos monges — a intromissão e a ganância relacionada aos moribundos, aos testamentos, bem como aos funerais das pessoas. Com isso, ele, ainda que indiretamente, ajudou a causa da Reforma Protestante.[13]

Erasmo recebeu inúmeras ofertas atraentes de príncipes e grandes que queriam prendê-lo a si; todavia, seu amor pelos seus trabalhos eruditos fez com que rejeitasse todas as ofertas, preferindo uma vida relativamente pobre, porém livre — ao invés de uma vida brilhante e prisioneira. Em 1516 ele se mudou para Basileia onde seus trabalhos foram impressos por Froben. Nessa época trabalhou diligentemente em corrigir provas de material gráfico, bem como auxiliar o sábio editor a publicar as mais finas edições das obras clássicas.

O grande trabalho pelo qual devemos reconhecer que Erasmo, de fato, serviu como um instrumento nas mãos de Deus foi a produção do **Novo Testamento Grego**. Sobre essa obra, d'Aubigné observa: "Erasmo fez a favor do Novo Testamento aquilo que Reuchlin havia feito a favor do Antigo. Doravante os teólogos podiam ler a Palavra de Deus em suas línguas originais, e, em um período posterior, reconhecer a pureza das doutrinas reformadoras. O Novo Testamento de Erasmo propagou uma clara luz. Por outro lado, suas paráfrases nas epístolas e nos evangelhos de Mateus e João; suas edições dos escritos de Cipriano e Jerônimo; as traduções das obras de Orígenes, Atanásio e Crisóstomo; seu livro 'Princípios da Verdadeira Teologia', acompanhado de seu outro livro, 'O Pregador'; e seus comentários sobre vários Salmos, contribuíram, de forma poderosa, para a difusão do prazer da leitura da Palavra de Deus e a favor da pura teologia. O efeito de seu trabalho foi muito além do que ele mesmo esperava. Reuchlin e Erasmo deram a Bíblia para os eruditos, enquanto Lutero deu a mesma para o povo".[14]

A corrente das testemunhas agora está completa: Wessel, Reuchlin, Erasmo formam os últimos elos significativos entre o grande reformador alemão e a longa lista de testemunhas de outrora, nos quais a graça de Deus foi glorificada. Essa corrente pode ser traçada desde os dias dos apóstolos, ou pelo menos dos

dias de Constantino, de forma ininterrupta até Lutero, o homem de Deus. Não existe espaço para uma linha separada de testemunhas até depois da união da Igreja com o Estado, o que aconteceu sob o governo de Constantino I, o Grande[15]. A existência e o testemunho dos valdenses foi traçada nesse período inicial. Depois vimos o testemunho a favor de Cristo dado pelos paulicianos, pelos albigenses, pelos seguidores de Wycliffe, pelos boêmios, os morávios ou Irmãos Unidos, Savonarola e outros protestantes individuais, em diferentes nações da Europa.

E agora, depois de termos terminado nosso cansativo trabalho através da Idade das Trevas até o início do século XVI, encontramos a Bíblia traduzida para diversas línguas da Europa, e as máquinas de impressão prontas para multiplicar as cópias aos milhares e dezenas de milhares, e espalhá-las sobre toda a cristandade.

O caminho estava preparado para a grande mudança que iria acontecer em breve. A perversão infame de Roma, o sangue dos santos mártires de Deus, e a vasta multidão de almas que, por falta de instrução estavam indo para a perdição eterna — parecia que tudo clamava em alta voz por aquele homem que derrubaria, com mão forte, o domínio do papado; e libertaria os povos da Europa das trevas e da escravidão que já duravam mil anos. Esse homem estava próximo; não era nenhum príncipe, nem guerreiro, nem um escritor engraçado ou espirituoso, nem um famoso erudito — mas um simples monge, porém um homem de fé, um homem instruído e preparado pelo Espírito Santo, o qual encontrava sua força somente na infalível e eterna Palavra de Deus; um homem muito agraciado, como poucos.

---

[1] Chifre de carneiro ou cabra cujo som, ao ser soprado, servia, nos tempos bíblicos, entre os hebreus, de sinal de comunicação, e que, modernamente, nas sinagogas, é usado antes e durante o Rosh Hashanah (ano-novo) e no fim do Yom Kippur (dia do perdão).

[2] *Literature of Europe*, vol. 1, p. 153.

[3] Pele de cabra, de ovelha ou de outro animal, macerada em cal, raspada e polida, para servir de material de escrita, e também de encadernação. A técnica, originada no Oriente, foi aperfeiçoada em Pérgamo, daí recebendo a denominação de “pergaminho”.

[4] Segundo os historiadores, a primeira edição teria consumido cerca de cinco anos para ficar pronta.

[5] Sorbonne era o nome original de uma universidade em Paris, fundado por Roberto de Sorbonne, com a finalidade de subvencionar estudantes de teologia pobres. Em 1268, recebeu a confirmação papal. Gradualmente, se desenvolveu em uma corporação grande e erudita, cuja reputação se tornou muito significativa; em parte pela crescente riqueza, em parte pela fama de seus membros. O parecer dos “doutores de Sorbonne” era decisivo durante toda a Idade Média em inúmeras questões contenciosas.

[6] *History of the Huguenots*, by Samuel Smiles, pp. 1-23.

[7] J. C. Robertson, vol. 4, p. 548. Waddington, vol. 3, p. 383. *Universal History*, Bagster and Sons, London, vol. 6, p. 173.

[8] Titulo honorário concedido pelas universidades ao redor do mundo, para honrar aqueles que demonstram excelência no estudo da teologia.

[9] Milner, vol. 3, p. 421.

[10] Pouco tempo antes da Reforma começou-se, em contraste com a ocupação até então exclusiva dos eruditos com assuntos eclesiásticos ou teológicos (escolástica), a dirigir a atenção novamente para as bases comuns da humanidade (por isso,”humanismo” que vem do latim *humanus*), e no sentido mais estrito da antiguidade clássica. Esse novo tipo de estudo era chamado de “humaniora”, isto é, os mais humanos; aqueles que se dedicavam a esse estudo eram chamados de humanistas. Visto que para estes estudos era indispensável um profundo conhecimento das línguas e escritores antigos, passou-se gradualmente, a limitar o conceito “humanismo” ao estudo das línguas antigas e da história. Em nosso tempo, designa-se “ciências humanas” à tendência adotada nos colégios para os clássicos gregos e romanos, como também à história; em contraste com as “ciências exatas” (matemática, ciências naturais, etc.), às quais é dedicado um cuidado especial no ensino médio e nas faculdades.

[11] As línguas originais do Antigo e do Novo Testamento são: hebraico, aramaico e grego. O autor cita o latim apenas porque se trata da mais antiga tradução de toda a Bíblia para outra língua. Essa versão chamada de Vulgata Latina foi muito utilizada para traduzir as Escrituras para outros idiomas, antes que os manuscritos de hebraico e grego fossem consolidados.

[12] Ele era filho de um cidadão sem recursos, de Pforzheim. O conde de Baden havia ficado surpreso com a agradável voz do rapaz no coro da igreja de Pforzheim, e se ocupou dele e, no ano de 1473 o enviou a Paris como acompanhante de seu filho Frederico.

[13] J. C. Robertson, vol. 4, p. 673.

[14] D'Aubigné, vol. 1, p. 166.

[15] Constantino I, também conhecido como Constantino Magno ou Constantino, o Grande, cujo nome latino era *Flavius Valerius Constantinus*, foi responsável pela consolidação da Igreja cristã com o Estado. Ele viveu entre 272 e 337 d.C.

GLOSSÁRIO

A

Abjeta
: Desprezível; vil; abominável.

Acintoso
: Ação feita propositalmente para contrariar.

Alfanje
: Foice de cabo comprido para cortar feno.

Algoz
: Carrasco; pessoa cruel, desumana.

Antro
: Casa ou lugar de perdição, corrupção, vícios.

Apoplexia
: Afecção cerebral que se manifesta de forma imprevista, acompanhada de privação dos sentidos e do movimento, determinada por lesão vascular cerebral aguda (hemorragia, embolia, trombose).

Avidez
: De forma voraz, animalesca.

B

Bacia salina
: É uma extensão de terra coberta de sal e outros minerais.

Besta
: Arma antiga, formada de arco, cabo e corda, com que se disparavam pelouros ou setas; balestra.

C

Cânon
: Regra; decisão de concílio; preceito de direito eclesiástico.

Chanceler
: Encarregado da guarda do selo real e, em certas épocas, da administração da justiça e chefe dos conselheiros do rei.

Cismático
: Que ou aquele que se separou da comunhão duma igreja.

Compelir
: Obrigar; forçar.

Concludente
: Que prova ou demonstra irrefutavelmente algo.

Consternação
: Afligir-se profundamente; encher-se de espanto; desolação.

Crepitar
: Produzir estalos por ação do fogo ou da brasa.

Crescente
: Armas e estandarte que simbolizavam o antigo império turco.

D

Demagogo
: Na antiguidade grega, líder de um grupo político representativo ou pretensamente representativo dos interesses populares.

Déspota
: Que ou quem exerce autoridade arbitrária ou absoluta; tirano.

Detrator
: Pessoa que fala mal, deprecia, prejudica a reputação de outra pessoa.

Dialética
: Processo de diálogo; debate entre interlocutores comprometidos com a busca da verdade.

Dogma
: Ponto fundamental de uma doutrina religiosa, apresentado como certo e indiscutível.

Dogmático
: Teol. Ponto fundamental de uma doutrina religiosa, apresentado como certo e indiscutível.

Doutor seráfico
: Relativo ou pertencente aos serafins.

E

Emir
: Título dos chefes de certas tribos ou províncias muçulmanas.

Encarniçada
: Que demonstra ferocidade; furioso.

Enfatuado
: Presunçoso; arrogante.

Engodo
: Engano; embuste.

Eremita
: Indivíduo que, por penitência, vive em lugar deserto, isolado; ermitão.

Escolástica
: Teol. Pensamento cristão da Idade Média, baseado na tentativa de conciliação entre um ideal de racionalidade.

Escopo
: Finalidade; propósito.

Espírito ascético
: Místico; devoto; contemplativo.

Estigmatizar
: Criticar; acusar; censurar ou condenar; classificar uma pessoa de forma negativa ou desagradável.

Estoica
: Desprezo de todos os tipos de sentimentos externos, como a paixão, a luxúria e demais emoções.

Estola
: Fita larga que faz parte da vestimenta clerical.

Execração
: Ato de aversão, horror ou ódio ilimitado.

Execrado
: Detestado; abominado; amaldiçoado.

F

Feudo
: Terra ou direito, renda concedidos por um senhor a um vassalo em troca de serviços.

Fomentador
: Instigador; incitador estimulador.

Forquilha
: Pequeno forcado de três pontas.

Frenesi
: Delírio.

Frugal
: Que é moderado; sóbrio; simples.

G

Galeão
: Antigo navio de guerra.

I

Ignomínia
: Grande desonra infligida; degradação.

Impugnar
: Opor-se a; contestar a validade de; refutar.

Incongruente
: Que é impróprio, inadequado ou sem propósito.

Indolente
: Desleixada; preguiçosa ou negligente.

Indulgente
: Que tem disposição para perdoar; clemente; tolerante.

Inexorável
: Que não se move a rogos; não exorável; implacável; inabalável.

J

Judicioso
: Aquele que revela acerto, juízo; acertado.

L

Lassidão moral
: Devasso; dissoluto.

Legado
: Encarregado pelo papa de governar territórios que pertenciam ao papado.

Licenciosidade
: Característica de licencioso, de quem age indisciplinadamente e com excesso.

M

Magnificência
: Qualidade de magnificente; grandiosidade; suntuosidade; pompa; esplendor.

Magnificente
: Grandiosa ou luxuosa.

Mangual
: Instrumento que serve para malhar cereais, composto de dois paus (o mango e o pírtigo) ligados por uma correia.

Mendicante
: Pessoas ou ordens religiosas que, proibidas de terem bens, vivem da caridade alheia.

Missais
: Livro que encerra as orações da missa e outras.

Mitra
: Barrete alto e cônico, fendido lateralmente na parte superior e com duas faixas que caem sobre as espáduas, que o papa, os bispos, arcebispos e cardeais põem na cabeça em solenidades pontificais.

Monástico
: Relativo a, ou próprio de monge ou monja, ou da vida conventual.

N

Nefasto
: Algo que provoca desgraça; funesto; sinistro.

Nestoriana
: Doutrina que enfatiza a desunião entre as naturezas humana e divina de Jesus, e negava o título de Theotokos (“Mãe de Deus”) para a virgem Maria.

Núncio
: Representante permanente da Igreja católica romana junto a um governo.

O

Opulência
: Abundância de riquezas.

Oráculo
: Fig. Pessoa cuja palavra ou conselho tem muito peso ou inspira absoluta confiança.

Ostensiva
: Que se pode mostrar.

Otomano
: Turco.

P

Paroxismo

Fig. A exaltação máxima de uma sensação ou de um sentimento; auge; apogeu.

Peremptória
: Terminante; decisiva.

Perfidamente
: Desleal; infiel; traiçoeiro.

Pérfido
: Traidor.

Perjúrio
: Falar mentiras sob juramento; juramento falso.

Pontifícia
: Referente ao papado.

Prática ascética
: Abstenção dos prazeres físicos e psicológicos.

Predestinarianismo
: Doutrina que ensinava uma dupla predestinação divina, para a salvação ou perdição, e foi rigorosamente combatida pela Igreja Católica Romana como heresia.

Prior
: Superior de um convento ou de certas ordens.

Procrastinação
: Adiar; delongar; postergar.

Prolixo
: Que usa palavras em demasia ao falar ou escrever, estendendo-se, não sabendo sintetizar o pensamento.

Proscrito
: Exilado; banido.

Prosélito
: Adepto; seguidor.

R

Ratificada
: Confirmar autenticamente.

Ricocheteando
: Retrocedendo; voltando.

S

Salvo-conduto
: Privilégio; prerrogativa; imunidade; salvaguarda.

Sínodo
: Assembleia periódica de bispos de todo o mundo que, presidida pelo papa, se reúne para tratar de assuntos ou problemas concernentes à igreja.

Sobrepeliz
: Veste sacerdotal, usada em cerimônias religiosas, em geral de cor branca, de comprimento pouco acima dos joelhos, com mangas largas e folgadas.

Sufrágio
: Ato pio ou oração pelos mortos.

Sultão
: É um título dado a alguns príncipes maometanos e tártaros.

Suserano
: Que possui um feudo do qual outros dependem.

T

Teocrático
: Forma de governo em que os membros da igreja interpretam as leis e têm autoridade tanto em assuntos cívicos quanto religiosos.

Tonsura
: Corte circular, rente, do cabelo, na parte mais alta e posterior da cabeça, que se faz nos clérigos; cercilho; coroa.

U

Usurário
: Agiota.

V

Varapau
: Peça de madeira forte e comprida.

Verborrágico
: Grande abundância de palavras, mas com poucas ideias, no falar ou discutir.

Vigário
: Substituto.

Voluptuoso
: Que aprecia ou procura os prazeres dos sentidos.

ANOTAÇÕES

Pedidos Brasil e África direto com a editora:
pedidos@boasemente.com.br
www.boasemente.com.br
Rua Athos Palma, 250
CEP 04476-020 - São Paulo - SP
BRASIL
Pedidos Portugal e África:

www.ensino-biblico.org
Pedidos outras partes do mundo:
www.gbv-dillenburg.de
Pedidos em Moçambique:
Bíblias & Livros Cristãos
Av. de Namaacha - loja 4 (Prédio Rio)
Matola - Rio Maputo
celular: +258 849 576 299 - falar com Ismael
e-mail: jesussalvador.dospecadores@hotmail.com



A HISTÓRIA DA IGREJA

anos 1001 a 1482 d.C.

Volume 2

Este não é um mero livro sobre a história do cristianismo. O autor vai além do fato histórico para destilar lições morais e espirituais relevantes dos personagens, lugares e eventos. O leitor é conectado com a pessoa de Cristo e com a Palavra de Deus. O texto é enriquecido com a verdade bíblica de modo a proporcionar bênçãos para a alma.

Em todo lugar, e em todas as épocas, o Deus soberano sempre dispensou ternos cuidados aos seus entes queridos. A luz do testemunho divino por vezes parecia apagar, quando um novo vento de sua misericórdia insuflava novamente a fé, a coragem e a obediência. O transcorrer da história repetidas vezes confirmou que "o sangue dos mártires é a semente da Igreja".

Caso você nunca se interessou pelo assunto, deixe-se encorajar pelo maravilhoso testemunho da graça divina dispensada a vasos de barro semelhantes a nós!

depósito de literatura cristã

www.boasemente.com.br

ISBN 978-85-9579-000-1

9 788595 790001

Table of Contents

Capítulo 18

O Renascimento do Fervor para a Construção de Igrejas

O Renascimento da Literatura

O Renascimento do Material Escrito Pelos Árabes

A Introdução da Erudição Árabe à Cristandade

Traços da Linha Dourada da Graça de Deus

Reflexões Acerca do Espírito Missionário de Roma

Capítulo 19

O Pontificado de Gregório VII

Contrastes Característicos

Gregório e a Independência Clerical

Os “Decretos de Gregório”

As Reformas de Gregório

Celibato e Simonia

A Heresia Simoníaca

O Surgimento e o Progresso da Simonia

Gregório e as Investiduras

Gregório e Henrique IV

O Imperador Deposto Pelo Papa

Uma Grande Guerra Civil
Henrique Parte para a Itália
Henrique em Canossa
A Penitência do Rei
As Consequências da Política Papal
Henrique e Berta Coroados
Roberto Guiscardo Entra em Roma
O Incêndio da Roma Antiga
A Morte de Gregório
Os Anos Restantes e a Morte de Henrique
Reflexões sobre a Luta entre Henrique e Gregório
Capítulo 20
As Cruzadas
Os Lugares Sagrados
Pedro, o Eremita*
Papa Urbano e as Cruzadas
A Primeira Cruzada
A Segunda Parte da Primeira Cruzada
O Cerco de Niceia
O Cerco de Antioquia
O Cerco de Jerusalém
Jerusalém nas Mãos dos Cristãos
A Segunda Cruzada
A Terceira Cruzada
As Cruzadas Restantes

A Cruzada das Crianças
Reflexões Acerca das Cruzadas
Os Cavaleiros Templários e Hospitalários
Capítulo 21
Henrique V e os Sucessores de Gregório
A Doação de Matilde
A Concordata de Worms
São Bernardo, Abade de Claraval
São Bernardo e o Monasticismo
Os Monastérios Cistercienses
A Profissão de Fé de Bernardo
Bernardo Deixa o Mosteiro de Cister
O Poder da Pregação de Bernardo
A Era dos Milagres e das Visões
A Degeneração da Natureza Monástica
Bernardo Deixa Claraval
O Grande Concílio de Latrão
Bernardo e Abelardo
O Raiar da Luz Sobre a Era das Trevas
Arnaldo de Bréscia

As Consequências das Pregações de Arnaldo
O Martírio de Arnaldo
O Encontro entre Adriano e Frederico
Capítulo 22
Os Abusos de Roma na Inglaterra
Os Costumes e a Leis Inglesas
A Introdução da Lei Canônica na Inglaterra
Tomás Becket e Henrique II
Tomás Becket Como Chanceler
Tomás Becket — Arcebispo de Cantuária
A Constituição de Clarendon
Tomás Becket se Opõe ao Rei
A Perplexidade do Rei
O Assassinato de Tomás Becket
A Humilhação de Henrique II
A Penitência de Henrique Junto a Tumba de Becket
Reflexões no Encerramento da Grande Disputa
Capítulo 23
A Teologia da Igreja de Roma
Os Sete Sacramentos
A Doutrina da Transubstanciação

A Adoração de Maria
A Adoração dos Santos
A Veneração de Relíquias
O Purgatório
A Região do Purgatório
Como a Igreja Romana Aplica a Doutrina do Purgatório
A Unção dos Enfermos
A Confissão Auricular
A Origem da Confissão
As Indulgências
A História das Indulgências
Capítulo 24
Inocêncio III e o Seu Tempo
A Babilônia Revelada em Apocalipse 17
Inocêncio e os Reis da Terra
Como Inocêncio Via o Papado
Inocêncio e a Cidade de Roma
Inocêncio e o Reino da Sicília
Inocêncio e os Estados da Igreja
Inocêncio e o Império
Filipe e Otão IV
A Guerra Civil na Alemanha
A Morte de Filipe
A Apostasia de Otão IV
A Queda de Otão IV

Inocêncio e Filipe Augusto
O Legado Papal na França
A Ira do Rei
Inocêncio e a Inglaterra
João e o Papado
A Inglaterra sob o Banimento Papal
A Coroa da Inglaterra Oferecida à França
A Inglaterra Rende-se a Roma
A Magna Carta
A Ira de Inocêncio, Novamente Excitada
Capítulo 25
Inocêncio e o Sul da França
A Corrente das Testemunhas
Os Petrobrusianos
Os Henricianos
Albigenses e Valdenses
Pedro Valdo
A Dispersão dos Seguidores de Pedro Valdo
A Região de Albi
Inocêncio III e a Perseguição aos Albigenses
Raimundo — Um Exilado Espiritual
A Cruzada Contra os Cristãos

O Massacre e Incêndio de Beziers
O Cerco de Carcassona
A Ruína de Raimundo é Determinada
O Objetivo Real dos Católicos
A Guerra Muda Seu Caráter
As Atrocidades Cometidas Por Simão e Arnaldo
O Cerco a Toulouse
A Batalha de Muret
Os Conquistadores — Desunidos Entre Si
As Traições de Foulques
A Morte de Montfort
Os Reis da França e os Albigenses
Reflexões Sobre as Calamidades de Languedoc
Capítulo 26
O Estabelecimento da Inquisição na Região de Languedoc
Os Decretos do Concílio de Toulouse
A História da Inquisição
As Atividades Ocultas da Inquisição
A Aplicação da Tortura Física
O Auto da Fé

Monges Antigos e Modernos
São Bento
A Regra de São Bento
Os Beneditinos
O Zelo Missionário dos Beneditinos
As Novas Ordens — Dominicanas e Franciscanas
A Origem e o Caráter dos Dominicanos
A Origem e o Caráter dos Franciscanos
As Ordens Monásticas Anteriores e Posteriores
A Degeneração dos Monges Mendicantes
Capítulo 27
Aproxima-se o Romper da Aurora da Reforma Protestante
O Cristianismo na Irlanda
O Cristianismo na Escócia
A Riqueza das Abadias na Escócia
Os Efeitos da Riqueza sobre o Clero
O Papado como um Sistema
A Propagação do Cristianismo
Reflexões Sobre a História do Papado
Capítulo 28

O Declínio do Poder Papal
A Conquista e a Perda de Damietta
Gregório IX e Frederico II
Frederico Sob a Excomunhão Papal
A Mão do Deus Todo-Poderoso
Bonifácio VIII e Filipe IV da França
A Humilhação do Pontífice
Reflexões Acerca da Morte do Papa Bonifácio
Os Papas de Avignon
Capítulo 29
Os Antecessores da Reforma Protestante do Século XVI
As Primeiras Grandes Escolas das Ciências
Os Verdadeiros Heróis da História da Igreja
Os Escritores
Os Teólogos
Reflexões Sobre os Escolásticos
Os Valdenses
A Perseguição aos Valdenses
Os Missionários Valdenses
O Tenebroso Ano de 1560 d.C.
Capítulo 30
João Wycliffe

A Inglaterra e o Papado
Wycliffe e os Monges
Wycliffe e o Governo Secular
Wycliffe em Avignon
Wycliffe Declarado como um Arqui-Herege
Wycliffe e as Bulas Papais
Wycliffe e a Bíblia
Traduções Parciais da Bíblia
Reflexões Acerca da Vida de Wycliffe
Os Lolardos
O Estatuto que Autorizava a Queima dos Hereges
As Constituições de Arundel
O Julgamento do Lorde Cobham
O Martírio de Lorde Cobham
Capítulo 31
O Movimento da Reforma na Boêmia
O Concílio de Pisa
O Concílio de Constança
A Verdade se Propaga
Grandes Agitações Civis
A Prisão de João Huss
O Interrogatório de João Huss

O Concílio Envergonhado
A Sentença de Sigismundo
A Condenação de Huss
A Desconsagração e a Execução de João Huss
O Aprisionamento de Jerônimo de Praga
A Execução de Jerônimo
Reflexões Acerca do Caráter do Concílio
A Guerra na Boêmia
As Vitórias dos Taboritas
A Completa Derrota do Exército Papal
Divisões Internas
Os Irmãos Unidos
A Conexão Entre as Diversas Testemunhas
Capítulo 32
A Queda de Constantinopla
A Invenção da Imprensa e o Aprimoramento do Papel
A Primeira Bíblia Impressa
A Oposição de Roma à Bíblia
Os Precursores Imediatos de Lutero

Reflexões Acerca da Vida de Savonarola
Glossário
Anotações